

VERÔNICA CALSONI LIMA

**Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na
Inglaterra, 1650-1680**

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Doutora em História
Social

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Torres Megiani

Coorientador: Prof. Dr. Luís Filipe Silvério Lima

São Paulo

2023



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Verônica Calsoni Lima

Data da defesa: 18/04/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Ana Paula Torres Megiani

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 17 de junho de 2023

(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Florestan Fernandes
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

L732e Lima, Verônica
Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680 / Verônica Lima; orientadora Ana Paula Megiani; coorientador Luís Filipe Lima - São Paulo, 2023. 457 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. História. 2. História Moderna. 3. História Cultural. 4. Inglaterra. 5. Revolução Inglesa. I. Megiani, Ana Paula, orient. II. Título.

Nome: LIMA, Verônica Calsoni

Título: Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em História Social.

Aprovada em: 18 de abril de 2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. André de Melo Araújo

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: Aprovado

Prof.^a Dr.^a Eunice Ostrensky

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovado

Prof.^a Dr.^a Rui Luis Rodrigues

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Julgamento: Aprovado

À Ana Paula e ao Luís Filipe pela cuidadosa orientação.

Ao Carlos Henrique por todo o apoio.

À memória de Helena Modesto de Freitas.

Agradecimentos

Reescrevi estes agradecimentos em diversas ocasiões. Em todas as suas versões, senti que precisava expressar o quanto tive medo de não terminar a presente tese. Eu sabia que fazer um doutorado seria uma tarefa bastante difícil, mas nunca imaginei que as circunstâncias nas quais o realizaria seriam tão angustiantes quanto foram. Para mim, realmente foi desafiador tentar encontrar maneiras de me concentrar em publicações de livreiros e impressores ingleses do século XVII durante o (des)governo que nos assolou entre 2018 e 2022, a catástrofe pandêmica da covid-19, os desmontes das instituições públicas (especialmente as de educação e pesquisa) e os frequentes ataques à democracia. Por vezes, senti que as fontes históricas foram um refúgio ao contexto aflitivo que nos cercou. Mas, ao mesmo tempo, houve momentos nos quais pensei que o meu trabalho não tinha qualquer importância frente à insegurança política e ao assombro com as quase 700 mil mortes ocasionadas pelo vírus e seu cúmplice. Talvez tenha sido, no entanto, justamente este momento de turbulência que me levou a prestar mais atenção aos discursos políticos e às formas pelas quais os agentes em disputa declaravam as suas perspectivas no espaço público, na imprensa, nas mídias. Assim, embora esta tese seja sobre o século XVII, tenho certeza de que, em muitos momentos, meu olhar foi atravessado pelas turbulências atuais.

De fato, foram muitas as preocupações e frustrações que me mobilizaram nos últimos anos de trabalho. Mas, felizmente, encontrei ânimo nas palavras dos meus dois orientadores, Ana Paula Torres Megiani e Luís Filipe Silvério Lima. Certamente, a conclusão deste doutorado se deve ao apoio, à confiança e, sobretudo, à compreensão constante de ambos. Ana Paula e Luís Filipe foram rigorosos com os resultados que esperavam, mas gentis com o processo que levaria ao fim da tese. Aconselharam leituras bibliográficas e modificações no texto, assim como sugeriram descanso e calma. Tive a sorte de encontrar nos dois a ajuda que eu precisava para realizar meu trabalho. E, sem sombra de dúvidas, tive neles os grandes exemplos para meu desenvolvimento como historiadora, pesquisadora e professora.

Minha tese também é uma consequência das interlocuções que pude manter com muitos outros pesquisadores, professores, cujas leituras, sugestões e contribuições foram imprescindíveis. Agradeço, sobretudo, ao meu supervisor do estágio de pesquisa na Inglaterra, Ariel Hessayon, que me recebeu muito solícitamente na Goldsmiths (University of London) entre 2018 e 2019. A atenção com a qual tratou o meu trabalho, tanto durante minha estada no Reino Unido, como à distância, após meu retorno para o Brasil, foi fundamental para o desdobramento das minhas reflexões e da minha escrita. Também devo muito aos professores André de Melo Araújo, Eunice Ostrensky, Marília de Azambuja Machel, Rodrigo Bentes Monteiro e Rui Luis Rodrigues.

Entre colegas da graduação e da pós-graduação, não poderia deixar de mencionar as contribuições de todos os integrantes dos grupos de pesquisa *Poder e Política na Época Moderna* (Unifesp) e *GEHIM* (USP). Em especial, agradeço àqueles que, além de grandes leitores e críticos das minhas pesquisas, tornaram-se queridos amigos, entre eles: André Sekkel Cerqueira, Bruna Braga Fontes, Bruno Galeano, Carolina Vaz de Carvalho, Caroline Mendes Garcia, Jaime Fernando dos Santos Junior, Livia Bernardes Roberge, Marcos Antonio Veiga, Marcella Miranda, Mariana Duzzi, Michelle Mayumi, Patrícia Moreira, Ricardo Cardozo, Tomas L'Abbate Moreira, Talita Sanchez e Vinícius Ayres.

É preciso mencionar, ainda que não saiba o nome de todos, a minha mais sincera gratidão aos funcionários e às funcionárias das instituições que viabilizaram meus estudos. Agradeço a todos da Universidade de São Paulo, da Goldsmiths, da British Library, dos London Metropolitan Archives, dos National Archives, do Stationers' Hall (sobretudo à arquivista Ruth Frendo), da Marsh's Library (com destaque ao professor Jason McElligott), da John Rylands Library (com lembrança à Julianne Simpson), e, em especial, da Chetham's Library, que me recebeu como *visiting fellow*, proporcionando uma grande experiência de pesquisa, com o auxílio de Fergus Wilde, Jane Muskett, Siân-Louise Mason e do saudoso Michael Powell. Também agradeço ao financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujas bolsas de doutorado no país (processo nº 2017/06970-2, FAPESP) e de estágio de pesquisa no exterior (processo nº 2018/03730-3, FAPESP) garantiram recursos para que eu me dedicasse exclusivamente à tese. Foi por meio desse auxílio financeiro que tive a oportunidade de acessar as fontes e a bibliografia necessárias, de cumprir os pré-requisitos da Pós-Graduação em História Social de forma satisfatória, de participar de diversos congressos acadêmicos em âmbito nacional e internacional, e de publicar resultados dos meus estudos em revistas e livros no Brasil e no exterior.

Ainda é preciso dizer que eu não teria sido capaz de concluir esta tese sem o afeto e o suporte de amigos tão importantes quanto a Amanda Souza, o Diogo Gomes, a Giuliana Cori, a Jessi Fuller, o Jonathan Portela, o Luís Henriques e a Michelle Carolina. Sinto muito por todas as minhas ausências. Espero que, agora, depois da tese, possa retribuir todo o carinho que sempre recebi de vocês. Digo o mesmo para a minha família, que compreendeu todas as ocasiões nas quais precisei dizer “não”. Faltei em aniversários, festas, Natais e outros momentos de celebração para estudar. Então, obrigada por, ainda assim, terem sempre me transmitido tanto apoio e amor. Agradeço aos meus pais, Lourdes Elisabete e Diógenes, por tudo, desde os mais singelos atos (como as caronas e as marmitas) aos cuidados mais fundamentais. Também sou grata ao meu irmão

Anderson, minha cunhada Cláudia, minha sobrinha Beatriz, e aos queridos Romel, Rosane e Jéssica. Obrigada por ouvirem minhas lamúrias, me animaram e estarem sempre ao meu lado.

Por fim, preciso destacar a participação do Carlos Henrique em toda a trajetória do meu doutoramento. Mesmo que seja um clichê, devo dizer que não tenho palavras para expressar a minha gratidão a ele, pois recebi suporte incondicional. Apesar do meu cansaço, do estresse e das frequentes crises de ansiedade, Carlos me ajudou a ter calma e forças para continuar lendo, pensando, pesquisando e escrevendo. Cada uma das nossas conversas foi fundamental para eu refletir sobre o meu trabalho, minha profissão e meus planos. Ele confiou em mim e nas minhas capacidades nos momentos em que eu mais duvidei que conseguiria terminar este trabalho. Por tudo isso, só tenho a agradecer.

As Causas e os Motivos das sedições são: inovação na religião; impostos; alteração de leis e costumes; quebra de privilégios; opressão geral; promoção de pessoas indignas; estrangeiros; escassez; soldados debandados; facções se desesperando; e tudo o que, ao ofender as pessoas, as junta e as une em uma causa comum.

Francis Bacon, 1625.

Resumo

LIMA, Verônica Calsoni. **Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680**. 2023. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A presente tese de doutorado tem como objetivo identificar e analisar os processos de produção e disseminação de livros e panfletos radicais na Inglaterra entre as décadas de 1650 e 1680, visando compreender como perspectivas sediciosas e oposicionistas circulavam num momento de constantes alterações no governo e nos sistemas de controle da imprensa. Para examinar a questão, concentramo-nos no caso dos Estacionários Confederados (*Confederate Stationers*), um conjunto de agentes do mercado livreiro, cujas atividades editoriais ilícitas foram amplamente fiscalizadas e punidas no início dos anos 1660. A alcunha da confederação foi atribuída pelo censor Sir Roger L'Estrange durante sua campanha pelo fortalecimento dos instrumentos de censura logo após a Restauração da monarquia, sob o reinado de Carlos II. Em um período de instabilidade política e social, que sucedeu o conflituoso contexto da Revolução Inglesa (1640-1660), L'Estrange elegeu, sobretudo, os livreiros Giles e Elizabeth Calvert, Thomas e Anna Brewster, Livewell e Hannah Chapman, Richard e Susannah Moone, e Francis e Eleanor Smith; os impressores Simon e Joan Dover, Thomas Creake, John Twyn e John Darby; e os encadernadores Nathan Brooks e George Thresher como inimigos da ordem e do governo devido às suas publicações anônimas e controversas. Os Confederados foram responsáveis pela emissão de dezenas de panfletos sediciosos e, muitas vezes, clandestinos, para contestar a autoridade dos regimes monárquicos e da Igreja Anglicana.

A fim de melhor compreender a polêmica dos Estacionários Confederados, buscamos analisar as trajetórias dos sujeitos investigados pelas autoridades, tentando identificar suas conexões comerciais e sociais, bem como seus posicionamentos políticos e religiosos. Além disso, debruçamo-nos sobre suas publicações a partir das perspectivas da História do Livro e da Cultura Escrita. Por meio do exame da textualidade e da materialidade de seus livros e panfletos, pudemos evidenciar algumas das estratégias e práticas editoriais mobilizadas por autores, impressores, livreiros e encadernadores na tentativa de assegurar a produção e a dispersão dos textos controversos e minimizar os riscos envolvidos na atuação no mercado clandestino de impressos. Publicando anonimamente, utilizando *imprints* falsos e fragmentando o processo de confecção de

seus textos, os Confederados conseguiram evitar os constrangimentos da censura em diversas ocasiões, fazendo com que suas obras de cariz profético-político circulassem amplamente.

O caso dos Estacionários Confederados nos permite repensar a questão do radicalismo na Inglaterra da Época Moderna. A tensa relação que o grupo estabeleceu com as autoridades indica a permanência dos discursos e das práticas de oposição. Com forte teor antimonarquista, não-conformista e milenarista, seus panfletos buscavam mobilizar as opiniões públicas e interferir diretamente nas esferas políticas, sociais e religiosas. A análise da textualidade e a materialidade dos impressos lançados pelos Confederados entre os períodos da república, do protetorado e da monarquia aponta diferentes formas de resistência e antagonismo. Continuamente adaptando suas estratégias de edição, publicação e disseminação do material sedicioso, os Confederados conseguiram difundir seus posicionamentos em ataques às estruturas políticas e religiosas. Embora tenham sido derrotados pelo governo de Carlos II, suas atividades nos possibilitam acessar outras perspectivas sobre o turbulento contexto da Inglaterra de meados do século XVII.

Palavras-chave: Imprensa; Mercado Livreiro; Revolução Inglesa; Restauração; Radicalismo.

Abstract

LIMA, Verônica Calsoni. **From edition to sedition: the production and dispersion of radical printed texts in England, 1650-1680s**. 2023. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The aim of this doctoral thesis is to identify and analyze the processes of production and dissemination of radical books and pamphlets in England between the 1650s and 1680s, in order to understand how seditious and oppositional perspectives circulated during a time of constant changes in government and press control systems. The study concentrates on the case of the Confederate Stationers, a network of book trade agents, whose illicit editorial activities were subject of investigations and punishments in the early 1660s. The group's name was attributed by Sir Roger L'Estrange during his campaign for strengthening censorship soon after Charles II's Restoration. During the period of political and social instability that succeeded the turbulences of the English Revolution, L'Estrange elected, above all, the booksellers Giles and Elizabeth Calvert, Thomas and Anna Brewster, Livewell and Hannah Chapman, Richard and Susannah Moone, and Francis and Eleanor Smith; the printers Simon and Joan Dover, Thomas Creak, John Twyn, and John Darby; and the bookbinders Nathan Brooks and George Thresher as enemies of order and government due to their anonymous and controversial publications. The Confederates were responsible for issuing dozens of seditious and often clandestine pamphlets to challenge the authority of monarchical regimes and the Anglican Church.

In an attempt to better understand the polemic involving the Confederate Stationers, the thesis examines the trajectories of the subjects investigated by authorities, seeking to identify their commercial and social connections, as well as their political and religious perspectives. Additionally, the publications were examined from the perspectives of the History of the Book and Written Culture. Through the examination of textual and material aspects of their books and pamphlets, it is possible to notice some of the editorial strategies and practices employed by authors, typographers, booksellers, and bookbinders in their endeavor to secure the printing and spreading of oppositional texts and diminish the risks involved in the clandestine book trade. By publishing anonymously, using fake imprints, and fragmenting the production of their texts, the Confederate Stationers were able to avoid censorship constraints on several occasions, assuring the circulation of their prophetic-political works.

The Confederate Stationers' case offers the possibility of reconsidering the issue of radicalism in Early Modern England. The tense relationship that the group established with the authorities indicates the persistence of oppositional discourses and practices. With a strong anti-monarchist, non-conformist, and millenarian character, their pamphlets sought to mobilize public opinion and directly interfere in political, social, and religious spheres. The analysis of the textuality and materiality of the printed material issued by the Confederates in the contexts of the republic, the Protectorate and the monarchy indicates different forms of resistance and antagonism. By continuously adapting their strategies for editing, publishing, and disseminating seditious works, the Confederate Stationers were able to spread their positions in attacks on political and religious structures. Although they were defeated by Charles II's government, their activities provide access to other perspectives about the turbulent context of mid-17th century England.

Keywords: Press; Book Trade; English Revolution; Restoration; Radicalism.

Lista de Abreviações

CLA	The Civic Courts of the City of London
CSPD	Calendar of State Papers, Domestic
CJ	Journals of the House of Commons
EBBA	English Broadside Ballad Archive
EEBO	Early English Books Online
ESTC	English Short Title Catalogue
HMC	Reports and Appendices of the Historical Manuscripts Commission
LEME	Lexicons of Early Modern English
LJ	Journals of the House of Lords
LMA	London Metropolitan Archives
MP	Membro do Parlamento
ODNB	Oxford Dictionary of National Biography
OED	Oxford English Dictionary
PRO	Public Record Office
PROB	Records of the Prerogative Court of Canterbury
ROLLCO	The Records of London's Livery Companies Online
SP	State Papers

Lista de Figuras

Figura 1: Quarto (esquerda) e <i>broadsheet</i> (direita) com as armas da commonwealth (1653).....	62
Figura 2: <i>A Declaration and Order of his Excellency the Lord General Cromwell and his Council of Officers</i> (1653)...	63
Figura 3: Folha de rosto de <i>The Proceeds of the Protector</i>	85
Figura 4: Folha de rosto de <i>A Standard Set Up</i>	89
Figura 5: Folhas de rosto das duas edições de <i>The Easie & Readie Way</i> (1660).....	104
Figura 6: Folha de rosto de <i>Newes from Brussels</i>	111
Figura 7: Folha de rosto de <i>News from Brussels</i>	113
Figura 8: Comparação entre a primeira e a segunda edições de <i>Newes from Brussels</i>	114
Figura 9: Página inicial de <i>An Alarum to the Officers and Souldiers</i>	117
Figura 10: Folha de rosto de <i>Plain English</i>	121
Figura 11: Ordem de impressão da Declaração de 1648, ao final de <i>Plain English</i>	122
Figura 12: Folha de rosto e página inicial de <i>The History of Eriander</i>	125
Figura 13: Frontispício e folha de rosto de <i>A Phenix</i>	140
Figura 14: Primeira página de <i>A Door of Hope</i>	153
Figura 15: Páginas 14 e 15 de <i>Door of Hope</i>	154
Figura 16: Primeira página disponível do panfleto confiscado por L'Estrange em 1663.....	166
Figura 17: Primeira página <i>A Treatise of the Execution of Justice</i>	167
Figura 18: Folha de rosto de <i>Mene Tekel</i>	169
Figura 19: Primeira página de <i>Mene Tekel</i>	170
Figura 20: Folha de rosto de <i>Lords Loud Call</i>	183
Figura 21: Páginas 8 e 13 de <i>The Lords Loud Call</i>	186
Figura 22: Páginas 20 e 21 de <i>The Lords Loud Call</i>	188
Figura 23: Páginas 32 e 33 de <i>The Lords Loud Call</i>	191
Figura 24: Folha de rosto da segunda impressão de <i>The Lords Loud Call</i>	194
Figura 25: Frontispício de uma das edições de <i>Mirabilis Annus</i>	199
Figura 26: Folhas de rosto de duas edições de <i>Mirabilis Annus</i> : E3127 (esquerda) e E3127A (direita).....	200
Figura 27: Página preambular de <i>Mirabilis Annus</i> , com prefácio ao leitor: E3127 (acima) e E3127A (abaixo).....	202
Figura 28: Primeira página de <i>Mirabilis Annus</i> : E3127 (acima) e E3127A (abaixo).....	203
Figura 29: Folha de rosto de uma terceira variante de <i>Mirabilis Annus</i>	205
Figura 30: Prefácio de uma terceira variante de <i>Mirabilis Annus</i>	206
Figura 31: Primeira página de uma terceira variante de <i>Mirabilis Annus</i>	206
Figura 32: Folhas de rosto das duas partes de <i>Mirabilis Annus Secundus</i>	210
Figura 33: Folha de rosto de <i>The Panther-Prophesy</i>	219
Figura 34: Página 1 de <i>The Panther-Prophesy</i>	222
Figura 35: Páginas 2 e 3 de <i>The Panther-Prophesy</i>	224
Figura 36: Frontispício da tradução holandesa de <i>The Panther-Prophesy</i>	226
Figura 37: Folhas de rosto de quatro versões de <i>The Speeches and Prayers</i> : S4874B (à esquerda, acima), S4975 (à direita, acima), S4874A (à esquerda, abaixo), S4975A (à direita, abaixo).....	243
Figura 38: Prefácios de <i>The Speeches and Prayers</i> , S4874 (à esquerda, acima), S4975 (à direita, acima) e S4975A (abaixo).....	245
Figura 39: Página 1 de <i>The Speeches and Prayers</i> , S4874 (à esquerda, acima), S4975 (à direita, acima) e S4975A (abaixo).....	246
Figura 40: Folhas de <i>The Speeches and Prayers</i>	248
Figura 41: Exemplar da Universidade de Toronto, disponibilizado via EEBO.....	250

Figura 42: Exemplar de S4875A.	251
Figura 43: Exemplar de S4875.	252
Figura 44: Folha de rosto de <i>The Speeches and Prayers of John Barkstead, John Okey, and Miles Corbet</i>	255
Figura 45: Folha de rosto de <i>The Speeches, Discourses, and Prayers</i>	257
Figura 46: Comparação das primeiras páginas de duas edições de <i>The Speeches, Discourses, and Prayers</i> , S817 (acima) e S817Aa (abaixo).	259
Figura 47: Folha de rosto de exemplar variante de <i>The Speeches, Discourses, and Prayers</i>	260
Figura 48: Primeiras páginas de exemplar variante de <i>The Speeches, Discourses, and Prayers</i>	261
Figura 49: Folha de rosto de <i>A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation, and Execution of John James</i>	264
Figura 50: Folhas de rosto incluídas em <i>Two Treatises</i>	267
Figura 51: Terceira folha de rosto de <i>Two Treatises</i>	268
Figura 52: Folhas de rosto de <i>The Tryal of Sir Henry Vane e The Life and Death of Sir Henry Vane</i>	271
Figura 53: Folhas de rosto das duas edições de <i>The Substance</i>	274
Figura 54: Folha de rosto de <i>Les Juges Jugez se Justifiants</i>	277
Figura 55: Página de <i>Truth and Loyalty Vindicated</i>	306
Figura 56: Folha de rosto de <i>The Jury-Man Charged</i>	343
Figura 57: Folha de rosto de <i>England's Warning</i>	346
Figura 58: Folha de rosto de <i>A Trumpet Blown in Zion</i>	354
Figura 59: Folhas de rosto de <i>The Rehearsal Transpros'd</i>	378
Figura 60: Folhas iniciais da segunda parte de <i>The Rehearsal Transpros'd</i>	381
Figura 61: Folha de rosto de <i>Some Observations</i>	388
Figura 62: <i>A Ra-ree Show</i>	391
Figura 63: <i>Strange's Case, Strangly Altered</i>	395

Lista de Gráficos e Tabelas

Gráfico 1: Impressos cujos títulos faziam referência à “good old cause” publicados entre 1653 e 1663.... 92

Tabela 1: Comparação entre texto original e a tradução para o francês..... 280

Nota sobre as convenções adotadas

Ao longo da tese, optamos por traduzir todas as citações em língua estrangeira para o português no corpo do texto. Para facilitar a leitura, adaptamos a pontuação e a grafia dos excertos provenientes de fontes primárias. As citações originais constam nas notas de rodapé para conferência. Algumas de nossas traduções foram elaboradas com base em edições críticas publicadas em português e/ou inglês. Creditamos todos os casos em que isso ocorreu.

Além disso, decidimos preservar as datas de acordo com modelo antigo (*old style*), isto é, conforme o calendário juliano, utilizado na Inglaterra até meados do século XVIII. No entanto, para evitar ambiguidades, ajustamos os anos, considerando o início de cada ciclo a partir do dia 1º de janeiro, ao invés do dia 25 de março (*Lady Day*). Quando necessário, fornecemos ambas as fórmulas de datação. Nesses casos, a adaptação dos anos aparece entre chaves.

Sumário

Introdução: Os Estacionários Confederados e o radicalismo na Inglaterra seiscentista...	21
Roger L'Estrange e os Estacionários Confederados	24
Sedição e radicalismo.....	31
A materialidade do radicalismo	37
Capítulo 1: Uma revolução impressa.....	43
1.1. Giles Calvert e as guerras panfletárias	47
1.1.1. Ataques impressos à monarquia carolina.....	51
1.1.2. Da propaganda oficial à publicação ilegal.....	57
1.2. O radicalismo milenarista.....	66
1.3. O remédio para a crise: a defesa da “boa e velha causa”	76
1.3.1. A questão da tolerância.....	78
1.3.2. De Henry Vane a Thomas Venner	86
Capítulo 2: Libelos e complôs sediciosos	95
2.1. Esforços dos “Amigos e Servos da Causa Comum”	99
2.1.1. Rumores e notícias falsas: estratégias de censura e sedição	107
2.2. Publicações perigosas e clandestinas	134
2.2.1. O voo da fênix	136
2.2.2. Uma rebelião “Fanática”.....	148
2.2.3. O direito de resistir ao mal.....	160
Capítulo 3: Sinais de Deus.....	178
3.1. Prodígios, milagres e fenômenos sobrenaturais	181
3.1.1. A imprensa e a “ajuda da Providência”	195
3.2. A profetizada destruição da monarquia	217
Capítulo 4: Mártires da “boa e velha causa”	229
4.1. Entre mártires e traidores: Carlos I e os regicidas	230
4.2. “E estando morto, por meio da fé ainda fala”	235
4.2.1. Discursos fúnebres na oficina de impressão	238
4.2.2. “Todos estes morreram na fé”	253
4.3. A vida e a morte de Sir Henry Vane.....	265
4.4. “Atos Trágicos que aconteceram na Inglaterra”	275
4.5. Um tribunal de leitores, um tribunal de Deus.....	281
Capítulo 5: Censurar e punir	284

5.1. O controle da imprensa.....	288
5.1.1. Licenças, privilégios e monopólios	288
5.1.2. O problema da sedição	291
5.1.3. Instabilidade	295
5.1.4. A eficácia da censura.....	297
5.2. Censura e Restauração.....	299
5.2.1. Os “deveres” de Roger L’Estrange.....	300
5.2.1. Tumultos e famas	307
5.3. O caso exemplar.....	311
5.3.1. Julgamentos e sentenças	316
5.3.2. Consequências.....	326
Capítulo 6: “O desatar Daquele Nó”: as atividades dos Confederados depois de 1664 ...	334
6.1. As mulheres “mais astutas & obstinadas do mercado”	336
6.1.1. A viúva Dover, ou a senhora Darby.....	340
6.1.2. Imprensa inflamada: as Mulheres Confederadas e o incêndio de Londres	351
6.2. Um “Nó” de publicações clandestinas.....	358
6.2.1. Sátiras contra o Estado.....	358
6.2.2. Restauração em crise.....	369
6.3. O mercado livreiro ao final do reinado de Carlos II.....	373
6.3.1. Marvell e a liberdade de consciência.....	374
6.3.2. Papismo e exclusão	385
6.3.3. O declínio do “cão de caça do diabo”	392
Conclusão	396
Apêndice	400
Verbetes Biográficos.....	400
Referências Documentais e Bibliográficas	423
Fontes.....	423
Manuscritos.....	423
Impressos	423
Catálogos, transcrições, traduções, coletâneas e edições críticas.....	435
Sites, bases de dados e recursos digitais	437
Bibliografia.....	438

Introdução

Os Estacionários Confederados e o radicalismo na Inglaterra seiscentista

As Pessoas mais Perigosas de todas são os *Estacionários Confederados*, e o desatar Daquele Nó faria o trabalho [do controle da imprensa] por si só.

Roger L'Estrange, 1663.¹

A revolução dos anos 1640 e 1650 sobreviveu porque o governo falhou em seus esforços para sufocar a propagação de ideias radicais, seja na prensa ou no púlpito.

Richard L. Greaves, 1986.²

Uma das principais motivações para a escrita desta tese foi a inquietação gerada pela leitura da breve sentença de Sir Roger L'Estrange, reproduzida na primeira citação da epígrafe da presente introdução. Escrita em junho de 1663, a frase constava no projeto de reestruturação do sistema de controle da imprensa na Inglaterra que L'Estrange publicou sob o título de *Considerations and Proposals in Order to the Regulation of the Press*. Embora já ocupasse um cargo de censor naquela altura, o de Inspetor da Impressão (*Surveyor of the Imprimery*), L'Estrange buscava ascender ainda mais em sua carreira. Por essa razão, esforçou-se para demonstrar a importância de seu ofício. Dedicando *Considerations and Proposals* ao rei Carlos II e ao Parlamento, L'Estrange alertava o governo recém-restaurado sobre os contínuos abusos da imprensa. Ele indicava que inúmeros panfletos subversivos circulavam pela Inglaterra, ameaçando a soberania da monarquia e da Igreja Anglicana. E, em sua perspectiva, se as autoridades falhassem em controlar a atual agitação do mercado livreiro, conspiradores logo conseguiriam deturpar a ordem, levando suas "*Inclinações Seditiosas à Ação*".³

¹ No original: "The most Dangerous People of all are the *Confederate Stationers*, and the breaking of That Knot would do the work alone". L'ESTRANGE, Roger. **Considerations and proposals in order to the regulation of the press together with diverse instances of treasonous, and seditious pamphlets, proving the necessity thereof**. Londres: A.C, 1663. p.6.

² No original: "The revolution of the 1640s and 1650s lived on because the government failed in its efforts to choke off the propagation of radical ideas, either in press or in pulpit." GREAVES, Richard L. **Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663**. Oxford: Oxford University Press, 1986, p. 8.

³ No original: "*Seditious Inclinations into Actions*." L'ESTRANGE, **Considerations and proposals**, fl.3 (A3).

L'Estrange temia uma nova irrupção social porque percebia que o contexto no qual escrevia era de grande fragilidade. A coroação de Carlos II ainda era recente e as circunstâncias de sua ascensão ao governo também eram bastante delicadas. Antes de fazer sua entrada triunfal na cidade de Londres em 29 de maio de 1660, dia de seu 30º aniversário, Carlos II passou anos no exílio. Ele havia partido na primavera de 1646, em meio às turbulências das Guerras Cívicas (1642-1648). Naquela altura, seu pai, Carlos I, havia sofrido uma série de derrotas para o exército do Parlamento e a dinastia Stuart estava gravemente ameaçada. Poucos anos depois, em 1649, Carlos I seria deposto, julgado e executado como traidor de seu povo, o que culminou na suspensão do regime monárquico até 1660, quando a chamada Revolução Inglesa foi encerrada e o herdeiro Stuart, por fim, recuperou o trono dos Três Reinos das Ilhas Britânicas. O retorno de Carlos II à Inglaterra foi acompanhado por multidões em festa, mas também por uma variedade de homens e mulheres desconfiados. Havia muitos descontentes com a Restauração. Alguns ainda acreditavam na superioridade do regime republicano e esperavam ressuscitar a “boa e velha causa” parlamentar, que havia subjugado a tirania do “governo pessoal” (*personal rule*)⁴ com o regicídio. Outros, oriundos de uma parcela bastante heterogênea da população, agitavam-se por conta de diferentes expectativas religiosas, desde a defesa de maior liberdade de consciência até a esperança pela concretização de um governo de Cristo na Terra.⁵

⁴ Optamos aqui por traduzir o termo “*personal rule*”, mobilizado tanto na documentação da época, quanto no debate historiográfico em língua inglesa, como “governo pessoal”. Tal escolha visa evitar as imprecisões geradas pela ideia de “absolutismo monárquico”. Neste sentido, quando falamos em “governo pessoal” nos referimos às perspectivas políticas que defendiam que o poder fosse exercido por um único soberano, sem a interferência de Parlamentos e outras instituições representativas. Diversas foram as ocasiões nas quais Jaime I e Carlos I prorrogaram a reunião das assembleias para deliberar, preferindo governar a Inglaterra segundo suas prerrogativas régias. Como o termo em questão não costuma ser utilizado na historiografia brasileira, decidimos mantê-lo sempre entre aspas. Sobre o absolutismo e o “governo pessoal” na Inglaterra da Época Moderna, ver, entre outros: DALY, James. “The Idea of Absolute Monarchy in Seventeenth-Century England”. **The Historical Journal**, v. 21, n. 2, p. 227–250, 1978; SOMMERVILLE, Johann P. “English and European Political Ideas in the Early Seventeenth Century: Revisionism and the Case of Absolutism”. **Journal of British Studies**, v. 35, n. 2, p. 168–194, 1996; SHARPE, Kevin. **The Personal Rule of Charles I**. New Haven: Yale University Press, 1996; POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: EDUSP, 2003; SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; ANDERSON, Perry. **Linhagens do estado absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 2004; OSTRENSKY, **As revoluções do poder**. São Paulo: Alameda, 2005.

⁵ HARRIS, Tim. **London crowds in the reign of Charles II: propaganda and politics from the Restoration until the exclusion crisis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987; HARRIS, Tim. **Restoration: Charles II and his kingdoms, 1660-1685**. Londres: Penguin, 2006; KEEBLE, N. H. **The Literary Culture of Nonconformity in Later Seventeenth Century England**. Leicester: Leicester University Press, 1987; KEEBLE, N. H. **The Restoration: England in the 1660s**. Malden: Blackwell, 2002; HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; HILL, Christopher. **The experience of defeat: Milton and some contemporaries**. Londres: Verso, 2016; GREAVES, **Deliver us from evil**; GREAVES, Richard L. **Enemies under his feet: radicals and nonconformists in Britain, 1664-1677**. Stanford: Stanford University Press, 1990; DE KREY, Gary. **London and the Restoration, 1659-1683**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005; WORDEN, Blair. **The English Civil Wars, 1640-1660**. Londres: Phoenix, 2009; CAPP, Bernard. **England's Culture Wars: Puritan Reformation and its Enemies in the Interregnum, 1649-1660**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

Notando as vozes antagônicas, que se espalhavam por tavernas, púlpitos e prelos, L'Estrange recomendava ao governo que redobrasse sua atenção. Carlos II e seu *Cavalier Parliament*⁶ promulgaram uma série de leis visando a preservação da monarquia e da Igreja logo no princípio da Restauração – como as Leis de Sedição e Traição (1661), de Uniformidade Religiosa (1662) e de Regulamentação da Imprensa (1662) –, mas retomar o controle sobre os súditos era uma tarefa árdua. Os éditos pareciam não ter a capacidade de dissipar a ebulição social dos onze anos que separaram os governos de Carlos I e Carlos II.

Assim, em *Considerations and Proposals*, o censor aconselhava o governo a adotar medidas mais rigorosas para suprimir as ideias sediciosas. A imprensa, cujo alcance se estendia por todo reino graças à agilidade dos seus processos de produção e das amplas rotas de distribuição, representava um dos maiores riscos para a agitação popular e a erupção de novas rebeliões. L'Estrange pensava ser necessário limitar as atividades dos estacionários.⁷ Entre outras coisas, ele sugeria a redução do número de prensas ativas em Londres, a condução de buscas e apreensões nas casas de impressores e livreiros e, sobretudo, o estabelecimento de uma autoridade censora independente da Companhia dos Estacionários. Embora a corporação fiscalizasse a imprensa desde o século XVI, exigindo que seus membros registrassem os títulos que pretendiam publicar antes de os confeccionarem e venderem, L'Estrange notava um complicado conflito de interesses nessa atribuição da Companhia. O censor argumentava que não era vantajoso aos estacionários restringirem suas próprias atividades e, por conseguinte, seus ganhos financeiros. Por essa razão, acusava a corporação de negligenciar as leis do reino em nome de suas ambições pecuniárias. Rivalizando com a Companhia, L'Estrange reivindicava para si a função de principal agente de

⁶ Reunido em 8 de maio de 1661, o *Cavalier Parliament* foi assim chamado por congregar um grande número de regalistas. Tratou-se do primeiro e mais longo Parlamento do governo de Carlos II, durando até 24 de janeiro de 1679. Para ver detalhes sobre as principais políticas e discussões que atravessaram a assembleia, ver: PATTERSON, Annabel. **The Long Parliament of Charles II**. New Haven: Yale University Press, 2008.

⁷ Embora a palavra “estacionário” não esteja dicionarizada no português brasileiro, optamos por utilizar a tradução de “stationarius” na edição portuguesa de *O Aparecimento do Livro* de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin. Proveniente do latim, o termo começou a ser empregado na Grã-Bretanha durante a Idade Média Inicialmente, referia-se a vendedores de livros ligados às universidades, que taxavam as cópias e coordenavam a circulação de exemplares. Com a chegada da prensa de tipo móvel na Inglaterra, a palavra passou a ser utilizada para diferenciar os impressores dos comerciantes de livros. No entanto, com o crescimento da importância de seu ofício, bem como o aumento de seus ganhos financeiros, a Guilda dos Estacionários (fundada em 1403) ganhou proeminência entre as demais corporações de ofício ligadas ao mercado de textos manuscritos e impressos. Depois da transformação da Guilda em Companhia, graças à promulgação do decreto régio de 1557, que garantiu privilégios e monopólios à corporação no que dizia respeito à produção e comercialização de impressos, a palavra “estacionário” passou a englobar todos os ofícios do livro regulamentados pela Companhia, isto é, as atividades de impressão, publicação e comercialização. Sobre isso, ver: “stationer, n.1.” **Oxford English Dictionary Online**. Oxford: Oxford University Press. Disponível online em: <www.oed.com/view/Entry/189303>, acessado em 12 de março de 2021; FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean, **O aparecimento do livro**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000; SIEBERT, Frederick Seaton, **Freedom of the Press in England, 1476-1776**, Urbana: University of Illinois Press, 1965; PORTELA, Manuel, **O comércio da literatura: mercado & representação: ensaio**, 1a. ed. Lisboa, Portugal: Edições Antígona, 2003.

controle da imprensa. Finalmente, em agosto de 1663, um mês após a publicação de *Considerations and Proposals*, ele, de fato, conquistou o posto.

Na altura em que havia lançado seu texto, L'Estrange elegeu os estacionários como seus principais adversários. No entanto, quando escreveu que “As Pessoas mais Perigosas de todas são os *Estacionários Confederados*” ele não se referia de forma genérica aos membros da corporação.⁸ No excerto, o autor-censor parecia fazer alusão a um conjunto específico de agentes do mercado livreiro, que, em sua perspectiva, precisava ser contido, dissolvido, ou melhor, “desatado” com urgência, antes que causasse maiores prejuízos à paz e à ordem do novo Estado. Quem seriam, então, os tais Estacionários Confederados aos quais o Inspetor denunciava? O que teriam feito de tão grave? Ou o que poderiam vir a fazer se não fossem contidos pelo censor? Por que, dentre centenas de impressores, livreiros, encadernadores e vendedores ambulantes ativos em Londres naquele período, L'Estrange os considerava os mais ameaçadores? A presente tese se desdobra sobre essas perguntas. Em nosso esforço mapear e identificar os Confederados e suas publicações sediciosas, evidenciamos a atuação de um grupo de agentes do mercado livreiro que consistentemente atuou para expressar suas perspectivas político-religiosas controversas em meio às turbulências da Inglaterra de meados dos seiscentos.

A concepção dessa resposta, contudo, não são simples. Ela exige que transitemos por diferentes eixos temáticos e teórico-metodológicos ao longo da tese. Por isso, nos demais itens da presente introdução, procuramos delinear essas questões de modo a pavimentar nossos caminhos de análise, nossas escolhas conceituais e nossas posições historiográficas. Num primeiro movimento, enfrentamos o problema de identificar os Confederados como um grupo. A seguir, nos ocupamos das caracterizações desses sujeitos, as quais perpassam concepções a respeito da sedição e do radicalismo na Inglaterra entre os contextos da Revolução e da Restauração. Depois, nos dedicamos a demonstrar como a análise do trabalho de impressores, encadernadores e livreiros pode nos ajudar a evidenciar atitudes radicais e combativas. Essas discussões, por fim, são mobilizadas para elenca e sumarizar os seis capítulos de nossa tese.

Roger L'Estrange e os Estacionários Confederados

Uma primeira questão a ser pensada em nosso trabalho sobre os Estacionários Confederados é a própria veracidade da denúncia de Roger L'Estrange sobre suas perigosas publicações. Sabendo das posições e dos interesses do autor-censor, é difícil acreditar no valor de

⁸ No original: “The most Dangerous People of all are the *Confederate Stationers*?”. L'ESTRANGE, **Considerations and proposals**, 1663, p.6.

face de suas declarações em *Considerations and Proposals*. L'Estrange não apenas se beneficiava do clima de instabilidade, temor e ansiedade dos primeiros anos da Restauração, como também parecia tentar provocar esses mesmos sentimentos em seus leitores. Sendo um prolífico panfletista e jornalista, com uma pena ágil e hábil, ele já havia lançado dezenas de textos desde meados de 1659 para incriminar seus adversários políticos e literários. Diversos autores, impressores e livreiros foram alvos de suas polêmicas, que frequentemente alardeavam sobre conspirações e complôs contra Carlos II, o governo e a Igreja. A prosperidade de L'Estrange em seu cargo dependia diretamente da necessidade de a monarquia restaurada censurar a imprensa, sendo assim, não parece despropositado considerar que o autor-censor poderia explorar ou até fabricar rumores sobre supostos “*Inimigos do Rei*”, que publicavam “mais de um Milhão de *Panfletos Seditiosos*”¹⁰. De fato, ao longo de sua carreira como autor-censor foram muitas as ocasiões em L'Estrange fez acusações falsas, de forma acidental ou deliberada, a respeito das condutas de seus desafetos, sobretudo, do poeta John Milton e do jornalista Marchamont Nedham.

Ainda que Roger L'Estrange nem sempre seja uma fonte confiável para se obter informações sobre o mercado livreiro inglês, desconsiderar suas denúncias por completo seria um erro. Primeiro porque sua atitude não era uma exceção na Época Moderna, sobretudo em contextos de instabilidade e crise. Como pontuado por Richard L. Greaves, no período da Restauração de Carlos II, as autoridades comumente recebiam informações fraudulentas acerca de supostas conspirações e rebeliões. Motivados por recompensas ou vinganças pessoais, delatores estavam dispostos a incriminar seus vizinhos e inimigos. Mesmo quando faltas, tais denúncias produziam efeitos significativos, como prisões, investigações e até execuções. Verdadeiros ou falsos, rumores sobre complôs também legitimavam a reação das autoridades. Diante da justificativa de que tomavam cautelas frente a momentos de incertezas, os governantes não corriam o risco de parecerem perversos, cruéis ou excessivamente autoritários.¹¹

Em segundo lugar, mesmo se L'Estrange estivesse tentando ludibriar seus leitores, exagerando ou falseando suas declarações, os seus argumentos precisavam ser verossímeis. Suas denúncias tinham de estar calcadas em algo que fosse minimamente crível se quisesse disputar pelas opiniões do público.¹² Era por isso que, por exemplo, L'Estrange acusava John Milton de ser um

⁹ No original: “Discovery of the *Kings Enemies*”. L'ESTRANGE, Roger. **A modest plea both for the caveat, and the author of it. With some notes upon Mr. James Howell, and his sober inspections.** Londres: Henry Brome, 1661, p.3.

¹⁰ No original: “above a Million of *Seditious Pamphlets*.” *Idem*, p.10.

¹¹ GREAVES, **Deliver us from evil.**

¹² É preciso ressaltar que Roger L'Estrange teve uma educação calcada nos estudos humanistas, tendo passado pela Sedgeford School, a Westminster School, o Eton College e o Sidney Sussex College de Cambridge. Sua escrita polêmica era pautada em dispositivos retóricos e, nesse sentido, há de se considerar seu compromisso com a verossimilhança como estratégia de convencimento das audiências. Sobre isso, ver, entre outros: LIMA, Luiz Costa. **O Fingidor e o Censor no Ancien Régime, no Iluminismo e Hoje.** Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1988; MCDOWELL,

traidor capaz de escrever *Plain English* (1660), declarando que “o finado Rei e sua família mereciam a morte e o extermínio”¹³, mesmo depois de, nesse caso, a inocência do poeta já ter sido comprovada. L'Estrange não se fundamentava no fato de Milton ser o autor do texto em questão, mas no fato de que o poeta já havia defendido posições análogas em várias outras ocasiões.¹⁴ A oposição de Milton ao regime monárquico e sua preferência pelo republicanismo eram bastante conhecidas entre os ingleses devido às suas publicações e atividades políticas no contexto revolucionário. Assim, a queixa do autor-censor contra o poeta talvez não parecesse descabida a muitos dos leitores da época.¹⁵

Os alvos de L'Estrange não eram escolhidos ao acaso. Para ter sucesso nos ataques aos adversários, causando-lhes problemas no espaço público¹⁶, o autor-censor precisava recorrer a fatos

Nicholas. **The English radical imagination: culture, religion, and revolution, 1630-1660.** Oxford: Clarendon Press/Oxford University Press, 2003; LOVE, Harold. "L'Estrange, Sir Roger (1616–1704), author and press censor". In: **Oxford's Dictionary of National Biography.** Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-16514>>, acessado em 17/04/2022; LANDER, Jesse M. **Inventing polemic: religion, print, and literary culture in early modern England.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009; HANSEN, João Adolfo. **Agudezas seiscentistas e outros ensaios.** São Paulo: Edusp, 2019.

¹³ No original: “the late King and his Family deserved death and extirpation.” **Plain English To his Excellencie The Lord General Monck...** Londres: [s.n.], 1660, p.4.

¹⁴ [L'ESTRANGE, Roger]. **Treason arraigned, in answer to Plain English; being a trayterous, and phanatique pamphlet, which was condemned by the Counsel of State, suppressed by authority; and the printer declared against by proclamation.** Londres: [s.n.], 1660; L'ESTRANGE, Roger. **L'Estrange his Apology: with a short view, of some late and remarkable transactions, leading to the happy settlement of these nations under the government of our lawfull and gracious sovereign Charls the II.** Londres: Henry Brome, 1660; L'ESTRANGE, Roger. **No blinde guides, in answer to a seditious pamphlet of J. Milton's, intituled Brief notes upon a late sermon titl'd, the fear of God and the King; preachd, and since published, by Matthew Griffith, D.D. and chaplain to the late King, &c.** Londres: Henry Broome, 1660.

¹⁵ MILTON, John. **Eikonoklastēs in answer to a book intitl'd Eikōn basilikē, the portrature of his Sacred Majesty in his solitudes and sufferings.** Londres: Matthew Simmons, 1649; MILTON, John. **The tenure of kings and magistrates: proving, that it is lawfull, and hath been held so through all ages, for any, who have the power, to call to account a tyrant, or wicked king, and after due conviction, to depose, and put him to death; if the ordinary magistrate have neglected, or deny'd to doe it.** Londres: Matthew Simmons, 1649; MILTON, John. **The readie & easie vway to establish a free Commonwealth, and the excellence therof compar'd with the inconveniences and dangers of readmitting kingship in this nation.** Londres: T[homas]. N[ewcomb], Livewell Chapman, 1660.

¹⁶ Cabe ressaltar que não utilizamos as expressões “opinião pública”, “esfera pública” e “espaço público” no sentido determinado por Jürgen Habermas. Não pretendemos projetar aqui o modelo habermasiano de constituição de uma esfera pública burguesa de indivíduos autônomos para o contexto da Inglaterra do século XVII. No entanto, aludimos a tais categorias para descrever um ambiente de profundo e constante debate político e religioso. Diferentemente do que Habermas pensou ao se voltar para a Idade Moderna, a participação do espaço público não era tão limitada. As opiniões expressas por pessoas oriundas de diferentes camadas sociais (de forma oral, escrita ou visual) tinham importante impacto sobre as sociedades e os governos. Além disso, há de se destacar que durante a Época Moderna, houve sensível desenvolvimento das tecnologias, mídias e práticas de transmissão de informação, tais como o advento da prensa tipográfica, a produção de gêneros variados para a rápida difusão de notícias, e a expansão das rotas e dos serviços postais. Para o caso da Inglaterra, observamos – seguindo o trabalho de Alexandra Halasz – que, desde o século XVI, já havia condições fundamentais para identificação de uma esfera pública ativa, como “a possibilidade de acesso tanto às posições de ‘produção’ e de ‘consumo’ no discurso público” (p. 18). A importância da imprensa e as preocupações das autoridades em controlá-la de forma adequada, durante as crises e revoluções do século XVII evidenciam o quanto o embate pelas opiniões no espaço público constituía um elemento central da vida social, política, religiosa e cultural. Sobre essas questões, ver, entre outros: ZARET, David. "Petitions and the 'Invention' of Public Opinion in the English Revolution". **American Journal of Sociology**, v. 101, n. 6, p. 1497–1555, 1996; HALASZ, Alexandra. **The marketplace of print: pamphlets and the public sphere in early modern England.** Cambridge:

conhecidos, fossem rumores em circulação, indícios do passado ou mesmo outros textos. Tais artifícios seriam mobilizados para conferir credibilidade aos seus relatos. Tendo isso em vista, podemos, então, considerar que a contenda que L'Estrange estabeleceu contra aqueles a quem nomeou como Estacionários Confederados não era arbitrária. Ao contrário, ela se baseava em diversos elementos da disputa de L'Estrange pelo controle da imprensa. Os interesses do autor-censor em implementar seu projeto de fortalecimento da censura demandavam que ele identificasse e categorizasse inimigos que ofereciam riscos à toda Inglaterra. Assim, ele empregava recursos retóricos e discursivos que lhe permitiam definir os oponentes a serem combatidos: em suas declarações, os Confederados apareciam como um grupo organizado e coerente de impressores, livreiros e encadernadores dedicados a difundir ideais antimonarquistas e não-conformistas. Mas ainda que tenha inventado uma alcunha e delineado os contornos gerais dessa confederação, o autor-censor não forjou as relações (sociais, comerciais, religiosas, políticas e familiares) que uniam os sujeitos envolvidos no caso.

Grande parte das acusações de Roger L'Estrange se concentrava nas figuras de Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman. Os três, que atuavam como livreiros no centro da cidade de Londres, eram percebidos pelo autor-censor como os principais articuladores do grupo, sendo frequentemente acusados de ter “uma mão”¹⁷ na publicação de qualquer panfleto controverso. As denúncias de L'Estrange tinham algum lastro. Desde o contexto revolucionário, esses livreiros haviam demarcado sua oposição aos “governos pessoais” e à estrutura da Igreja Anglicana em diferentes ocasiões. Entre os anos 1640 e 1650, o mais velho deles, Giles Calvert, lançou algumas das obras mais emblemáticas período, tais como edições do projeto constituição apresentado pelos levellers, o *Agreement of the People*, e diversos dos panfletos diggers, que reivindicavam a distribuição de terras.¹⁸ Um de antigos aprendizes de Calvert, Thomas Brewster,

Cambridge University Press, 1997; GESTRICH, Andreas. "The Public Sphere and the Habermas Debate". **German History**, v. 24, n. 3, p. 413–430, 2006; PEACEY, Jason. "Print and Public Politics in Seventeenth-Century England". **History Compass**, v. 5, n. 1, p. 85–111, 2007; LAKE, Peter; PINCUS, Steve (orgs.), **The politics of the public sphere in early modern England**. Manchester: Manchester University Press, 2012; PEACEY, Jason. **Print and public politics in the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013; HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Unesp, 2014; ROBERTSON, Randy. "Habermas and the English Public Sphere Reconsidered". **Journal of Interdisciplinary History of Ideas**, n. 17, p. 1–53, 2020.

¹⁷ No original: “a hand”. L'ESTRANGE, **A modest plea**, p.11.

¹⁸ Ver: **A petition from His Excellency Thomas Lord Fairfax and the General Council of officers of the Army, to the Honorable the Commons of England in Parliament assembled, concerning the draught of an agreement of the people for a secure and present peace, by them framed and prepared**. Londres: John Partridge, R. Harford, G. Calvert, G. Whittington, 1649; **An agreement of the people of England and the places therewith incorporated, for a secure and present peace, upon grounds of common right, freedom and safety**. Londres: John Partridge, Rapha Harford, Giles Calvert, George Whittington, 1649; **An agreement of the free people of England. Tendered as a peace-offering to this distressed nation**. [Londres: Gyles Calvert, 1649]; **An agreement prepared for the people of England, and the places therewith incorporated, for a secure and present peace, upon grounds of common right freedom and safety**. Londres: John Partridge, R. Harford, G. Calvert, G.

seguiu o caminho do radicalismo, publicando textos que contestavam a autoridade do rei e, posteriormente, do protetorado de Oliver Cromwell. Entre suas obras estavam tanto profecias milenaristas, quanto tratados políticos sobre o republicanismo.¹⁹ Já Livewell Chapman, parceiro comercial frequente de Calvert e Brewster, foi o principal livreiro a editar e difundir os panfletos dos Homens da Quinta Monarquia, movimento político-religioso que projetava reformas políticas, administrativas, jurídicas e teológicas com a expectativa de acelerar a Segunda Vinda e o estabelecimento de um governo concreto de Cristo na Terra.²⁰

Ainda que fossem bastante variadas, as publicações dos três estacionários refletiam as tendências políticas e religiosas das quais eles partilhavam. De modo geral, quando examinamos suas atividades no mercado livreiro, notamos que, à época das Guerras Civas, eles demonstraram apoio à soberania do Parlamento, opondo-se, portanto, às atitudes arbitrárias do governo de Carlos I. Em 1649, seus textos ajudaram a legitimar a execução do rei, reforçando a imagem de que o monarca era um tirano do povo inglês. Em seguida, apoiaram a ascensão do general Oliver Cromwell como campeão da república e do puritanismo, chegando, inclusive, a produzir e difundir parte da comunicação oficial do Conselho de Estado no início dos anos 1650. Mas, com a instauração do protetorado e sua subsequente concentração de poder nas mãos de Cromwell, viram-se traídos pelo general. Passaram a lançar diversos panfletos críticos ao então Lorde Protetor. Depois, na década de 1660, demonstraram-se irredutíveis em sua oposição ao retorno da

Whittington, 1649; WINSTANLEY, Gerrard. **The breaking of the day of God. Wherein, four things are manifested. I. That the two witnesses are not in killing: but in rising from death. II. The three daies and half: or 42 months of the saints captivity under the beast, very near expired. III. Christ hath begun to reign in his saints, and to tread their corrupt flesh under his feet. IIII. Christs dominion over the nations of the world, near the approach.** Londres: H., Giles Calvert, 1648; WINSTANLEY, Gerrard. **The mysterie of God, concerning the whole creation, mankinde. To be made known to every man and vvoman, after seaven dispensations and seasons of time are passed over. According to the councell of God, revealed to his servants.** Londres: I.C., Giles Calvert, 1649; WINSTANLEY, Gerrard. **Fire in the bush. The spirit burning, not consuming, but purging mankinde. Or, The great battell of God Almighty, between Michaell the Seed of Life, and the great red dragon, the curse fought within the spirit of man.** Londres: Giles Calvert, 1650.

¹⁹ Ver, entre outros: TRAPNEL, Anna. **Anna Trapnel's report and plea. Or, A narrative of her journey into Cornwall, the occasion of it, the Lord's encouragements to it, and signal presence with her in it.** Londres: Thomas Brewster, 1654; VANE, Henry. **A healing question propounded and resolved, upon occasion of the late publique and seasonable call to humiliation, in order to love and union amongst the honest party, and with desire to apply balsome to the wound before it become incurable.** Londres: T. Brewsters, 1656; HARRINGTON, James. **The prerogative of popular government. A politicall discourse in two books. The former containing the first præliminary of Oceana, enlarged, interpreted, and vindicated from all such mistakes or slanders as have been alledged against it under the notion of objections. Th second concerning ordination, against Dr. H. Hamond, Dr. L. Seaman, and the authors they follow.** Londres: [G. Dawson], Tho. Brewster, 1658. [1657].

²⁰ Ver, por exemplo: ASPINWALL, William. **A brief description of the fifth monarchy, or kingdome, that shortly is to come into the world: the monarch, subjects, officers and lawes thereof, and the surpassing glory, amplitude, unity, and peace of that kingdome.** Londres: M. Simmons, Liverwell Chapman, 1653; FEAKE, Christopher. **The new non-conformist; who having obtained help of God, doth persist unto this very day; witnessing, both to small and great, some of those glorious things which the Apostles, the prophets, & Moses, did say should come to pass.** Londres: Livewel Chapman, 1654; SPITTLEHOUSE, John. **Certaine queries propounded to the most serious consideration of those persons novv in povver. Or any others whom they doe, or may concerne.** Londres: Livewell Chapman, 1654.

monarquia e criticaram vigorosamente a volta da dinastia Stuart ao poder. Tais posicionamentos pareciam a Roger L'Estrange como uma evidente declaração da infidelidade dos três livreiros ao governo recém-restaurado. Não era de se estranhar, portanto, que o autor-censor tivesse dedicado particular atenção às publicações e atividades de sujeitos como Calvert, Brewster e Chapman.²¹

Para L'Estrange, a atuação dos Confederados era seriamente preocupante. Em sua perspectiva, os textos que produziam e difundiam ofereciam riscos concretos, extrapolando os limites das tintas e folhas de papel. Por essa razão, é preciso destacar que as guerras panfletárias que o autor-censor travou contra os agentes do mercado livreiro não constituíram apenas “fatos textuais”. Mais do que isso, elas também constituíam fatos jurídicos e políticos. Como L'Estrange efetivamente ocupou um posto de censor, ele teve possibilidade de interferir nos negócios de seus oponentes. Além de denunciar publicações controversas, respondendo-as em seus virulentos panfletos, L'Estrange tinha autoridade para conduzir investigações detalhadas, que levaram ao desdobramento da polêmica contra os Estacionários Confederados em uma série de embargos, prisões, multas, julgamentos e condenações no início da Restauração. Assim, ao mesmo tempo em que caracteriza os Confederados como algumas das “Pessoas mais Perigosas de todas”²², o autor-censor se empenhava em reunir indícios materiais que comprovassem os crimes cometidos por eles. Essas provas, por sua vez, sustentavam os projetos e as práticas do aparato coercitivo que L'Estrange implementava contra impressores, livreiros e encadernadores durante o reinado de Carlos II.

As notas das investigações de L'Estrange, bem como as cartas que direcionou aos Secretários de Estado com relatos de suas atividades, possuem informações minuciosas sobre a circulação de impressos sediciosos. Tais documentos nos permitem reconstituir grande parte do caso contra os Confederados. Foi a partir de meados de 1661 que L'Estrange – na época, ainda um aspirante a censor –, começou a destrinchar a complexa teia de conexões clandestinas que alimentava a produção e a dispersão de panfletos ilegais em Londres. Em agosto, ele publicou *A*

²¹ ROSTENBERG, Leona, **Literary, Political, Scientific, Religious and Legal Publishing, Printing and Bookselling in England, 1551-1700: Twelve Studies**. Nova York: Burt Franklin, 1965; GREAVES, **Deliver us from evil**; KEEBLE, **The Literary Culture of Nonconformity in Later Seventeenth Century England**; BELL, Maureen. “Hannah Allen and the Development of a Puritan Publishing Business, 1646-51”. **Publishing History**, n. 26, p. 5–66, 1989; BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the ‘Confederates’”. **Publishing History**, n. 32, p. 5–49, 1992; CARICCHIO, Mario. **Religione, politica e commercio di libri nella rivoluzione inglese: gli autori di Giles Calvert 1645 – 1653**. Genova: Name, 2003; DUNAN-PAGE, Anne; LYNCH, Beth (orgs.). **Roger L'Estrange and the Making of Restoration Culture**. Londres: Ashgate, 2008; HESSAYON, Ariel. “Calvert, Giles (bap. 1615, d. 1663), bookseller”. In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em ODNB: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39669>>, acessado em 27/09/2021; LIMA, Verônica Calsoni. **Impresso para ser vendido na Crown em Pope's Head Alley: Hannah Allen, Livewell Chapman e a disseminação de panfletos radicais religiosos durante a Revolução Inglesa (1646-1665)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

²² No original: “most Dangerous People of all”. L'ESTRANGE, **Considerations and proposals**, 1663, p.6.

Modest Plea para informar a todos sobre a sua recente descoberta. No texto, ele narrava como havia realizado uma notável façanha ao rastrear a origem de *A Phenix, or the Solemn League and Covenant*, um pequeno panfleto que desafiava a autoridade de Carlos II. L'Estrange havia encontrado cópias do pernicioso texto na oficina tipográfica de Thomas Creak. Como foi flagrado em uma circunstância bastante desfavorável, o impressor optou por colaborar com as autoridades, em vez de resistir às suas indagações. Creak, então, passou a fornecer valiosos detalhes sobre as operações do mercado livreiro clandestino. Foi a partir dos testemunhos iniciais de Creak que o futuro censor conseguiu identificar impressores, livreiros e encadernadores que participaram da confecção e disseminação de obras escandalosas pela Inglaterra.²³ Mais do que isso, foi por meio das declarações de Creak que, posteriormente, L'Estrange teve sucesso em pleitear sua nomeação ao posto de principal Inspetor da Imprensa (*Surveyor of the Press*).

Em 1663, quando publicou *Considerations and Proposals*, o autor-censor consolidou a obtenção do cargo oficial, justificando-a por meio dos importantes serviços que vinha prestando ao Estado. Como descrevia ao longo do texto, ele havia identificado os responsáveis pela confecção e disseminação de dezenas de panfletos clandestinos, feitos para inflamar o povo contra o governo e a Igreja. Entre as obras que citava e criticava estavam: *Plain English* (1660); *Newes from Brussels* (1660); *The Speeches and Prayers of Some of the Late King's Judges* (1660); *A Phenix* (1661); *Mirabilis Annus or the Year of Prodigies* (1661); *Mirabilis Annus Secundus* (1662); *The Second Part of the Second Year Prodigies* (1662); *The Speeches, Discourses, and Prayers, of Col. John Barkstead, Col. John Okey, and Mr. Miles Corbet* (1662); *Two Treatises* de Henry Vane (1662); *The Trial of Sir Henry Vane* (1662); *The Life and Death of Sir Henry Vane* (1662); e *The Substance of what Sir Henry Vane Intended to Have Spoken Upon the Scaffold* (1662). Entre os sujeitos a quem responsabilizava pelas publicações, os nomes de Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman apareciam com frequência nas páginas de *Considerations and Proposals*.²⁴

Além dos três livreiros, Roger L'Estrange também havia identificado a colaboração de outros sujeitos com as atividades da confederação. Nem todos, cabe ressaltar, estavam, de fato, comprometidos, ao menos da mesma maneira, com a oposição à Restauração. Alguns, como o impressor Thomas Creak e o encadernador George Thresher, parecem ter participado da produção dos panfletos sediciosos apenas por conta de suas necessidades financeiras, cooperando

²³ Ver, entre outros: L'ESTRANGE, **A modest plea**; L'ESTRANGE, Roger. **Truth and Loyalty Vindicated, from the Reproches and Clamors of Mr. Edward Bagshaw. Together with a further discovery of the libeller himself, and his seditious confederates.** Londres: H. Brome, A. Seile, 1662; L'ESTRANGE, Roger. **Considerations and proposals**, 1663; **An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn, for printing and dispersing of a treasonable book, with the tryals of Thomas Brewster, bookseller. Simon Dover, printer. Nathan Brooks, bookbinder, for printing, publishing, and uttering of seditious, scandalous, and malicious pamphlets.** Londres: Thomas Mabb, Henry Brome, 1664.

²⁴ L'ESTRANGE, **Considerations and Proposals**.

de forma ocasional com os Confederados. Mas a maioria dos estacionários envolvidos no caso denunciado por L'Estrange estava conectada a comunidades não-conformistas e expressava posições antimonarquistas. Esse era o caso, por exemplo, dos livreiros Richard Moone (ex-aprendiz de Calvert) e Francis Smith, do impressor Simon Dover, e do encadernador Nathan Brooks. Diversas mulheres, esposas e viúvas desses mesmos sujeitos, também integravam o circuito clandestino, ajudando a cultivar a propaganda não-conformista e a oposição ao governo de Carlos II por décadas. Eram elas: Elizabeth Calvert, Anna Brewster, Hannah Chapman, Susannah Moone, Eleanor Smith e Joan Dover.²⁵

Quando utilizava a expressão “Estacionários Confederados”, Roger L'Estrange evocava as relações familiares, comerciais, de aprendizagem e/ou afinidade política e religiosa estabelecida entre esse amplo e variado conjunto de personagens. Não obstante, é preciso chamar atenção para o fato de que a nomeação, a identificação e a caracterização do grupo foram feitas por um agente externo a ele e, mais do que isso, por alguém que pretendia combatê-lo. Giles Calvert, Thomas Brewster, Livewell Chapman e seus demais parceiros nos negócios do livro jamais reclamaram a alcunha da confederação para si. Nem reivindicaram, pelo que sabemos, alguma outra identidade de grupo. Esse fenômeno era comum e afetou grande parte dos grupos político-religiosos ativos na Época Moderna. Ao tê-lo em vista, encontramos-nos, então, diante de alguns dilemas e dificuldades. Como poderíamos evidenciar se, de fato, os tais “Confederados” constituíram um grupo? Se a resposta for positiva, como compreendê-los se os relatos sobre suas atividades foram produzidos por seus inimigos? Examinamos essas questões à luz dos debates historiográficos a respeito da Inglaterra seiscentista no tópico seguinte.

Sedição e radicalismo

Desde o princípio, as turbulências que afetaram a Inglaterra em meados do século XVII foram tema de intensa disputa. Isso porque não havia consenso a respeito da própria caracterização das convulsões sociais e crises políticas iniciadas na década de 1640. Em seu próprio contexto, os “*troubles*” (problemas) foram percebidos por apoiadores da monarquia de Carlos I como uma rebelião realizada por traidores e fanáticos em meio ao Parlamento. Enquanto isso, os

²⁵ GREAVES, **Deliver us from evil**; HETET, John Stephen Tawhana. **A literary underground in Restoration England: printers and dissenters in the context of constraints, 1660-1689**. Tese (Doutorado) – University of Cambridge, Cambridge, 1987; BELL, Elizabeth Calvert and the “Confederates”; BARDLE, Stephen. **The Literary Underground in the 1660s**: Andrew Marvell, George Wither, Ralph Wallis, and the World of Restoration Satire and Pamphleteering. Oxford: Oxford University Press, 2012; ZOOK, Melinda. **Protestantism, Politics, and Women in Britain, 1660–1714**. Hampshire: Palgrave MacMillan, 2013.

parlamentaristas ressaltavam a legitimidade de sua luta pelas liberdades e pelos direitos do povo inglês, ameaçados pela tirania do rei. Entre os finais do século XVII e o início do século XVIII, o moderno conceito de revolução, designando mudanças políticas, consolidou-se no vocabulário inglês. No entanto, o termo aparecia junto a adjetivos pejorativos quando utilizado para descrever os episódios de 1640 a 1660. Colocado em oposição à Revolução (qualificada como) Gloriosa de 1688, o contexto anterior foi descrito como um acontecimento caótico e sangrento da história inglesa. Entre os séculos XVIII e XIX, o período de 1640 a 1660 foi efetivamente reconhecido como uma revolução por diversos teóricos. As interpretações a seu respeito, contudo, divergiam bastante. Apesar de ter se concentrado no exame dos eventos de 1688, François Guizot se referiu à movimentação de 1640 como uma “Revolução Inglesa”. Seu objetivo aqui era diferenciar o episódio da Revolução Francesa. Karl Marx e Friedrich Engels também observaram o aspecto revolucionário do período em suas avaliações sobre o desenvolvimento da sociedade burguesa e industrial na Inglaterra. Já Samuel Gardiner qualificou o contexto turbulento como uma “Revolução Puritana”, devido à significativa participação de grupos religiosos.²⁶

No século XX, a historiografia marxista examinou a Revolução Inglesa como um episódio significativo da luta de classes, que opôs uma nobreza decadente e uma burguesia ascendente, colaborando para o desenvolvimento do capitalismo no mundo moderno. Com o passar do tempo, essa perspectiva passou a discutir também a participação dos “rebeldes primitivos” nesse processo.²⁷ Afastando-se de uma posição excessivamente dogmática do materialismo histórico, o célebre trabalho de Christopher Hill, *O Mundo de Ponta-Cabeça* de 1972, introduziu “um terceiro elemento”²⁸ nas reflexões sobre o contexto revolucionário: a “gente simples do povo”.²⁹ Na obra, Hill buscava examinar a “revolta no interior da Revolução” de 1640.³⁰ Em outras palavras, o historiador britânico não estava interessado em narrar os acontecimentos políticos passados entre os Palácios de Westminster e Whitehall, mas em discutir as ideias radicais advogadas por levellers, diggers, quakers, seekers e ranters, que contestaram a ordem estabelecida, propondo soluções políticas, econômicas e religiosas aos problemas de sua época. Por meio da adoção de um “ponto de vista da minhoca”, Hill tentava recuperar projetos que, embora não tenham sido vitoriosos, advogavam

²⁶ RACHUM, Ilan. "The Meaning of 'Revolution' in the English Revolution (1648-1660)". *Journal of the History of Ideas*, v. 56, n. 2, p. 195–215, 1995; RICHARDSON, *The debate on the English Revolution*; KEEBLE, N. H. (org.). *The Cambridge Companion to writing of the English Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001; OSTRENSKY, Eunice. *As revoluções do poder*; SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. "Do tempo das revoluções às revoluções do tempo". *Revista de Teoria da História*, v. 21, n. 1, p. 99–121, 2019.

²⁷ HOBBSAWM, E. J. *Rebeldes primitivos: estudos sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales en los siglos XIX y XX*. Barcelona: Editorial Ariel, 1983.

²⁸ HILL, *O mundo de ponta-cabeça*, p. 16.

²⁹ *Idem*, p. 30.

³⁰ *Idem, ibidem*.

em favor de liberdade e igualdade. Assim, ele procurava entre homens e mulheres dos seiscentos as origens de um “protocomunismo”, ou melhor, do radicalismo na Inglaterra.

Ainda que tenha sido inovadora, a abordagem de Christopher Hill foi alvo de diversas críticas. O historiador britânico foi acusado manipular as fontes seiscentistas de forma a confirmar as teses nas quais acreditava, sem, de fato, analisá-las e problematizá-las. Como recorreu quase exclusivamente à documentação impressa, ignorando os manuscritos da época, Hill também foi criticado por ter desenvolvido uma interpretação limitada e pouco acurada das experiências e perspectivas de homens e mulheres do século XVII. O pesquisador neozelandês J. C. Davis teceu algumas das críticas mais duras ao estudo de Hill, confrontando, sobretudo, a ideia de radicalismo esposada em *O Mundo de Ponta-Cabeça*. Em *Fear, Myth and History* de 1986, Davis tentou demonstrar que não havia qualquer comprovação factual da existência de um grupo socialmente organizado e coerente, articulado em torno de uma doutrina específica, que pudesse caracterizar um dos movimentos estudados por Hill, o dos ranterers. Ao fazer uma pesquisa extensiva em bibliotecas e arquivos ingleses, Davis notou que as ideias e práticas classificadas como ranterers provinham de textos críticos, que mobilizavam a expressão como uma categoria pejorativa para descrever condutas erráticas, tais como o antinomianismo, a vulgaridade, a blasfêmia e a poligamia. Em suas palavras, Davis declarava que: “Não havia movimento Ranter, nem seita Ranter, nem teologia Ranter.”³¹ Na verdade, historiados como Hill haviam aglutinado “indivíduos relativamente isolados com convicções heterogêneas”, projetando, de forma equivocada, a existência de um movimento social sob o nome de “Ranterers”.³²

Numa linha semelhante, a onda “revisionista” que se desenvolveu na academia anglo-saxã entre as décadas de 1980 e 1990 rejeitou as categorias de radicalismo e revolução mobilizadas pelas tradições marxistas, encabeçadas por Hill. Igualmente, os revisionistas criticavam explicações macroeconômicas ou sociais que tentavam explicar as longas causas da Revolução Inglesa, confrontando, sobretudo, a interpretação *whig* de autores como Lawrence Stone. Para os revisionistas, ambas as perspectivas tentavam encaixar de forma artificial noções políticas e sociais contemporâneas ao passado inglês.³³ Eles preferiam, ao contrário, desenvolver análises detidas dos eventos políticos, atentas às particularidades locais. Nesse processo, minimizaram a atuação de grupos tidos como radicais por Hill, caracterizando-os como uma porção pouco expressiva da

³¹ No original: ““There was no Ranter movement, no Ranter sect, no Ranter theology. DAVIS, James Colin. **Fear, Myth and History: The Ranterers and the Historians**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 124.

³² No original: “relatively isolated individuals of heterogeneous persuasions”. *Idem, ibidem*.

³³ Ver, por exemplo, as críticas de John Morrill: MORRILL, John. “Christopher Hill’s Revolution”. **History**, v. 74, n. 241, p. 243–252, 1989; MORRILL, John. “Revisionism’s Wounded Legacies”. **Huntington Library Quarterly**, v. 78, n. 4, p. 577–594, 2015. Um panorama dos debates revisionistas em torno do livro de Hill também pode ser lido em: BRADDICK, Michael J. “Introduction: Christopher Hill’s *The World Turned Upside Down*, revisited”. **Prose Studies**, v. 36, n. 3, p. 175–184, 2014.

sociedade inglesa. Trabalhos como os de John Morrill, inclusive, tentaram demonstrar como muitos homens e mulheres não tomaram partido durante as Guerras Cívicas, esperando apenas que os conflitos findassem. Na perspectiva dos revisionistas, a expressão “Revolução Inglesa” por si só era enganosa. Não compreendiam os episódios de 1640 a 1660 como momentos de mudanças estruturais, com causas de longa data e consequências significativas, mas como um acidente de percurso, ocasionado, sobretudo, pela inabilidade administrativa de Carlos. Por essas razões, adotaram os termos seiscentistas “Grande Rebelião” ou “Interregno” para se referir ao período.³⁴

Apesar de terem sido predominantes até inícios dos anos 1990, as abordagens revisionistas vêm sendo reconsideradas, com trabalhos que têm pensado a Cultura Política e os diferentes agentes envolvidos nos eventos que, novamente, têm sido enquadrados sob a denominação “Revolução Inglesa”.³⁵ Os desafios colocados pelos revisionistas, contudo, foram fundamentais para o desenvolvimento de reflexões mais críticas a respeito da história da Inglaterra no século XVII. Tais estudos demandaram maior preocupação com o trato com a documentação da época, enfatizando a necessidade de se pensar a natureza dos registros das atividades dos diversos grupos político-religiosos do contexto revolucionária. Deu-se maior atenção ao fato de que a maioria dos relatos sobre a atuação de levellers, diggers, ranter e outros movimentos serem provenientes provinha das penas de seus críticos e detratores. Exemplo disso pode ser encontrado na obra do pastor puritano Thomas Edwards, que, em 1646, publicou uma extensa heresiografia sob o título de *Gangraena*.³⁶ Nela, o autor caracterizava diversas práticas e confissões religiosas como sedições, fanatismos e rebeldias, que deveriam ser suprimidas para findar o triste “adoecimento” da Inglaterra. Crítico da liberdade de consciência e da tolerância, Edwards reclamava dos “*Pregadores mecânicos e iletrados*”³⁷ que lideravam conventículos perniciosos, infectando todo o reino com suas terríveis palavras. Se, por um lado, essas concepções foram mobilizadas à época com o intuito de

³⁴ RICHARDSON, **The debate on the English Revolution**; KENYON, John. "Revisionismo y postrevisionismo en la historiografía sobre los primeros Estuardo". **Pedralbes: Revista d'història moderna**, n. 17, p. 323–346, 1997; PUJOL, Francisco Xavier Gil. "Crònica y cuestiones de veinticinco años de debate". **Pedralbes: Revista d'història moderna**, n. 17, p. 241–288, 1997.

³⁵ Cabe apontar que, recentemente, correntes críticas à centralidade da Inglaterra na narrativa histórica sobre a Grã-Bretanha, ressaltaram a necessidade de considerar as experiências de Gales, Irlanda e Escócia, preferindo, portanto, o termo “Guerra dos Três Reinos”. Na presente tese, optamos por, ainda assim, utilizar “Revolução Inglesa”. Nossa escolha, primeiramente, se deve ao fato de reconhecermos os aspectos revolucionários das transformações ocorridas na política, sociedade, economia e religião a partir da década de 1640. Em segundo lugar, nosso uso do termo evidência e destaca o recorte geográfico de nosso trabalho, que tem como enfoque as atividades de impressores, livreiros e encadernadores que atuaram, essencial e principalmente, na Inglaterra.

³⁶ NOGUEIRA, Patrícia Moreira. “Um Catálogo de Erros agora em voga”: ortodoxia presbiteriana, intertextualidade e confessionalização na obra ‘Gangraena’ (1646) de Thomas Edwards. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2017.

³⁷ No original: “*illiterate mechanic Preachers*”. EDWARDS, Thomas. **The first and second part of Gangraena, or, A catalogue and discovery of many of the errors, heresies, blasphemies and pernicious practices of the sectaries of this time, vented and acted in England in these four last years... The third Edition, corrected and much Enlarged**. Londres: T. R.; E. M.; Ralph Smith, 1646, fl.5 (B1).

descreditar as perspectivas defendidas por dissidentes; por outro, historiadores contemporâneos, que buscavam entusiasmadamente registros sobre o radicalismo, os interpretaram como retratos fiéis da convulsão político-religiosa de meados dos seiscentos.

Estudos pós-revisionistas, como o desenvolvido por Nicholas McDowell, apontaram os problemas desse tipo de análise, insistindo na necessidade de problematizar registros como o de Edwards. Logo o início de *The English Radical Imagination* (2003), McDowell teceu importantes comentários acerca da ideia de radicalismo desenvolvida na historiografia sobre a Revolução Inglesa. Para o pesquisador, o estudo de Christopher Hill se apropriou equivocadamente de muitas das definições de autores como Edwards para retratar aqueles a quem identificava como parte da “gente simples do povo”.³⁸ Hill não questionou as afirmações de Edwards, nem as cotejou e contrastou com outros relatos da época, o que lhe rendeu, por conseguinte, uma visão deturpada sobre a composição social dos movimentos político-religioso do contexto revolucionário. Apesar de notar essa inconsistência, McDowell não segue o caminho de Davis, negando a existência desses grupos. O que seu trabalho sugere, na verdade, é que a caracterização dos levellers, diggers, ranters, entre outros, seja feita com cuidado. Sua análise apontou que a tópica da rusticidade era comum nos escritos da época. Por um lado, ela poderia ser utilizada por críticos como Edwards, que desqualificava seus oponentes. Por outro, ela também aparecia em preâmbulos de textos de autores envolvidos em diferentes movimentos político-religiosos. Nesses casos, servia como um artifício retórico para capturar a benevolência dos leitores, sugerindo que não procuravam promoção social, mas que eram pessoas simples, interessadas em exprimir ideias importantes para o bem comum. McDowell constatou, assim, que historiadores como Hill acabaram por fundamentar suas noções de radicalismo em interpretações superficiais das fontes da época. Ignorando os dispositivos retóricos utilizados nos documentos, Hill acreditou em seu valor de face, o que resultou numa associação direta entre radicalismo e cultura popular. Como McDowell demonstrou, os autores identificados por Hill como expoentes da “gente simples do povo”³⁹ eram, na verdade, bacharéis e doutores de Oxford e Cambridge. Eles não representavam, portanto, a camada popular que Hill havia tentado recuperar em *O Mundo de Ponta-Cabeça*.⁴⁰

As constatações de Nicholas McDowell trazem à tona a particularidade da retórica das fontes do contexto revolucionário. No entanto, seu trabalho acabou por reduzir a questão das ideias e atividades radicais de meados dos seiscentos a um mero dispositivo discursivo de representação. Como demarcado já no título de seu livro, o radicalismo inglês não passaria de um

³⁸ HILL, **O mundo de ponta-cabeça**, p. 30.

³⁹ *Idem*, p. 30.

⁴⁰ MCDOWELL, **The English radical imagination**.

fenômeno do imaginário, por essa razão, a utilização do termo “radical” para explicar as experiências, os movimentos e as perspectivas em jogo nos turbulentos anos de 1640 a 1660 seria pouco operativa. É precisamente nesse ponto que nossa tese diverge do autor e tenta apresentar outra possibilidade de compreensão do radicalismo.

Quando fazemos uso da ideia de “radical” aqui, apropriamo-nos dela enquanto uma categoria descritiva. Por si só, o termo não explica atitudes, práticas, ideias e textos. Como pontuado no trabalho de McDowell, foi nesse aspecto que o estudo de Christopher Hill mais pecou. Hill se ancorava numa noção progressista e libertária de radicalismo, relacionada aos seus próprios posicionamentos políticos. De maneira equivocada, Hill transpôs esses preceitos aos discursos de levellers, diggers, ranters e outros grupos político-religiosos seiscentistas para encontrar uma tradição revolucionária inglesa. Se, por um lado, Hill carregou nas tintas para demonstrar os anseios “protocomunistas” desses movimentos; por outro, o historiador marxista negligenciou sujeitos cujas ideias não se encaixavam confortavelmente em sua noção progressista de radicalismo. Bernard Capp já havia apontado essa fragilidade do trabalho de Hill nos anos 1970, quando publicou *The Fifth Monarchy Men*. Como apontado por Capp, os pentamonarquistas poderiam ser descritos como radicais porque sugeriam transformações completas a realidade social, política, econômica e cultural. Não obstante, seus projetos sociais não eram libertários, igualitários ou progressistas. A sociedade que pretendiam implementar era excludente, visto que não incluiria pecadores e incrédulos que estariam destinados à danação. Além disso, sua comunidade seria estratificada e governada por uma elite de “santos” supostamente eleitos por Deus.⁴¹ O radicalismo, por conseguinte, pode ser absolutamente conservador e reacionário. Exemplos da atual conjuntura brasileira certamente vêm à mente quando nos damos conta disso, afinal, os trágicos eventos de 8 de janeiro de 2023 também evidenciam propostas de radical modificação do *status quo* que não implicam a defesa de pautas democráticas e progressistas.

Tendo isso em vista, na presente tese, recorreremos aos termos “radical” e “radicalismo” apenas com uma função descritiva, assim como Melinda Zook optou por operá-lo em *Radical Whigs and Conspiratorial Politics in Late Stuart England* (1999). No trabalho da autora, as expressões são mobilizadas para melhor retratar as atividades de homens e mulheres que não se conformavam às situações vividas, chegando ao ponto de defender mudanças abruptas e mesmo violentas. Em seu estudo, os *whigs* radicais são apresentados como sujeitos que, para além da defesa da exclusão de católicos da linha sucessória da coroa, por exemplo, envolviam-se em conspirações armadas com

⁴¹ CAPP, Bernard, *The Fifth Monarchy Men: a study in Seventeenth Century English Millenarianism*, London: Faber and Faber, 2008 [1971]; CAPP, Bernard, A Door of Hope Re-opened: The Fifth Monarchy, King Charles and King Jesus, *Journal of Religious History*, v. 32, n. 1, p. 16–30, 2008.

o intuito de assassinar Carlos II e seu irmão Jaime, o Duque de York. De modo semelhante, “radical” e “radicalismo” nos servem para discutir as publicações e práticas livreiras dos Estacionários Confederados, pois mais do que que expressarem perspectivas não-conformistas e antimonarquistas, como veremos ao longo da tese, esses sujeitos, em diversas ocasiões, engajaram-se em atitudes mais efetivas, inclusive assumindo graves riscos, para dar corpo aos seus ataques à monarquia e a Igreja Anglicana.

A materialidade do radicalismo

O radicalismo dos Confederados pode ser recuperado a partir da análise de suas publicações. Isso porque vestígios de suas práticas editoriais, lícitas e ilícitas, aparecem na própria materialidade das obras que lançaram como “balas de papel”⁴² para desafiar a autoridade de Carlos II. Além de seus conteúdos oposicionistas, os próprios formatos escolhidos para os seus textos denotavam as intenções sediciosas do grupo. Suas publicações costumavam circular em panfletos⁴³ (em quartos, oitavos, duodécimos) ou, ao a partir do final dos anos 1660, em *broadsheets* e fólios curtos. De modo geral, a adoção de tais formatos e tamanhos privilegiava a confecção de obras baratas e simples, feitas rapidamente, e que podiam ser transportadas e difundidas com facilidade, com o objetivo de intervir diretamente na política inglesa ou de provocar alguma agitação contra o rei.

Os Confederados esperavam participar das batalhas pelas opiniões em meio ao espaço público por meio de suas publicações. De fato, sua atuação nos permite evidenciar que os agentes do mercado livreiro exerciam papéis fundamentais nos debates políticos e religiosos da Época Moderna. Impressores, livreiros, encadernadores e vendedores ambulantes não eram apenas veículos para a difusão de perspectivas pensadas por outrem. Tanto quanto os escritores, que colocavam suas palavras no papel por meio da pena, esses sujeitos eram autores das obras às quais davam corpo através de tintas, tipos, papéis e linhas de costura. A produção de um texto impresso

⁴² Tomamos emprestada a expressão usada por Harold Weber para retratar as intensas disputas políticas travadas em meio à imprensa na época da Restauração. WEBER, Harold. **Paper bullets: print and kingship under Charles II.** Lexington: University Press of Kentucky, 1996.

⁴³ Quando nos referimos à categoria dos panfletos, apoiamo-nos nas definições de Joad Raymond. Segundo o pesquisador, comumente, os panfletos eram impressos em formatos pouco prestigiosos. Diferentemente de longos livros em fólios, os panfletos eram compostos com cerca de doze folhas de papel, dobradas em quartos, oitavos, duodécimos, ou tamanhos ainda menores. Não costumavam ser longos, a maioria tinha menos de 100 páginas. Para além dessas características físicas, Raymond ressalta também que os panfletos abordavam temas urgentes e, muitas vezes, polêmicos. Neste sentido, eram de natureza efêmera, fabricados para uma rápida circulação. Suas dimensões pequenas, vale ressaltar, minimizavam os custos e facilitavam os processos de produção, transporte e dispersão. RAYMOND, Joad. **Pamphlets and pamphleteering in early modern Britain.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 5, 81–83.

era uma tarefa coletiva, que aglutinava uma série de agentes e operações. Sendo assim, as escolhas feitas nas casas de impressão, livrarias e oficinas de encadernação eram essenciais para a composição dos textos. A qualidade dos papéis, os formatos, o *mise-en-page*, a pontuação, as ênfases, os tipos, a costura e a encadernação geravam significados para os consumidores dos materiais impressos.⁴⁴ Considerar, portanto, as trajetórias e práticas dos estacionários que os fabricavam e difundiam pode lançar luz sobre muitas das mudanças que transcorreram desde o início do período revolucionário.

Abordar as funções políticas, sociais e culturais exercidas por agentes do mercado livreiro não é novidade entre os estudos sobre a imprensa na Época Moderna. A área da História do Livro e da Cultura Escrita já se consolidou como um importante campo de pesquisas desde meados dos anos 1940. E, desde então, diversas correntes se desenvolveram, a ponto de Robert Darnton ter afirmado, ainda em 1982, que o campo mais parecia “uma exuberante floresta tropical”.⁴⁵ Inicialmente, grande parte das preocupações da História do Livro se concentrava na compreensão de como o “aparecimento do livro” (para tomar de empréstimo o título do célebre trabalho de Henri-Jean Martin e Lucien Febvre) impresso transformou o mundo ocidental, impulsionando transformações sociais, políticas, religiosas e culturais. Nos anos 1980, contudo, caiu por terra a percepção de que apenas a tecnologia da prensa de tipo móvel teria sido capaz de realizar tantas mudanças. Trabalhos como os do já citado Robert Darnton, mas também de Adrian Johns e outros, transferiram o foco das análises para os agentes do mercado livreiro, buscando recuperar as trajetórias das pessoas que efetivamente editavam, imprimiam e comercializavam as obras. Posteriormente, à luz das renovações da Bibliografia Analítica com o desenvolvimento dos estudos de D. F. Mckenzie, o estudo da materialidade dos impressos adquiriu proeminência. Percebeu-se que o exame cuidadoso dos tipos, das tintas, dos papéis e das encadernações poderiam revelar informações fundamentais a respeito dos contextos de produção e circulação da informação.⁴⁶

⁴⁴ MCKENZIE, D. F. **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**. São Paulo: Edusp, 2018; STODDARD, Roger E. **A Library-Keeper's Business: essays by Roger E. Stoddard**. New Castle: Oak Knoll Press, 2002; CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002; CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Unesp, 2004; CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. São Paulo: Unesp, 2007; CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014.

⁴⁵ DARNTON, Robert. “O que é a história dos livros?” [1982] In: DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.124.

⁴⁶ Seria impossível esgotar as referências bibliográficas sobre essa temática, por isso, mencionamos aqui apenas algumas obras centrais no debate sobre os agentes do mercado livreiro na Europa Moderna. Ver, entre outros: FEBVRE; MARTIN, **O aparecimento do livro**; EISENSTEIN, Elizabeth L. **The printing press as an agent of change: communications and cultural transformations in early-modern Europe**. Vols. I e II. Cambridge: Cambridge University Press, 2009; MCKENZIE, **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**; DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; JOHNS, Adrian. **The nature of the book: print and knowledge in the making**. Chicago: University of Chicago Press, 1998; BOUZA, Fernando. “Comunicação, Conhecimento e Memória na Espanha dos Séculos XVI e XVII”. **Cultura**, n. 14, p. 105–171, 2002; CHARTIER, **A história cultural**; CHARTIER, **Leituras e leitores na França**; CHARTIER, **Inscrever**

Na presente tese de doutorado, transitamos entre essas diferentes perspectivas para analisarmos o caso dos Estacionários Confederados. Na nossa tentativa de apreender suas atividades editoriais, apoiamo-nos em várias das concepções de Robert Darnton, segundo as quais a História do Livro se preocupa com “cada fase do processo” pelo qual os pensamentos se transformam em objetos, isto é, textos impressos, e “com o processo como um todo”.⁴⁷ Por essa razão, nosso estudo mapeou os sujeitos envolvidos com a polêmica e destrinchou (quando possível) a participação de cada impressor, livreiro e encadernador na confecção, distribuição e comercialização das obras. A análise desses processos, evidentemente, sempre precisou ter em vista as condições políticas, sociais, econômicas, religiosas e culturais nas quais as publicações foram realizadas. Isso porque as estratégias de produção e disseminação variavam de acordo com as facilidades ou dificuldades encontradas pelos agentes do mercado livreiro. No caso específico dos Estacionários Confederados, que deliberadamente publicavam textos controversos, essa questão se complexifica. Como evidenciado por Darnton em *Edição e Sedição* (1991),

Ao contrário do livro lícito e das obras setecentistas que a posteridade consagrou como clássicos literários, a leitura do livro clandestino não pode ser feita apenas segundo os critérios canônicos da grande literatura: a singularidade de uma escrita, a invenção de um estilo, o surgimento de um tom. Tal leitura deve ser feita considerando o conjunto sistemático dos elementos que tornaram possível a própria existência daquele livro: o jogo da oferta e da procura, as condições de publicação, os circuitos de comunicação.⁴⁸

Darnton conclui que o texto sedicioso “se faz *corpus* e é *mercado*”.⁴⁹ E, enquanto tal, possui um modo de produção específico. Por essa razão, outra de nossas referências teórico-metodológicas vem da Bibliografia Analítica e dos estudos sobre a materialidade dos impressos. Como pontuado por Roger Chartier, “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler”, por conseguinte, todos os elementos formais que constituem uma obra impressa são dotados de sentido.⁵⁰ Na presente tese, atentamo-nos, sobretudo, aos detalhes tipográficos de diversos dos panfletos emitidos pelos Estacionários Confederados. O fizemos com a intenção de identificar as condições nas quais as obras foram publicadas. Tais preocupações ajudaram-nos a perceber como

e apagar; CHARTIER, **A mão do autor**; MCKITTERICK, David John. **Print, manuscript and the search for order, 1450-1830**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006; BARBIER, Frédéric. **A Europa de Gutenberg: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI)**. São Paulo: Edusp, 2018.

⁴⁷ DARNTON, “O que é a história dos livros?”, p.126.

⁴⁸ DARNTON, Robert. **Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 [1991], p.162.

⁴⁹ *Idem, ibidem*.

⁵⁰ CHARTIER, **A história cultural**, p.127.

textos clandestinos e sediciosos eram efetivamente produzidos. Acompanhando as mudanças no governo e na fiscalização do mercado livreiro, os Confederados adaptavam suas práticas e seus processos de produção e disseminação a fim de escapar dos constrangimentos da censura. Publicações anônimas, *imprints* falsos, impressos fragmentadas entre diferentes oficinas tipográficas eram alguns dos exemplos de suas táticas para minimizar seus riscos. As evidências materiais dessas estratégias são encontradas em elementos como a descontinuidade na paginação e na assinatura de impressão, ou na variação de fontes tipográficas, estilos de composição e grafia das palavras. Mais do que meros acidentes cotidianos dos ambientes de produção e montagem dos impressos, esses detalhes apontam traços do radicalismo do próprio trabalho clandestino realizado por impressores, livreiros e encadernadores, que assumiam riscos, ocultavam suas operações e encontravam táticas para atacar as autoridades das quais discordavam.

Tentamos demonstrar essa atuação radical dos Confederados ao longo das décadas de 1650 e 1680, com maior enfoque nos anos 1660 (período no qual seu embate com as autoridades foi mais intenso e, por conseguinte, gerou mais fontes – sobretudo judiciais – para serem cotejadas junto com seus panfletos e *broadshets*) ao longo dos seis capítulos de nossa tese. Neles, mapeamos e discutimos as práticas sediciosas e clandestinas do grupo, desdobrando, quando possível, detalhes sobre o processo de publicação de seus virulentos panfletos.

Iniciamos nossa reflexão a partir da trajetória de Giles Calvert. O recorte de nosso primeiro capítulo se deve a diversos fatores. Cabe destacar que ele era o mais velho dos Confederados. Tendo iniciado suas atividades como aprendiz ainda na década de 1630, sua carreira acompanhou todo o desdobramento da Revolução Inglesa. Sua livraria, localizada no centro da cidade de Londres, também foi um ponto de encontro das mais variadas seitas religiosas. Calvert também foi o mestre de Thomas Brewster e Richard Moone, assim como um dos principais parceiros comerciais de Livewell Chapman. Suas atividades estabeleciam, portanto, um elo entre variados agentes do mercado livreiro e foi um dos principais pontos de conexão entre os Confederados. Por meio do exame de sua trajetória e suas publicações, tentamos acessar as turbulências da década de 1650. Nesse contexto, impressores, livreiros e encadernadores se depararam com mudanças no governo que tiveram consequências diretas e indiretas sobre as suas atividades editoriais. A república ofereceu maiores liberdades para a publicação de textos que outrora poderiam ter sido categorizados como sediciosos ou traidores. Obras contrárias à monarquia e à Igreja Anglicana circularam amplamente, algumas, inclusive com o financiamento e o apoio oficial do Parlamento. Pouco depois, contudo, em 1653, o Protetorado centralizaria o poder na figura de Oliver Cromwell e inauguraria uma nova dinâmica de controle do mercado livreiro, ampliando a censura sobre vozes antagônicas. Um novo afrouxamento dos constrangimentos sofridos pelos estacionários só

ocorreu em 1659, quando o Protetorado foi vencido e substituído por uma breve república, logo sobrepujada pelo retorno ao regime monárquico em 1660.

O projeto defendido pelos Confederados foi derrotado quando Carlos II assinou a Declaração de Breda em abril de 1660. A monarquia foi retomada e o herdeiro Stuart voltava à Inglaterra para assumir o trono dos Três Reinos. A derrota dos Confederados, contudo, não foi acompanhada de um quietismo ou de uma acomodação à situação, mas sim de uma profícua atuação clandestina em oposição ao novo governo. Com a estruturação de um rigoroso sistema de censura, do qual Roger L'Estrange passou a integrar a partir de 1662, os rastros das atividades ilícitas desses impressores, livreiros e encadernadores se torna mais claro aos nossos olhos. São frequentes as denúncias e investigações acerca de suas publicações virulentas e radicais. A fim de nos debruçarmos cuidadosamente sobre essa produção ilegal, examinamos os panfletos publicados pelos Estacionários Confederados no início dos anos 1660 em três seções da tese. No capítulo segundo, ocupamo-nos de refletir sobre os textos que visavam gerar uma mobilização direta contra a Restauração, legitimando a morte do rei em 1649, sugerindo a rebelião contra as autoridades e propondo um novo tiranicídio agora em 1660. No terceiro, nos concentramos nos textos de cunho profético-político. Cabe ressaltar que, de modo geral, o aspecto religioso estava presente em todas as publicações dos Confederados, visto que todos os impressores, livreiros e encadernadores envolvidos na produção e distribuição eram também não-conformistas, fazendo parte de diversos movimentos sectários, como o dos ranters, dos quakers, dos batistas e pentamonarquistas. Ainda assim, alguns de seus panfletos destacavam-se pelas características providencialistas, que colocavam nas mãos de Deus os desígnios políticos da Inglaterra, sugerindo que a deposição do rei era parte das promessas encontradas na Escritura. O quarto capítulo retrata as obras de cariz martirológico. Na disputa contra a demoníaca monarquia de Carlos II, alguns homens pereceram, mas eram tomados como exemplos a serem seguidos pelas publicações dos Confederados. Exemplo disso foi a impressão dos discursos fúnebres dos regicidas de Carlos I, condenados à morte por traição logo após a Restauração de Carlos II. Em vez de reproduzirem o discurso oficial do governo, segundo o qual os supliciados eram criminosos que atentaram contra a instituição monárquica e a família Stuart, os Confederados descreveram os regicidas como mártires da “boa e velha causa” do Parlamento e de Deus.

Como viemos pontuando desde o início desta introdução, Sir Roger L'Estrange identificou, denunciou e levou à punição daqueles que intitulou como “as Pessoas mais Perigosas de todas”. O processo de investigação dos crimes dos Estacionários Confederados, bem como a peça acusatória e sua subsequente punição são temas do quinto capítulo da tese, no qual examinamos de forma mais detalhada a ascensão de L'Estrange e suas políticas censoras. Mas mesmo com o novo sistema

de controle da imprensa e com as punições exemplares às quais alguns dos Confederados foram submetidos, o oposicionismo e o radicalismo persistiram no submundo do mercado livreiro. Falaremos sobre essa resistência no último capítulo de nosso trabalho, nos debruçando, sobretudo, sobre as atividades de Elizabeth Calvert, Anna Brewster, Susannah Moone, Joan Dover, John Darby e Francis Smith entre 1664 e o início dos anos 1680.

Capítulo 1

Uma revolução impressa

Havia uma grande quantidade de Sermões e Discursos impressos, juntamente com Votos, Atos e Ordenanças, Proclamações, Moções, Resoluções, Protestos, e Relações; Petições, Proposições, Prospectos e Protestos; Críticas, Respostas, Argumentos, Razões, Relações e Réplicas; Observações, Exames, Vindicações, Dúvidas e Questões, Refutações e Queixas, Catálogos e Coleções; Anúncios, Almanques, Cartas, Descobertas, Elegias, Epístolas, Inteligências, Calúnias, Panegíricos, Memoriais, Narrativas, Poemas, Peças, Romances, Sátiras, Tratados de todos os formatos e tamanhos. A palavra impressa foi a todos os lugares. [...] Nunca houve nada antes que se comparasse a essa guerra de palavras. Foi uma revolução da informação.

Peter Thomas, 1991¹

Se tornou lugar comum dizer que a Revolução Inglesa do século XVII foi também uma revolução impressa. Embora a afirmação já tenha passado por diversas contestações e revisões, essa noção parece ter se firmado na historiografia sobre a Inglaterra da Época Moderna. Isso porque a inédita agitação da imprensa assombrou tanto aos homens e às mulheres dos seiscentos, quanto aos historiadores dos séculos seguintes. Como Nigel Smith declararia em *Literature and Revolution* (1994): “Nunca antes na história inglesa a literatura escrita e impressa desempenhou um papel tão predominante nos assuntos públicos, e nunca antes foi sentida pelos contemporâneos como sendo de tal importância”.²

Ainda que o mercado livreiro já viesse se desenvolvendo com força desde o século XVI, como demonstrado pelo trabalho de Alexandra Halasz, uma mudança significativa se deu com a

¹ No original: “There were printed Sermons and Speeches aplenty, along with Votes, Acts and Ordinances, Proclamations, Motions, Resolutions, Remonstrances, and Relations; Petitions, Propositions, Prospectuses and Protestations; Animadversions, Answers, Arguments, Reasons, Relations and Replies; Observations, Examinations, Vindications, Queries and Questions, Confutations and Complaints, Catalogues and Collections; Advertisements, Almanacs, Charters, Discoveries, Elegies, Epistles, Intelligences, Libels, Panegyrics, Memorials, Narrations, Poems, Plays, Romances, Satires, Treatises of all shapes and sizes. The printed word went everywhere. [...] There had never been anything before to compare with this war of words. It was an information revolution.” MORRILL, John (org.). **The Impact of the English Civil War**. Londres: Collins & Brown, 1991, p. 125.

² No original: “Never before in English history had written and printed literature played such a predominant role in public affairs, an never before it had been felt by contemporaries to be of such importance”. SMITH, Nigel. **Literature and revolution in England, 1640-1660**. New Haven: Yale University Press, 1997, p. 1.

eclosão das Guerras Civis em 1640.³ A imprensa se tornou mais ágil, barata, reativa e, sobretudo, ativa. As disputas pelo poder não estavam mais restritas às Câmaras do Parlamento, às cortes régias, ou mesmo aos campos de batalha, agora elas aconteciam também entre um amplo e variado público. Público este que não recebia as informações de forma passiva, mas se apropriava delas, as interpretava e as respondia.⁴

É difícil precisar o volume de textos impressos que, de fato, entrou em circulação no período compreendido entre as décadas de 1640 e 1660. As porcentagens de perda, por exemplo, colocam complicados entraves às estimativas de produção anual.⁵ E, como apontado em recente pesquisa de Austen Saunders e Tom Boardman, recorrer a um levantamento de títulos emitidos não possibilita uma compreensão adequada acerca das capacidades produtivas das tipografias inglesas.⁶ Mas, por mais que nenhuma estimativa possa nos dar um quadro preciso da imprensa seiscentista, não parece inadequado dizer que ela passou por uma “explosão” a partir de 1640.

A relação das pessoas com a cultura impressa se modificou drasticamente. Textos curtos e informativos, alguns deles precursores de periódicos jornalísticos – como corantos, gazetas e mercúrios⁷ –, passaram a circular avidamente para detalhar o rápido desdobramento dos acontecimentos do contexto revolucionário. Notícias sobre as batalhas em curso em diferentes partes do reino relatavam as vitórias e as derrotas dos exércitos do Parlamento e do rei. Panfletos e baladas descreveram a captura, o julgamento e a morte de Carlos I em 1649. Mesmo entre os iletrados, a imprensa ficou mais acessível. Leituras e discussões públicas, com frequência, exprimiam os conteúdos dos textos. Da mesma maneira, sujeitos que antes não podiam se expressar por meio da publicação de escritos, agora dispunham dessa chance. Homens e mulheres analfabetos podiam ter suas ideias transcritas e impressas, ampliando sensivelmente a participação popular na arena dos debates públicos.⁸ Numerosas interpretações sobre os eventos eram

³ HALASZ, *The marketplace of print*.

⁴ RAYMOND, *Pamphlets and pamphleteering*; PEACEY, *Print and public politics*.

⁵ Sobre isso, ver, entre outros: BLAYNEY, Peter W. M. "STC Publication Statistics: Some Caveats". *The Library*, v. 8, n. 4, p. 387–397, 2007; BARNARD, John; MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (orgs.). *The Cambridge History of the Book in Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008; HILL, Alexandra. *Lost books and printing in London, 1557-1640: an analysis of the Stationers' Company register*. Leiden: Brill, 2018.

⁶ SAUNDERS, Austen; BOARDMAN, Tom. "Was there an explosion of print in the 1640s?". *The Seventeenth Century*, v. 37, n. 2, p. 1–23, 2021.

⁷ Sobre os diferentes gêneros e formatos utilizados para disseminação de notícias manuscritas e impressas, ver, entre outros: RAYMOND, Joad (org.). *News, newspapers, and society in early modern Britain*. Londres: F. Cass, 1999; ESPEJO, Carmen. "European communication network in the early modern age: a new framework of interpretation for the birth of journalism". *Media History*, v. 17, n. 2, p. 189–202, 2011; PETTEGREE, Andrew. *The invention of news: how the world came to know about itself*. New Haven: Yale University Press, 2014; MEGIANI, Ana Paula. "Escritos breves para circular: Relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (sécs. XV-XVII)". *Varia Historia*, v. 35, n. 68, p. 535–563, 2019; MENDES, Caroline Garcia. *Nos prelos da Restauração Portuguesa: "Dar ao mundo verdadeira notícia"*. Porto: Editora Cravo, 2021.

⁸ Ver, por exemplo, o caso da profetiza Sarah Wright, cujos tranSES, experiências místicas e profecias foram publicados a partir das transcrições de Henry Jessey, pregador da comunidade independente de All Hallows the Great. DAILEY,

formuladas, assim como diferentes concepções sobre a política, as leis, a religião e a sociedade inglesas foram discutidas. Petições endereçadas às autoridades passaram a circular em versões impressas, numa tentativa de pressioná-las a acatar as demandas de diversos grupos político-religiosos.⁹ Por sua vez, os governantes respondiam com outros impressos, difundindo sua propaganda política para a consideração da esfera pública.¹⁰

Tendo em vista esse contexto de transformações, no presente capítulo traçamos um panorama a respeito do funcionamento do mercado livreiro e dos principais eventos que viraram o mundo de ponta-cabeça, perpassando as Guerras Cívicas entre o rei e o Parlamento, a suspensão do sistema monárquico e as subsequentes experimentações políticas da república e do Protetorado. Optamos por examinar esse período turbulento da história inglesa por meio das experiências e publicações do livreiro Giles Calvert, um dos principais agentes envolvidos no caso dos Confederados. Nossa escolha se justifica por diversas razões. Em primeiro lugar, cabe indicar que as atividades de Calvert se desenvolveram inteiramente no contexto revolucionário. Dando início à sua carreira no mercado livreiro em 1628, quando foi empregado como aprendiz de William Lutter, Calvert conseguiu fundar seu próprio negócio em 1639, onde permaneceu exercendo o ofício até sua morte em 1663.¹¹ Sua trajetória acompanhou e foi atravessada pela crescente crise política, pelos conflitos armados e pelas várias mudanças de governo transcorridas entre 1640 e 1660.

Mais do que ser um agente que presenciou toda a ebulição da Revolução Inglesa, Calvert foi um personagem fundamental no processo de circulação de diversas ideias radicais. Sua livraria, estabelecida sob o signo da Águia Negra de Asas Abertas (*Black Spread Eagle*) no adro oeste da St.

Barbara Ritter. "The Visitation of Sarah Wight: Holy Carnival and the Revolution of the Saints in Civil War London". **Church History**, v. 55, n. 4, p. 438–455, 1986; BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon. **A Biographical Dictionary of English Women Writers, 1580-1720**. Londres: Harvester Wheatsheaf, 1990; MACK, Phyllis. **Visionary Women: Ecstatic Prophecy in Seventeenth-Century England**. California: University of California Press, 1992; MCNEIL, Lorraine. **Mystical experience and the Fifth Monarchy Women**: Anna Trapnel, Sarah Wight, Elizabeth Avery, and Mary Cary. Tese (Doutorado em Literatura Inglesa e Estudos Linguísticos) - University of Newcastle upon Tyne. Newcastle, 2001; FABRIZIO, Andrea. **Prophetic Authority and the Rhetoric of Passivity in Seventeenth-Century English Women's Writing**. Tese (Doutorado em Inglês) - The City of New York. Nova York, 2008; FONT, Carme. **Women's Prophetic Writings in Seventeenth-Century Britain**. Londres: Routledge, 2017.

⁹ ZARET, "Petitions and the 'Invention' of Public Opinion"; ZARET, David. **Origins of democratic culture: printing, petitions, and the public sphere in Early-Modern England**. Princeton: Princeton University Press, 2000; GHEERAERT-GRAFFEUILLE, Claire. "Leveller Women Petitioners and the Rhetoric of Power in the English Revolution (1640-1660)". **Caliban**, n. 27, p. 15–26, 2010.

¹⁰ PEACEY, Jason. "Print Culture and Political Lobbying during the English Civil Wars". **Parliamentary History**, v. 26, n. 1, p. 30–48, 2007; PEACEY, Jason. "The Print Culture of Parliament, 1600-1800". **Parliamentary History**, v. 26, n. 1, p. 1–16, 2007; PEACEY, Jason. **Politicians and Pamphleteers: Propaganda During the English Civil Wars and Interregnum**. Londres: Routledge, 2017.

¹¹ PLOMER, Henry Robert. **A Dictionary of the Booksellers and Printers Who Were at Work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667**. Londres: Bibliographical Society; Blades, East & Blades, 1907; MCKENZIE, D. F. **Stationers' Company apprentices, 1605-1640**. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961.

Paul's Cathedral, no coração da cidade de Londres, se consolidou, como identificado por Ariel Hessayon, como “um alojamento, ponto de encontro, endereço postal e ponto de distribuição” central para grupos político-religiosos ativos no período.¹² Ademais, Giles Calvert foi um dos livreiros mais produtivos de meados dos seiscentos. Seu nome esteve relacionado a mais de 800 publicações

heterodoxas do período revolucionário: de pregadores antinomianos do exército a *levellers*, de escritores antitrinitários a místicos perfeccionistas, de *diggers* a *ranter*s, de Roger Williams a Sir Henry Vane, de pentamonarquistas a *quakers*, até as traduções de Niclaes e Boehme, a biblioteca virtual do “mundo de ponta-cabeça”.¹³

Essa miscelânea de vertentes político-religiosas publicadas por Calvert torna sua livraria um espaço privilegiado de análise. Por meio dela, podemos examinar várias das conexões estabelecidas entre agentes do mercado livreiro, comunidades sectárias, parlamentares, militares e grupos radicais. Da mesma maneira, a trajetória da *Black Spread Eagle* nos permite acessar algumas das disputas travadas na esfera pública em meados dos seiscentos.

As prolíficas atividades de Giles Calvert já seriam o suficiente para justificar um estudo inteiramente dedicado a ele.¹⁴ Por essa razão, no decorrer deste capítulo, não temos a pretensão de esgotar as análises sobre a sua carreira. Ao invés disso, tentamos tomar sua trajetória como um ponto de partida para realizar dois movimentos paralelos: compreender os contornos das guerras panfletárias dos anos 1650, examinando o funcionamento e as transformações do mercado livreiro; e identificar algumas de principais conexões mobilizadas por Giles Calvert, por meio das quais, posteriormente, as atividades clandestinas dos Estacionários Confederados viriam a se desenvolver. Calvert foi, de fato um dos principais Confederados mirados pelos agentes da censura na década de 1660 pois ele era, nos termos de Roger L'Estrange, um dos “Nós” centrais da sediciosa confederação.¹⁵ Grande parte dos sujeitos envolvidos na polêmica foram aprendizes do livreiro e/ou haviam estabelecido sólidas parcerias editoriais e comerciais com ele. Iniciar por Calvert pode,

¹² No original: “a lodging, meeting-place, postal address, and distribution point”. HESSAYON, “Calvert, Giles”.

¹³ No original: “eterodosse del periodo rivoluzionario: dai predicatori antinomiani dell'esercito ai *levellers*, dagli scrittori antitrinitari ai mistici perfezionisti, dai *diggers* ai *ranter*s, da Roger Williams a sir Henry Vane, dai quintomonarchisti ai quaccheri, fino alle traduzioni di Niclaes e Boehme, la virtuale biblioteca del 'mondo alla rovescia”. CARICCHIO, **Religione, politica e commercio di libri**, p. 14.

¹⁴ Como é o caso, por exemplo, dos seguintes estudos: TERRY, A. E. **Giles Calvert, mid-seventeenth-century English bookseller and publisher**. Dissertação (Mestrado) – Columbia University. Nova York, 1937; THOMAS, E. C. **A purveyor of soul-poisons: an analysis of the career of Giles Calvert, a publisher and bookseller in mid-seventeenth century London**. Tese (Doutorado) – La Trobe University. Vitória, 1999; CARICCHIO, **Religione, politica e commercio di libri**.

¹⁵ No original: “Knot”. L'ESTRANGE, **Considerations and Proposals**, p.6.

assim, no ajudar a entender como o emaranhado circuito clandestino dos Confederados se desdobrou nas décadas subsequentes.

Tendo isso em vista, ao longo das próximas páginas percorreremos, em um primeiro momento, as origens do estabelecimento de sua livraria na cidade de Londres. No demais tópicos, veremos como suas publicações estiveram no epicentro da Revolução Inglesa, participando dos principais debates e acontecimentos do período. Giles Calvert publicou centenas de panfletos que questionaram a validade do poder de Carlos I, legitimando a revolta dos parlamentares contra o monarca e ajudando a justificar a subsequente decisão de executar o rei como traidor. Sua radical recusa de “governos pessoais”, sustentada não apenas por teorias republicanas clássicas, mas também por anseios milenaristas, fez com que o livreiro tenha chegado, inclusive, a colocar seus ganhos econômicos em segundo plano para continuar a difundir as perspectivas com as quais parecia estar comprometido. Apesar de ter recebido vantajosas oportunidades comerciais do Conselho de Estado, Calvert optou por declarar sua oposição aos rumos tomados pela república e pelo Protetorado. A partir da reflexão a respeito do caso de Giles Calvert, esperamos que nos capítulos seguintes seja possível entender as atividades sediciosas dos Confederados na subsequente Restauração de Carlos II.

1.1. Giles Calvert e as guerras panfletárias

Vindo de Mearne, no condado de Somerset, Giles Calvert se fixou em Londres em 1628, com apenas 13 anos. Embora tenha começado seu período de aprendizado com William Luggier, teve que interrompê-lo pouco tempo depois. É provável que o tenha feito para voltar à sua cidade natal após o falecimento de seu pai, o vigário George Calvert.¹⁶ No entanto, logo no mesmo ano, voltou à *City* para trabalhar no mercado de impressos. Desta vez, foi colocado a serviço do livreiro Joseph Hunscomb que, a partir de 1636, também passou a ser mestre de seu irmão mais novo, George. Os dois jovens moraram por cerca de sete anos na casa de seu mestre. A livraria de Hunscomb ocupava esse mesmo espaço. Como evidenciado por Cait Coker, antes de mais nada, as oficinas tipográficas e livrarias, eram casas, isto é, congregavam tanto o ambiente doméstico, quanto o de trabalho.¹⁷ Em geral, os cômodos da frente e/ou dos andares térreos eram destinados

¹⁶ Embora pouco se saiba sobre o pai do livreiro, Ariel Hessayon notou que George Calvert teve problemas com as autoridades eclesiásticas do seu condado por não observar as normas do Livro de Oração Comum em suas pregações. Tal observação leva-nos a considerar que Giles Calvert já tinha uma conexão familiar com o puritanismo antes mesmo de chegar à Londres. Sobre isso, ver: HESSAYON, "Calvert, Giles".

¹⁷ COKER, Cait. "Gendered spheres: theorizing space in the English printing house". *The Seventeenth Century*, v. 33, n. 3, p. 323–336, 2017, p. 1.

aos negócios, enquanto o ambiente dos fundos e/ou de andares superiores ficavam reservados à morada.¹⁸ A habitação era dividida pela família do mestre, bem como por seus aprendizes, criados e, eventualmente, *journeymen*.¹⁹

Giles Calvert deixou a casa de Hunscomb em 1639, quando seu período de treinamento acabou. A partir de então, ele foi oficialmente admitido como membro da Companhia dos Estacionários, adquirindo o privilégio para atuar como livreiro. No mesmo ano, fundou seu próprio negócio e se casou com Elizabeth (cujo sobrenome de solteira nos é desconhecido). Giles e Elizabeth Calvert tiveram cinco filhos que, certamente, também participavam do cotidiano da *Black Spread Eagle*.²⁰ A família do livreiro, sobretudo sua esposa, provavelmente desempenhavam uma variedade de tarefas, como ajudar na administração e manutenção do estabelecimento, levar e receber recados relativos aos negócios, ou mesmo comercializar livros, panfletos e outros artigos comumente vendidos em livrarias, como papéis, penas e tintas.²¹

Logo em seus primeiros anos de atividade, o livreiro empregou três aprendizes, Thomas Brewster (de 1640 a 1647), Gregory Moule (de 1644 a 1649), que já atuava no comércio de Joseph Hunscomb desde 1642²², e Richard Moone (de 1645 a 1652). Nas décadas seguintes, a *Black Spread Eagle* contaria, ainda, com outros cinco aprendizes: Daniel White (de 1650 a 1657), Henry Millyn (de 1653 a 1660), Samuel Taylor (apenas durante 1653), Matthew Walker (de 1655 a 1663) e Mathias Stephenson (apenas durante 1662).²³ A elevada frequência de alocação de aprendizes na livraria sugere que Calvert gozava de grandes demandas de trabalho e, ao mesmo tempo, de recursos para serem utilizados em seus negócios. De fato, o livreiro parece ter prosperado consideravelmente. Tanto que, no início de 1648, chegou a comprar, junto com um comerciante londrino chamado

¹⁸ JOHNS, *The nature of the book*.

¹⁹ Homens livres remunerados pela diária de trabalho.

²⁰ Os filhos de Giles e Elizabeth Calvert eram: Elizabeth (1639-1646), John (?-1648), Nathaniel (1643-1664), um bebê falecido poucos dias depois do nascimento em 1651, e Giles (1653-c.1674). LMA. **Church of England Parish Registers, 1538-1812**. St Nicholas, Cole Abbey, City of London, 15 Mar 1639. Reference Number: DL/A/E/004/MS10107A; LMA. **Church of England Parish Registers, 1538-1812**. St Gregory By St Paul, City of London, 13 Sep 1646. Reference Number: P69/GRE/A/002/MS10232; LMA. **Church of England Parish Registers, 1538-1812**. St Nicholas, Cole Abbey, City of London, 20 Jun 1643. Reference Number: P69/NIC2/A/001/MS05685; PRO SP29/96/86; LMA. **Church of England Parish Registers, 1538-1812**. St Gregory By St Paul, City of London, 3 Apr 1664. Reference Number: P69/GRE/A/003/MS10233; LMA. **Church of England Parish Registers, 1538-1812**. St Gregory By St Paul, City of London, 3 Dec 1651. Reference Number: P69/GRE/A/002/MS10232; LMA. **Church of England Parish Registers, 1538-1812**. St Gregory By St Paul, City of London, 8 Sep 1653. Reference Number: P69/GRE/A/003/MS10233; HESSAYON, "Calvert, Giles".

²¹ JOHNS, *The nature of the book*; COKER, "Gendered spheres".

²² De acordo com John Hetet, era comum que mestres impressores e livreiros compartilhassem seus aprendizes uns com os outros, estreitando as parcerias editoriais e comerciais. Esse parece ter sido o caso de Moule, que atuava tanto na livraria de Hunscomb, como na de Calvert. HETET, *A literary underground*.

²³ MCKENZIE, D. F. *Stationers' Company apprentices, 1641-1700*. Oxford: Oxford Bibliographical Society, 1974.

Adam Haughton, um lote de terras expropriadas de antigos bispos do condado de Gloucester por mais de £400.²⁴

Certamente, a crescente expansão do mercado livreiro em meados dos seiscentos possibilitou o desenvolvimento dos negócios da loja de Calvert. Como já mencionamos no início deste capítulo, a *Black Spread Eagle* se consolidou em meio ao desdobramento das disputas políticas e do estopim das Guerras Civis. Esse contexto provocou profundas transformações no funcionamento da imprensa e ampliou o espaço de atividades dos estacionários estabelecidos em Londres. Por um lado, esse movimento teve relação com o aumento da demanda por informações. Numerosas notícias e opiniões a respeito das disputas políticas entre o rei e o Parlamento foram disseminadas e debatidas diariamente, sobretudo, quando as crises desembocaram em violentas batalhas armadas. Por outro, também refletiu o relativo afrouxamento dos sistemas de censura previamente instituídos. Quando intensificou sua oposição ao “governo pessoal” de Carlos I, identificando as posturas do monarca como formas arbitrárias de exercício do poder, o Parlamento decidiu extinguir duas cortes régias que tinham considerável ingerência sobre o controle da informação e do mercado livreiro: a *Star Chamber* e a *High Commission*. Ainda que elas não tivessem como função central a censura da imprensa – sendo a *Star Chamber* uma extensão do *Privy Council*, principal conselho administrativo, político e jurídico da coroa e a *High Commission*, uma corte eclesiástica, fundada para assegurar a observância à doutrina anglicana –, as duas cortes ocasionalmente eram mobilizadas para arbitrar sobre casos de difusão (oral ou escrita) de opiniões sediciosas, escandalosas, falsas, difamatórias e caluniosas. Além disso, a *Star Chamber* também costumava incidir sobre o direito comum (*common law*), promulgando decretos que, entre outras coisas, interferia na regulamentação do mercado livreiro.²⁵

A abolição das duas cortes não representou uma falência completa dos sistemas de controle. Mas, mesmo assim, o episódio teve importantes consequências para os agentes do mercado livreiro.²⁶ Ao extingui-las, o Parlamento acabou por suspender algumas das ordenações em vigor,

²⁴ O montante corresponde a mais de £54.000,00 nos dias de hoje. O cálculo da equivalência desse, assim como o de todos os demais valores mencionados ao longo da tese, foi realizado com base na ferramenta **Currency Converter: 1270-2017** do National Archives, com correção da inflação feita por meio do **Inflation Calculator** do Banco da Inglaterra. Para saber mais, ver: <<https://www.nationalarchives.gov.uk/currency-converter/#currency-result>> e <<https://www.bankofengland.co.uk/monetary-policy/inflation/inflation-calculator>>, acessados em 13/01/2023.

²⁵ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; HAMBURGER, Philip. "The Development of the Law of Seditious Libel and the Control of the Press". **Stanford Law Review**, v. 37, n. 3, p. 661–765, 1985; CLEGG, Cyndia Susan. "Censorship and the Courts of Star Chamber and High Commission in England to 1640". **Journal of Modern European History**, v. 3, n. 1, p. 50–80, 2005; ROBERTSON, Randy. **Censorship and conflict in seventeenth-century England: the subtle art of division**. Filadélfia: Pennsylvania State University Press, 2009.

²⁶ HILL, Christopher. "Censorship and English Literature". In: HILL, Christopher. **The Collected Essays of Christopher Hill: Writing and Revolution in 17th century England**. Vol. 1. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1985; ROBERTSON, **Censorship and conflict**; CLEGG, Cyndia Susan. **Press Censorship in Caroline England**, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

como o Decreto de 1637, que limitava o número de oficinas tipográficas permitidas em Londres e reforçava a exigência do licenciamento prévio.²⁷ Por essa razão, em 1643, o Parlamento foi forçado a promulgar uma ordem para restabelecer o sistema de licenciamentos.²⁸ Além disso, a queda da *Star Chamber* e da *High Commission* tiveram um profundo efeito simbólico em toda a sociedade. O episódio demarcou a falência de dois tribunais que, em múltiplas ocasiões, foram percebidos como instrumentos coercitivos arbitrários e cruéis da monarquia. As cortes eram acusadas de aplicar sentenças excessivamente rigorosas (como castigos corporais e penas capitais).²⁹ A extinção dessas instituições, decerto, gerou a sensação de que havia menos constrangimentos à expressão de opiniões orais, escritas e impressas.

Nesse novo contexto, as definições dos conteúdos que poderiam ser considerados sediciosos pareciam menos evidentes, o que estimulava a realização de publicações variadas. Se, antes, alguns conteúdos poderiam gerar punições, depois de 1641, as autoridades pareceram ter maiores dificuldades para conter textos controversos. Um dos primeiros problemas que Giles Calvert teve com a lei parece ter ocorrido justamente neste momento. Em março, o livreiro foi convocado à Câmara dos Lordes para responder pela publicação anônima e sem licença de um panfleto intitulado *A Dreame, or Newes from Hell*. Redigido por Richard Overton (que, nos próximos anos, se tornaria uma importante liderança leveller), o texto acusava os Lordes de serem complacentes com as arbitrariedades de Carlos I e seu arcebispo da Cantuária, William Laud, na condução das questões religiosas. *A Dreame* criticava como o governo vinha instituindo doutrinas papistas em meio à Igreja reformada, atacando, portanto, os verdadeiros cristãos em sua fé.³⁰ Quando questionado sobre a autoria e a distribuição da obra, Calvert se recusou a fornecer os nomes das pessoas com quem trabalhou. Apesar de ter não colaborado com as autoridades na ocasião, aparentemente, o livreiro não foi penalizado por nada.³¹

²⁷ Desde o século XVI, a Inglaterra utilizou diferentes sistemas de licenciamento. De modo geral, as leis forçavam impressores e livreiros a submeterem os títulos que pretendiam publicar à avaliação prévia de autoridades, como arcebispos e bispos da Igreja Anglicana e reitores das Universidades de Oxford e Cambridge. Falaremos mais sobre os dispositivos de censura pré e pós-publicação no capítulo 5. Sobre o assunto, ver, entre outros, os panoramas elaborados por Frederick Seabert e Manuel Portela: SIEBERT, *Freedom of the Press in England*; PORTELA, *O comércio da literatura*.

²⁸ ENGLAND AND WALES, Parliament. **An order of the Lords and Commons assembled in Parliament. For the regulating of printing, and for suppressing the great late abuses and frequent disorders in printing many false, scandalous, seditious, libellous and unlicensed pamphlets, to the great defamation of religion and government.** Londres: I. Wright, 1643. SMITH, *Literature and revolution*; KEEBLE (org.), *The Cambridge Companion*; MCELLIGOTT, Jason, *Royalism, print and censorship in revolutionary England*. Woodbridge: Boydell Press, 2007; PEACEY, *Print and public politics*.

²⁹ BRIGGS, John (org.), **Crime and punishment in England: an introductory history.** Londres: UCL Press, 1996; SHARPE, J. A. **Crime in early modern England, 1550-1750.** Londres: Longman, 1999; FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 2011.

³⁰ **A Dreame or Nevves from Hell. With a Relation of the great God Pluto, suddenly falling sicke by reason of this present Parliament.** Sicília [Londres]: s. n., 1641.

³¹ CARICCHIO, *Religione, politica e commercio*; HESSAYON, "Calvert, Giles".

Ao longo dos anos seguintes, a *Black Spread Eagle* publicou diversas obras semelhantes à de Richard Overton. Escritos por teólogos independentes e separatistas, muitos dos textos lançados por Giles Calvert defendiam a realização de um profundo processo de purificação da Igreja Anglicana, rejeitando qualquer resquício do catolicismo. Por meio de tais alegações, esses textos faziam frente ao modelo episcopal de administração eclesiástica, defendido por Carlos I e Laud.³² Na Escócia, o monarca recentemente havia conduzido desastrosas campanhas militares para forçar as reformas laudianas na *Kirk*, a Igreja presbiteriana escocesa. A chamada Guerra dos Bispos (1640-1641) foi uma das maiores razões para o endividamento da coroa e, ao mesmo tempo, para as frequentes tentativas de Carlos I de evitar despachar com o Parlamento. Ainda que o levantamento de recursos financeiros dependesse, sobretudo, de negociações com a assembleia, o monarca vinha governando de forma “pessoal”, lançando mão de várias estratégias, como a elevação dos custos de impostos alfandegários, para financiar seus gastos. Ao final de 1640, contudo, o soberano precisou convocar os parlamentares na tentativa de minimizar os efeitos da derrota que sofreu na luta contra os escoceses. Nessa ocasião, enfrentou grande resistência. Os parlamentares condicionaram seu apoio financeiro à aprovação de uma série de medidas para reforçar a autoridade da assembleia, entre elas o compromisso de chamá-la regularmente e a impossibilidade de dissolvê-la sem a anuência dos próprios membros do Parlamento (MPs). Carlos I recusou a proposta, encerrou a reunião e perseguiu cinco líderes da oposição. Os conflitos políticos se acirraram, levando à irrupção da Primeira Guerra Civil em 1642, opondo os exércitos dos *cavaliers* regalistas e dos *roundheads* parlamentaristas³³.

1.1.1. Ataques impressos à monarquia carolina

Ao mesmo tempo em que as tropas regalistas e parlamentares se enfrentavam no campo de batalha, a imprensa fervilhava com opiniões a respeito das turbulências experienciadas por

³² CARICCHIO, **Religione, política e commercio**.

³³ O monarca evitava chamar a assembleia desde suas desastrosas reuniões na segunda metade da década de 1620. Na época, Carlos I não conseguira ter a aprovação da liberação de recursos financeiros para suas campanhas militares contra a Espanha e a França. Mas depois de onze anos, em 20 de fevereiro de 1640, o rei se viu forçado a convocar um novo Parlamento na tentativa de arrecadar dinheiro para a supressão da rebelião em curso na Escócia, que reagia às reformas episcopais encabeçadas pelo arcebispo da Cantuária, William Laud. O rei fracassou tanto na campanha militar quanto nas negociações com os MPs. O monarca acabou por dissolver o Parlamento apenas três semanas após tê-lo convocado sem conseguir a aprovação de novos impostos, pois os MPs opunham-se à Guerra dos Bispos e às posturas absolutistas de Carlos I. STONE, Lawrence. **Causas da Revolução Inglesa, 1529-1642**. Bauru: Edusc, 2000; HILL, **O mundo de ponta-cabeça**; HILL, Christopher. **O século das revoluções, 1603-1714**. São Paulo: Unesp, 2012; SCOTT, Jonathan. **England's Troubles: Seventeenth-Century English Political Instability in European Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000; WORDEN, **The English Civil Wars**; OSTRENSKY, **As revoluções do poder**; BRADDICK, M. J. **God's fury, England's fire: a new history of the English civil wars**. Londres: Allen Lane, 2008; RECIO MORALES, Oscar. **Las revoluciones inglesas del siglo XVII y la transformación de las islas británicas**. Madrid: Síntesis, 2015.

homens e mulheres. De início, não se pensava que as Guerras Civis teriam tão longa duração, se estendendo até o final de 1648. Muito menos se cogitava depor, julgar e executar Carlos I, como viria a acontecer em 1649. Quando os MPs reuniram uma milícia para pegar em armas contra o monarca, o fizeram, como declaravam, em defesa do próprio reino e de seu governo. Mesmo que por meio da força, eles tencionavam recompor o equilíbrio do sistema misto, ou, em outras palavras, da soberania do rei *no* Parlamento.³⁴ No entanto, conforme avançavam, os conflitos ampliavam as incertezas com relação ao futuro da Inglaterra. A efervescência de ideias político-religiosas e a profunda agitação social permitiram que novas perspectivas começassem a despontar. Outros sistemas de organização política, que não a monarquia, começaram a ser cogitados de forma mais intensa em meados de 1640. E, uma das primeiras publicações a sugerir abertamente a abolição da monarquia na Inglaterra passou pela livraria de Giles Calvert.³⁵

Com o título de *The Last Warning to all the Inhabitants of London*, o panfleto anônimo defendia a soberania de um Parlamento eleito, em oposição à monarquia hereditária. E exaltava a Câmara dos Comuns, em detrimento da dos Lordes, como a verdadeira base para a preservação do bem público. Com fortes tendências republicanas, o texto reivindicava uma atitude radical por parte dos MPs. Lançado na primavera de 1646, o panfleto se referia diretamente ao momento no qual Carlos I vinha sofrendo diversas derrotas militares e, como resultado, negociava um acordo de paz com os parlamentares.³⁶ No texto, o autor anônimo sugeria que a assembleia tivesse cuidado nesse processo, pois os monarcas jamais fizeram “um ato bom [...] voluntariamente para o Bem do Povo”.³⁷ Ao contrário, a história mostrava que os reis “podiam produzir milhares de Opressões, Assassínatos e outras tiranias”.³⁸ O panfleto, então, alertava que se os MPs tivessem “misericórdia para com o ímpio” governante, acabariam cometendo uma tremenda “crueldade com o bom” povo da Inglaterra.³⁹ Em outras palavras, *The Last Warning* propunha a deposição e subsequente punição de Carlos I pelos crimes que praticou contra seus súditos. O autor anônimo, assim, não buscava uma conciliação, mas sim que as raízes da tirania fossem extirpadas pela raiz.

Tal proposta escandalizou as autoridades, que rapidamente buscaram os responsáveis pela sua publicação. Em 21 de março, a Companhia dos Estacionários, sob as ordens do Parlamento, elegeu os livreiros George Miller e Joseph Hunscomb para fazerem as primeiras buscas nas casas de

³⁴ OSTRENSKY, **As revoluções do poder**.

³⁵ COMO, David R. **Radical parliamentarians and the English Civil War**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

³⁶ ADAMS, David R. "The Secret Printing and Publishing Career of Richard Overton the Leveller, 1644–46". **The Library**, v. 11, n. 1, p. 3–88, 2010; COMO, **Radical parliamentarians**.

³⁷ No original: “one good act [...] voluntarily for Good of the People”. **The last warning to all the inhabitants of London**. [Londres: s. n., 1646], p.1.

³⁸ No original: “may produce thousands of Oppressions, Murthers and other tyrannies”. *Idem, ibidem*.

³⁹ No original: “mercy to the wicked”; “cruelty to the good”. *Idem*, p.4.

diversos impressores e comerciantes de livros.⁴⁰ O episódio não era inédito, mas consideravelmente incomum. Desde 1557, a Companhia atuava como um acessório do governo no controle da imprensa, exigindo o registro prévio das publicações e procedendo contra estacionários que infringissem as normas monopolistas da corporação e as leis do reino. No entanto, não era sempre que as autoridades, de fato, exigiam que os membros da Companhia empreendessem investigações como aquela.⁴¹

A supressão de *The Last Warning*, contudo, parecia ser uma necessidade urgente. O panfleto vinha se alastrando rapidamente, sendo comercializado, inclusive, por pessoas que não faziam parte Companhia dos Estacionários (ou seja, que não estavam formalmente atreladas aos ofícios do mercado livreiro), mas que simpatizavam com as ideias ali expressas. Incomodado com as perigosas declarações de *The Last Warning*, o pastor puritano Thomas Edwards exigiu que atitudes mais rigorosas fossem tomadas contra os “Sectários” que o dispersavam pelo reino. Edwards comentava com preocupação que até mesmo “um certo *Samuel Fulcher*, um Vendedor de ovos”, havia sido flagrado com exemplares da obra.⁴²

Movidos pelas pressões dos parlamentares, os investigadores designados pela Companhia dos Estacionários, Miller e Hunscoth, rapidamente chegaram à livraria de Giles Calvert. Como antigo mestre de Calvert, é possível que Hunscoth já suspeitasse da participação de seu ex-aprendiz na empreitada clandestina. Ao ser identificado, na segunda quinzena de março de 1646, Calvert foi intimado pelo prefeito de Londres, Sir Thomas Adams.⁴³ Quando questionado sobre a origem de *The Last Warning*, o livreiro inicialmente disse desconhecer o nome da pessoa que lhe vendera cerca de 50 a 100 cópias do texto por 15 *pence* cada.⁴⁴ Mas, ao final do depoimento, acabou delatando Richard Overton. A informação seria confirmada ao longo das investigações. Na mesma altura, um aprendiz de livreiro, Henry Cripps, também informou às autoridades que obtivera o panfleto das mãos de Overton, mas declarava não saber muito sobre o homem. Enquanto isso, o livreiro Richard Woodnoth, ao ser flagrado com oito cópias de *The Last Warning*, mencionou outro intermediário para a circulação do panfleto: William Larnier. Ao menos uma dezena de exemplares

⁴⁰ HUNSCOTT, Joseph. **The humble Petition and information of Ioseph Hunscoth Stationer, to both the Honourable Houses of Parliament now assembled.** [Londres, 1646]. PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**; MCELLIGOTT, Jason. “A Couple of Hundred Squabbling Small Tradesmen? Censorship, the Stationers’ Company, and the state in early modern England”. **Media History**, v. 11, n. 1–2, p. 87–104, 2005; ADAMS, “The Secret Printing”; COMO, **Radical parliamentarians.**

⁴¹ KUHLE, Ernest. “The Stationers’ Company and Censorship (1599-1601)”. **The Library**, v. s4-IX, n. 4, p. 388–394, 1928; BLAGDEN, Cyprian. **The Stationers’ Company: a history, 1403-1959.** Londres: Allen & Unwin, 1960; PORTELA, **O comércio da literatura**; CLEGG, **Press Censorship in Caroline England.**

⁴² No original: “Sectaries”; “one *Samuel Fulcher*, an Egg-man”. EDWARDS, **Gangræna**, p.7.

⁴³ “House of Lords Journal Volume 8: 28 March 1646”. In: **Journal of the House of Lords.** Vol. 8: 1645-1647. Londres: His Majesty’s Stationery Office, 1767-1830, pp.244-245. Disponível online em **British History Online:** <<http://www.british-history.ac.uk/lords-jrnl/vol8/pp241-245>>, acessado em 17/02/2022.

⁴⁴ Cerca de £9 nos dias de hoje.

do texto foi encontrada na livraria sob o signo da Bíblia (*Bible*) de Larner, um estacionário puritano que havia feito parte do exército parlamentar nos primeiros anos da Guerra Civil.⁴⁵ Larner se recusou a responder às perguntas das autoridades, mas sua própria atitude denunciava suas associações. Como observado por Hunscomb, Larner declarava na “Linguagem de *Lilborne*”⁴⁶ que, como súdito livre, tinha a liberdade de “não ser obrigado a acusar a si mesmo.”⁴⁷

A fala de Larner evocava alguns dos princípios defendidos pelos levellers, movimento no qual Lilburne e Overton tiveram centralidade. Eles defendiam, entre outras coisas: a abolição da Câmara dos Lordes, mantendo apenas os Comuns no Parlamento; a substituição do regime monárquico por um governo representativo, estabelecido por meio do consentimento do povo; a tolerância religiosa; o sufrágio masculino; e a igualdade entre os cidadãos perante as leis. Tais ideias ameaçavam toda a estrutura de poder na qual a Inglaterra se fundamentava. Contrariando não apenas o direito divino dos reis, mas elogiando a soberania popular, propostas como as de *The Last Warning* foram combatidas pelas autoridades com vigor.⁴⁸

Houve grande empenho na localização e captura de Richard Overton. Mas ele só foi encontrado em agosto de 1646, o que lhe rendeu tempo o suficiente para alimentar o mercado livreiro com uma segunda edição de *The Last Warning*. Como demonstrado pelas pesquisas de David Adams e David Como, Richard Overton não havia apenas redigido o panfleto, mas realizado ele mesmo a sua impressão. Embora não fosse membro da Companhia dos Estacionários, nem tivesse passado por qualquer aprendizado a respeito das artes tipográficas, o leveller adquiriu uma prensa clandestinamente por volta de 1644. Com ela, confeccionou uma série de textos clandestinos de autoria própria, bem como de outras lideranças do movimento, entre elas, William Walwyn e John Lilburne.⁴⁹

Tendo comprovado que não fizera mais do que vender algumas cópias de *The Last Warning*, Giles Calvert não recebeu a mesma punição de Richard Overton, que foi levado para a prisão. Em liberdade, o livreiro da *Black Spread Eagle* parece ter se mantido próximo dos levellers e de outros movimentos radicais do contexto revolucionário. E, com o passar de 1647, Calvert não voltaria a ser censurado pela comercialização de textos antimonarquistas até a Restauração de 1660. Ao final

⁴⁵ "House of Lords Journal Volume 8: 28 March 1646"; "House of Lords Journal Volume 8: 7 April 1646". In: **Journal of the House of Lords**. Vol. 8, pp.256-258. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/lords-jrnl/vol8/pp256-258>>, acessado em 24/02/2022; COMO, **Radical parliamentarians**.

⁴⁶ No original: “*Lilbornes Language*”. HUNSCOTT, Joseph. **The humble Petition**, p.6.

⁴⁷ No original: “not be compelled to accuse himself.” "House of Lords Journal Volume 8: 28 March 1646".

⁴⁸ FOXLEY, Rachel. **The Levellers: radical political thought in the English Revolution**. Manchester: Manchester University Press, 2013; REES, John. **The Leveller Revolution: Radical Political Organisation in England, 1640-1650**. Londres: Verso, 2016; COMO, **Radical parliamentarians**.

⁴⁹ "House of Lords Journal Volume 8: 11 August 1646". In: **Journal of the House of Lords**. Vol. 8, p.457. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/lords-jrnl/vol8/pp457-459>>, acessado em 17/02/2022; COMO, **Radical parliamentarians**; ADAMS, "The Secret Printing".

do ano de 1647, as disputas políticas se reacenderam com os chamados Debates de Putney. Na ocasião, parlamentares e oficiais do Exército de Novo Tipo (*New Model Army*)⁵⁰, entre os quais se encontravam diversos radicais oriundos de grupos político-religiosos como os levellers, se reuniram na igreja de St. Mary em Putney para discutir os termos que seriam oferecidos a Carlos I para que os conflitos militares fossem encerrados. Entre as acaloradas deliberações, havia declarações similares às de *The Last Warning*, que consideravam que o rei deveria ser responsabilizado por suas ações e defendiam a organização de um governo mais participativo. Foi dentro dessas discussões que uma das primeiras versões do projeto constitucional dos levellers, o *Agreement of the People*, surgiu. Todavia, as propostas acordadas foram mais moderadas. Elas demandavam, sobretudo, que o rei convocasse reuniões do Parlamento a cada dois anos, ampliasse a liberdade religiosa para protestantes e deixasse, ainda que de forma temporária, o controle do exército sob as mãos dos parlamentares.⁵¹

Como Overton havia desconfiado em *The Last Warning*, Carlos I não demonstrou interesse em discutir as questões levantadas nos Debates de Putney. Ao contrário, o rei fez um acordo sigiloso com os escoceses, no qual prometia apoiar o presbiterianismo – desistindo das reformas episcopais que havia iniciado com Laud anteriormente –, em troca de auxílio militar. O monarca conseguiu fugir para a Escócia e organizar tropas para invadir a Inglaterra. A ação de Carlos I foi vastamente reprovada. A partir de 1648, múltiplas petições foram direcionadas ao Parlamento e também à imprensa a fim de discutir os próximos passos da nova guerra contra o rei. Com forte teor antimonarquista, algumas das petições solicitavam que o rei fosse levado à justiça. A livraria de Giles Calvert publicou diversos desses textos. Em outubro de 1648, por exemplo, a *Black Spread Eagle* lançou uma petição elaborada por habitantes do condado de Leicester. Apresentado ao Parlamento no início desse mesmo mês, o texto exprimia profunda desconfiança do caráter de Carlos I, demandando que os parlamentares abandonassem qualquer pretensão de negociar com o

⁵⁰ O Exército de Novo Tipo foi fundado em 1645. Distinguiu-se de outras organizações militares pela independência de poderes políticos, visto que seus oficiais não faziam parte do Parlamento; e pelas possibilidades de ascensão por mérito, diminuindo a importância das distinções sociais e nobiliárquicas na hierarquia das tropas. Por essas razões, perspectivas radicais tinham grande aderência entre o *New Model Army*. Comandado pelo general Thomas Fairfax, a longo do contexto revolucionário, o Exército de Novo Tipo acumulou vitórias. Seus sucessos levaram-no a se tornar um poder autônomo, que passou a pressionar o Parlamento em defesa de suas próprias demandas, como a assiduidade no pagamento de seus salários e a manutenção das tropas mesmo depois do fim dos conflitos armados. Sobre isso, ver, entre outros: HILL, **O mundo de ponta-cabeça**; GENTLES, Ian; MORRILL, John; WORDEN, Blair (orgs.), **Soldiers, writers, and statesmen of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998; WORDEN, **The English Civil Wars**.

⁵¹ WORDEN, **The English Civil Wars**; VERNON, Elliot; BAKER, Philip. "What was the first 'Agreement of the People?'" **The Historical Journal**, v. 53, n. 1, p. 39–59, 2010; BAKER, Philip; VERNON, Elliot; **The agreements of the people, the Levellers, and the constitutional crisis of the English Revolution**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2012; ROBERTSON, Geoffrey. **The Putney debates: the Levellers**. Londres: Verso, 2018; OSTRENSKY, Eunice. "Teóricos políticos e propostas constitucionais na Inglaterra (1645-1669)". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 98, pp.1-17, 2018.

rei. Ao invés disso, os peticionários exigiam que Carlos I fosse responsabilizado por “essas Guerras intestinas e devastadoras”⁵².

Ao final de 1648, quando foi novamente capturado pelas tropas parlamentares, o rei se encontrava em condições menos favoráveis do que nas primeiras fases de negociação. Petições como a dos habitantes de Leicestershire refletiam uma mudança de atitude com relação à sacralidade do rei. Exigia-se que ele fosse tratado como um “homem de sangue”, que deveria ser criminalmente penalizado pelas violentas Guerras Civis.⁵³ O discurso de petições e panfletos radicais acabou por justificar o subsequente golpe provocado pelos militares. Temendo que MPs moderados permitissem que Carlos I fosse restaurado sem acatar as pautas debatidas desde o início do contexto revolucionário, alguns comandantes do exército decidiram impedir a entrada de ao menos 140 parlamentares no Palácio de Westminster. Apenas uma pequena parcela da assembleia, o “Rabo do Parlamento” ou *Rump Parliament*⁵⁴, pode deliberar sobre o futuro de sua relação com o monarca. Com o golpe militar, o diálogo e a negociação foram descartados, os MPs reunidos optaram por julgar Carlos I por suas transgressões.⁵⁵

Em janeiro de 1649, o Supremo Tribunal de Justiça foi convocado para examinar os crimes do rei.⁵⁶ As peças acusatórias se empenharam em legitimar o julgamento ao mesmo tempo em que tentavam dessacralizar a figura do soberano que ocupava o banco dos réus. Nesse processo, havia uma deliberada recusa a utilizar o título régio “Carlos I”. Os apoiadores do tiranicídio optavam por se referir ao monarca por seu nome de batismo, Carlos Stuart, tal como o fariam como um homem ordinário. Já seu crime, apontavam as acusações, não era nem um pouco comum. Carlos Stuart havia travado uma guerra contra seus próprios súditos, derramando o sangue do povo ao qual devia

⁵² No original: “these intestine and devouring Wars”. **The humble petition of the committee, gentry, ministry, and other the inhabitants of the county of Lejcester as it was presented to the right honorable the Commons assembled in Parliament; October 2. 1648.** Londres: Giles Calvert, 1648. p.3. A cópia de Thomason data de 8 de outubro.

⁵³ CRAWFORD, Patricia. "Charles Stuart, That Man of Blood". **Journal of British Studies**, v. 16, n. 2, p. 41–61, 1977; MAHLBERG, Gaby. "Charles Stuart as Office-Holder: On Regicides and Monarchical Republicans". In: PANKRATZ, Anette; VIOL, Claus-Ulrich (orgs.). **(Un)Making the Monarchy**. Heidelberg: Winter, 2017; CARLIN, Norah. **Regicide or revolution? What petitioners wanted, September 1648 - February 1649.** Londres: Breviary Stuff Publications, 2020.

⁵⁴ O nome “Rump” foi cunhado por regalistas para se referirem de forma pejorativa à assembleia pós-Expurgo de Pride. SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. "John Rogers, William Prynne e a Good Old Cause: um debate em torno de um conceito político durante a Revolução Inglesa". **Hydra**, v. 1, n. 1, p. 98–117, 2016; MAYERS, Ruth E. **1659: The crisis of the commonwealth.** Woodbridge: Royal Historical Society; Boydell & Brewer, 2004.

⁵⁵ UNDERDOWN, David; **Pride's Purge: Politics in the Puritan Revolution.** Oxford: Clarendon Press, 1971; HILL, **O mundo de ponta-cabeça**; HILL, **O século das revoluções**; SCOTT, **England's Troubles**; SCOTT, Jonathan. **Commonwealth principles: republican writing of the English revolution.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004; KEEBLE (org.), **The Cambridge Companion**; WOOLRYCH, Austin. **Britain in revolution, 1625-1660.** Oxford: Oxford University Press, 2002; OSTRENSKY, **As revoluções do poder**; FARR, David. **Henry Ireton and the English Revolution.** Woodbridge: Boydell Press, 2006; BRADDICK. **God's fury, England's fire**; WORDEN, **The English Civil Wars**; CARLIN, **Regicide or revolution?**

⁵⁶ “The Act erecting a High Court of Justice for the King's Trial”. In: GARDINER, S. R. (org.). **The Constitutional Documents of the Puritan Revolution, 1625-1660.** Oxford: Clarendon Press, 1899.

proteção. Ao fazê-lo, o governante havia violado os direitos fundamentais dos ingleses à preservação de suas vidas, liberdades e posses. Tal ação convertia o monarca em um tirano que, ao descumprir suas atribuições, incorria em traição.⁵⁷ O tribunal o considerou culpado e o condenou à morte por decapitação.⁵⁸

1.1.2. Da propaganda oficial à publicação ilegal

O episódio inédito foi seguido por uma execução pública em 30 de janeiro de 1649. Carlos I foi levado a um patíbulo erigido em frente à *Banqueting House* do Palácio de Whitehall. Em suas últimas palavras, declarou que partia “de uma Coroa corruptível para uma incorruptível; onde não pode haver nenhuma perturbação, nenhuma perturbação no mundo.”⁵⁹ O teatro político performado naquela ocasião foi reensaiado em panfletos, jornais, baladas, gravuras e livros, que rapidamente escoaram por todas as partes do reino. O discurso proferido antes do suplício foi publicado naquele mesmo 30 de janeiro. Poucos dias depois, no início de fevereiro, regalistas lançaram a primeira edição de *Eikon Basilike* (“A Imagem do Rei”), uma meditação espiritual e uma narrativa das provações enfrentadas pelo monarca desde a convocação do Parlamento em 1640 até sua captura e prisão.⁶⁰

Com um tom martirológico⁶¹, *Eikon Basilike* funcionava como uma potente propaganda regalista que podia colocar em risco o governo que começava a ser organizado. Por essa razão, o Conselho do Estado, erigido pelo *Rump* logo após a execução do rei, rapidamente “Ordenou, Que o Sargento de Armas fosse nomeado para Suspende, e apreender [...] todos aqueles Livros em

⁵⁷ CRAWFORD, "Charles Stuart, That Man of Blood"; PEACEY, Jason (org.). **The regicides and the execution of Charles I**. Nova York: Palgrave, 2001; DZELZAINIS, Martin. "Anti-monarchism in English Republicanism". In: GELDEREN, Martin van; SKINNER, Quentin (orgs.). **Republicanism: A Shared European Heritage**. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2002; OSTRENSKY, **As revoluções do poder**; MAHLBERG, "Charles Stuart as Office-Holder"; CARLIN, **Regicide or revolution?**

⁵⁸ "The king's reasons for declining the jurisdiction of the High Court of Justice" e "The Sentence of the High Court of Justice upon the king". In: GARDINER (org.). **The Constitutional Documents**; Parliamentary Archives. **Death Warrant of King Charles I**, 29 January 1649. Reference Number: HL/PO/JO/10/1/297A; **King Charls his tryal: or A perfect narrative of the whole proceedings of the High Court of Iustice in the tryal of the King in Westminster Hall. Begun Saturday January 20. and ended on Saturday Jan. 27. 1648**. Londres: Peter Cole; Francis Tyton; John Playford, 1649.

⁵⁹ No original: "from a corruptible to an incorruptible Crown; where no disturbance can be, no disturbance in the world." **King Charls his speech made upon the scaffold at Whitehall-gate, immediately before his execution, on Tuesday the 30 of Ian. 1648. Published by special Authority**. Londres: Peter Cole, 1649. p. 7.

⁶⁰ No original: "Even those who were absent could envision the political theater of the king's trial and execution, whether by reading published accounts disseminated through pamphlets and newsbooks or by collecting any number of commemorative objects produced in the wake of the king's death." KOSCAK, Stephanie E. **Monarchy, Print Culture, and Reverence in Early Modern England: Picturing Royal Subjects**. Londres: Routledge, 2020, p. 35.

⁶¹ *Idem*, p. 36.

impressão agora ou já impressos sob o Nome do Livro do falecido Rei.”⁶² Ao longo de 1649, houve grande esforço para censurar *Eikon Basilike* e a persistente emissão de obras regalistas, o que desembocou na prisão de diversos impressores e livreiros monarquistas.⁶³

Ainda assim, ao menos 39 edições de *Eikon Basilike* foram efetivamente publicadas apenas no ano de 1649, ajudando a manter vivas as expectativas pela volta da monarquia entre os fiéis súditos dos Stuarts.⁶⁴ Como reação, o Conselho de Estado procurou comissionar uma resposta oficial, que pudesse conferir a legitimidade da execução de Carlos I e da instituição do regime republicano. O poeta John Milton, que ocupava o posto de Secretário de Línguas Estrangeiras, foi escolhido para isso. Embora sua principal atribuição fosse traduzir a correspondência internacional e diplomática do Estado, o cargo também implicou na produção de textos voltados para a promoção do novo regime. Antes mesmo de ter sido nomeado como Secretário, o poeta já havia demonstrado seu posicionamento político. Em fevereiro de 1649⁶⁵, apresentou uma teoria da revolução em seu *The Tenure of Kings and Magistrates*⁶⁶, justificando que era lícito “denunciar um Tirano, ou REI perverso, e depois da devida convicção, depô-lo, e matá-lo”.⁶⁷

Ao ser solicitado pelo Conselho de Estado, Milton publicou *Eikonoklastes* (“Iconoclasta”) em outubro de 1649.⁶⁸ Na obra, o autor se preocupou em refutar cada um dos capítulos de *Eikon Basilike*, citando diversos trechos do livro do rei para, em seguida, respondê-los.⁶⁹ De fato, a estratégia era perspicaz, tendo em vista que o Conselho do Estado não conseguia suprimir a circulação da obra. Melhor, então, era mostrar ao público que “A Imagem do Rei” era enganosa. Se *Eikon Basilike* afirmava que Carlos I apenas buscava restaurar as leis e as liberdades de seus súditos, *Eikonoklastes* apontava que o monarca era aquele quem mais a infringia, abusando de seu poder de forma arbitrária e, posteriormente, invadindo a Inglaterra com o exército escocês. De

⁶² No original: “Ordered, That the Serjeant at Arms be appointed to make Stay of, and seize [...] all those Books now printing or printed under the Name of the Book of the late King.” “House of Commons Journal Volume 6: 16 March 1649” In: **Journal of the House of Commons**. Vol. 6: 1648-1651. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1802, p.166. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/commons-jrnl/vol6/pp165-166>>, acessado em 07/03/2022.

⁶³ MCELLIGOTT, **Royalism, print and censorship**, p. 131.

⁶⁴ LACEY, Andrew. **The cult of King Charles the martyr**; Woodbridge: Boydell Press, 2003; MCELLIGOTT, **Royalism, print and censorship**; KOSCAK, **Monarchy, Print Culture, and Reverence**.

⁶⁵ A cópia de Thomason data de 13 de fevereiro de 1649.

⁶⁶ OSTRENSKY, **As revoluções do poder**, p. 151–153; KHAN, Victoria. “The metaphorical contract in Milton's *Tenure of Kings and Magistrates*”. In: ARMITAGE, David; HIMY, Armand; SKINNER, Quentin (orgs.). **Milton and republicanism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 99.

⁶⁷ No original: “to call to account a Tyrant, or wicked KING, and after due conviction, to depose, and put him to death; if the ordinary MAGISTRATE have neglected, or deny'd to doe it.” MILTON, John. **The Tenure of Kings and Magistrates**. Londres: Matthew Simmons, 1649.

⁶⁸ A primeira edição de George Thomason foi datada de 6 de outubro de 1649.

⁶⁹ Prática comum entre polemistas. Ver: LANDER, **Inventing polemic**.

acordo com o autor, Carlos Stuart não era um mártir, mas sim um tirano, cuja imagem não deveria ser adorada, e sim destruída.⁷⁰

Eikonoklastes foi impresso por Thomas Newcomb, apoiador de longa data do Parlamento que, e um importante parceiro comercial de Giles Calvert. Nos anos 1650, Newcomb acabou por produzir muitas das obras oficiais da república, bem como dos textos de Milton.⁷¹ *Eikonoklastes*, contudo, não teve o sucesso comercial planejado porque, como apontado por Joad Raymond, o estilo de Milton era complexo e esperava que os leitores dessem muita “atenção a detalhes minuciosos” e realizassem “amplos raciocínios”.⁷² Mesmo assim, houve uma segunda edição do texto. Lançada em 1650, a obra foi publicada por dois antigos aprendizes de Giles Calvert que, ainda há pouco, haviam adquirido seus privilégios para atuar como livreiros, Thomas Brewster e Gregory Moule.

Thomas Newcomb, Thomas Brewster e Gregory Moule desenvolveram profícuos laços editoriais e comerciais com Giles Calvert ao longo de toda a década de 1650. Juntos, os estacionários lançaram diversas obras em defesa do regime, muitas das quais foram oficialmente comissionadas pelo Estado. Tais publicações eram importantes porque, apesar de a execução de Carlos I ter findado as Guerras Cívicas na Inglaterra, o episódio não encerrou as turbulências em curso. As ações do *Rump*, que conduziram à deposição do monarca, não tiveram unânime aceitação entre a população. Além dos regalistas, assombrados com os planos para assassinar o soberano, radicais como os levellers se incomodaram com o fato de o Parlamento não ter se dissolvido depois das deliberações. Esperava-se que houvesse novas eleições para a assembleia, mas, ao invés disso, os parlamentares pareciam agir com tanta arbitrariedade quanto o rei ao qual executaram, negando-se a deixar o poder e declarar eleições livres. Outro grupo, os diggers, que se autoproclamavam como os “verdadeiros levellers”, demandavam a abolição da propriedade e a redistribuição das terras. Enquanto isso, quakers se recusavam a aceitar qualquer autoridade civil ou religiosa, desafiando tanto as ordenações do Parlamento, quanto a ortodoxia puritana que a Assembleia dos Teólogos tentava instituir desde sua fundação em 1643.⁷³

Tais agitações e crises faziam com que os debates públicos continuassem acirrados. E o novo governo inglês não parecia conseguir refrear as constantes atividades da imprensa. Logo em 1649, a república promulgou um decreto para suprimir a circulação de textos regalistas e oposicionistas, o *Act Against Unlicensed and Scandalous Books* de 1649, renovado em 1651 e 1653.

⁷⁰ MILTON, John. **Eikonoklastēs in answer to a book intitl'd Eikōn basilikē, the portrature of his Sacred Majesty in his solitudes and sufferings. Published by authority.** Londres: Matthew Simmons, 1649, p.174.

⁷¹ PLOMER, A **Dictionary of the Booksellers and Printers.**

⁷² No original: “attention to minute details” “broad sweeps of reasoning”. RAYMOND, Joad. “The Literature of Controversy”. In: CORNS, Thomas N. (org.). **A companion to Milton.** Oxford: Blackwell Publishers, 2001, p. 206.

⁷³ WORDEN, **The English Civil Wars**; RECIO MORALES, **Las revoluciones inglesas.**

Além disso, o governo reforçou a autoridade da Companhia dos Estacionários para fiscalizar o mercado livreiro. O Ato também declarou a supressão de todos os jornais, incluindo aqueles previamente autorizados, invalidando as licenças conferidas anteriormente. As notícias passaram a depender de autorização oficial do Parlamento, dos militares e da Companhia. E todo estacionário precisou demonstrar seu comprometimento com o regime por meio de uma carta de fiança (*bond*) no valor de £300, na qual confirmava sua observância às leis instituídas. Mas, para além disso, o governo percebia a necessidade de estabelecer uma ampla propaganda favorável ao Estado.⁷⁴

Isso ficou especialmente evidente depois que o general John Thurloe foi indicado para ocupar o posto de Secretário de Estado. Voltando sua atenção para a imprensa, em maio de 1653, ele foi incumbido de nomear um novo impressor para o Conselho do Estado.⁷⁵ As minutas oficiais informavam que Thurloe escolheria entre Giles Calvert, Thomas Brewster, Robert Ibbitson e Henry Hills. Para fazer sua deliberação, o Secretário atribuiu diversas publicações aos quatro estacionários. Depois de avaliá-las, ele consideraria qual era o sujeito “mais adequado para esse serviço.”⁷⁶ Tanto Calvert quanto seu ex-aprendiz Brewster já haviam se estabelecido como profícuos publicadores de material antimonarquista desde o início do contexto revolucionário, auxiliando no processo de destituição da sacralidade da imagem do rei. Assim, não parece estranho que o General Thurloe pudesse considerá-los como boas alternativas para o desenvolvimento da comunicação oficial. Da mesma forma, os impressores Robert Ibbitson e Henry Hills também haviam contribuído fortemente para a causa do Parlamento. Ibbitson havia participado da publicação de *Perfect Occurrences*, jornal de tendência parlamentarista.⁷⁷ E Hills chegara, inclusive, a integrar as tropas militares.⁷⁸ Em 1647, foi nomeado pelo Major Thomas Harrison como impressor

⁷⁴ COUNCIL OF STATE. "September 1649: An Act against Unlicensed and Scandalous Books and Pamphlets, and for better regulating of Printing". In: FIRTH, C. H; RAIT, R. S. (eds.). **Acts and Ordinances of the Interregnum, 1642-1660**. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1911), pp.245-254. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/no-series/acts-ordinances-interregnum/pp245-254>>, acessado em 16/03/2022; SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; MCELLIGOTT, **Royalism, print and censorship**; CLEGG, **Press Censorship in Caroline England**.

⁷⁵ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; COUNCIL OF STATE. "An Act for reviving of a former Act, Entituled, 'An Act against Unlicensed and Scandalous Books and Pamphlets, and for Regulating of Printing', with some Additions and explanations". In: FIRTH; RAIT, S. R. (eds). **Acts and Ordinances**, pp. 696-699. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/no-series/acts-ordinances-interregnum/pp696-699>>, acessado em 16/03/2022.

⁷⁶ No original: “most fit for that service”. PRO SP25/69/47.

⁷⁷ WOODFORD, Benjamin. "Developments and Debates in English Censorship during the Interregnum". **Early Modern Literary Studies**, v. 17, n. 2, p. 1–21, 2014.

⁷⁸ PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**; RAYMOND, Joad (org.), **News, newspapers, and society**; TUBB, Amos. "Independent Presses: The Politics of Print in England During the Late 1640s". **The Seventeenth Century**, v. 27, n. 3, p. 287–312, 2012.

oficial do Exército de Novo Tipo, o que o levou a acompanhar os soldados, transportando uma prensa para confeccionar os panfletos que serviriam como propaganda antimonarquista.⁷⁹

Por suas afinidades no campo político, Giles Calvert, Thomas Brewster, Robert Ibbitson e Henry Hills já estavam habituados a trabalhar juntos. De fato, Brewster, Ibbitson e Hills estiveram entre os principais parceiros editoriais e comerciais de Calvert, compartilhando a publicação de dezenas de panfletos entre as décadas de 1640 e 1650. Entre maio e outubro de 1653, suas colaborações se tornaram mais constantes devido às demandas do Conselho de Estado. Ao menos 25 textos foram oficialmente publicados por Giles Calvert, Thomas Brewster, Robert Ibbitson e Henry Hills nesse período. Desses, cerca de 17 títulos foram produzidos em colaboração entre dois ou três deles, sobretudo entre Hills, Brewster e Calvert.

Interessante observar que esses textos oficiais diferiam das obras comumente produzidas e comercializadas por esses sujeitos, sobretudo no que diz respeito aos formatos escolhidos e ao estilo das composições tipográficas. Os quatro estacionários costumavam publicar gêneros baratos, majoritariamente, panfletos em quartos, oitavos ou duodécimos. Ainda que livros mais longos também fossem confeccionados por eles, poucos eram impressos em fólhos. A prevalência de formatos menores, nos quais as folhas de papel utilizadas eram dobradas sucessivas vezes para que a maior parte do espaço em branco fosse ocupado pela mancha das páginas, demarca a importância dos *little jobs* para os agentes do mercado livreiro. Grandes empreitadas poderiam ser valiosas, mas, em geral, consumiam excessivamente os materiais, o tempo e o espaço das oficinas tipográficas e casas livreiras. As obras curtas, de rápida e fácil vendagem, eram as que mais moviam as atividades de impressores e livreiros.⁸⁰

A comunicação oficial do Conselho do Estado também era breve porque, em geral, a imprensa era mobilizada para fazer circular os decretos, as declarações e os discursos. Embora houvesse uma quantidade significativa de quartos entre os impressos oficiais do governo, a maioria dos textos era produzida em *broadshets*, fólhos nos quais apenas um lado do papel era impresso. O verso ficava livre porque os textos seriam afixados em lugares públicos, como igrejas e tavernas.⁸¹ Além do formato, é interessante observar que nas obras oficiais, os novos símbolos do governo se faziam constantemente presentes. As folhas de rosto dos quartos e o cabeçalho das *broadshets* eram adornados com o brasão da república, formado pela cruz de São Jorge, representando a Inglaterra;

⁷⁹ PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**; GADD, I. "Hills, Henry, senior (c. 1625–1688/9), printer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-13322>>, acessado em 23/02/2022.

⁸⁰ RAYMOND, **Pamphlets and pamphleteering**; STALLYBRASS, Peter. "'Little jobs': broadsides and the printing revolution". In: BARON, Sabrina Alcorn (org.). **Agent of Change**: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein. Amherst: University of Massachusetts Press, 2007.

⁸¹ PETTEGREE, Andrew (org.). **Broadshets**: single-sheet publishing in the first age of print. Leiden: Brill, 2017.

e a harpa, símbolo da Irlanda, que havia sido assegurada como domínio inglês nas campanhas lideradas por Cromwell entre 1649 e 1653 (ver *Figura 1*). As armas da república podiam, inclusive compor outros elementos tipográficos utilizados nas impressões, como é o caso do factótum que adorna a inicial “A” na primeira página de *A Declaration and Order of his Excellency the Lord General Cromwell and his Council of Officers* de junho de 1653 (*Figura 2*).

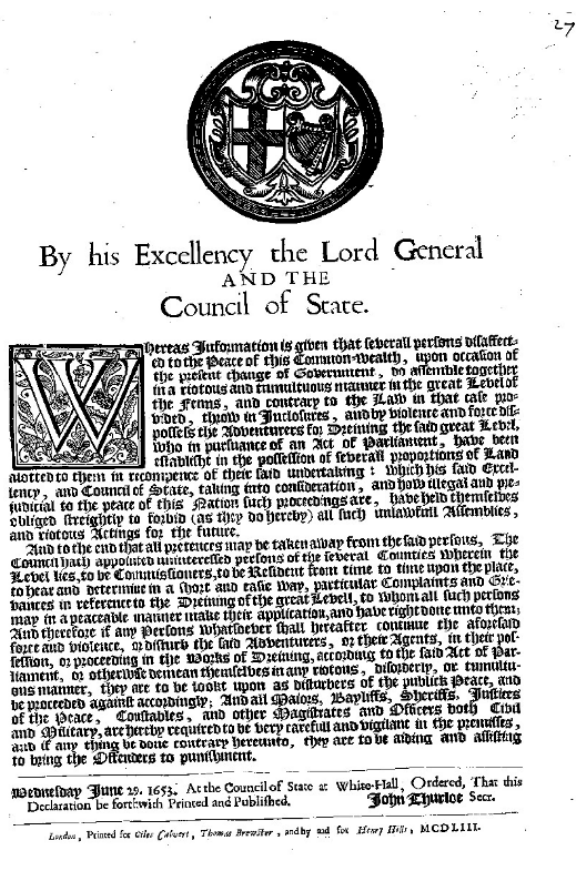
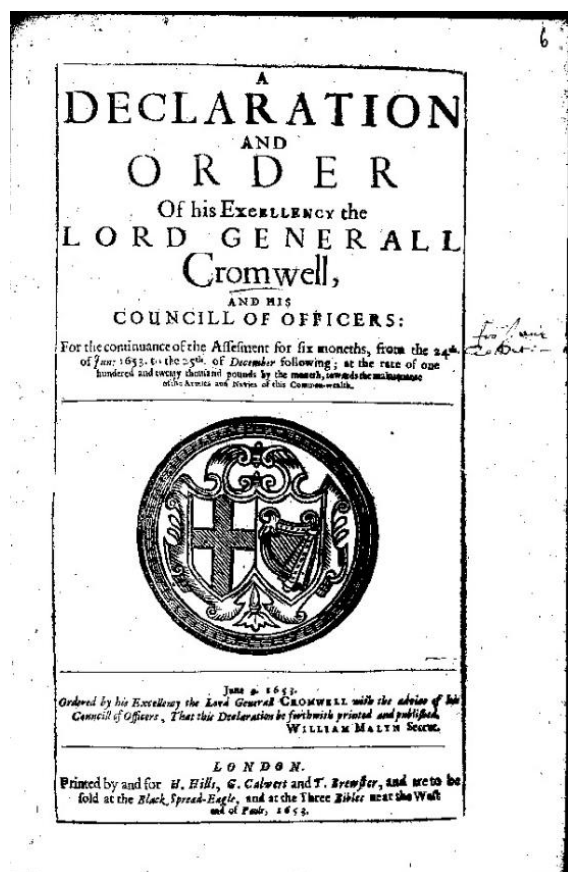


Figura 1: Quarto (esquerda) e broadsheet (direita) com as armas da commonwealth (1653).⁸²

⁸² British Library, E.1062[2] via EEBO; British Library, 669.f.17[27] via EEBO.

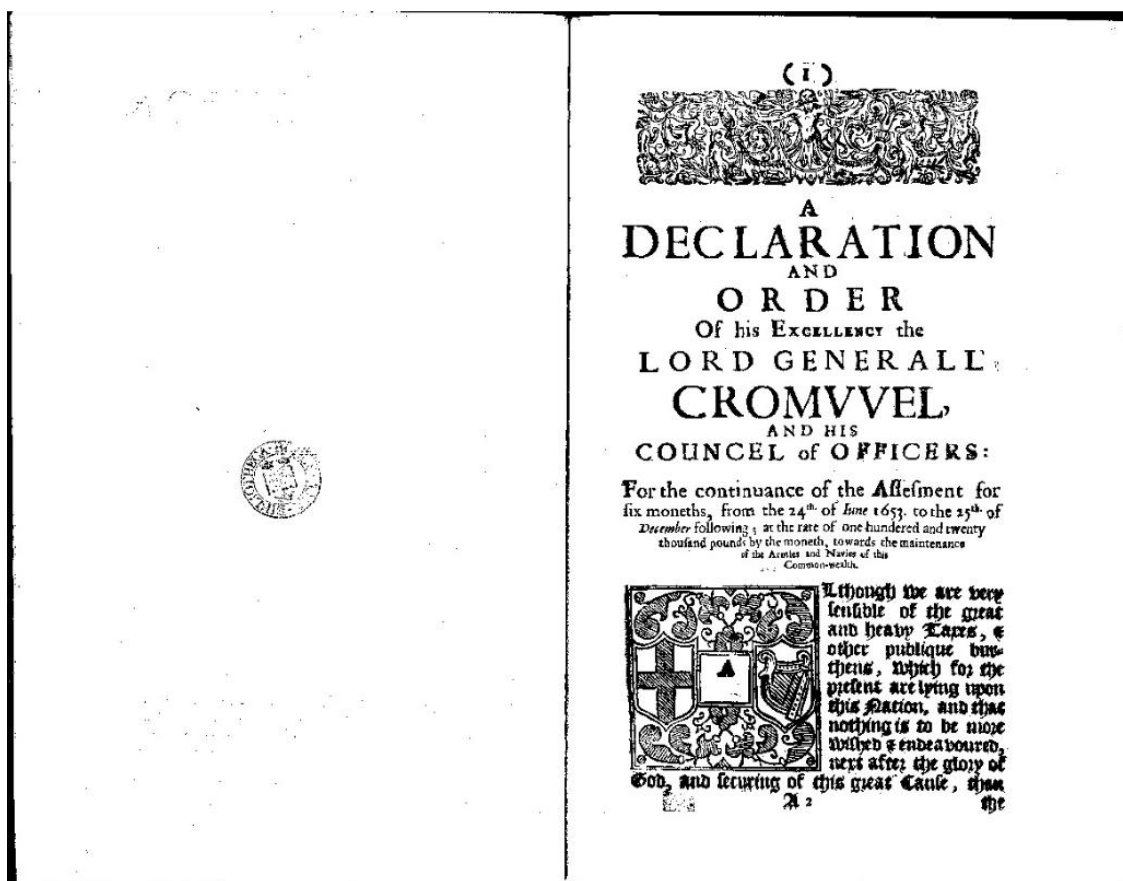


Figura 2: A Declaration and Order of his Excellency the Lord General Cromwell and his Council of Officers (1653).⁸³

Nenhum desses elementos tipográficos aparece em outras publicações de Giles Calvert, Thomas Brewster, Robert Ibbitson e Henry Hills. Fica claro que esses símbolos eram mobilizados exclusivamente para demarcar a oficialidade das publicações do governo, permitindo uma identificação gráfica do tipo de discurso. Pelo mesmo motivo, essas publicações também contam com frequente uso dos tipos góticos, como pode ser visto nas *Figura 1* *Figura 2*. Também chamado de “*black letter*”, devido à intensidade da mancha de tinta resultante da sua impressão, o gótico foi um dos primeiros tipos a serem usados nas prensas porque emulavam as letras dos manuscritos. Com o desenvolvimento dos tipos romanos e itálicos, contudo, seu uso foi se tornando menos frequente. Na Inglaterra seiscentista, impressões em gótico costumavam acontecer, sobretudo, na confecção de documentos de autoridades, como decretos dos governos, livros de Direito ou mesmo em Bíblias. Embora tal evidência possa, muitas vezes, levar a associações entre o uso da *black letter* e gêneros textuais elevados, é preciso considerar que também havia uma profícua mobilização do gótico em textos baratos, como baladas, *chapbooks*, abecedários, gramáticas ou catecismos. Uma das hipóteses para esse fenômeno é a de que, na Época Moderna, a *black letter*

⁸³ British Library, E.1062[2] via EEBO, p. 1.

tivesse maior legibilidade em comparação a outras fontes disponíveis nas tipografias da época. Já que imitava manuscritos, é possível o público leitor estivesse mais habituado a compreender as letras góticas ao invés das romanas e, por isso, os impressores optassem por utilizá-la em obras destinadas às camadas populares.⁸⁴

Essas constatações nos permitem fazer algumas inferências a respeito da materialidade dos decretos, das cartas e dos demais ofícios da república, publicados por Hills, Calvert, Ibbitson e Brewster em 1653. Podemos considerar que a prevalência da *black letter* poderia ter uma dupla função. Por um lado, o tipo poderia ser mobilizado como uma estratégia para garantir a leitura e o entendimento dos seus conteúdos entre pessoas dos mais diversos níveis de letramento. O governo tinha interesse em organizar uma comunicação política prolífica, de ampla difusão e com profunda penetração na sociedade. Os panfletos e *broadshets* produzidos por Calvert Ibbitson, Brewster e Hills pareciam cumprir essa função. Por outro lado, o gótico poderia ter sido utilizado como forma de distinguir os textos oficiais das demais obras lançadas por esses sujeitos, nas quais o recurso a essa fonte tipográfica era pouco comum. Reforçado pelas armas da república, o uso da *black letter* ajudaria a caracterizar uma apresentação material da comunicação oficial do Estado, que poderia ser reconhecível mesmo por iletrados.



Após cinco meses de deliberação, o General Thurloe escolheu Henry Hills para ocupar o posto de impressor oficial. Somando-se a ele, o impressor John Field, que desde 1649 já atuava junto ao Parlamento, também foi comissionado para produzir a comunicação do governo.⁸⁵ Não há, contudo, qualquer documento que indique as razões pelas quais Thurloe optou por Hills. Na verdade, os nomes de Giles Calvert, Thomas Brewster e Robert Ibbitson simplesmente desaparecem dos *imprints* de obras das autoridades sem qualquer dispensa oficial. O episódio foi frequentemente mencionado em notas biográficas sobre os estacionários, mas as pesquisas, em geral, não tentam explicar o fim desse breve período de oficialidade de Calvert, Brewster e Ibbitson. A questão nos parece instigante, sobretudo, quando temos em vista que pouco depois da atuação

⁸⁴ Sobre essa discussão ver, entre outros: THOMAS, Keith. "The Meaning of Literacy in Early Modern England". In: BAUMANN, G. (org.). **The Written World: Literacy in Transition**. Oxford: Clarendon Press, 1986; WATT, Tessa. **Cheap Print and Popular Piety, 1550-1640**, Cambridge: Cambridge University Press, 1996; LESSER, Zachary. "Typographic Nostalgia: Playreading, Popularity, and Black Letter". In: STRAZNICKY, Marta (org.). **The Book of the Play: Playwrights, Stationers, and Readers in Early Modern England**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2006; WERNER, Sarah. **Studying Early Printed Books, 1450-1800**. A Practical Guide. West Sussex: Wiley Blackwell, 2019.

⁸⁵ PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**.

junto ao Conselho do Estado, esses mesmos sujeitos se tornariam alvos frequentes de investigação e perseguição por parte das autoridades.

A ausência de algum tipo de relatório de Thurloe acerca do desempenho dos estacionários faz com que nossas reflexões sobre o tema sejam limitadas, mas, ainda assim, vale fazer aqui algumas elocubrações. Em primeiro lugar, cabe destacar e distinguir uma questão fundamental: Giles Calvert e Thomas Brewster eram livreiros, enquanto Robert Ibbitson e Henry Hills eram impressores. Essa diferenciação não era mera formalidade no mercado livreiro londrino dos seiscentos, mas designava o ofício específico que os agentes em questão tinham autorização para exercer, conforme seus registros na Companhia dos Estacionários. Calvert e Brewster podiam trabalhar como editores, publicando e vendendo materiais impressos. Já Ibbitson e Hills passaram por um período de aprendizagem que envolvia a manipulação de prensas de tipos móveis. Depois de se tornarem membros da Companhia, eles adquiriram o direito de, de fato, ter e utilizar prensas em suas oficinas. É claro que, como vimos no caso de Richard Overton, citado no início deste capítulo, havia na Inglaterra quem operasse prensas de forma clandestina. Mas esse não era o caso do trabalho de um impressor oficial do Conselho de Estado. Assim, é possível que Thurloe tenha simplesmente descartado Calvert e Brewster porque, na prática, nenhum deles tinha a possibilidade de utilizar prensas próprias, logo, precisariam empregar um outro agente para confeccionar a comunicação oficial do governo, o que não era uma situação desejável ou conveniente para as autoridades.⁸⁶

Thurloe temia que Calvert e Brewster recorressem a impressores pouco adequados para o serviço, já que suas conexões no mercado livreiro eram marcadas pela presença de movimentos político-religiosos de tendências radicais. Pode ser que o Secretário do Estado não quisesse correr o risco de ter o Conselho associado à imagem desses personagens, sobretudo, porque na década de 1650, Calvert e Brewster vinham, inclusive, colaborando com publicações críticas às recentes posturas do governo. A dissolução do *Rump*, por exemplo, era de particular relevância entre as publicações dos dois livreiros, sobretudo entre as obras redigidas por levellers e outros republicanos. A longa duração daquele Parlamento aparecia como um grave problema.⁸⁷ Ao mesmo tempo, ambos os livreiros também vinham colaborando fortemente com congregações religiosas independentes que, depois da desestruturação da Igreja Anglicana em decorrência da execução de William Laud (1645) e Carlos I, esperavam maior liberdade de culto, mas vinham encontrando entraves com a Assembleia de Teólogos de Westminster. É provável que a mesma apreensão rondasse a figura de Robert Ibbitson que, apesar de não ter publicado obras de cunho

⁸⁶ WOODFORD, "Developments and Debates in English Censorship".

⁸⁷ WORDEN, Blair. **The Rump Parliament, 1648-1653**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

religioso com frequência na década de 1640, agora teve especial aproximação dos independentes, isto é, daqueles que contestavam a unificação das doutrinas, práticas e formas de administração de uma Igreja oficial.⁸⁸

O posicionamento político e religioso de Giles Calvert, Thomas Brewster e Robert Ibbitson pode ter afetado negativamente as suas imagens na deliberação do general Thurloe. O fato é de particular importância em nossa apreensão das atividades desses sujeitos no mercado livreiro. A posição de impressor do Conselho do Estado acompanhava grandes vantagens financeiras. Aquele que ocupasse o posto vacante teria encomendas e pagamentos regulares, bem como obteria privilégios e monopólios lucrativos, o que asseguraria a prosperidade dos negócios. Ao deliberadamente continuar a publicar obras que podiam desagradar o governo republicano, Calvert, Brewster e Ibbitson minavam algumas de suas maiores possibilidades de obter sucesso comercial. Enquanto isso, apesar de não ter deixado de imprimir textos controversos ao longo de sua carreira, Henry Hills parece ter se integrado melhor às necessidades da situação. Hills, de fato, demonstraria durante todo o período de suas atividades uma grande capacidade de se adaptar às mudanças do cenário político, religioso e do mercado livreiro, tanto que, de forma extraordinária, conseguiu ocupar o posto de impressor oficial na república, no Protetorado e na monarquia restaurada. Em contrapartida, impressores e livreiros como Ibbitson, Calvert e Brewster pareciam sustentar suas posições político-religiosas mesmo que isso lhes gerasse perdas significativas. Os três eram, assim, radicais no sentido mais amplo da palavra: eram aqueles que se recusavam a estabelecer qualquer comprometimento com o *status quo*.⁸⁹ Estavam dispostos a abdicar de vantagens econômicas e sociais, preferindo publicar textos alinhados às suas próprias perspectivas, mesmo se isso lhes colocasse em situações de risco financeiro ou, inclusive, de vida. De candidatos ao prestigioso cargo junto à comunicação do Conselho do Estado, Calvert, Brewster e Ibbitson, nos anos seguintes, passariam, assim, a perigosos inimigos das autoridades instituídas.

1.2. O radicalismo milenarista

O radicalismo de sujeitos como Giles Calvert, Thomas Brewster e Robert Ibbitson era ancorado, sobretudo, em expectativas milenaristas.⁹⁰ Estudos, cálculos e crenças a respeito da

⁸⁸ TUBB, "Independent Presses".

⁸⁹ BURGESS; FESTENSTEIN (orgs), **English radicalism**; BAKER, Philip. "Radicalism in Civil War and Interregnum England". **History Compass**, v. 8, n. 2, p. 152–165, 2010; HESSAYON; FINNEGAN (orgs.). **Varieties of seventeenth- and early eighteenth-century English radicalism**.

⁹⁰ Sobre o milenarismo ver, entre outros: COHN, Norman. **Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média**. Lisboa: Editorial Presença, 1980; DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; BULL, Malcolm (org.). **La teoría del Apocalipsis**

concretização dos prometidos mil anos de felicidade vinham de longa data.⁹¹ Mas na Inglaterra do século XVII, houve renovado interesse na questão, sobretudo, depois da publicação de importantes exegeses dos Livros de Apocalipse e Daniel em língua inglesa. Entre as obras de particular repercussão estavam as traduções de *Apocalypsis Apocalypseos* de Thomas Brightman (1611), *Diatribes de Mille Anis Apocalypticis* de Johann Heirich Alsted (1643) e *Clavis Apocalyptica* de Joseph Mede (1643).⁹²

Os três livros em questão foram originalmente redigidos em latim. De autoria do teólogo presbiteriano Thomas Brightman, *Apocalypsis Apocalypseos* considerava que, mesmo após a conversão de Constantino, o cristianismo ainda não havia triunfado completamente devido à prevalência da apostasia católica. Para ele, a aniquilação definitiva das forças anticristãs dependia, em especial, das ações da Inglaterra que, desde o século XVI, vinha rompendo com a Igreja Católica, purificando o cristianismo e, por consequência, cumprindo as promessas dos Livros de Daniel e do Apocalipse.⁹³ De Johann Alsted, *Diatribes de Mille Anis Apocalypticis* consistia em uma análise exaustiva do Livro de Apocalipse. Apoiado na menção a episódios históricos, o livro argumentava que o Milênio ainda não havia se realizado. Seus cálculos e prognósticos, contudo, sugeriam que sua efetivação estava próxima. A *Clavis Apocalyptica* de Joseph Mede assumia a mesma posição. Mas, no livro, Mede ia além do Apocalipse, sincronizando o Livro profético de João com os acontecimentos previstos nos Livros de I Timóteo e Daniel. Por meio dessa estratégia de análise, Mede descrevia o sentido da história cristã desde a Criação até a Salvação. Nesse processo, evidenciava a Segunda Vinda como um evento futuro e terreno, que antecederia a destruição final das forças anticristãs no Fim dos Tempos.⁹⁴

y los finis del mundo. México: Fondo de Cultura Económica, 1998; LIMA, Luís Filipe Silvério. **O Império dos Sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo & messianismo brigantino.** São Paulo: Alameda, 2010; GRIBBEN, Crawford. **Evangelical millennialism in the trans-Atlantic world, 1500-2000.** Nova York: Palgrave Macmillan, 2011; ROSSATTO, Noeli Dutra; MARTINI, Marcus de. "Milenarismo em Joaquim de Fiore e Antônio Vieira". **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**, n. 14, p. 264–285, 2012; MEGIANI, Ana Paula; LIMA, Luís Filipe Silvério. "An Introduction to the Messianisms and Millenarianisms of Early-Modern Iberian America, Spain, and Portugal". In: MEGIANI, Ana Paula; LIMA, Luís Filipe Silvério (orgs.). **Visions, Prophecies and Divinations.** Leiden: Brill, 2016.

⁹¹ JUE, Jeffrey K. **Heaven upon earth.** Dordrecht: Springer, 2006.

⁹² COFFEY, John. "The Impact of Apocalypticism during the Puritan Revolutions". **Perichoresis**, v. 4, n. 2, p. 117–147, 2006; GRIBBEN, **Evangelical millennialism.**

⁹³ KAPLAN, Yosef; MÉCHOULAN, Henry; POPKIN, Richard H. **Menasseh ben Israel and his World.** Leiden: Brill, 1989; BOZEMAN, Theodore Dwight. "Brightman, Thomas (1562–1607), Church of England clergyman and presbyterian controversialist". In: **Oxford Dictionary of National Biography.** Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB:** <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-3425>>, acessado em 29/02/2022; COFFEY, "The Impact of Apocalypticism"; JOHNSTON, Warren. **Revelation restored: the apocalypse in later seventeenth-century England.** Woodbridge: Boydell Press, 2011; GRIBBEN, **Evangelical millennialism;** HOTSON, Howard. **Paradise postponed: Johann Heinrich Alsted and the birth of Calvinist millenarianism.** Dordrecht: Springer, 2011.

⁹⁴ JUE, **Heaven upon earth;** COFFEY, "The Impact of Apocalypticism"; JOHNSTON, **Revelation restored;** HOTSON, **Paradise postponed;** GRIBBEN, **Evangelical millennialism.**

Apocalypsis Apocalypseos, *Diatribes de Milles Anis Apocalypticis* e *Clavis Apocalyptica* experimentaram considerável sucesso editorial, sendo relançados e debatidos diversas vezes na Inglaterra, sobretudo no contexto das Guerras Cívicas. A tradução da *Clavis Apocalyptica* foi, inclusive, ordenada pelo Parlamento em 1643. O interesse da assembleia no texto de Mede⁹⁵ demonstrava a amplitude do “entusiasmo milenarista” da época.⁹⁶ Em um momento de profundas crises e agitações sociais, os ensinamentos e prognósticos bíblicos forneciam respostas aos fiéis. É claro que as esperanças pelo Milênio não eram exclusivas de momentos de crise, mas, naquele turbulento contexto, elas ofereciam poderosas ferramentas de articulação política. É preciso frisar que as perspectivas proféticas não eram marginais, nem partilhadas apenas por uma “camada de lunáticos” ou fanáticos religiosos.⁹⁷ Como indicado por John Coffey, o “milenarismo não era mera especulação teórica, era política prática”⁹⁸. Era parte fundamental do “idioma” comum de homens e mulheres na Inglaterra da Época Moderna.⁹⁹

De fato, alguns dos projetos políticos discutidos no contexto revolucionário eram eminentemente milenaristas. Pensadores de destaque, como o polímata Samuel Hartlib, dirigiram-se às autoridades com a expectativa de que auxiliassem no “avanço do Reino de Jesus Cristo” na Terra.¹⁰⁰ A *Clavis Apocalyptica* de Hartlib, inspirada no trabalho de Mede, foi publicada por Giles Calvert em 1651 com uma dedicatória a Oliver Saint John, juiz e membro da Câmara dos Comuns.

⁹⁵ Interessante observar que apesar de *Clavis Apocalyptica* ter feito sucesso entre puritanos no contexto revolucionário, Joseph Mede não era um puritano. Ao contrário, o autor defendia uma estrutura eclesiástica episcopal, assumindo posicionamentos reformistas moderados. Sua moderação, contudo, como notado pelo prefaciador da tradução inglesa, William Twisse, não era sinal de ortodoxia na composição de *Clavis Apocalyptica*. BALL, Bryan W. "Mede [Mead], Joseph (1586–1638), Hebraist and biblical scholar". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-18465>>, acessado em 05/03/2022; GRIBBEN, **Evangelical millennialism**; HOTSON, **Paradise postponed**.

⁹⁶ Expressão utilizada por Christopher Hill para se referir ao contexto revolucionário. HILL, **O mundo de ponta-cabeça**, p. 109.

⁹⁷ *Idem*, p. 33.

⁹⁸ No original: “millenarianism was not mere theoretical speculation; it was practical politics.” COFFEY, “The Impact of Apocalypticism”, p. 134.

⁹⁹ De acordo com Christopher Hill: “As conexões entre religião, ciência, política, e economia são infinitas e infinitamente sutis. A religião era o idioma por meio do qual os homens do século dezessete pensavam. Não é preciso aceitar o idioma, ou tomá-lo por seu valor de face, para ver que ele não pode ser ignorado ou rejeitado como um simples reflexo das necessidades econômicas. Qualquer interpretação adequada da Revolução Inglesa deve dar lugar às questões de religião e governo da igreja, deve nos ajudar a compreender as implicações políticas e sociais da heresia teológica.” No original: “The connections of religion, science, politics, and economics are infinite and infinitely subtle. Religion was the idiom in which the men of the seventeenth century thought. One does not need to accept the idiom, or to take it at its face value, to see that it cannot be ignored or rejected as a simple reflex of economic needs. Any adequate interpretation of the English Revolution must give full place to questions of religion and church government, must help us to grasp the political and social implications of theological heresy.” HILL, Christopher. **Puritanism and revolution: studies in interpretation of the English Revolution of the 17th century**. Nova York: Palgrave MacMillan, 1997, p. 29.

¹⁰⁰ No original: “the advancement of the Kingdom of Jesus Christ”. HARTLIB, Samuel. **Clavis apocalyptica: or, A prophetic key: by which the great mysteries in the revelation of St. John and the prophet Daniel are opened; it beeing made apparent that the prophetic numbers com to an end with the year of our Lord, 1655**. Londres: William Dugard; Thomas Matthewes; Giles Calvert, 1651.

No texto, prognosticava-se a efetiva Segunda Vinda para o ano 1655. Era urgente, portanto, que os ingleses se preparassem.

Para alguns políticos e teólogos, o avanço do Milênio poderia ocorrer por meio de mudanças na estrutura do governo civil. Num texto impresso por Robert Ibbitson, o pastor pentamonarquista John Rogers, por exemplo, sugeria que o *Rump* fosse dissolvido e, em seu lugar o general Oliver Cromwell, um “eleito de Deus”¹⁰¹ graças aos seus sucessos militares e seu zelo puritano, convocasse 70 homens de fé para ocuparem os assentos do Parlamento.¹⁰² O major Thomas Harrison também defendia a composição de uma assembleia de “santos”, cujas atribuições principais seriam a abolição dos dízimos e o desenvolvimento de campanhas para a criação de um Comitê para a Propagação do Evangelho, que disseminaria a doutrina puritana entre os domínios menos “fiéis”, como as terras galesas.¹⁰³

Em 20 de abril de 1653, Cromwell, de fato, agiu para mudar a situação do Parlamento. Ele adentrou o Palácio de Westminster com seus soldados, contudo, não o fez para preservar os princípios da república instituída em 1649. A ação de Cromwell, na verdade, teve como objetivo evitar que a assembleia incluísse entre as normas para a nova eleição parlamentar uma cláusula que lograva refrear o poder político do exército.¹⁰⁴ Em partes, Cromwell adotou as demandas dos sectários milenaristas. Não privilegiou a composição do Grande Sinédrio da tradição judaico-cristã, como queriam Rogers e Harrison, mas escolheu um número auspicioso de membros: 140, em referência aos 144 mil eleitos para os céus em Apocalipse 7:4.¹⁰⁵ Cromwell também fez uso da retórica profética de sua época. Em seu discurso na abertura do Parlamento Nomeado em julho de 1653, o general citou o Livro de Daniel e evocou a “guerra com o cordeiro, contra seus inimigos”, cuja vitória recompensaria os esforços do povo eleito para com o Senhor.¹⁰⁶

Também conhecido pelas alcunhas de “Parlamento dos Santos” ou “*Barebone’s Parliament*” – por conta de um de seus membros puritanos, o comerciante de couro Praise-God Barebone –, o Parlamento Nomeado teve uma importante presença de membros oriundos de comunidades sectárias inglesas. Ainda que a assembleia não tenha contado majoritariamente com representantes

¹⁰¹ HILL, Christopher. **O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁰² ROGERS, John. **To his excellency the Lord Generall Cromwell. A few proposals, relating to civil government. Humbly offered by John Rogers an unworthy servant of Christ, and preacher of the Gospel now at Tho. Apostles London**. [Londres]: Robert Ibbitson, 1653. A cópia de Thomason data de 27 de abril.

¹⁰³ FARR, David. **Major-General Thomas Harrison: millenarianism, fifth monarchism and the English Revolution 1616-1660**. Londres: Routledge, 2016.

¹⁰⁴ WORDEN, **The Rump Parliament**; WORDEN, **The English Civil Wars**.

¹⁰⁵ FARR, **Major-General Thomas Harrison**, localização 4040–4042 [Kindle].

¹⁰⁶ No original: “war with the lamb, against his enemies”. CROMWELL, Oliver; ABBOTT, Wilbur Cortez (org.). **The Writings and Speeches Of Oliver Cromwell**. Vol. III. Londres: Humphrey Milford; Oxford University Press, 1945. p.80.

oriundos de congregações independentes, como pensado por Samuel Gardiner, ela teve importante participação de sujeitos ligados a grupos político-religiosos. Como apontado pelo estudo de Austin Woolrych, a maioria dos MPs era composta por juizes de paz, xerifes, militares, advogados, diplomatas, comerciantes, bem como pelo círculo familiar e pessoal de Cromwell. Ainda assim, as questões religiosas foram fundamentais no *Barebone's* e não devem ser ignoradas. Segundo Tai Liu, a assembleia teve profícuas relações com as comunidades sectárias, fornecendo a elas maiores possibilidades de representação política.¹⁰⁷

Certamente, a organização do Parlamento dos Santos agradou a sujeitos como Giles Calvert. Ainda que seja difícil precisar a confissão adotada pelo livreiro, é certo que ele teve grande trânsito entre as congregações independentes. Entre o final de 1640 e o início de 1650, ele fez parte de um grupo Ranter de tendência antinomiana¹⁰⁸, intitulado “*My one flesh*”¹⁰⁹, com o qual pregadores como Lawrence Clarkson e Abiezer Coppe também estiveram conectados. Em junho de 1650 acabou, inclusive, se envolvendo em problemas com as autoridades por conta de suas associações religiosas. Calvert foi questionado pelo Conselho do Estado juntamente com John Whittell ou Whittle, um membro da comunidade independente de John Knowles por ter comissionado a publicação de *A Friendly Debate on a Wighty Subject: Or, A Conference by Writing Betwixt Mr Samuel Eaton and John Knowles Concerning the Divinity of Jesus Christ*, provavelmente impresso por Newcomb.¹¹⁰ O texto gerara comoção pelos argumentos antitrinitários de Knowles, mas o livreiro não parece ter recebido graves punições. Calvert e Whittell tiveram de se comprometer “a comparecer ao Conselho dentro de dois dias após o aviso ser deixado em suas casas se estiverem na cidade ou dentro de dois dias após seu próximo retorno se estiverem no exterior para responder o que lhes será objetado com relação à impressão e publicação [...]” do texto.¹¹¹ A partir de 1653, o livreiro passou ainda a publicar muitos escritos quakers. E ao longo de todo o contexto revolucionário lançou obras milenaristas e apocalípticas de batistas, pentamonarquistas e outros sectários.

¹⁰⁷ Ver: GARDINER, Samuel Rawson. **History of the Commonwealth and Protectorate, 1649-1656**. Vol. II. Londres: Longmans, Green, and Co., 1903; WOOLRYCH, Austin. "The Calling of Barebone's Parliament". **The English Historical Review**, v. LXXX, n. CCCXVI, p. 492–513, 1965; LIU, Tai. "The Calling of the Barebones Parliament Reconsidered". **The Journal of Ecclesiastical History**, v. 22, n. 3, p. 223–236, 1971.

¹⁰⁸ O controverso pensamento estabelecido entre os antinomianos considerava que a salvação havia sido assegurada aos verdadeiros cristãos, por isso, a observância a leis morais e religiosas, como os Mandamentos, era dispensável. Como crentes fervorosos, os antinomianos acreditavam na piedade e na bondade de suas obras, pois a graça de Cristo lhes tornava impecáveis e, no limite, infalíveis. BREMER, Francis J.; WEBSTER, Tom (orgs.). **Puritans and Puritanism in Europe and America: a comprehensive encyclopedia**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2006.

¹⁰⁹ DREHER, Ute. **A case study of Lawrence Clarkson (1615-1667)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Século XVII) - Durham University. Durham, 2000; HESSAYON, Ariel. "Abiezer Coppe and the Ranters". In: KNOPPERS, Laura Lunger (org.). **The Oxford handbook of literature and the English Revolution**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

¹¹⁰ PRO SP25/120/33; CARICCHIO, **Religione, política e commercio**.

¹¹¹ No original: “to appeare at the Councell within two dayes after warning left at their houses if they bee then in towne of within two dayes after their then next returne if they bee abroad to answer what shall be objected unto them concerning the printing and publishing [...]”. PRO SP25/120/33.

Exemplos interessantes dessas relações de Giles Calvert podem ser encontrados em suas várias publicações de profecias de Mary Cary. O livreiro foi responsável pela emissão de ao menos quatro de seus prognósticos: *A Word in Season* (1647), *The Resurrection of the Witnesses and England's Fall from (the Mystical Babylon) Rome* (1648), *The Little Horn's Doom & Downfall* (1651) e *Twelve Humble Proposals to the Supreme Governours of the Three Nations now Assembled at Westminster* (1653). Cary e Calvert circulavam pelas mesmas comunidades independentes. A profetiza costumava assistir aos sermões de dois milenaristas radicais bastante proeminentes do período, o batista Henry Jessey e o pentamonarquista Christopher Feake. Ela começou a publicar suas visões em 1645, mas afirmava já fazer detalhados estudos sobre a Escritura desde a sua infância. Seus primeiros textos não mencionavam seu nome completo, nem seu gênero. Ela apenas se apresentava, como em *The Resurrection of the Witnesses*, como uma “ministra ou serva do Evangelho”.¹¹² É provável que Cary temesse reprimendas, visto que mulheres não estavam autorizadas a pregar em público. Por essa razão, já em *A Word of Season*, a autora defendia pregações leigas. Seu nome completo apenas se tornou conhecido no mercado livreiro em 1651, com a emissão de *The Little Horn's Doom & Downfall*. A partir de então, ela adquiriu certo destaque entre as comunidades sectárias.¹¹³

Discutindo o advento do Milênio, as obras de Cary eram dedicadas a interpretar os eventos contemporâneos à luz das profecias bíblicas, bem como das perspectivas de autoridades teológicas, tais como Brightman. Em *The Resurrection of the Witnesses*, Cary examinava o contexto das Guerras Civis por meio do Livro de Apocalipse. Para a autora, o início dos conflitos bélicos da década de 1640 era sinal do prognosticado assassinato das duas testemunhas. O episódio bíblico demarcava um dos momentos iniciais do Juízo Final. Depois de profetizar por ao menos 1260 dias, as testemunhas seriam atacadas pelo demônio. Ao ressoar da sétima trombeta angelical, elas ascenderiam aos céus por meio da intervenção divina. Na perspectiva de Cary, a violência da guerra era um claro indício da ação da Besta contra as testemunhas. Seu ressurgir, contudo, havia começado em 1645, com a organização do Exército de Novo Tipo e os avanços do Parlamento contra a tirania de Carlos I.¹¹⁴ Em *The Little Horn's Doom & Downfall*, redigido em 1644, mas publicado somente em 1651, a autora declararia que Carlos I era, de fato, o pequeno chifre da Besta anticristã. O Milênio, portanto, era iminente.

¹¹² No original: “minister or servant of the Gospel”. CARY, Mary. **The resurrection of the witnesses; and Englands fall from (the mystical Babylon) Rome. Clearly demonstrated to be accomplished. Whereby great encouragement is administred to all saints, but especially to the saints in England. In the handling of a part of the eleventh chapter of the Revelation.** Londres: D. M.; Giles Calvert, 1648.

¹¹³ MCNEIL, **Mystical experience**; CAPP, Bernard. "Cary, Mary (b. 1620/21), millenarian". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-37266>>, acessado em 05/12/2022.

¹¹⁴ MACK, **Visionary Women**; MCNEIL, **Mystical experience**; CAPP, "Cary, Mary"; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; LIMA, “Impresso para ser vendido”.

Em novembro de 1653, *The Resurrection of Witnesses* foi reeditado e lançado por conhecidos parceiros comerciais de Giles Calvert, o impressor Henry Hills e o ex-aprendiz Thomas Brewster. Também participou da empreitada o livreiro pentamonarquista Livewell Chapman, que ao longo dos anos 1650 se consolidaria como um grande colaborador de Calvert e Brewster. Com a adição de novos preâmbulos, o texto se atualizava para o momento posterior ao regicídio “para o fortalecimento da fé dos Santos”. Cary pretendia lhes mostrar que o Senhor já havia começado a libertá-los da “vassalagem de seus inimigos”¹¹⁵. Um novo posfácio, também incluído na reedição, assegurava que Deus estava guiando as vitórias do Parlamento e de seu exército, mas alertava para o fato de que as disputas ainda não estavam finalizadas. A Inglaterra estava na vanguarda da luta contra o Anticristo e, agora, tinha um importante papel na destruição das idolatrias papistas no restante da Europa.

A reedição do panfleto sugeria que as disputas internas foram solucionadas pelas forças armadas de Oliver Cromwell. Mas o novo desafio anticristão despontava com a eclosão da Primeira Guerra Anglo-Holandesa (1652-1654). Ainda que, em grande medida, a contenda tenha sido motivada por questões mercantis, já que as duas repúblicas disputavam domínios coloniais e rotas marítimas, Steve Pincus e John Coffey chamaram atenção para as expectativas apocalípticas envolvidas no discurso favorável à guerra contra os holandeses. A Holanda havia repudiado o regicídio e a mudança de governo na Inglaterra pois o príncipe de Orange, Guilherme II, era casado com Maria Henriqueta Stuart, filha mais velha de Carlos I. Estimulados pela crença de que lideravam a cruzada contra o Anticristo, os milenaristas ingleses esperavam que a guerra ajudasse a extirpar a apostasia do protestantismo holandês e adentrasse o continente europeu, conquistando os territórios dominados pela prostituta da Babilônia, isto é, a Igreja Católica.¹¹⁶

A segunda edição de *Resurrection of Witnesses* admitia, assim, que o Milênio ainda estava em curso. Os “santos” precisavam continuar atentos aos desígnios divinos. No entanto, Mary Cary demonstrava ter

confiança na vitória do lado dos Santos, dizendo, que eles não devem ser subjugados mais do que já foram, e que onde (a qualquer momento) houver vinte mil Inimigos, se houvesse cem mil, eu ainda teria certeza de que os Santos os venceriam. E até agora Deus nunca me fez ter vergonha da minha confiança.¹¹⁷

¹¹⁵ No original: “for the strengthening of the faith of Saints”; “vassalage of their enemies”. CARY, Mary. **The resurrection of the witnesses**, fl.7v (A8v).

¹¹⁶ PINCUS, Steven. **Protestantism and patriotism: ideologies and the making of English foreign policy, 1650-1668**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996; COFFEY, "The Impact of Apocalypticism".

¹¹⁷ No original: “confidence of victory on the Saints side, saying, that they should never be overcome any more as they had formerly been, and that where (at any time) there were twenty thousand Enemies, if there had been a hundred

O Reino de Cristo triunfaria, isso era certo, mas os “santos” não poderiam se descuidar, acreditando que tudo já estava concluído, “porque há ainda muitas tempestades para atravessar, E / Muitos problemas ainda para se ocupar, E / Muito trabalho para ser feito”¹¹⁸.

Apesar do otimismo de Cary, o projeto dos “santos” começou a fracassar. O *Barebone's* não se provou um experimento duradouro. Sem conseguir despachar nenhuma resolução devido à dificuldade de conciliação entre as diferentes posições dos MPs, em 12 de dezembro, a assembleia foi encerrada, desapontando aqueles que esperavam um governo mais alinhado aos desígnios bíblicos. O incômodo com os rumos da política inglesa aumentou quando, apenas quatro dias depois da dissolução do Parlamento Nomeado, Oliver Cromwell foi proclamado Lorde Protetor por meio de mais uma intervenção militar. Seu regime teve como constituição o *Instrumento de Governo*, rascunhado pelos líderes do exército. O documento se assemelhava às propostas oferecidas a Carlos I nos anos 1640, entre elas constavam a indicação de Parlamentos trienais e a liberdade de consciência. Sua primeira formulação declarava Cromwell como monarca, mas o general optou pelo título de Lorde Protetor, cuja sucessão não seria hereditária, mas sim por meio de eleições indiretas, feitas pelo Conselho do Estado.¹¹⁹



A ascensão de Cromwell foi identificada por muitos radicais como uma terrível traição. Em suas perspectivas, o Lorde Protetor revelava ser um apóstata, que enganara aos verdadeiros cristãos para subjugar-los a uma tirania anticristã. A partir desse momento de crise, Giles Calvert admitiu uma postura ainda mais crítica aos rumos políticos da Inglaterra, publicando centenas de textos que expressavam profunda oposição ao Protetorado. Vale ressaltar que o embate que travava com a administração cromwelliana não se projetava em uma arena política laica, mas profundamente religiosa. Logo, a rejeição demarcada contra governos de uma única pessoa também tinha como base argumentos providencialistas. A oposição a Oliver Cromwell significava mais do que a luta contra um ditador militar. Tratava-se de uma cruzada contra “o ‘Anticristo, a [prostituta] da Babilônia, o grande dragão”¹²⁰ prognosticados na Escritura. O governo de Cromwell precisava ser

thousand, yet I was sure the Saints should overcome them. And hitherto God hath never made me ashamed of my confidence.” CARY, **The resurrection of the witnesses**, fl.13 (D1).

¹¹⁸ No original: “because there are many storms yet to be past through, And / Many troubles yet to be exercised in, And / Much work to be done”. *Idem*, p.145-146.

¹¹⁹ WORDEN, **The English Civil Wars**.

¹²⁰ No original: “the ‘Antichrist, the [whore of] Babilon, the great dragon’. KNOPPERS, Laura Lunger. “The Antichrist, the Babilon, the great dragon?: Oliver Cromwell, Andrew Marvell, and the Apocalyptic Monstrous”. In:

combatido porque antagonizava a Segunda Vinda e o advento do Reino de Cristo, esperado não apenas no plano espiritual, mas também na vida concreta.¹²¹

Ao final de 1653, os milenaristas mais radicais, acusavam Cromwell de ter deflagrado um golpe tirânico contra o povo inglês ao dissolver o Parlamento Nomeado. Em sua perspectiva, o general havia dado início a um “governo pessoal”, com características monárquicas e, portanto, anticristãs. Invertendo as concepções sobre Cromwell, que passava de eleito de Deus a novo empecilho para a concretização do Reino de Cristo, antagonistas legitimavam sua posição de inconformidade e de impossibilidade de negociação com o Protetorado recém-inaugurado. Nesse ponto, o impasse era irreconciliável. A crença radical na realização de um Milênio futuro e terreno fazia, assim, com que os sectários rompessem definitivamente com o Protetorado, alinhando-se ao que pensavam ser os verdadeiros desígnios divinos.¹²²

Reuniões de radicais milenaristas passaram a ser palco de duras críticas ao regime cromwelliano. Enquanto atuava como espião do governo, Marchamont Nedham, presenciou discussões acaloradas a respeito do Lorde Protetor. Suas notas de dezembro de 1653, informavam às autoridades que pastores como Christopher Feake, Vavasor Powell e George Cokayne insinuavam que a previsão sobre o pequeno chifre da besta apocalíptica (último bastião do Anticristo) não se referia ao falecido Carlos I, como se pensava anteriormente, mas a Oliver Cromwell. Alguns meses depois, em fevereiro de 1654, Nedham novamente reportou falas sediciosas dos pregadores.¹²³ Seu relato apontava que os radicais consideravam que “a hora estava à mão, eles deveriam se alimentar da carne dos reis e dos grandes homens”¹²⁴.

É provável que Giles Calvert partilhasse dessas perspectivas. Ele não atuava apenas como um produtor de veículos para a circulação dessas ideias combativas, mas participava de reuniões sectárias. Próximo às comunidades quakers, a partir de 1654, o livreiro passou a despachar diversas das cartas redigidas por membros do movimento a partir da *Black Spread Eagle*. De acordo com Ariel Hessayon, Calvert chegou, inclusive, a conceder empréstimos a quakers de outras regiões da Inglaterra que vinham se instalar em Londres. É possível que o livreiro tenha participado de

KNOPPERS, Laura Lungar; LANDES, Joan B. (orgs.). **Monstrous bodies/political monstrosities in early modern Europe**. Ithaca: Cornell University Press, 2004, p. 95.

¹²¹ HILL, **O mundo de ponta-cabeça**; HILL, Christopher. **Antichrist in seventeenth-century England**. Londres: Verso, 1990; COFFEY, "The Impact of Apocalypticism"; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; CAPP, **England's Culture Wars**.

¹²² COFFEY, "The Impact of Apocalypticism"; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**.

¹²³ PRO SP18/42/114; SP18/66/38; "December 1653". In: GREEN, Mary Anne Everett (ed). **Calendar of State Papers Domestic**. Vol. 42: Interregnum, 1653-4. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1879, p.308. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1653-4/pp279-328>>, acessado em 12/05/2022.

¹²⁴ No original: “the time was at hand, upon they should have the will of their enemies, and should feed on the flesh of kings, and of great men”. PRO SP18/66/38.

reuniões, inclusive, fora da cidade. Relatos sugerem que tenha ido até Leicester, ocasião na qual ouviu pregações de alguns dos autores mais prolíficos entre suas publicações: James Nayler e George Fox. Obras de Nayler, Fox e Martha Simmonds – irmã mais nova de Giles Calvert, casada com o livreiro Thomas Simmonds –, foram vendidas com frequência na *Black Spread Eagle*. Dos 75 títulos publicados pelo livreiro em 1655, 57 eram de autores que faziam parte do grupo religioso. Em fevereiro de 1655, a *Black Spread Eagle* foi alvo de um mandado de busca e apreensão que confiscou diversos manuscritos quakers. O livreiro foi detido para investigação, mas devido à proximidade mantida por Martha Simmonds com Jane Desborough, esposa do general John Desborough e irmã de Cromwell, Giles Calvert não sofreu graves punições. Na verdade, o Lorde Protetor parece ter sido consideravelmente tolerante com os quakers, mesmo com as constantes agitações que praticavam, interrompendo pregações em outras congregações e desrespeitando as hierarquias sociais para declarar que Cristo estava presente dentro de todos os fiéis.¹²⁵

Ainda assim, em 1656, Calvert enfrentou novos problemas com as autoridades pela publicação de *A Trumpet of the Lord Sounded out of Sion* do pregador quaker Edward Burrough.¹²⁶ No panfleto, o autor contrapunha-se a todas as autoridades mundanas, bem como a outras correntes puritanas, expressando que “o poderoso e terrível dia do Senhor está chegando sobre vocês”. Burrough declarava que Deus castigaria a todos os governantes terrenos. Em suas palavras, o autor indicava que “assim diz o Senhor, agora também me levantarei, como um homem poderoso de Guerra, e aparecerei em minha Majestade, para reunir as Nações, e Aticá-las, e tentá-las, no vento da minha ira, e para purificá-las e refiná-las na fornalha do meu fogo, de indignação e ressentimento.”¹²⁷

¹²⁵ DAMROSCH, Leo. "Nayler, James (1618–1660), Quaker preacher and writer" In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-19814>>, acessado em 19/05/2022; PETERS, Kate. **Print culture and the early Quakers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005; GILL, Catie. "Burrough, Edward (1633–1663), Quaker activist and writer" In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-4103>>, acessado em 19/05/2022; ROBERTS, Stephen K. "Disbrowe [Desborough], John (bap. 1608, d. 1680), parliamentarian army officer and politician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-7542>>, acessado em 19/05/2022; BELL, Maureen. "Simmonds [Simmons; née Calvert], Martha (bap. 1624, d. 1665), Quaker and author". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-37959>>, acessado em 19/05/2022; HESSAYON, Ariel. "Incendiary texts: book burning in England, c.1640 – c.1660". **Cromohs**, n. 12, p. 1–25, 2007; HESSAYON, "Calvert, Giles"; HESSAYON, Ariel (ed.). **The refiner's fire: the collected works of Theauraujohn Tany**. Londres: Breviary Stuff Publications, 2018.

¹²⁶ PRO SP25/77/97.

¹²⁷ No original: “the mighty terrible day of the Lord is coming upon you”; “thus saith the Lord, now also will I arise, as a mighty man of War, and will appear in my Majesty, to gather the Nations, and to fan them, and to try them, in the wind of my wrath, and to purge them, and to refine them in the furnace of my fire, of indignation, and jealousy.” BURROUGH, Edward. **Trumpet of the Lord Sounded out of Sion: Which gives a certaine sound to the eares**

Mesmo tendo sido registrada na Companhia dos Estacionários em março de 1656¹²⁸, e, portanto, publicada conforme as normas vigentes, a obra foi censurada menos de dois meses depois, pois fazia um ataque direto às instituições cromwellianas. Uma ordem do Conselho do Estado exigiu que Giles Calvert fosse examinado na manhã de 6 de maio.¹²⁹ Não há informações sobre como as autoridades prosseguiram com a questão, mas é certo que havia maior preocupação com o crescimento de perspectivas oposicionistas, sobretudo entre 1655 e 1656, quando a insatisfação com relação ao novo regime aumentava. Por um lado, isso se devia ao fracasso da campanha imperialista de Oliver Cromwell, que não conseguiu cumprir seu “*Western Design*” e foi derrotada pelas frotas espanholas na disputa colonial pelas ilhas caribenhas. Por outro, havia um desgaste da imagem centralizadora do Protetor, sobretudo entre as comunidades radicais religiosas e os republicanos. Os militares, entre eles o general Thurloe, vinham se mobilizando para consolidar o governo de Cromwell sob o modelo monárquico, oferecendo-lhe a coroa, mais uma vez, no início de 1657. Para aqueles que já desconfiavam do Protetorado, a situação sinalizava os graves riscos aos quais o povo inglês estava exposto. Os ideais pelos quais se conduzira a guerra contra o rei na década passada pareciam distantes dos interesses do atual governo.¹³⁰

1.3. O remédio para a crise: a defesa da “boa e velha causa”

No contexto de acentuada decepção com os rumos da política inglesa, diferentes vozes (vindas de movimentos bastante diversos entre si) passaram a demandar uma mesma questão: a volta da “boa e velha causa” (“*good old cause*”). Disputado por uma miríade de sujeitos e grupos, o termo era polissêmico. A expressão havia se tornado frequente nos debates públicos a partir de 1653, quando Cromwell subiu ao poder. Ela aludia de forma nostálgica aos princípios que teriam levado homens e mulheres a se levantarem contra a tirania de Carlos Stuart em 1649. Traíndo a “causa”, o general Oliver Cromwell foi acusado de ter abandonado os ideais do bem comum e da

of all Nations, and is a true noyse of a fearfull Earthquake at hand, which shall shake the whole fabrick of the Earth, and the pillars of its standing shall fall, and never more he set up againe. Londres: Giles Calvert, 1656, p.2.

¹²⁸ ARBER, Edward. **A Transcript of the Registers of the Worshipful Company of Stationers**. From 1640-1708 A.D. Londres: Privately Printed, 1913.

¹²⁹ PRO SP25/77/97.

¹³⁰ MAYERS, Ruth E. "Real and Practicable, Not Imaginary and Notional: Sir Henry Vane, “A Healing Question,” and the Problems of the Protectorate" **Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies**, v. 28, n. 1, p. 37–72, 1996; HILL, **O eleito de Deus**; WOODFORD, Benjamin. **Perceptions of a monarchy without a king: reactions to Oliver Cromwell’s power**. Montreal: McGill-Queen’s University Press, 2013; PESTANA, Carla Gardina. "English Character and the Fiasco of the Western Design". **Early American Studies**, v. 3, n. 1, p. 1–31, 2005; PESTANA, Carla Gardina. **The English conquest of Jamaica: Oliver Cromwell’s bid for empire**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2017.

soberania do Parlamento enquanto representante do povo, em nome de um regime militarizado e centralizador, que emulava aspectos da monarquia.¹³¹

Em tom crítico, os argumentos em torno da “boa e velha causa” descreviam o *Instrumento de Governo* como um retrocesso e pretendiam retomar os verdadeiros objetivos da revolta iniciada na década passada. Embora concordassem que o Protetorado não era o modelo de governo ideal, os defensores da “causa” não compartilhavam de um mesmo projeto político. Em outubro de 1654, por exemplo, *The Humble Petition of Several Colonels of the Army* expressava o descontentamento com relação ao poder de Cromwell sobre o exército. Para alguns militares, o Lorde Protetor assumia uma postura perigosa para a manutenção de um governo livre, no qual os Parlamentos poderiam ser convocados para, de fato, representar as vontades do povo.¹³² Para os republicanos, o regime cromwelliano era uma tirania de uma única pessoa, assim como a monarquia de Carlos I, pois sua organização não favorecia as liberdades e os direitos civis, mas sim os interesses particulares dos magistrados e governantes. Por sua vez, para os sectários religiosos, o retorno à “boa e velha causa” representava também as expectativas apocalípticas com relação à realização de um governo dos “santos”, o Milênio terreno, esperado por batistas, pentamonarquistas, quakers e outros independentes.¹³³

A polissemia, na verdade, fazia com que a ideia da “boa e velha causa” emergisse como um fator aglutinador entre os diversos grupos que, por vezes, somente tinham em comum a sua rejeição ao Protetorado cromwelliano. A defesa da “causa”, assim, permitia que diferenças teológicas ou políticas fossem apaziguadas na medida em que servissem como ímpeto para restaurar uma época ideal: o fim da década de 1640, quando se abriram possibilidades para ampliação dos direitos e das liberdades dos súditos, bem como para a limitação dos poderes dos governantes. E sendo um elemento de união do “Triunvirato de Republicanos, Sectários e Soldados”¹³⁴, como descrito criticamente pelo polêmico William Prynne em 1659, “a boa e velha causa” não podia ser simplesmente ignorada pelas autoridades. Ela era um recurso que possibilitava maior difusão dos discursos oposicionistas, visto que não se limitava às perspectivas de uma ou outra seita acusada

¹³¹ WOOLRYCH, A. H. "III. The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate". *Cambridge Historical Journal*, v. 13, n. 2, p. 133–161, 1957; FRITZE, Ronald H.; ROBISON, William B. *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. Londres: Greenwood Publishing Group, 1996; SANTOS JUNIOR, "John Rogers, William Prynne".

¹³² SAUNDERS, Thomas; OKEY, John; ALLURED, Matthew. *To his Highness the Lord Protector, &c. and our general. The humble petition sic of severall colonels sic of the army*. [Londres: 1654]; POCOCK, J. G. A. "James Harrington and the Good Old Cause: a study of the ideological context of his writings" *The Journal of British Studies*, v. 10, n. 1, p. 30–48, 1970; POCOCK, J. G. A. (org.). *The Political Works of James Harrington*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

¹³³ WOOLRYCH, "The Good Old Cause"; HARTMAN, Marilyn Anne. *“For Christ and the people”*: the ideology of the Good Old Cause, 1653-1660. Tese (Doutorado em História) - Indiana University. Indiana, 1977; SANTOS JUNIOR, "John Rogers, William Prynne".

¹³⁴ No original: “Triumvirate of Republicans, Sectaries, and Souldiers”. PRYNNE, William. *The re-publicans and others spurious good old cause, briefly and truly anatomized*. [Londres:] s. n., 1659, p.1.

de “fanatismo” ou “agitação” pelo governo. A “causa” colocava em risco a estabilidade do governo, abalava a confiança dos cidadãos de que os esforços empreendidos durante as sanguinárias Guerras Civis tinham sido recompensados, e escancarava a traição de Cromwell com relação ao compromisso que havia estabelecido com o povo e até mesmo com Deus.

Giles Calvert, bem como seus parceiros comerciais, participaram da publicação de diversos dos panfletos em torno da “boa e velha causa” ao final da década de 1650. Por meio dessas obras, eles conseguiram articular um movimento que exerceu forte pressão sobre o Protetorado. Entre alguns dos textos que conseguiram aglutinar as principais críticas e demandas do período, destacam-se os escritos de Henry Vane. Em torno de suas perspectivas, republicanos, sectários religiosos e diversos agentes do mercado livreiro pareceram colaborar para tentar reconstituir os ideais de outrora. É justamente dentro dessas articulações que vemos emergir contornos mais claros da sediciosa confederação identificada por Roger L’Estrange em 1660. Tendo isso em vista, neste tópico, damos especial enfoque aos textos de Vane e à circulação de suas perspectivas político-religiosas entre o mercado livreiro.

1.3.1. A questão da tolerância

A primeira vez que Giles Calvert publicou um trabalho de Henry Vane foi em junho de 1652. Intitulado *Zeal Examined*, o panfleto foi lançado anonimamente. A impressão foi realizada por uma habitual colaboradora de Calvert, Gertrude Dawson. No panfleto, Vane defendida uma irrestrita liberdade de consciência. Para ele, a medida se justificava porque a perseguição era uma característica eminentemente anticristã. Respalado na história sagrada e secular, ele explicava que o cristianismo apenas havia passado a punir heresias e idolatrias após a conversão de Constantino que, em sua leitura, inaugurara a era da Besta e da prostituta da Babilônia, profetizada no Livro do Apocalipse. O autor acreditava que se a devoção e o debate religioso fossem livres, o poder anticristão seria destituído, permitindo que a luz emergisse, trazendo, assim, a verdade de Deus.¹³⁵

¹³⁵ **Zeal examined: or, A discourse for liberty of conscience in matters of religion. Upon an occasional question concerning the punishment of idolaters.** Londres: Gertrude Dawson; Giles Calvert, 1652. COFFEY, John. "The martyrdom of Sir Henry Vane the younger: from apocalyptic witness to heroic whig". In: FREEMAN, Thomsa S. (org.). **Martyrs and Martyrdom in England, c. 1400-1700.** Suffolk: Boydell Press, 2007; POLIZZOTTO, Carolyn. "The Campaign against The Humble Proposals of 1632". **The Journal of Ecclesiastical History**, v. 38, n. 4, p. 569–581, 1987; MOHAMED, Feisal G. "Milton, Sir Henry Vane, and the Brief but Significant Life of Godly Republicanism". **Huntington Library Quarterly**, v. 76, n. 1, p. 83–104, 2013; MAYERS, Ruth E. "Vane, Sir Henry, the younger (1613–1662), politician and author". In: **Oxford Dictionary of National Biography.** Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB:** <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-28086>>, acessado em 24/05/2022.

O texto circulou num contexto de ampla discussão acerca da tolerância, prometida em diferentes momentos da Revolução Inglesa, mas nunca concretizada em sua plenitude. Leis contra a blasfêmia foram aprovadas em 1648 e 1650. Em 1652, foram apresentadas ao governo algumas propostas para a redefinição de uma ortodoxia doutrinal, elencadas por John Owen, Thomas Goodwin, Philip Nye, Sidrach Simpson e outros teólogos independentes associados ao Comitê para a Propagação do Evangelho. Diversas respostas foram endereçadas ao projeto intitulado *The Humble Proposals*¹³⁶, as quais Carolyn Polizzotto considerou expressarem uma “campanha bem organizada” contra a adoção das medidas sugeridas no texto.¹³⁷ Segundo Polizzotto, a “campanha” teria contado com sectários radicais como Henry Jessey, Hanserd Knollys e John Simpson; membros do governo, como Henry Vane e John Milton; colonos na Nova Inglaterra, como Roger Williams; e, devemos acrescentar, estacionários radicais, como Giles Calvert e seus principais parceiros editoriais e comerciais, Thomas Brewster e Livewell Chapman.¹³⁸

Roger Williams, teólogo e fundador de Rhode Island, temia que a Inglaterra incorporasse a rigidez do governo puritano da Nova Inglaterra, onde a perseguição religiosa era bastante pronunciada. Henry Vane, quando publicou *Zeal Examined*, também tinha esse contexto colonial em vista. Vane já havia passado uma temporada em Massachusetts Bay, onde chegou a ocupar o posto de governador na década de 1630. No entanto, sua carreira foi abruptamente interrompida por seu apoio às posições antinomianas difundidas por Anne Hutchinson e John Wheelwright. Sendo obrigado a partir para Rhode Island em 1637, Vane escreveu em favor da liberdade religiosa.¹³⁹ Em *A Brief Answer to a Certain Declaration* (1637), defendia que um governo ideal, que desejasse concretizar uma “república cristã”, deveria prezar pela “segurança e [pelo] bem estar”¹⁴⁰ dos cidadãos. Ele baseava sua posição na alegação de que

Nem a igreja nem a república tem outro senão o poder ministerial de Cristo (Efé. 5. 23.), que é a cabeça da igreja e o príncipe dos reis da terra. (Apo. 1. 5.). [...] Em uma

¹³⁶ **The humble proposals of Mr. Owen, Mr. Tho. Goodwin, Mr. Nye, Mr. Sympson, and other ministers, who presented the petition to the Parliament, and other persons, Febr. 11. under debate by a committee this 31. of March, 1652. for the furtherance and propagation of the Gospe in this nation.** Londres: Robert Ibbitson, 1652.

¹³⁷ No original: “well-organised campaign”. POLIZZOTTO, “The Campaign against The Humble Proposals”, p. 569.

¹³⁸ *Idem*; COFFEY, “The martyrdom of Sir Henry Vane”; MAYERS, Vane, “Sir Henry, the younger”.

¹³⁹ BUSH JUNIOR, Sargent. “Revising what we have done amisse”: John Cotton and John Wheelwright, 1640”. **The William and Mary Quarterly**, v. 45, n. 4, p. 733–750, 1988; MIXON, Harold. “A City Upon a Hill”: John Cotton’s Apocalyptic Rhetoric and the Fifth Monarchy Movement in Puritan New England”. **The Journal of Communication and Religion**, v. 12, n. 1, p. 1–6, 1989; BREMER; WEBSTER (orgs.). **Puritans and Puritanism**; COFFEY, “The martyrdom of Sir Henry Vane”; MAYERS, “Vane, Sir Henry, the younger”.

¹⁴⁰ No original: “christian common-wealth”; “safety and welfare”. VANE, Henry. “A brief Answer to a certain declaration, made of the intent and equitye of the order of court, that none should be received to inhabite within this jurisdiction but such as should be allowed by some of the magistrature” In: HUTCHINSON, Thomas (org.), **A collection of original papers relative to the History of the colony of Massachusetts-bay**. Boston: Thomas and John Fleet, 1769, p. 72.

palavra, não há liberdade a ser tomada nem na igreja nem na república, senão aquela que Cristo dá e está de acordo com ele, Gál. 5.1.¹⁴¹

Roger Williams endossava a posição de Henry Vane. Por essa razão, redigiu vários panfletos em defesa da tolerância, entre eles, *The Fourth Paper*, que lançou com Giles Calvert.¹⁴² Além de louvar as perspectivas de Vane, Williams enaltecia Calvert como um valioso aliado à causa da liberdade de consciência. O teólogo afirmava que o livreiro da *Black Spread Eagle* demonstrava compromisso com as verdadeiras misericórdias divinas, isto é, com “A liberdade de Profetizar, e a liberdade de Tentar, e a liberdade de se apresentar ao Julgamento” de Deus.¹⁴³

A “campanha” contra *The Humble Proposals* teve sucesso. O Parlamento não acatou o rigor das sugestões descritas no projeto. Para John Milton, uma das principais razões para que o governo republicano recusasse as propostas em questão foi a publicação de *Zeal Examined*. Por essa razão, o poeta homenageou Henry Vane em um dos sonetos que publicou no *Mercurius Politicus*, jornal editado Marchamont Nedham. Em julho de 1652, Milton celebrou a vitória da paz e elegeu Vane como seu principal campeão.¹⁴⁴

O avanço das pautas defendidas por Vane, contudo, não teve longa duração. Em 1653, incomodou-se com a dissolução do *Rump* e a convocação de um Parlamento Nomeado, negando-se a participar da assembleia. Assumiu um tom pessimista quando a república foi abortada, dando lugar ao Protetorado. Vane optou por se aposentar da sua carreira pública e dedicar seu tempo ao estudo do Evangelho, redigindo textos sobre suas meditações e ministrando alguns sermões. Entre a audiência de suas pregações, contava com a participação de figuras conhecidas entre as congregações milenaristas, como o pentamonarquista John Rogers.¹⁴⁵

¹⁴¹ No original: “Neither hath church nor common-wealth any other than ministeriall power from Christ (Eph. 5. 23.) who is the head of the church, and the prince of the kings of the earth. (Rev. 1. 5.). [...] In one word, there is no libertye to be taken neither in church nor commonwealth but that which Christ gives and is according unto him, Gal. 5.1.” *Idem*, p. 75–76.

¹⁴² Ver, por exemplo: WILLIAMS, Roger. **The bloody tenent yet more bloody: by Mr Cottons endeavour to wash it white in the blood of the lambe; of whose precious blood, spilt in the blood of his servants; and of the blood of millions spilt in former and later wars for conscience sake, that most bloody tenent of persecution for cause of conscience, upon a second tryal, is found now more apparently and more notoriously guilty.** Londres: Giles Calvert, 1652; WILLIAMS, Roger. **The hireling ministry none of Christs, or A discourse touching the propagating the Gospel of Christ Jesus. Humbly presented to such pious and honourable hands, whom the present debate thereof concerns.** Londres: s. n., 1652. WILLIAMS, Roger. **The examiner defended, in a fair and sober answer to the two and twenty questions which lately examined the author of Zeal examined, in this answer are (not unseasonably) touched, Christ’s interest in this and all nations.** Londres: James Cottrel, 1652.

¹⁴³ No original: “The liberty of Propheying, and the liberty of Tryng, and the liberty of presenting unto Trial”. WILLIAMS, Roger. **The fourth paper, presented by Maior Butler, to the Honourable Committee of Parliament, for the propagating the gospel of Christ Jesus.** Londres: Giles Calvert, 1652, fl.2.

¹⁴⁴ POLIZZOTTO, “The Campaign against The Humble Proposals”.

¹⁴⁵ ROGERS, John. **Diapoliteia. A Christian concertation with Mr. Prin, Mr. Baxter, Mr. Harrington, for the true cause of the Commonvvealth. Or, An answer to Mr. Prin’s (perditory) anatomy of the Republick, and his true and perfect narrative, &c.** Londres: Livewel Chapman, 1659. p.21; HUGHES, John H. F. “The commonwealthmen divided: Edmund Ludlowe, Sir Henry Vane and the good old cause, 1653-1659”. **The**

Em meados dos anos 1650, Vane publicou alguns dos resultados de suas reflexões teológico-políticas, primeiro em *The Retired Man's Meditations, Or the Myserie and Power of Godliness* (1655) e, depois, em *A Healing Question* (1656). Os dois textos estão profundamente conectados, tanto por suas ideias, quanto pelos contextos em que foram lançados, assim como pela sua produção material. Não obstante, a historiografia comumente os examinou separadamente, como se representassem duas faces quase opostas de Henry Vane. *The Retired Man's Meditations* costuma ser identificado como um longo livro teológico, com profunda inspiração apocalíptica. Já *A Healing Question* é comumente mencionada em estudos sobre o republicanismo inglês, sendo considerada como uma resposta mais obscura (justamente por seu caráter religioso) aos impasses políticos do Protetorado e aos debates encabeçados por James Harrington, John Milton e Marchamont Nedham. Seguindo outra perspectiva, optamos aqui por considerá-los como parte de um mesmo projeto político-religioso advogado não apenas por Vane, como pelos demais defensores de uma unidade em prol da “boa e velha causa”, coletivo que certamente incluía os publicadores dos trabalhos do autor.¹⁴⁶ *The Retired Man's Meditations* foi impresso por Robert White e vendido por Thomas Brewster. *A Healing Question* não indica o nome do impressor, mas também contou com o trabalho de Brewster em sua edição e comercialização.¹⁴⁷

Lançado em um longo quarto, *The Retired Man's Meditations* foi descrito pelos detratores contemporâneos de Vane, e mesmo por historiadores da atualidade, como um texto “difuso, repetitivo, e saturado de metáfora bíblica”.¹⁴⁸ Dividido em 26 capítulos, o livro ecoava ideias já apontadas em *A Brief Answer to a Certain Declaration* e *Zeal Examined*, dizendo que a ortodoxia persecutória era anticristã. Como Vane observava, a tolerância religiosa era o que permitiria a emergência dos verdadeiros “santos”, que exerceriam suas funções como magistrados de Deus no aguardado e iminente Milênio terreno. Assim, a insistência do Protetorado em regular assuntos religiosos indicava, na leitura do autor, que os magistrados e o próprio Lorde Protetor invadiam tópicos da jurisdição de Cristo. Desta forma, mesmo sob o pretexto de adotar leis pias, Cromwell se comportava como uma Besta tirânica, como o Dragão do Apocalipse, cujo único interesse era

Seventeenth Century, v. 5, n. 1, p. 55–70, 1990; COFFEY, "The martyrdom of Sir Henry Vane"; MOHAMED, "Milton, Sir Henry Vane"; MAYERS, "Vane, Sir Henry, the younger".

¹⁴⁶ Sobre isso, ver, entre outros: PATRICK, J. Max. "The Idea of Liberty in the Theological Writings of Sir Henry Vane the Younger". In: COLE, C, Robert; MOODY, Michael E. (orgs.), **The Dissenting tradition: essays for Leland H. Carlson**. Athens: Ohio University Press, 1975; HUGHES, "The commonwealthmen divided"; MAYERS, "Real and Practicable"; MAYERS, "Vane, Sir Henry, the younger"; PARNHAM, David. "Politics spun out of theology and prophecy: Sir Henry Vane on the spiritual environment of public power". **History of Political Thought**, v. 22, n. 1, p. 53–83, 2001; COFFEY, "The martyrdom of Sir Henry Vane"; MOHAMED, "Milton, Sir Henry Vane".

¹⁴⁷ VANE, Henry. **The Retired Man's meditations, or, The myserie and power of godlines shining forth in the living Word to the unmasking the myserie of iniquity in the most refined and purest forms**. Londres: Robert White, 1655; VANE, Henry. **A Healing Question Propounded and Resolved, Upon occasion of the late publique and seasonable Call to Humiliation**. Londres: Thomas Brewster, 1656.

¹⁴⁸ No original: “diffuse, repetitive, and saturated in biblical metaphor”. MAYERS, "Vane, Sir Henry, the younger".

exercer domínio sobre o povo e perseguir os “santos”. Mas apesar dos sofrimentos causados pela intolerância, Vane apontava que era preciso confiar que “a causa e o interesse no qual o bom povo desta Nação sempre se engajou”, isto é, “as liberdades Civis ou interesses dos homens como homens” e as “liberdades Cristãs, como Santos” se realizariam, pois “Deus, que trouxe a obra tão longe”, não deixaria que tudo se perdesse agora.¹⁴⁹

De forma mais direta, Henry Vane reivindicaria a “boa e velha causa”, que aglutinava as liberdades civis e cristãs em *A Healing Question*. Ainda que o texto não tenha se dedicado a uma detalhada reflexão sobre a Escritura, como Vane fizera em *The Retired Man's Meditations*, a obra mantinha a expectativa milenarista. Em *A Healing Question*, o autor se concentrava em questões práticas, defendendo a necessidade de arrancar “pelas próprias raízes” parte da “Tiranía e escravidão Anticristãs” que, como ervas daninhas, sempre estavam “aptas a se renovarem e brotarem de novo, sob alguma nova forma ou aparências refinadas, como a experiência dos últimos anos tem nos ensinado.”¹⁵⁰

Buscando apresentar uma solução viável para evitar o iminente risco da reorganização de uma monarquia, Vane conclamou a reunião dos bons cidadãos que, apesar de discordarem entre si, “pretendem ou desejam estar à salvo do perigo do inimigo comum”¹⁵¹. Por meio dessa associação, que conformaria um “partido honesto”, seria possível retomar o projeto da “boa e velha causa”. Para o autor, os direitos e liberdades naturais dos habitantes das “três Nações” haviam sido tomados desde a Conquista Normanda. A Revolução dos anos 1640 havia dado início à ruptura com o terrível jugo estrangeiro, mas a “boa e velha causa”, argumentava, foi deixada de lado por conta dos interesses particulares de tiranos como Oliver Cromwell. Assim, para Vane, era imprescindível recobrar os ideais que levaram o povo a se levantar contra a arbitrariedade do reinado de Carlos I, implantando um governo livre, instituído por meio do consentimento voluntário dos cidadãos. Sua proposta previa, ainda, que a república separasse os poderes executivo e legislativo, garantindo que as autoridades sempre estivessem sujeitas às leis. Organizadas por um conselho, essas leis conformariam a constituição que regularia o governo civil, prezando pelos direitos e pelas liberdades naturais. Entre tais princípios, Vane mencionava, especialmente, a tolerância religiosa, demandando a promulgação da liberdade de consciência e culto. Para o autor, a união do “partido honesto” para a condução desse projeto republicano era a grande

¹⁴⁹ No original: “the cause and interest which the good people of this Nation have all along engaged in”; “Civil liberties or interests of men as men”; “Christian liberties, as Saints”; “God, who hath brought on the work thus farre”. VANE, **The Retired Man's meditations**, p.394

¹⁵⁰ No original: “by the very roots”; “Antichristian Tyranny and bondage”; “apt to renew and sprout out afresh, under some new forme or refined appearances, as by late years experience we have been taught.” VANE, **A Healing Question**, p.7.

¹⁵¹ No original: “intend or desire to be safe from the danger of the common enemy?”. *Idem*, p.1.

obra dos dias atuais, e provará ser o único remédio, sob Deus, para sustentar e levar adiante essa causa abençoada e a obra do Senhor nas três Nações, e que já chegou até aqui em seu progresso para seu desejado e esperado fim de trazer Cristo, o Desejo de todas as Nações, como principal Governante entre nós.¹⁵²

Apesar de seu conteúdo controverso, *A Healing Question*, inicialmente teve uma boa recepção do governo. O manuscrito da obra circulou entre o Conselho de Estado, foi oficialmente licenciado e, em maio de 1656, registrado no *Entry Book* da Companhia dos Estacionários. Mas em junho, a decisão de autorizar a publicação já parecia equivocada. Uma carta do general John Thurloe, endereçada a Henry Cromwell (filho do Lorde Protetor, que exercia a função de major-general do exército na Irlanda), demonstrava incômodo com o fato de o livro propor a implantação de uma nova forma de governo. No mês seguinte, Henry Vane foi chamado para ser interrogado perante o Conselho de Estado. Embora tenha tentado se esquivar das acusações, a redação e a publicação de *A Healing Question* foram consideradas ofensivas para o governo. Uma ordem de prisão foi emitida, mas Vane seria poupado do cárcere mediante uma fiança de £5.000.¹⁵³ Recusando-se a pagar, o autor foi enviado para a cadeia da Ilha de Wight em setembro, onde permaneceu até dezembro daquele ano.¹⁵⁴

Mesmo com a punição, cópias de *A Healing Question* continuaram a circular amplamente. Na verdade, as vendas podem, inclusive, ter sido intensificadas conforme a polêmica em torno do panfleto se desdobrou. Pouco depois da prisão de Vane, foi lançada uma narrativa dos procedimentos legais tomados contra seu autor. Intitulado *The Proceeds of the Protector (so called) and his Council against Sir Henry Vane, Knight*, o texto foi publicado anonimamente, além de ocultar o local e a data de impressão em sua folha de rosto. Abaixo do título, era indicada uma breve descrição de Vane, apontando-o como “*Um antigo MEMBRO iminente do CONSELHO do ESTADO e da República da INGLATERRA*”.¹⁵⁵ Embora o panfleto pareça ter sido composto às pressas e sem

¹⁵² No original: “work of the present day, and will prove the onely remedy, under God, to uphold and carry on this blessed cause and worke of the Lord in the three Nations, that is already come thus far onwards in its progresse to its desired and expected end of bringing in Christ, the Desire of all Nations, as the chiefe Ruler amongst us.” *Idem*, p.21.

¹⁵³ Mais de £517.000,00 nos dias atuais.

¹⁵⁴ PRO SP25/77/373; "State Papers, 1656: June". In: BIRCH, Thomas (ed.) **A Collection of the State Papers of John Thurloe**. Vol. 5: May 1656 - January 1657. London: Fletcher Gyles, 1742. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/thurloe-papers/vol5/pp121-134>>, acessado em 30 de maio de 2022; "State Papers, 1656: August". In: BIRCH, Thomas. *Op. cit.*, 1742. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/thurloe-papers/vol5/pp333-350>>, acessado em 30 de maio de 2022; ARBER, **A Transcript**; MAYERS, Ruth E. "Real and Practible"; WOODFORD, "Developments and Debates in English Censorship".

¹⁵⁵ No original: “*A late Eminent MEMBER of the COUNCILL of STATE of the Common wealth of ENGLAND*”. **The Proceeds of the Protector (so called) ans his Councill against Sir Henry Vane, Knight**. [Londres: s. n., 1656], fl.1.

muito cuidado, nota-se a preocupação em incluir as caixas altas e os itálicos nos destaques acerca de Vane e da ocasião de sua prisão. Na folha de rosto, é citado, ainda, que o panfleto trazia uma transcrição exata dos eventos, já que era “publicada por um verdadeiro Amigo da Prosperidade de SIÃO e da Liberdade da INGLATERRA”.¹⁵⁶ Em outras palavras, o(s) responsável(eis) pelo texto se colocava(m) como defensor(es) da “boa e velha causa”, aqui simbolizada pela associação entre as expectativas milenaristas da Nova Jerusalém na Terra, e da organização de um governo civil que preservasse os direitos naturais na Inglaterra.

As boas intenções daquele(s) que lançava(m) *The Proceeds of the Protector* – assim como as de Henry Vane, injustamente preso por suas ideias – eram reforçadas pelas suas citações bíblicas, que condenavam as ações de Cromwell e seu Conselho de Estado. A primeira, proveniente do Livro de Provérbios, dizia que “*Aquele que sendo frequentemente Reprovado endurece o seu Pescoço, será repentinamente destruído, sem que haja remédio*”.¹⁵⁷ O trecho indicava que ao persistir no erro, mesmo sendo alertado sobre ele, chegava-se à condenação divina. Pelo contexto da obra, sabemos que o alerta era endereçado a Cromwell que, ao ignorar as críticas feitas ao seu governo, em breve receberia sua punição. O erro do Lorde Protetor, conforme sugerido na segunda citação, retirada do segundo capítulo do Livro de Gálatas, se devia ao fato de que ele reconstruía aquilo que já havia previamente sido destruído, isto é, a monarquia. Ao fazê-lo, ele se tornava “um Transgressor” (ver *Figura 3*).¹⁵⁸

¹⁵⁶ No original: “published by a reall Well-wisher to SIONS Prosperity and ENGLANDS Liberty.” *Idem, ibidem.*

¹⁵⁷ No original: “*He that being often Reproved, hardeneth his Neck, shall suddenly be destroyed, and that without remedy*”. *Idem, ibidem.*

¹⁵⁸ No original: “a Transgressor”. *Idem, ibidem.*

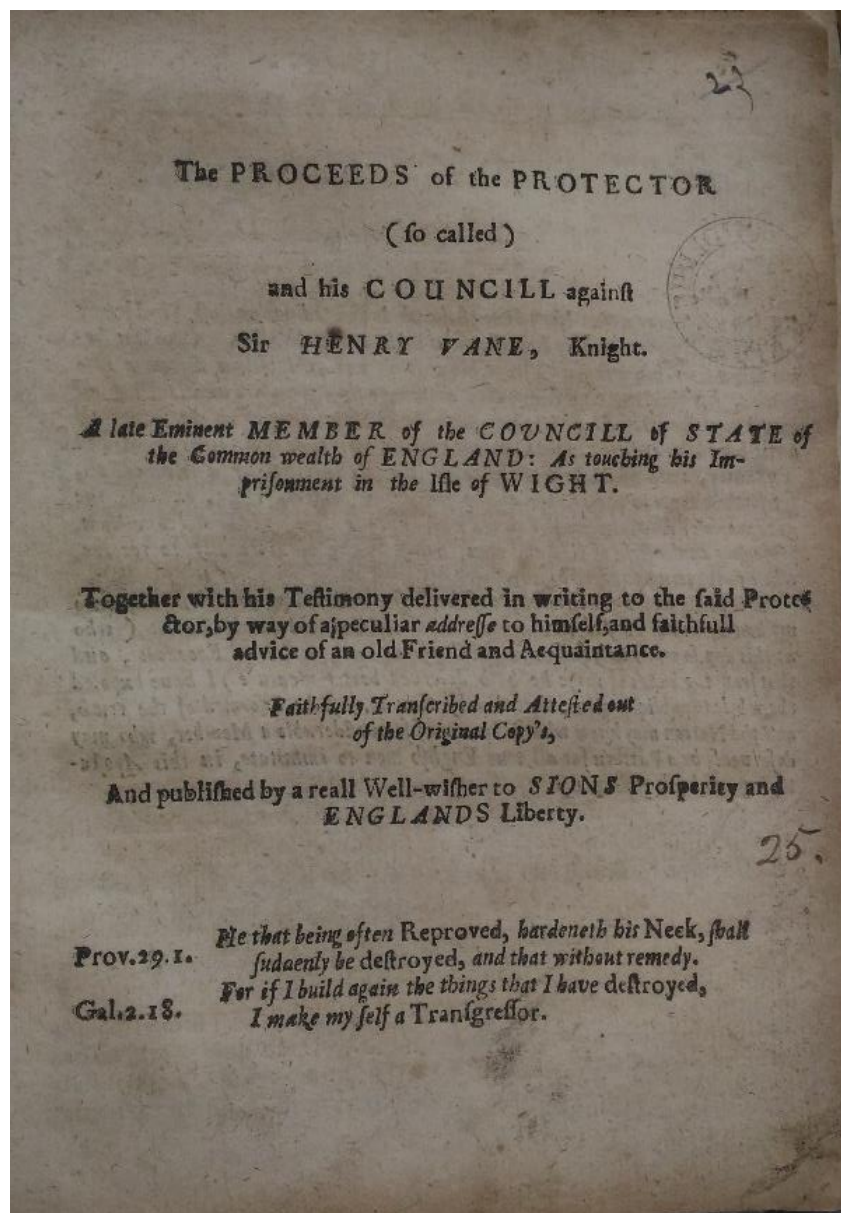


Figura 3: Folha de rosto de *The Proceeds of the Protector*.¹⁵⁹

No breve prefácio, impresso no verso da folha de rosto, o(s) publicador(es) enaltecia(m) não apenas a importância do discurso expresso em *A Healing Question*, com sua proposta de “Unir todos os corações e espíritos dos homens honestos, que desde o início de toda a Guerra por todo o tempo estiveram engajados na Causa da verdadeira Liberdade, contra a Opressão e Tirania”; mas também elogiavam o caráter de Henry Vane como um verdadeiro campeão da “boa e velha causa”, “que pode mercidamente ser um Padrão para todo verdadeiro Inglês imitar, nesta Época de Apostasia e retrocesso.”¹⁶⁰

¹⁵⁹ Bodleian Library, G. Pamphl. 1363 (24).

¹⁶⁰ No original: “Uniting all honest mens hearts and spirits, who from the first beginning of all the Warr all along have been engaged in the Cause of true Freedom, against Oppression and Tyranny”; “who may deservedly be a Pattern for all true English men to imitate, in this Apostizing and back-sliding Age.”. *The Proceeds of the Protector*, fl.1v.

1.3.2. De Henry Vane a Thomas Venner

É provável que essa defesa de *A Healing Question* e de seu autor tenha saído das penas (e das prensas) de radicais milenaristas, que transitavam pela comunidade londrina dos Homens da Quinta Monarquia. Há algumas razões para acreditarmos nisso. Em primeiro lugar, cabe mencionar que, certamente, o texto contou com o auxílio de estacionários como Giles Calvert, Livewell Chapman e, sobretudo, Thomas Brewster, para ser produzido e comercializado. Além de os três livreiros estarem em constante conexão com grupos radicais religiosos, em especial aqueles com marcantes características profético-políticas, Brewster veio a se tornar o principal divulgador das ideias de Henry Vane no mercado de impressos. Em 1660, o estacionário reeditou *A Healing Question*, acrescentando uma nota de fim, informando que, como as cópias remanescentes da impressão de 1656 haviam se esgotado e o panfleto ainda era “*desejado por muitos, eu o Reimprimi?*”.¹⁶¹ Entre todas as cópias compulsadas na presente pesquisa, os exemplares da edição de 1660 sempre vinham acompanhados de *The Proceeds of the Protector*. Havia uma intenção editorial em enobrecer o trabalho de Vane, como resultado de um resistente combatente da tirania. A nota de Brewster parecia implicar o mesmo objetivo, pois também contextualizava a ocasião original da publicação do texto: a época na qual Cromwell havia concentrado os poderes em sua figura. Apesar de ter sido escrito para combater essa situação, Brewster salientava que *A Healing Question* ainda tinha muito a oferecer aos leitores em 1660.

Certamente, o livreiro não era o único a ter essa opinião. Como já dito anteriormente, os sermões pregados por Henry Vane após sua aposentadoria da vida pública eram frequentados por diversos milenaristas, como John Rogers, um admirador das reflexões do autor.¹⁶² Por fim, também é interessante observar que Vane foi um prisioneiro contemporâneo de Rogers e de outros dois pentamonarquistas, entusiastas das reflexões sobre a “boa e velha causa”, na época de seu enclausuramento na Ilha de Wight: o major-general Thomas Harrison e o pastor Christopher Feake.¹⁶³

¹⁶¹ No original: “desired after by divers, I have Reprinted it”. VANE, Henry. **A healing question propounded and resolved upon occasion of the late publique and seasonable call to humiliation**. Londres: Thomas Brewster, 1660, p.25v.

¹⁶² Sobre as relações entre John Rogers e Henry Vane, ver: SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. **John Rogers e a disputa pela commonwealth**: debates e polêmicas com William Prynne, Richard Baxter e James Harrington durante a segunda república inglesa. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2014.

¹⁶³ BALL, Bryan W. "Feake, Christopher (1611/12–1682/3), Fifth Monarchist leader". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-9235>>, acessado em 31/05/2022; GREAVES, Richard L. "Rogers, John (b. 1627), Fifth Monarchist writer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-23983>>, acessado em 31/05/2022; MAYERS, "Sir Henry, the younger".

De fato, o trânsito de *A Healing Question* entre as comunidades sectárias parece ter sido significativo. Mesmo que não expressasse o mesmo fervor oposicionista encontrado nos panfletos de pentamonarquistas como John Rogers e Christopher Feake, o texto foi acolhido justamente por seu tom moderado e conciliador. Era também o seu caráter agregador que preocupava as autoridades. Seus “termos obscuros e misteriosos o suficiente”¹⁶⁴, como apontado por Thurloe, eram bem recebidos entre militares, republicanos e sectários religiosos descontentes com o Protetorado. O texto, de fato, parece ter sido lido e debatido em uma reunião da comunidade independente de Swan Alley, em Coleman Street, alguns dias antes de sua publicação. Na ocasião, como relatado por Thurloe, pensava-se em “reconciliar o partido da 5ª monarquia e da república”¹⁶⁵ e, para esse fim, homens como o vice-almirante John Lawson, o major-general Thomas Harrison e o coronel John Okey dialogaram com milenaristas radicais como Thomas Venner, Livewell Chapman, Christopher Feake e Arthur Squibb para organizar estratégias a fim de recuperar a “boa e velha causa”.¹⁶⁶

É provável que os debates entre esses agentes, bem como a leitura de *A Healing Question* nas reuniões em Swan Alley tenham estimulado a organização de uma revolta armada, liderada pelo tanoeiro pentamonarquista Thomas Venner em abril de 1657. Embora tivesse reunido armas e homens, o plano de Venner foi descoberto pouco antes de ser posto em prática. Mesmo assim, a empreitada ocasionou a publicação de um manifesto intitulado *A Standard Set Up*, feito para ser distribuído por Londres e pelos demais condados ingleses. Embora Christopher Hill e grande parte da historiografia tenham sugerido que o próprio tanoeiro havia redigido o pequeno quarto, a autoria do panfleto segue indefinida. A folha de rosto indica o nome de William Medley, genro de Venner, como um redator que forneceu seu punho à composição do texto, mas não necessariamente elaborou todas as ideias presentes no manifesto. Como observado por Bernard Capp, mesmo John Thurloe desconsiderou Venner como o escritor do texto, no entanto, o pesquisador não propôs outra explicação sobre a elaboração de *A Standard Set Up*.¹⁶⁷ Ao cotejarmos o panfleto, bem como

¹⁶⁴ No original: “termes darke and misterious enough”. “State Papers, 1656: August”. In: BIRCH, Thomas. **A Collection of the State Papers of John Thurloe**. Vol. 5: May 1656 – January 1657. Londres: s. n.p., 1742. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/thurloe-papers/vol5/pp333-350>>, acessado em 30/05/2022.

¹⁶⁵ No original: “to reconcile the 5 monarchy and the common wealth partye”. “State Papers, 1657: April”. In: BIRCH, Thomas. **A Collection of the State Papers of John Thurloe**. Vol. 6: January 1657 – March 1658. Londres: Fletcher Gyles, 1742. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/thurloe-papers/vol6/pp184-197>>, acessado em 30/05/2022.

¹⁶⁶ *Idem*; BURRAGE, Champlin. “The Fifth Monarchy Insurrections”. **The English Historical Review**, v. XXV, n. C, p. 722–747, 1910.

¹⁶⁷ Ver, entre outros: HILL, **The experience of defeat**; SOLT, “The Fifth Monarchy Men”; HARTMAN, **“For Christ and the people”**; HOLSTUN, James. **Ehud’s dagger: class struggle in the English Revolution**. Londres: Verso, 2002; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; CAPP, “A Door of Hope Re-opened”; FARR, **Major-General Thomas Harrison**; DE KREY, Gary. **Following the Levellers: English Political and Religious Radicals from the Commonwealth to the Glorious Revolution, 1649–1688**. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.

as notas do general, parece-nos mais acertado apontar o manifesto como o resultado de um trabalho coletivo.

Em seu longo relato sobre a descoberta do projeto de sublevação liderado por Thomas Venner, Thurloe observava que a rebelião não fora planejada num único encontro, mas em reuniões semanais ocorridas em Swan Alley. Nessas ocasiões, ressaltava o censor, estavam presentes os defensores “da 5ª monarquia e da república”¹⁶⁸, cujas diferenças foram momentaneamente deixadas de lado a fim de propor uma forma de governo alternativa ao Protetorado. Isso parece indicado também na folha de rosto de *A Standard Set Up*. Logo abaixo do título, lê-se que o manifesto era “Para que as verdadeira Semente e os Santos do Altíssimo possam ser reunidos em um, a partir de suas várias Formas: Pelo Cordeiro contra a Besta, e Falso Profeta em boa e honrável Causa.”¹⁶⁹ Ainda, em itálicos era dito que o manifesto demonstrava a forma pela qual “*Santos como Santos, homens como homens, e a Criação terão aqui as suas bênçãos, assim como na Libertação da Verdadeira Igreja da Babilônia, e toda Confusão; como no mais Justo e Livre-Estado-Republicano*” (ver Figura 4).¹⁷⁰ Esses dois trechos pareciam ecoar ideias já expressas por Vane em *The Retired Man’s Meditations* e *A Healing Question*, obras as quais sabemos que pentamonarquistas como John Rogers, e Christopher Feake tiveram acesso.

¹⁶⁸ No original: “to reconcile the 5 monarchy and the common wealth partye”. "State Papers, 1657: April". In: BIRCH, **A Collection of the State Papers**. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/thurloe-papers/vol6/pp184-197>>, acessado em 30/05/2022.

¹⁶⁹ No original: “Whereunto the true Seed and Saints of the most High may be gathered together into one, out of their several Forms: For the Lambe against the Beast, and False Prophet in good and honourable Cause.” **A Standard Set Up: Whereunto the true Seed and Saints of the most High may be gathered together into one, out of their several Forms: For the Lambe against the Beast, and False Prophet in this food and honourable Cause**. [Londres:] s. n., 1657, fl.1.

¹⁷⁰ No original: “*Saints as Saint, men as men, and the Creation shall have their blessings herein, as in the Deliverance of the True Church out of Babylon, and all Confusion; as in the most Righteous and Free-Common-Wealth-State*”. *Idem*, fl.1.

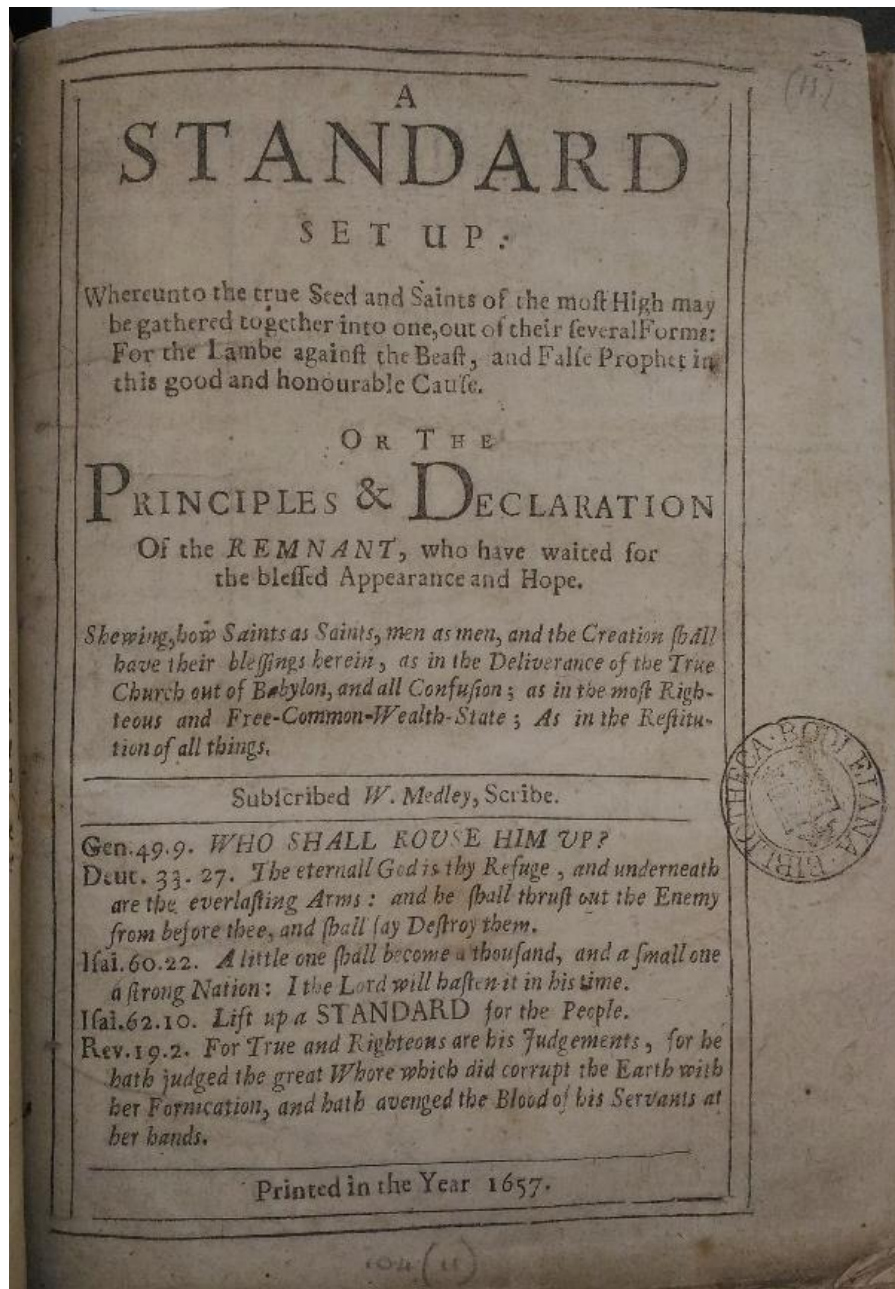


Figura 4: Folha de rosto de *A Standard Set Up*.¹⁷¹

A insistência em associar apenas a figura de Venner à autoria do panfleto estava no fato de ele ter liderado a conspiração. Além disso, como muitos líderes milenaristas se opuseram aos planos da rebelião armada do tanoeiro, há uma tendência a dissociá-lo de outros sujeitos, como Christopher Feake, John Rogers, John Carew e Thomas Harrison.¹⁷² Registros de reuniões pentamonarquistas, supostamente feitos pelo próprio Venner, mencionavam, inclusive, que o livreiro Livewell Chapman fora excluído das deliberações da comunidade sectária após uma ríspida

¹⁷¹ Bodleian Library, Pamph. C 104 (1). (11).

¹⁷² HARTMAN, "For Christ and the people"; FARR, Major-General Thomas Harrison.

discordância dos planos de Venner.¹⁷³ Não obstante, parece-nos equivocado tomar as reflexões propostas em *A Standard Set Up* de forma isolada, ou, como indicado pelo próprio general Thurloe à época das investigações, como resultado de um incidente único. O manifesto congregava ideias em circulação nos encontros em Swan Alley e não é de se espantar que a obra de Vane tenha sido de grande valia nos debates lá ocorridos.

A Standard Set Up recapitulava os eventos transcorridos no contexto revolucionário para justificar a remoção providencial da monarquia Stuart. Citando trechos de discursos e decretos parlamentares, bem como inúmeras passagens bíblicas, o texto sugeria que a centralização de poder do Lorde Protetor era ilegítima, tanto por subverter a decisão de 1649, contrária ao estabelecimento de governos pessoais e arbitrários, como por desviar da lei divina. Cromwell “Abandonou a Causa e a Obra”¹⁷⁴ de Deus, corrompendo os interesses do povo e extorquindo-lhe dinheiro para financiar seu exército, cujo intuito era apenas assegurar seu próprio domínio. Com a mesma citação do Livro de Provérbios (29.1) utilizada na folha de rosto de *The Proceeds of the Lord Protector*, o manifesto alertava que ao persistir em seu erro, Cromwell seria destruído. Mas de forma mais radical, *A Standard Set Up* propunha que os “santos” exercessem seu direito de promover tal destruição. Citando *A Remonstrance or Declaration of the Army* (1648), o texto argumentava que as pessoas estavam livres de quaisquer deveres para com governantes que lhes tiranizavam, podendo pegar em armas “para recuperar o nome de Deus, sua justa Causa, a Redenção dos Santos, e os direitos do povo.”¹⁷⁵

Em meio à efusiva defesa de Cristo como único rei e legislador legítimo e às expectativas pela realização iminente de Seu retorno, *A Standard Set Up* também propunha reformas como a abolição dos dízimos; o fim das prisões arbitrárias; a eleição de um conselho (tal como um Grande Sinédrio), cujos representantes seriam homens “santos”, para assegurar os direitos e as liberdades comuns. Por essa associação entre as esperanças proféticas e as perspectivas republicanas, organizadas sob a defesa da “boa e velha causa”, algumas das propostas de *A Standard Set Up* soaram a Perez Zagorin como um “empréstimo dos Levellers”¹⁷⁶. Mesmo que a organização de um governo regido por um conselho de “santos” divergisse da ideia de soberania popular expressa pelos levellers em seu *Agreement of the People*, os argumentos de *A Standard Set Up* pareciam expressar

¹⁷³ As anotações manuscritas relatando os encontros pentamonarquistas encontram-se na British Library. Champlin Burrage, que as transcreveu e publicou no periódico *The English Historical Review* em 1910, sugere que os registros tenham sido feitos pelo próprio Thomas Venner. British Library, **Add MS 4459: 1638-1755**. Vol. II, fl.111-122; BURRAGE, "The Fifth Monarchy Insurrections".

¹⁷⁴ No original: "Hath left the Cause and Work". **A Standard Set Up**, p.7.

¹⁷⁵ No original: "to recover the name of God, his righteous Cause, the *Redemption of Saints*, and rights of the people". *Idem*, p.10.

¹⁷⁶ No original: "borrowing from the Levellers". ZAGORIN, Perez. **A history of political thought in the English Revolution**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1965, p. 102.

os debates de sua época e os interesses em mobilizar alianças contra o inimigo comum (Oliver Cromwell, o traidor da “causa” de Deus e do Parlamento).

Evidentemente, *A Standard Set Up* era mais radical do que as obras conciliadoras de Henry Vane, como *A Healing Question*. Ainda assim, parece-nos possível sugerir que o manifesto pentamonarquista possa ter se inspirado em um debate mais amplo do que aquele circunscrito aos cálculos proféticos e às exegeses dos textos apocalípticos. Também, cabe frisar o impacto que o “republicanismo devoto” de Henry Vane, como descrito por Ruth Meyers, teve entre as seitas radicais religiosas. Embora tenha procurado reabilitar o legado do autor durante o contexto da efervescência do pensamento republicano inglês dos seiscentos, Meyers percebeu o recurso de Vane à linguagem profética apenas como uma estratégia retórica, empregada para o convencimento (ou mesmo para a manipulação) de seus leitores milenaristas, mas não a colocou como um elemento fundamental do projeto “real e praticável”¹⁷⁷ levantado pelo autor. Contrariamente, a trajetória de Vane, o conjunto de seus escritos e, sobretudo, seu trânsito entre pregadores e estacionários milenaristas sugerem que o apocalipticismo estava no centro do modelo de governo pensado por ele. Antes de tudo, a república ansiada pelo autor era uma república cristã, cuja realização era um prelúdio visível e terreno para a esperada concretização da Providência. As liberdades e os direitos naturais, assim como o consentimento do povo com o governo e as leis, eram defendidos pelo autor porque faziam parte do *devoir* da história sagrada em direção à revelação completa dos “santos” e de seu papel no vindouro reino de Cristo na Terra.¹⁷⁸

Não queremos aqui sugerir que Henry Vane fosse um Homem da Quinta Monarquia, mas reforçar que, certamente, seu projeto político era também milenarista. As especulações sobre as associações de Vane com o movimento também não podem ir adiante por conta das profundas críticas feitas aos pentamonarquistas depois que a empreitada de Thomas Venner foi descoberta. A partir de meados de 1657, diversos pregadores e autores condenaram o complô, afastando-se do episódio a fim de evitar problemas com as autoridades. Não obstante, como observado por John Coffey, Henry Vane viria a se tornar um dos grandes mártires da “boa e velha causa” de Deus e do Parlamento na década de 1660, sendo acolhido, sobretudo, por radicais milenaristas. Embora Coffey concentre sua reflexão na imagem póstuma do autor, as discussões apresentadas até aqui indicam que as estreitas relações entre Vane e sujeitos como Rogers, Feake e Brewster vinham de longa data.¹⁷⁹

¹⁷⁷ No original: “real and practicable”. MAYERS, “Real and Practicable”.

¹⁷⁸ *Idem*; MAYERS, 1659; MOHAMED, “Milton, Sir Henry Vane”.

¹⁷⁹ COFFEY, “The martyrdom of Sir Henry Vane”; CAPP, *The Fifth Monarchy Men*; CAPP, “A Door of Hope Re-opened”.

Não é de estranhar, por conseguinte, que publicações posteriores de pentamonarquistas parecessem ainda ecoar o caráter aglutinador da “causa” de Henry Vane. Numa tentativa de se desvencilhar de acusações de fanatismo ou da violência pretendida por Venner, o tom apaziguador e conciliador de *A Healing Question* repercutiu no reflorescimento das discussões sobre a “boa e velha causa” ao final dos anos 1650. Embora o governo de Oliver Cromwell tenha sofrido duras críticas, o Lorde Protetor conseguiu se manter no poder até sua morte em 1658. Mas seu falecimento frisou o caráter monárquico do regime que havia estabelecido: seu filho, Richard, assumiu a liderança do Protetorado, desagradando tanto aos regalistas – que recusavam a legitimidade daquela nova “dinastia” –, quanto aos republicanos e sectários – que temiam a volta ao sistema régio. Sem as habilidades políticas de seu pai, Richard Cromwell não conseguiu conciliar as pressões dos militares, dos republicanos e dos sectários. A convocação de seu primeiro Parlamento foi desastrosa e a autoridade do novo Lorde Protetor ruiu. Ao passo que o Protetorado falia, diversas possibilidades de governo estavam, mais uma vez, à disposição. O nostálgico discurso pela “boa e velha causa” logo voltou a reocupar a esfera pública. De fato, 1659 parece ter sido o ano de maior popularidade da expressão.¹⁸⁰ Em buscas nas bases de dados EEBO e ESTC, encontramos um pico de ocorrências do termo nas publicações de 1659 (ver *Gráfico 1*).

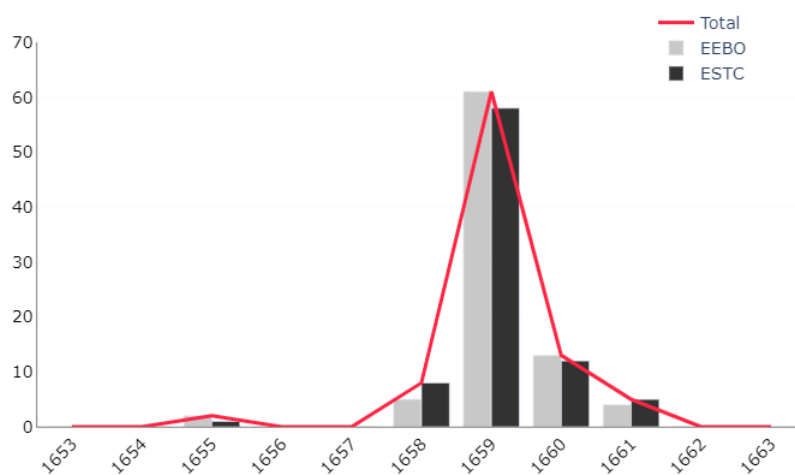


Gráfico 1: Impressos cujos títulos faziam referência à “good old cause” publicados entre 1653 e 1663.¹⁸¹

¹⁸⁰ WOOLRYCH, "The Good Old Cause"; HARTMAN, “**For Christ and the people**”; HUGHES, "The commonwealth divided"; MAYERS, **1659**; MOHAMED, "Milton, Sir Henry Vane"; SANTOS JUNIOR, "John Rogers, William Prynne".

¹⁸¹ Cabe ressaltar que os valores indicados no gráfico não são absolutos. A pesquisa do termo “good old cause” em na EEBO e no ESTC é limitada e parcial. Ainda assim, os dados da amostra sugerem uma tendência significativa de crescimento das referências à expressão no ano de 1659.

A tendência de preocupação com o futuro da “causa” no delicado ano de 1659 repercutiu entre as publicações de Giles Calvert e seus parceiros, Livewell Chapman e Thomas Brewster. Em 1658, Chapman lançou *The Time of Finding* do pentamonarquista John Canne, que meditava sobre as razões pelas quais “a boa e velha causa” havia sido interrompida e buscava entender quando ela seria retomada. No ano seguinte, a expectativa de ambos era reforçada com *A Two-Fold Shaking of the Earth*.¹⁸² Ainda em 1659, Chapman publicou *The Christian Commonwealth* do colono John Eliot, em defesa da “causa” de Deus, isto é, da promoção do governo de Cristo na Terra, com Sua prerrogativa sobre o poder legislativo.¹⁸³ Em *A Beam of Light*, Christopher Feake escrevera que a causa era aglutinadora, podendo unir os “santos”, que esperavam o cumprimento das profecias, e os *commonwealthmen*, que rejeitavam a configuração de um regime cujo soberano era uma única pessoa.¹⁸⁴ Em defesa dos verdadeiros pressupostos da “causa”, John Rogers lançou com Chapman dois textos fundamentais para o debate: *Diapoliteia* e *Mr. Pryn's Good Old Cause Stated and Stuned 10 Years Ago*. Por um lado, as obras combatiam as tentativas do legalista William Prynne de perverter a “boa e velha causa” em seu discurso pró-Restauração da família Stuart; e, por outro, rejeitavam acepções seculares do termo como as de James Harrington, que se pautavam sobretudo no republicanismo clássico e na defesa da soberania parlamentar. Henry Vane foi retomado e elogiado por Rogers, que desejava a promoção de um regime teocrático.¹⁸⁵ Na mesma linha, Henry Stubbe, discípulo de Vane, falava sobre uma república inspirada na Escritura em seu *The Common-Wealth of Israel*, publicado com Thomas Brewster.¹⁸⁶ Além desses textos, vários panfletos e petições dirigidos

¹⁸² CANNE, John. **The time of finding: shewing, when the Lord will be found, and by whom; and when there will be no time of finding: also the persons are describ'd, who shall not finde the Lord, though they seek him with tears. Likewise, some reasons why the Lord hath suffered his work, and good old cause to be stopt, and how it shall certainly be reviv'd again.** Londres: Livewell Chapman, 1658; CANNE, John. **A two-fold shaking of the earth: or, an exposition on Heb. 12.26, 27. Wherein is shewed, the first shaking of the earth, seems to be meant the putting down of the late King and bishops: the later shaking, a change of the present government.** Londres: Livewell Chapman, 1659.

¹⁸³ ELIOT, John. **The Christian Commonwealth: or, The civil policy of the rising kingdom of Jesus Christ.** Londres: Livewell Chapman, 1659.

¹⁸⁴ FEAKE, Christopher. **A beam of light, shining in the midst of much darkness and confusion: being (with the benefit of retrospection) an essay toward the stating (and fixing upon its true and proper basis) the best cause under heaven: viz. the cause of God, of Christ, of his people, of the whole creation, that groans and waits for the manifestation of the sons of God.** Londres: J. C.; Livewell Chapman, 1659.

¹⁸⁵ ROGERS, John. **Diapoliteia. A Christian concertation with Mr. Prin, Mr. Baxter, Mr. Harrington, for the true cause of the Commonwealth.** Londres: Livewell Chapman, 1659.

ROGERS, John. **Mr. Pryn's good old cause stated and stuned 10. years ago. Or, A most dangerous designe, in mistating the good, by mistaking the bad old cause; clearly extricated and offered to the Parliament, the General Council of Officers, the good people's and army's immediate consideration.** Londres: J. C.; Livewell Chapman, 1659. Sobre o debate travado entre Rogers e Prynne ver, entre outros: POCOCK, "James Harrington and the Good Old Cause"; HUGHES, "The commonwealthmen divided"; SANTOS JUNIOR, "John Rogers, William Prynne".

¹⁸⁶ STUBBE, Henry. **The common-wealth of Israel, or A brief account of Mr. Prynne's anatomy of the good old cause.** Londres: Thomas Brewster, 1659.

ao exército e ao Parlamento expressavam a urgência de os ingleses se voltarem para “a boa e velha causa”.¹⁸⁷

Apesar dos esforços dos defensores da “causa”, o crescente medo de que a agitação política levasse a uma nova Guerra Civil fez com que a Inglaterra abandonasse as possibilidades da manutenção de uma república ou do estabelecimento de um governo teocrático de inspiração milenarista. MPs presbiterianos e regalistas – que prezavam pela estabilidade a Igreja e do Estado – conseguiram ampliar seu poder entre 1659 e 1660. O Protetorado desmoronou e deu lugar a um *Convention Parliament*¹⁸⁸, no qual o retorno à monarquia passou a ser considerado como uma opção mais segura do que novos experimentos políticos. Mas ao contrário do que Christopher Hill enxergou como a derrota do radicalismo do contexto revolucionário, a Restauração foi marcada pela nostalgia pela “boa e velha causa”. Panfletos anti-regalistas despontavam para desafiar a autoridade do rei, conclamando que os desígnios de Cristo ainda estavam por vir. O Milênio foi adiado, mas, definitivamente, ainda não estava eliminado do horizonte de expectativa. E foi precisamente por acreditar na viabilidade da retomada desses projetos profético-políticos que os Estacionários Confederados continuaram engajados nos debates e nas disputas do espaço público.

¹⁸⁷ Ver, por exemplo: BISHOP, George. **Mene tekel, or, The council of officers of the Army, against the declarations, &c. of the Army.** Londres: Thomas Brewster, 1659; **The humble petition of divers inhabitants of the county of Hertford, who have faithfully adhered to the Good Old Cause. Presented to the Parliament, by Dr. Barber, with many free-holders, and other inhabitants of the said county, May 13. 1659. Together with the Parliament's answer thereunto.** Londres: Thomas Brewster, 1659; PENINGTON, Isaac. **To the Parliament, the Army, and all the wel-affected in the nation, who have been faithful to the good old cause.** Londres: J. M[acock]; Giles Calvert, 1659.

¹⁸⁸ Por não ter sido convocado por um rei, foi identificado e nomeado como uma “convenção”. HUTTON, Ronald, **The Restoration: a political and religious history of England and Wales, 1658-1667.** Oxford: Oxford University Press, 1987; HILL, **O século das revoluções.**

Capítulo 2

Libelos e complôs sediciosos

[...] um dia antes da dissolução do Parlamento, em plena Exchange¹, veio um sujeito com uma escada nos ombros e um pote de tinta na mão, e colocou a escada no lugar onde a estátua do falecido Rei ficava, e então subiu, e apagou aquela inscrição, que havia sido feita após a morte do Rei, *Fora Tirano, &c.* e assim que ele fez isso jogou sua boina para cima e gritou “Deus abençoe o rei Carlos II,” [ocasião] na qual toda Exchange se uniu com o maior grito que você pode imaginar [...].

Lorde Chanceler Edward Hyde, 1660.²

Embora a Inscrição [*Fora Tirano,*] que havia sido afixada sobre o local onde a Estátua do falecido Rei ficava anteriormente na *Exchange*, tenha sido apagada pela Ralé, ainda assim ela está escrita com a Pena de um Diamante nos corações de muitos milhares, e assim continuará nos Rolos adamantinos da Fama e da História.

Plain English, 1660.³

Ainda que a Restauração de Carlos II seja identificada como o episódio que marcou a conclusão do experimento revolucionário inglês, a consolidação do regime monárquico não

¹ Royal Exchange, ou simplesmente Exchange, era o nome do centro comercial fundado no coração de Londres, em Cornhill, em 1570. A construção monumental foi financiada, sobretudo, por Sir Thomas Gresham, mercador. Sobre isso, ver **The Agas Map of Early Modern London**: <<https://mapoflondon.uvic.ca/agas.htm>>, acessado em 19/06/2022.

² No original: “[...] the day before the Parliament dissolved, at full Exchange, there came a fellow with a ladder upon his shoulders, and a pot of paint in his hand, and set the ladder in the place where the last King’s statue had stood, and then went up, and wiped out that inscription, which had been made after the death of the King, *Exit Tyrannys, &c.* and as soon as he had done it threw up his cap, and cried “God bless King Charles the second,” in which the whole Exchange joined with the greatest shout you can imagine [...]” “Lord Chancellor Hyde to Sir Henry Bennett”. In: **State Papers Collected by Edward, Earl of Clarendon**. Vol. 3. Oxford: Clarendon Printing-House, 1786, p.725.

³ No original: “Though the Inscription [*Exit Tyrannus,*] which was fixed over the place where the Statue of the late King formerly stood at the *Exchange*, hath been blotted out by the Rabble, yet it is written with the Pen of a Diamond in the hearts of many thousands, and will be so hereafter in the adamantine Rolls of Fame and History”. **Plain English to his Excellencie the Lord General Monck, and the Officers of his Army: or, A Word in season, not onely to them, but to all Impartial Englishmen**. Londres: s. n., 1660, p.1.

ocorreu de forma natural. Depois dos vinte anos de convulsão político-social do contexto revolucionário, as disputas com relação à organização política inglesa não foram facilmente resolvidas. A virada da década de 1650 para 1660 deixa isso evidente.⁴

Após o falecimento de Cromwell em 1658, a sobrevivência do Protetorado se mostrou cada vez mais frágil. Richard Cromwell desagradou a muitos líderes militares desde o princípio. Logo após sua ascensão, uma petição do tenente-general Charles Fleetwood, com a assinatura de diversos outros comandantes, solicitou o comprometimento explícito do novo Lorde Protetor com a liberdade religiosa, a supremacia do exército e os princípios republicanos. Sem contar com o mesmo manejo político de seu pai, Richard Cromwell não conseguiu contornar as crescentes pressões que emergiam em seu governo. Ele tentou controlar os desafios impostos pelos militares a partir do Parlamento, mas fracassou, o que levou a um impasse entre os comandantes do exército e os MPs. Coagido, Cromwell acabou por dissolver o Terceiro Parlamento do Protetorado em abril de 1659 e restaurar o *Rump* no início de maio. Na segunda quinzena do mês, a “dinastia” cromwelliana caiu em ruína.⁵

A convocação do *Rump* não apaziguou os ânimos exaltados. O advogado presbiteriano e ávido polemista, William Prynne, vociferava contra a limitação da assembleia, exigindo o retorno de todos os MPs (inclusive dele mesmo) que compuseram o Longo Parlamento antes do Expurgo de Pride em 1648. Ao mesmo tempo, partidários da família Cromwell, regalistas, presbiterianos e anglicanos se agitavam ao observar a formação de um novo Conselho de Estado, organizado a partir de quinze generais, entre eles Charles Fleetwood e Edmund Ludlow, e dezesseis civis republicanos, como Henry Vane e James Harrington. De outro lado, defensores da “boa e velha causa” cobravam mudanças mais radicais sob o novo governo, demandando o estabelecimento de ampla liberdade religiosa, o fim da cobrança de dízimos e a condução de uma profunda reforma legislativa.⁶

O clima de agitação e o fervilhar de opiniões diversas preocupou sujeitos e grupos mais moderados, que temiam a possibilidade de eclosão de uma ditadura militar, uma nova guerra civil ou, ainda, uma completa anarquia. O contexto de incerteza levou o general George Monck a intervir. Apesar de ter sido um profundo apoiador de Oliver e Richard Cromwell, Monck era, antes de tudo, um estrategista político e militar, cujas alianças se transformavam a depender da situação. No início das Guerras Cívicas, ele havia lutado ao lado das tropas regalistas. Durante uma batalha em 1644, foi capturado pelas forças parlamentares, permanecendo na prisão da Torre de Londres até

⁴ MAYERS, 1659.

⁵ HUTTON, *The Restoration*; KEEBLE, *The Restoration*; HILL, *O século das revoluções*.

⁶ KEEBLE, *The Restoration*, p. 10.

o início de 1647. Sua libertação foi resultado da intervenção de antigas alianças com a nobreza, as quais propuseram que sua inteligência militar não fosse desperdiçada, mas utilizada pelo exército parlamentar nas expedições para controlar a rebelião ainda em curso na Irlanda. Assistindo às duras derrotas das tropas de Carlos I, Monck não viu alternativa para sua atual circunstância senão jurar fidelidade ao Parlamento. E, logo, a mudança de posição se provou vantajosa. Os subsequentes sucessos militares de Monck na Irlanda e na Escócia lhe renderam boas relações com Cromwell e outros generais no período republicano. Em 1655, ele conseguiu ascender a um posto privilegiado no governo da Escócia.⁷

Com o fim do Protetorado, George Monck declarou seu apoio ao Parlamento, mas parecia reticente com relação às interferências militares. Moderado, esperava que a Inglaterra tivesse estabilidade política. Não obstante, em outubro de 1659, um arriscado movimento de John Lambert perturbou as expectativas de Monck. Lambert havia sido um major-general importante durante a república e o regime cromwelliano, mas foi destituído de seu posto em 1657 após se recusar a jurar fidelidade à *Humble Petition and Advice*. Voltando à ação política em 1659, auxiliou a liderança do exército a fazer frente a Richard Cromwell e restituir o *Rump*. Suas tropas conseguiram sobrepujar a rebelião regalista conduzida por Sir George Booth. O sucesso garantiu-lhe apoio suficiente entre os soldados para reconquistar o título de major-general e para tentar cooptar o governo, colocando-se como um novo Lorde Protetor. O golpe de John Lambert foi reprovado por Monck, que logo declarou sua oposição às ações do exército e manifestou apoio à liberdade do Parlamento. Monck também mobilizou suas tropas na Escócia e, ganhando cada vez mais adeptos para a sua causa em Londres, conseguiu forçar Lambert a recuar. Os demais líderes militares deixaram seus postos conforme Monck avançava sobre solo inglês.⁸

Quando chegou em Londres em 3 de fevereiro de 1660, George Monck ainda não havia deixado claros quais eram os caminhos políticos que pretendia tomar. Como observado por N. H. Keeble, o general tinha muitas possibilidades a considerar:

seu plano poderia ser estabelecer o governo militar sob sua própria liderança, pois, depois da fuga de Lambert, ele era de longe a figura militar mais poderosa na Bretanha; poderia ser restaurar Richard Cromwell e o Protetorado; poderia ser fortalecer o *Rump* e o

⁷ HUTTON, Ronald. "Monck [Monk], George, first duke of Albemarle (1608–1670), army officer and naval officer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2021. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-18939>>, acesso em 13/06/2022.

⁸ HUTTON, **The Restoration**; KEEBLE, **The Restoration**; FARR, David. "Lambert [Lambart], John (bap. 1619, d. 1684), parliamentary soldier and politician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-15939>>, acessado em 13/06/2022; HUTTON, "Monck [Monk], George".

governo republicano, poderia assegurar o retorno dos membros [da Câmara] dos Comuns afastados pelo Expurgo de Pride em 1648, e assim reestabelecer um regime Presbiteriano; poderia ser insistir na dissolução e na eleição de um parlamento novo e livre; e poderia ser trabalhar para a restauração dos Stuarts.⁹

Algumas de suas declarações sugeriam que Monck não pretendia recompor o Longo Parlamento, nem trazer Richard Cromwell de volta ao governo. Ele também parecia inclinado a defender os interesses republicanos. Ao mesmo tempo, admitia disposição favorável ao aumento da liberdade religiosa (ainda que fosse favorável ao modelo presbiteriano de administração eclesiástica), rejeitando a possibilidade de reconduzir a Inglaterra à monarquia e ao episcopalismo comum à Igreja Anglicana dos Stuarts. No entanto, a sobriedade e a moderação do general apenas prolongavam o período de incertezas.¹⁰ Como expresso por um observador contemporâneo das rápidas transformações no cenário político, Samuel Pepys¹¹: “Todo mundo está perdido pensando no que Monk fará: a *City* dizendo que ele será favorável a eles, o Parlamento dizendo que ele será favorável a eles.”¹²

Em meio a esse contexto, o espaço público era, mais uma vez, inundado por reflexões a respeito do futuro. Os sistemas de censura do Protetorado perderam força devido às disputas políticas e, ao final dos anos 1650, não tiveram condições de deter a onda de publicações. No início de fevereiro de 1660, o Conselho do Estado chegou a recomendar ao prefeito de Londres e à Companhia dos Estacionários que se preparassem para suprimir panfletos sediciosos e escandalosos, mas isso não foi possível.¹³ A imprensa continuou a fervilhar. E conforme variadas ideias circulavam, alguns sujeitos buscaram se engajar de forma mais efetiva. Projetos de complôs, golpes e sublevações também se proliferaram. Nem todos, cabe ressaltar, eram verdadeiros. Mas

⁹ No original: “his plan might be to establish military rule under his own leadership, for, after the flight of Lambert, he was by far the most powerful military figure in Britain; it might be to restore Richard Cromwell and the Protectorate; it might be to shore-up the Rump and republican government; it might be to secure the return of the members of the Commons secluded by Pride's Purge in 1648, and so re-establish a Presbyterian regime; it might be to insist on dissolution and the election of a new and free parliament; and it might be to work for the restoration of the Stuarts.” KEEBLE, **The Restoration**, p. 17.

¹⁰ *Idem*; HUTTON, “Monck [Monk], George”.

¹¹ Samuel Pepys (1633-1703) foi um oficial naval. É conhecido pelos diários que manteve desde o início de 1660. Neles, descrevia não apenas o seu cotidiano, mas captava a vida social, cultural e política de Londres, além de narrar as leituras que fazia, ou as peças que assistia. Por meio de seus registros, foi possível recuperar diversos detalhes sobre incidentes que impactaram a história inglesa, tais como o incêndio de 1666. KNIGHTON, C. S. “Pepys, Samuel (1633–1703), naval official and diarist.” In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-21906>>, acessado em 19/03/2023.

¹² No original: “All the world is at a loss to think what Monk will do: the City saying that he will be for them, and the Parliament saying he will be for them.” PEPYS, Samuel. “Wednesday, 18 January 1659/1660”. Disponível online em **The Diary of Samuel Pepys**: <<https://www.pepysdiary.com/diary/1660/01/18/>>, acessado em 14/06/2022.

¹³ PRO SP25/9955; KEEBLE, **The Restoration**; MAYERS, **1659**.

havia tanta incerteza no ar que os rumores ganhavam grandes proporções e movimentavam a agitação da esfera pública.

Neste capítulo, tratamos justamente sobre os delicados anos de 1660 a 1663, quando as expectativas antimonarquistas representavam um grave risco para a estabilidade do novo governo. Foi nesse contexto que emergiu a contenda dos Estacionários Confederados. Em agosto de 1661, Sir Roger L'Estrange se referiu pela primeira vez a “uma *Confederação*”¹⁴ sediciosa de impressores e livreiros radicais. No entanto, as insinuações do ainda aspirante a censor contra a literatura oposicionista já se faziam presentes desde 1660. Suas denúncias levaram a algumas investigações e, com o passar dos anos, assistimos a um reforço das práticas empregadas com o intuito de silenciar vozes antagonistas. Não obstante, como notado por Annabel Patterson e Thomas Keymer, a censura não pode ser compreendida apenas como uma força destruidora, mas também como um estímulo poderoso para a transgressão. Frente aos constrangimentos, retórica, a criatividade literária, as práticas editoriais, as inventividades tipográficas e as estratégias comerciais foram refinadas a fim de evitar os constrangimentos das autoridades.¹⁵ Os panfletos dos Estacionários Confederados são evidências da mobilização dessas táticas. Ao longo do capítulo, examinamos algumas de suas obras, atentando para como suas publicações disputavam as opiniões, fazendo frente aos discursos das autoridades. Ao mesmo tempo, também observamos como os agentes censores, em especial Roger L'Estrange respondiam às ofensivas dos Confederados também por meio da imprensa.

2.1. Esforços dos “Amigos e Servos da Causa Comum”¹⁶

Assim que George Monck decidiu autorizar a recomposição do Longo Parlamento, permitindo que os membros excluídos da assembleia em 1648 pudessem retomar suas cadeiras, os defensores da “boa e velha causa” reagiram. O general exigiu o cumprimento de algumas demandas por parte da assembleia, tais como a condição de assegurar a confirmação do sistema presbiteriano, com uma considerável tolerância religiosa para as seitas independentes; a manutenção dos princípios republicanos; o compromisso de arrecadar impostos para financiar o exército; e a garantia de que dissolveriam o Parlamento, convocando um novo (e livre) para ocupar o seu lugar. Entre as cláusulas, contudo, não havia nada que impedisse os MPs restaurados de reconduzirem a família Stuart ao trono.¹⁷ Como a manobra de Monck permitiu a convocação de muitos parlamentares

¹⁴ No original: “a *Confederacy* [...]”. L'ESTRANGE, Roger. **A modest plea**, p.3.

¹⁵ PATTERSON, **Censorship and Interpretation**; KEYMER, **Poetics of the Pillory**.

¹⁶ No original: “Friends and Servants in the Common Cause.” **Plain English**, p.8.

¹⁷ HUTTON, **The Restoration**; KEEBLE, **The Restoration**.

moderados, presbiterianos e regalistas, a possibilidade passou a ser aventada. Em suas memórias, o regicida exilado Edmund Ludlow veria nesse movimento o sepultamento definitivo do projeto republicano. Ludlow acusaria os MPs expurgados em 1648 de usurparem o poder, desobedecendo às autoridades legítimas, que haviam estabelecido o *Rump*.¹⁸ Em sua percepção, aquele Longo Parlamento “ainda estava forte o suficiente para levar a República para o pior caminho”.¹⁹

Na altura da primeira reunião da assembleia, em 21 de fevereiro, uma declaração de Monck, assinada também por um conjunto de soldados e ex-militares, entre eles o impressor republicano John Streater, lembrava que “a Providência de Deus nos tornou livres a Custo de tanto sangue, que nós esperamos nunca ser considerados tão infiéis para com Deus e o seu Povo, a ponto de perder uma Causa tão gloriosa”²⁰. Impresso por John Macock, o *broadsheet* parecia tentar apaziguar os ânimos de defensores da “boa e velha causa”, afirmando que o Parlamento estava comprometido com a paz, as liberdades civis e religiosas, e o bem comum.

Apesar dessas alegações, republicanos como Ludlow tinham razões para desconfiar da assembleia. Os MPs restaurados rapidamente agiram para invalidar o Expurgo de Pride e retomar a agenda de votações da época da interrupção de suas atividades. Neste processo, obtiveram maioria na decisão de que desejariam ter continuado a negociar a paz com Carlos I em 1648. Por consequência, invalidaram as ações que haviam levado ao julgamento e à execução do rei em 1649. Abriam caminho, assim, para o estabelecimento de tratativas com seu herdeiro, Carlos II. Paralelamente, enfraqueceram os poderes da oposição, decretando a prisão de republicanos entre as lideranças do exército e reduzindo a liberdade religiosa dos sectários. O Parlamento Longo elegeu o presbiterianismo como a confissão oficial da Igreja Anglicana, determinando, inclusive, a remoção de pastores independentes de seus cargos eclesiásticos. A assembleia também ordenou a publicação, a leitura e a exposição anual de cópias da *Solemn League and Covenant* – firmada entre os parlamentares e os *covenanters* escoceses em 1643 – para reiterar o compromisso dos ingleses em expandir e fortalecer o presbiterianismo.²¹

¹⁸ Ludlow redigiu suas memórias quando foi para o exílio na Suíça, após a Restauração. O manuscrito, salvaguardado na Bodleian Library, foi parcialmente transcrito por Blair Worden em 1978. Tendo em vista que tivemos acesso tanto ao original quanto à edição moderna do texto, pela praticidade, optamos por citar a transcrição sempre que possível. LUDLOW, Edmund. **A voyce from the watch tower**. November, 27 1674 (BOD MS. Eng. hist. c. 487); LUDLOW, Edmund; WORDEN, Blair (ed.). **A voyce from the watch tower**. Londres: Royal Historical Society, 1978.

¹⁹ No original: “was still stronge enough to carry it the worst way for the Commonwealth”. *Ibid.*, p. 93.

²⁰ No original: “the Providence of God hath made us free at the Cost of so much blood, we hope we shall never be found so unfaithful to God and his People, as to lose so glorious a Cause”. MONCK, George. **A Letter from the Lord General Monck and the Officers here, to the severall and respective Regiments and other Forces in England, Scotland, and Ireland**. Londres: John Macock, 1659, fl.1.

²¹ HUTTON, **The Restoration**; KEEBLE, **The Restoration**.

Neste cenário, John Milton tentou apelar para a opinião pública. No final de fevereiro²², publicou a primeira edição de seu *The Readie & Easie Way to Establish a Free Commonwealth*. Impresso por Thomas Newcomb e vendido por Livewell Chapman, o pequeno quarto de apenas vinte páginas parece ter sido uma tentativa urgente de exortar a república frente à grave ameaça dos regalistas. Poucos dias depois do lançamento, no início de março, um anúncio feito no *Mercurius Politicus* informava que “Em razão da pressa do impressor, a Errata não chega em a tempo”.²³ O jornal, que era confeccionado pelo próprio Newcomb, incluía, então, uma breve lista dos erros a serem corrigidos. A celeridade para emissão do texto certamente decorrida da rápida sucessão de eventos que colocavam em risco o projeto republicano. Milton explicava já na primeira página do panfleto que desde que começara a sua redação, muito já havia acontecido. O Longo Parlamento havia se reunido e era imprescindível que se agisse para estabelecer uma república, evitando o “retorno à velha escravidão” monárquica.²⁴ Além de apontar os perigos de os cidadãos voltarem a sofrer sob um tirânico e arbitrário “governo pessoal”, Milton salientava que uma república livre era a melhor forma de organização política. Para o autor, os exemplos dos antigos gregos e romanos mostravam que, por meio do sistema republicano, era possível garantir que o povo gozaria de suas liberdades civis e espirituais, da justiça e da paz, evitando, por conseguinte, as corrupções comuns à monarquia.

The Readie & Easie Way ecoava apelos já feitos no anônimo *A Publick Plea*, publicado por Livewell Chapman em maio de 1659, e em *The Excellencie of a Free State*, escrito por Marchamont Nedham e lançado por Thomas Brewster em 1656. Os textos em questão salientavam os riscos apresentados por governos baseados na hereditariedade e na prerrogativa pessoal. As obras criticavam a cultura cortesã, dispendiosa e corrupta, e a concepção do direito divino dos reis, cujos poderes escapavam à força da justiça e tiranizavam os súditos. Os três trabalhos concordavam e argumentavam que a república era a melhor alternativa, porque, nela, maus governantes poderiam ser removidos sem molestarem a estabilidade política e social. O bem comum, as liberdades e as leis estariam asseguradas com a organização de um conselho eleito livremente, no qual a razão

²² Embora o panfleto tenha sido adquirido por George Thomason apenas em 3 de março de 1660, há evidências para sustentar que o panfleto começou a ser redigido antes da entrada de Monck em Londres e que foi publicado pouco depois da primeira reunião do Longo Parlamento. Sobre isso, ver: AYERS, Robert W. "The Editions of Milton's *Readie & Easie Way to Establish a Free Commonwealth*". **The Review of English Studies**, v. 25, n. 99, p. 280–291, 1974.

²³ No original: “Wherein by reason of the printers haste, the Errata not coming in time”. **Mercurius Politicus**. No. 610. Londres: Thomas Newcomb, 1660, p.1151.

²⁴ No original: “returning to the old bondage”. MILTON, John. **The readie & easie vway to establish a free Commonwealth, and the excellence therof compar'd with the inconveniences and dangers of readmitting kingship in this nation**. Londres: T[homas]. N[ewcomb]; Livewell Chapman, 1660.

predominaria, visto que as decisões públicas não dependeriam de uma única pessoa, mas de representantes diretos do povo.²⁵

Embora de forma apressada, Milton definiu as premissas do modelo político que defendia, explicando que

o fundamento e a base todo governo justo e livre (já que os homens têm sofrido tantas vezes por entregar tudo a uma pessoa) é um Conselho geral de homens mais capazes, escolhidos pelo povo para consultar de tempos em tempos os assuntos públicos para o bem comum. Este Grande Conselho deve ter em seu poder as forças por mar e por terra, deve aumentar e administrar a receita Pública, fazer leis, conforme a necessidade exigir, tratar do comércio, da paz, ou da guerra com nações estrangeiras; e para levar a cabo alguns assuntos particulares do Estado com mais sigilo e rapidez, deve eleger [...] um Conselho de Estado. E embora possa parecer estranho à primeira vista, em razão de que as mentes dos homens são predispostas a compreender sucessivos Parlametos, eu afirmo que o Conselho Grande ou Geral sendo bem escolhido, dever servir perpetuamente: pois assim é o seu negócio, e eles se tornarão assim mais hábeis, mais familiarizados com as pessoas, e as pessoas com eles.²⁶

Percebendo que as autoridades não pareciam comprometidas com sua sugestão, Milton, Newcomb e Chapman prepararam uma segunda edição do panfleto. Embora tivesse a mesma essência, a nova versão era consideravelmente mais extensa. Nela, o autor se preocupou em atualizar a urgência da defesa da república em face aos eventos que transcorreram entre os meses de fevereiro e março de 1660.²⁷ Depois dos retrocessos do Longo Parlamento, Milton esperava que a “boa e velha causa” pudesse voltar a ser considerada “em meio às nossas Eleições de um

²⁵ **A publick plea, opposed to a private proposal, or, Eight necessary queries presented to the Parliament and Armies consideration, in this morning of freedom, after a short, but a sharp night of tyranny and oppression. By one who hates both treason and traitors.** Londres: Livewell Chapman, 1659. NEDHAM, Marchamont. **The excellencie of a free-state: or, The right constitution of a common-wealth. Wherein all objections are answered, and the best way to secure the peoples liberties, discovered: with some errors of government, and rules of policie. Published by a well-wisher to posterity.** Londres: Thomas Brewster, 1656. MILTON, **The readie & easie vvay**; CORNS, Thomas N. “Milton and the characteristics of a free commonwealth”. In: ARMITAGE; HIMY; SKINNER (orgs.). **Milton and republicanism**; WORDEN, Blair, **Literature and politics in Cromwellian England**; John Milton, Andrew Marvell, Marchamont Nedham. Oxford: Oxford University Press, 2007; RAYMOND, Joad. “The cracking of the republican spokes”. **Prose Studies**, v. 19, n. 3, p. 255–274, 1996.

²⁶ No original: “For the ground and basis of every just and free government (since men have smarted so oft for committing all to one person) is a general Council of ablest men, chosen by the people to consult of publick affairs from time to time for the common good. This Grand Council must have the forces by sea and land in thir power, must raise and manage the Publick revenue, make lawes, as need requires, treat of commerce, peace, or war with foreign nations; and for the carrying on som particular affairs of State with more secrecie and expedition, must elect [...] a Council of State. And although it may seem strange at first hearing, by reason that mens mindes are pre-possessed with the conceit of successive Parlamets, I affirm that the Grand or general Council being well chosen, should fit perpetual: for so their business is, and they will become thereby skilfullest, best acquainted with the people, and the people with them.” MILTON, **The readie & easie vvay**, p.8.

²⁷ AYERS, “The Editions of Milton’s”.

Parlamento livre”.²⁸ Revisando seu trabalho depois da dissolução da assembleia em 16 de março e antes da convocação da reunião seguinte, ocorrida apenas em 25 de abril, o poeta reforçava seu apelo em favor da organização de “um Senado perpétuo”²⁹ com uma “*rotação parcial*”³⁰ de seus membros. Este modelo, argumentava, evitaria qualquer tipo de governo arbitrário ou absoluto, prezando pela manutenção do bem comum. A fim de comprovar a superioridade da república frente à monarquia, Milton alargou o escopo do texto, incluindo longos exemplos da tradição judaico-cristã, como o Grande Sinédrio; da história clássica, como Atenas, Esparta e Roma; e de sua contemporaneidade, como Veneza e a República das Províncias Unidas dos Países Baixos.

A ampliação de *The Readie & Easie Way*, contudo, não poderia levar à transformação do panfleto em um longo e custoso livro. Mais do que um tratado sobre os modos de governar, o texto fora composto com o intuito de intervir diretamente na política de sua época. Consequentemente, seu caráter panfletário, isto é, barato, curto, portátil e rápido consumo, precisava ser preservado. Por essa razão, a reedição foi composta em um formato ainda menor do que da primeira vez, em vez de um quarto, o texto era apresentado em um duodécimo. Com 108 páginas, a nova edição foi feita com pouco menos do dobro de papel da versão anterior, utilizando quatro folhas e meia de papel. Na folha de rosto, lia-se que aquela era uma “segunda edição revisada e aumentada”³¹, cujos conteúdos poderiam interessar tanto aos leitores que já haviam entrado em contato com a primeira redação, quanto aos que queriam se inteirar sobre as discussões mais atualizadas. Além disso, a nova folha de rosto tinha uma composição diversa da primeira. Enquanto o quarto ressaltava, sobretudo, as palavras “WAY”, “ESTABLISH” e “Free Commonwealth”; o duodécimo dava maior ênfase apenas ao termo “free Commonwealth”. As iniciais do autor também ocupavam mais espaço na folha de rosto da segunda edição, numa tentativa de promover a obra pelo reconhecimento do qual John Milton gozava (ver *Figura 5*).

²⁸ No original: “in the midst of our Elections to a free Parliament”. MILTON, John. **The readie and easie vway to establish a free commonwealth and the excellence therof compar’d with the inconveniences and dangers of readmitting kingship in this nation. The second edition revis’d and augmented.** Londres: Impresso para o autor, 1660, p.4

²⁹ No original: “a perpetual Senat”. *Idem*, p.5.

³⁰ No original: “*partial rotation*”. *Idem*, p.49.

³¹ No original: “second edition revis’d and augmented”. MILTON, **The readie and easie vway**, fl.1.

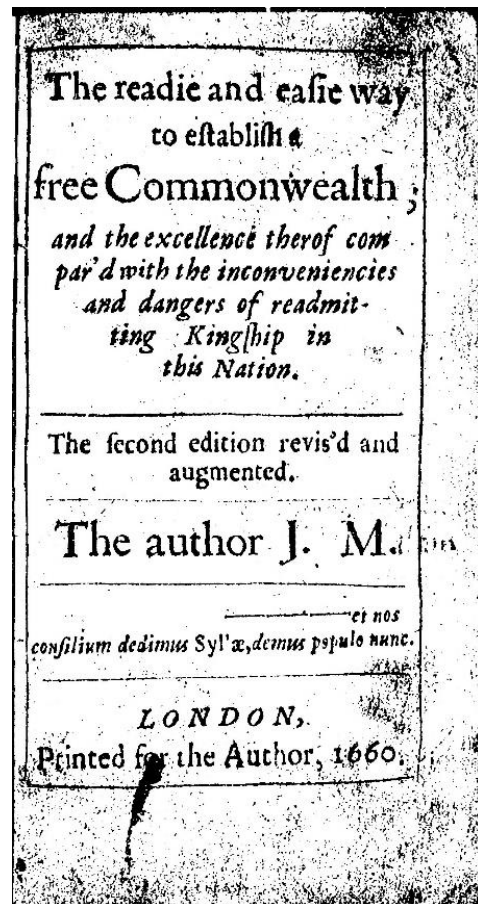
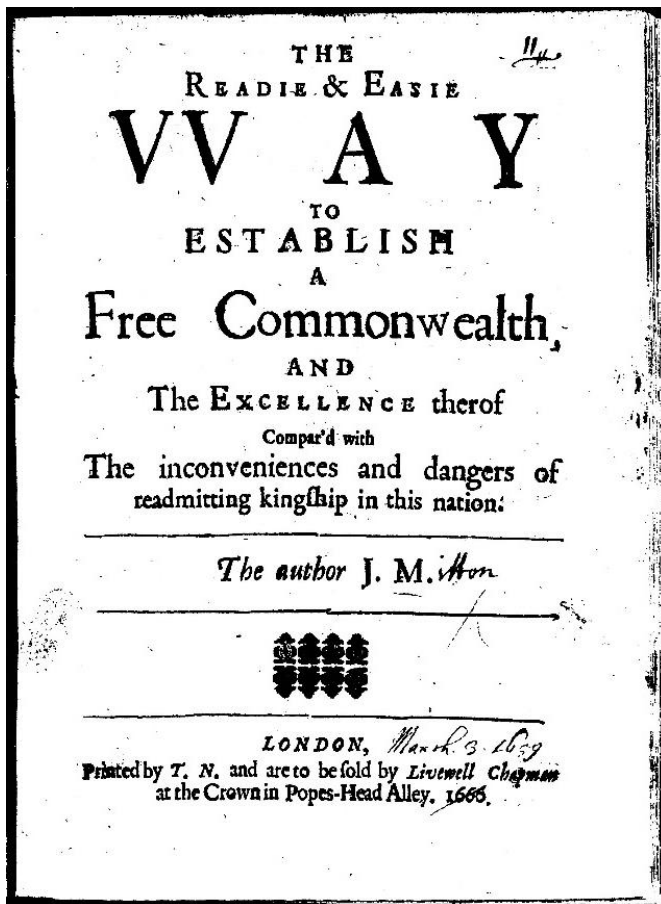


Figura 5: Folhas de rosto das duas edições de *The Easie & Readie Way* (1660).³²

Abaixo do “J. M.”, a folha de rosto da reedição também incorporava uma citação em latim, a qual não constava na primeira versão do texto: “*et nos consilium dedimus Syl'æ, demus populo nunc*”, em tradução livre, “*nós também demos conselho a Sila, daremos agora ao povo*”.³³ A epígrafe era uma adaptação de um trecho da primeira sátira de Juvenal, na qual o poeta latino dizia “*nós também conselho demos a Sila – ora, que, reformado, pesado fosse dormir*”.³⁴ Como outras de suas obras, Juvenal fazia uma apologia à sátira em detrimento dos demais gêneros poéticos. Milton, por outro lado, não mobilizava o trecho como uma defesa de seu fazer poético, mas certamente reclamava, com base na tradição latina, sua autoridade para tratar sobre temas de interesse público. Como Juvenal e outros poetas clássicos, Milton também poderia aconselhar a homens poderosos como o ditador romano Lúcio Cornélio Sila (ou Sula). A escolha pela referência a Sila aqui é central. Estadista e militar, Sila ocupou o consulado da república romana e participou de duas guerras civis no século I a.C. Com as suas tropas, marchou em direção à Roma em duas ocasiões para fazer

³² British Library, E.1016 (11) via EEBO; Houghton Library, Gen 14496.17.2*XI.2.59 via EEBO.

³³ MILTON, *The readie and easie vvay*, fl.1.

³⁴ NOGUEIRA, Érico. “Tradução da Primeira Sátira de Juvenal em Hexâmetros Portugueses”. *Classica*, v. 32, n. 1, p. 299–305, 2019, p. 301.

frente aos golpes político-militares de Caio Mário. Tornando-se um ditador por volta do ano de 81 a.C., Sila encabeçou diversas reformas constitucionais visando reforçar a república e fortalecer os poderes do Senado. Paradoxalmente, a violenta perseguição que deflagrou contra seus opositores colaborou para o fim do regime republicano, dando condições para a ascensão da monarquia de Caio Júlio César. Aos olhos de John Milton, as ações tomadas por George Monck em muito lembravam às de Sila. O general adentrara Londres com suas tropas sob o pretexto de defender a república, mas, contraditoriamente, também dava poder a parlamentares que claramente visavam outros fins. O poeta, então, voltava-se ao povo. Se o Sila seiscentista não poderia auxiliar na manutenção da república, restava ao povo salvá-la da destruição.³⁵

A epígrafe latina, que permitia tal associação entre Sila e Monck, direcionava a leitura da segunda versão do panfleto, tornando-o um ataque direto às medidas tomadas pelo general e pelo Parlamento. Por essa atualização crítica, a reedição de *The Readie & Easie Way* foi mais cautelosa do que a primeira composição. Diferentemente do quarto, o duodécimo não estampava os nomes de Thomas Newcomb e Livewell Chapman. Como indicado abaixo da citação de Juvenal, o texto havia sido “Impresso para o Autor”.³⁶ Essa forma de publicação não era incomum, muitos escritores acabavam empregando recursos próprios, ou provenientes de subscrições na confecção de seus livros. Nessa modalidade de publicação, os autores poderiam, ainda, admitir para si mesmos as funções de distribuição e venda de suas obras.³⁷

É improvável, contudo, que a mudança no *imprint* tenha sido causada apenas por uma questão relativa ao financiamento para a impressão e a comercialização do texto de Milton. Certamente, Thomas Newcomb e Livewell Chapman participaram da empreitada, pois eram os principais publicadores dos livros e panfletos do poeta desde o final dos anos 1650.³⁸ É possível que Milton tenha almejado uma circulação menor para o texto, restringindo sua transmissão a um círculo mais privado, em vez de permitir sua venda para um público geral. Tal opção poderia diminuir os riscos de reprimendas em um contexto que se tornava mais favorável aos regalistas e, por consequência, menos afeito aos republicanos. Não obstante, as dimensões reduzidas do formato panfleto, que facilitavam sua distribuição, especialmente de forma clandestina, e seu tom intervencionista, com um forte apelo ao povo, tornam esta hipótese pouco provável. Podemos

³⁵ STEVENS, Paul. “Lament for a Nation?: Milton’s and the Turn to Satire”. In: KNOPPERS, (org.), **The Oxford handbook**; KNOPPERS, Laura Lunger. “Late Political Prose”. In: CORNS, Thomas N. (org.). **A new companion to Milton**. Chichester: John Wiley & Sons Inc, 2016.

³⁶ No original: “Printed for the Author”. MILTON, **The readie and easie vvay**, fl.1.

³⁷ PORTELA, **O comércio da literatura**; RAYMOND, **Pamphlets and pamphleteering**; RAVEN, James. **The business of books: booksellers and the English book trade, 1450-1850**. New Haven: Yale University Press, 2007.

³⁸ De acordo com o **ESTC**, John Milton publicou sete obras entre 1655 e 1660. Destas, cinco mencionam Thomas Newcomb como impressor. Livewell Chapman, por sua vez, compartilhou dois destes textos com o impressor. Os outros dois títulos não indicam nomes de estacionários nos *imprints*.

supor, portanto, como argumentado Robert Ayers, que a supressão dos nomes dos estacionários se devesse à recente perseguição à literatura dissidente, pois uma ordem de prisão contra Chapman foi expedida em 27 de março para averiguar sua relação com a publicação de obras sediciosas.³⁹

O mandado não mencionava nenhum título em especial, no entanto, a insistência com a qual as autoridades lhe procuraram sugere que uma pronunciada preocupação com as atividades do livreiro. Sem conseguir capturá-lo em março, novos despachos foram emitidos em 28 de março, e 3 e 28 de abril. Sua esposa, Hannah Chapman, também foi apontada no segundo mandado, o que nos permite inferir que, na ausência de Livewell Chapman, a mulher havia dado prosseguimento aos negócios da livraria, fossem eles escusos ou não.⁴⁰ Além de indicar uma provável reação à publicação de *The Easie & Readie Way*, a busca pelos livreiros da *Crown* em Pope's Head Alley marcava uma mudança de atitude das autoridades para com o mercado de impressos. A tumultuosa transição entre o *Rump*, o Parlamento Longo e a Parlamento da Convenção entre 1659 e 1660 foi acompanhada pela transformação do que era ou não considerado sedicioso. Se a partir de 1649 e, sobretudo, dos anos 1650, os discursos regalistas foram proibidos, podendo, inclusive, levar a condenações por traição; a passagem de 1659 a 1660 afrouxou esses constrangimentos. Como observado por N. H. Keeble, brindar à saúde do rei, falar e publicar sobre seu o retorno se tornou algo comum. Ao mesmo tempo, o Parlamento e outros espaços de poder eram cada vez mais ocupados por presbiterianos e regalistas. Embora a eleição do *Convention Parliament* em 25 de abril tenha ocorrido de forma livre, isto é, sem qualquer interferência ou conexão com a soberania de um Conselho de Estado, Lorde Protetor ou rei, a assembleia foi majoritariamente composta por partidários da monarquia.⁴¹ Com isso, entre o final de março e o início de abril de 1660, não só o apoio à monarquia circulava mais livremente, mas se tornava a força predominante no governo. Por conseguinte, os defensores da “boa e velha causa” passaram a ser sistematicamente perseguidos pelas autoridades que, agora, negociavam a coroa com a família Stuart.

³⁹ PRO SP25/116/1; “Warrants of Council of State”. In: GREEN, Mary Anne Everett (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Interregnum, 1659-60**. London: Her Majesty's Stationery Office, 1886, p. 572. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1659-60/pp561-575>>, acessado em 16/06/2022; AYERS, "The Editions of Milton's".

⁴⁰ PRO SP25/116/1; COUNCIL OF STATE. **A Proclamation. Whereas the Council of State is informed, that Livewel Chapman of London, Stationer, having from a wicked design to engage the nation in blood, and confusion, caused several seditious and treasonable books, to be printed and published, doth now hide and obscure himself, for avoiding the hand of justice**. Londres: Abel Roper; Thomas Collins, printers to the Council of State, [1660]; “Warrants of Council of State”. In: GREEN (ed.). **CSPD: Interregnum, 1659-60**, p.572, 575. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1659-60/pp561-575>>, acessado em 16/06/2022.

⁴¹ KEEBLE, **The Restoration**.

2.1.1. Rumores e notícias falsas: estratégias de censura e sedição

A perseguição a Livewell Chapman não se deveu apenas a *The Readie & Easie Way*. O livreiro parecia estar envolvido em atividades ainda mais perigosas do que as edições do panfleto de John Milton. Seu nome foi associado a três outras publicações antimonarquistas nos meses iniciais de 1660: *Newes from Brussels, An Alarum to the Officers and Souldiers of the Armies of England, Scotland and Ireland*, e *Plain English to His Excellencie the Lord General Monck*. Lançados de forma completamente anônima, os textos atraíram a atenção de antagonistas e censores, sobretudo, porque rumores sobre a organização de complôs contra a Restauração frequentemente rondaram os comentários e as denúncias a respeito dos três panfletos. A documentação sobre eles é tão profícua que nos permite identificar algumas estratégias adotadas tanto para a sua difusão quanto para a sua supressão. Cabe, portanto, analisá-los mais detidamente.

Os três panfletos parecem ter sido publicados em meados de março, circulando antes da assinatura da Declaração de Breda em 4 de abril, cuja promulgação determinou os procedimentos para a retomada da monarquia na Inglaterra. *Newes from Brussels* provavelmente precedeu *Plain English* em apenas alguns dias. O primeiro foi datado de 10 de março e George Thomason já havia adquirido seu exemplar no dia 23. *An Alarum* não tem data, mas uma anotação manuscrita em uma cópia disponível digitalmente por meio da EEBO, sugere que a obra tenha sido publicada em algum momento de março, provavelmente no fim do mês, conforme indicado por John Banschbach.⁴² Já *Plain English* era datado de 22 de março. Sendo assim, quando *An Alarum* e *Plain English* chegaram ao mercado livreiro, *Newes from Brussels* já havia começado a escandalizar ao público leitor.⁴³

Como o título completo da obra expressava, *Newes from Brussels* era uma carta, supostamente redigida por um cortesão próximo a Carlos II para uma “Pessoa de Honra [...]. *Que casualmente se tornou assim pública.*”⁴⁴ Em outras palavras, tratava-se da impressão de uma correspondência privada entre dois regalistas. Tornada pública por estacionários anônimos, a carta assinada por “S. V.” narrava os planos secretos do herdeiro Stuart. Em um tom vingativo, o autor perguntava ao seu destinatário

pode imaginar, que nosso Mestre pode esquecer que ele teve um pai, [de] como ele viveu e morreu, [de] como ele perdeu tanto a Coroa e a vida, [de] quem foi a causa

⁴² BANSCHBACH, John. **The Prose Styles of John Milton's The Readie and Easie Way**. Tese (Doutorado em Inglês) - Indiana University. Bloomington, 1979.

⁴³ WORDEN, **Literature and politics in Cromwellian England**.

⁴⁴ No original: Person of Honour [...]. *Which casually became thus publique.*” **Newes from Brussels, in a Letter from a neer attendant on His Majesties Person. To a Person of Honour here. Which casually became thus publique.** [Londres:] s. n., 1660, fl.1.

disso? nunca ainda um Monarca teve uma memória tão ruim: Não tema, há fogo o suficiente nas Cinzas de seu Pai (ainda que invisível) para queimar todos os Adversários [...]⁴⁵

A revanche carolina desenrolava-se com o apoio dos presbiterianos, mas como indicado por S. V., a aliança não se estabelecia pelas crenças particulares de Carlos II e sua corte. Os presbiterianos eram inimigos, estavam entre aqueles a serem responsabilizados pelas Guerras Civis. O temor dos presbiterianos com relação aos “fanáticos” puritanos fazia com que pudessem ser importantes aliados ocasionais à causa dos regalistas. No entanto, como sugerido em *Newes from Brussels*, os presbiterianos não retomavam seus contatos com o monarca exilado por lealdade, mas sim por necessidade. De maneira análoga, Carlos II não tinha nenhum compromisso com a causa presbiteriana. Mencionando Maquiavel, o remetente da carta lembrava que os príncipes não tinham comprometimento maior do que com a sua própria vontade ou o seu próprio prazer. Assim, mesmo se as negociações com o Parlamento implicassem o fato de o rei aceitar as condições e os termos impostos pelos presbiterianos, o monarca não teria razões para, de fato, cumpri-los.⁴⁶ De acordo com a carta, o compromisso de Carlos II parecia estar calcado em suas secretas crenças católicas – as quais, inclusive, tinham o apoio do Império Espanhol –, e em seu ímpeto vingativo. Ambas as questões, contudo, seriam reveladas apenas quando o projeto da Restauração estivesse assegurado. Era preciso, antes, garantir que os presbiterianos fossem enganados para “pegar o cabresto mansamente”⁴⁷, submetendo-os à autoridade do rei.

A descoberta desses planos tão vis certamente poderia alarmar ao público, gerando uma reação contrária à volta da monarquia. Não obstante, as autoridades trataram de, rapidamente, desmentir as informações divulgadas em *Newes from Brussels*. A carta não era mais do que uma falsificação. Uma recompensa de £20⁴⁸ foi oferecida pelo Conselho do Estado para descobrir quem havia redigido o texto.⁴⁹ Não sabemos se o montante chegou a ser pago a alguém, mas o autor foi identificado prontamente. O estilo cortesão da “ficção epistolar”⁵⁰ foi emulado e exagerado em

⁴⁵ No original: “canst fancy, that our Master can forget he had a Father, how he liv'd and died, how he lost both Crown and life, and who the cause thereof? never Monarch yet had a memory halfe so bad: Ne'r fear, there's fire enough in his Fathers Ashes (though yet invisible) to burn up every Adversary”. *Idem*, p.5.

⁴⁶ *Idem*, p.4.

⁴⁷ No original: “take the halter tamely”. *Idem*, p.8.

⁴⁸ Mais de £2.800,00 nos dias de hoje.

⁴⁹ ROUTLEDGE, F. J. (ed.). **Calendar of the Clarendon State Papers Preserved in the Bodleian Library**. Vol. IV. Oxford: Clarendon Press, 1932, p.629

⁵⁰ As ficções epistolares eram mobilizadas na Época Moderna para cumprir objetivos estéticos e polêmicos. Para além de servir como um recurso literário que conectava duas personagens (reais ou não) em torno de uma narrativa, as ficções epistolares poderiam ser empregadas em disputas políticas, sociais e religiosas. Sendo a carta um gênero textual utilizado de formas variadas, a depender dos sujeitos que se correspondem, sua ficcionalização permitia aos autores imitar diferentes vozes (bem como seus estilos discursivos) para inflamar controvérsias. Com a ampliação do uso das prensas tipográficas, as epístolas (ficcionalis ou não) ganharam maior espaço entre os debates públicos. Como

forma de paródia por Marchamont Nedham.⁵¹ Em 26 de março, uma *broadsheet* chamada *A Reply to that Malicious Letter* retrucava *Newes from Brussels* utilizando a mesma fórmula epistolar. De autoria de N. P. e endereçada a um suposto primo, o texto expressava o incômodo com “uma falsidade tão detestável, e tão fértil de um Espírito Diabólico respirando naquela vil Carta”.⁵² Contrariando as informações de *Newes from Brussels*, N. P. defendia o caráter de Carlos II e os benefícios de sua recondução ao trono. Ele também denunciava Nedham como autor da correspondência falsa, explicando que seu estilo discursivo podia ser identificado em *Newes from Brussels*.⁵³ Conforme N. P., o panfleto

[...] foi escrito, e forjado em *Londres*, pela maliciosa incitação de T.[homas] S.[cott] a assistência do *Cor. B. I.* [homas] *Har.* [rison] alguns de sua gangue perdulária, e a Pena da propriedade de toda deslealdade e desumanidade. *Ne.* [dham] que, como Deus queria, deixou escapar algumas das suas próprias expressões, e períodos cômicos, publicados nele [no panfleto], para um ingênuo Amigo nosso, que casualmente havia conversado com ele [Nedham], um pouco antes de ele [o texto] ser impresso.⁵⁴

A escrita característica de Marchamont Nedham foi evidenciada em ainda outra resposta ao seu panfleto. Redigido por Edmund Pierce, mas publicado anonimamente entre o fim de março e o início de abril, *True and Good News from Brussels* afirmava que a autoria de Nedham era incontestável.⁵⁵ Para Pierce, “o Estilo, a linguagem e o sentido [de *News from Brussels*] são puramente dele”.⁵⁶ Provocando Nedham e suas muitas mudanças de aliança ao longo do contexto revolucionário, Pierce disse que sabia “que o Sr. *Needham* iria ainda uma vez mais, antes de morrer escrever para os Cavaliers”.⁵⁷ Sua pena, contudo, havia sido empregada de forma perniciosa. E,

evidenciado por Gary Schneider, cartas falsas foram utilizadas com frequência na Inglaterra do contexto revolucionário como forma de propaganda e de oposição político-religiosa. SCHNEIDER, Gary. **Print letters in seventeenth-century England: politics, religion, and news culture.** Londres: Routledge; Taylor & Francis Group, 2018.

⁵¹ RAYMOND, *The cracking of the republican spokes*; WORDEN, **Literature and politics in Cromwellian England**; KEEBLE, **The Restoration**; SCHNEIDER, **Print letters in seventeenth-century England.**

⁵² No original: “an imposture so obnoxious, and so fertile of a Diabolical Spirit breathing in that vile Letter”. **A reply to that malicious letter, pretended to be sent from Brussels, by a near attendant on his Majesties person, &c.** Londres: D. Maxwell, 1660, s. n.p.

⁵³ RAYMOND, “The cracking of the republican”; KEEBLE, **The Restoration**; SCHNEIDER, **Print letters in seventeenth-century England.**

⁵⁴ No original: “[...] was written, and contriv'd in *London*, by the malicious instigation of T.S. the assistance of *Col. B.I. Har.* some of their profligate gang, and the Pen of that property to all disloyalty, and inhumanity, *Ne.* who, as God would have it, let fall some of the very expressions, and comical periods, since published in it, to an ingenious Friend of ours, who had casually discourse with him, a little before it came forth in print.” **A reply to that malicious letter,** s. n.p.

⁵⁵ SCHNEIDER, **Print letters in seventeenth-century England.**

⁵⁶ No original: “the Stile, language and sense are purely his”. **True and good news from Brussels. Containing a sovereigne antidote against the poysons, and calumnies of the present time. In a letter from a person of great quality there, to this friend in England.** Londres: s. n., 1660, p.5.

⁵⁷ No original: “Mr. *Needham* would yet once more, before he dyed write for the Cavaliers”. *Idem, ibidem.*

como N. P., Pierce argumentava que Nedham não estava sozinho nessa empreitada. Para ele, era possível que Thomas Scott, militar e parlamentar regicida, e Sir Arthur Hesilrige, ex-governador de Newcastle e oficial do exército, também tivessem colaborado com o texto. Na perspectiva de Pierce, junto com “seus confederados”⁵⁸, Nedham tentava enganar, desunir e arruinar a Inglaterra.

Pierce também chamava atenção para as características materiais do panfleto. Embora não indicasse nenhum nome de estacionário no *imprint*, ele apontava que os publicadores associados a Nedham haviam elaborado uma folha de rosto cheia de “zombaria & Falsidade, adornada com uma Coroa, e autorizada com o estilo de sua *Majestade*”⁵⁹. Além do pequeno adorno que decorava a página, observamos que a organização das palavras do título dava destaque, sobretudo, aos termos “Brussels”, “Letter”, “Attendant” e “His Maiesties”, visando reforçar que a epístola tinha se originado num ambiente regalista. “Brussels”, na verdade, é a palavra que aparece impressa com as maiores letras (ver *Figura 6*). É possível que a menção à cidade ocupasse tamanho espaço na folha de rosto porque Bruxelas era a capital do domínio dos Habsburgos nos Países Baixos. Região, portanto, administrada pelo poder espanhol e católico.

⁵⁸ No original: “his confederates”. *Idem, ibidem*.

⁵⁹ No original: “great mockery & Imposture, adorned with a Crown, and authorised with the stile of his *Majesty*”. *Idem*, p.5-6.

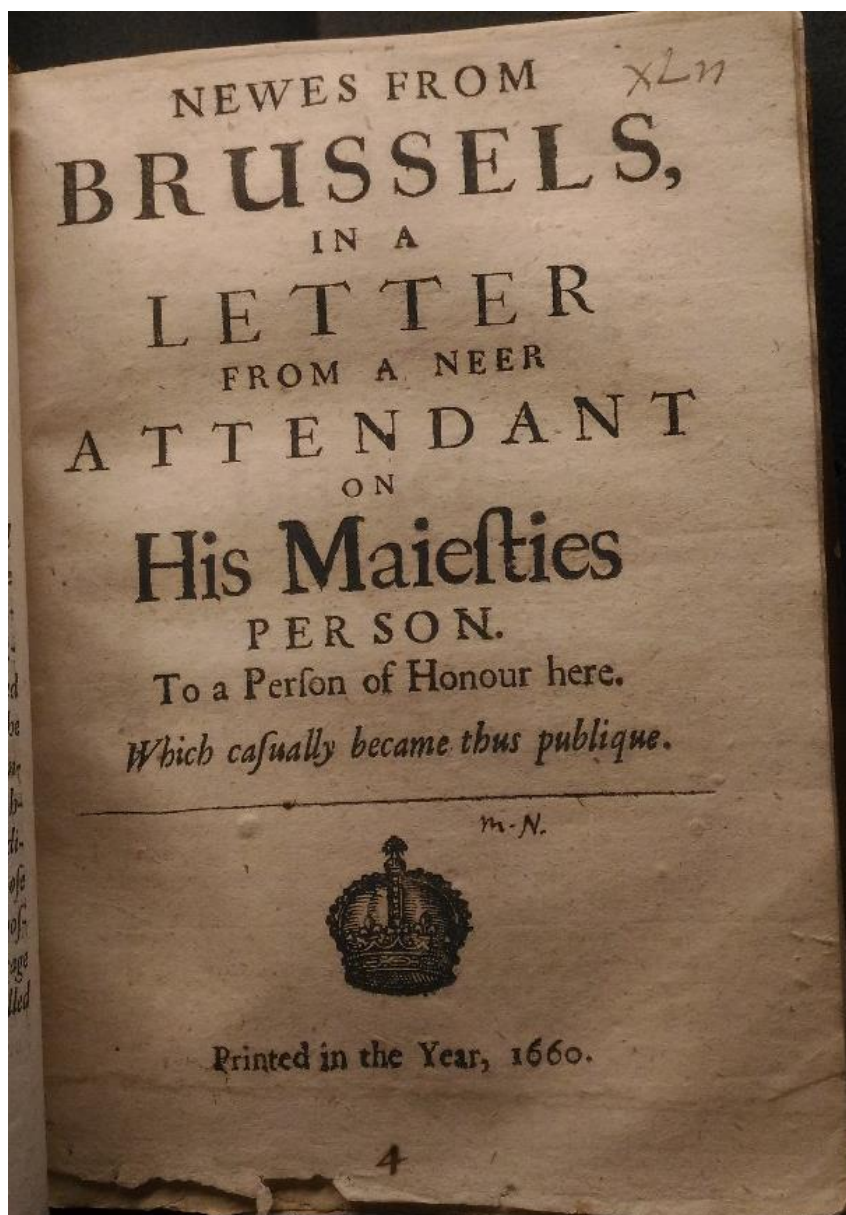


Figura 6: Folha de rosto de *Newes from Brussels*.⁶⁰

Se a composição da folha de rosto poderia enganar ao público sobre a veracidade de seu conteúdo, Roger L'Estrange alertava em sua resposta ao panfleto, publicada anonimamente sob o título de *The Fanatique Powder-Plot*, de que nesta mesma página estavam os indícios de sua fraude. Como o leitor poderia acreditar nas circunstâncias ocasionais da publicação, apontadas em itálico sobre a gravura da coroa? L'Estrange questionava: “Apenas observe essa *Forma Pateta*, como ele *Vacila* na própria *Folha de rosto* – *Qual Casualmente, Bom-homem Sem-sentido*? Ele [o texto] *Caiu* em uma *Casa de Impressão*, e *Publicou a si mesmo*?”⁶¹ Tratava-se, para ele, de uma clara tentativa desesperada

⁶⁰ Bodleian Library, Wood 632 (42).

⁶¹ No original: “Do but observe this *Formal Noddy*, how he *Boggles* upon the very *Title-page*. - *How Casually, Good-man Sense-lesse*? Did it *Drop* into a *Printing House*, and *Publish it self*?”. [L'ESTRANGE, Roger]. **The fanaticque powder-plot,**

dos fanáticos de atacar as qualidades do rei e do Parlamento. *Newes from Brussel* representava para L'Estrange alguns dos “*Truques*” habituais dos fanáticos.⁶² Para L'Estrange, “seu último Recurso, é a *Contrafação de Cartas*”.⁶³

Embora diversas respostas tenham sido publicadas para expor as falsidades de *Newes from Brussels*, o alarde com relação ao texto não conseguiu evitar a confecção de uma segunda edição. A folha de rosto fora composta da mesma maneira que a primeira, contendo os mesmos destaques, mas sem a imagem da coroa. Não obstante, a grafia de algumas palavras aparece de formas diversas nas duas folhas de rosto (ver *Figura 7*).

or the design of the Rumpers and their adherents, to destroy both Parliament and people. VWith a caution against forged intelligence. Londres: s. n., 1660, fl.1.

⁶² No original: “*Tricks*”. *Idem, ibidem*.

⁶³ No original: “their last Recourse, is to the *Forgery of Letters*”. *Idem, ibidem*.

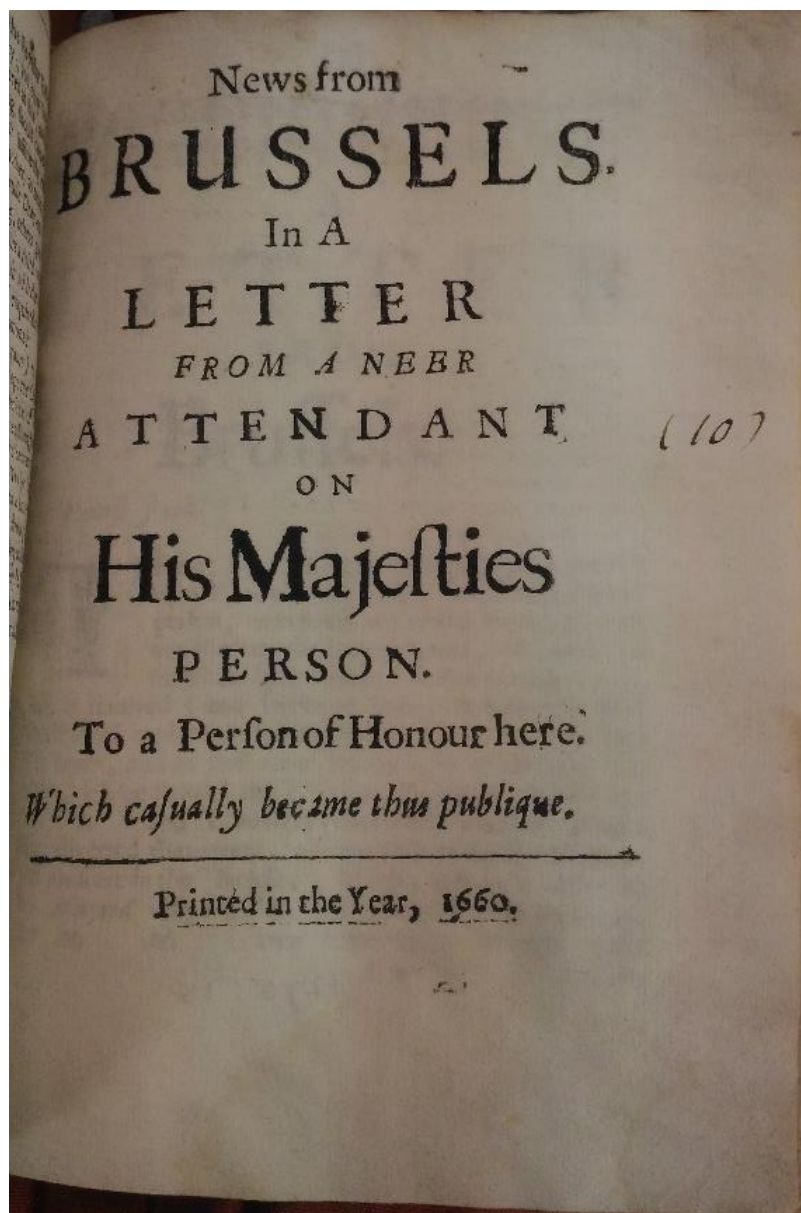


Figura 7: Folha de rosto de *News from Brussels*.⁶⁴

Há mais dessemelhanças ao longo da composição: nem os tipos, nem as decorações são as mesmas. Ainda que ambas as cópias tenham sido feitas em quartos de oito páginas, o *mise-en-page* é um tanto diverso (ver *Figura 8*). As diferenças existem porque Livewell Chapman, acusado de também ter participado da produção do panfleto, estava fugindo das autoridades. A segunda edição, assim, pode ser um produto posterior aos primeiros mandados de prisão do livreiro, datados do final de março, dependendo da composição e edição de outros estacionários não identificados.

⁶⁴ Cambridge University Library, Bb*.10.10 (E).

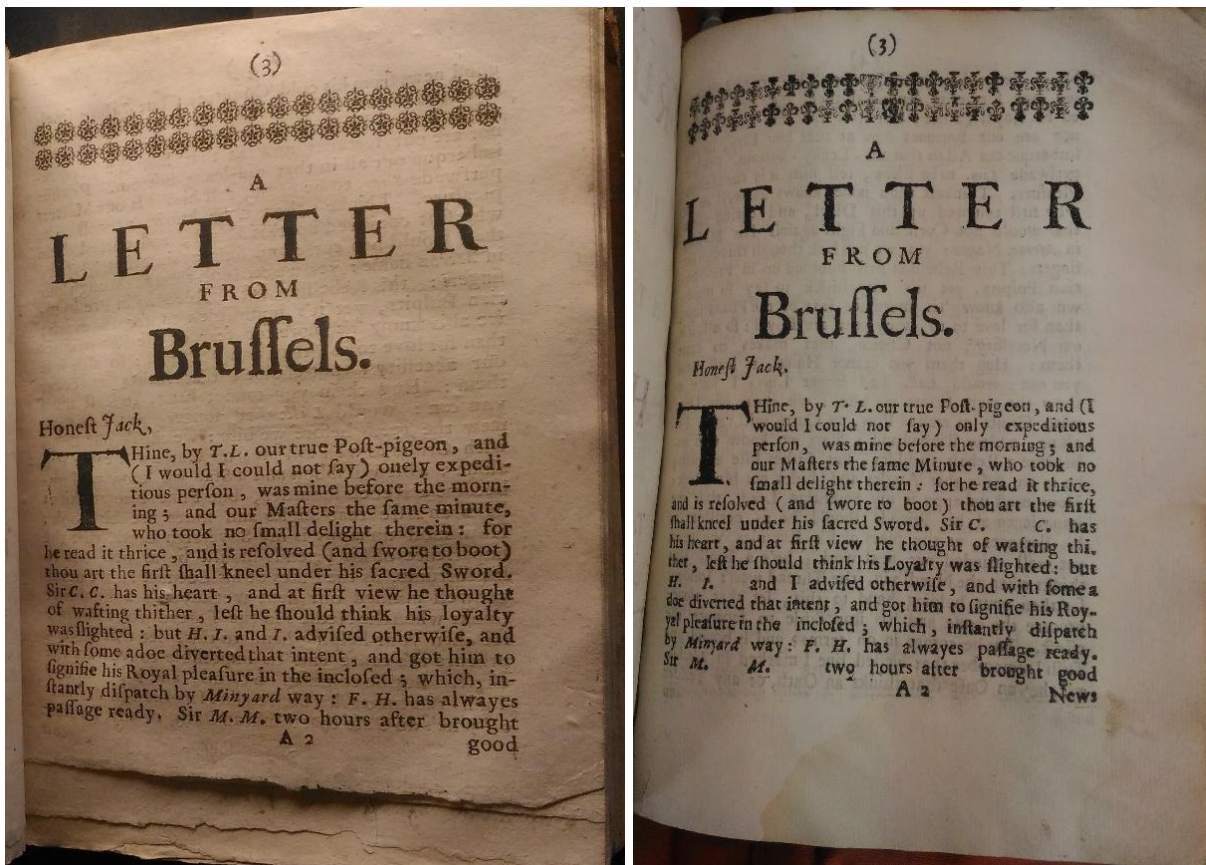


Figura 8: Comparação entre a primeira e a segunda edições de *Newes from Brussels*.⁶⁵

É bastante provável que a empreitada não tenha contado apenas com a colaboração entre Marchamont Nedham e Livewell Chapman. Como observado por Anthony Wood nas anotações feitas em seu exemplar da primeira edição de *Newes from Brussels*, outros sujeitos poderiam estar envolvidos na publicação.⁶⁶ Wood indicava que a carta “foi escrita por Sir Henry Vane, Scot e Maior [Richard] Salloway, impressa por e para Chapman um livreiro: que após a descoberta do objeto, fugiu”.⁶⁷ Abaixo, atualizando sua própria nota, Wood dizia que o texto havia sido redigido por Marchamont Nedham “depois da requisição das pessoas mencionadas”.⁶⁸ Sugerindo uma associação entre republicanos, militares e sectários religiosos, a nota de Wood ainda indicava que

⁶⁵ Bodleian Library, Wood 632 (42); Cambridge University Library, Bb*.10.10 (E).

⁶⁶ Anthony Wood (1632-1695) foi um antiquário de Oxford. Para desenvolver suas pesquisas, ele coletou e examinou diversas publicações inglesas do século XVII. Depois de sua morte, sua biblioteca privada foi doada à Universidade de Oxford. Diversos dos seus itens estão anotados, proporcionando informações fundamentais para a compreensão sobre sua circulação e recepção. KIESSLING, Nicolas K. **The library of Anthony Wood**. Oxford: Oxford Bibliographical Society, 2002; PARRY, Graham. "Wood, Anthony [Anthony à Wood] (1632–1695), antiquary". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-29864>>, acessado em 20/06/2022.

⁶⁷ No original: “was writt by Sir Henry Vane, Scot and Maior [Richard] Salloway, printed by for Chapman a bookseller: who upon the discovery of the matter, fled”. Bodleian Library, Wood 632 (42), p.8.

⁶⁸ No original: “after the inditement of the said persons”. *Idem, ibidem*.

Praised Barebone também teria participado da publicação de *Newes from Brussels* e, ainda, de um outro panfleto anônimo contrário à Restauração: *An Alarum*.

As informações coletadas por Wood merecem uma consideração. Ainda que o antiquário houvesse escrutinado muitos documentos para compor sua obra magistral, *Athenae Oxonienses*, acerca da biografia de autores e pessoas de destaque em Oxford entre 1500 e 1680, muitas de suas reflexões se fundamentaram em obras escritas por censores e antagonistas dos defensores da “boa e velha causa”, que, por vezes, recorriam a rumores mentirosos.⁶⁹ Como Edmund Ludlow observaria mais tarde em suas memórias, não eram raras as ocasiões nas quais seu nome era enganosa e deliberadamente vinculado a complôs antimonarquistas. Elocuções sobre o seu paradeiro durante sua fuga de Londres, bem como sobre sua suposta participação de reuniões sectárias eram frequentemente mencionadas em correspondências entre autoridades do Estado ao longo de todo o contexto da Restauração.⁷⁰ Notícias falsas corriam por toda a Inglaterra, sendo estratégias exploradas tanto por opositores quanto por defensores do rei. Não é a toa que já em 1659, um panfleto satírico publicado sob o nome de “Liveill Chapwell”, em clara referência a Chapman, descrevia uma falsa reunião pentamonarquista na qual Christopher Feake, John Rogers e outros líderes milenaristas haviam declarado Sir Henry Vane como seu rei.⁷¹

Nem sempre as fontes disponíveis nos permitem avaliar a veracidade das informações e notícias sobre a literatura oposicionista e seus produtores. Não obstante, é fundamental observar a importância da circulação de tais rumores. Sendo fictícios ou não, eles eram, como notado por Richard Greaves, elementos desestabilizadores que ocupavam desde as autoridades locais, até os mais altos cargos do Estado. “Ameaças radicais – reais ou imaginadas – alimentaram o impulso para a repressão dos Não-conformistas, aumentaram a preocupação com a segurança doméstica, e levaram o Estado a utilizar uma rede de informantes.”⁷² Tendo isso em vista, o fato de que circulavam notícias sobre complôs reunindo militares como o Major Richard Salwey, o regicida Thomas Scott, os republicanos Marchamont Nedham e Henry Vane, bem como os radicais religiosos Praisegod Barebone e Livewell Chapman é *per se* indicativa do clima de tensão e instabilidade do período da Restauração.

A afirmação de Wood sobre a mobilização de uma extensa confederação sediciosa, provavelmente se pautou nas respostas ao já citado *Newes from Brussels*, bem como a *An Alarum*,

⁶⁹ KIESSLING, *The library of Anthony Wood*; PARRY, "Wood, Anthony".

⁷⁰ LUDLOW, *A voyce from the watch tower*; GREAVES, *Deliver us from evil*.

⁷¹ Note-se que a pronúncia de “Liveill” se aproxima da palavra “evil” (mal), fazendo um trocadilho com o prenome de Chapman, cujo sufixo era “well” (bem). *A New king anointed with the manner of the solemnity at his inauguration and the several speeches and addresses*. Londres: Liveill Chapwell, 1659.

⁷² No original: “Radical threats – real or imagined – fueled the drive for the repression of Nonconformists, heightened the concern for domestic security, and prompted the state to utilize a network of informers.” GREAVES, *Deliver us from evil*, p. VII.

também mencionado em suas anotações. Por conta das políticas censórias, poucas cópias do panfleto restaram até os dias de hoje. A edição consultada para a presente tese, salvaguardada na Universidade de Oxford e disponibilizada online na EEBO, não possui uma folha de rosto. De acordo com o catálogo bibliográfico de Donald Wing, os demais exemplares do texto também não a incluem, o que nos leva a acreditar que a ausência não se deve a uma perda do material, mas sim à própria impressão, provavelmente feita tão rapidamente que não se teve à composição de uma folha de rosto.⁷³ O título, todavia, aparece na primeira página do panfleto. Sua composição, incluindo as flores utilizadas na decoração do cabeçalho em muito lembram a página inicial da primeira edição de *Newes from Brussels* (ver *Figura 8* *Figura 9*). A hipótese, contudo, não pode ser confirmada com segurança, já que seria preciso comparar mais exemplares de *An Alarum* a fim de encontrar sinais distintivos, como tipos desgastados e falhos. Além disso, a decoração do cabeçalho não é exclusiva, de modo que as mesmas flores seriam facilmente encontradas em diversas oficinas tipográficas de Londres. Não obstante, respostas contemporâneas ao panfleto também acusavam Livewell Chapman de tê-lo confeccionado.⁷⁴

⁷³ WING, Donald Goddard. **Short-title catalogue of books printed in England, Scotland, Ireland, Wales, and British America, and of English books printed in other countries, 1641-1700.** Nova York: The Modern Language Association of America, 1994, p. 38.

⁷⁴ Ver **The Army's declaration: being a true alarum in ansvver to a false and fiery one made lately by a member of that destable [sic] Rump and printed for Livewell Chapman. By a member of the Army now in London.** Londres: s. n., 1660. L'ESTRANGE, Roger. **L'Estrange his apology with a short view of some late and remarkable transactions leading to the happy settlement of these nations under the government of our lawfull and gracious sovereign Charles the II whom God preserve.** Londres: Henry Brome, 1660.

(1)

LW/



An Alarum
TO THE
OFFICERS and SOULDIERs
OF THE
ARMIES
OF
England, Scotland, and Ireland.



Gentlemen, and Fellow-Souldiers,

IT is an old and true saying, That Standers by do often see more than the Gamester : And having been out of play for some time, I have perhaps discovered more than many of your selves who do not dive in secrets of State, but are content onely to take care how you may receive the pay. I have been engaged in one and the same Cause and Quarrel with you against the late King and his Sons, during which time I observ'd very many miraculous providences of God in several conflicts and bloody Battels, honoured with eminent Victories, God owning an Army which consisted of persons of low estate, condition, knowledge, or education either in Politick or Military art; when on the other side, I saw very

A

nume-

Figura 9: Página inicial de *An Alarum to the Officers and Souldiers*.⁷⁵

Embora tivesse uma linguagem muito diferente de *Newes from Brussels* – ainda que não fosse uma carta redigida em tom regalista, mas um apelo de um militar para seus colegas no exército –, *An Alarum* ecoava alegações semelhantes com relação ao futuro da Inglaterra sob uma nova monarquia. O autor anônimo soava um “Alarme, na tentativa de torná-los [os soldados] conscientes do perigo iminente que paira sobre suas cabeças, e nas de seus melhores amigos nas três Nações”.⁷⁶ O panfleto avisava dos planos dos regalistas para reconduzir Carlos II ao trono e

⁷⁵ Bodleian Library, Wood 608 (72) via EEBO.

⁷⁶ No original: “Alarm, endeavour to render you sensible of the eminent danger which hangs over your heads, and of your best friends of the three Nations”. *An Alarm to the officers and souldiers of the armies of England, Scotland, and Ireland*. [Londres: s. n., 1660], p.2.

vingar o falecido rei, hostilizando o exército e os parlamentares que haviam combatido sua tirania anteriormente. O texto também indicava que os presbiterianos estavam sendo ludibriados se pensavam que com sua aliança com os regalistas conseguiriam consolidar sua confissão na Inglaterra. Ao contrário,

*Carlos Stuart trará com ele seus Arcebispos, Bispos, e todo o resto daquela Hierarquia, então não seremos considerados por eles senão como Sectários e Fanáticos [...]. E além disso, sua Mãe a Rainha virá, quem infalivelmente trará com ela Jesuítas, Padres, e Monges de todos os tipos, pelo qual o Papado será (com privilégio) novamente readmitido na Nação [...].*⁷⁷

De acordo com o panfleto, o exército tinha condições de evitar esses retrocessos e perseguições. Era preciso que os soldados pegassem em armas para evitar o retorno da monarquia, renovando seu comprometimento com as causas que defenderam no passado, quando colaboraram para que o governo fosse “estabelecido sobre fundamentações e constituições justas e seguras de liberdade e proteção do povo, tanto como Homens e Cristãos, e isso nos modos de uma República e de um Governo de Estado-livre, sem Rei, única pessoa, ou Câmara dos Lordes.”⁷⁸

O apelo parecia vir de um membro do exército que tinha graves preocupações a respeito das políticas de retaliação que Carlos II poderia adotar. Para o autor anônimo, o governo do rei trataria de

enforcar muitos de vocês [soldados], e banir outros como Rebeldes e Traidores, ou ao menos os lançar em uma Masmorra barulhenta, mas só isso não irá satisfazer sua crueldade, mas tenham certeza de que eles [os regalistas] tomarão todas as suas propriedades e destruirão suas Esposas e seus Filhos, lhes perseguirão, você e seu amigo, até a morte [...].⁷⁹

Essa preocupação levou leitores contemporâneos a identificarem o autor como o coronel Thomas Scott, que participara ativamente das campanhas militares contra a monarquia e das decisões

⁷⁷ No original: “*Charles Stuart* will bring with him Archbishops, Bishops, and the rest of that Hierarchy, and we shall then be accounted no other by them but Sectarians and Phanatiques [...]. And besides, his Mother the Queen will come, which infallibly will bring with her Jesuits, Priests, and Monks of all sorts, whereby Popery will (*cum privilegio*) be again re-admitted in the Nation [...].” *Idem*, p.5.

⁷⁸ No original: “established upon the just and secure fundamentals and constitutions of freedome and safety to the people, in relation as they were Men and Christians, and that in the wayes of a Commonwealth and Free-state Government, without a King, single person, or House of Lords.” *Idem*, p.2.

⁷⁹ No original: “to hang many of you, and banish others as Rebels and Traytors, or at least cast you in noysome Dungeon, but that onely will not satisfie their cruelty, but be sure they will have all your estates and destroy your Wives and Children, and persecute you, and, your friend unto death”. *Idem*, p.6.

parlamentares que levaram ao regicídio. Uma resposta anônima também creditada a membros do exército, *The Army's Declaration: Being a True Alarum in Answer to a False and Fiery One*, acusava Scott de ser um vilão, cujo único propósito era “a ruína da Nação”.⁸⁰ Para o autor da réplica, *An Alarum* se utilizava da “espúria máscara de uma Boa e velha Causa, e da defesa do bem do povo da Terra, das gloriosas pretensões de Independência e Liberdade, como homens e Cristãos” com o objetivo de “nos seduzir e nos afastar da obediência de nosso General [Monck], e da autoridade real; para [nos levar] à escravidão Egípcia de uma tirania Anárquica, e à inevitável ruína de nós mesmos, e da Nação.”⁸¹

The Army's Declaration pretendia evitar que as acusações feitas em *An Alarum* causassem uma nova rebelião danosa, por isso esclarecia que o rei jamais sacrificaria seu povo em nome de tolas vinganças. O panfleto também comentava que mesmo se Carlos II e sua mãe retornassem à Inglaterra com uma corte católica, a situação não seria mais perigosa do que a atual pluralidade de seitas fanáticas. Em suma, para o autor de *The Army's Declaration*, *An Alarum* havia sido publicado apenas com o intuito de enganar o exército para que, pelo medo de um suposto revanchismo político-religioso, as tropas se sublevassem novamente, mantendo os vis e “pretensos homens Republicanos”⁸² no governo ao invés da legítima dinastia régia dos Stuarts.

Reforçando os apelos por uma revolta militar, *Plain English* foi publicado quase simultaneamente a *An Alarum*. Assinado pelos “mais fiéis Amigos e Servos da Causa Comum”⁸³, o panfleto era destinado ao general George Monck como um pedido por socorro. Embora os autores considerassem que seria mais prudente “manter o silêncio em um tempo ruim”⁸⁴, eles argumentavam que precisavam se manifestar pois temiam as ameaças “não apenas às nossas e às vossas Liberdades, mas também às nossas pessoas”⁸⁵. O apelourgia para que Monck defendesse a “Causa [...] contra o retorno daquela Família que reivindica o Governo dessas Nações.”⁸⁶

Os anônimos esperavam lembrar a Monck que o povo e o Parlamento haviam optado legitimamente por cessar as negociações com Carlos I ao final dos anos 1640. Por essa razão, o pequeno quarto de apenas 24 páginas era dividido em duas partes. A primeira era uma argumentação para justificar o julgamento e a execução do monarca, enquanto a segunda

⁸⁰ No original: “the Nations ruine”. **The Army's Declaration**, p.2.

⁸¹ No original: “by their spurious mask of a Good old Cause, and defence of the good people of the Land, the glorious pretences of Freedom and Liberty, both as men and Christians”; “seduce and draw us from the obedience of our General, and the real authority; to the Egyptian bondage of an Anarchical tyranny, and to the inevitable ruine both of our selves, and the Nation.” *Idem, ibidem*.

⁸² No original: “pretended Common-wealths men”. *Idem*, p.10.

⁸³ No original: “most faithful Friends and Servants in the Common Cause”. **Plain English**, p.8.

⁸⁴ No original: “keep silence in an evil time”. *Idem*, p.1.

⁸⁵ No original: “keep silence in an evil time”; “not only of our and your Liberties, but of our persons too”. *Idem*, p.1.

⁸⁶ No original: “Cause [...] against the return of that Family which pretends to the Government of these Nations.” *Idem, ibidem*.

reproduzia integralmente a declaração da Câmara dos Comuns, publicada em fevereiro de 1648, na qual os MPs condenavam a tirania do rei, bem como sua vilania ao derramar o sangue de seus súditos nas Guerras Civis. Em conjunto, as duas seções do panfleto declaravam em “Inglês Claro” (como no título *Plain English*) que todo o contexto revolucionário das décadas anteriores fora lícito e não poderia agora ser invalidado por projetos tirânicos. Sob essa premissa, os autores justificavam seu apelo ao general Monck, implorando-lhe que retomasse a antiga Declaração do Parlamento e decidisse “se o finado Rei e sua Família mereceram ou não a morte e a extirpação.”⁸⁷ Se estivesse convencido acerca da validade da “boa e velha causa”, o panfleto afirmava que ainda era possível recuperá-la, evitando que a família Stuart recobrasse o trono.

Confirmações da legitimidade da suspensão da monarquia e da remoção da dinastia Stuart do governo também apareciam na composição material do panfleto. Estrategicamente, a primeira e última página do texto reforçavam a importância do decreto de 1648. Como pode ser visto na folha de rosto na *Figura 10*, havia maior destaque à informação de que o texto continha “A Declaration of Parliament” do que ao próprio título *Plain English*. Esse detalhe parecia demonstrar aos leitores que não havia nenhuma novidade nos argumentos dos autores do panfleto, eles apenas reiteravam uma decisão soberana de outrora, a qual não poderia ser apagada pelas movimentações políticas dos regalistas e dos presbiterianos que, agora, se infiltravam no Parlamento. Da mesma forma, ao final do panfleto, foi incluída a ordem de impressão do decreto de 1648 (ver *Figura 11*). Assim, embora *Plain English* não houvesse sido licenciado e registrado previamente, ou sequer cumprisse os requisitos legais para a publicação, a sua oficialidade estava confirmada sob a autoridade do Parlamento que “Ordenou [...] que um número apropriado dessa Declaração”⁸⁸ fosse produzido e disseminado por toda a Inglaterra.

⁸⁷ No original: “whether or no the late King and his Family deserved death and extirpation”. *Idem*, p.4.

⁸⁸ No original: “Ordered [...] that a competent number of this Declaration”. *Idem*, p.30.

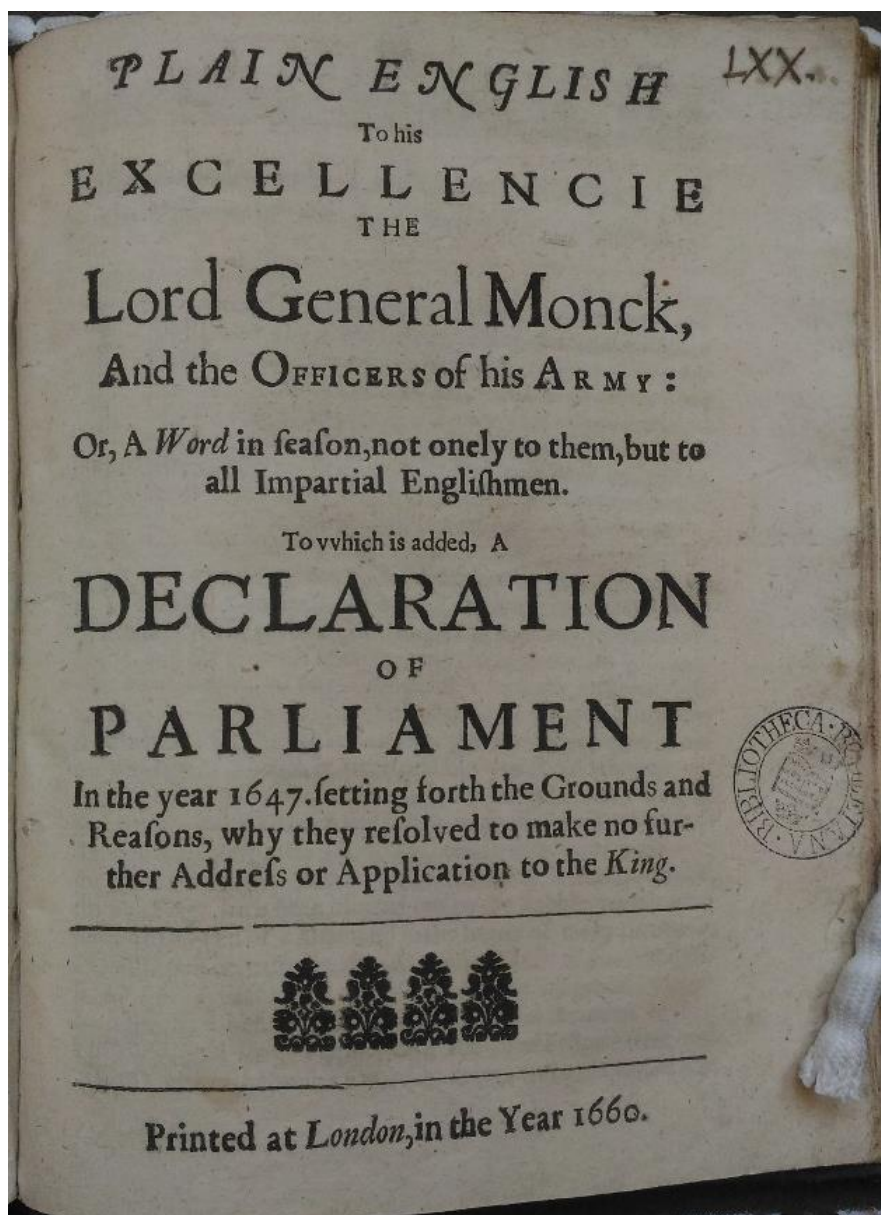


Figura 10: Folha de rosto de *Plain English*.⁸⁹

⁸⁹ Bodleian Library, Ashm.1006(70).

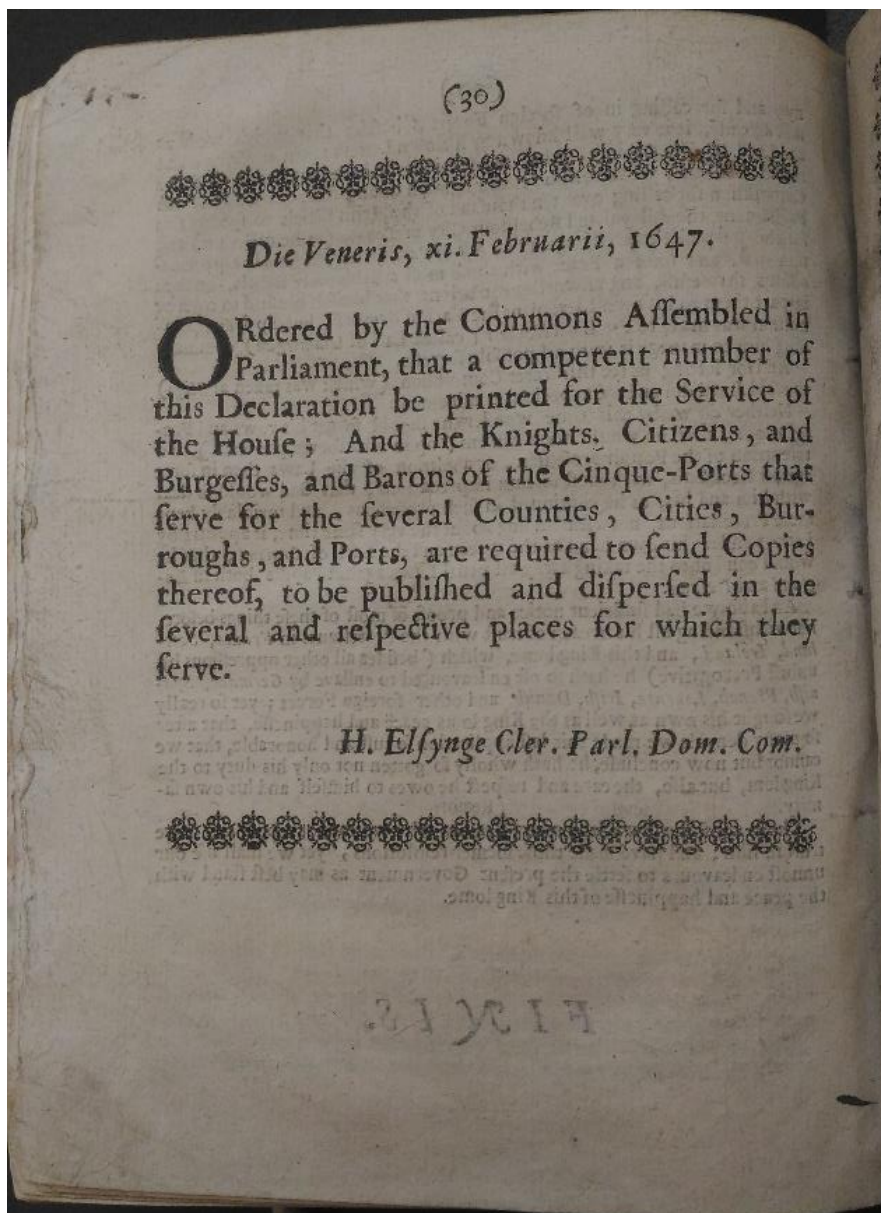


Figura 11: Ordem de impressão da Declaração de 1648, ao final de *Plain English*.⁹⁰

Note-se que o mesmo padrão de flores de impressão encontrado na primeira edição de *Newes from Brussels* e em *An Alarum* aparece nos adornos à página final de *Plain English* (ver, respectivamente, as *Figura 6*, *Figura 9* *Figura 11*). Ainda que nos faltem evidências materiais para declarar seguramente que os tipos utilizados são, de fato, os mesmos, é interessante observar a coincidência das três decorações em lugares de destaque dos panfletos. Elas apontam para um certo estilo de composição que pode indicar que os três textos saíram da mesma prensa.

Para Roger L'Estrange, era certo que as obras foram publicadas por uma mesma pessoa: Livewell Chapman. No subtítulo de *Treason Arraigned* contra *Plain English*, o aspirante a censor

⁹⁰ *Idem*.

afirmava que o “*Panfleto Traidor, e Fanático* [...] foi *condenado* pelo Conselho do Estado, Suprimido pela Autoridade, e o Impressor reprovado pela Proclamação.”⁹¹ L’Estrange se referia aqui a duas manifestações feitas pelo Estado por meio da imprensa. Em 24 de março, o escriturário do Conselho publicou uma nota na qual recriminava todos que almejavam “a perturbação da Paz”⁹², agitando os exércitos contra o governo e as autoridades. Quatro dias depois, outro decreto indicava o interesse do Estado em deter Livewell Chapman que, “tendo um Desígnio Perverso para envolver a Nação em Sangue, e Confusão, fez com que vários Livros Sediciosos e Traidores, fossem Impressos e Publicados, agora se esconde e se oculta para evitar a Mão da Justiça”⁹³. A proclamação do Conselho do Estado contra o livreiro foi lançada pouco depois de um mandado para a sua prisão ter sido confeccionado em 27 de março. Interessante observar que, nessa mesma ocasião, as autoridades também intimaram o impressor Ralph Davenport. O detalhe é significativo porque, embora Roger L’Estrange e outros antagonistas da “boa e velha causa” jamais tivessem citado seu nome, o impressor possivelmente foi o responsável pela confecção de todos os panfletos em questão. É preciso lembrar que Livewell Chapman era um livreiro e, como tal, (supostamente) não operava uma prensa de tipos móveis. Obviamente, ele poderia ter acesso a uma de forma clandestina, mas é mais provável que tivesse empregado um impressor para produzir os textos que editou e comissionou.⁹⁴ O Conselho do Estado pretendia deter Davenport “na prisão por imprimir livros caluniosos e sediciosos contra o Estado”⁹⁵, o que parece ter acontecido rapidamente. Em 11 de abril, um marechal londrino e um “jovem” receberam uma recompensa de £5⁹⁶, para dividirem igualmente, por terem “descoberto e apreendido panfletos escandalosos impressos por Ralph Davenport.”⁹⁷

⁹¹ No original: “*Trayterous, and Phanatique Pamphlet, which was condemned by the Counsel of State, Suppressed by Authority; and the Printer declared against by Proclamation.*” [L’ESTRANGE, Roger]. **Treason Arraigned, In Answer to Plain English; Being A Trayterous, and Phanatique Pamphlet, which was condemned by the Counsel of State, Suppressed by Authority; and the Printer declared against by Proclamation.** Londres: s. n., 1660, fl.1.

⁹² No original: “the disturbance of the Peace”. COUNCIL OF STATE. **A proclamation. The council of state being intrusted, in this interval of Parliament, with preservation of the publick peace; and being well informed, that some persons, from mistaken apprehensions of the temper of the army.** [Londres:] Abel Roper, Thomas Collins, 1659 [1660].

⁹³ No original: “having from a Wicked Design to engage the Nation in Blood, and Confusion, caused several Seditious and Treasonable Books, to be Printed and Published, doth now hide and obscure himself for avoiding the Hand of Justice”. COUNCIL OF STATE, **A proclamation**, s. n.p.

⁹⁴ HETET, John. “Roger L’Estrange and No Blinde Guides, 1660”. **Turnbull Library Record**, v. XVI, n. 1, p. 21, 1983. Disponível online em **Papers Past**: <<https://paperspast.natlib.govt.nz/periodicals/TLR19830501.2.6>>, acessado em 22/06/2022; BARDLE, **The Literary Underground**.

⁹⁵ No original: “in prison, for printing libellous and seditious books against the State” PRO SP25/116/1; “Warrants of Council of State”. In: GREEN (ed.), **CSPD: Interregnum, 1659-60**, p. 572. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1659-60/pp561-575>>, acessado em 16/06/2022

⁹⁶ Cerca de £700 atualmente.

⁹⁷ No original: “young man”, discovered and seized scandalous pamphlets printed by Ralph Davenport.” “Warrants for Payments by the Council of State”. In: GREEN (ed.), **CSPD: Interregnum, 1659-60**, p.596. Disponível online

De fato, os padrões tipográficos utilizados por Davenport em suas publicações regulares em muito se assemelham às composições da primeira edição de *Newes from Brussels*, bem como de *An Alarum* e *Plain English*. Sua impressão de *The History of Eriander* de John Burton (1661), por exemplo, inclui tipos e ornamentos parecidos (senão idênticos) com aqueles encontrados nos panfletos anônimos (ver *Figura 12*). No entanto, Davenport não parecia ser um impressor recorrentemente associado a empreitadas controversas. Muitos de seus trabalhos consistiam em tratados de história, feitos de forma lícita. E, logo após a Restauração, suas publicações mostravam-se bastante elogiosas a Carlos II.⁹⁸ Talvez sua participação das publicações de *Newes from Brussels*, *An Alarum* e *Plain English* tivesse apenas motivações financeiras. De fato, impressores pobres eram facilmente convencidos a aceitarem as altas comissões derivadas das publicações ilegais. Apesar de arriscado, o mercado livreiro sedicioso poderia ser lucrativo, o que também despertava o interesse mesmo daqueles impressores que não estavam, de fato, comprometidos com causas político-religiosas específicas.⁹⁹ Seja pela familiaridade com o fato de o nome de Livewell Chapman estar associado a atividades editoriais ilegais, seja pelo alarde criado com a proclamação impressa demandando a sua prisão, Roger L'Estrange não mencionou Ralph Davenport, creditando apenas ao livreiro a responsabilidade pela composição dos panfletos.

em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1659-60/pp576-600>>, acessado em 22/06/2022.

⁹⁸ PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**.

⁹⁹ Sobre a lucratividade dos negócio clandestinos e sediciosos, ver, por exemplo: DARNTON, **Edição e sedição**; LYNCH, Beth. "Mr. Smirke and 'Mr. Filth': A Bibliographic Case Study in Nonconformity Printing". **The Library**, v. 1, n. 1, p. 46–71, 2000; BARDLE, **The Literary Underground**.

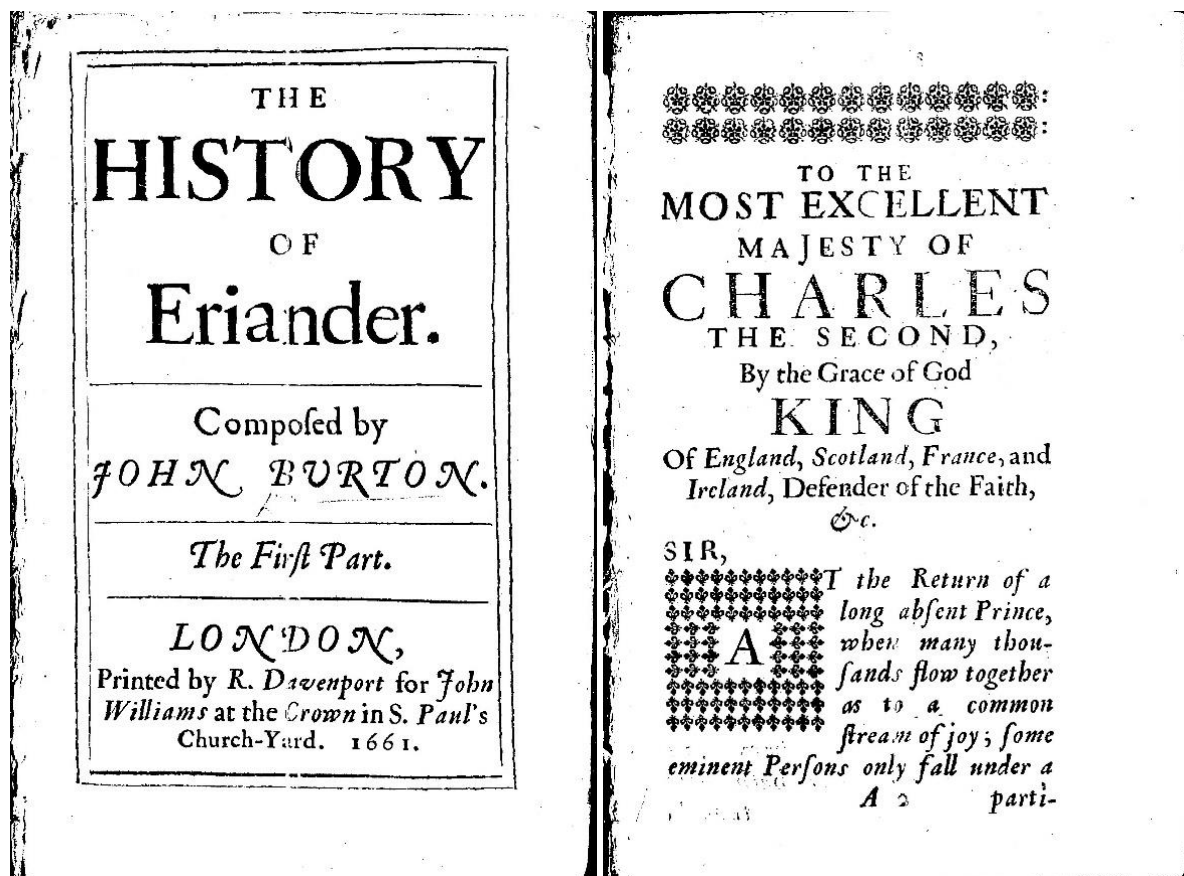


Figura 12: Folha de rosto e página inicial de *The History of Eriander*.¹⁰⁰

Além de Chapman, L'Estrange também acreditava que o interesse em causar tumulto e defender o regicídio certamente provinha da pena de John Milton ou Marchamont Nedham, ou, pior ainda, de ambos. Ele tentava demonstrar sua hipótese, indicando que trechos de *Plain English* se assemelhavam a *Eikonoklastes* de Milton e a outros textos da mesma linha. A maior parte da resposta de L'Estrange se assentava na citação, análise e refutação de passagens do panfleto anônimo. O estilo eminentemente polêmico era característico do aspirante a censor e se repete em todos os seus escritos contra a literatura sediciosa no contexto da Restauração. Em *Treason Arraigned*, a estratégia foi aplicada tanto para objetar as afirmações dos argumentos de *Plain English*, dedicados a convencer Monck a interceder na situação política para privilegiar a “boa e velha causa”, quanto para deslegitimar a Declaração do Parlamento de 1648. L'Estrange negava não apenas a posição defendida no panfleto, mas a sua própria inspiração e fundamentação. A traição que denunciava (como expresso em seu título) vinha de longa data, de modo que o problema não se restringia aos sectários e republicanos dos anos 1660, mas ao movimento revolucionário como um todo. Para ele, a votação que decidira findar as negociações com Carlos I, e que pavimentou a

¹⁰⁰ British Library, 244:E.2264[1] via EEBO.

subsequente execução do rei, não havia ocorrido de forma válida. O resultado foi fraudado em favor dos “fanáticos” para “consumar a *Ruína do Reino*”.¹⁰¹

L'Estrange reforçou suas suspeitas sobre Chapman, Milton e Nedham com outros panfletos críticos lançados pouco depois de *Treason Arraigned*. Datado de 4 de abril, *Double Your Guards* contrapunha-se a *Plain English* e *An Alarum*. Para ele, os

*dois Panfletos; [são] tão primorosamente ímpios, como se tivessem sido moldados no Inferno, por Oliver, e Bradshaw. Eles falam a Língua dos condenados; Horror, Desesperos, e Desolação. Estas boas Peças foram batizadas; Plain English, – & An Alarum. Eu suponho que elas sejam Gêmeas; o objeto do mesmo Cérebro, pois estão relacionadas ao mesmo fim principal. Eu tinha quase terminado uma Resposta sobre o Primeiro, quando o Último chegou à minha Mão: comparando um com o outro; Eu acho que eles correspondem, tão apropriadamente, e tão universalmente, ao mesmo Propósito sedicioso, que não há nenhum Interesse que escape de sua malícia, e tentação. Eles avançam sua Disputa, e marcham juntos; que o que eles não podem ganhar pela força do Argumento, eles podem estar prontos para Ensaíar à força da espada.*¹⁰²

Ambos os textos, de fato, propunham uma tomada de ação radical, pegando em armas, se necessário, para impedir o retorno e a coroação de Carlos II. Para L'Estrange, esse caráter agitador e perigoso fazia com que os panfletos pudessem ser percebidos como atos conjuntos, arquitetados pelos mesmos sujeitos, a fim de resistir à legitimidade da reinstituição do regime monárquico.

Na segunda quinzena de abril, L'Estrange completava suas acusações, juntando mais uma publicação à lista de textos virulentos que atribuía a Chapman, Milton e Nedham nos primeiros meses de 1660. Em *Physician Cure Thy Self*, o aspirante a censor declarava: “Há um Panfleto lascivo intitulado, – *EYE-SALVE for the English Army, &c.* – que não sendo mais do que uma *Síntese de PLAIN ENGLISH*, e do *ALARUM, &c.* – não precisa de uma Resposta Particular. Aquele que lê Um, lê Todos.”¹⁰³ Contraditoriamente, ainda assim, L'Estrange se preocupou em fazer uma réplica

¹⁰¹ No original: “to consummate the *Kingdom's Ruine*”. [L'ESTRANGE], *Treason Arraigned*, p.14.

¹⁰² No original: “*two Pamphlets; so exquisitely impious, as if they had been fram'd in Hell, by Oliver, and Bradshaw. They speak the Language of the damned; Horror, Despayres, and Desolation. These goodly Pieces are christen'd; Plain English, – & An Alarum. I suppose they are Twins; the issue of the same Brayne, as they are related to the same maine end. I had nigh finish'd a Reply upon the Former, when the Latter came to my Hand: comparing which with the other; I find they correspond, so aptly, and so universally, to the same seditious Purpose, that there's not any Interest 'scapes their malice, and attempt. They advance their Dispute, and march together; that what they cannot gaine by force of Argument, they may be ready to Essay by dint of sword.*” [L'ESTRANGE, Roger]. **Double your guards; in answer to a bloody and seditious pamphlet, entitled An alarum to the armies of England, Scotland, and Ireland.** Londres: s. n., 1660, p.3.

¹⁰³ No original: “There's a lewd Pamphlet titled, – *EYE-SALVE for the English Army, &c.* – which being but a *Breviate of PLAIN ENGLISH*, and the *ALARUM, &c.* – needs no Particular Answer. He that reads One, reads All.” [L'ESTRANGE, Roger]. **Physician cure thy self: or, An answer to a seditious pamphlet, entitled Eye-salve**

a *Eye-Salve*, contestando diversas das afirmações feitas no texto antimonarquista. Embora dissesse que a obra era “tediosa” e um desperdício de tempo e de papel, L’Estrange certamente a considerava perigosa.

Assim como *Newes from Brussels, An Alarum e Plain English*, *Eye-Salve* enfatizava os riscos da retomada da monarquia. Repassando os eventos do contexto revolucionário que justificaram a revolta contra Carlos I, o panfleto comparava os crimes cometidos pelo falecido rei com o caráter de seu filho, sugerindo que o retorno da família Stuart resultaria na mesma tirania. Destinando-se sobretudo às tropas, o texto também lembrava a centralidade do papel do exército na extinção do regime monárquico e, por isso, alertava para as perdas que os militares poderiam vir a sofrer com a coroação de Carlos II. Além de declarar que os soldados provavelmente não receberiam seus pagamentos com a Restauração, o autor anônimo lhes dizia: “Vocês são os homens que conquistaram o primeiro e o segundo *Carlos*, e trouxeram eles e seus Amigos à Condição em que estão agora; portanto dentre todos os outros eles devem odiar a vocês.”¹⁰⁴ Expressando temor quanto a possibilidade de os Stuarts serem vingativos, *Eye-Salve* pretendia curar os olhos das tropas, fazendo-lhes perceber que sua melhor alternativa era retomar a “boa e velha causa”. Para fortalecer o argumento antimonarquista, uma carta supostamente redigida por militares clamava para que o exército não desprezasse os pressupostos pelos quais lutaram um dia. O sangue derramado para garantir os direitos, os interesses e as liberdades comuns não poderia ser desperdiçado com a volta da tirania regalista.

Para Roger L’Estrange, tais alegações não passavam de mentiras para inflamar as tropas e deturpar a estabilidade que enfim se aproximava do horizonte inglês. Em vez de uma cura, *Eye-Salve*, na leitura do polêmico aspirante a censor, disseminava a verdadeira enfermidade: “Esse **Colírio**, Cavalheiros, que o nosso *suposto Oculista* vos apresenta, é um remédio da mesma Composição, que [...] acometeu a Cegueira *de Milton*: e é do Interesse dele que Vocês também o sejam.”¹⁰⁵ O republicanismo, assim, era caracterizado por L’Estrange como uma moléstia que impedia a clara percepção do mundo, levando ao erro e, ainda mais gravemente, à anarquia e à desordem. E para o autor, o maior representante desse desvio de caráter e visão era John Milton,

for the English Army, &c. VVritten and publish'd for the information and benefit of the souldjery; and to them directed. April 23. 1660. Londres: Henry Brome, 1660, p.1.

¹⁰⁴ No original: “You are the men that have Conquered the first and second *Charles*, and brought them and their Friends into the Condition they are now in; you therefore of all others they must hate.” **Eye-salve for the English armie, and their assistants. Or, a breviat of several particulars seriously to be considered by all those that either are, or have been engaged in the late war against King single person or Lords spirituall and temporall, that are not willing to yield their necks to the rope or block.** Londres: s. n., 1660, p.4.

¹⁰⁵ No original: “This Eye-Salve, Gentlemen, which our pretending Oculist presents you with, is a medicine of the same Composition, which [...] strook Milton Blind: and 'tis his Interest that You should be so too.” [L’ESTRANGE], **Physician cure thy self**, p.2.

que havia, de fato, ficado completamente cego em 1652. Literal e figurativamente, para L'Estrange, o poeta era um cego defensor de uma "causa" vil e traiçoeira.

John Milton, de fato, esteve bastante ativo nos primeiros meses de 1660. Além de publicar as duas edições de *The Readie & Easie Way* com Thomas Newcomb e Livewell Chapman, o poeta lançou *Brief Notes Upon a Late Sermon*, que circulou sem indicar os nomes dos estacionários responsáveis. O panfleto tinha como objetivo retrucar a apologia à monarquia e aos Stuarts feita por Matthew Griffith, ex-capelão de Carlos I, em um sermão pregado em 25 de março e impresso logo em seguida.¹⁰⁶ Mas ainda que Milton estivesse se expressando com frequência por meio de imprensa, expondo seus motivos para apoiar o sistema republicano e para recusar a coroação de um novo rei, ele não havia redigido *An Alarum, Plain English* ou *Eye-Salve*. Todavia, Roger L'Estrange não hesitou em continuar associando o nome de John Milton às publicações. Em junho, quando publicou uma compilação de diversos dos seus panfletos polêmicos sob o título de *L'Estrange His Apology*, visando ganhar a estima do recém-coroadado Carlos II, L'Estrange reconheceu seu engano quanto à identificação dos autores dos textos. Ele apontava que *An Alarum e Plain English* foram

escritos, (como mais tarde fui Informado) por um Pároco Renegado; mas na época, eu os considereei como sendo de *Nedham*, ou *Milton*, (um Par de *Cães* da mesma *Matilha*) Eles foram *Impressos* por *Livewell Chapman*, e uma *Proclamação* do Conselho foi emitida contra ele por isso, à qual ele nunca compareceu.¹⁰⁷

L'Estrange sequer nomeou o pároco, ainda anônimo, preferindo manter a referência a Milton e Nedham. O conteúdo da versão de *Treason Arraigned* impressa em *L'Estrange His Apology* também não trazia nenhuma alteração, de modo que os nomes do poeta e do jornalista

¹⁰⁶ Curioso notar que apesar do avanço das tendências regalistas, em meio à confusão política do início de 1660, Matthew Griffith e seu impressor, Thomas Johnson, foram detidos pelas críticas aos republicanos que ainda detinham algum poder no Parlamento e no Conselho do Estado. O mandado para a captura de Griffith data de 2 de abril, apenas um dia antes da emissão da ordem de prisão para Livewell e Hannah Chapman. Nota-se que tanto discursos regalistas, quanto republicanos poderiam ser alvos da censura. Essa aparente arbitrariedade demonstra a dificuldade de controlar a imprensa em um momento de tensão e incerteza sobre o futuro político, no qual a própria concepção sobre sedição não estava clara para as autoridades e suas instituições. Sobre isso, ver: GRIFFITH, Matthew. **The fear of God and the King. Press'd in a sermon, preach'd at Mercers Chappell, on the 25th. of March, 1660. Together with a brief historical account of the causes of our unhappy distractions, and the onely way to heal them.** Londres: Thomas Johnson; MILTON, John. **Brief notes upon a late sermon, titl'd, The fear of God and the King; preachd, and since publishd, by Matthew Griffith, D.D. and chaplain to the late King.** Londres: s. n., 1660; "Warrants of Council of State". In: GREEN (ed.), **CSPD: Interregnum, 1659-60**, p. 572-573. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1659-60/pp561-575>>, acessado em 16/06/2022; HÉTET, "Roger L'Estrange and No Blinde Guides, 1660".

¹⁰⁷ No original: "written, (as I am of late Enformed) by a Renegado Parson; but as then, I took them to be either *Nedham's*, or *Miltons*, (a Couple of *Currs* of the same *Pack*) They were *Printed* by *Livewell Chapman*, and a *Proclamation* from the Counsell was issued out against him for it, to which he never appeared." L'ESTRANGE, **L'Estrange his apology**, p.113.

continuavam indicados em sua denúncia. E, na verdade, no posfácio de seu trabalho, L'Estrange reforçou mais uma vez a sedição de Milton, explicando que na altura das publicações originais dos panfletos ali compilados, os defensores da “boa e velha causa” e os “fanáticos”

fizeram várias Tentativas para uma insurreição geral; mas pelo cuidado e pela Conduta do *Conselho*, do General, e da Milícia, tudo deu em nada; o cerne do Projeto estava quase partido: e ainda assim eles não queriam deixar sua Panfletagem. Particularmente *Milton* apresentou uma peça gritante contra o Dr. *Griffith* e alguém [escreveu] outro Libelo indecente, intitulado, *EYE-SALVE* [...].¹⁰⁸

Estes trechos nos permitem evidenciar que, naquela altura, não importava a L'Estrange a identificação concreta de quem escreveu *An Alarum*, *Plain English* e *Eye-Salve*, mas a possibilidade de associá-los ao estilo de Milton e Nedham, ou seja, a um determinado modelo narrativo e a uma tópica republicana e antimonarquista comum. Embora a atribuição de autoria fosse um elemento fundamental para a censura da imprensa, esse fato indica como essa noção era complexa e flexível na Época Moderna. Num período no qual a função autoral ainda não se definia segundo concepções de propriedade intelectual, nem conforme características individuais e psicológicas de “gênios criadores”, era fácil para L'Estrange acusar e perseguir publicamente o poeta e o jornalista republicanos.¹⁰⁹ Tendo isso em vista, é possível entender o movimento de L'Estrange ao indicar que, mesmo diante da informação de que o autor dos panfletos sediciosos fosse um “Pároco Renegado”, eles parecessem ser provenientes “da mesma *Matilha*” de Milton e Nedham. Suas denúncias, portanto, não continuavam válidas.¹¹⁰

Indo além de uma tentativa de identificar a autoria ou o gênero dos três panfletos anônimos, L'Estrange buscava guiar o público leitor a perceber semelhanças entre os textos sediciosos e as obras de Milton e Nedham. Fosse por meio do estilo, fosse pelas tópicas mobilizadas, interessava ao aspirante a censor a possibilidade de indicar oponentes aos quais poderia combater. Nessa perspectiva, como indicado por John Hetet: “Era melhor dar à obra ‘sediciosa’ um autor de reputação pública do que lhe permitir o anonimato.”¹¹¹ Enquanto anônimos, os panfletos gozavam

¹⁰⁸ No original: “they made several Attempts in order to a general rising; but by the care and Conduct of the *Council*, the General, and the Militia, all came to nothing; the heart of the Design was almost broken: and yet they would not leave their Pamphleting. Particularly *Milton* put forth a bawling piece against Dr. *Griffith* and somebody else another scurrilous Libel, entitled, *EYE-SALVE* [...]” *Idem*, p.157.

¹⁰⁹ HANSEN, João Adolfo. "Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra". *ellipsis*, v. 12, p. 91–117, 2014; Ver também: LIMA, Luís Filipe Silvério. "A questão da autoria". In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes (org.). **Modernos em curso: escritos e imagens no tempo**. Rio de Janeiro; Niterói: Ouro sobre Azul; Eduff, 2022.

¹¹⁰ **L'Estrange his apology**, p.113.

¹¹¹ No original: “It was better to give the ‘seditious’ work an author of public repute than allow it anonymity.” HETET, “Roger L'Estrange and No Blinde Guides, 1660”, s. n.p.

de maior liberdade do que quando vinculados às figuras de homens como Milton e Nedham. O anonimato, como explicitado no trabalho de Mary North, era “altamente interpretável; suas tradições, suas modas, seus perigos, e suas brincadeiras ocasionais faziam dele um gesto cheio de nuances e significado”.¹¹²

Mais do que uma ausência, o fato de nenhum nome identificável fazer parte das duas edições de *Newes from Brussels*, e de *An Alarum, Plain English* e *Eye-Salve* os tornava ainda mais potentes. Se não tivesse sido associada a Nedham, a carta ficcional de um cortesão comentando os planos vingativos de Carlos II poderia ser interpretada pelo público como ameaça real. Sob a voz de um militar desconhecido se dirigindo aos seus colegas soldados, *An Alarum* e *Eye-Salve* poderiam mobilizar agitações entre as tropas. Sob a assinatura dos “mais fiéis Amigos e Servos da Causa Comum”¹¹³, *Plain English* poderia conquistar apoiadores. Além da ocultação dos nomes dos sujeitos que poderiam enfrentar problemas com as autoridades por sua recusa à Restauração, o anonimato também era um recurso retórico explorado para convencer a audiência das boas intenções das obras em questão. Os autores não pareciam buscar reconhecimento social, mas colaborar para a concretização da “boa e velha causa”. Quando críticos como Edmund Pierce e Roger L’Estrange tentam lhes privar do anonimato, dando-lhes reconhecimento público, o faziam na tentativa de descreditar os conteúdos dos textos, vinculando-os a possíveis interesses particulares de homens como John Milton – que defendeu o regicídio de Carlos I e assumiu um cargo no governo republicano –, e Marchamont Nedham – cujas alianças e lealdades se modificavam ao sabor das mudanças políticas. A generalidade, a coletividade e a própria natureza da sua “causa” poderiam se enfraquecer frente a essas atribuições, mesmo que falsas.

O mesmo pode ser considerado quanto à menção a Livewell Chapman. O livreiro era apontado como responsável pela impressão de *Newes from Brussels*, *An Alarum, Plain English* e *Eye-Salve* também pela familiaridade do público com o seu nome. Chapman publicara diversos textos radicais, alguns dos quais foram alvo de vigorosa censura. Seu trânsito entre comunidades sectárias era notável o suficiente para que seu nome pudesse ser associado de forma pejorativa ao “fanaticismo”. Diferentemente do caso a respeito de Milton e Nedham, contra Chapman havia indícios materiais, os quais levaram à sua perseguição e ao seu enclausuramento em 2 de maio de 1660.¹¹⁴ Além das denúncias de informantes e da apreensão do material impresso, duas cartas interceptadas por agentes do Estado incriminavam o livreiro. A primeira, datada de 4 de abril, vinha

¹¹² NORTH, Marcy L. **The Anonymous Renaissance: Cultures of Discretion in Tudor-Stuart England**. Chicago: University of Chicago Press, 2003, p. 4–5.

¹¹³ *Plain English*, p.8.

¹¹⁴ **Mercurius Publicus: Comprising the Sum of Forraign Intelligence with the Affairs now in Agitation in England, Scotland, and Ireland. For the Information of the People. Published by the Order of the Council of State**. Numb. 19. Londres: s. n., 1660. p.292; GREAVES, **Deliver us from evil**, p. 30.

da vila de Llanvaier em Gales. Assinada pelo quaker Rice Jones e direcionada ao alfaiate londrino Evan Thomas, a correspondência tratava sobre planos de um levante armado, com a colaboração de frequentadores da comunidade não-conformista de Swan Alley. O quaker esperava confirmar o apoio de Thomas à “causa de Deus”¹¹⁵, que garantiria a liberdade de consciência a todas as congregações. Jones manifestava sua esperança de que seriam capazes de vencer seus adversários e pedia para que todos permanecessem fortes. Além disso, o remetente solicitava que um anexo desconhecido, provavelmente o manuscrito de alguma publicação, fosse entregue a Chapman, ou, em sua ausência, a outros três homens, Evans, Roberts ou John Williams.¹¹⁶

Uma segunda epístola, datada de 8 de abril, vinha da comunidade de Llangynong também em Gales. Assinada pelo major-general John Desborough, a carta era endereçada ao clérigo R. Hughes e a Livewell Chapman. No texto, o militar expressava o desafio de seguir paciente frente ao enfurecimento dos oponentes regalistas, mas escrevia para reforçar a fé dos colegas em Londres com relação à “boa e velha causa”. Ele dava notícias sobre parlamentares e líderes militares, tais como o Coronel John Jones, que se escondiam no sul de Gales após a assinatura da Declaração de Breda em 4 de abril. Desborough também apontava as movimentações que já ocorriam entre Gales e a Inglaterra para retomar o poder, contando com a colaboração de homens como os pastores milenaristas John Owen, George Cockayne e Henry Jessey, os pentamonarquistas Vavator Powell e Christopher Feake, e os regicidas John Okey e Hugh Peters; e a liderança de Sir Henry Vane, “um homem que parece ter nascido para uma época como essa”.¹¹⁷ O remetente indicava que estava juntando armas e tropas para um levante em 10 de maio. Ainda que atentados anteriores contra Carlos II não tivessem tido sucesso, o autor da carta lembrava que como o “irmão Brewster” (possivelmente o livreiro Thomas Brewster) havia mencionado em outra ocasião, “quando ele [o rei] se for, o povo não terá ninguém para adorar”¹¹⁸, deixando o caminho livre para o reflorescimento da república. Havia, portanto, motivos para acreditar no triunfo de uma nova empreitada contra a monarquia. Além disso, Desborough também solicitava a Livewell Chapman que produzisse outros “[...] livros como seu *plaine English*”¹¹⁹. Indicando que “a imprensa está livre o suficiente para isso, [e que] não há restrições a isso como antes”¹²⁰, o autor da carta

¹¹⁵ No original: “cause of God”. PRO SP18/220/101, fl.1.

¹¹⁶ *Idem*.

¹¹⁷ No original: “a man that seemes to be borne for such a time as this”. PRO SP18/220/108, fl.1. Há, ainda duas cópias da carta, uma sob a referência PRO SP18/220/110 nos State Papers do National Archives; e outra catalogada como Stowe MS 185 na British Library. Ainda que seus conteúdos sejam idênticos optamos por sempre citar a versão aparentemente original, a PRO SP18/220/108.

¹¹⁸ No original: “brother Brewster”; “when he is gone, the people will have none to dote on”. *Idem*, fl.1.

¹¹⁹ No original: “[...] such books as your *plaine English*”. *Idem*, fl.1v.

¹²⁰ No original: “the press is free enough for it, there is no restraint on that as yet”. *Idem, ibidem*.

expressava a importância da circulação dos panfletos antimonarquistas para o sucesso da campanha pelo retorno da república.

Embora as informações presentes em ambas as cartas pareçam ter sido corroboradas por algumas das anotações de Sir Joseph Williamson – que viria a ocupar o cargo de escrivão do Secretário de Estado Sir Edward Nicholas após a Restauração –, não há uma forma segura de atestar a veracidade desses documentos. As redes de inteligência e espionagem dos anos 1660 eram amplas, mas nem sempre confiáveis. Papéis e cartas eram, de fato, interceptados, e denúncias e rumores variados chegavam às autoridades. Não obstante era comum que algumas das informações fossem forjadas, sobretudo quando o Estado oferecia recompensas aos delatores. Parece-nos pouco provável que epístolas com detalhes tão cruciais sobre os planos rebeldes tivessem sido redigidas de forma tão explícita, sem recorrer a cifras e códigos que poderiam ocultar os projetos e os nomes dos colaboradores, protegendo-os contra adversários políticos. Apesar de nossa desconfiança, não descartamos a validade das cartas enquanto documentos históricos. Ainda que nenhuma delas possa indicar se Livewell Chapman e Thomas Brewster estavam realmente associados a um complô antimonarquista liderado por Henry Vane, as correspondências colocam em evidência a importância dos livreiros e de suas atividades entre as comunidades oposicionistas. Se as cartas forem verdadeiras, confirmam a participação de Chapman e Brewster em projetos de insurreição armada, que uniam republicanos, milenaristas e militares. Se forem falsas, apontam que seus nomes eram conhecidos o suficiente para serem envolvidos em rumores acerca de uma empreitada controversa. Os livreiros estiveram ligados a uma série de publicações radicais do contexto revolucionário, não seria de se estranhar, portanto, que pudessem auxiliar na confecção de textos como *Plain English*.¹²¹

Qualquer que fosse o caso, as figuras de Chapman e de Brewster estavam intimamente relacionadas à produção e à circulação de panfletos antimonarquistas na década de 1660. A detenção de Chapman em 2 de maio, assim, parecia ser uma medida prudente para autoridades que visavam retomar o controle sobre a esfera pública, calar vozes dissonantes e estabilizar o corpo social. Nenhum mandado contra Brewster parece ter sido emitido nesse contexto, mas em 17 de maio, o nome Chapman ainda constava entre os prisioneiros sob custódia em um relatório da reunião da Câmara dos Comuns. O impressor Ralph Davenport, que parecia ter confeccionado

¹²¹ ROSTENBERG, *Literary, Political, Scientific, Religious and Legal Publishing*; GREAVES, *Deliver us from evil*; MARSHALL, Alan, *Intelligence and espionage in the reign of Charles II, 1660-1685*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002; CAPP, *The Fifth Monarchy Men*; LIMA, “*Impresso para ser vendido*”; AKKERMAN, Nadine. *Invisible agents: women and espionage in seventeenth-century Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2018; BELL, Maureen. “Chapman, Livewell (bap. 1625, d. in or after 1665), bookseller and Fifth Monarchist”. In: *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2019. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-67700>>, acessado em 26/06/2022.

Newes from Brussels, An Alarum e Plain English, já havia recobrado sua liberdade. Como dissemos anteriormente, ele não costumava estar envolvido em publicações subversivas, sua conexão com os textos em questão poderia ter sido apenas ocasional, o que justificaria sua rápida soltura. Não é possível descartar a possibilidade de Davenport também ter conquistado sua absolvição em troca de informações sobre outros estacionários, sobretudo quando temos em vista que Hannah Chapman também foi mencionada na ata da Câmara dos Comuns. A livreira foi listada entre as “Pessoas contra as quais Mandados foram concedidos, [e] que não estão Presas”.¹²² O caso sugeria que as autoridades se mantinham vigilantes quanto às atividades da livraria sob o signo da Coroa. Mesmo com Livewell Chapman preso, publicações sediciosas continuavam circulando devido às atividades editoriais de sua esposa. E, contra ela, nada poderia ser feito naquele momento. Como uma mulher casada (*femme couvert*), Hannah Chapman estava protegida sob a autoridade de seu marido. Ela não poderia ser considerada responsável por infringir a lei, exceto em casos de crimes graves, como homicídio e traição. Em seu lugar, Livewell Chapman seria punido pela incapacidade de controlar sua esposa. Dado que já estava preso, não havia outros procedimentos legais a serem tomados. As atividades da livraria poderiam seguir, o que, de fato, aconteceu.¹²³ Mas apesar disso, os ânimos mudavam e as suas possibilidades de atuação se restringiam. Era preciso, como veremos adiante, adotar novas estratégias de publicação.¹²⁴

Nenhuma nova lei para regular a imprensa foi promulgada entre março e maio de 1660, no entanto, o contexto político se transformava rapidamente. No início de abril, a negociação com Carlos II, liderada pelo general Monck, dava frutos. Era certo que o rei retornaria para o trono, que já havia ficado por muito tempo vacante. O Parlamento da Convenção confirmou a validade da Declaração de Breda e dos termos para a recomposição do sistema monárquico, proclamando o herdeiro Stuart como novo monarca em 8 de maio. A partir dessa data, Carlos II iniciou sua longa jornada do exílio na Europa Continental até a Inglaterra. Por onde passava, era aclamado pelas multidões. As perspectivas dissonantes, contudo, não desapareceram. Elas seguiram perturbando a frágil ordem que se tentava reconstruir.¹²⁵

¹²² “House of Commons Journal Volume 8: 17 May 1660”. In: **Journal of the House of Commons**. Vol. 8: 1660-1667. Londres: Her Majesty’s Stationery Office, 1802, p.34. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/commons-jrnl/vol8/pp33-35>>, acessado em 23/06/2022.

¹²³ BELL, Maureen. **Women publishers of puritan literature in the mid-seventeenth century**: three case studies. Tese (Doutorado) - Loughborough University. Loughborough, 1987; BELL, “Hannah Allen and the Development of a Puritan Publishing”; KREPS, Barbara. “The Paradox of Women: The Legal Position of Early Modern Wives and Thomas Dekker’s ‘The Honest Whore’”. **ELH**, v. 69, n. 1, p. 83–102, 2002; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**; LIMA, “**Impresso para ser vendido**”; COKER, “Gendered spheres”.

¹²⁴ GREAVES, **Deliver us from evil**; LYNCH, “Mr. Smirke and ‘Mr. Filth’”; BARDLE, **The Literary Underground**.

¹²⁵ GREAVES, **Deliver us from evil**; HUTTON, **The Restoration**; HARRIS, **London crowds**; HARRIS, **Restoration**; KEEBLE, **The Restoration**; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**.

2.2. Publicações perigosas e clandestinas

O Parlamento da Convenção reconheceu Carlos II como rei desde 30 de janeiro de 1649. Esse movimento visava encurtar as distâncias temporais entre seu governo e o de seu pai, ignorando os onze anos que separavam a execução de Carlos I e a ascensão de seu filho ao trono. Sua entrada triunfal em Londres, deliberadamente atrasada para coincidir com a data de seu 30º aniversário, envolvia o novo rei em um espetáculo orquestrado para afastar as tensões políticas, sociais e religiosas de outrora. Reconstruía-se a narrativa sobre o contexto revolucionário. O exílio de Carlos II, a república e o Protetorado não tinham mais espaço na história inglesa.¹²⁶ A promulgação da Lei de Perdão Livre e Geral, Indenização e Anistia em agosto de 1660 reforçava esse apagamento. A lei ordenava que os súditos enterrassem “todas as Sementes de discórdias futuras e lembranças das passadas”.¹²⁷

Os anos iniciais do governo de Carlos II foram marcados por rígidas medidas de censura e controle, que visavam extirpar os resquícios das décadas de 1640 e 1650, bem como de seus experimentos políticos, e evitar ataques à sua autoridade. Severas leis foram formuladas ou reforçadas para evitar novas erupções, como foram os casos dos Atos de Sedição (1661)¹²⁸, que determinava a ilegalidade de manifestações contra o rei, o reino e as instituições; de Uniformidade (1662)¹²⁹, que buscava minimizar o furor não-conformista, exigindo a associação à Igreja da Inglaterra; e de Conventículos (1664)¹³⁰, que criminalizava assembleias religiosas independentes nas quais mais de cinco pessoas estivessem presentes. Paralelamente, espões e informantes foram empregados para denunciar atividades suspeitas, levando a diversas prisões e outras punições. Além disso, o controle da imprensa foi reestruturado com rigor. Vários decretos régios foram publicados para proibir a circulação de impressos tidos como perigosos ou escandalosos, inúmeros mandados

¹²⁶ NEUFELD, Matthew. **The Civil Wars After 1660: Public Remembering in Late Stuart England**. Woodbridge: Boydell Press, 2013; LEGON, Edward. **Revolution remembered: Seditious memories after the British Civil Wars**. Manchester: Manchester University Press, 2019.

¹²⁷ No original: “all Seeds of future Discords and remembrance of the former”. “Charles II, 1660: An Act of Free and Generall Pardon Indempnity and Oblivion”. In: RAITHBY, John (ed.). **Statutes of the Realm**. Vol. 5: 1628-80. London: Great Britain Record Commission, 1819, p.226-234. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp226-234>>, acessado em 30/05/2019.

¹²⁸ “Charles II, 1661: An Act for Safety and Preservation of His Majesties Person and Government against Treasonable and Seditious practices and attempts”. In: RAITHBY, **Statutes of the Realm**. Vol. 5. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp304-306>>, acessado em 30/05/2019.

¹²⁹ “Charles II, 1662: An Act for the Uniformity of Publique Prayers and Administrac[i]on of Sacraments & other Rites & Ceremonies and for establishing the Form of making ordaining and consecrating Bishops Preists and Deacons in the Church of England” In: RAITHBY, **Statutes of the Realm**. Vol. 5. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp364-370>>, acessado em 30/05/2019.

¹³⁰ “Charles II, 1664: An Act to prevent and suppress seditious Conventicles”. In: RAITHBY, **Statutes of the Realm**. Vol. 5. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp516-520>>, acessado em 30/05/2019.

de busca e apreensão de textos e estacionários foram emitidos quase que diariamente desde a Restauração, e uma nova Lei de Regulamentação da Imprensa foi outorgada em 1662.¹³¹

Com menos liberdade para a publicação, estacionários interessados em produzir e disseminar obras controversas, polêmicas e/ou contrárias à monarquia precisavam ser mais cuidadosos e encontrar táticas para evitar as novas e fortalecidas autoridades. Conforme recorriam a estratégias de clandestinidade para proteger suas empreitadas arriscadas, as características textuais e materiais de seus textos se transformavam. Suas obras ocultavam os nomes dos envolvidos na escrita, edição, impressão e publicação. Por vezes, *imprints* falsos tentavam, inclusive, ocultar o local onde os textos haviam sido confeccionados. Além disso, os estacionários que comissionavam os trabalhos clandestinos poderiam empregar um número variado de impressores que jamais teriam acesso ao texto completo, cada um ficando responsável por trechos dos quais desconheciam o contexto completo. A impressão poderia, ainda, ser realizada sem que o tipógrafo sequer tivesse alguma parte do manuscrito em mãos, compondo a forma diretamente a partir das palavras ditadas por um autor ou publicador. Enquanto se evadiam da censura, todas essas táticas afetavam a estabilidade do texto resultante. Os exemplares compostos eram, assim, permeados por diversos erros de grafia e paginação, descontinuidades nas assinaturas, variações nos tipos, ornamentos, espaçamentos e estilos de composição.¹³²

Como observado por muitos estudiosos dos livros e dos impressos, a homogeneidade não era uma característica dos produtos da prensa de tipo móvel. As correções realizadas simultaneamente aos processos de impressão (conhecidas como *stop-press corrections*) e as produções concorrentes pressupunham que os resultados em papel e tinta sempre teriam variações entre si. Ao interromper as prensas para alterar uma linha incorreta, o mestre impressor produziria exemplares diferentes. Alguns conteriam o equívoco e seriam acrescidos de erratas; outros estariam retificados. Da mesma forma, para manter o fluxo de trabalho e dinheiro equilibrado, a oficina lidaria com mais de um projeto ao mesmo tempo, interrompendo a produção de publicações mais longas para a confecção de pequenos panfletos que seriam vendidos mais rapidamente. Texto extensos também poderiam demandar que os aprendizes e trabalhadores livres das oficinas operassem mais de uma prensa, compondo partes distintas do texto a fim de juntá-las

¹³¹ “Charles II, 1662: An Act for preventing the frequent Abuses in printing seditious treasonable and unlicensed Bookes and Pamphlets and for regulating of Printing and Printing Presses”. In: RAITHBY, **Statutes of the Realm**. Vol. 5. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp428-435>>, acessado em 30/05/2019; KEEBLE, **The Literary Culture**; KEEBLE, **The Restoration**; MARSHALL, **Intelligence and espionage**; HARRIS, **Restoration**; LEGON, **Revolution remembered**; GREAVES, **Deliver us from evil**.

¹³² GREAVES, **Deliver us from evil**; KEEBLE, **The Literary Culture**; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; BELL, "Her Usual Practices"; WEBER, **Paper bullets**; LYNCH, "Mr. Smirke and 'Mr. Filth'"; SAUER, Elizabeth. **"Paper-contestations" and textual communities in England, 1640-1675**, Toronto: University of Toronto Press, 2005; GREENE, **The Trouble with Ownership**; BARDLE, **The Literary Underground**.

posteriormente e concluir o projeto com maior celeridade. Todas essas atividades cotidianas implicavam a produção de exemplares com pequenos erros, variações e discontinuidades.¹³³ Não obstante, a heterogeneidade da qual tratamos aqui vai além dos hábitos comuns adotados pelos impressores da Época Moderna. Ela é, ao contrário, “eloquentemente sintomática das condições” de publicação dos textos que analisamos.¹³⁴ Em outras palavras, a variedade textual e material dos panfletos examinados nas próximas páginas é evidência do conturbado contexto de suas produções, que demandou a adoção deliberada de estratégias menos usuais e que, por conseguinte, resultaram em textos mais diversos entre si.

Mais do que um preciosismo bibliográfico, a observação dessa heterogeneidade nos permite perceber as atividades de impressores, livreiros e encadernadores radicais num contexto de ampliação das medidas de controle da imprensa. Ignorar essas questões pode nos levar, equivocadamente, a perceber um quietismo derrotista entre as comunidades sectárias e antimonarquistas depois da Restauração de Carlos II, como Christopher Hill; ou a sugerir que as reminiscências do radicalismo são menos perceptíveis nos documentos impressos, como Edward Legon apontou em recente trabalho. Panfletos e livros impressos de forma clandestina na década de 1660 evidenciam outras questões, as quais merecem ser discutidas em detalhe nas páginas que se seguem.¹³⁵

2.2.1. O voo da fênix

A concepção de que a monarquia teria facilmente triunfado depois de 1660 é uma construção cuidadosamente arquitetada pela corte e pelas instituições de Carlos II. Mesmo que muitos súditos tenham ansiado pela estabilidade política e tivessem, de fato, ovacionado calorosamente ao novo rei, era impossível apagar a experiência das duas décadas que o precediam. O governo restaurado jamais poderia ser (e, de fato, não foi) um retorno ao contexto pré-revolucionário. As pessoas haviam vivenciado o turbulento “mundo de ponta-cabeça”, Carlos I

¹³³ Ver, entre outros: GASKELL, Philip. **A new introduction to bibliography**. Oxford: Oxford University Press, 1972; BOWERS, Fredson. **Principles of bibliographical description**. Winchester: St. Paul's Bibliographies; Oak Knoll Press, 1994; JOHNS, **The nature of the book**; CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UnB, 1999; CHARTIER, Roger. **Formas e sentido, cultura escrita: distinção e apropriação**. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 2003; BOUZA, "Comunicação, Conhecimento e Memória"; MCKENZIE, D. F. **Making Meaning: "Printers of the Mind" and Other Essays**. Boston: University of Massachusetts Press, 2002; MCKENZIE, **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**; MCKITTERICK, **Print, manuscript and the search for order**; STALLYBRASS, "Little jobs"; GRAFTON, Anthony. **La Cultura de la Corrección de Textos en el Renacimiento Europeo**. Buenos Aires: Ampersand, 2014; WERNER, **Studying Early Printed Books**.

¹³⁴ No original: “eloquently symptomatic of the conditions”. LYNCH, "Mr. Smirke and 'Mr. Filth'", p. 47.

¹³⁵ HILL, **The experience of defeat**; LEGON, **Revolution remembered**.

havia sido dessacralizado e executado, outros modelos de administração foram testados, a tentativa de estabelecer ortodoxia anglicana segundo o modelo laudiano foi solapada. Nada disso poderia ser imediatamente obliterado pelas novas leis promulgadas por Carlos II e seu Parlamento. E se um monarca Stuart já fora levado ao cadafalso, custaria muito para que seu herdeiro se assegurasse de que não teria o mesmo destino.¹³⁶

A autoridade de Carlos II foi reforçada com a convocação do *Cavalier Parliament* em 8 de maio de 1661, composto por apoiadores do rei. Os MPs confirmaram a Lei de Perdão Livre e Geral, Indenização e Anistia e rapidamente aprovaram medidas que submeteram a Igreja, o exército e ambas as Câmaras do Parlamento ao monarca. A nova assembleia também se dedicou a destruir as realizações do período revolucionário, restaurando os ministros religiosos anteriormente excluídos, rescindindo leis e abolindo instituições da república e do Protetorado.¹³⁷ Além disso, a Lei de Sedição, promulgada no mesmo ano, proibiu, entre outras coisas, a referência (oral ou escrita) à existência de poderes legislativos independentes do rei, à suposta ilicitude da dissolução do Longo Parlamento, e à validade da *Solemn League and Covenant*.¹³⁸

Nesse momento, a questão da anulação da *Solemn League and Covenant* teve especial importância, pois o juramento firmado em setembro de 1643 foi mobilizado de diversas maneiras tanto por militares e republicanos, quanto por regalistas e presbiterianos. Argumentos para segui-lo ou desprezá-lo apareceram em vários discursos entre 1640 e 1660, atualizando seus significados e reordenando os alinhamentos político-religiosos a cada contexto. Inicialmente, a *Solemn League and Covenant* havia estabelecido uma aliança entre os parlamentares ingleses e os rebeldes escoceses para refrear os abusos políticos e religiosos de Carlos I. Mas conforme o contexto revolucionário se desdobrou, os interesses que os haviam unido em 1643 começaram a se distanciar. A *Solemn League and Covenant* não era antimonarquista em sua natureza e, por essa razão, previa a possibilidade de um acordo de paz com o rei, mediante seu comprometimento com as cláusulas do juramento. Regalistas e parlamentares, por sua vez, estavam divididos com relação à extensão da reforma religiosa prevista na declaração da Liga. Correntes independentes somavam-se à tensão, expressando sua oposição à substituição de uma ortodoxia por outra. A incompatibilidade entre os interesses dos ingleses e dos escoceses com relação à Liga foi exacerbada quando, depois do regicídio, Carlos II foi aclamado rei na Escócia, sob a condição de acatar as condições políticas e

¹³⁶ GREAVES, *Deliver us from evil*; DE KREY, Gary. "The First Restoration Crisis: Conscience and Coercion in London, 1667–73". *Albion*, v. 25, n. 4, p. 565–580, 1993; DE KREY, Gary. "Rethinking the Restoration: Dissenting cases for conscience, 1667–1672". *The Historical Journal*, v. 38, n. 1, p. 53–83, 1995; NEUFELD, *The Civil Wars After 1660*; LEGON, *Revolution remembered*.

¹³⁷ HUTTON, *The Restoration*; SEAWARD, Paul. *The Restoration*. Houndmills: Macmillan, 1991; KEEBLE, *The Restoration*; DE KREY, *London and the Restoration*.

¹³⁸ "Charles II, 1661: An Act for Safety and Preservation of His Majesties".

religiosas locais. Mas as incursões de Cromwell retomaram o controle sobre a região. A partir de então, o presbiterianismo teria um espaço reduzido na república e no Protetorado. Com a morte de Oliver Cromwell em 1658, a causa presbiteriana teve seu vigor renovado. E, cabe enfatizar, a mobilização de parlamentares presbiterianos foi essencial para o retorno da monarquia em 1660. Entretanto, quando coroado, Carlos II não ofereceu compensações ao apoio presbiteriano.¹³⁹ Assim que recobrou o trono, o monarca declarou que “o Juramento comumente chamado de Solemn League and Covenant era em si mesmo um Juramento ilegal e imposto aos súditos deste Reino contra as Leis e Liberdades Fundamentais deste Reino”¹⁴⁰. A Liga foi, então, anulada e o Parlamento ordenou que cópias do texto base da aliança de 1643 fossem queimadas publicamente, o que ocorreu na segunda quinzena de maio em diversos pontos do reino.¹⁴¹

As queimas públicas eram comuns na Época Moderna e, nos primeiros momentos da Restauração de Carlos II, foram uma ferramenta frequentemente utilizada para condenar perspectivas dissidentes e perigosas.¹⁴² Publicados nos anos 1660 ou muito antes disso, textos que questionavam a autoridade do monarca ou legitimavam a guerra feita contra Carlos I poderiam ser censurados. Logo depois do retorno do rei, em agosto de 1660, uma ordem condenou *The Obstructours of Justice* (1649) de John Goodwin, *Eikonoklastes* (1649) e *Pro Populo Anglicano Defensio* (1650) de John Milton.¹⁴³ Em setembro, cópias dessas obras foram publicamente incineradas em frente ao tribunal de Old Bailey. Em novembro, um carregamento de livros sediciosos sendo transportado de Londres para Chester foi encontrado, vistoriado e queimado.¹⁴⁴

Espectáculos públicos semelhantes às execuções de criminosos, as queimas de livros eram conduzidas pelos carrascos do reino e tinham como objetivo desestimular os súditos a escreverem, publicarem ou lerem os conteúdos condenados. Mas assim como os supliciados poderiam cativar sua audiência, levando-lhes a sentir pena em vez de desprezo, as obras destinadas à fogueira

¹³⁹ MACKENZIE, Kirsteen M. **The solemn league and covenant of the three kingdoms and the Cromwellian union, 1643-1663**. Londres: Routledge; Taylor & Francis Group, 2018; LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017; COMO, **Radical parliamentarians**; MILTON, Anthony. **England's Second Reformation: The Battle for the Church of England 1625-1662**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

¹⁴⁰ No original: “the Oath usually called the Solemn League and Covenant was in it selfe an unlawfull Oath and imposed upon the Subjects of this Realm against the Fundamentall Laws and Liberties of this Kingdome”. “Charles II, 1661: An Act for Safety and Preservation of His Majesties”.

¹⁴¹ **Die Lunæ 20. Maii 1661. The Lords in Parliament assembled, having considered of a paper sent unto them from the House of Commons, for burning of the instrument or writing, called The Solemn League or Covenant by the hands of the common hang-man**. Londres: John Bill; Christopher Barker, 1661.

¹⁴² HESSAYON, "Incendiary texts".

¹⁴³ KING. **A proclamation for calling in, and suppressing of two books written by John Milton; the one intituled, Johannis Miltoni Angli pro populo Anglicano defensio, contra Claudii Anonymi aliàs Salmasii, defensionem regiam; and the other in answer to a book intituled, The pourtraicture of His Sacred Majesty in his solitude and sufferings. And also a third book intituled, The obstructors of justice, written by John Goodwin**. Londres: John Bill; Christopher Barker, 1660.

¹⁴⁴ GREAVES, **Deliver us from evil**.

poderiam ganhar renovado interesse com a “publicidade” do ato censor.¹⁴⁵ Não é de se estranhar, portanto, que logo depois da supressão das cópias da declaração da *Solemn League and Covenant* de 1643, já circulassem exemplares de *A Phenix or de Solemn League and Covenant*.

Com um título que evocava tanto o nome da Liga quanto a figura mitológica da fênix, a ave que continuamente renascia das próprias cinzas, *A Phenix* respondia diretamente às recentes ações do novo governo. Adornado com um frontispício feito em uma prensa calcográfica, o panfleto potencializava seu desafio às autoridades. Na imagem, uma figura masculina atiçava as chamas de uma fogueira, onde um livro era incinerado. Acima do fogo e da fumaça, próxima aos resplandecentes raios de sol, voava uma fênix. Em conjunto, a gravura do frontispício e o texto da folha de rosto expressavam que a *Solemn League and Covenant* não poderia ser dissolvida, mesmo se o rei tentasse. Ela renasceria das cinzas de sua queima pública (ver *Figura 13*).

¹⁴⁵ DARNTON, *Edição e sedição*; HESSAYON, "Incendiary texts"; FOUCAULT, *Vigiar e punir*.

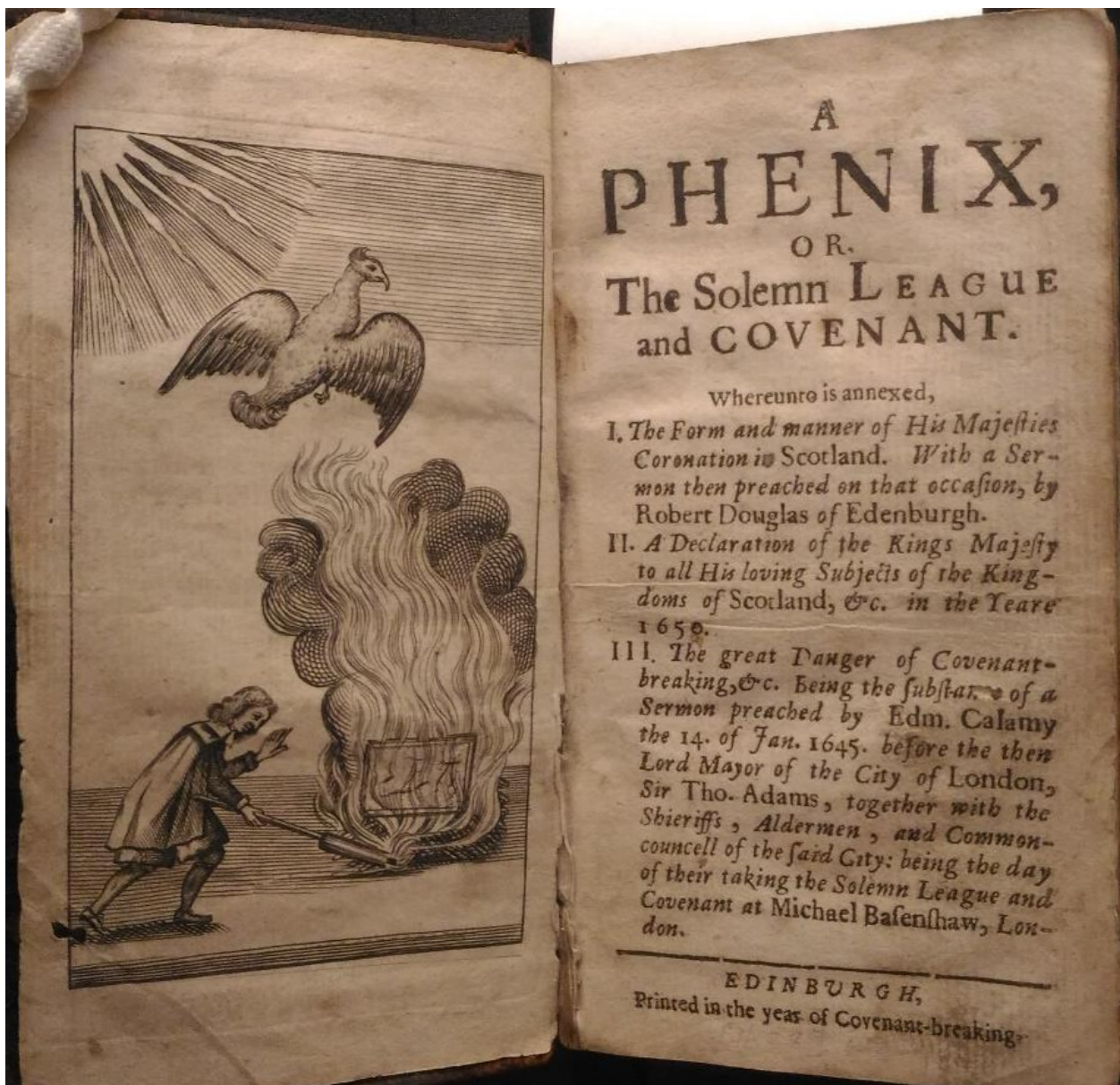


Figura 13: Frontispício e folha de rosto de *A Phenix*.¹⁴⁶

Na folha de rosto, lia-se que a obra havia sido impressa em Edimburgo, na Escócia (local do firmamento original da Liga), “no ano da quebra-do-Pacto”¹⁴⁷, sem indicar uma data precisa, mas vinculando o surgimento daquela obra ao atentado de Carlos II contra a declaração da Liga. A página de título também ocultava os nomes das pessoas que confeccionaram o texto, evitando incluir qualquer indício sobre os impressores e/ou livreiros que participaram da publicação. Não obstante, o *A Phenix* não era completamente anônima, visto que suas 172 páginas reuniam quatro obras já lançadas nas décadas anteriores, as quais faziam referência a diversos sujeitos dos setores

¹⁴⁶ Bodleian Library, Ferguson 170.

¹⁴⁷ No original: “in the year of the Covenant-breaking”. *A Phenix, or The Solemn League and Covenant*. Edimburgo [Londres:] s. n., [1661], fl.2.

político, militar e eclesiástico. O primeiro deles, por suposto, era o documento base da *Solemn League and Covenant*, contendo as assinaturas dos 244 homens que firmaram o acordo entre os parlamentares ingleses e os *covenanters* escoceses. Sua redação apontava o compromisso da união em: 1) preservar e estender os dogmas, a doutrina, os ritos e o modelo de governo da Igreja da Escócia em todas as regiões dos Três Reinos; 2) abolir as crenças e práticas papistas, bem como as hierarquias eclesiásticas da administração episcopal; 3) conservar os direitos e liberdades do Parlamento, dos súditos e dos Três Reinos, mediante a autoridade do rei; 4) descobrir e punir os inimigos que dividiram os povos da Bretanha, colocando-os em guerra entre si e contra o monarca; 5) manter a paz e a união política entre Inglaterra, Escócia e Irlanda; e 6) jurar fidelidade à “causa comum da Religião, da Liberdade e da Paz dos Reinos”¹⁴⁸, auxiliando a conservar a ordem e a estabilidade contra inimigos internos e externos. O segundo escrito era uma breve narrativa da ascensão de Carlos II ao trono na Escócia em janeiro de 1651, que incluía a transcrição de um sermão pregado por Robert Douglas em Edimburgo na mesma ocasião. O terceiro era uma declaração do monarca feita em 1650 em apoio à *Solemn League and Covenant*. E, por fim, havia um sermão de Edmund Calamy, ministrado em 1645, cujo tema central era o perigo de recusar e quebrar promessas.

A compilação foi acrescida de um breve prefácio, que justificava aos prováveis leitores qual era o motivo para a reedição dos quatro textos naquele momento. Segundo a nota introdutória, *A Phenix* foi publicada porque a questão ali retomada vinha sendo objeto de

*muita disputa e problemas nestas Nações, e por isso muitos desejavam que tivesse sido enterrada em suas próprias cinzas. Mas para que coisas de tamanho interesse público tenham sido postas em prática pelos Chefes destas Nações, e de uma maneira tão solene, na presença de Deus Todo-Poderoso, isso não pode ser esquecido tão cedo, mas deve ser pesado e colocado no coração, com as conseqüências boas ou más que venham a resultar disso, e portanto é deixado para a sua séria consideração.*¹⁴⁹

Além de se referir à destruição material das cópias da declaração da Liga, o preâmbulo visava guiar os leitores num processo de recontextualização dos debates sobre a natureza e a validade dos seis pressupostos acordados em 1643. Havia um claro encadeamento argumentativo na disposição das obras em *A Phenix*. A *Solemn League and Covenant* era um acordo militar e político, mas também um juramento pela proteção da verdadeira fé cristã, frente às ameaças que pudesse sofrer. Por essa

¹⁴⁸ No original: “common cause of Religion, Liberty, and Peace of the Kingdomes”. *Idem*, p.6.

¹⁴⁹ No original: “so much contest and troubles in these Nations, and therefore desired by many it should have been buried in its own ashes. But for that things of such publique concernment, have been acted by the Heads of these Nations, and in so solemn a manner, in the presence of Almighty God, it cannot so soon be forgotten, but ought to be weighed, and layd to heart, with the good or evil consequences that have or shall accrew thereby, it is therefore left to thy serious consideration.” *Idem*, fl.3-3v.

razão, tratava-se de um pacto secular e espiritual, no qual Deus também era um signatário, invisível, porém onipresente. Carlos II se juntou ao tratado quando foi coroado na Escócia e jurou fidelidade à Liga. No entanto, os leitores de 1661 sabiam que o mesmo monarca havia acabado de recusar a legitimidade da *Solemn League and Covenant*, revogando suas determinações. A interrupção da aliança, todavia, não poderia ser deixada incólume. Como lembrava o último texto indexado em *A Phenix*, a quebra de acordos era um pecado, tal como a avareza, a presunção, a traição e a soberba. Para Calamy – em seu sermão de 1645, feito em honra da Liga – três lições fundamentais poderiam ser retiradas do estudo do terceiro capítulo do Livro bíblico de Segundo Timóteo e do primeiro capítulo de Romanos:

Dout. 1. *Que ser um recusante de uma Aliança, é um pecado que torna os tempos perigosos.*

Dout. 2. *Que ser um violador de uma Aliança, é um pecado que torna os tempos perigosos.*

Dout. 3. *Que ser um inimigo da paz, ou um inimigo da trégua, é um pecado que torna os tempos perigosos.*¹⁵⁰

Encerrando *A Phenix* com as palavras de Edmund Calamy, o panfleto pretendia levar os leitores a concluírem que, ao descumprir o juramento que havia prestado à *Solemn League and Covenant*, Carlos II não infringia apenas os compromissos firmados com seus súditos, mas também com Deus. Sua desobediência era grave e atentava contra a paz, a religião e bem de seu povo. Por conseguinte, a ira divina recairia sobre o monarca, assim como sobre todo o seu reino, diretamente afetado pela infração do soberano. Desta maneira, *A Phenix* voava após a queima pública para alertar a todos da impossibilidade de desfazer o pacto e para lembrá-los das consequências dessa violação.

Além se opor às políticas de Carlos II, a mensagem do panfleto era potencialmente perigosa para a monarquia porque também apelava aos interesses dos presbiterianos, que haviam apoiado o retorno do rei e que, agora, viam-se frustrados com o restabelecimento da Igreja Anglicana e da imposição do *Book of Common Prayer* como organizador dos ritos e das doutrinas eclesiásticas. Por essas razões, *A Phenix* foi percebida pelas autoridades como uma obra ameaçadora, cuja circulação poderia desencadear novas desordens pelo reino e, por isso, precisava ser suprimida.

Diante desta situação, Roger L'Estrange parece ter agido rapidamente, tentando identificar e denunciar os responsáveis pela publicação “virulenta”¹⁵¹. Repassando suas informações ao

¹⁵⁰ No original: “Doct. 1. *That to be a Covenant-refuser, is a sin that makes the times perilous.* / Doct. 2. *That to be a Covenant breaker, is a sin that makes the times perilous.* / Doct. 3. *That to be a peace hater, or a truce-hater, is a sin that makes the times perilous.*” *Idem*, p.116.

¹⁵¹ L'ESTRANGE, *A modest plea*, p.11.

Secretário de Estado Edward Nicholas, o aspirante a censor afirmou ter rastreado a produção do texto até a oficina tipográfica de Thomas Creak em Londres, contrariando a indicação falsa da folha de rosto de *A Phenix*, que situava a confecção do texto na cidade de Edimburgo. O impressor foi convocado para dar seu depoimento em 29 de junho de 1661. Na ocasião, admitiu ter composto *A Phenix* a pedido de Livewell Chapman, Giles Calvert e Thomas Brewster. Ele afirmava ter entregado cerca de 660 exemplares a cada um dos três livreiros no mês anterior e que, agora, estava trabalhando em outra encomenda¹⁵², cujas folhas foram haviam sido levadas para um encadernador, George Thresher, costurar.¹⁵³ No mesmo dia, Giles Calvert foi detido e interrogado pelo Secretário de Estado. De sua parte, o estacionário negou qualquer envolvimento na empreitada, atribuindo toda a culpa a Livewell Chapman.¹⁵⁴ George Thresher também foi encaminhado para prestar depoimento em 29 de junho, ocasião na qual relatou o envolvimento de Thomas Brewster. Segundo Thresher, o livreiro havia encomendado a costura de algumas cópias de dois títulos, entre eles *A Phenix*. Além disso, Brewster havia deixado 30 exemplares de *A Phenix* com o encadernador para que ele os comercializasse. Thresher afirmava ter vendido algumas unidades do texto aos livreiros Francis Tyton e Francis Smith por 13 *pence* cada.¹⁵⁵ Uma lista com os nomes de outras quinze pessoas consta em anexo aos exames de Creak, Calvert e Thresher, sugerindo que o panfleto havia sido distribuído por vários agentes do mercado livreiro. Nela, eram citados: os impressores Henry Cripps e Nathaniel Webb; os livreiros Francis Smith (mencionado duas vezes), Thomas Parkhurst, Joshua Kirton, Thomas Pierrepont, Thomas Brewster, Samuel Gellibrand, Abel Roper, George Sawbridge, Francis Tyton, John Starkey e John Sherley; e um certo Capitão Haune ou Haine, que não pode ser identificado.¹⁵⁶ Destaca-se a prevalência dos nomes de livreiros, a qual sugere uma fluída rede de dispersão de panfletos. Não podemos indicar se todos eles eram ávidos defensores da “boa e velha causa” ou resolutos sectários e antimonarquistas, mas é possível identificar um interesse considerável na compra e venda de textos polêmicos que, apesar dos riscos, poderiam trazer significativos ganhos financeiros.¹⁵⁷ Para além disso, as notas das investigações sobre as atividades de Creak, Calvert e Thresher indicam que as rotas de disseminação de *A Phenix* extrapolaram os limites da cidade de Londres. Mathias Walker, aprendiz de Giles Calvert, contou às autoridades que havia enviado seis exemplares do panfleto para Richard Moone em Bristol a mando de seu mestre.¹⁵⁸

¹⁵² O texto em questão era *Mirabilis Annus*. Falaremos sobre ele em detalhe no Capítulo 3.

¹⁵³ PRO SP29/38/121.

¹⁵⁴ PRO SP29/38/123.

¹⁵⁵ O valor equivaleria a pouco mais de £5 nos dias de hoje.

¹⁵⁶ PRO SP 29/38/121a. Verbetes biográficos sobre esses sujeitos podem ser encontrados no Apêndice da presente tese.

¹⁵⁷ DARNTON, *Edição e sedição*; BARDLE, *The Literary Underground*.

¹⁵⁸ PRO SP29/38/122.

Evitando a prisão, Thomas Brewster e Livewell Chapman parecem ter fugido tão logo souberam da captura de seus parceiros comerciais.¹⁵⁹ Nenhum deles foi localizado no período, mas cópias de *A Phenix* certamente continuaram a ser vendidas em suas livrarias por Elizabeth Calvert, Anna Brewster, Hannah Chapman e seus aprendizes. Peter Bodvell expressou, anos mais tarde, que não sabia sobre a impressão do panfleto, mas confirmava que havia vendido exemplares para seu mestre, Thomas Brewster. Esse comércio, vale ressaltar, parecia ter ocorrido discretamente. Bodvell não se lembrava dos detalhes quando recontou a história na ocasião do julgamento de seu mestre em 1664, mas afirmava que as cópias de *A Phenix* costumavam ficar guardadas no andar de cima da livraria de Brewster, escondidas em “um buraco na parede”¹⁶⁰, conforme requisitado pelo seu mestre ou por Ana Brewster. Thomas Creake e George Thesher também indicaram que, quando abordados por Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman, receberam orientações para que desempenhassem suas tarefas de forma sigilosa.¹⁶¹

Não sabemos se Creake e Thresher desconfiavam da ilegalidade da publicação. O impressor, aliás, tinha um motivo para confiar que não se tratava de nenhum texto problemático, pois não recebera um manuscrito como matriz. “Tudo já havia sido impresso anteriormente, parte em *quarto*, parte em *oitavo*, e poderia ser comprado avulso em quase qualquer lugar”¹⁶², afinal, *A Phenix* era uma compilação de obras lançadas entre as décadas de 1640 e 1650. Thomas Brewster, inclusive, declarou no julgamento de 1664 que não havia crime em sua publicação de *A Phenix*, uma vez que tudo o que ele havia feito foi “imprimi-los todos juntos”.¹⁶³ Sua justificativa, como veremos em detalhe no Capítulo 5, não foi suficientemente convincente para livrá-lo das punições por sedição. Creake e Thresher, por sua vez, tiveram poucos problemas com as autoridades. Ambos alegaram desconhecer o conteúdo do panfleto encomendado por Calvert, Brewster e Chapman, explicando que haviam aceitado o trabalho somente porque precisavam do dinheiro, mas que não pretendiam causar mal algum. As declarações do impressor e do encadernador podem ter parecido sinceras aos ouvidos dos censores. Ou, mais provavelmente, eles conseguiram evitar graves punições ao delatarem os livreiros que os haviam empregado.¹⁶⁴

Enquanto ainda estava detido para prestar depoimento em julho de 1661, Thomas Creake peticionou por sua liberdade. No documento, desculpava-se pelo transtorno que havia causado com a impressão de *A Phenix* e incluía uma declaração sobre seu bom comportamento, assinado

¹⁵⁹ PRO SP29/446/115.

¹⁶⁰ No original: “a hole in the wall”. **An exact narrative**, p.53.

¹⁶¹ PRO SP29/62/58; SP29/68/240; L'ESTRANGE, **A modest plea; An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn**.

¹⁶² No original: “It was all printed formerly, some in *quarto*, some in *octavo*, and might have been bought single in any place almost.” **An exact narrative**, p.51

¹⁶³ No original: “them all together”. *Idem*, p.54.

¹⁶⁴ *Idem*.

por treze testemunhas. Creake justificava que aceitara produzir o texto sem compreender o intento da obra na altura em que havia desempenhado a tarefa. Ele dizia não ter recebido a matriz completa para a confecção. Compusera-o em partes, sem ter, portanto, noção do todo.¹⁶⁵ A tática, de fato, parece ter sido colocada em uso por diversos publicadores ingleses da Época Moderna, de modo a deixar alguns impressores alheios ao conteúdo do que compunham em suas prensas.¹⁶⁶

A Phenix não possuía erros ou variações na ordenação das assinaturas de impressão, na inserção dos reclames, ou na numeração das páginas. Mas, ainda assim, podemos identificar um sinal de descontinuidade, ou ao menos de um planejamento conturbado, quando observamos a sensível alteração do tamanho dos tipos utilizados. Com exceção das folhas preambulares, os cadernos de A a F possuem uma média de 28 a 30 linhas por página. A partir da página 156 (cerca de metade do último caderno, identificado sob a assinatura G), os tipos foram reduzidos, formando 35 a 37 linhas por página. A mudança de padrão demonstrava que Thomas Creake havia ficado sem espaço. Seu cálculo inicial de folhas não daria conta do montante de trabalho ainda por fazer, por isso, era preciso otimizar o uso do papel, diminuindo o tamanho dos caracteres.¹⁶⁷ Ainda que esta situação não fosse incomum no cotidiano das oficinas tipográficas, o detalhe pode ser um indício de que Creake, de fato, recebeu a matriz de forma fracionada, o que prejudicou a gestão dos materiais que empregaria em *A Phenix*.

De qualquer maneira, não é possível esquecer que o impressor relatou todo o processo de produção de *A Phenix* durante circunstâncias desfavoráveis. Sob a mira e a custódia das autoridades, é compreensível que ele tentasse se desvencilhar das acusações, isentando-se de responsabilidades sobre a empreitada. Mas mesmo que tivesse exagerado em algum de seus depoimentos para atribuir maior culpa a Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman, Thomas Creake dificilmente teria publicado *A Phenix* sozinho. Pouco se sabe sobre o impressor, além do fato de que cumpriu seu período de aprendizagem com John Norton entre 1627 e 1638.¹⁶⁸ Parece ter fundado sua oficina na região de Little Britain no início dos anos 1640, talvez em 1642, quando os primeiros *imprints* sob seu nome começaram a aparecer. Apenas 21 textos indicam Creake como impressor nas folhas de rosto. Quase todos, com exceção da coleção de sermões de John Ramsey, lançada sob o título de *Praeterita* em 1659 e novamente em 1660, eram pequenos panfletos com menos de 50 páginas compostas em quartos ou oitavos, ou eram *broadsheets*. Seus temas variavam, sem demonstrar nenhum apoio explícito a alguma facção durante o contexto revolucionário e, a partir de 1660, o impressor pareceu colaborar com a propaganda regalista. É provável que Creake vivesse,

¹⁶⁵ PRO SP29/39/259.

¹⁶⁶ LYNCH, "Mr. Smirke and 'Mr. Filth'"; BARDLE, **The Literary Underground**.

¹⁶⁷ **A Phenix**.

¹⁶⁸ MCKENZIE, **Stationers' Company apprentices, 1605-1640**.

como argumentava, em situações precárias e aceitasse qualquer tipo de trabalho, sobretudo os breves, para sustentar seu negócio. Sua penúria poderia ser a principal razão para imprimir um texto como *A Phenix*, que sinalizava diversas irregularidades ao deliberadamente ocultar a cidade e a data de sua confecção, bem como os nomes dos sujeitos que o publicavam.¹⁶⁹

Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman, de fato, pareciam ter organizado a composição de *A Phenix*. Nenhum dos três livreiros, cabe ressaltar, era presbiteriano ou costumava fazer ferrenhas defesas à Liga. Calvert, inclusive, havia publicado obras Levellers nas décadas anteriores que criticavam a ortodoxia advogada na *Solemn League and Covenant*, preferindo defender a liberdade de consciência. E Chapman, como há de se lembrar, esteve envolvido com a recente publicação de textos como *Newes from Brussels*, *An Alarum*, *Plain English* e *Eye-Salve*, os quais descreviam os presbiterianos como traidores da “boa e velha causa” ou como tolos ingênuos, que caíram nas mentiras da realeza papista, o que levaram toda a Inglaterra a perder as conquistas de outrora. Seu interesse na edição de *A Phenix*, no entanto, não partia da defesa do projeto de reforma presbiteriana, mas do combate à igreja episcopal e à coroa. O rei recém-instalado contrariava os acordos de proteção da fé e de extinção do papismo. Se a *Solemn League and Covenant* havia jurado combater quem atentasse contra seus pressupostos, ela precisava retornar como uma fênix para vingar o povo ofendido e o cristianismo corrompido.

Para expressar essa oposição ao governo e à Igreja de Carlos II, Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman geriram os recursos financeiros empregados na publicação, visto que pagaram suas parcelas a Thomas Creak e George Thresher; editaram as obras, ordenando-as de acordo com o caminho interpretativo que gostariam que os leitores seguissem; redigiram o pequeno prefácio incluído no início; encomendaram a produção de uma gravura em uma oficina de prensa calcográfica (infelizmente, não identificada); comissionaram a impressão de Creak; solicitaram a Thresher que fizesse a costura das folhas; e coordenaram a dispersão das cópias dentro e fora de Londres. Todas essas etapas faziam deles os verdadeiros autores de *A Phenix*. Ainda que, com exceção do prefácio, eles não tenham redigido nenhum dos textos que compunham o panfleto, *A Phenix* só existia enquanto objeto textual por conta de suas intervenções. A declaração da *Solemn League and Covenant*, os sermões de Robert Douglas e Edmund Calamy, ou os discursos do rei não tiveram como origem as penas de Calvert, Brewster e Chapman, mas tampouco estes quatro escritos apareciam aqui de forma idêntica às suas formulações das décadas de 1640 e 1650. *A Phenix* não resultava de qualquer intenção autoral original dos signatários da Liga, e/ou de Douglas, Calamy e Carlos II; mas da produção encabeçada pelos três estacionários. Ao associar os quatro

¹⁶⁹ Sobre isso ver: ESTC; *An exact narrative*; PLOMER, *A Dictionary of the Booksellers and Printers*.

textos, os Confederados criavam de maneira autoral um artefato textual e material, cujos conteúdos e objetivos eram definitivamente subversivos.¹⁷⁰

Os signatários da *Solemn League and Covenant*, Robert Douglas, Edmund Calamy e Carlos II não deixavam de ser autores, já que eram as suas *auctoritas* que legitimavam as palavras encontradas em *A Phenix*. Nenhum dos textos ali reunidos era falso, alguns continham, inclusive, uma reprodução das licenças que aprovaram sua circulação no passado. As autoridades políticas, militares e religiosas, de fato, tinham proferido os discursos dispostos em *A Phenix*.¹⁷¹ Paradoxalmente, nenhuma delas exercia qualquer controle autoral sobre o panfleto que, por sua vez, era anônimo. E esse anonimato preservava os autores do ataque à Restauração: Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman.¹⁷²

Sem atentar para esta complexa relação entre autoria e anonimato, análises sobre *A Phenix*, por vezes, incorreram em imprecisões. Listado no *Short-Title Catalogue* de Donald Wing sob a referência D2034, o panfleto foi vinculado ao nome de Robert Douglas. O pastor escocês foi mencionado entre colchetes, sinalizando para o fato de se tratar de uma informação atribuída pelo bibliógrafo. Wing, contudo, não sugeria que Douglas fosse autor de *A Phenix*, mas o indicava como o primeiro dentre todos os outros nomes associados ao texto (embora suprimidos do catálogo). A estratégia de organização adotada por Wing foi interpretada de forma equivocada em descrições bibliográficas posteriores. As revisões que deram origem à versão digital do *English Short Title Catalogue* (ESTC) mantiveram em branco o espaço reservado para a autoria de *A Phenix*. Contudo, nas informações gerais sobre o panfleto, há a indicação de que Wing o havia atribuído a Robert Douglas. Já o *Early English Books Online* (EEBO) indexou Douglas ao panfleto, mas, ao contrário do ESTC, não apontou que a informação havia sido retirada de Wing. Além disso, desconsiderando as fontes arquivísticas a respeito da publicação sediciosa feita pelos Estacionários Confederados, os catálogos e a base de dados dataram *A Phenix* de 1662. A data certamente foi apontada porque novas queimas públicas da declaração da *Solemn League and Covenant* foram decretadas pela Câmara dos Comuns em abril de 1662. Não obstante, o ano ao qual a folha de rosto do panfleto se referia

¹⁷⁰ Sobre as interações entre materialidade e textualidade dos livros, bem como as atualizações e recontextualizações desempenhadas por reedições, ver, entre outros: MCKENZIE, **Making Meaning**; MCKENZIE, **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**; CHARTIER, **A história cultural**; CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002; CHARTIER, **Inscrever e apagar**; CHARTIER, **A mão do autor**.

¹⁷¹ Ver: ESTC; EEBO; WING, Donald Goddard, **Short-title catalogue of books printed in England, Scotland, Ireland, Wales, and British America and of English books printed in other countries, 1641-1700**, Vol.1. Nova York: Index Society; Columbia University Press, 1945.

¹⁷² Para uma reflexão sobre os sentidos e as funções da autoria e do anonimato, bem como sobre o controle autoral sobre estas questões, ver: NORTH, **The Anonymous Renaissance**.

ao falar da quebra do pacto era 1661, momento no qual Carlos II anulou a validade dos juramentos e ordenou a censura das cópias do documento.¹⁷³

Ainda que pequenos, esses erros impactam significativamente no estudo da literatura sediciosa e radical do período da Restauração. Eles invisibilizam a atuação oposicionista de Giles Calvert, Thomas Brewster, Livewell Chapman, e, ainda que de forma involuntária, Thomas Creake e George Thresher. Ao tornar *A Phoenix* um produto de Robert Douglas lançado em 1662, apagam-se as intervenções fundamentais que os Estacionários Confederados fizeram aos quatro textos que compõem o pequeno duodécimo. Sem evidências como as apontadas aqui, as resistências a Carlos II são reduzidas a meros incidentes menores ocorridos em meio ao curso triunfal do restabelecimento da monarquia Stuart.

2.2.2. Uma rebelião “Fanática”¹⁷⁴

Embora houvesse ordens e matizes muito diversas para a expressão do descontentamento com o governo de Carlos II, é seguro afirmar que diferentes movimentos de oposição despontaram ao longo de todo o seu reinado, sendo especialmente recorrentes ao longo dos anos 1660. Ainda que tais projetos não tenham sido vitoriosos, eles têm importante valor histórico porque nos permitem recuperar algumas das expectativas políticas e religiosas em voga, e que, por um momento, poderiam ter sido concretizadas. Para quem vivia na segunda metade do século XVII e havia experienciado tantas alternâncias de governo no passado, existia uma série de opções de regimes tão plausíveis de serem instituídos quanto a reintrodução da monarquia. E mesmo depois de a coroa ter efetivamente passado às mãos de Carlos II, algumas pessoas acreditavam ainda ser possível reverter o processo político em curso, fosse por meio da recuperação da república, fosse através da aceleração do advento do Milênio. Sob tais pretextos, atentados e irrupções sociais contra o rei aconteceram em diversas regiões dos Três Reinos. Embora, como já mencionamos em outros momentos, muitos relatos sobre complôs fossem mentirosos, houve uma parcela significativa de sublevações concretas. Mas quer fossem verdadeiras, quer fossem falsas, as notícias sobre

¹⁷³ "House of Commons Journal Volume 8: 8 April 1662". In: **Journal of the House of Commons**. Vol. 8: 1660-1667. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1802, p. 400. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/commons-jrnl/vol8/pp399-400>>, acessado em 30/06/2022.

¹⁷⁴ Uma versão preliminar das discussões deste tópico foi publicada nos anais do 31º Simpósio Nacional de História. Ver: LIMA, Verônica Calsoni. “‘Resist not evil’: profecia, república e regicídio na Inglaterra entre os anos 1650 e 1660”. In: **Anais do 31º Simpósio Nacional de História**. Rio de Janeiro: UFRJ/UVA, 2021. Disponível online em: <https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628535242_ARQUIVO_a5d76ffd04afa3de9156043b65f2fbcf.pdf>, acessado em 03/06/2022.

conspirações recém-descobertas alarmavam as autoridades ao mesmo tempo em que lhes forneciam razões para recrudescer seu controle sobre a população.¹⁷⁵

Em setembro de 1660, um decreto da Câmara dos Lordes passou a proibir reuniões de quakers e anabatistas na região de Northamptonshire sob a suspeita de que estivessem planejando um golpe junto com o major-general John Lambert para tomar o controle do Estado e da Igreja. Em dezembro, o major Thomas White foi preso ao tentar subornar um guarda na entrada do Palácio de Whitehall. Entre seus papéis, pareciam existir indícios da mobilização de armas e de pessoas em um complô contra o rei e o general George Monck. Cerca de quarenta pessoas foram detidas por supostamente estarem associadas ao caso, mas sem provas, apenas dezesseis foram mantidas sob custódia, entre elas o major-general Robert Overton. Posteriormente, outros líderes militares e políticos do período cromwelliano também foram examinados e encarcerados, como o Major-general John Desborough. Além das prisões, o governo tentava organizar medidas protetivas. Visando prevenir novos transtornos, em janeiro de 1661, o Privy Council começou a considerar a implantação de restrições para reuniões de cunho religioso. As autoridades receavam que muitos desses encontros, sobretudo os que ocorriam em horários e dias pouco usuais, ou fora das paróquias, acobertassem conspirações de fanáticos e republicanos.¹⁷⁶

O Conselho sequer havia redigido uma nova lei para suprimir as suspeitas reuniões entre sectários quando uma rebelião irrompeu no centro de Londres. Na noite de 6 de janeiro de 1661, cerca de cinquenta Homens da Quinta Monarquia, liderados pelo tanoiero Thomas Venner, tentaram tomar o controle da cidade empunhando espadas e armas de fogo. Saindo de Coleman Street, rumaram para a casa de um livreiro vizinho à Catedral de St. Paul's, Thomas Johnson, com

¹⁷⁵ Sobre complôs e rebeliões (reais ou imaginados) no contexto da Restauração, ver, entre outros: BURRAGE, "The Fifth Monarchy Insurrections"; HARRIS, Tim. "The Bawdy House Riots of 1668*" **The Historical Journal**, v. 29, n. 3, p. 537–556, 1986; GREAVES, **Deliver us from evil**; GREAVES, **Enemies under his feet**; GREAVES, Richard L. **Secrets of the Kingdom: British Radicals from the Popish Plot to the Revolution of 1688-1689**. Stanford: Stanford University Press, 1992; DE KREY, "The First Restoration Crisis"; DE KREY, "Rethinking the Restoration"; DE KREY, **London and the Restoration**; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; BELL, "Her Usual Practices"; KENYON, J. P. **The Popish plot**. Londres: Phoenix Press, 2000; SCOTT, **England's Troubles**; KEEBLE, **The Restoration**; HINDS, Peter. "Roger L'Estrange, the Rye House Plot, and the Regulation of Political Discourse in Late-Seventeenth-Century London". **The Library**, v. 3, n. 1, p. 3–31, 2002; HINDS, Peter. "**The Horrid Popish Plot**": Roger L'Estrange and the Circulation of Political Discourse in Late Seventeenth-Century London. Oxford: Oxford University Press, 2010; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; CAPP, "A Door of Hope Reopened"; CAPP, **England's Culture Wars**; CRESSY, David. **Dangerous talk: scandalous, seditious, and treasonable speech in pre-modern England**. Oxford: Oxford University Press, 2010; JOHNSTON, **Revelation restored**; ZOOK, Melinda. **Radical Whigs and Conspiratorial Politics in Late Stuart England**. Filadélfia: Penn State Press, 2010; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**; MARSHALL, Alan **The Strange Death of Edmund Godfrey: Plots and Politics in Restoration London**. Stroud: The History Press, 2013; HORLE, Craig W. **The Quakers and the English Legal System, 1660-1688**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2016; FARR, **Major-General Thomas Harrison**; MCTAGUE, John. **Things that didn't happen: writing, politics and the counterhistorical, 1678-1743**. Woodbridge: The Boydell Press, 2019; MAHLBERG, Gaby. **The English Republican Exiles in Europe during the Restoration**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

¹⁷⁶ GREAVES, **Deliver us from evil**; HORLE, **The Quakers and the English Legal System**.

a intenção de tomar-lhe as chaves da igreja e ocupá-la. Johnson negou a demanda e foi assassinado com um tiro na cabeça. O exército dos “santos” invadiu a Catedral, mas logo partiu novamente, pois o som do disparo da arma alertou a guarda londrina, que logo apareceu para combater os rebeldes. Apesar disso, a contenda continuou. Os pentamonarquistas conseguiram afugentar a guarda da cidade, levando o prefeito a convocar sua tropa pessoal. Em menor número, os “santos” foram forçados a recuar e procurar abrigo. No dia seguinte, os Duques de Albemarle e York enviaram regimentos de cavalaria e infantaria, colocando cerca de 700 homens para conter e apreender os pentamonarquistas. Com isso, alguns insurgentes foram capturados e levados para a cadeia. Venner foi alvejado com três tiros, mas, ainda assim, tentou prosseguir com seus planos. Na manhã da quarta-feira, dia 9 de janeiro, liderou o grupo revoltoso numa tentativa de sequestrar o prefeito e libertar os companheiros presos. Sem sucesso, as arriscadas empreitadas levaram ao fim da rebelião. Vinte e cinco pentamonarquistas foram capturados, outros quatro, incluindo Thomas Venner, conseguiram fugir. A rebelião resultou na morte de ao menos quarenta pessoas, entre soldados e “santos”.¹⁷⁷

O assombro da população londrina foi grande. Tanto que o tumulto e a desordem levaram muitas pessoas a acreditarem que a cidade havia sido atacada por centenas de rebeldes, e não por apenas algumas dezenas. Enquanto o medo imperava, diversos rumores sobre outras conspirações despontaram. Falava-se que Homens da Quinta Monarquia, quakers, batistas e outros sectários se organizavam em vários condados ingleses, como Devonshire, Lincolnshire, Cheshire, Northumberland, Oxfordshire, Gloucestershire, Warwickshire, Somerset, Wiltshire e Yorkshire, e mesmo na Escócia.¹⁷⁸ Como consequência, em 11 de janeiro, o rei proclamou que apesar de prezar pela liberdade de consciência, via-se forçado a restringi-la já que “diversas pessoas (conhecidas pelo nome de Anabatistas e Quakers, homens da Quinta Monarquia [...]) sob o pretexto de servirem a Deus” vinham conspirando para “a perturbação da Paz pública por meio de Insurreição e Assassinato”.¹⁷⁹ Para fazer o decreto valer, Carlos II mobilizou todas as autoridades locais – como

¹⁷⁷ PRO SP29/28/78; “Charles II - volume 28: January 1-22, 1661”. In: GREEN, Mary Anne Everett (ed.). **CSPD: Charles II, 1660-1**, p.465-482. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/chas2/1660-1/pp465-482>>, acessado em 02/07/2022; PEPYS, Samuel. “Monday 7 January 1660/61”, “Tuesday 8 January 1660/61”, “Wednesday 9 January 1660/61” e “Thursday 10 January 1660/61”. Disponível online em **The Diary of Samuel Pepys**; BURRAGE, “The Fifth Monarchy Insurrections”; GREAVES, **Deliver us from evil**; BROWN, Louise Fargo. **The Political Activities of the Baptists and Fifth Monarchy Men**. Washington: American Historical Association, 2005; COFFEY, “The Impact of Apocalypticism”; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; DUNAN-PAGE, Anne. “L’insurrection de Thomas Venner (1661): anglicanisme et dissidence au défi des prophéties”. In: COTTEGNIES, Line; GHEERAERT, Tony; VENET, Gisèle (orgs.). **Les Voix de Dieu: Littérature et prophétie en France et en Angleterre à l’Âge baroque**. Paris: Sorbonne Nouvelle, 2008, p. 227.

¹⁷⁸ “Charles II - volume 28: January 1-22, 1661”. In: GREEN, Mary Anne Everett (ed.). **CSPD: Charles II, 1660-1**, p.465-482. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/chas2/1660-1/pp465-482>>, acessado em 02/07/2022; GREAVES, **Deliver us from evil**.

¹⁷⁹ No original: “divers persons (known by the name of Anabaptists and Quakers, Fifth-Monarchy-men [...]) under pretence of serving God”; “the disturbance of the publique Peace by Insurrection and Murther”. KING. **A**

prefeito, xerifes, juizes de paz e guardas – para vistoriar e, se necessário, dissipar e punir quaisquer encontros sediciosos, conduzidos por sectários, fora de capelas e paróquias oficiais ou de “casas particulares das pessoas que ali habitam.”¹⁸⁰

As buscas pelos rebeldes fugitivos também foram reforçadas. Thomas Venner e seus cúmplices foram, por fim, localizados, presos e julgados na segunda quinzena de janeiro. Dos vinte pentamonarquistas levados à corte, quatro foram inocentados, dezesseis foram culpados e punidos com a morte. Venner recebeu a pena de alta traição, sendo enforcado, arrastado e esquartejado em 19 de janeiro de 1661. O episódio foi descrito por grande parte dos jornais e panfletos da época como uma evidência do “fanatismo” que afetava a todo o reino. Diante da punição exemplar e do profundo recrudescimento da tolerância com relação às seitas independentes, diversos grupos religiosos rapidamente se manifestaram nos púlpitos e nas prensas, ojerizando a sangrenta rebelião de Venner e desvencilhando-se de associações entre suas próprias crenças e a violenta perspectiva dos seguidores do tanoiero.¹⁸¹

Apesar disso, os princípios que haviam motivado a insurreição continuavam a circular, gerando tensão entre as autoridades. Quando organizou seu motim, Thomas Venner também colaborou com a publicação de um manifesto pela Quinta Monarquia. O panfleto *A Door of Hope* foi emitido para agitar a população, visando ampliar a aderência à revolta armada. A data de sua confecção é desconhecida, mas é provável que tenha ocorrido na primeira quinzena de janeiro, talvez precedendo ou acompanhando as agitações do dia 6, visto que no logo no dia 15, Roger L’Estrange já havia mandado imprimir uma resposta ao texto.¹⁸² *A Door of Hope* era um breve quarto de 16 páginas, impresso de forma anônima e clandestina. O panfleto não contém folha de rosto, nem nenhum ornamento (ver *Figura 14*). Suas páginas foram compostas com margens diminutas e pouco espaço entre as linhas, de maneira a preencher as folhas com grande quantidade de texto. Ainda que tenha economizado bastante papel na composição, o impressor precisou ajustar suas

proclamation, prohibiting all unlawful and seditious meetings and conventicles under pretence of religious worship. Londres: John Bill, 1661, s. n.p.

¹⁸⁰ No original: “private houses by the persons there inhabiting.” *Idem, ibidem.*

¹⁸¹ **The last speech and prayer with other passages of Thomas Venner, the chief encourager and promoter of the late horrid rebellion immediately before his execution in Coleman-street on Saturday last being the 19th of January, 1660: together with the names of the rest that were condemned for the same fact.** London: [s. n.], 1660; PEPYS, Samuel. “Saturday 19 January 1660/61”. Disponível online em **The Diary of Samuel Pepys**; HOWELL, Thomas Bayly. **A Complete Collection of State Trials and Proceedings for High Treason and Other Crimes and Misdemeanors from the Earliest Period to the Year 1783**, Vol. VI. Londres: T. C. Hansard; Longman; Hurst; Rees; Orme; and Brown, 1816; GREAVES, **Deliver us from evil**; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; COFFEY, “The Impact of Apocalypticism”; JOHNSTON, **Revelation restored**; HORLE, **The Quakers and the English Legal System.**

¹⁸² [L’ESTRANGE, Roger]. **The phanatiques creed, or A door of safety; in answer to a bloody pamphlet intituled A door of hope: or, A call and declaration for the gathering together of the first ripe fruits unto the standard of our Lord, King Jesus. Wherein the principles, danger, malice, and designe of the sectaries, are impartially laid open.** Londres: Henry Brome, 1661.

formas nas últimas páginas para que não precisasse incorporar nenhuma folha adicional ao panfleto. Há uma diferença sensível no tamanho dos tipos empregados no trabalho. A maior parte do panfleto contém de 48 linhas por página, mas a partir da página 15, o impressor conseguiu inserir 58 linhas de texto (ver *Figura 15*). Tais detalhes apontam para uma produção realizada de forma urgente e barata. A celeridade e os custos da composição e disseminação dos conteúdos de *A Door of Hope* eram priorizados, assim, frente à sua aparência formal. Isso pode ser um indício de que o texto não havia sido publicado para ser comercializado, mas sim distribuído gratuitamente entre a população na expectativa de angariar mais apoiadores à revolta.¹⁸³

¹⁸³ BURRAGE, "The Fifth Monarchy Insurrections"; CAPP, "A Door of Hope Re-opened".

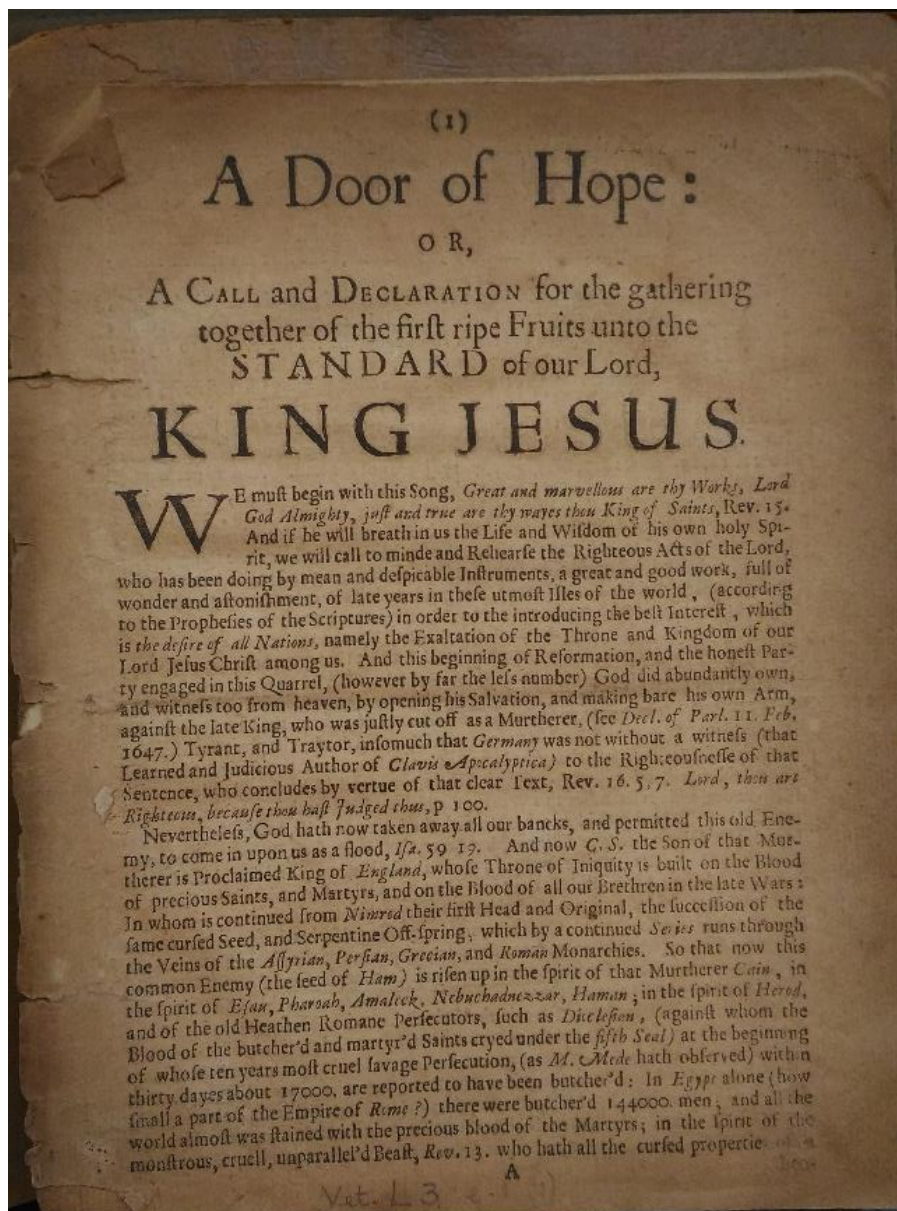


Figura 14: Primeira página de *A Door of Hope*.¹⁸⁴

¹⁸⁴ Bodleian Library, Vet.L3 e1. (1).

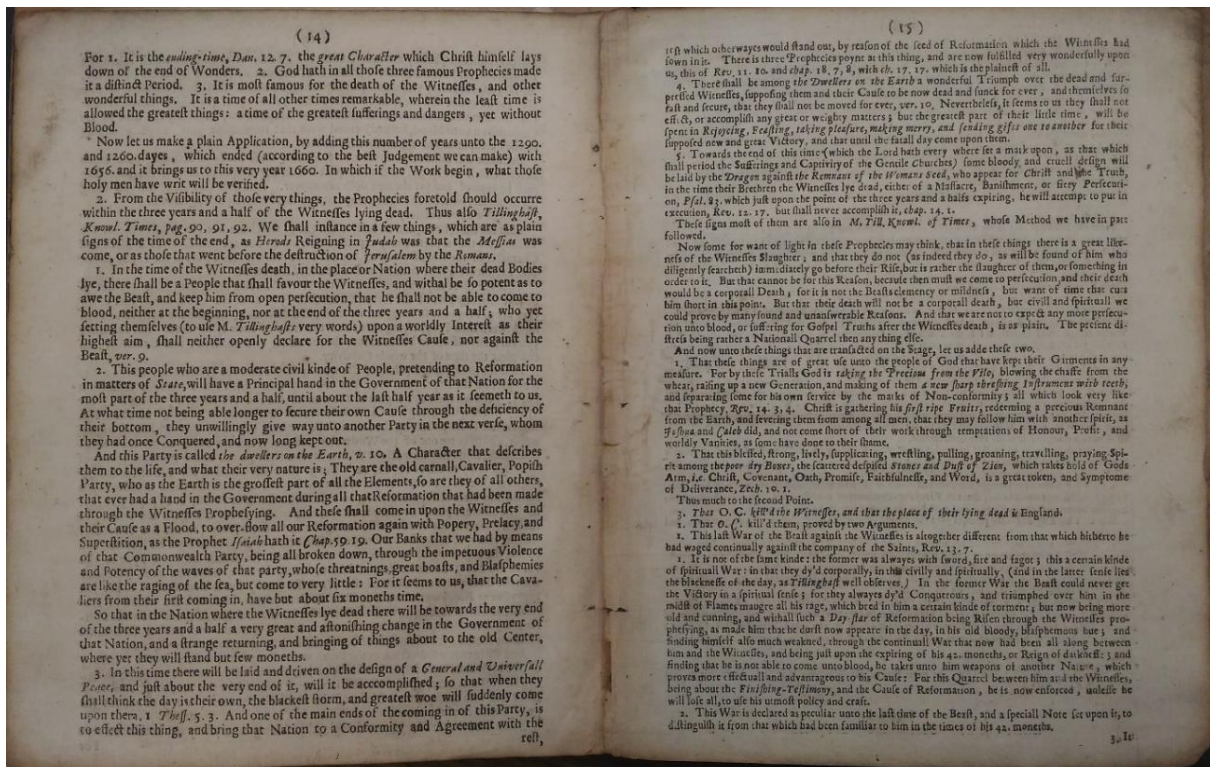


Figura 15: Páginas 14 e 15 de *Door of Hope*.¹⁸⁵

A autoria de *A Door of Hope* permanece incógnita, mas o texto parece ser resultado de um trabalho coletivo. Como observado por Bernard Capp em sua análise do manifesto, *A Door of Hope* é composto por duas partes bastante distintas. A primeira, certamente redigida a partir de um sermão ministrado por Thomas Venner no púlpito de Swan Alley, era um chamado à ação. O panfleto começava por retomar os acontecimentos do contexto revolucionário, justificando a guerra contra Carlos I e a subsequente execução do rei. *A Door of Hope* explicava que a extinção da monarquia havia sido legítima e fazia parte dos desígnios divinos. Nessa perspectiva, a Restauração de Carlos II não simbolizava uma derrota das conquistas e dos avanços do passado, mas uma nova provação enviada por Deus a fim de testar os verdadeiros fiéis e punir os ímpios antes da derradeira ascensão da Quinta e Última Monarquia de Cristo. Por essa razão, o texto indicava que era preciso pegar em armas em defesa do reino de Jesus, resistindo a qualquer “governo pessoal” mundano e, assim, extirpando todos os inimigos do Senhor. Ainda que se iniciasse na Inglaterra, a revolta se expandiria para todo o mundo. Depois que os “santos” triunfassem sobre Carlos II, eles deveriam seguir para a “França, Espanha, Alemanha, e Roma, para destruir a Besta e a Prostituta, [...] para trazer não apenas a estas, mas a todas as Nações à sujeição de Cristo”.¹⁸⁶ Com isso, *A Door of Hope*

¹⁸⁵ *Idem*.

¹⁸⁶ No original: “France, Spain, Germany, and Rome, to destroy the Beast and Whore, to bring not onely these, but all the Nations to the subjection of Christ”. **A door of hope: or, A call and declaration for the gathering together of the first ripe fruits unto the standard of our Lord, King Jesus.** [Londres: s. n., 1661], p.3.

convocava seu público a “*LEVANTAR-SE contra a semente carnal, serpentina, maldita*”¹⁸⁷ que destrói a Terra. Somente por meio da força, os “santos” conseguiriam alcançar seus principais objetivos, descritos no panfleto como: a destruição de todos os poderes e administrações mundanas; a restituição de “toda a *Liberdade Civil*, e todos os Direitos dos homens”¹⁸⁸ com a conformação do governo de Cristo; e a criação de um Tesouro Comum com os espólios das guerras contra os traidores anticristãos. Tais reformas teriam um papel fundamental na preparação da Terra para a Segunda Vinda.

Já a segunda parte do texto apresentava as fundamentações teológicas para sustentar os planos revolucionários. Por essa razão, ainda que de forma breve, a seção se dedicava a examinar as profecias milenaristas com o auxílio da Bíblia e de algumas autoridades, citando quatro trabalhos centrais: *Knowledge of Times* do pregador pentamonarquista John Twillinghast; *Clavis Apocalyptica* de um autor germânico¹⁸⁹, traduzida para o inglês por Samuel Hartlib e John Dury; *Clavis Apocalyptica* de Joseph Mede; e *Hope of Israel* de Menasseh ben Israel. A reflexão marcava uma cisão interna no texto, identificada não apenas pela mudança do estilo narrativo, mas pela inserção de um subtítulo que introduzia o conteúdo das últimas páginas de *A Door of Hope*: “Alguns Ensinamentos e Dicas de um pobre e desprezado *Remanescente*, daquela grande Profecia das TESTEMUNHAS, *Apo. II*. Humildemente submetidos à Consideração dos Santos”¹⁹⁰. Funcionando como “um apêndice ‘erudito’”¹⁹¹, essa parte do manifesto fazia uma exegese a respeito da previsão da ressurreição das suas testemunhas, descrita no Livro de Apocalipse como um dos eventos que antecederiam a Segunda Vinda. Baseado na leitura das autoridades citadas, *A Door of Hope* estabelecia sua cronologia de acontecimentos proféticos. Para os autores do panfleto, o período do cativo dos verdadeiros cristão havia expirado em 1656, conforme sua sincronização entre os 1290 dias indicados no Livro de Daniel e dos 1260 dias apontados no Apocalipse de João. 1656 dava início o período no qual as testemunhas permaneceriam mortas, isto é, ao intervalo de três anos e meio, marcado pelas terríveis perseguições de Oliver Cromwell contra os “santos”. Passado o tempo em questão, elas seriam levantadas por Deus e ascenderiam aos céus enquanto os vis agentes do Anticristo seriam destruídos. De acordo com os cálculos do panfleto, os três anos e meio

¹⁸⁷ No original: “*To RISE UP against the carnal, serpentine, accursed seed, who are the destroyers of the Earth*”. *Idem*, p.4.

¹⁸⁸ No original: “*all Civill Liberty, and Rights of men*”. *Idem, ibidem*.

¹⁸⁹ Martin Mulsow sugere que o autor em questão seja Michael Gühler, um preceptor do círculo de Abraham von Franckenberg. Seu texto teria se inspirado na *Clavis Apocalyptica* de Joseph Mede. O manuscrito foi encaminhado para Comenius que, em seguida, o transmitiu a Samuel Hartlib. MULSOW, Martin. “Who was the author of the *Clavis Apocalyptica* of 1651? Millenarianism and prophecy between Silesian mysticism and the Hartlib circle”. In: LAURSEN, John Christian; POPKIN, Richard H. (org.), **Millenarianism and Messianism in Early Modern European Culture**. Vol. IV. Dordrecht: Springer, 2001.

¹⁹⁰ No original: “Some choice Teachings and Hints of a poor despised Remnant, from that great Prophecy of the VVITNESSES, Rev. II. Humbly submitted to Saints Consideration.” **A door of hope**, p.12.

¹⁹¹ No original: “a ‘scholarly’ appendix”. CAPP, “A Door of Hope Re-opened”, p. 20.

desembocavam em janeiro de 1660 (1661 no calendário gregoriano, adotado pelos ingleses apenas em 1752), confirmando que aquele era o momento exato para a ação.¹⁹²

Além de se complementarem, oferecendo as justificativas teológicas para um projeto de ação concreta contra a monarquia Stuart, as duas partes de *A Door of Hope* nos ajudam a conjecturar a respeito da sua confecção. Bernard Capp aponta que é provável que o texto tenha sido redigido pela pena de William Medley, genro de Thomas Venner, que já havia cooperado com a redação de outro manifesto do tanoieiro, *A Standard Set Up*.¹⁹³ Ambos os textos, inclusive, expressavam a mesma inspiração no Livro de Isaías: “Então, eles temerão o nome do Senhor desde o oeste, e a glória dele desde o nascer do sol. Quando o inimigo vier a entrar como uma inundação, o Espírito do Senhor erguerá um estandarte contra ele.”¹⁹⁴ *A Standard Set Up*, que havia sido publicado antes de uma primeira tentativa de rebelião pentamonarquista e, assumia como título “Um Estandarte Erguido”¹⁹⁵, enquanto *A Door of Hope* continha um subtítulo que dizia “Um Chamado ou Declaração para a reunião dos primeiros Frutos maduros sob o Estandarte do nosso Senhor, o Rei Jesus”.¹⁹⁶

Como também notado por Capp, ao longo de todo o panfleto encontramos uma associação entre expectativas milenaristas e perspectivas republicanas. Da mesma maneira em que se preocupava com a cronologia dos eventos descritos na Bíblia e com o combate ao Anticristo, *A Door of Hope* apontava que o governo de Carlos II ameaçava os “direitos Naturais”, trazendo de volta “a Perseguição, a Escravidão, o Papado e a Idolatria”.¹⁹⁷ Com isso, o panfleto também parecia ecoar ideias já dispostas em *A Standard Set Up*, às quais, por sua vez, haviam se inspirado na obra de Sir Henry Vane, especialmente, em *A Healing Question* (1656). Ao mesmo tempo, *A Door of Hope* parecia fazer referência ao debate mais recente sobre a “boa e velha causa”, aproximando-se de *A Beam of Light* do pentamonarquista Christopher Feake, no qual o autor advogava em favor da reunião de republicanos e “santos” para recuperar o bem comum; e, sobretudo, do anônimo *The Cause of God and of these Nations*, atribuído por Capp a John Rogers, que citava o mesmo trecho de Isaías em sua folha de rosto e defendia as liberdades e os direitos naturais dos ingleses.¹⁹⁸

Para além dessa intertextualidade, é sugestivo que *A Door of Hope* fizesse referências a obras lançadas por um mesmo conjunto de impressores e livreiros. *A Standard Set Up* e *The Cause of God*

¹⁹² **A door of hope**; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; CAPP, "A Door of Hope Re-opened".

¹⁹³ CAPP, "A Door of Hope Re-opened".

¹⁹⁴ Isaías 59.19.

¹⁹⁵ **A Standard Set Up**, fl.1.

¹⁹⁶ **A door of hope**, fl.1.

¹⁹⁷ No original: “Birth rights”; “Persecution, Slavery, Popery, and Idolatry”. *Idem*, p.7.

¹⁹⁸ **A Standard Set Up; A door of hope; FEAKE, A beam of light; The cause of God, and of these nations sought out, and drawn forth from the rubbish of the lusts and interests of men, and lifted up into sight and view for all the upright in heart to follow it.** Londres: s. n., 1659. CAPP, "A Door of Hope Re-opened".

foram publicados de forma anônima, e a *Clavis Apocalyptica* de Joseph Mede foi editada em latim e inglês dezenas de vezes desde o final dos anos 1620, mas as demais obras mencionadas no manifesto tinham profundas conexões com alguns do Estacionários Confederados. *Hope of Israel*, que se dedicava a analisar o relato de Antonio de Montesino sobre o suposto encontro de uma das dez tribos perdidas de Israel entre os indígenas da América, foi publicada três vezes na Inglaterra.¹⁹⁹ A primeira edição, preparada por Robert Ibbitson e Hannah Allen em 1650, foi revista e corrigida pelo mesmo impressor e pelo segundo marido da livreira, Livewell Chapman, em 1651 e 1652. A primeira edição da *Clavis Apocalyptica*, introduzida ao público anglófono por John Dury e Samuel Hartlib, foi impressa por William Dugard e Thomas Matthews, e publicada por Giles Calvert em 1651. O estudo de John Tillinghast acerca do Livro de Daniel, intitulado *Knowledge of Times*, também contou com o trabalho de Ibbitson e Chapman no final de 1654. *A Healing Question* de Henry Vane recebeu duas edições comissionadas por Thomas Brewster, uma em 1656 e outra em 1660. E, por fim, *A Beam of Light* de Christopher Feake foi publicado por Chapman em 1659.²⁰⁰ Mais do que mera coincidência, essas evidências apontam para uma clara circulação das obras em questão entre as comunidades milenaristas, sobretudo entre os grupos pentamonarquistas de Swan Alley e All Hallows the Great, locais frequentados por vários dos sujeitos listados aqui.

¹⁹⁹ Originalmente, o livro de Menasseh ben Israel foi publicado em espanhol, com o título de *Esperança de Israel* (1650). A tradução para o latim, *Spes Israelis*, foi preparada no mesmo ano. A tradução inglesa, feita por Moses Wall, foi registrada por Hannah Allen na Companhia dos Estacionários em julho de 1650 e recebeu autorização do licenciador para ser confeccionada. Por conta dos vários erros encontrados na primeira edição, duas revisões foram lançadas nos anos seguintes. *Hope of Israel* colaborou para inflamar os debates profético-políticos do contexto da Revolução Inglesa, levando muitos milenaristas a defenderem a readmissão dos judeus na Inglaterra – expulsos desde 1290 –, esperando que isso incentivasse sua conversão ao cristianismo e realizasse as profecias apocalípticas. Sobre isso, ver, entre outros: KAPLAN; MÉCHOULAN; POPKIN, **Menasseh ben Israel and his World**; HESSAYON, Ariel. "Jews and crypto-Jews in sixteenth and seventeenth century England". **Cromohs**, n. 16, p. 1–26, 2011; LIMA, Luís Filipe Silvério. "Prophetical hopes, New World experiences and imperial expectations: Menasseh Ben Israel, Antônio Vieira, Fifth-Monarchy Men, and the millenarian connections in the seventeenth-century Atlantic". **AHAM**, v. XVII, pp.359-408, 2016; LIMA, Luís Filipe Silvério. "Aproximações para uma história do conceito de Esperança nas expectativas milenaristas do século XVII: Esperança de Israel, Esperanças de Portugal e Door of Hope". **O que nos faz pensar**, v. 26, n. 41, 2018.

²⁰⁰ ISRAEL, Menasseh ben. **The hope of Israel: written by Menasseh ben Israel, a Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed in Amsterdam, and dedicated by the author to the High Court, the Parliament of England, and to the Councill of State. Translated into English, and published by authority.** Londres: R[obert]. I[bbitson]; Hannah Allen, 1650; ISRAEL, Menasseh ben. **The hope of Israel: written by Menasseh Ben Israel, an Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed at Amsterdam, and dedicated by the author, to the High Court the Parliament of England, and to the councill of state. Whereunto are added some discourses upon the point of the conversion of the Jewes: by Moses Wall. The second edition corrected and amended.** Londres: R. I[bbitson]; Livewell Chapman, 1651; ISRAEL, Menasseh ben. **The hope of Israel written by Menasseh Ben Israel, an Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed at Amsterdam, and dedicated by the author, to the High Court, the Parliament of England, and to the councill of state, the second edition corrected and amended Whereunto is added, in this second edition, some discourses upon the point of the conversion of the Jewes. By Moses Wal[l].** Londres: R. I[bbitson]; Livewell Chapman, 1652; HARTLIB, **Clavis apocalyptica**; TILLINGHAST, John. **Knovledge of the times, or, The resolution of the question, how long it shall be unto the end of wonders.** Londres: R. I.; Livewell Chapman, 1654; VANE, **A Healing Question**, 1656; VANE, **A Healing Question**, 1660; FEAKE, **A beam of light**.

É difícil apontar claramente para a participação de Ibbitson, Chapman, Calvert ou Brewster na confecção de *A Door of Hope*, mas nos parece bastante provável que o texto tenha passado pelos mesmos circuitos que outras das obras controversas dos Estacionários Confederados. As autoridades certamente desconfiaram disso, visto que revistaram a livraria sob o signo do Elefante e do Castelo de Francis Smith por diversas vezes logo depois da rebelião pentamonarquista. Diante das graves penas aplicadas a Thomas Venner e seus cúmplices, bem como da condenação da opinião pública à revolta, nenhum impressor ou livreiro gostaria de ser associado ao manifesto. Smith negou obstinadamente, mas, ainda assim, foi assediado pelas autoridades e por parte da população. O estigma do violento e sanguinário tumulto causado por “fanáticos” motivou o livreiro a mencionar o caso muitos anos depois.²⁰¹ Em um escrito autobiográfico publicado em 1681, Smith lamentava que

Na época da Insurreição de *Venner*, embora muitos de meus Vizinhos soubessem e testemunhassem, que eu tinha ficado de cama e no quarto por seis semanas, ainda assim por uma falsa sugestão da *Mulher* de um *Açougueiro e uma Vendedora de Ervas, Ignorantemente, ou melhor Maliciosamente* informaram à multidão da *Inconsiderável Turba* então nas *Ruas*, como se eu tivesse estado na referida Insurreição de *Venner*, e tivesse Armas escondidas em minha Casa; pelo que fui *Revistado pela Companhia Sem Lei* por dez vezes, meus Bens [foram] *Despedaçados e Roubados, Cofres, Baús e Portas de Armários foram arrombados, e uma Carabina* foi colocada três vezes em meu *Peito para Atirar em mim; Por fim, eles me Chamaram a White-Hall, um arrancou meu cabelo, outro me derrubou com um golpe na minha Cabeça; outros me atacaram tanto em meu Corpo*, que por algum tempo não consegui me virar na minha Cama; se as *Bandas Treinadas*²⁰² então no *Pátio da Igreja de St. Clement*, (conhecendo minha inocência) não tivessem me resgatado, eu não *apareceria vivo em White-Hall*; essa luta dolorosa me custou mais de cinquenta²⁰³ Libras.²⁰⁴

²⁰¹ BURGESS; FESTENSTEIN, **English radicalism**; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; DUNAN-PAGE, "L'insurrection de Thomas Venner (1661)"; BOSWELL, Caroline. **Disaffection and Everyday Life in Interregnum England**. Woodbridge: Boydell and Brewer Limited, 2017, especialmente o capítulo 5: "The Rise of the 'Fanatic'".

²⁰² As “Trained Bands” eram milícias compostas por civis treinados. Sem seguir carreira militar, esses grupos atuavam no policiamento dos condados apenas de forma parcial, ou ocasionalmente eram convocados para atuar em guerras.

²⁰³ Mais de £7.000,00.

²⁰⁴ No original: “At the time of *Venners Rising*, though many of my Neighbours knew and testified, I had kept by Bed and Chamber six weeks, yet from a false suggestion by a *Butcher Woman, and a Hearb Woman, Ignorantly, or rather Maliciously* informed the Multitude of the *Inconsiderable Rabble* then in the *Streets*, as if I were in the said *Venners Rising*, and had Armes hid in my House; upon which I was ten times *Searched by the Lawless Company*, my Goods *Torn and Stole, Chests, Trunkes and Closet Doors broken open, and a Carbine* put three times to my *Brest to Shoot me; At last they Halled me for White-Hall, one tore my Hair, another struck me down by a blow upon my Head; others pushed me so much on my Body*, that I was not able for some time to turn my self in my Bed; had not the *Train Bands* then in *St. Clements Church Yard*, (knowing my innocency) rescued me, I did not in *appearance* got alive to *White-Hall*; this sore bout cost me above fifty Pounds.” SMITH, Francis. **An account of the injurious proceedings of Sir George Jeffreys, Knt., late recorder of London, against Francis Smith, bookseller with his arbitrary carriage towards the grand-jury at Guild-Hall, Sept. 16,**

Não há como saber se o livreiro mentia acerca de sua conexão com a rebelião de 1661, se exagerava em sua narrativa sobre a sucessão de eventos persecutórios, ou, ainda, se as denúncias a seu respeito eram verdadeiras. Contudo, é provável que a reação agressiva supostamente empreendida contra Francis Smith tenha sido desencadeada não apenas pela gravidade e pelo temor em torno da revolta, mas também por sua recorrente conexão com grupos sectários, visto que o livreiro era um profícuo publicador de textos heterodoxos, bem como um pastor que ministrava sermões em comunidades batistas. Não é de se estranhar, portanto, que tenha sido associado à movimentação dos “fanáticos” que aterrorizaram Londres no início de janeiro de 1661.²⁰⁵

De qualquer forma, Francis Smith não foi tão longe ao ponto de pegar em armas junto com Venner. Não obstante, suas publicações, assim como a de seus companheiros Confederados, pareciam concordar com as ideias oposicionistas expressas em *A Door of Hope*. Evidentemente, o contexto que vivenciavam não era favorável para a manifestação pública de ideias antimonarquistas. Sectários vinham sendo detidos independentemente de haver provas devido a uma apreensão generalizada por parte da coroa quanto à eclosão de novas convulsões sociais em diferentes partes do reino. Alguns tiveram destinos trágicos, como o pentamonarquista John Jones, que acabou sendo executado por traição em outubro de 1661 sob a acusação de ter conspirado contra o rei. Sendo assim, é possível entender publicações autorizadas e identificadas, tais como *The Humble Apology of Some Commonly Called Anabaptists* e *Sions Groans for Her Distress* – das quais Francis Smith não apenas participou, como incluiu seu nome nos *imprints* –, como estratégias empregadas para dissimular conformidade com o governo de Carlos II, repreendendo publicamente as ações de “fanáticos” como Venner e jurando lealdade ao rei. Enquanto isso, sob a proteção do anonimato e da clandestinidade, os mesmos estacionários expressavam perspectivas tão sediciosas quanto as impressas no manifesto da rebelião pentamonarquista.²⁰⁶

1680, upon an indictment then exhibited against the said Francis Smith, for publishing a pretended libel, entitled, An act of Common-Council for retrenching the expences of the Lord Mayor and sheriffs of the city of London, &c. Londres: Francis Smith, 1681, p.8.

²⁰⁵ CRIST, Timothy. *Francis Smith and the Opposition Press in England, 1660-1688*. Tese (Doutorado) - University of Cambridge. Cambridge, 1977.

²⁰⁶ *The humble apology of some commonly called Anabaptists, in behalf of themselves and others of the same judgement with them: with their protestation against the late wicked and most horrid treasonable insurrection and rebellion acted in the city of London. Together with an apology formerly presented to the Kings most Excellent Majesty. Londres: Henry Hills; Francis Smith, 1660 [1661]; Sions groans for her distressed, or, Sober endeavours to prevent innocent blood, and to stablish the nation in the best of settlements grounded upon scripture, reason, and authority. Proving it the undoubted right of Christian liberty under different perswasions, in matters spiritual, to have equal protection as to their civil peace. Unto which is added the testimony of fifteen antients. Humbly offered to the Kings Majesty, parliament and people. And left unto their serious view. Londres: Francis Smith, 1661. CRIST, Francis Smith; GREAVES, Deliver us from evil; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; BURGESS; FESTENSTEIN, English radicalism; CAPP, The Fifth Monarchy Men; DUNAN-PAGE, "L'insurrection de Thomas Venner (1661)"; BOSWELL, "The Rise of the Fanatic".*

2.2.3. O direito de resistir ao mal²⁰⁷

O uso de recursos para se esquivar dos graves riscos da perseguição se tornou ainda mais necessário quando a Lei de Regulamentação da Imprensa foi instituída em 1662, reforçando as limitações impostas sobre o mercado livreiro. Entre outras coisas, a lei impedia que oficinas tipográficas tivessem mais do que duas prensas e empregassem muitos aprendizes ao mesmo tempo²⁰⁸, restringindo a capacidade produtiva dos mestres impressores; exigia o licenciamento e o registro prévio dos itens a serem publicados, inclusive de seus materiais preambulares, comumente deixados de fora das vistorias; e proibia a impressão, publicação, encadernação, comercialização e importação de

qualquer Livro ou Panfleto herético sedicioso cismático ou ofensivo em que qualquer Doutrina ou Opinião seja afirmada ou mantida que seja contrária à Fé Cristã ou à Doutrina ou Disciplina da Igreja da Inglaterra ou que deva ou possa tender ou levar ao escândalo da Religião ou da Igreja ou do Governo ou dos Governantes do Estado da Igreja ou da República ou de qualquer Corporação ou pessoa ou pessoas em particular [...].²⁰⁹

Mais do que isso, foi em 1662 que Roger L'Estrange ascendeu ao posto de Inspetor da Impressão, que não lhe garantia um salário como funcionário do governo, mas lhe permitia a “entrar e fazer Buscas diligentes em qualquer Casa, Loja, Sala de Impressão, Câmara, Depósito, ou qualquer outro lugar onde Suspeitar que existam quaisquer Retratos ou Figuras, Livros, Panfletos; ou Papéis

²⁰⁷ Versões das reflexões aqui apresentadas podem ser lidas em: LIMA, “Resist not evil”; LIMA, Verônica Calsoni. “*Mene Tekel*, ou a Queda da Tirania: Panfletos Milenaristas e a Oposição à Monarquia Stuart na Inglaterra do Período da Restauração”. In: MEGIANI, Ana Paula; MIRANDA, Marcella (orgs). **Cultura Política e Artes de Governar na Época Moderna**. Porto: Editora Cravo (no prelo).

²⁰⁸ Impressores que ocupassem ou já tivessem ocupados cargos de direção da Companhia dos Estacionários poderiam ter três aprendizes simultaneamente. Impressores que fizessem parte da categoria de “liverymen”, isto é, tivessem associação plena à Companhia, atuando como assistentes e colaborando com as decisões internas, poderiam contar com dois aprendizes. Os demais impressores estavam autorizados a trabalharem com apenas um aprendiz por vez. Homens livres poderiam ser empregados para colaborar com os serviços nas oficinas tipográficas, não obstante, também havia limitações com relação a isso, sobretudo porque os mestres impressores eram responsabilizados pelo caráter desses sujeitos. Conferir “Charles II, 1662: An Act for preventing the frequent Abuses in printing seditious treasonable and unlicensed Bookes and Pamphlets and for regulating of Printing and Printing Presses”; SIEBERT, **Freedom of the Press in England**.

²⁰⁹ No original: “any heretical seditious schismatical or offensive Bookes or Pamphlets wherein any Doctrine or Opinion shall be asserted or maintained which is contrary to Christian Faith or the Doctrine or Discipline of the Church of England or which shall or may tend or be to the scandall of Religion or the Church or the Government or Governors of the Church State or Common wealth or of any Corporation or particular person or persons whatsoever [...]”. “Charles II, 1662: An Act for preventing the frequent Abuses in printing”, s. n.p.

Sediciosos, Escandalosos, ou sem licença, impressos ou Importados, Contra a Lei.”²¹⁰ Tarefas essas que o censor recém-empossado parecia exercer com assiduidade, levando os Estacionários Confederados (como veremos nos demais capítulos da presente tese) à prisão em diversas ocasiões.²¹¹ Seu sucesso lhe proporcionou, em agosto do ano seguinte, a promoção ao cargo de principal Inspetor da Imprensa, adquirindo amplos poderes para investigar e deter pessoas envolvidas com publicações ilícitas.²¹²

Com novas restrições, sujeitos como os Estacionários Confederados foram forçados a repensar suas táticas para lançar textos que propunham a tomada de ações contra a monarquia, como havia sido o caso de *A Door of Hope*. Apenas dois anos depois da execução de Thomas Venner e John James, os Confederados imprimiram e dispersaram dois panfletos que argumentavam sobre o direito de o povo resistir ao mal. *A Treatise of the Execution of Justice* e *Mene Tekel* fundamentavam-se tanto em concepções republicanas sobre o poder, identificando liberdades e direitos naturais dos súditos, quanto em expectativas proféticas, mobilizando a já conhecida defesa da “boa e velha causa”. Como *A Door of Hope*, ambos os panfletos também foram associados a insurreições contra o governo e, por conseguinte, sofreram com as retaliações das autoridades. Cabe, neste último tópico, examinar como os Confederados realizaram as duas publicações, disseminando ideias que buscavam fornecer justificativas para recusar a autoridade de um tirano e para priorizar a vontade geral e o bem público.

A Treatise e *Mene Tekel* começaram a circular na Inglaterra em meados de 1663. As práticas clandestinas envolvidas em suas confecções, bem como o vigor da censura empregada contra as duas obras, dificultam a reconstituição dos pormenores em torno de suas publicações. Deste modo, não podemos precisar qual delas foi emitida primeiro, ou mesmo se foram lançadas simultaneamente. Mas é certo que foram gestadas em uma mesma altura, pois seus conteúdos são tão semelhantes que a maioria dos pesquisadores identificou os dois títulos como partes de uma mesma obra. A análise de suas estruturas materiais e textuais, bem como das condições de suas publicações, contudo, sugere que o caso tenha sido um pouco mais intrincado do que pode parecer à primeira vista. Talvez *Mene Tekel* tenha sido uma edição mais bem “acabada” de *A Treatise*, ou do contrário, *A Treatise* fosse um resumo de *Mene Tekel*. De qualquer forma, parece-nos claro que

²¹⁰ No original: “enter into and make dilligents Search in any House, Shop, Printing Roome, Chamber, Warehouse, or other place whatsoever where you shall Suspect there are any Seditious, Scandalous, or unlicensed Pourtraitures or Pictures, Books, Pamphletts; or Papers, imprinted or Imported, Contrary to the Law.” PRO SP29/51/17.

²¹¹ L'ESTRANGE, **Considerations and proposals; An exact narrative.**

²¹² PRO SP44/15/156; SP29/78/182.

ambos os textos estiveram intimamente ligados desde o princípio.²¹³ Por essa razão, aqui tentamos abordá-los em conjunto.

Os dois panfletos foram encomendados pelo casal Calvert em 1663, mas apenas Elizabeth os teve em mãos. Seu marido, Giles, faleceria em agosto daquele mesmo ano e, portanto, não teve possibilidades de efetivamente participar da publicação. As consecutivas detenções nas cadeias de Londres podem ter afetado sua saúde, pois o livreiro foi frequente alvo da censura entre junho de 1661 e janeiro de 1663.²¹⁴ Viúva, Elizabeth Calvert foi a principal responsável por articular a impressão das 35 páginas de *A Treatise* e das 84 de *Mene Tekel*.

O trabalho foi solicitado a John Twyn, impressor instalado na região de Cloth Fair em Londres desde 1658. Embora fosse natural de Herfordshire e tenha iniciado sua carreira na capital inglesa, Twyn foi mandado à Escócia pela Companhia dos Estacionários em 20 de dezembro de 1647. Chegando em Edimburgo no ano seguinte, ele passou a trabalhar na oficina tipográfica de Evan Tyler, impressor oficial da coroa em terras escocesas.²¹⁵ Não sabemos qual foi a razão do seu retorno à Inglaterra, mas é provável que tenha se mudado por questões financeiras. *Imprints* em seu nome apenas começaram a aparecer em 1661, indicando certa demora para sua reinserção no mercado livreiro. O impressor parecia produzir uma diversidade de gêneros: transcrições de peças teatrais, panfletos político-religiosos, livros escolares e obras teológicas. Quando julgado em 1664, afirmou ser um homem pobre e viúvo, que tinha dificuldades para sustentar seus filhos pequenos. Esse deve ter sido o motivo pelo qual aceitou diversas encomendas, anônimas e ilícitas, dos Estacionários Confederados entre os anos de 1662 e 1663. Conhecia seus negócios e, provavelmente, lucrava algum dinheiro com eles. Assim, não deve ter estranhado quando a criada de Elizabeth Calvert, Elizabeth Evans, lhe demandou as impressões.²¹⁶

De acordo com seu depoimento às autoridades, Twyn imprimiu parte do que lhe fora pedido: mil cópias de duas das três folhas de *A Treatise*. Conforme solicitado por Elizabeth Calvert, Twyn entregou os exemplares a Elizabeth Evans, mas não no endereço da *Black Spread Eagle*. O

²¹³ GREAVES, **Deliver us from evil**; SCHWOERER, Lois G. "Liberty of the Press and Public Opinion: 1660-1695". In: JONES, James Rees (org.), **Liberty Secured?: Britain Before and After 1688**. Stanford: Stanford University Press, 1992; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; WEBER, **Paper bullets**; KEEBLE, **The Literary Culture of Nonconformity**; KEEBLE, **The Restoration**; GREENE, **The Trouble with Ownership**; KEMP, Geoff. "Twyn, John (bap. 1619, d. 1664), printer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-68209>>, acessado em 27/09/2021; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**; JOHNSTON, **Revelation restored**; HONE, Joseph. "John Darby and the whig canon". **The Historical Journal**, p. 1–24, 2020.

²¹⁴ PRO SP29/38/123; SP44/9/77; SP29/63/157; PROB 11/312, sig. 106 (testamento); BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; HESSAYON, Ariel. "Calvert, Giles".

²¹⁵ STATIONERS' COMPANY. **Court Book C**, fl.249v; PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**; BLAGDEN, **The Stationers' Company**; SPURLOCK, R. S. "Cromwell's Edinburgh press and the development of print culture in Scotland". **Scottish Historical Review**, v. 90, n. 230, p. 179–203, 2011.

²¹⁶ PRO SP29/81/81; SP29/92/16; **An exact narrative**.

impressor compareceu a um armazém sob o signo da Rosa na mesma região em que morava, Smithfield, evitando transportar as resmas de papel até a casa da livreira nos arredores da St. Paul's. Pela primeira metade do serviço, Twyn recebeu 40 *shillings*.²¹⁷ Todavia, o impressor jamais receberia o restante do dinheiro. Denunciado a Sir Roger L'Estrange por informantes que o viram trabalhando em horários pouco usuais, Twyn foi flagrado pelo censor enquanto compunha mais folhas da encomenda de Elizabeth Calvert. O impressor foi preso e as folhas apreendidas.²¹⁸

Ainda assim, *A Treatise e Mene Tekel* atingiram a esfera pública. A documentação epistolar dos Secretários do Estado sugere que ambos os textos foram encontrados nas mãos de supostos sectários e rebeldes entre 1663 e 1665, sobretudo no norte da Inglaterra, de onde despontaram rumores e, por vezes, evidências concretas de complôs antimonarquistas.²¹⁹ Por conta disso, as autoridades, com frequência, elucubram sobre a autoria dos textos. Cogitava-se a possibilidade de as obras terem sido escritas pelo militar e pentamonarquista Nathaniel Strange, acusado de conspirar contra o governo na primeira metade da década de 1660. Seu nome esteve associado à polêmica investigação sobre o suposto “Tong Plot”, complô nomeado a partir do vendedor de bebidas alcóolicas e tabaco, Thomas Tong, que acabou preso e executado por traição. Embora a investigação tenha apontado alguma mobilização entre não-conformistas para cercar o Castelo de Windsor e, de lá, atacar as demais autoridades para restabelecer a república, o caso foi compreendido por muitos como uma fabricação do próprio Estado. Por vezes, o espetáculo do suplício público foi entendido como o assassinato de inocentes, que apenas eram rotulados como conspiradores para justificar o acirramento da perseguição às comunidades religiosas independentes.²²⁰ Além de Strange, também se pensava que o pastor John Goodwin pudesse ter alguma relação com os panfletos e que, no início de 1665, preparava outro livro semelhante para agitar a população. O colecionador e antiquário Anthony Wood considerou a possibilidade de outro pastor tê-los redigido, John Owen. A hipótese, não obstante, foi descartada por Richard Greaves. Para o historiador, o estilo e o conteúdo dos textos não eram semelhantes às demais obras de Owen. Outro nome bastante mencionado na documentação oficial era o do militar Roger Jones, que participara do exército de Oliver Cromwell durante a Revolução Inglesa. No contexto da Restauração, o Capitão Jones foi apelidado de “Mene Tekel” e estava frequentemente associado ao republicanismo. Quando o general George Monck marchou em direção a Londres, Jones se opôs

²¹⁷ O montante equivaleria a cerca de £275.

²¹⁸ PRO SP44/15/200; 29/81/81; **An exact narrative**.

²¹⁹ PRO SP29/99/15.

²²⁰ GREAVES, **Deliver us from evil**; KEEBLE, **The Restoration**; MARSHALL, **Intelligence and espionage**; SOUTHCOMBE, George; TAPSELL, Grant. **Restoration politics, religion, and culture: Britain and Ireland, 1660 - 1714**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

e seguiu declarando apoio a um Parlamento livre da autoridade real.²²¹ Apesar das investigações, as autoridades jamais identificaram ou responsabilizaram um autor pelas obras.

De qualquer maneira, os panfletos circularam devido à atuação dos Estacionários Confederado. Elizabeth Calvert e sua criada Elizabeth Evans se esconderam tão logo souberam da captura de John Twyn. As duas foram presas apenas às vésperas do julgamento do impressor, acusado do crime de alta traição em fevereiro de 1664. Numa nota com questões para serem feitas a Elizabeth Calvert sobre *Mene Tekel*, os censores se inquietavam com o impasse da circulação dos textos mesmo após a supressão de L'Estrange. Queriam saber quem havia impresso a segunda parte do panfleto, para onde as folhas haviam sido levadas, quem as havia costurado e onde estava o manuscrito original. À margem da página, um punho apressado escreveu: "Dover. Dê a ela um dia para trazer a explicação".²²² O exame da livreira levou a alguma associação com o casal de impressores Simon e Joan Dover. Os dois estiveram intimamente envolvidos com a polêmica dos Estacionários Confederados, tendo colaborado com grande parte das publicações clandestinas. Parecia provável que, na impossibilidade de prosseguir o trabalho com John Twyn, Elizabeth Calvert tivesse recorrido à oficina tipográfica da família Dover. Simon Dover já estava preso e viria a ser julgado com John Twyn em 1664. Mas, no tribunal, ele não respondeu a qualquer crime relacionado a *A Treatise* ou *Mene Tekel*. Vinte anos depois do caso, em 1683, Roger L'Estrange externalizou uma outra suspeita com relação à produção dos panfletos. Em uma correspondência ao Sir Leoline Jenkins, Secretário de Estado, o censor dizia que John Darby "imprimiu 6 ou 7 folhas de *Mene Tekel*; um Livro que eu Confisquei na Prensa, & pelo qual *Twynne* foi Enforcado e Esquartejado. Ele completou esse Livro depois que o Outro morreu por ele."²²³ A suposição parece plausível, visto que Darby era bastante próximo dos Confederados, tendo compartilhado seu período de aprendizagem com Simon Dover na oficina de Peter Cole, e, posteriormente se casado com sua viúva Joan; além de ter embarcado em empreitadas ilícitas junto com Elizabeth Calvert e Anna Brewster ao longo da segunda metade do século XVII.²²⁴

Fosse por meio da prensa de Dover, fosse pela de Darby, a manobra de Elizabeth Calvert na atribuição de outro(s) impressor(es) para os panfletos permitiu que as ideias antimonarquistas expressas nos textos fossem dispersas pela Inglaterra mesmo após o fracasso inicial do projeto. De

²²¹ PRO SP29/102/42; SP29/116/14, 16; SP29/422/274; SP29/423/219; GREAVES, **Deliver us from evil**; BELL, Elizabeth Calvert and the "Confederates"; WEBER, **Paper bullets**; JOHNSTON, **Revelation restored**; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**.

²²² No original: "Dover. Give her a day's time to bring account". PRO SP29/92/16.

²²³ No original: "printed 6 or 7 sheets of *Mene Tekel*; a Book I seized in the Presse, & one *Twynne* was Hanged and Quartered for it. He perfected this Book after the Other had dyed for it." PRO SP29/425/156.

²²⁴ PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; BELL, "Her Usual Practices"; HONE, "John Darby"; ZOOK, **Radical Whigs and Conspiratorial Politics**; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**.

fato, cabe observar que as cópias apreendidas por L'Estrange em outubro de 1663 em nada se parecem com os exemplares de *A Treatise e Mene Tekel* salvaguardados em arquivos e bibliotecas britânicos. Apesar de todos os textos em questão serem quartos impressos de forma rápida e barata, com poucas páginas e quase sem adornos, suas disposições são bastante diversas. Algumas das folhas confiscadas pelas autoridades foram conservadas entre os State Papers. Restam apenas as páginas 25 a 32 (correspondentes ao caderno D de uma obra provavelmente mais longa), com várias intervenções manuscritas. Grifos e sinais nas marginais, feitos pelo próprio punho do Inspetor, sinalizavam as passagens mais perigosas do texto, algumas delas, inclusive, lidas durante o julgamento de John Twyn (ver *Figura 16*).

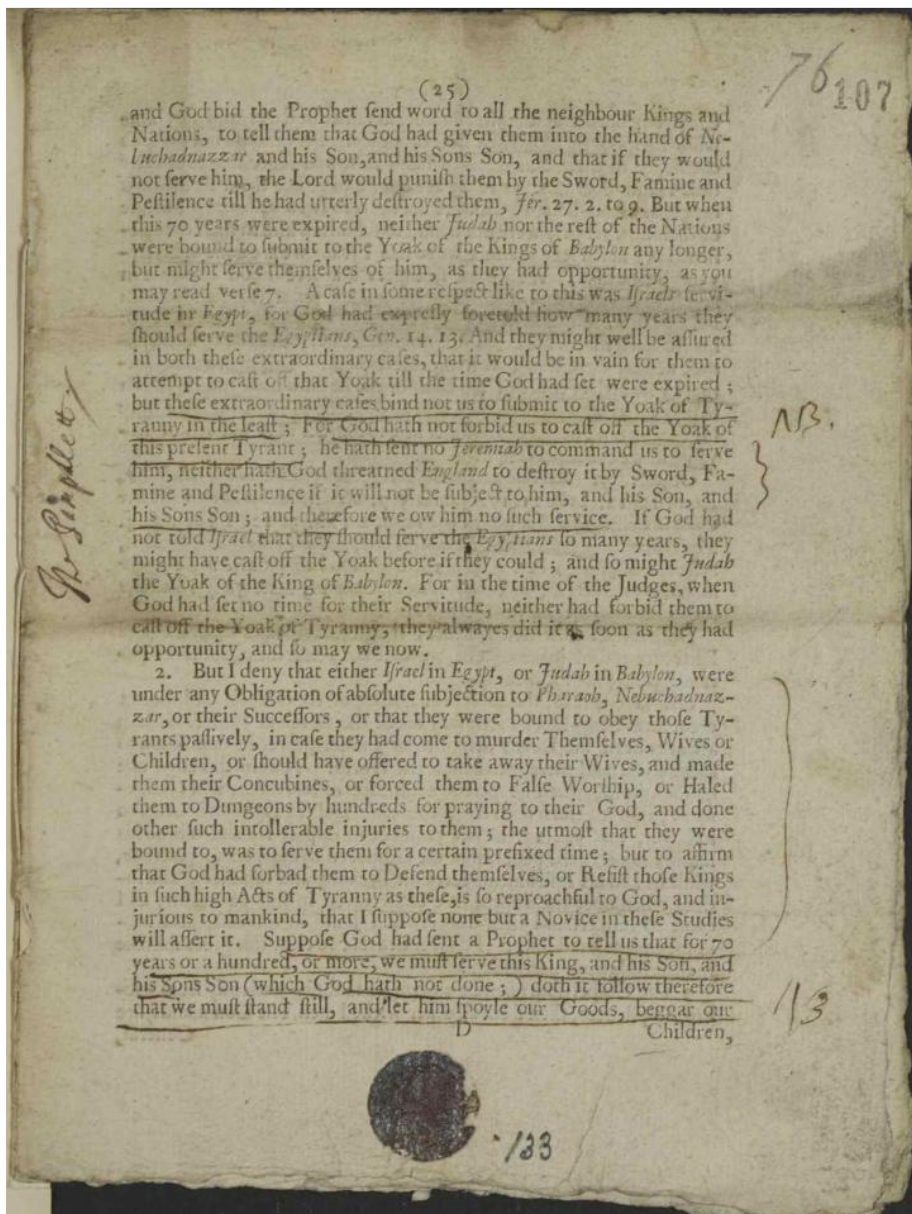


Figura 16: Primeira página disponível do panfleto confiscado por L'Estrange em 1663.²²⁵

As demais cópias de *A Treatise* não têm folha de rosto. O longo título aparece na primeira página, em itálicos: “*Um Tratado da Execução da Justiça, onde é claramente provado que a Execução do Julgamento e da Justiça, é tanto um Dever das Pessoas quanto dos Magistrados; e que se os Magistrados perverterem o Julgamento, as Pessoas estão Obrigadas pela Lei de Deus a executar o Julgamento sem eles, e sobre eles*”.²²⁶ Logo abaixo, observamos o único adorno utilizado em toda a composição: uma capitular decorada com florais (ver Figura 17). Há sinais de descontinuidade em todo o panfleto. A paginação vai de 1 a 24,

²²⁵ PRO SP29/88/107.

²²⁶ No original: “A Treatise of the Execution of Justice, wherein is clearly proved that the Execution of Judgement and Justice, is as well the Peoples as the Magistrates Duty; And that if Magistrates pervert Judgement, the People are bound by the Law of God to execute Judgement without them, and upon them”. **A Treatise of the Execution of Justice**, fl.1

depois, de 21 a 32. As assinaturas de impressão também são inconsistentes e possuem variações entre os exemplares remanescentes. Uma cópia disponível na biblioteca da Universidade de Cambridge indica que várias páginas foram canceladas e substituídas por outras. Há folhas adicionais entre os cadernos A, B, C e D, o que desordenou a sequência das páginas²²⁷. Enquanto isso, um exemplar da Universidade de Oxford é contínuo até a primeira folha do caderno B, o caderno C aparece de forma desordenada, com repetições da assinatura e inserção de folhas extras, e o D parece ter uma folha cancelada e substituída por outra.²²⁸

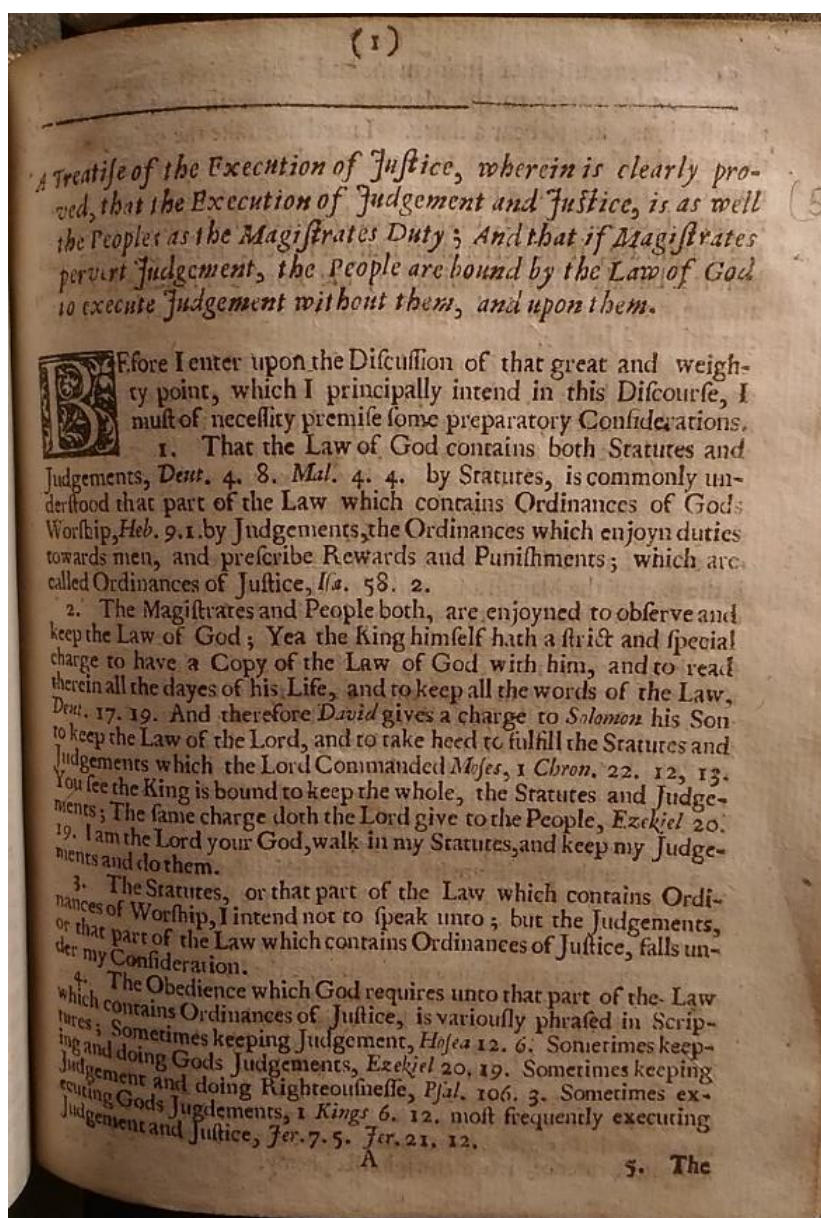


Figura 17: Primeira página *A Treatise of the Execution of Justice*.²²⁹

²²⁷ Fórmula colacional: A⁴ x1 B⁴ x2 C⁴ (C1 - x3; C2 - x4) D³ (D1 - x5). Cambridge University Library, Bb*.9.38(E).(3).

²²⁸ Fórmula colacional: A⁴ B1 C⁴ (- C1) =C⁴ (C1 - x1; C2 - x2) D³ (D1 - x3). Bodleian Library, Vet.A3 e.1248 (5).

²²⁹ Bodleian Library, Vet.A3 e.1248 (5).

Por sua vez, *Mene Tekel* parece ter sido produzido de forma mais organizada. As páginas e as assinaturas são sequenciais. Seu primeiro caderno, contudo, é o B em vez do A, sugerindo que havia a intenção de adicionar algum material preambular, que foi descartado ou que não ficou pronto a tempo de ser incorporado ao texto.²³⁰ Ao contrário dos exemplares confiscados por L'Estrange ou de *A Treatise, Mene Tekel* possui uma folha de rosto. Nela, vemos com destaque as palavras “Mene Tekel”, seguidas por um longo subtítulo que já introduzia o conteúdo da obra: “Ou, a Queda da Tirania. Um TRATADO onde a LIBERDADE e a EQUIDADE são Reviindicadas, e a TIRANIA Condenada, pela Lei de Deus e a Reta Razão: E o Poder, e o Direito das Pessoas de executarem a Justiça, sem, e sobre, os Governantes Cruéis, Afirmados”.²³¹ Abaixo, um pseudônimo, gerado a partir da combinação de termos em língua latina, ocultava a autoria do panfleto. Laophilus Misotyrannus apresentava-se ao público como um escritor-filósofo que odiava aos tiranos. Depois do pseudônimo, vemos o único ornamento do panfleto: cinco flores de impressão, adicionadas à folha de rosto para ocupar o espaço que ficaria em branco (ver *Figura 18*). Nas demais páginas não há detalhes decorativos para além de linhas finas, que precedem o início de cada um dos dez capítulos da obra (ver *Figura 19*).

²³⁰ Fórmula colacional: π1 B-L⁴M1.

²³¹ No original: “Or, The Downfal of Tyranny. A TREATISE wherein LIBERTY and EQUITY are Vindicated, and TYRANNY Condemned, by the Law of God and Right Reason: And the Peoples Power, and Duty, to execute Justice, without, and upon, Wicked Governors, Asserted.” MISOTYRANNUS, Laophilus. **Mene tekell, or, The downfal of tyranny.** [Londres:] s. n., 1663.

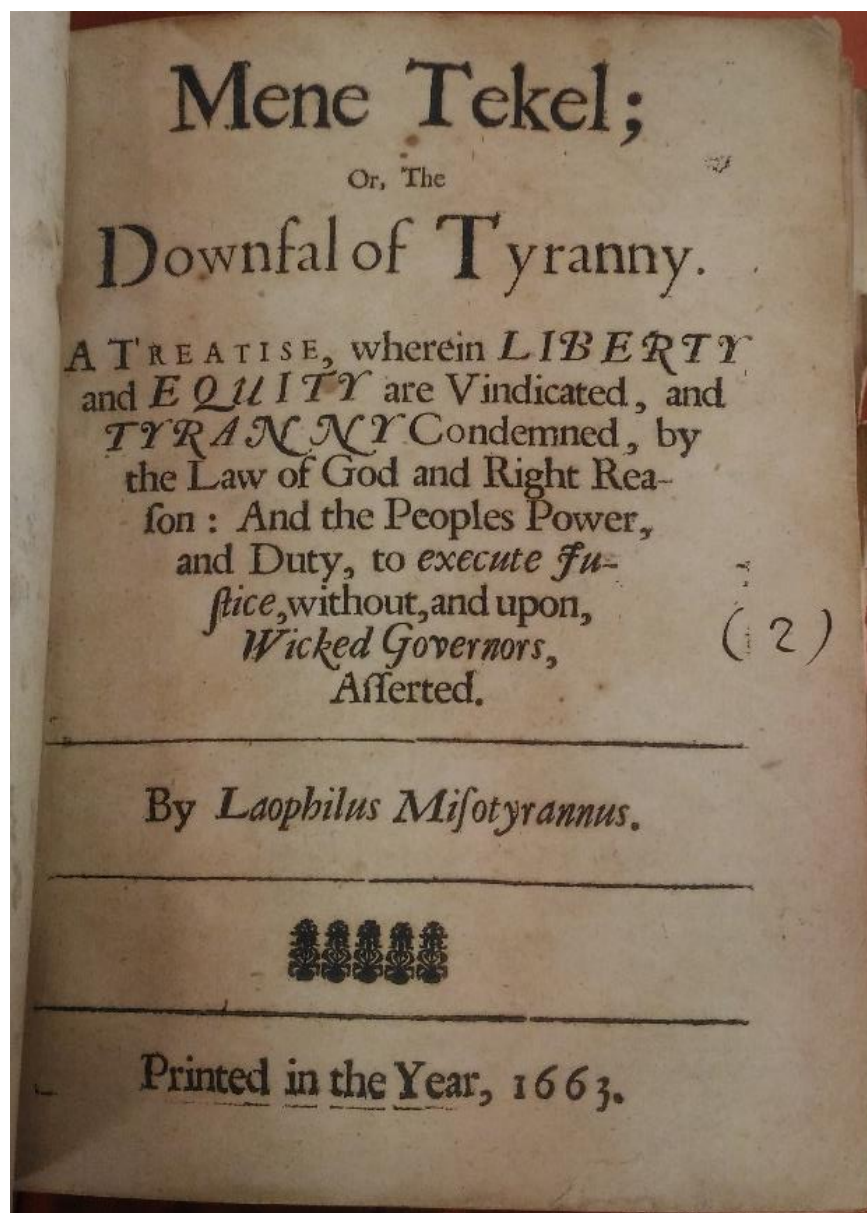


Figura 18: Folha de rosto de *Mene Tekel*.²³²

²³² Cambridge University Library, Bb*.9.38(E).(2).

C H A P. I.

Containing a Scriptural Description of Magistracy; also shewing that it is an Ordinance of God, what kind of Ordinance, and in what respect it is an Ordinance of Man.

IT being the usual method of Architects when they undertake a piece of building, in the first place to draw in a narrow compass a Platform of the same, according to which they afterwards raise the Structure: I think it not unprofitable for me to imitate them; I shall therefore present you with a Platform of the following work, I mean a Description of Magistracy, which comprehends in a few words those several Particulars which are the subject of this Treatise.

Magistracy is an Ordinance of God, for the right ordering of Commonwealths; whereby such as are meet for Government, are lawfully called to serve God and the People therein, for his Glory and their Good, in the execution of Judgement, and protection of those committed to their charge, and receive due Power, Honour, Tribute, and Obedience therefore. This Description takes in especially these seven Particulars: 1. The Nature of Magistracy. 2. The End of Magistracy. 3. The Call of Magistrates. 4. The Qualifications. 5. The Relation of Magistrates. 6. The Duty. 7. The Due of Magistrates, or what is due to them from the People; which is as much as I judge necessary at this present season for the handling of this point.

I shall endeavour in the strength of God to treat of them all distinctly, from Scripture and right Reason, with what brevity and perspicuity this weighty and knotty Subject, and the capacity of common Readers will allow.

The Lord open my understanding, that I may understand the Scriptures which relate to this Subject, and so guide me by his Spirit, that knowing I may make known his mind concerning this great Ordinance of his, which hath so long been abused; and thereby instruct the Ignorant, and convince the Gainers of those Truths, which the Scriptures deliver concerning the same.

First, Then to begin with the Nature of Magistracy.

It is an Ordinance of God for the right ordering of Commonwealths. That Magistracy is an Ordinance of God, is so clear from the abundant

B

Testimony

Figura 19: Primeira página de *Mene Tekel*.²³³

Além das divergências notadas nas primeiras páginas da cópia apreendida, há de se evidenciar que nenhum dos textos coincide por completo. Eles não são idênticos. Contrariando as análises que se resumiram a tratá-los como um único produto, os três documentos apontam diferentes fases ou redações dos mesmos pressupostos sobre a natureza e o exercício do poder, das leis e da justiça. De acordo com os três panfletos, todo poder provém de Deus, mas o divino o confiou ao povo. Por meio do consentimento, as pessoas o transferem aos soberanos sob a condição de que o poder seja utilizado para protegê-las, assegurando-lhes a preservação de suas liberdades, seus direitos naturais, e suas posses. Caso os governantes falhem em sua missão,

²³³ *Idem*.

incorrendo no contrário e, assim, atentando contra o bem público, eles se transformam em tiranos. O exercício da tirania, por sua vez, torna o regime ilegítimo e, portanto, faz com que seja um direito, e mesmo um dever, do povo substituir a indigna autoridade que lhe governa por outra. Nos três panfletos, a defesa de tais premissas é feita com base em argumentos bíblicos. Nesse sentido, o(s) autor(es) argumentava(m) contra as possíveis objeções quanto à resistência à tirania em diversas passagens.²³⁴ Nas folhas remanescentes da cópia suprimida por L’Estrange, constam apenas parte das respostas às objeções de números 6, 7 e 8. Ao consultarmos *A Treatise*, sabemos que no total havia 13 objeções. Já em *Mene Tekel*, tratado consideravelmente mais longo que os demais, há reflexões sobre 34 objeções.

A diferença na extensão dos panfletos pode nos levar a considerar que *Mene Tekel* era o texto completo, enquanto os exemplares suprimidos e reeditados de *A Treatise* eram apenas partes dele. John Twyn confessou ter trabalhado com ambos os títulos em sua oficina, o que nos leva a considerar que os textos poderiam ser composições similares e interdependentes, porém lançadas em versões diferentes para atingir públicos mais variados.²³⁵ Isso explicaria a similaridade dos argumentos, mas as diferenças na redação. Por exemplo, ao observarmos a cópia censurada, vemos que ela se inicia com parte da resposta à questão “*Mas o Senhor não comanda o Povo de Israel a viver pacificamente sob o Rei da Babilônia, e a rezar pela paz da Cidade, onde foram mantidos cativos, Jer. 29. 7. e ainda que o Rei da Babilônia fosse um Tirano [?]*”.²³⁶ Ao que o autor anônimo respondia que Deus havia colocado a tribo de Judá sob o comando de Nabucodonosor por 70 anos para prová-la, ameaçando-lhe com graves punições, como a fome, a peste e a guerra, caso desobedecesse à sua autoridade. Passado o período determinado por Deus, o povo não estava obrigado a continuar sob seu governo:

²³⁴ Sobre isso, vale a referência à teoria sobre a resistência aos governos tirânicos mobilizada pelos calvinistas. Em seu comentário ao quinto capítulo do Livro de Daniel, João Calvino afirmava que: “Embora aqui Deus fale apenas a um rei [Belsazar], e a escrita esteja colocada diante de seus olhos: ainda assim, podemos reunir uma doutrina geral disso, que Deus determinou um certo tempo para todos os reinos. [...] E por isso devemos nos confortar quando vemos tiranos agindo tão escandalosamente que não há medida em suas luxúrias e crueldade. Quando então eles se enfurecem como se misturassem o céu e a terra, vamos nos lembrar desta doutrina: *que seus anos estão contados*. Deus sabe quanto tempo é conveniente para eles reinarem: ele não pode ser enganado”. No original: “Although here God speake but to one king, and the writing was set before hys eyes: yet may we gather a generall doctrine hereof, that God hath determined a certayne time to all kingdoms. [...] And hereof should we take comfort when we see tyrauntes deale so outrageously that there is no measure in their lustes and cruelly. When then they do so rage as though they would mixe heauen and earth together, let vs remember this doctrine: *that their yeares are numbred*. God knoweth how long it is expedient for them to raigne: he can not be deceaued”. CALVINO, João. **Commentaires of that diuine Iohn Caluine, vpon the Prophet Daniell, translated into Englishe, especially for the vse of the family of the ryght honorable Earle of Huntingdon**. Londres: Iohn Daye, 1570, p.102. Sobre os debates acerca da tirania e do direito de revolta entre calvinistas e luteranos, ver: SKINNER, **As fundações do pensamento político moderno**; POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003.

²³⁵ **An exact narrative**.

²³⁶ No original: “*But doth not the Lord command the People of Israel to live peaceable under the King of Babylon, and pray for the peace of the City, where they were carried captives, Jer. 29. 7. yet the King of Babylon was a Tyrant [?]*”. **A Treatise of the Execution of Justice**, p.24.

mas estes casos extraordinários não nos comprometem minimamente a nos submeter ao Jugo da Tirania; Porque Deus não nos proibiu de rejeitar o Jugo deste presente Tirano; ele não enviou um *Jeremias* para nos obrigar a servi-lo, nem Deus ameaçou destruir a *Inglaterra* pela Espada, pela Fome e pela Peste caso não se submetesse a ele, a seu Filho, e ao Filho de seu Filho; e portanto nós não devemos a ele este serviço.²³⁷

A mesma passagem aparece nas cópias de *A Treatise*, porém com algumas pequenas modificações:

Mas isto não nos obriga a submeter nossos pescoços ao cruel jugo deste presente Tirano. Pois,

I. Deus não enviou um Profeta para nos informar, que é de sua vontade que o sirvamos; nem lançou nenhuma ordem sobre o Povo da *Inglaterra* para servi-lo, e a seu filho, e aos filhos de seus filhos, como ele fez sobre o Povo de *Judá*, para servir a *Nabucodonosor* e aos seus filhos. Quando o Povo do Senhor foi oprimido por Tiranos, e o Senhor não lhes proibiu de rejeitar seu jugo, eles tomaram a primeira oportunidade que tiveram para se libertarem.²³⁸

A resposta, baseada no caso da mensagem de Jeremias sobre a obediência a Nabucodonosor, também foi mobilizada em *Mene Tekel*, mas de forma bastante diversa, tanto no estilo, quanto no objetivo do texto. Por ser um texto mais longo e explorar mais detalhadamente cada uma das objeções possíveis à questão da resistência à tirania, *Mene Tekel* abordou o episódio do Livro de Jeremias em uma reflexão mais complexa sobre a natureza de governos legítimos. Conforme o texto, nem a conquista, nem a sucessão hereditária asseguravam o direito de exercer o poder. Era preciso, antes de mais nada, contar com o consentimento do povo, sinal concreto da licitude de um regime. Com base nessa premissa, a obra explicava que

o direito que *Nabucodonosor* tinha sobre a Terra de *Judá*, não era da Conquista, mas da Doação de Deus, e o Senhor enviou o Profeta *Jeremias* para dizer ao Povo de *Israel* e a todas as Nações ao redor, Que ele havia dado todos aqueles Reinos a *Nabucodonosor*

²³⁷ No original: “but these extraordinary cases bind not us to submit to the Yoak of Tyranny in the least; For Go hath not forbid us to cast off the Yoak of this present Tyrant; he hath sent no *Jeremias* to command us to serve him, neither hath God threatened *England* to destroy it by Sword, Famine and Pestilence if it will not be subject to him, and his Son, and his Sons Son; and therefore we ow[n] him no such service.” PRO SP29/88/107, p.25.

²³⁸ No original: “But this doth not oblige us to submit our necks to the cruel yoke of this present Tyrant. For, I. God hath not sent a Prophet to acquaint us, that it is his will we should serve him; nor laid any command upon the People of *England* to serve him; and his son, and his sons son, as he did upon the People of *Judah*, to serve *Nebuchadnezzar* and his sons. When the Lord’s People were oppressed by Tyrants, and the Lod had not forbid them to cast off their yoke, they took the first opportunity they had to deliver themselves.” **A Treatise of the Execution of Justice**, p.25.

e a seus filhos pelo período de setenta anos, e ameaça punir aquela Nação que não o servir, com a Espada, a Fome e a Peste, *Jer. 27.1, a 9*. Da mesma forma, foi a Doação de Deus que deu a *Israel* um Título para estas Nações, e sabemos bem, *Que a Terra é do Senhor, e a sua plenitude, e ele pode dá-la a quem quiser*. Se qualquer um puder provar infalivelmente, que Deus concedeu o Reino da *Inglaterra*, a ele [Carlos II] e a seus Filhos por setenta anos ou mais, eu acho que é nosso dever concordar com o soberano desejo e a boa vontade de Deus, e não a opor; mas se isso não pode ser provado, pleitear a Conquista é em vão. Força e Direito são tão opostos um ao outro quanto a Luz e a Escuridão. Um Pirata pode conquistar um Navio e pleitear tanto direito a governá-lo quanto um Conquistador a governar a República. ²³⁹

Tomando o recurso ao Livro de Jeremias como exemplo, é possível propor algumas considerações sobre os panfletos analisados no presente item. Em primeiro lugar, podemos afirmar que a cópia apreendida e disponibilizada nos State Papers, de fato, é uma edição de *A Treatise* impressa por John Twyn. As versões catalogadas e salvaguardadas em bibliotecas e arquivos sob o título de *A Treatise* podem ser provenientes da primeira tiragem entregue por Twyn a criada de Elizabeth Calvert ou de reedições confeccionadas por outros impressores, como Simon e Joan Dover, ou John Darby. Os sinais de descontinuidade entre os cadernos de *A Treatise* são indícios das complexas circunstâncias de sua produção. A ocultação da empreitada forçou Twyn a trabalhar em horários não usuais (e, portanto, com baixa iluminação) e a fazer frequentes interrupções no projeto solicitado por Elizabeth Calvert. Também há de se ressaltar que as variações entre os exemplares podem corroborar a hipótese dos censores seiscentistas de que o texto foi completado por outros sujeitos depois de John Twyn ter sido preso, como o casal Dover e/ou John Darby. De qualquer maneira, as análises pontuadas aqui indicam a necessidade de maior atenção à compreensão da produção de uma obra que, apesar de curta, barata e efêmera, causou alarde e levou à execução pública de um impressor.

Em segundo lugar, parece-nos equivocado caracterizar *A Treatise* e *Mene Tekel* como a mesma obra. Por mais intrincada que suas produções possam ter sido, elas não justificam afirmações de que se tratam de um único texto. Seja pela evidente diferença na extensão e na

²³⁹ No original: “the right *Nebuchadnezzar* had to the Land of *Judah*, was not by Conquest, but Donation from God, and the Lord sent the Prophet *Jeremiah* to tell the People of *Israel* and all the Nations round about, That he had given all those Kingdoms to *Nebuchadnezzar* and his Sons for the space of seventy years, and threatens to punish that Nation that would not serve him, with the Sword, Famine and Pestilence, *Jer. 27.1, to 9*. So likewise, 'twas the Lord's Donation that gave *Israel* a Title to those Nations, and we know well, *That the Earth is the Lords, and the fulness thereof, and he may give it to whom he pleaseth*. If any one can prove infallibly, that God hath made him a grant of the Kingdom of *England*, to him and his Heirs for seventy years or more, I think it our duty to acquiesce in the sovereign will and good pleasure of God, and not to oppose it; but if this cannot be proved, it is in vain to plead Conquest. Force and Right are as opposite to one another as Light and Darkness. A Pirate that hath conquered a Ship may plead as much right to govern it as a Conqueror to govern a Common-wealth.” MISOTYRANNUS, *Mene Tekel*, p.9.

organização dos textos, seja pelo estilo discursivo empregado neles, tratam-se de obras que se apresentam de formas muito distintas ao público leitor. Apesar de ambos os textos advogarem em favor da deposição de Carlos II, caracterizando-o como um tirano, e legitimando a resistência a partir de fundamentações teológico-políticas, eles não pareciam visar a mesma audiência, ou produzir os mesmos efeitos sobre ela. *A Treatise* era mais direto e incisivo do que *Mene Tekel*.

A Treatise tinha um evidente caráter panfletário, sendo mais enfático em suas concepções sobre o direito e, sobretudo, o dever de rebelião contra um tirano como Carlos II. O texto expressava que o povo estava incumbido pelas leis de Deus a fazer justiça, reagindo a maus governantes, caso os demais magistrados e instituições (como o Parlamento) falhassem em proteger e assegurar o bem comum porque “Se as Pessoas não cuidam da Execução da Justiça, quando o Magistrado a perverte, não há meio visível para a preservação da Terra; Pois se os Tiranos puderem exercer seus prazeres incontrolavelmente, e ninguém se opuser a eles, não há esperanças, além de que eles vão levar a Terra à Ruína e à Desolação”.²⁴⁰ Mas além de legitimar a soberania do povo e argumentar sobre seu dever de autopreservação, o panfleto tentava impelir seus leitores a uma imediata tomada de ação contra o tirano que lhes afligia naquele momento, Carlos II: “Esse homem obteve seu Poder a partir do Povo da *Inglaterra*, e é mantido por ele; e mesmo, se nós fôssemos seus servos, seria nosso dever resgatar nossos companheiros-servos de suas *mãos cruéis*, & não os deixar definhando em *Prisões imundas*, e serem *assassinados* um após o outro, como o são agora”.²⁴¹ *A Treatise* explicava que o monarca Stuart empobrecia as terras; sobretaxava a população para financiar seus luxos lascivos; oprimia ao povo; forçava seus súditos a se submeterem ao papismo, instituindo uma “tirania dos Bispos”²⁴²; e punia os verdadeiros cristãos, isto é, os não-conformistas, com a morte, assim como a temível rainha Maria I, a “Maria Sangrenta”. Tais fatos eram claros indícios de sua tirania e, portanto, indicavam que o povo estava resguardado perante a Escritura para resistir à sua opressão. O texto terminava questionando os leitores: “Quantas razões mais a *Inglaterra* precisa para rejeitar a Casa dos *Stuarts* do que *Israel* já precisou para rejeitar a Casa de *David*?”²⁴³

²⁴⁰ No original: “If the People do not take care of the Execution of Justice, when the Magistrate perverts it, there is no visible means left for the preservation of a Land; For if Tyrants may exercise their pleasures uncontroled, and none oppose them, there is no hopes, but that they will bring a Land to Ruine and Desolation”. **A Treatise of the Execution of Justice**, p.8.

²⁴¹ No original: “This man had his Power from the People of *England*, and is maintained by them; and yet, if we were his servants, it were our duty to rescue our fellow-servants out of his *cruel hands*, & not suffer them to lie languishing in *filthy Prisons*, and be *murdered* one after another, as now they are.” *Idem*, p.25.

²⁴² No original: “tyranny of Bishops”. *Idem*, p.16.

²⁴³ No original: “O how much more reason hath *England* to reject the House of the *Stuarts* then ever *Israel* had to reject the House of *David*?” *Idem*, p.14.

Já *Mene Tekel*, apesar de defender com assertividade as mesmas perspectivas, o fazia com o intuito de atingir um público mais erudito. Seu chamado à ação não era tão explícito quanto o de *A Treatise*. É significativo que em nenhum momento, *Mene Tekel* tenha sequer mencionado o nome de Carlos II. Ao invés disso, ele apenas sugeria a oposição ao rei por meio da construção de analogias entre exemplos bíblicos e o contexto vivenciado por homens e mulheres na Inglaterra dos seiscentos. O texto, assim, oferecia respostas aos anseios contemporâneos, mas, paralelamente, também realizava um esforço teórico para caracterizar bons e maus governos, e autorizar a resistência contra a tirania. Nesse sentido, argumentava que o

Governo é [...] de Deus; e a Tirania do Demônio. Nós não podemos desprezar Governantes legítimos; que executam a Justiça, e regem com Temor a Deus; mas podemos desprezar aqueles Governantes que Oprimem, Matam e Destroem o Povo. [...] Pois não há dignidade na Tirania, ela é a maior indignidade do Mundo. Nós não podemos falar com reprovação sobre o Governo, porque é a Ordenação de Deus para o nosso bem, e há muita Dignidade ou Glória na *Instituição* de Deus. Mas podemos [fazê-lo] com a Tirania, porque é uma Invenção do Demônio e de homens Perversos, para o nosso sofrimento, e é uma coisa vil e abominável, odiosa para Deus e o Homem.²⁴⁴

Por mais que a Bíblia, em especial o capítulo 25 do Livro de Mateus, explicasse que não se devia reagir contra uma agressão, mas oferecer a outra face, *Mene Tekel* defendia que era perfeitamente admissível criticar, desobedecer, confrontar e até matar um tirano. Segundo o texto,

se você entender as palavras: *Não resista ao Mal*, como a proibir toda a Resistência ao Mal, seria impossível para o Mundo subsistir: Pois se nós não resistirmos àqueles que vêm para nos matar, nos roubar, queimar as nossas casas, violentar as mulheres, levar as nossas crianças como escravas, e fazer tais maldades intoleráveis, nós deveríamos partir do Mundo, pois não haveria vida aqui.

Eu concludo portanto, que essa passagem não proíbe uma pessoa privada, de resistir a qualquer Mal grande e insuportável, que possa ser apresentado à Vida, Liberdade ou Propriedade, de si mesmo ou de outros; muito menos proíbe que as Pessoas resistam a um Governante Cruel e Tirano, que por sua Posição está obrigado

²⁴⁴ No original: "Government is [...] from God; Tyranny from the Devil. We may not despise lawful Rulers, such as execute Justice, and rule in the Fear of God; but we may despise those Rulers who Oppress, Murder and Destroy the People. [...] For there is no dignity in Tyranny, it is the highest indignity in the World. We may not speak reproachfully of Government, because it is Gods Ordinance for our good, and there's much Dignity or Glory in Gods *Institution*. But we may of Tyranny, because it is an Invention of the Devil and wicked Men, for our hurt, and is a vile abominable thing, hateful to God and Man." MISOTYRANNUS, *Mene Tekel*, p.67.

a protegê-las, e ainda assim pérfida e traiçoeiramente, as oprime, matando a algumas, aprisionando a outras, por fazerem o bem, empobrecendo e escravizando a todas.²⁴⁵

A teoria da resistência expressa em *Mene Tekel* era sustentada por sua perspectiva eminentemente milenarista.²⁴⁶ Ainda que as referências diretas aos Livros de Daniel e Apocalipse não fossem numerosas ao longo do tratado, sua folha de rosto demarcava a clara inspiração profética. A expressão “Mene Tekel”, utilizada e destacada no título, vinha do quinto capítulo do Livro de Daniel, no qual constava a história do banquete de Belsazar, rei da Babilônia. Segundo a Escritura, Belsazar, antecessor de Nabucodonosor, havia convidado milhares de seus senhores, acompanhados de suas esposas e concubinas, para uma festividade em seu palácio. Nessa ocasião, o rei serviu vinhos aos seus convidados em cálices provenientes de um templo em Jerusalém. Enquanto bebiam, todos louvavam a deuses pagãos. Subitamente, uma mão surgiu e escreveu nas paredes do recinto: “Mene, mene, tekem, upharsin”.²⁴⁷ Sem entender as palavras, Belsazar convocou astrólogos, adivinhos e sábios, prometendo-lhes fartas recompensas caso conseguissem decifrar a mensagem. O único homem hábil e pio o suficiente para a tarefa era Daniel. Ao ser chamado, o profeta esclareceu os misteriosos escritos, dizendo: “Mene – Deus contou o teu reino e o finalizou. Tekem – Tu foste pesado nas balanças e encontrado em falta. Peres – Teu reino foi dividido e dado aos medos e persas”.²⁴⁸ De acordo com a narrativa bíblica, na mesma noite, a Babilônia teria sido invadida e conquistada por Dário, o medo.

A escolha do título, estampado com grande ênfase na folha de rosto, não era fortuita (ver *Figura 18*). Ela evocava a expectativa pela queda das quatro monarquias ou impérios antes do advento do Quinto e Último Reino de Cristo.²⁴⁹ Mais do que isso, ela associava a destruição das tiranias à aguardada profecia do Milênio. Se os leitores poderiam, por meio de todas as reflexões expressas em *Mene Tekel*, concluir que Carlos II possuía características tais como as dos tiranos

²⁴⁵ No original: “if you would understand the words, *Resist not Evil*, to forbid all Resistance of Evil, it were impossible for the World to subsist: For if we may not resist those who come to murder us, rob us, burn houses, ravish women, carry away our children for slaves, and do such like intolerable evils, we must go out of the World, for there is no living here. / I conclude therefore, that this place doth not forbid a private person, to resist any great and unsufferable Evil, which may be offered to the Life, Liberty or Estate, of himself or others; much less doth it forbid the People to resist a Cruel and Tyrannous Governour, who by his Office is bound to protect them, and yet most perfidiously and traitterously, doth oppress them, murdering some, imprisoning others, for doing well, impoverishing and enslaving all” *Idem*, p.81.

²⁴⁶ SKINNER, *As fundações do pensamento político moderno*.

²⁴⁷ Daniel 5:25.

²⁴⁸ Daniel 5:26-28.

²⁴⁹ Cabe mencionar que a expressão também já havia aparecido num texto do pentamonarquista John Rogers, impresso em 1654: ROGERS, John. **Mene, tekem, peres, or, A little appearance of the hand-writing (in a glance of light) against the powers and apostates of the times. By a letter written to, and lamenting over Oliver Lord Cromwell. By John Rogers. In this woful howre of his temptation, and of Sions sore pangs, and solemne appeals; and of the precious saints imprisonments and persecution for this most glorious, betrayed denyed, and crucified cause of Christ Jesus King of Saints and nations.** [Londres : s.n., 1654].

descritos em diferentes episódios bíblicos, a menção ao caso narrado no quinto capítulo de Daniel “fornecia uma analogia apropriada para a destruição antecipada de Carlos II e a vitória dos devotos sobre os monarcas pecadores e mundanos”.²⁵⁰ As palavras divinas inscritas no salão palaciano de Belsazar asseguravam a iminência da aniquilação dos poderes anticristãos. E a tirania certamente era demoníaca, pois “Deus não ordenou nenhum Poder para oprimir ou ferir o Povo; e portanto, ao resistir a um Poder que nos oprime, não podemos resistir à Ordenação de Deus.”²⁵¹ Os “Reis tirânicos da quarta Monarquia”, ao contrário, receberam seu poder do “*Dragão, ou Diabo*”.²⁵² Se esse era o caso, a tirania de Carlos II estava fadada à destruição. Se o povo resistisse ao rei, portanto, comportar-se-ia de acordo com o que já havia sido prognosticado na Escritura. Mas mais do que um lembrete de que os anos dos tiranos “*estão contados*”²⁵³, a referência ao Livro de Daniel justificava a ação humana. A promessa milenarista contava com a intervenção direta do povo cristão. Rebelar-se, portanto, era imperativo, era a postura do verdadeiro fiel, que colaborava com os desígnios da Providência, e combatia a ação do Demônio. Não bastava esperar passivamente pelo cumprimento das profecias, pois era um direito e um dever resistir à tirania de Carlos II.²⁵⁴

Embora não contasse com a potente mensagem profética da folha de rosto de *Mene Tekel*, as edições de *A Treatise* expressavam a mesma perspectiva quanto à urgência de agir contra a tirania terrena e anticristã. Disseminados num mesmo contexto, os panfletos preparados pelos Estacionários Confederados demonstravam sua profunda oposição à monarquia restaurada e tentavam incitar uma reação dos súditos contra Carlos II. As conspirações e rebeliões da época podiam não ter dado frutos ainda, mas, para alguns, isso não implicava na conclusão de que seu projeto profético-político estava vencido. As profecias eram constantemente atualizadas e as formas de resistência também.

²⁵⁰ No original: “provided a fitting analogy for the anticipated destruction of Charles II and the victory of the godly over sinful worldly monarchs”. JOHNSTON, **Revelation restored**, p. 70.

²⁵¹ No original: “God hath ordained no Power to oppress or injure the People; and therefore in resisting a Power that oppresseth us, we cannot resist God's Ordinance.” MISOTYRANNUS, **Mene Tekel**, p.72.

²⁵² No original: “tyrannous Kings of the fourth Monarchy”; “*Dragon, or Devil*”. *Idem, ibidem*.

²⁵³ No original: “*are numbred*”. CALVINO, **Commentaires**, p.102.

²⁵⁴ GREAVES, **Deliver us from evil**; KEEBLE, **The Literary Culture of Nonconformity**; ACHINSTEIN, Sharon. **Literature and Dissent in Milton's England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003; KNOPPERS, Laura Lunger, “'Revell like Belshazzar': censorship, biblical allusion, and Milton's 1671 poems”. **Milton Studies**, v. 48, p. 113–134, 2008; CAPP, “A Door of Hope Re-opened”; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; JOHNSTON, **Revelation restored**; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**.

Capítulo 3

Sinais de Deus

[...] o *Mene Tekel* na Parede significou o desastre de *Belsazar*, que embora soubesse de tudo o que Deus havia feito por seu *Pai*, *ainda assim não humilidou o seu coração, mas se levantou contra o Senhor do céu, e ao menos com a sua presença manteve e encorajou reuniões ébrias e devassas, onde os Cálices do templo* (os espólios do povo do Senhor) foram *profanados*, o Deus *Supremo blasfemado*, e os *Deuses de Ouro, de Prata, de bronze, de Ferro, de madeira, e de pedra foram louvados e exaltados*; e diz o Texto que *naquela mesma hora surgiram dedos da mão de um homem, &c.* Então Deus por meio de um Prodígio reprovou severamente a devassidão desse Rei e de suas Concubinas, com o resto de seus *Associados*, e deste modo declarou o abrupto período e fim do seu *Reino*.

Mirabilis Annus, 1661¹.

O radicalismo milenarista de meados do século XVII não era, como observado por John Coffey, antimonarquista *per se*. Pastores, teólogos e autores que se debruçavam sobre as profecias bíblicas a fim de compreender os desígnios da Providência, “enfaticavam que os reis seriam derrubados na medida em que fossem tiranos, perseguidores dos santos e adeptos da Besta”.² Suas exegeses e cronologias tentavam decifrar os mistérios das palavras de Deus, mas como esta era uma tarefa árdua, por vezes, era preciso reconsiderar e repensar as hipóteses levantadas. Já que a

¹ No original: “the *Mene Tekel* on the Wall did signifie evil to *Belsazar*, who though he knew all that God had done to his *Father*, yet humbled not his heart, but lifted up himself against the Lord of heaven, and by his *presence at least* did keep up and encourage *drunken and debauched meetings*, wherein the *Vessels of the temple* (the spoiles of the Lords people) were *prophaned*, the *High God blasphemed*, and the *Gods of Gold, and Silver, of brase, of Iron, of wood, and of stone were praised* and magnified; and saies the Text in *that same hour came forth fingers of a mans hand, &c.* So that God by a Prodigy doth sharply reprove the debauchery of this King and his concubines, with the rest of his *Associates*, and thereby also declares the sudden period and determination of his *Kingdom*.” **Eniaytos terastios Mirabilis annus, or, The year of prodigies and wonders, being a faithful and impartial collection of severall signs that have been seen in the heavens, in the earth, and in the waters; together with many remarkable accidents, and judgements befalling divers persons, according as they have been testified by very credible hands: all which have happened within the space of one year last past, and are now made publick for a seasonable warning to the people of these three kingdoms speedily to repent and turn to the Lord, whose hand is lifted up amongst us.** [Londres:] s. n., 1661. fl.3v.

² No original: “they emphasised that kings would be toppled insofar as they were tyrants, persecutors of the saints, and adherents of the Beast.” COFFEY, “The Impact of Apocalypticism”, p. 131–132.

Escritura poderia ser analisada de formas diversas, entre interpretações mais literais ou mais alegóricas e analógicas, havia uma multiplicidade de concepções, comumente antagônicas, acerca dos seus significados. Desta forma, a Bíblia oferecia argumentos para legitimar ou confrontar diferentes cenários políticos, religiosos, sociais e culturais, guiando as ações humanas em todas as suas esferas e nos mais diversos contextos.³ Não é, portanto, de se espantar que as expectativas milenaristas tenham se atualizado durante o período da Restauração.⁴

Apesar de grande parte dos estudos sobre a questão tenham tido como foco as décadas de 1640 e 1650, descrevendo-as como o ápice do “entusiasmo milenarista”⁵ que mobilizou uma “camada de lunáticos”⁶ a contraporem as autoridades dos governos carolino e cromwelliano, é preciso frisar que as expectativas profético-políticas com relação à Segunda Vinda de Cristo e ao estabelecimento concreto de Seu governo na Terra não desapareceram com a volta da monarquia na Inglaterra. Pesquisadores como Jeffrey Jue esforçaram-se para demonstrar que o milenarismo não é fruto exclusivo de contextos disruptivos, mas uma questão teológica de profundo interesse ao longo da história, independentemente de agitações sociais como a Revolução Inglesa.⁷ Outros, ainda que interessados justamente nos momentos de instabilidade política, como Bernard Capp, declararam que: “A excitação milenarista das guerras civis marcou o fim de um capítulo, não de uma história. A crença apocalíptica com uma clara dimensão política permaneceria como parte da principal corrente de pensamento até o fim da era Stuart.”⁸

Preocupada especificamente com o pensamento religioso e a literatura do período da Restauração, Sharon Achinstein indicou que “as crenças no milenarismo radical, as esperanças de que o fim dos tempos estava próximo, dificilmente foram silenciosas.”⁹ Para a autora, a “experiência da derrota”¹⁰ não levou a qualquer quietismo. Ao contrário, em sua perspectiva, o que a volta da monarquia causou, especialmente depois da promulgação da Lei de Uniformidade em 1662, foi a necessidade da reformulação dos discursos profético-políticos, que passaram a realizar

³ HILL, *Antichrist in seventeenth-century England*; HILL, Christopher. *The English Bible and the seventeenth-century revolution*. Londres: Penguin Press, 1993.

⁴ JOHNSTON, *Revelation restored*; GREAVES, *Deliver us from evil*; GREAVES, *Enemies under his feet*; GREAVES, *Secrets of the Kingdom*; GREAVES, Richard L. *John Bunyan and English nonconformity*. Londres: Hambledon Press, 1992.

⁵ HILL, *O mundo de ponta-cabeça*, p. 109.

⁶ *Idem*, p. 33.

⁷ JUE, *Heaven upon earth*.

⁸ No original: “The millennial excitement of the civil wars marked the end of a chapter, not of the story. Apocalyptic belief with a clear political dimension was to remain part of the mainstream of thought down to the very end of the Stuart age.” CAPP, Bernard. “The political dimension of apocalyptic thought”. In: PATRIDES, C. A.; WITTEICH, Joseph Anthony. *The Apocalypse in English Renaissance Thought and Literature: Patterns, Antecedents, and Repercussions*. Manchester: Manchester University Press, 1984.

⁹ No original: “beliefs in radical millenarianism, the hopes that end-time was near, were hardly quiet.” ACHINSTEIN, *Literature and Dissent*, p. 9–10.

¹⁰ HILL, *The experience of defeat*.

experimentos “com a forma, a voz, a figuração, o gênero e a metáfora poéticos; e politizaram as categorias estéticas de inspiração e do sublime”¹¹.

Na mesma linha, Warren Johnston apontou que as perspectivas milenaristas e apocalípticas não foram esvaziadas com a Restauração, nem passaram a ser partilhadas apenas entre uma minoria barulhenta e fanática. As profecias certamente continuaram a ser objeto de escrutínio fosse de apoiadores de Carlos II, fosse de opositores moderados ou dos sectários mais radicais. Dirigindo suas críticas ao rei de forma mais figurativa ou, ao contrário, mais explícita, exegetas heterodoxos seguiram incomodando as autoridades ao longo de toda a segunda metade do século XVII. Entre as diversas facetas dessas perspectivas antagônicas estavam as narrativas

[...] de prodígios e estranhos acontecimentos interpretados como sinais da aproximação do clímax dos eventos apocalípticos. Essas publicações não aconselhavam especificamente as pessoas a desobedecerem às autoridades civis ou a reclamar a queda da monarquia, mas criticavam a igreja restaurada e sugeriam que o governo logo seria derrubado.¹²

Mesmo que algumas obras posteriores a 1660 pudessem parecer, à primeira vista, ser menos “entusiasmadas” (para usar a expressão de Christopher Hill) ou excitadas (para recorrer ao termo de Bernard Capp) em seu milenarismo radical, seu teor não era menos provocativo às autoridades do que os textos da época revolucionária. Como notado por Achinstein e Johnston, faz-se necessário entender como outras práticas e táticas foram empregadas para responder aos anseios milenaristas e apocalípticos daqueles que experienciaram o mundo virar de ponta-cabeça e, depois, voltar aos gonzos. Tendo isso em vista, neste capítulo, nos concentramos em cinco publicações lançadas pelos Estacionários Confederados entre 1660 e 1662: *Lords Loud Call to England* (1660), os três volumes de *Mirabilis Annus* (1661-1662) e *Panther Prophecy* (1662). Enfocando-se, sobretudo, na narrativa de prodígios e na exegese de profecias bíblicas, esses panfletos recusaram o governo restaurado, indicando que a ascensão de Carlos II era uma nova provação destinada a testar os cristãos. Os desígnios de Deus ainda estavam por se cumprir, portanto, os governos mundanos e anticristãos em breve seriam devastados para dar lugar à Quinta e Última Monarquia. O Retorno de Cristo era iminente para aqueles que soubessem interpretar os novos sinais divinos

¹¹ “with poetic form, voice, figuration, genre, and metaphor; and they politicized the aesthetic categories of inspiration and the sublime.” ACHINSTEIN, **Literature and Dissent**, p. 9–10.

¹² No original: “[...] of prodigies and strange occurrences interpreted as signs of the approaching climax of apocalyptic events. These publications did not specifically advise people to disobey civil authorities or call for the overthrow of monarchy, but they did criticize the restored church and implied that the government would soon be overturned.” JOHNSTON, **Revelation restored**, p. 71.

demonstrados nos vários acontecimentos do início dos anos 1660. E os Confederados pretendiam trazer esses indícios à luz, mantendo viva a esperança de que Jesus inauguraria seu prometido reino de mil anos de felicidade, e pedindo para que o povo conservasse sua atenção aos chamados de Deus.

3.1. Prodígios, milagres e fenômenos sobrenaturais

Henry Jessey, Livewell Chapman e Francis Smith, talvez acreditassem que, de fato, o Senhor fazia um chamado à Inglaterra, ou ao menos era isso o que indicaram no título de um pequeno panfleto em quarto publicado no início de agosto de 1660. *The Lords Loud Call to England* vinha a público para relatar

alguns do Últimos, Vários, e Maravilhosos *Julgamentos*, ou Obras de Deus, por meio de Terremoto, Relâmpago, Redemoinho, grandes multidões de Sapos e Moscas; e também do acometimento de diversas pessoas com Morte Súbita; para quais Causas deixe o homem de sabedoria julgar, em sua leitura séria do próprio Livro.¹³

O excerto, retirado do longo subtítulo do panfleto, contextualizava a que Jessey, Chapman e Smith se referiam quando enunciavam o urgente e sonoro sinal de Deus – tão chamativo quanto os grandes caracteres utilizados na composição do título (*Figura 20*).

O gênero das notícias prodigiosas não era novo, nem incomum na Inglaterra Moderna. Baladas e panfletos narrando estranhos acontecimentos eram frequentemente cantados nas ruas, declamados em espaços públicos, e lidos em voz alta ou baixa. A introdução da prensa de tipo móvel acelerou sua disponibilização e circulação por todas as partes.¹⁴ No verão de 1660, *The Lords Loud Call* não era a única compilação de milagres e fenômenos sobrenaturais. Talvez seja por essa razão que o seu título tenha sido composto em um tamanho tão avantajado. É provável que, com isso, tentasse captar a atenção dos potenciais leitores à distância (*Figura 20*). Em uma disputa com

¹³ No original: “some Late, Various, and Wonderful *Judgements*, or Handy-works of God, by Earthquake, Lightening, Whirlewind, great multitudes of Toads and Flies; and also the striking of divers persons with Sudden Death, in several places; for what Causes let the man of wisdom judge, upon his serious perusal of the Book it self.” JESSEY, Henry. **The Lords loud call to England: being a true relation of some late, various, and wonderful judgments, or handy-works of God, by earthquake, lightening, whirlwind, great multitudes of toads and flies; and also the striking of divers persons with sudden death, in several places; for what causes let the man of wisdom judge, upon his serious perusal of the book it self.** Londres: Livewell Chapman; Francis Smith, 1660, fl.1.

¹⁴ CAPP, Bernard. **Astrology and the Popular Press: English Almanacs 1500-1800.** Londres: Faber and Faber, 1979; WALSHAM, Alexandra. **Providence in early modern England.** Oxford: Oxford University Press, 2003; FEHLER, Timothy G.; HARTMAN, Abigail J. (orgs.). **Signs and wonders in Britain’s age of revolution: a sourcebook.** Londres: Routledge; Taylor & Francis Group, 2018.

outros textos disponíveis naquela época, o panfleto de Jessey, Chapman e Smith texto pretendia sobrepor seus adversários não apenas na disputa comercial do mercado livreiro, mas no embate pelo convencimento da opinião pública. Diferentemente do que *The Lords Loud Call* propunha, outras compilações de prodígios lançadas pouco depois do retorno do rei sugeriam que os estranhos fenômenos eram noticiados nos últimos tempos eram indícios da inauguração de uma época de paz e felicidade sob o reinado de Carlos II. *Natura Prodigiorum* do astrólogo regalista John Gadbury, por exemplo, congratulava o general George Monck e o rei Carlos II por colocarem fim às disputas e tensões, “o que exatamente fala tanto da mais Graciosa e especial Providência de Deus, para vossa Honra, e destes Reinos, que *a verdadeira e essencial causa desta Transformação tão feliz*, não deve ser lida em nenhum lugar além da Sagrada Escritura dos *Milagres Divinos*.”¹⁵

¹⁵ No original: “which very thing, speaks so much of God most Gracious and especial Providence, to your Honour, and these Kingdoms, that the true essential cause of this most happy Turn, is to be read no where but in the Sacred Scrowl of Divine Miracles.” GADBURY, John. **Natura prodigiorum or, a discourse touching the nature of prodigies. Together with the kinds, causes and effects, of comets, eclipses, and earthquakes.** Londres: J. C.; Francis Cossinet; Thomas Basset, 1660, fl.3.

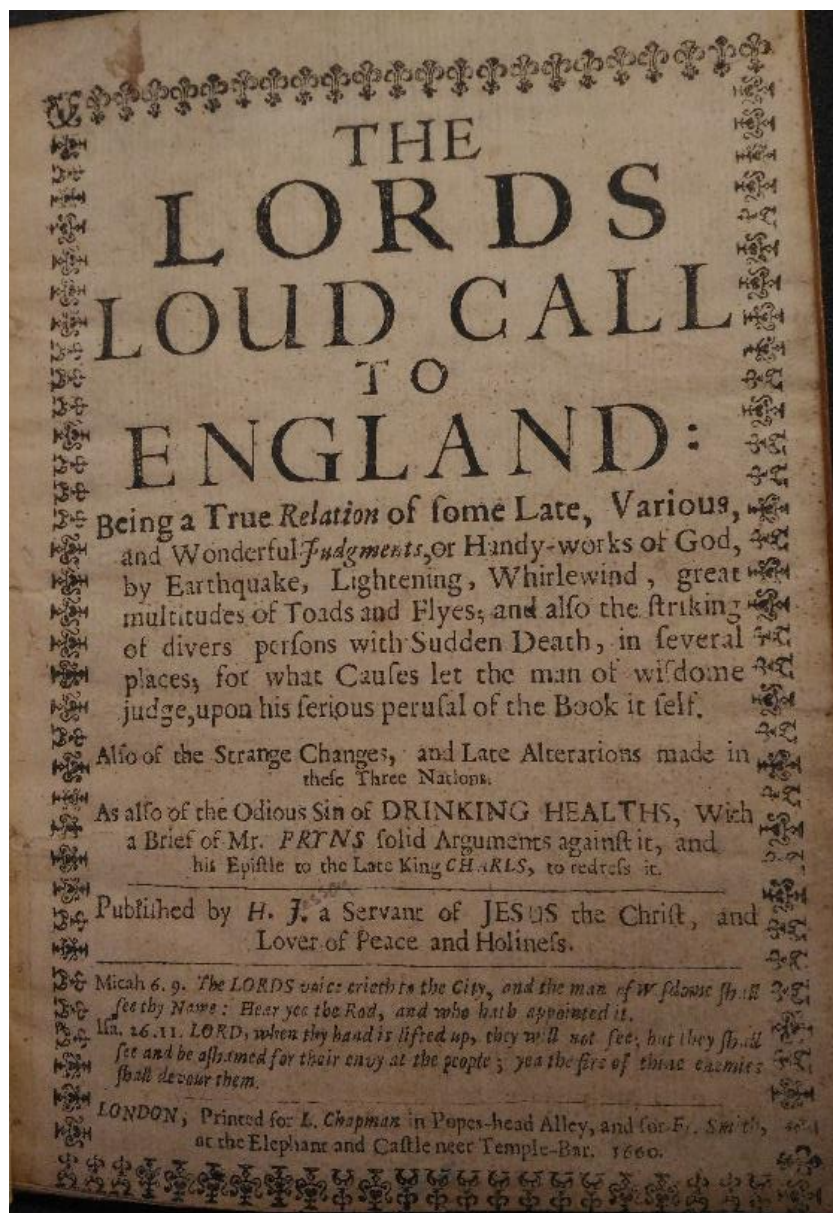


Figura 20: Folha de rosto de *Lords Loud Call*¹⁶.

The Lords Loud Call to England exprimia precisamente o contrário do texto de Gadbury. Ao longo de suas 44 páginas, a compilação de acontecimentos registrada por Henry Jessey não pretendia exaltar a Restauração de Carlos II, mas mostrar como os fenômenos naturais e sobrenaturais noticiados declaravam a iminência da destruição do presente governo. Não obstante, o panfleto tinha o cuidado de não fazer críticas diretas ao monarca, apresentando-se ao público leitor como uma coletânea de fatos que, inquestionavelmente, sinalizavam a desaprovação divina das posições políticas e religiosas do rei, sobretudo no que dizia à sua preferência pelo sistema episcopal de administração da Igreja e à sua intolerância com relação às seitas independentes. Por

¹⁶ British Library, G.3885.

conta da aparente discrição dos argumentos oposicionistas, Henry Jessey, Livewell Chapman e Francis Smith não se preocuparam em ocultar seus nomes da publicação, permitindo seu reconhecimento. A menção aos nomes dos estacionários e às iniciais de Jessey poderia, inclusive, servir como um elemento de reforço da autoridade e veracidade dos conteúdos do panfleto. Além de ser um conhecido pastor independente, Jessey era um estudioso da teologia hebraica e cristã, e um redator de almanaques.¹⁷ Seu nome, portanto, evocava as habilidades necessárias para interpretar movimentos celestes, fenômenos naturais, milagres e prodígios, corroborando a validade de *The Lords Loud Call* enquanto antagonista de obras como as de John Gadbury. Além disso, na folha de rosto, Jessey também era apresentado ao público como “um Servo de JESUS o Cristo, e Devoto da Paz e da Santidade”¹⁸, reforçando seu compromisso exclusivo com a verdade e a fé. Tendo construído as bases para que o panfleto pudesse ser creditado entre os leitores, Livewell Chapman e Francis Smith incluíram seus nomes no *imprint*, indicando onde obras semelhantes poderiam ser encontradas (ver *Figura 20*).

Com críticas veladas, os produtores de *The Lords Loud Call* acreditavam estar livres de possíveis desentendimentos com as autoridades. Além disso, poderia contar ao seu favor o fato de o panfleto ser uma coleção de vários relatos, isto é, não se tratar de um texto redigido exclusivamente pela pena de Henry Jessey com o intuito de fazer frente ao governo. Na verdade, *The Lords Loud Call* era um trabalho coletivo, editado por Jessey, Chapman e Smith. O texto unia diversas vozes, anexando passagens provenientes de cartas e outros textos (alguns deles já impressos), por meio dos quais era possível acessar variados relatos de eventos ocorridos em diversos lugares da Europa e, sobretudo, da Bretanha. Sua natureza descritiva e informativa fazia com que o texto se apresentasse aos leitores quase como uma espécie de “jornal místico” por meio do qual as pessoas poderiam saber o que se passava no mundo natural e sobrenatural. *The Lords*

¹⁷ Na Época Moderna, os almanaques faziam parte da imprensa popular. Circulavam amplamente para descrever os fenômenos astrológicos que ordenavam a vida prática. Seus dados eram consultados para programar atividades agrícolas, guiar decisões políticas e diplomáticas, examinar questões religiosas, bem como para entender momentos de crise (como guerras e epidemias) e até mesmo problemas individuais. De acordo com Bernard Capp, fontes dos anos 1660 indicam que mais de 400 mil cópias de almanaques eram comercializadas anualmente. Tal valor permitiu que o historiador estimasse que ao menos uma a cada três famílias comprasse um almanaque por ano. Sobre Henry Jessey e a circulação de almanaques impressos ver, entre outros: CAPP, **Astrology and the Popular Press**; WRIGHT, Stephen. "Jessey [Jacie], Henry (1601–1663), nonconformist minister". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2010. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-14804>>, acessado em 10/07/2022; ADLER, Jonathan L. "'Jessey the Educator' and 'Jessey the Jew': Henry Jessey, Hebraism, and Puritan pedagogy in seventeenth-century England". **Jewish Historical Studies**, v. 47, (1) n. 10, pp.105-136, 2015.

¹⁸ No original: “a Servant of JESUS the Christ, and Lover of Peace and Holiness.” JESSEY, **The Lords Loud Call**, fl.1.

Loud Call apresentava-se, assim, como um veículo que amplificava a mensagem de Deus, expressa em todos os fenômenos experienciados e noticiados por muitos.¹⁹

Seu objetivo parecia ser autorizado e corroborado pelas duas passagens bíblicas incluídas na folha de rosto, entre a indicação da autoria e o *imprint*. A primeira, de Miquéias, apontava que “*A voz do SENHOR clama à cidade, e o homem Sábio verá o teu nome: Ouvirá a Vara, e quem a designou.*”²⁰ Os sinais divinos poderiam ser ignorados, mas Deus prevaleceria sobre os indolentes e ímpios. Assim, citando Isaías, a folha de rosto do panfleto também declarava: “*SENHOR, quando a tua mão estiver levantada eles provavelmente não verão; porém eles ainda a verão e se envergonharão por sua inveja do povo [de Deus]; sim, o fogo de teus inimigos os devorará?*” (ver Figura 20).²¹

Com o reforço trazido pelos elementos dispostos na folha de rosto, *The Lords Loud Call* munia-se para apresentar seus conteúdos. Entre os eventos relatados no panfleto, a primeira seção do texto se debruçava “*Sobre a estranha mão do Senhor em Oxford, pela morte súbita de várias pessoas, Atores em uma peça contra Puritanos; e outros*”.²² No tópico, Jessey relatava o repentino adoecimento e falecimento de acadêmicos que se desviaram dos propósitos da Reforma, adotando o *Book of Common Prayer* e práticas episcopais inadequadas (e associadas à tradição papista por várias vertentes puritanas). O mesmo teria ocorrido a atores que participaram de apresentações teatrais, cujo intuito era zombar e criticar o zelo puritano. Eventos semelhantes teriam sido identificados alhures. Em Gloucestershire, por exemplo, a filha de um clérigo morreu pouco depois de seu pai ter suprimido reuniões não-conformistas no condado. Diversas regiões inglesas teriam sofrido com infestações de sapos, rãs, moscas e abelhas decorrentes da perseguição contra sectários. Um terremoto teria afetado várias cidades francesas, em especial Barsac, “onde o Rei esteve.”²³ Um vendaval provocou muita destruição em Leicestershire, mas preservou as vidas dos verdadeiros cristãos. O panfleto relatava, ainda, vários casos de enfermidades e mortes súbitas de pessoas que fizeram ou pretendiam fazer mal a não-conformistas, e que brindaram à saúde do rei. A respeito dessas duas últimas questões, *The Lords Loud Call* se estendia, o que nos leva a examinar dois trechos com maior detalhe.

Primeiro, o panfleto dedicava redobrada atenção ao caso das prisões de dois ministros não-conformistas, Vavasor Powell e Jenkin Jones. Apesar de o relato ocupar apenas duas páginas, o

¹⁹ WALSHAM, *Providence in early modern England*; JOHNSTON, *Revelation restored*; GREEN, Jonathan, *Printing and Prophecy*.

²⁰ No original: “*The LORDS voice crieth to the City, and the man of Wisdome shall see thy Name: Hear yee the Rod, and who hath appointed it.*” JESSEY, *The Lords Loud Call*, fl.1; Miquéias 6:9.

²¹ No original: “*LORD, when thy hand is lifted up, they will not see; but they shall see and be ashamed for their envy at the people; yea the fire of thine enemies shall devour them.*” *Idem, ibidem*; Isaías 26:11.

²² No original: “*Of the Lords strange hand at Oxford, by sudden death of several persons, Actors in a Play against Puritans; and other.*” *Idem*, p.1.

²³ No original: “*where the King was.*” *Idem*, p.6.

caso saltava aos olhos dos leitores devido aos recursos tipográficos que o precediam. A seção era iniciada com um cabeçalho decorado por flores de impressão, enquanto seu título tinha um destaque maior do que o utilizado nas demais páginas do panfleto, com exceção do prefácio e de uma reprodução de trechos de um texto de William Prynne, anexado mais ao fim de *The Lords Loud Call* (ver Figura 21).

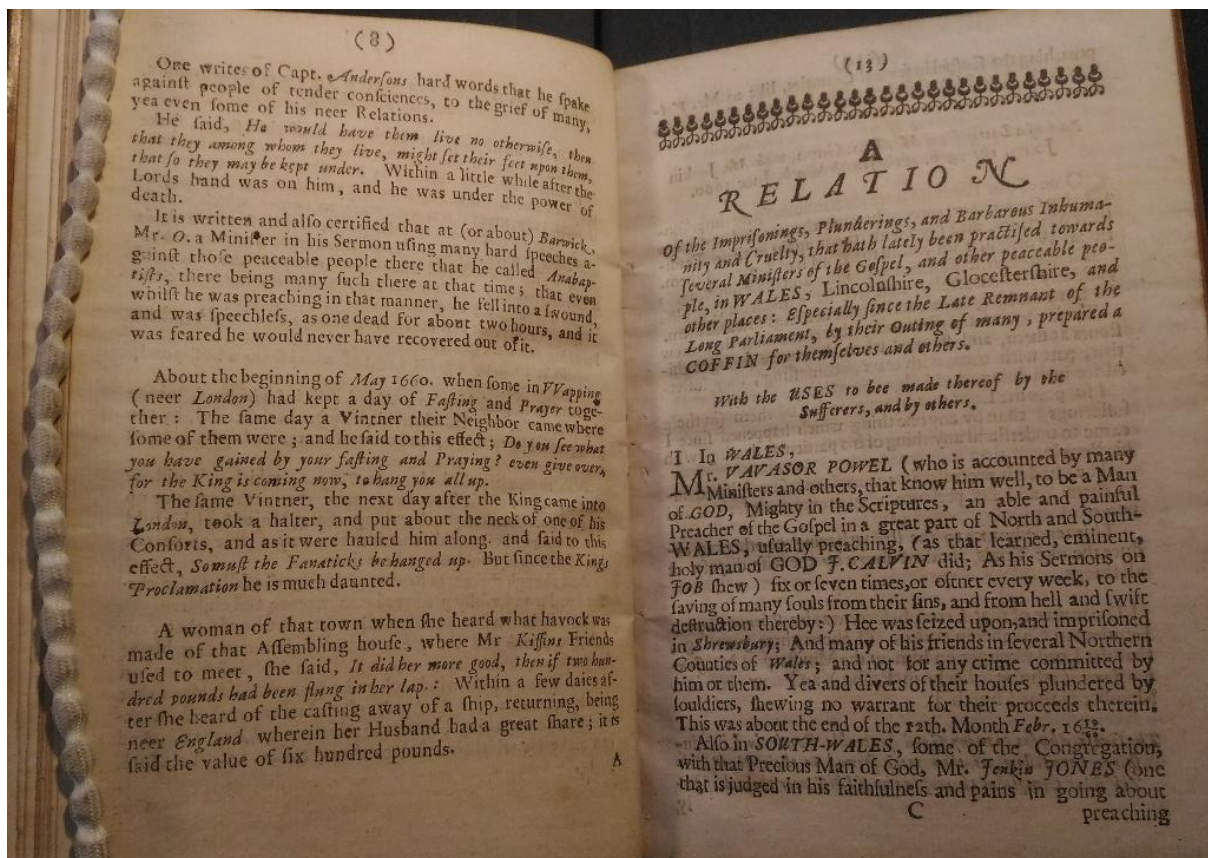


Figura 21: Páginas 8 e 13 de *The Lords Loud Call*.²⁴

Na página 13, Henry Jessey, Livewell Chapman e Francis Smith apresentavam:

UMA RELAÇÃO Das Prisões, Apreensões e Inumanidade e Crueldade Bárbaras que tem sido recentemente praticadas contra vários Ministros do Evangelho, e outras pessoas pacíficas, em GALES, Lincolnshire, Glocestershire, e outros lugares: Especialmente desde a Última Reminiscência do Longo Parlamento, por meio da Saída de muitos, que preparou um CAIXÃO para eles mesmos e outros. / Com os USOS que podem ser feitos pelos Sofredores, e por outros²⁵.

²⁴ British Library, G.3885.

²⁵ No original: “A RELATION Of the Imprisonings, Plunderings, and Barbarous Inhumanity and Cruelty that hath lately been practised towards several Ministers of the Gospel, and other peaceable people, in WALES, Lincolnshire, Glocestershire, and other places: Especially since the Late Remnant of the Long Parliament, by their Outing of many, prepared a COFFIN for themselves and others. / With the USES to be made thereof by the Sufferers, and by others.” JESSEY, *The Lords Loud Call*, p.13

A importância dada ao episódio teve relação com o fato de Vavasor Powell e Jenkin Jones serem proeminentes líderes milenaristas, com papel fundamental entre as comunidades radicais religiosas inglesas, sobretudo as londrinas. Ambos haviam servido como pregadores itinerantes ordenados pelo Comitê para a Propagação do Evangelho em Gales nos anos 1650. Como Gales era visto como um local onde o protestantismo ainda tinha pouca aderência, houve particular esforço político e religioso para a realização de missões protestantes na região, bem como para a produção de traduções de livros sagrados para a língua galesa. Em Londres, Powell e Jones tiveram protagonismo na defesa da república e das comunidades independentes. Jones foi capitão no exército parlamentar durante as Guerras Cívicas; enquanto Powell foi um dos primeiros pregadores galeses a se fixar na congregação de Henry Jessey em All Hallows the Great – da qual Livewell Chapman também participava. Jenkins e Powell assinaram a petição *A Word for God* em 1655 em protesto ao estabelecimento do Protetorado²⁶. Ambos foram presos no início da Restauração, devido ao perigo que representavam à monarquia de Carlos II. E, embora tenham sido liberados pouco tempo depois, sofreram outras perseguições e encarceramentos ao longo de toda a década de 1660.²⁷ Pela proeminência de Powell e Jones nos movimentos milenaristas e pró-republicanos, o episódio de suas prisões era central em *The Lords Loud Call* e, por isso, ocupava um espaço de destaque na página impressa.

O panfleto deixava clara a importância de Powell e Jones quando expunha com maior cuidado e evidência o relato da perseguição desencadeada contra eles no início do reinado de Carlos II. De acordo com *The Lords Loud Call*, Vavasor Powell, “um Homem de DEUS, Conhecedor da Escritura, e hábil e árduo Pregador do Evangelho em uma grande parte do Norte e do Sul de GALES”²⁸, foi injustamente perseguido e apreendido em Shrewsbury em fevereiro de 1660, junto com outros colegas, por crime algum. O mesmo ocorreu com “aquele Precioso Homem de Deus, o Sr. *Jenkin JONES*”²⁹, que foi preso em maio de 1660 em Carmarthen por “não renunciar aos seus

²⁶ **A word for God. Or A testimony on truths behalf; from several churches, and diverse hundreds of Christians in Wales (and some few adjacent) against wickednesse in high-places. With a letter to the Lord Generall Cromwell. Both, first presented to his own hands, and now published for further information.** [Londres: s. n., 1655].

²⁷ ROBERTS, Stephen K. "Powell, Vavasor (1617–1670), Independent minister". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-22662>>, acessado em 10/07/2022; JONES, R. T. "Powel, Vavasor (1617 - 1670), Puritan divine". **Dictionary of Welsh Biography**, 1959. Disponível Online em **Dictionary of Welsh Biography**: <<https://biography.wales/article/s-POWE-VAV-1617>>, acessado em 17/04/2019. RICHARDS, T. "Jones, Jenkin (1623 - ?), captain in the Parliamentary army and Puritan preacher". **Dictionary of Welsh Biography**, 1959. Disponível online em **Dictionary of Welsh Biography**: <<https://biography.wales/article/s-JONE-JEN-1623>>, acessado em 17/04/2019.

²⁸ No original: “a Man of GOD, Mighty in Scriptures, and able and painful Preacher of the Gospel in a great part of North and South-WALES”. JESSEY, **The Lords Loud Call**, p.13.

²⁹ “that Precious Man of God, Mr. *Jenkin JONES*”. *Idem, ibidem*.

Encontros, e se juntar a eles novamente [os anglicanos] em seu Culto Tradicional, do qual Deus os havia separado”³⁰. A prisão de homens tão valorosos quanto Powell e Jones, para os produtores do texto, não poderia senão significar uma prova incontestável de que as novas autoridades estavam agindo contra Deus e Seus fiéis.

Além do espaço especial que o caso de Powell e Jenkins ocupa no panfleto, é importante notar que esse trecho também ressalta algumas das várias marcas de descontinuidade encontradas na composição de *The Lords Loud Call*. Como pode ser observado na *Figura 21*, da página 8, o texto segue imediatamente para a 13. Há outros erros de paginação e marcação das assinaturas de impressão ao longo da obra, que nos levam a considerar que sua produção tenha sido interrompida com frequência.³¹ Outro aspecto distintivo da materialidade do panfleto aparece na própria forma de agrupamento e disposição dos relatos prodigiosos. O texto não parecer manter a linearidade, sendo constantemente interpolado por subtítulos, espaços, linhas e quebras usadas na passagem de um caso a outro (ver, por exemplo, a *Figura 22*).

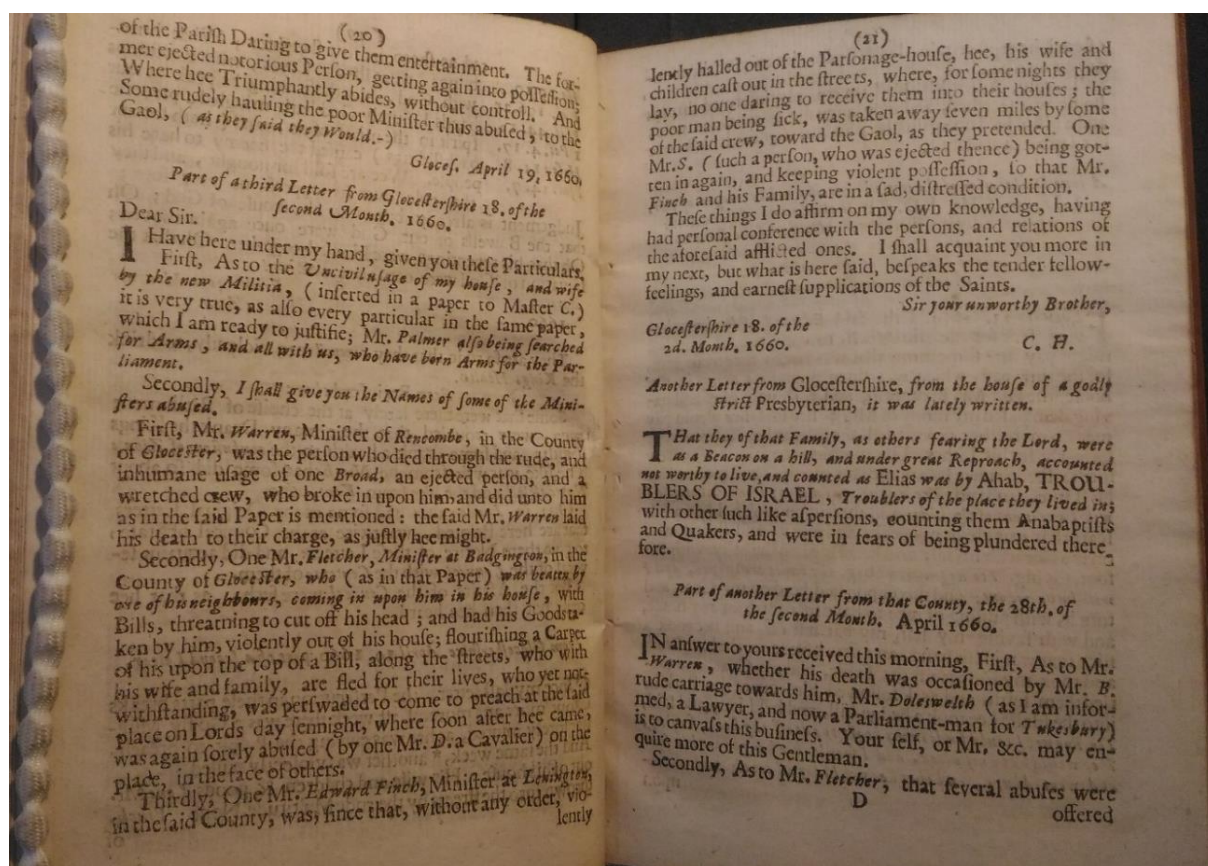


Figura 22: Páginas 20 e 21 de *The Lords Loud Call to England*.³²

³⁰ “not forgo their Meetings, and joyn with them again in their Traditional Worship, from whom the Lord had separated them”. *Idem*, p.14.

³¹ Paginação: [4], 1-8, 13-39, 43, 41-43, 35. Fórmula colacional: A² B-D⁴ E1 E3 x² F⁴.

³² British Library, G.3885.

A aparência geral de *The Lords Loud Call to England* sugere a multiplicidade de vozes que o atravessam. Somando-se aos trechos de narrativas prodigiosas, *The Lords Loud Call* também incluía um longo trecho de *Health-Sickness* de William Prynne e parte de uma proclamação régia de maio de 1660. E é aqui que se insere o segundo trecho que optamos por analisar com maior profundidade. Além de descrever vários dos castigos divinos que acometeram cidades, condados e sujeitos que atacaram não-conformistas, Henry Jessey narra casos nos quais as pessoas haviam sido punidas por brindarem à saúde do rei. Os chamados “health-drinkings” eram, como observado por Bernard Capp, práticas tradicionais do cotidiano e da cultura popular. Não obstante, por vezes, eles eram percebidos como atos imorais ou potencialmente perigosos. Para os puritanos, os brindes facilmente se convertiam em excessos, bebedeiras, obscenidades e blasfêmias. Ademais, a prática costumava ter significados políticos, demarcando alianças. Em contextos de instabilidade como o da Inglaterra seiscentista, os brindes abriam espaço para a expressão de ideias sediciosas. Por exemplo, durante a república e o Protetorado, beber à saúde do rei era considerado um ato de traição contra os regimes. Já com a Restauração, houve uma ébria erupção de homenagens a Carlos II.³³

Opondo não apenas as declarações de apoio ao rei, mas a própria prática dos brindes, Henry Jessey achou por bem citar o livro *Healths-Sickness* de 1628, mas com algumas ressalvas. A obra redigida pelo advogado e polemista presbiteriano William Prynne certamente servia ao seu interesse em condenar os costumeiros brindes em nome do rei, já que *Healths-Sickness* mobilizava uma variedade de argumentos com base em autoridades bíblicas e clássicas, bem como em leis e estudos históricos. Não obstante, William Prynne era um grande rival de independentes e sectários como Henry Jessey, Livewell Chapman e Francis Smith, tendo, inclusive, já entrado em uma contenda contra Chapman, acusando o livreiro de ter falsificado obras em seu nome para enganar ao público.³⁴ Tendo isso em vista, citá-lo longamente poderia ser um problema. Os três produtores

³³ Ver CAPP, **England's Culture Wars**, sobretudo o capítulo 7: "Drink and Disorder".

³⁴ William Prynne acusou Livewell Chapman de publicar *A Sheet, or if you will, A Winding Sheet for the Good Old Cause e Mola Asinaria* em 1659 sob seu nome, sem que o advogado reconhecesse os dois escritos. Os panfletos em questão recusavam a legitimidade do retorno do Longo Parlamento, assembleia na qual o próprio Prynne tinha um assento. Prynne, ao contrário, frequentemente falou contra o Expurgo de Pride e reclamou seu direito de participar da assembleia quando os MPs foram reconvocados por George Monck. Prynne atribuiu a falsificação a Chapman em um panfleto intitulado *The New Cheaters Forgeries, Detected, Disclaimed*. Sobre isso, ver: [PRYNNE, William.] **One sheet, or, If you will a winding sheet for the good old cause in order to a decent funerall, in case of a second death**. London, Printed in the year, 1659; [PRYNNE, William.] **Mola asinaria: or, The unreasonable and insupportable burthen now press'd upon the shoulders of this groaning nation: by the headless head, and unruly rulers, that usurp upon the liberties and priviledges of the oppressed people**. Londres: s. n., 1659; PRYNNE, William. **The new cheaters forgeries, detected, disclaimed**. Londres: Edward Thomas, 1659. QUEHEN, A. H. de. "An Account of Works Attributed to Samuel Butler". **The Review of English Studies**, v. 33, n. 131, p. 262–277, 1982; MAYERS, 1659; LIMA, “Impresso para ser vendido”.

de *The Lords Loud Call* preferiram adotar uma estratégia diversa. Emularam a folha de rosto do texto de Prynne e reimprimiram a dedicatória do autor ao rei Carlos I, bem como seu preâmbulo aos leitores, mas introduziram o material com um ácido comentário (ver *Figura 23*):

Foi considerado adequado por alguns, que o notável livro do Sr. *William Prynne* chamado HEALTHS SICKNESS, deveria ser reimpresso, sendo que poucos deles podem ser adquiridos por dinheiro; ou melhor para economizar os custos e o grande trabalho, que uma breve coleção pode ser tirada dele, do âmago e da Essência de seus muitos Argumentos sólidos contra isso [os brindes]: E de sua Epístola prefixada nestas palavras, *Ao Altíssimo e Todo Poderoso Príncipe, CARLOS, &c.* no ano de 1628. O que, para ajudar a muitos é, portanto, aqui adequadamente representado: Referindo o Leitor que deseja mais satisfação aqui para com esse Livro erudito e excelente.³⁵

Health-Sickness servia a Jessey, Chapman e Smith na medida em que denunciava o hábito dos brindes como algo pecaminoso e que tendia à desordem, mas, para o pastor e os estacionários, o trabalho de William Prynne não merecia ser lido em sua integridade. Sua verborragia característica era um desperdício de papel, dinheiro e trabalho, por isso, os produtores de *The Lords Loud Call* reproduziam apenas o que julgavam necessário para comprovar que Deus condenava a prática e, por isso, vinha punido pessoas que bebiam à saúde do rei. Além de corroborar parte dos argumentos do panfleto, o recurso à citação de Prynne fornecia uma referência a um autor que costumeiramente condenava os “fanáticos”. Sua posição, portanto, não soaria como um zelo excessivo de sectários dissidentes, mas como uma questão comum entre todos os protestantes. Ademais, *The Lord's Loud Call* lembrava que o próprio rei já havia censurado a prática. Pouco depois dos trechos de Prynne, o panfleto incorporava uma passagem de uma declaração de Carlos II reprovando àqueles que “sob o pretexto da afeição [...] perdem seu tempo em Tavernas, casas de Bebidas, e Libertinagens, não dando outra evidência de sua afeição para conosco, além dos *Brindes à nossa SAÚDE*”.³⁶

³⁵ No original: “It was judged meet by some, that Mr. *William Prynns* notable Book called HEALTHS SICKNESS, should be reprinted, few of them being to be had for money; or rather for saving cost, and the greater toil, that a brief collection might be taken thence, of the pith and Marrow of his many sollid Arguments against it: And of his Epistle prefixed in these words, *To the most High and Mighty Prince, CHARLS, &c.* In the year 1628. / Which for the help of many, is therefore here performed accordingly: Referring the Reader that desires further satisfaction herein to that learned and excellent Book it self.” JESSEY, **The Lords Loud Call**, p.33.

³⁶ No original: “under the pretence of affection [...] spend their time in Tavers, Tipling-houses, and Debauches, giving no other evidence of their affection to us, but in *Drinking our HEALTH*.” *Idem*, p.42.

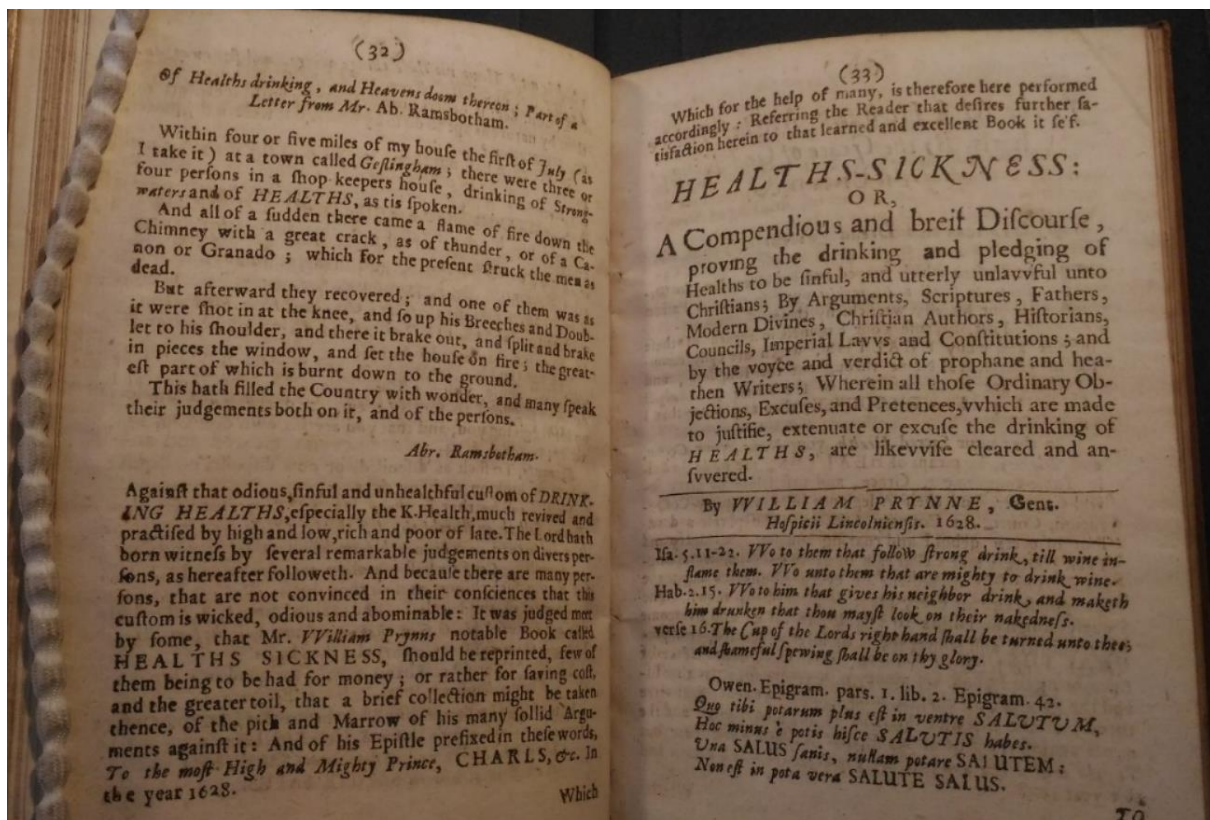


Figura 23: Páginas 32 e 33 de *The Lords Loud Call to England*.³⁷

Depois disso, as páginas finais de *The Lords Loud Call* aglutinavam de forma apressada mais alguns relatos casos de mortes súbitas transcorridas após brides ao rei, bem como de narrativas sobre episódios de tempestades em diversas parte do reino. No último parágrafo, era apresentada uma breve conclusão, fundamentada em passagens dos Livros de Êxodo e Josué, na qual se declarava que “nas Guerras de Josué mais foram destruídos pelo Granizo em uma batalha, do que pela espada.”³⁸

A aparente desordem textual e formal de *The Lords Loud Call* não minimizava sua controversa mensagem, mas revelava sua urgência. O panfleto fazia transparecer aos seus leitores que eram muitos os relatos de estranhos acontecimentos em todas as partes. Mais do que isso, os relatos sinalizavam as contínuas ações de Deus em evidente reprovação às políticas adotadas por Carlos II. Tempestades, infestações, doenças e falecimentos não eram apenas trágicos acontecimentos cotidianos. Eles, na verdade, simbolizavam algumas das mais diversas punições divinas contra a perseguição aos verdadeiros cristãos, desencadeada pelas determinações da Igreja Anglicana. O texto desafiava seus poderosos antagonistas, expondo que suas espadas não seriam

³⁷ British Library, G.3885.

³⁸ No original: “in Joshuas Wars more were destroyed by Hailstones in one battel, than by the sword.” JESSEY, *The Lords Loud Call*, p.35.

fortes o suficiente para triunfar sobre o Senhor, que se manifestava em todos os episódios descritos ali. *The Lords Loud Call* afirmava que Deus estava do lado dos sectários e, portanto, contra a Restauração.

O impacto da crítica do panfleto não passou despercebido. Respostas rapidamente se aglomeraram na esfera pública. A edição 33 do jornal parlamentarista *Mercurius Publicus*, de John Macock e Thomas Newcomb, alertava que

o Panfleto mais insolente, estúpido e insensível que até mesmo *Londres* conheceu, rastejou ontem para cima de uma banca com a ajuda de *Livewell Chapman* (possivelmente íntimo de *Praise God Barebone*) contando histórias Trágicas sobre Rãs, Cães, Sapos, Homens de repente mortos, e ainda assim vivos por lerem o *Commonprayer* [Book] em Oxford; que Projeto lamentável, sob a pretensão de piedade; [é] espalhar tais ficções impossíveis, sem fundamentação [...]³⁹.

Logo em seguida, outros dois textos se dirigiram a *The Lords Loud Call*, acusando o panfleto de mentir para o público leitor. Em setembro, *The Lying-Wonders, or rather the Wonderful-Lyes* de Robert Clark escreveu que homens maldosos, confabulados com Satanás, espalharam notícias falsas para enganar e corromper às pessoas⁴⁰. Em novembro, o astrólogo John Gadbury, que frequentemente discordava dos prognósticos de Henry Jessey – apresentados anualmente em seu almanaque milenarista *The Scripture Kalendar*⁴¹ –, também denunciou *The Lords Loud Call*, em seu

³⁹ No original: “the most impudent, dull, and senseless Pamphlet that even *London* it self hath known, crept yesterday upon a stall by the help of *Livewell Chapman* (possibly acquainted with *Praise God Barebone*) telling you Tragicall stories of Frogs, Dogs, Toads, Men some suddenly dead, and yet alive for reading *Commonprayer* at Oxford; which pitifull Design, under pretence of piety; spread about such pretty, bottomless impossible fictions [...]” **Mercurius Publicus**, 33 (August 9-16, 1660). Londres: John Macock; Thomas Newcomb 1660, fl.7.

⁴⁰ CLARK, Robert. **The lying-vvonders, or rather the vvonderful-lyes, which was lately published to the world, in a lying-pamphlet, (called Strange and true news from Gloucester) containing a relation of the wonderful power of God, shewed for injustice at Fairford, by frogs and toads; and in the sudden death of the Clarks daughter at Brokington in Gloucestershire.** Londres: s. n., 1660. A cópia de George Thomason é datada de 20 de setembro.

⁴¹ *The Scripture Kalendar* foi publicado por Jessey entre 1646 e 1661. Amplamente ancorado em pressupostos proféticos, Jessey sugeria o uso do calendário hebraico para melhor compreender os planos de Deus. Ele “substituiu a tradicional figura anatômica da imagem de Daniel (Dan. ii), prometendo que os quatro impérios mundanos que ela simbolizava estavam para ser sucedidos pelo reino de Cristo, a Quinta Monarquia. Os governos terrenos iriam perecer até a vinda de Cristo. Na edição de 1661, Jessey computou que, desde que as sublevações começaram em 1640, quarenta e sete mudanças de governo ocorreram na Inglaterra, uma clara realização (ele pensava) das promessas de Deus de ‘revirar, revirar, revirar’”. No original: “replaced the traditional anatomical figure with that of Daniel’s image (Dan. ii), promising that the four world-empires it signified were about to be followed by the kingdom of God, the Fifth Monarchy. Worldly governments would perish till Christ came. In the edition for 1661 Jessey computed that since the upheavals began in 1640 there had been forty-seven changes in the government of England, a clear fulfilment (he thought) of God’s promise to ‘overturn, overturn, overturn’”. CAPP, **Astrology and the Popular Press**, p. 171–172.

Britains Royal Star. Para o astrólogo, o texto não passava de um “Ninho de Sedição, publicado pelo Sr. H. Jessey”.⁴²

O antiquário Anthony Wood também descreditou as informações descritas em *The Lords Loud Call*. Nas anotações manuscritas feitas ao seu exemplar do panfleto, Wood dizia que as mortes súbitas ocorridas em Oxford foram incorretamente explicadas na obra de Henry Jessey, Livewell Chapman e Francis Smith.⁴³ Além disso, o antiquário também escreveu algumas considerações sobre o contexto de publicação do texto. Em sua cópia, hoje disponível na Bodelian Library, ele salientou que o título fora lançado em meados de agosto de 1660 e que o seu exemplar se tratava de uma segunda impressão. De fato, se comparada com um espécime da British Library, há uma pequena diferença na décima linha da composição da folha de rosto: a reimpressão inverteu a ordem de uma sentença. Na primeira lemos “and also the striking of divers persons with Sudden Death, in several places”; enquanto na segunda, “and also the striking with Sudden Deaths, of divers persons in several places” (ver *Figura 24*). Não foram notadas outras modificações expressivas, de modo que os erros e descontinuidades na paginação, por exemplo, permanecem em ambas as versões. Sendo assim, a pequena variação na folha de rosto sugere que a nova impressão ocorreu quase imediatamente após a primeira, de modo que as formas ainda estavam montadas na oficina de impressão (provavelmente a de Simon Dover) empregada por Livewell Chapman e Francis Smith.⁴⁴ Isso pode indicar que a demanda pela texto tenha sido grande o suficiente para fomentar a produção de novas cópias (ver *Figura 20* *Figura 24*).

⁴² No original: “Nest of Sediton, published by Mr. H. Jessey”. GADBURY, John. **Britains Royal Star: Or, An astrological demonstration of Englands future felicity; deduced from the position of the heavens as they beheld the earth in the meridian of London, at the first proclaiming of his Sacred Majesty King Charles the second, on May 8. 10h. 56m. A.M. 1660.** Londres: Samuel Speed, 1661. [1660]. A cópia de George Thomason data de 22 de novembro.

⁴³ CRIST, Francis Smith and the Opposition Press; KIESSLING, The library of Anthony Wood.

⁴⁴ L'ESTRANGE, Considerations and Proposals, p.15.

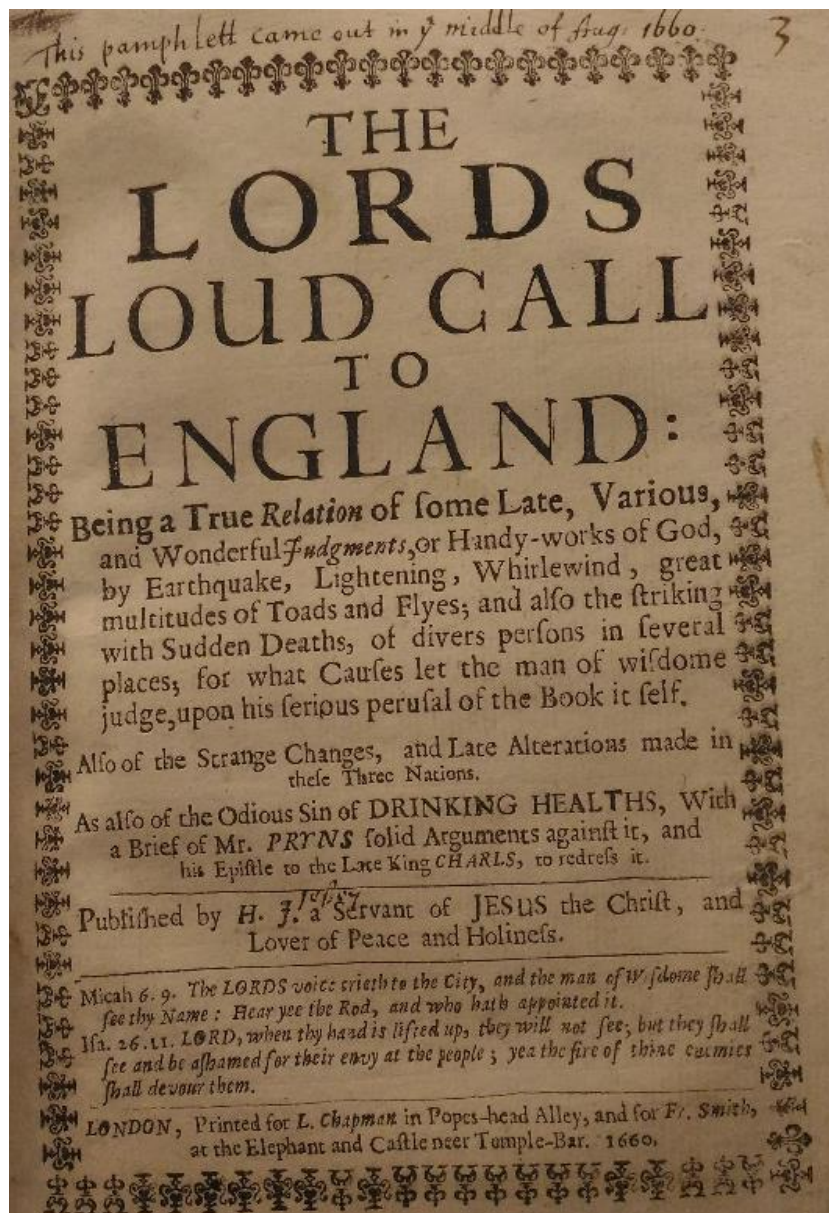


Figura 24: Folha de rosto da segunda impressão de *The Lords Loud Call*.⁴⁵

Além de captarem o interesse de apoiadores e opositores na arena político-religiosa e nas disputas do mercado livreiro, as duas impressões de *The Lords Loud Call* também atraíram a atenção das autoridades para Henry Jessey, Livewell Chapman e Francis Smith. Os livreiros foram os sujeitos que mais sofreram penalidades. Smith foi preso três vezes por conta do panfleto. De acordo com seu relato, ele também teve mais de £50⁴⁶ de prejuízos entre multas e apreensões de materiais. Chapman foi levado para a prisão na Lambeth House logo após a publicação.⁴⁷ Em 7 de setembro, o Privy Council considerou que, para preservar a segurança do reino, era preciso

⁴⁵ Bodleian Library, Wood.643 (3).

⁴⁶ Mais de £7.000,00.

⁴⁷ SMITH, *An Account of the Injurious Proceedings*, p.8.

transferi-lo para outro local, a ser decidido pelo Duque de Albemarle e pelo Secretário de Estado Edward Nicholas.⁴⁸ O cuidado com a custódia dos livreiros, contudo, foi breve. Ambos já estavam livres em 1661, quando mais uma vez se articularam para publicar obras igualmente (ou talvez mais) controversas do que *The Lords Loud Call*.⁴⁹

3.1.1. A imprensa e a “ajuda da Providência”⁵⁰

Em suas publicações subsequentes, Francis Smith e Livewell Chapman foram mais precavidos. Em vez de imprimirem seus nomes nas folhas de rosto, eles trabalharam em publicações totalmente anônimas. Logo depois de *The Lords Loud Call*, os dois começaram a preparar a confecção de *ENLAYTOS TEPASTIOS: Mirabilis Annus, or The Year of Prodigies and Wonders*, a fim de continuar relatando os sinais e as mensagens de Deus ao Seu povo. Por conta do sucesso editorial desse gênero, a obra foi lançada em três volumes feitos entre o início de 1661 e o final de 1662. Muito semelhante a *The Lords Loud Call*, certamente, os textos também contaram com a participação de Henry Jessey. Não obstante, sua produção foi ainda mais complexa do que a de *The Lords Loud Call*. Seus detalhes, que tentamos recuperar aqui, nos permitem evidenciar as movimentações clandestinas dos Estacionários Confederados.

Mirabilis Annus estabelecia uma profunda conexão com o discurso de *The Lords Loud Call*. De fato, ele parecia ser uma continuação do panfleto de 1660, relatando a ocorrência de vários fenômenos naturais e sobrenaturais, e os interpretando como sinais de Deus contra as políticas de Carlos II.⁵¹ A semelhança do estilo dos dois textos indicava que havia espaço e interesse por narrativas prodigiosas no mercado livreiro do início da Restauração. Além disso, tais textos eram estratégicos para a difusão de perspectivas oposicionistas, de tendência não-conformista e antimonarquista, de forma indireta. Assim, *Mirabilis Annus* se apresentava como um manual para compreender 114 estranhos acontecimentos decorridos nos Três Reinos entre agosto de 1660 e maio de 1661. Como *The Lords Loud Call*, o panfleto se apresentava apenas como um veículo transmissor da mensagem profetizada por Deus. Seu prefácio dizia

⁴⁸ Privy Council Records. **Privy Council Correspondence** (PC 2), vol. 54, p.156-157.

⁴⁹ CRIST, **Francis Smith and the Opposition Press**; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; LYNCH, Beth. "Smith, Francis (d. 1691), bookseller and General Baptist minister". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39672>>, acessado em 11/07/2022; LIMA, **“Impresso para ser vendido”**; BELL, "Chapman, Livewell".

⁵⁰ No original: “assistance of Providence”. **Mirabilis Annus Secundus; Or, The Second Part of the Second Year of Prodigies**. [Londres:] s. n., 1662, fl.2.

⁵¹ WALSHAM, **Providence in early modern England**, p. 69; JOHNSTON, **Revelation restored**.

ao *Leitor* que os *sinais* e *Prodígios* contidos no seguinte Discurso são neles mesmos como a *manuscriptura* sobre a parede do *Palácio de Belsazar*, que os *Adivinhos*, *Astrólogos*, e *Caldeus* não conseguiam nem entender nem ler, mas que os *Santos* podem com o *Cordeiro* de Deus vir a conhecer seus *Enigmas*. *Os sábios entenderão*⁵².

Evocando a narrativa do quinto Livro de Daniel para dar sentido à publicação, o preâmbulo equiparava *Mirabilis Annus* ao “Mene Tekel na Parede”⁵³. O panfleto aglutinava os sinais enviados dos céus, assim como a mão que repentinamente decretou o fim do reinado de Belsazar, e oferecia um caminho para a sua correta interpretação das mensagens divinas, tal como Daniel fizera ao ser convocado à corte babilônica. O prefácio estabelecia um paralelo direto entre o episódio bíblico e o presente contexto britânico. Como ocorrera a Belsazar após a intervenção de Deus em seu banquete, Carlos II também seria punido por seus insultos “*contra o Senhor dos céus*”⁵⁴. Os sinais estavam sendo enviados por Deus naquele momento, bastava compreendê-los. E mesmo se as pessoas mais eruditas não conseguissem decodificar as mensagens divinas, *Mirabilis Annus* fornecia os esclarecimentos necessários.

Junto à descrição dos prodígios, *Mirabilis Annus* continha explicações detalhadas sobre os eventos, tecendo comparações com exemplos da história sagrada e secular a fim de auxiliar no entendimento dos significados de cada fenômeno. Arcos-íris, cometas, estrelas cadentes, meteoros, inundações, tempestades, infestações de insetos e animais, aparições fantasmagóricas, adoecimentos inexplicáveis e mortes súbitas eram listados como prognósticos da superação da quarta monarquia e, portanto, do fim do reinado mundano de Carlos II. Assim como *The Lords Loud Call*, *Mirabilis Annus* também descrevia punições lançadas às pessoas que perseguiram os não-conformistas. Por exemplo, em suas páginas finais, o panfleto narrava que vários independentes haviam sido violentamente atacados em Carmarthen por exercerem a sua fé. Durante as cinco semanas em que ficaram detidos, eventos inexplicáveis ocorreram na região galesa. Os responsáveis pela captura, incluindo o prefeito da cidade e sua esposa, foram subitamente acometidos por uma doença terrível e morreram rapidamente. De acordo com o texto, o episódio não era uma mera coincidência, mas uma retaliação divina. Citando a martirologia de Samuel Clark, publicada entre 1651 e 1652, *Mirabilis Annus* lembrava “*que no tempo da sétima Perseguição de Décio o Imperador, quando Secundino [de Singidunum] e outros sofreram as Provações de Cristo, aqueles que foram mais avançados e cruéis*

⁵² No original: “the Reader that the signs and Prodigies contained in the ensuing Discourse, are in themselves like the hand-writing upon the wall in Belshazzars Pallace, which the Sooth sayers, Astrologers, and Chaldeans could neither understand or read, but the Saints may with Gods Heifer come to know his Riddles. The wise shall understand”. *Mirabilis annus*, fl.2v.

⁵³ No original: “the Mene Tekel on the Wall”. *Idem*, fl.3v.

⁵⁴ No original: “*against the Lord of heaven*”. *Idem, ibidem*.

ao promover aquele serviço sangrento foram acometidos por mortes súbitas. Clark. Martyr. p.53.”⁵⁵ Tal como Deus fizera com os romanos na Antiguidade, a opressão aos verdadeiros fiéis também seria castigada.

Tais considerações eram tão agressivas ao regime de Carlos II quanto as de *The Lords Loud Call*, visto que atacavam suas intenções de uniformizar a religião sob o anglicanismo, pleiteando a liberdade de culto dos independentes. Para evitar as prováveis investidas da censura, os Estacionários Confederados tentaram ocultar suas atividades para garantir o sucesso de sua empreitada. *Mirabilis Annus* foi, então, publicado em completo anonimato.⁵⁶

A omissão dos nomes dos autores, impressores e livreiros nas folhas de rosto era uma clara precaução contra constrangimentos como os que ocorreram a Francis Smith e Livewell Chapman logo após o lançamento de *The Lords Loud Call*. Mas, ao mesmo tempo, o anonimato podia expressar a autoria coletiva da obra.⁵⁷ *Mirabilis Annus* foi comissionado por Giles Calvert, Thomas Brewster, Livewell Chapman e Francis Smith, e sua produção contou com uma intrincada rede de colaboração. Calvert, Brewster e Chapman encomendaram a impressão a ao menos dois impressores. Thomas Creak, que já havia confeccionado *A Phenix* poucos meses antes, estava trabalhando nas primeiras folhas de *Mirabilis Annus* quando Roger L'Estrange inspecionou a sua oficina em junho de 1661. O impressor relatou às autoridades que os três livreiros solicitaram duas mil cópias do texto. Metade da encomenda já havia sido entregue ao encadernador George Thresher para serem costuradas e finalizadas. Calvert e Thresher foram detidos em junho, junto com Creak; enquanto Brewster e Chapman fugiram de Londres.⁵⁸ Ainda assim, *Mirabilis Annus* veio a público entre julho e outubro daquele mesmo ano.

Em julho, as autoridades fizeram uma busca por cópias do panfleto na oficina tipográfica de Peter Cole.⁵⁹ Talvez, nada de comprometedor tenha sido encontrado em sua casa, pois o impressor não foi mencionado em investigações subsequentes. Mas é possível que um de seus aprendizes, Simon Dover, tenha dado continuidade à confecção de *Mirabilis Annus* depois da interrupção ocasionada pelas denúncias de L'Estrange, visto que, naquela mesma altura, o impressor já estava entremeadado nas atividades dos Confederados. Além de Dover, outros impressores também podem ter participado da empreitada, como Thomas Leach e John Twyn.⁶⁰

⁵⁵ No original: “We Read that in the time of the seventh Persecution under Decius the Emperour, when Secundianus and other suffered for the Testimony of Christ, that those who were most forward and cruell in promoting that bloody work were cut off by suddain death, Clark. Martyr. p.53”. *Mirabilis Annus*, p.71.

⁵⁶ KEEBLE, *The Literary Culture of Nonconformity*; DUNAN-PAGE; LYNCH (orgs.), *Roger L'Estrange*; ROBERTSON, *Censorship and conflict*.

⁵⁷ NORTH, *The Anonymous Renaissance*.

⁵⁸ PRO SP29/38/121, 123, 124; *An exact narrative*; L'ESTRANGE, *A modest plea*.

⁵⁹ PRO SP29/39/283.

⁶⁰ BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; BELL, "Her Usual Practices".

Enquanto Calvert, Brewster e Chapman se ausentaram de suas livrarias por conta da censura, a produção complexa e coletiva prosseguiu sob os cuidados de Francis Smith e das “Mulheres Confederadas”, como apelidadas por Maureen Bell. As esposas dos estacionários – nomeadamente Elizabeth Calvert, Anna Brewster e Hannah Chapman – garantiram, junto a Smith, que os investimentos financeiros e os riscos políticos não fossem em vão, dando continuidade à publicação da obra.⁶¹ Os resultados, não obstante, foram marcados por intercorrências. Em 30 de julho, Giles Calvert foi solto e rapidamente fugiu de Londres.⁶² Em 15 agosto, Francis Smith também foi capturado pelas autoridades.⁶³ Menos de dois meses depois, em 4 de outubro, um mandado ordenou a prisão de Elizabeth Calvert pela publicação de “um livro traidor & sedicioso intitulado *Severale prodigies & apparitions seen in y^e heavens from August y^e 1st 1660 to y^e latter end of May 1661*”.⁶⁴ Ao fim de novembro, Henry Jessey foi levado à cadeia sob a acusação de ter escrito *Mirabilis Annus*. O pastor confirmou que tinha o hábito de anotar prodígios e que havia compartilhado algumas de suas folhas com amigos, mas negava tê-las encaminhado para publicação. Suas relações profícuas com Francis Smith e George Cockayne (que também chegou a ser considerado um possível autor de *Mirabilis Annus*) foram incriminadoras o suficiente para manterem Jessey sob custódia por três semanas, libertando-o apenas quando sua saúde declinou gravemente.⁶⁵

Passando por tantas interferências, as cópias de *Mirabilis Annus* que efetivamente foram disponibilizadas ao público leitor eram bastante diversas entre si. Os exemplares do panfleto contêm numerosos indícios de descontinuidade entre seus cadernos, bem como erros de paginação, e mudanças de tipos, ornamentos e estilos de composição. Em um mesmo espécime há pouca homogeneidade, o que confirma a hipótese de que mais de uma prensa tenha sido utilizada na produção.⁶⁶

As variações resultantes da complexa rede de produção de *Mirabilis Annus* foram evidenciadas em catálogos bibliográficos, mas as suas causas e consequências foram pouco discutidas. Donald Wing identificou duas impressões do panfleto, catalogadas como E3127 e

⁶¹ BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; LIMA, Verônica Calsoni. "Seditious pamphlets 'Mid-wifed into the World': women's clandestine publishing business in Restoration England (1660s)". In: WATSON, Elise; FARRELL-JOBST, Jessica (orgs). **Gender and the Book Trades**. Leiden: Brill (no prelo).

⁶² HESSAYON, "Calvert, Giles".

⁶³ PRO SP29/43/35.

⁶⁴ No original: "a treasonable & seditious book entitled *Severale prodigies & apparitions seen in y^e heavens from August y^e 1st 1660 to y^e latter end of May 1661*". PRO SP44/5/39.

⁶⁵ PRO SP29/45/49; WRIGHT, "Jessey [Jacie], Henry".

⁶⁶ LYNCH, "Mr. Smirke and 'Mr. Filth'"; BARDLE, **The Literary Underground**; Hone, "John Darby".

E3127A.⁶⁷ Embora os conteúdos fossem equivalentes, E3127 e E3127A divergem em extensão e forma, conformando, portanto, duas edições diferentes. Ambos são pequenos quartos, mas o primeiro tem 64 páginas arranjadas em nove cadernos com assinaturas desordenadas⁶⁸; enquanto o segundo contém 88 páginas em doze cadernos com assinaturas sequenciais.⁶⁹ Além disso, E3127A tem um frontispício que ocupa duas páginas. Nele, doze quadrados ilustram episódios prodigiosos descritos em *Mirabilis Annus*. Abaixo de cada desenho, foram deixados espaços em branco para que os leitores pudessem preencher, incluindo ali a identificação dos eventos citados ao longo do texto (ver *Figura 25*).



Figura 25: Frontispício de uma das edições de *Mirabilis Annus*.⁷⁰

Para além da diferença no tamanho dos textos e da presença ou ausência do frontispício, é evidente que as duas edições não foram feitas na mesma prensa. Apesar de terem sido impressas

⁶⁷ WING, Donald Goddard, **Short-title catalogue of books printed in England, Scotland, Ireland, Wales, and British America, and of English books printed in other countries, 1641-1700**. Nova York: The Modern Language Association of America, 1972.

⁶⁸ Fórmula colacional: A-D⁴ F-H⁴ 2H-I⁴.

⁶⁹ Fórmula colacional: π^2 A-M⁴.

⁷⁰ Bodleian Library, Wood 643 (4).

em tipos romanos bastante similares, é possível notar diferenças quando as cópias são comparadas. As *Figura 26* e *Figura 28* trazem exemplos das variações tipográficas encontradas em espécimes das duas versões. Lado a lado, as folhas de rosto demonstram divergências, observadas, sobretudo, nos caracteres gregos e nas maiúsculas dos títulos. É perceptível a presença de caudais nos duplos “n” de “Annus” em ambos os títulos, mas somente E3127 tem um caudal também na letra “r” de “Mirabilis”; enquanto o “A” da palavra “Annus” na cópia E3127A contém um terminal circular em sua haste esquerda (ver *Figura 26*).

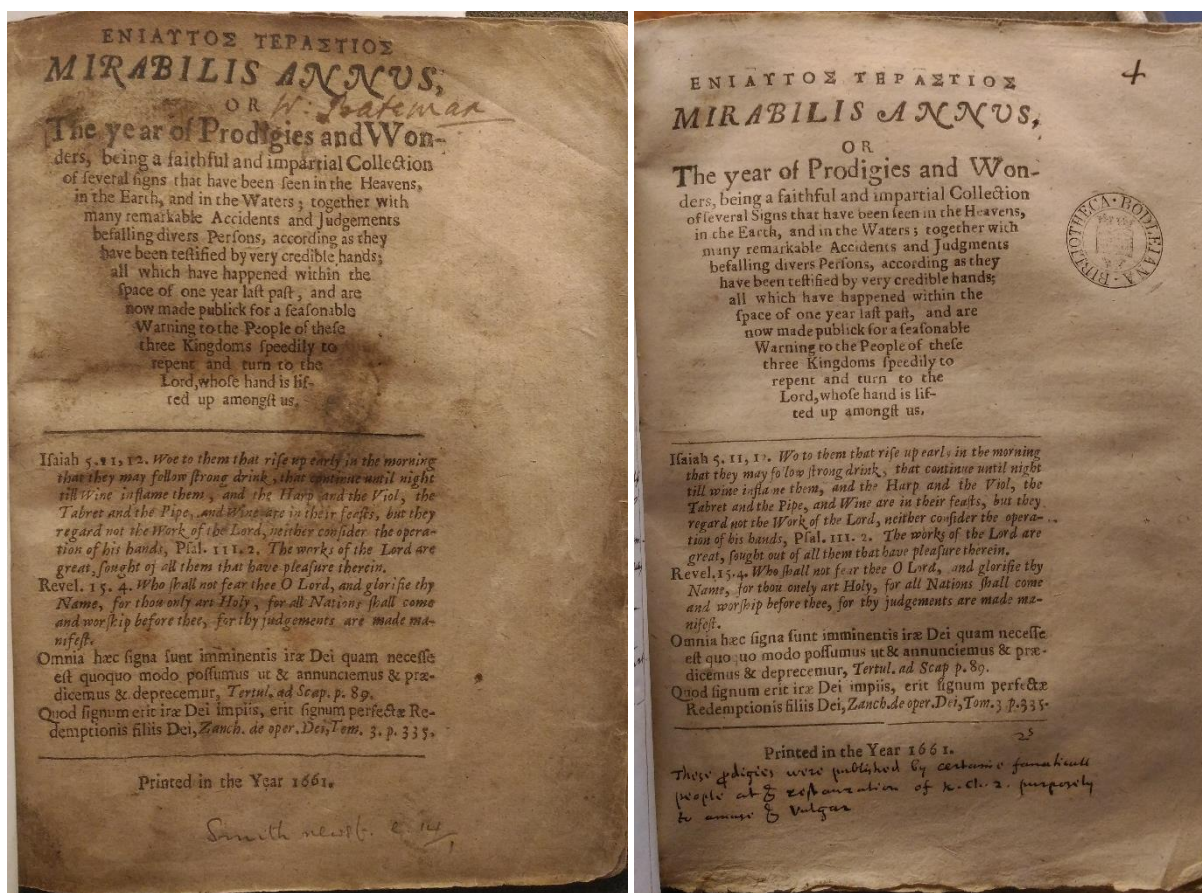


Figura 26: Folhas de rosto de duas edições de *Mirabilis Annus*: E3127 (esquerda) e E3127A (direita).⁷¹

Os títulos das duas folhas de rosto foram arranjados ao estilo pé de taça.⁷² Em seguida, linhas estabelecem uma quebra, servindo como moldes para a inclusão de citações de autoridades. Foram mobilizados os Livros de Isaías, Salmos e Apocalipses, bem como o *Liber Ad Scapulam* de Tertuliano e a *Opera Omnia Theologica* de Girolamo Zanchi. Todos os trechos incluídos na página de título reforçavam a importância da compreensão das manifestações divinas no mundo. Segundo o

⁷¹ Bodleian Library, Smith newsb.e.14 (1); Bodleian Library, Wood 643 (4).

⁷² Ver PAREDES, Alonso Victor de. *Institucion, y Origen del Arte de la Imprensa y Reglas Generales para los Compondores*. [Madri: Alonso Victor de Paredes, c. 1680].

panfleto, aquele era um momento de revelação que, se adequadamente interpretado, permitiria entender os caminhos da Providência. O excerto de Isaías alertava o perigo de ignorar “*a Obra do Senhor*”⁷³, enquanto os Salmos mostravam que: “*As obras do Senhor são grandes*”.⁷⁴ O Apocalipse de João ressaltava a santidade de Cristo e lembrava que “*todas as Nações virão e adorarão diante de ti, pois os teus juízos foram manifestos*”.⁷⁵ O trecho de Tertuliano apontava que os “*sinais [...] iminentes da ira de Deus*” deviam ser examinados para que se pudesse “*proclamar & prever & suplicar*”.⁷⁶ E, por fim, Zanchi sugeria que “*o sinal da ira de Deus para os ímpios, será o sinal da Redenção perfeita para o filho de Deus*”⁷⁷. O sofrimento e o pesar dos pecadores seria, portanto, indício do futuro regozijo dos verdadeiros cristãos. As citações coincidem nas duas versões do panfleto. Há pequenas variações na grafia de algumas palavras ou no uso de maiúsculas e minúsculas, mas parece claro que se buscou preservar o estilo geral da composição, visto que ambas as folhas de rosto trazem as citações bíblicas em itálico e as latinas em tipos romanos. O *imprint* não indica o local de impressão, e se resume a pontuar o ano da publicação (ver *Figura 26*).

As diferenças composições são mais evidentes nas páginas seguintes das duas edições, sobretudo na comparação entre os ornamentos, as letras capitulares e a organização da mancha das páginas. Há uma linha adornando o cabeçalho do prefácio, a qual parece ser ligeiramente mais grossa no exemplar da versão E3127. A serifa do “T” capitular também é diferente nas duas cópias (*Figura 27*). Na página 1, reproduzida na *Figura 28*, é possível notar o emprego de diferentes flores de impressão e capitulares decoradas. O título em itálico preenche apenas três linhas na cópia E3127, mas ocupa quatro na E3127A. O *mise-en-page* também não é idêntico. A forma de impressão da E3127 foi organizada de modo a comportar 30 linhas de texto principal (excetuando as notas marginais, cabeçalhos, rodapés e títulos). Em sua página, quase não há espaços em branco, mesmo as margens estão completas de notas de referência. A mesma página na variante E3127A, por sua vez, é menos carregada de texto. Ela é preenchida por 22 linhas. E a marginália não aglomera as citações, mas, inclusive, dispõe de algum espaço entre elas.

⁷³ No original: “*the Work of the Lord*”. **Mirabilis annus**, fl.1; Isaías 5:11-12.

⁷⁴ No original: “*The works of the Lord are great*”. *Idem, ibidem*; Salmos 111:2.

⁷⁵ No original: “*all Nations shall come and worship before thee, for thy judgements are made manifest*”. *Idem, ibidem*; Apocalipse 15:4.

⁷⁶ No original: “*signa [...] imminentis irae Dei*”; “*annunciemus & praedicemus & deprecemur*”. TERTULIANO. **Liber Ad Scapulam apud Mirabilis annus**, fl.1.

⁷⁷ No original: “*signum erit irae Dei impiis, erit signum perfectae Redemptionis fillis Dei*”. ZANCHI, Girolamo. **Opera Omnia Theologica apud Mirabilis annus**, fl.1.

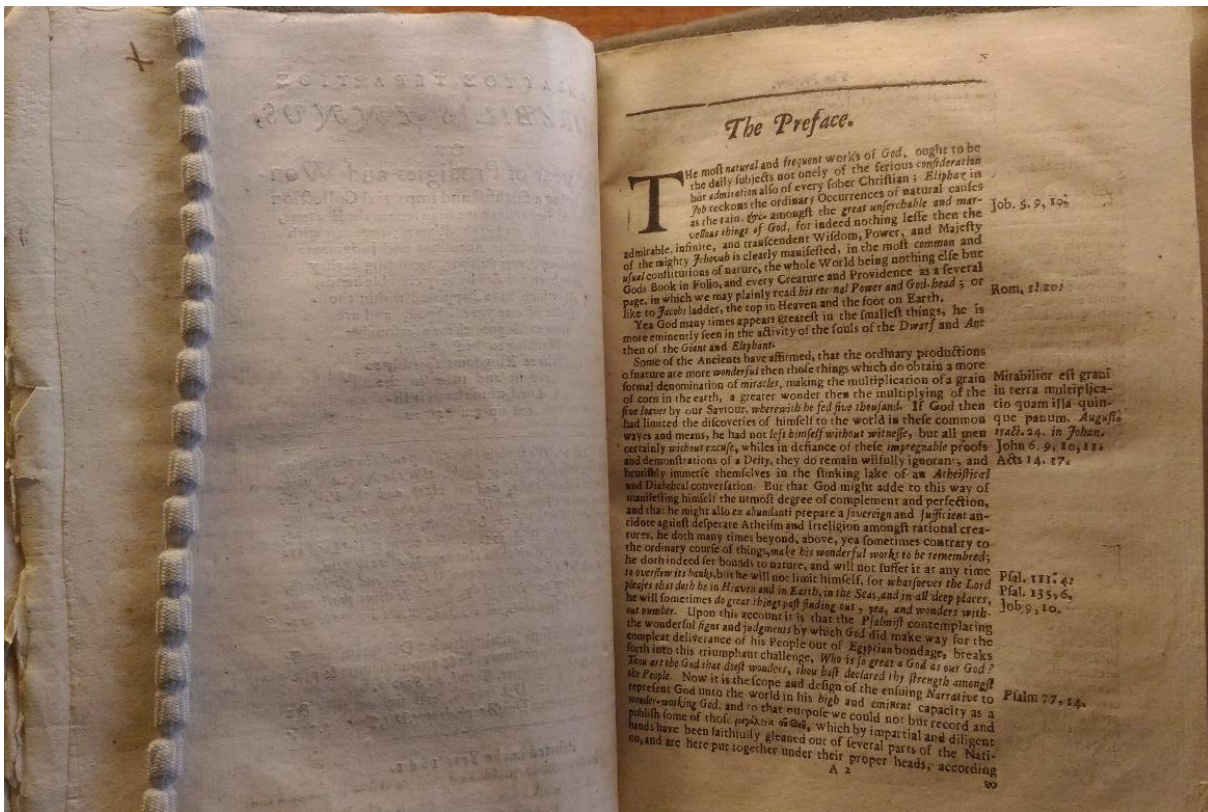
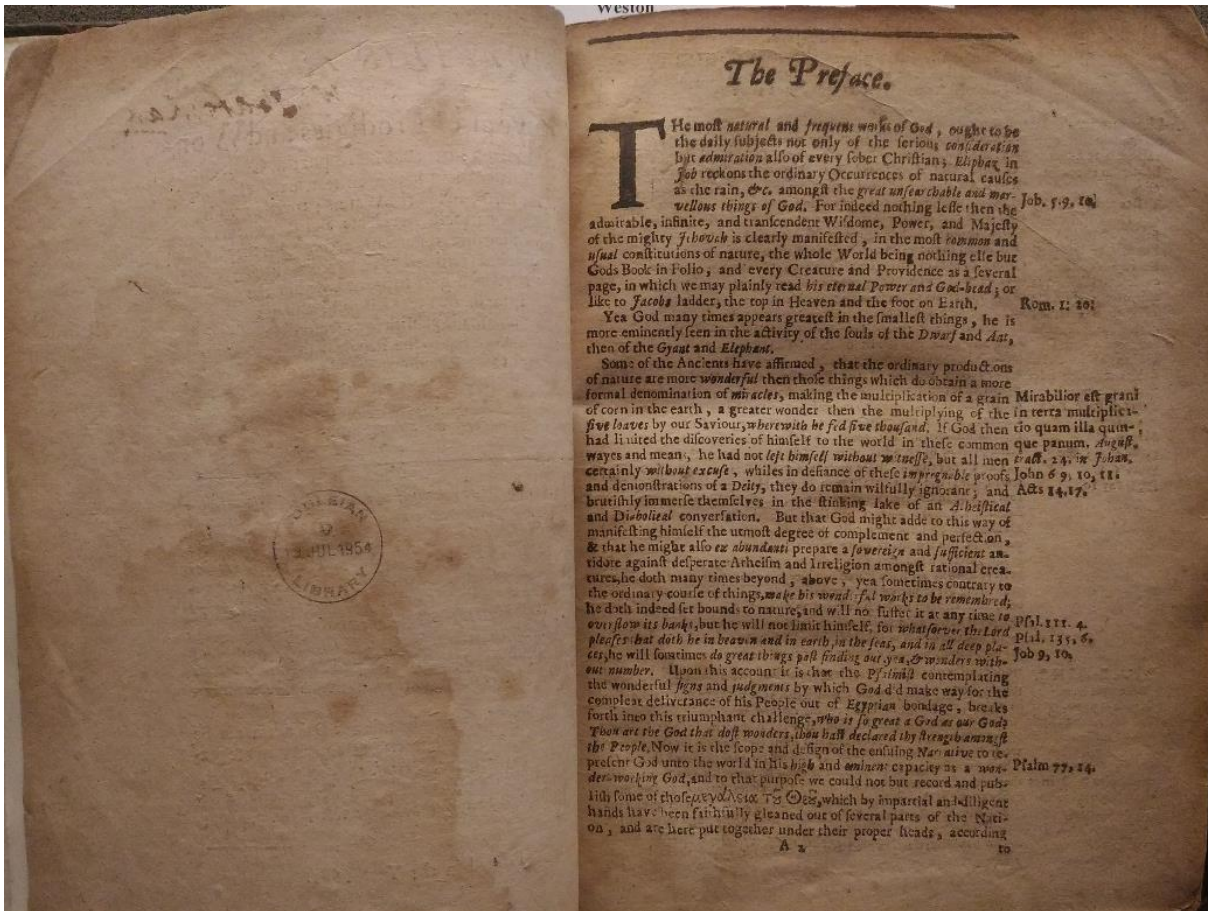


Figura 27: Página preambular de *Mirabilis Annus*, com prefácio ao leitor: E3127 (acima) e E3127A (abaixo).⁷⁸

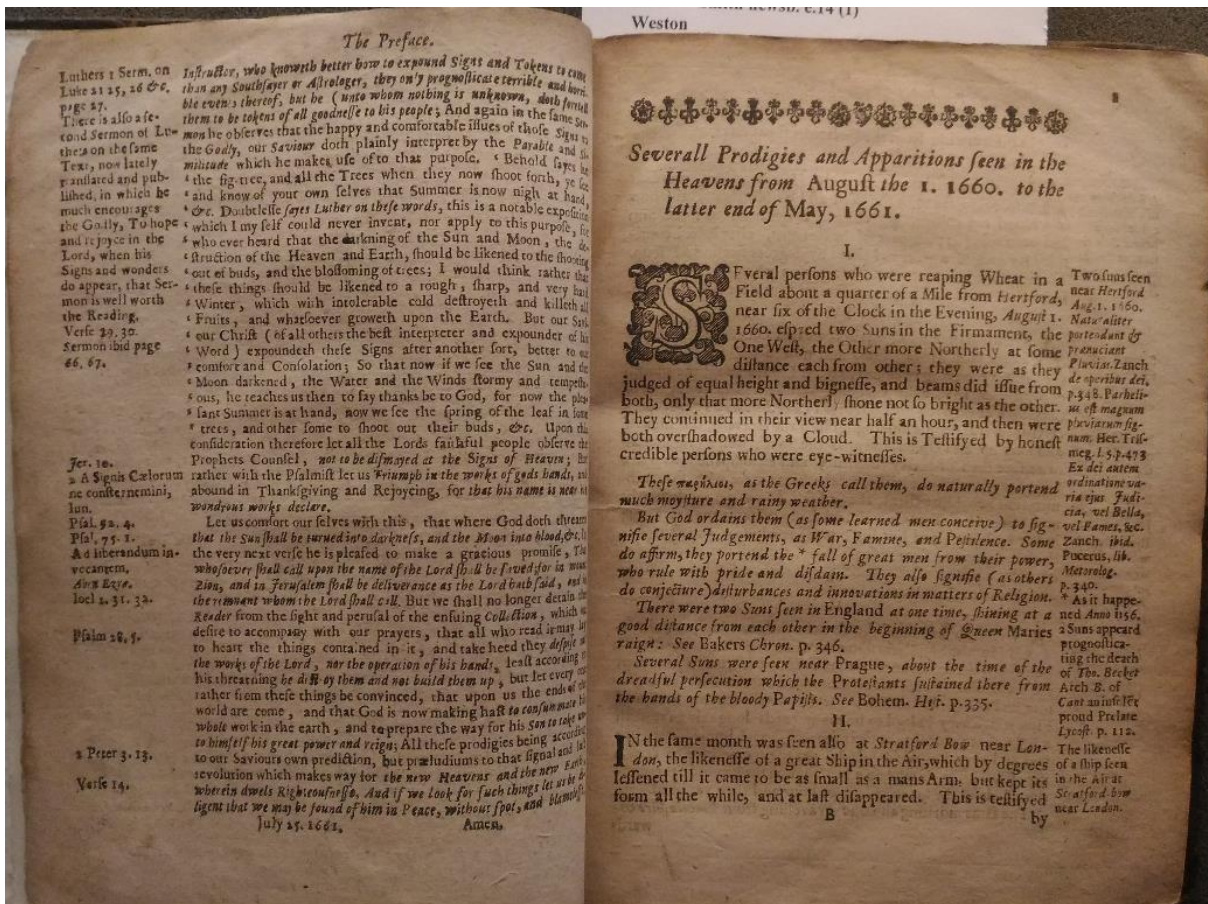


Figura 28: Primeira página de *Mirabilis Annus*: E3127 (acima) e E3127A (abaixo).⁷⁹

⁷⁸ Bodleian Library, Smith newsb.e.14 (1); Bodleian Library, Wood 643 (4).

⁷⁹ *Idem, ibidem.*

Ao examinar a produção de *Mirabilis Annus*, Timothy Crist e Maureen Bell identificaram as cópias catalogadas sob a referência E3127 como as primeiras edições do panfleto. Mais desordenada, para os pesquisadores, essa versão teria sido editada por Francis Smith. A descontinuidade entre seus cadernos e os múltiplos erros de paginação seriam, assim, um reflexo da prisão do livreiro em agosto de 1661. O episódio teria levado à interrupção do trabalho e, por isso, apenas alguns exemplares teriam sobrevivido depois da intervenção dos censores. Já E3127A seria uma segunda edição, mais aprimorada, realizada por Elizabeth Calvert. Como a livreira só foi capturada pelas autoridades em outubro, Crist e Bell supuseram que ela teria disposto de mais tempo e recursos para a impressão.⁸⁰ Não obstante, os dois estudiosos não perceberam outras variações entre exemplares remanescentes de *Mirabilis Annus* que nos permitem avançar nas explicações acerca de sua produção e disseminação.

Tivemos acesso a 20 cópias do texto que, quando examinadas em detalhe, apontam para a existência de uma variação não catalogada. Apesar de a folha de rosto, a página do prefácio e diversos cadernos coincidirem com os da E3127A, a terceira versão (reproduzida nas *Figura 29* *Figura 31*) parece contar com folhas preparadas em uma outra forma. A primeira página do exemplar leva três linhas de flores de impressão no ornamento do cabeçalho. Além dos itálicos, o título contém palavras em caixa alta. A capitular “S” não é adornada e os tipos romanos não são os mesmos empregados nas demais edições. As 22 linhas que preenchem a página parecem ter seguido o modelo da E3127A, contudo não há exata coincidência entre a grafia, o uso de maiúsculas e o espaçamento entre as palavras ao longo do caderno B dos dois exemplares (ver *Figura 28* *Figura 31*). A pequena variação não é o suficiente para caracterizar essa terceira versão de *Mirabilis Annus* como uma edição. A *Bibliografia Analítica* define que uma reedição existe quando ao menos metade das formas foi desmontada e recomposta. Tendo isso em vista, a alternância de um único caderno num panfleto de 88 páginas implicaria apenas na identificação de uma tiragem diferente. Não obstante, o pequeno detalhe material é indício das estratégias editoriais que, como vimos mostrando até aqui, os Confederados utilizavam para escapar à censura.

⁸⁰ CRIST, *Francis Smith and the Opposition Press*; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'".

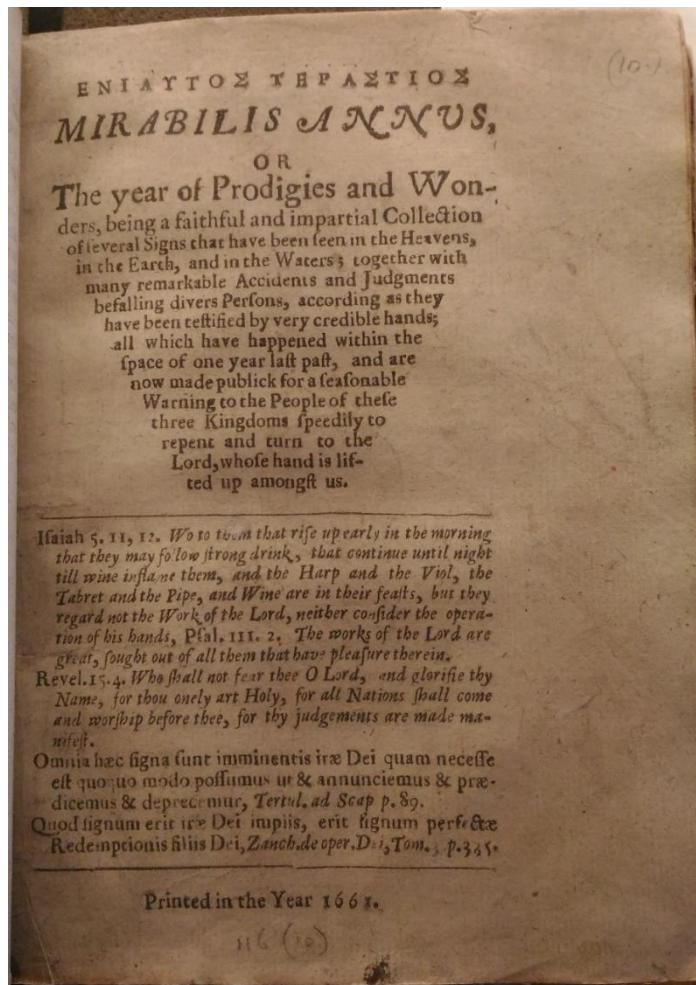


Figura 29: Folha de rosto de uma terceira variante de *Mirabilis Annus*.⁸¹

⁸¹ Bodleian Library, Pamph. C116(10).

A produção e a distribuição de *Mirabilis Annus* foram simultâneas às de outros textos como *A Phenix* (mencionado no capítulo anterior) e *The Speeches and Prayers of Some of the Late King's Judges* (abordado no capítulo a seguir). E, na intrincada rede de colaboração coordenada por Giles Calvert, Thomas Brewster, Livewell Chapman e Francis Smith, alguns processos pareciam se repetir, como a distribuição do trabalho de impressão entre mais de uma oficina tipográfica. Com frequência, os textos dos Confederados apenas se completavam com a união e costura das páginas na casa de um encadernador como George Thresher ou Thomas Loft. Em mais de uma ocasião, impressores relataram que os quatro livreiros lhes solicitaram encomendas nas quais as matrizes não continham o conteúdo integral das obras. Além disso, os impressores costumavam entregar os resultados em duas parcelas, sendo a primeira feita logo após atingirem a metade do montante de cópias requisitadas. Assim, mesmo quando Thomas Creak foi apreendido, parte das folhas de *Mirabilis Annus* já havia sido repassada a outros agentes do mercado livreiro.⁸⁴

As diversas prisões interromperam as atividades em andamento, demandando, portanto, que a força de trabalho fosse substituída mais de uma vez. A operação inconstante, com considerável perda de material, certamente implicou na impressão de múltiplas versões das mesmas páginas. Considerando que os encadernadores empregados pelos Confederados admitiram terem recebido papéis relativos a um mesmo texto de fontes diferentes, é provável que aglutinassem em um mesmo volume cadernos produzidos por agentes diversos, dando origem a exemplares variados entre si.

A estratégia adotada pelos Confederados foi o que garantiu o sucesso da publicação de *Mirabilis Annus*, pois mesmo quando Giles e Elizabeth Calvert, Thomas Brewster, Livewell Chapman e Francis Smith foram obrigados a abandonar o projeto, o texto foi confeccionado e distribuído. Suas versões nos mostram algumas das várias camadas que envolviam as atividades do mercado livreiro ilegal. Decerto, os cinco sujeitos não eram os únicos a operar a produção e a disseminação do panfleto. Anna Brewster, Hannah Chapman, Eleanor Smith, e Simon e Joan Dover estavam livres para prosseguir na ausência de seus companheiros. Assim, o texto não apenas foi efetivamente impresso, como rapidamente conseguiu ser escoado por diversas partes do reino.

Em outubro de 1661, as autoridades haviam encontrado exemplares do panfleto há mais de 180km de Londres, no condado de Leicester. Um livreiro e encadernador, Nathan Brooks, vendeu algumas cópias a estacionários que lá habitavam. Francis Ward relatou ter sido procurado por um leitor em busca de *Mirabilis Annus*, mas afirmava não o ter em sua livraria. Brooks oferecera-lhe alguns exemplares por 16 *pence*⁸⁵ cada, mas Ward recusou. Outro livreiro, Stephen Lincoln,

⁸⁴ **An exact narrative.**

⁸⁵ O valor equivaleria a pouco mais de £8 nos dias de hoje.

adquirira três cópias, que logo foram vendidas por 18 *pence*.⁸⁶ Interessante observar que, quando os censores lhe mostraram um exemplar de *Mirabilis Annus* para que Lincoln o identificasse, o livreiro informou que os panfletos aos quais teve acesso não iram iguais àquele, mas tinham outra folha de rosto. Isso parece indicar a simultaneidade da circulação das diversas versões de *Mirabilis Annus*. Um outro sujeito, Nehemiah Brookensby, habitante de Leicester, também obteve um exemplar para si por meio de Nathan Brooks. Brookensby pagou um pouco menos, 14 *pence*⁸⁷ e, tão logo leu o texto, o emprestou a outra pessoa, John Birkhead. Quando inquirido, Birkhead disse que não sabia que se tratava de um livro sedicioso e, por isso, o emprestou a ainda outro senhor de sobrenome Doughty.⁸⁸

As cifras mencionadas nos depoimentos sugerem que *Mirabilis Annus* foi vendido a um alto preço, se comparado a outros textos comuns na imprensa popular. Gêneros baratos, como *chapbooks*, baladas e notícias costumavam custar entre 1 e 4 *pence* cada, enquanto obras mais extensas, como abecedários e livros escolares, variavam entre 6 *pence* e 2 *shillings*.⁸⁹ Os valores elevados talvez fossem consequências dos riscos envolvidos na comercialização dos títulos controversos. Para se sustentar, esse comércio precisava ser lucrativo o suficiente para cobrir as perdas.⁹⁰ Evidência disso aparece em uma carta enviada por Elizabeth Calvert à sua amiga, a Sr.^a Woodcock, enquanto a livreira estava sob custódia. Interceptada pelos guardas, a carta narrava algumas atividades costumeiras do mercado livreiro. Nela, Calvert se declarava inocente, afirmando que as folhas que vendera eram apenas sobras, muitas vezes adquiridas por encadernadores para servirem como material para o revestimento das capas. Ela também dizia se sentir “Confiante” de sua situação porque havia “agradado ao Impressor a ponto de ter pagado suas taxas enquanto estava na prisão com meu marido”.⁹¹ Calvert se referia à prática conhecida entre os circuitos de publicação ilícitos como “saving harmless”. Por meio dela, publicadores de obras sediciosas se comprometiam a restituir multas e outras dívidas decorrentes da impressão, encadernação e distribuição de textos ilegais, tentando, assim, comprar o silêncio de seus cúmplices.⁹²

⁸⁶ O valor equivaleria a quase £9 nos dias de hoje.

⁸⁷ O valor equivaleria a cerca de £7 nos dias de hoje.

⁸⁸ PRO SP29/43/12, 13, 14, 53, 54.

⁸⁹ Cada *shilling* equivalia a 12 *pence*. Para se ter um referencial, 1 *shilling* e 5 *pence* costumavam ser a média do ganho diário de um comerciante em meados do século XVII. Sobre preços de livros, panfletos e outros textos impressos na Inglaterra seiscentista, ver, entre outros: WATT, **Cheap Print and Popular Piety**; RAYMOND, **Pamphlets and pamphleteering**; RAVEN, **The business of books**; BARNARD; MCKENZIE; BELL (orgs.), **The Cambridge History of the Book in Britain**; RAYMOND, Joad (org.). **The Oxford History of Popular Print Culture: Cheap Print in Britain and Ireland to 1660**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

⁹⁰ DARNTON, **Edição e sedição**.

⁹¹ No original: “Confident”; “humored the Printer soe far as to have paid his fees while in prison with my husband”. PRO SP29/44/182.

⁹² CRIST, **Francis Smith and the Opposition Press**; BELL, “Elizabeth Calvert and the ‘Confederates’”.

O suborno pode não ter livrado Elizabeth Calvert da prisão, visto que foi flagrada com papéis comprometedores por Roger L'Estrange em uma de suas visitas às oficinas tipográficas e casas livreiras, mas pode ter assegurado punições mais brandas ou o silêncio sobre as atividades de outros sujeitos envolvidos com a empreitada. Elizabeth Calvert foi solta na segunda quinzena de dezembro de 1661, depois de peticionar duas vezes por liberdade, informando que havia sido acometida por uma icterícia e precisava se tratar.⁹³ Francis Smith, por sua vez, ficou detido em péssimas condições desde agosto de 1661 até o início de 1662. Em seus depoimentos, negava qualquer envolvimento com publicações sediciosas. Numa carta endereçada Edward Nicholas, ao Secretário de Estado, Smith pedia por clemência. Ele informava que vinha sendo mantido como “close prisoner” há doze semanas, nas quais não podia receber quaisquer visitas, mesmo de sua esposa. Havia tentado solicitar sua liberdade por meio de diversos *habeas corpus*, mas não conseguiu nada. Demandava, então, que fosse julgado ou tivesse a possibilidade de ser solto mediante o pagamento de uma fiança.⁹⁴

Em meio ao aparente sucesso de *Mirabilis Annus* e da vigorosa perseguição aos seus produtores, os Estacionários Confederados mais uma vez repensaram suas estratégias de publicação. Ao longo de 1662, lançaram a sequência do panfleto: *Mirabilis Annus Secundus*. Mas em decorrência das muitas prisões e fugas entre os impressores e livreiros comprometidos com a obra, bem como das contínuas denúncias e investigações sobre suas atividades, optaram por dividi-la em duas partes. As composições são semelhantes e as folhas de rosto, inclusive, foram impressas num mesmo estilo. É provável que ambas as partes de *Mirabilis Annus Secundus* tenham sido confeccionadas em uma mesma oficina tipográfica, possivelmente a de Simon Dover ou de Robert Leyborne (ver *Figura 32*). Um “S. Dover” foi examinado pelas autoridades em junho de 1662 e inquirido sobre as pessoas que queriam produzir o texto. Negando qualquer envolvimento, o homem acusou Leyborne, um impressor que costumava trabalhar com livros científicos, tratando de matemática, astronomia e navegação.⁹⁵ Qualquer que tenha sido seu impressor, é evidente que as duas partes foram elaboradas de modo a serem reconhecidas por potenciais leitores como textos de uma mesma série.

⁹³ PRO SP29/44/184; SP29/45/1, 2; SP44/5/101.

⁹⁴ PRO SP29/43/35, 76; SP29/45/136, 137; SP29/49/27.

⁹⁵ PRO SP29/56/266; PLOMER, *A Dictionary of the Booksellers and Printers*.

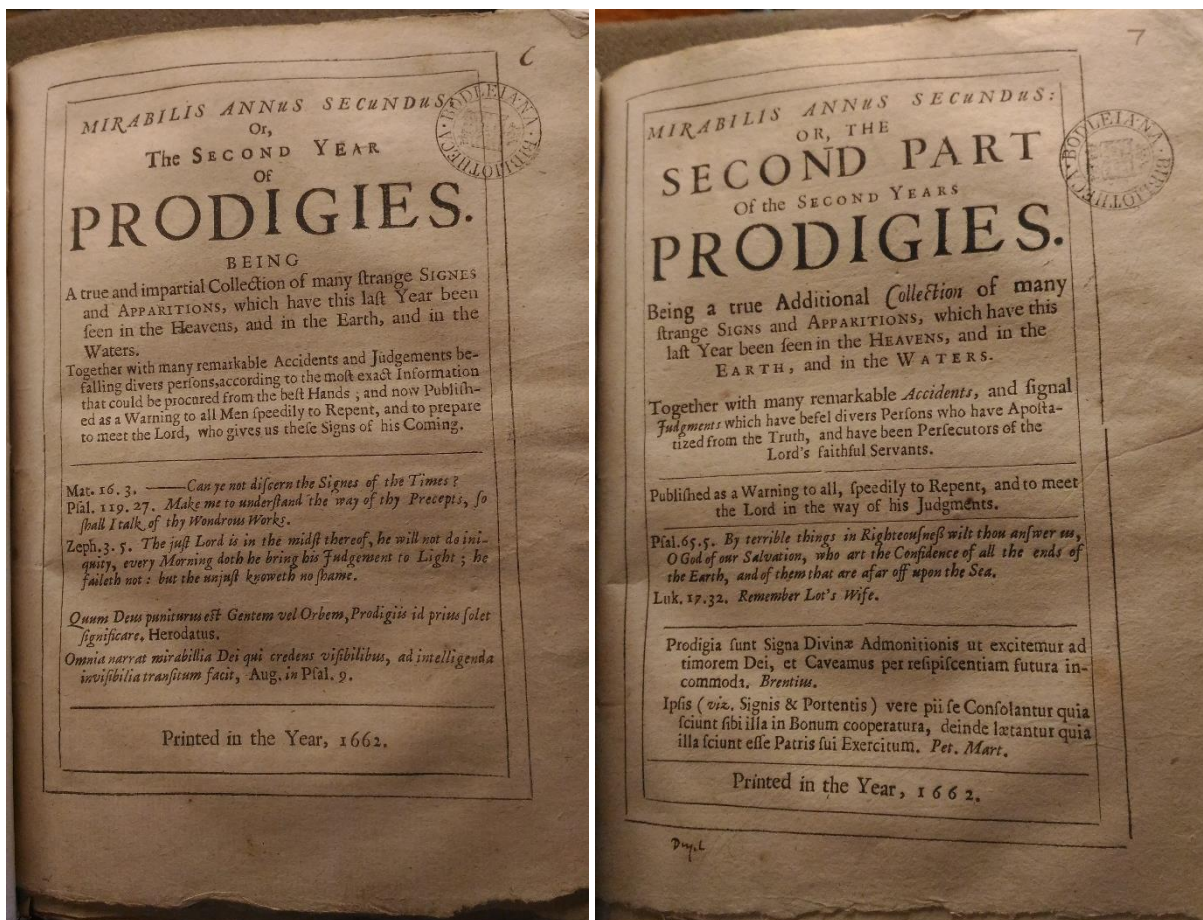


Figura 32: Folhas de rosto das duas partes de *Mirabilis Annus Secundus*.⁹⁶

Suas folhas de rosto não possuem adornos para além de linhas duplas nas quatro margens. A palavra “Prodigies” aparece com maior destaque do que todas as outras, apelando para o interesse geral no gênero textual. Além disso, como aconteceu no primeiro volume, as duas partes de *Mirabilis Annus Secundus* traziam em suas folhas de rosto citações de autoridades. A primeira parte, lançada em algum momento entre julho e setembro de 1662, mencionava a Bíblia, bem como as obras de Heródoto e de Santo Agostinho. A página exibia um trecho inquisidor de Mateus: “*Não podeis discernir os Sinais dos Tempos?*”⁹⁷ A resposta vinha do Livro de Salmos: “*Faz-me entender o caminho dos teus Preceitos, assim falarei das tuas Obras Maravilhosas*”.⁹⁸ Uma passagem de Sofonias lembrava aos leitores antes mesmo que pudessem abrir o panfleto que Deus “*não cometerá iniquidade, toda Manhã traz o seu Juízo à Luz, ele não falha: mas o injusto não conhece a vergonha*.”⁹⁹ Mesmo um pagão como

⁹⁶ Bodleian Library, Wood 643 (6); Bodleian Library, Wood 643 (7).

⁹⁷ No original: “*Can ye not discern the Signes of the Times?*”. *Mirabilis Annus Secundus; or, The Second Year of Prodigies*. [Londres:] s. n., 1662, fl.1; Mateus 16:3.

⁹⁸ No original: “*Make me to understand the way of thy Precepts, so shall I talk of thy Wondrous Works.*” *Idem, ibidem*; Salmos 119:27.

⁹⁹ No original: “*will not do iniquity, every morning doth he bring his Judgement to Light; he faileth not: but the unjust knoweth no shame.*” *Idem, ibidem*; Sofonidas 3:5.

Heródoto entendia que, antes de uma punição divina ser aplicada contra um povo ou todo o mundo, os alertas sobre tais infortúnios costumavam aparecer na forma de prodígios. E Santo Agostinho em seu *Comentário aos Salmos* indicava que só narrava as “*maravilhas de Deus*”¹⁰⁰ aquele que as compreendia enquanto fenômenos visíveis e invisíveis.

A segunda parte de *Mirabilis Annus Secundus* – publicada ao final do ano – mantinha o tom, por um lado, atemorizador e, por outro, auspicioso.¹⁰¹ Uma passagem dos Salmos expressava essa ideia ao dizer que “*Através de coisas terríveis em Justiça tu nos responderás, Ó Deus da nossa Salvação, que és a Confiança de todos os Confins da terra, e daqueles que estão além do Mar.*”¹⁰² Crer na mensagem divina e obedecê-la eram imperativos. Como indicado no Livro de Lucas, mencionado na folha de rosto, a dúvida levava à destruição, assim como ocorrera à esposa de Ló, transformada em uma estátua de sal quando transgrediu à ordem de Deus, olhando para trás ao partir de Sodoma em chamas. Na mesma página, um excerto da obra do reformador germânico Johannes Brenz confirmava a questão, explicando que os “*Prodígios são sinais da Admoestação Divina de que somos despertados para o temor de Deus, e para que tenhamos Cuidado com as inconveniências futuras por meio do arrependimento*”.¹⁰³ Por fim, provavelmente se referindo às reflexões teológicas do calvinista florentino Pietro Martire Vermigli, a folha de rosto trazia uma perspectiva esperançosa, salientando que os sinais divinos “*são verdadeiramente piedosos*” e “*cooperam para o Bem*”.¹⁰⁴

As poderosas mensagens dispostas nas folhas de rosto das duas partes de *Mirabilis Annus Secundus* colaboravam para convencer os leitores de que os conteúdos trazidos nos textos eram verdadeiros sinais de Deus, que manifestava Sua ira contra os inimigos da fé, bem como Sua benevolência para com os “*santos*” independentes. Era tempo de atentar para os indícios visíveis e invisíveis da ação divina, expiar os pecados e obedecer às determinações do Senhor para colher os frutos da Providência. Essas questões eram tão urgentes e fundamentais que serviam de justificativa para as ações dos atores que produziram os dois panfletos. No prefácio da primeira parte de *Mirabilis Annus Secundus*, eles declaravam:

¹⁰⁰ No original: “*mirabilia Dei*”. HIPONA, Agostinho de. **Comentário aos Salmos** *apud* **Mirabilis Annus Secundus**, fl.1.

¹⁰¹ FEHLER; HARTMAN (orgs.), **Signs and wonders**.

¹⁰² No original: “*By terrible things in Righteousness with thou answer us, O God of our Salvation, who art the Confidence of all the ends of the Earth, and of them that are afar off upon the Sea.*” **Mirabilis Annus Secundus: or, The Second Part of the Second Year Prodigies**. [Londres:] s. n., 1662, fl.1.

¹⁰³ No original: “*Prodigia sunt signa Divinae Admonitionis ut excitentur ad timorem Dei, et Caveamus per resipiscentiam futura incommoda.*” BRENZ, Johannes *apud* **Mirabilis Annus Secundus: or, The Second Part of the Second Year Prodigies**, fl.1.

¹⁰⁴ No original: “*vere pii*”; “*in Bonum cooperatura*”. VERMIGLI, Pietro Martire *apud* **Mirabilis Annus Secundus: or, The Second Part of the Second Year Prodigies**, fl.1.

*Nosso Objetivo [...] ao publicar algumas das estranhas Aparições e alguns dos Eventos Prodigiosos que aconteceram nesse ano passado, não é para nada mais do que alertar aos Santos e aos Pecadores, para despertarem ambas as Virgens sábias e tolas, para que ninguém se surpreenda com a sua vinda [de Cristo], nem continue no caminho do Pecado e da Rebelião Contra Deus, sem avisos justos da aproximação dos Julgamentos, bem como das consequências naturais e diretas de tais enormidades. E isso fazemos com base na suposição que o próprio Deus faz em relação aos Israelitas, Se eles não (diz o Senhor) ouvirem a voz no primeiro Sinal, eles acreditarão na voz do último Sinal.*¹⁰⁵

Com isso, os Estacionários Confederados pretendiam se desvencilhar também de acusações quanto às suas intenções. Mostravam-se aos leitores como sujeitos que nada mais faziam além de tornar públicos os relatos prodigiosos, visando a Salvação e o bem de todos. No limite, assumiam uma função de passividade frente ao verdadeiro autor dos conteúdos dos três volumes de *Mirabilis Annus*: Deus. Os fenômenos naturais e sobrenaturais aconteceriam independente das publicações porque eram manifestações divinas. Ou seja, ao imprimirem e disseminarem as cópias dos panfletos, os Confederados somente amplificavam uma mensagem já declarada.

O prefácio respondia diretamente às atitudes dos censores nas perseguições contra os impressores e livreiros conectados à publicação do primeiro texto da série, ou mesmo às denúncias de Roger L'Estrange que, em agosto de 1661, havia declarado que *Mirabilis Annus* não passava de “uma impostura do Projeto mais condenável”.¹⁰⁶ Acusando nominalmente a Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman de terem “uma mão nisso”, L'Estrange descrevia a obra como uma “falsificação mais insolente de maravilhas semelhantes *de agora*, para agitar o Povo, com expectativas supersticiosas dos mesmos eventos” e para “derrubar o Governo do Rei e dos Bispos”.¹⁰⁷

Tendo isso em vista, as sequências de *Mirabilis Annus Secundus* tentaram defender a empreitada de novos ataques. Para isso, os Estacionários Confederados pareceram adotar duas estratégias. A primeira foi a remoção das explicações paralelas, que traduziam e conectavam os fenômenos noticiados a partir de exemplos da história sagrada e secular. A segunda foi reforço dos apelos aos leitores nos textos preambulares, que salientavam a importância das publicações e insistiam no compromisso dos autores, impressores e livreiros com as obras de Deus ali

¹⁰⁵ No original: “Our Scope therefore in publishing some of the strange Apparitions and Prodigious Events which have happened this last year, is nothing else but to alarm both Saints and Sinners, to awaken both the wise and the foolish Virgins, that none may be surprized with his coming, nor continue in a course of Sin and Rebellion against God, without fair warnings of approaching Judgments, as the natural and direct consequences of such enormities. And this we do upon that supposition which God himself makes in relation to the Israelites, If they will not (*says the Lord*) hearken to the voice of the first Sign, they will believe the voice of the latter Sign.” *Mirabilis Annus Secundus*, fl.3v.

¹⁰⁶ No original: “an imposture of a most damnable Design”. L'ESTRANGE, **A modest plea**, p.11.

¹⁰⁷ No original: “a hand in't”; “most impudent forgery of the like wonders *here*, to stripe the People, with a superstitious expectations of the same events”; “overthrow the Government by *King and Bishops*”. *Idem*, p.11-12.

reproduzidas. O prefácio da primeira parte de *Mirabilis Annus Secundus* justificava que os produtores do panfleto se viram forçados a suprimir os paralelos pois “*ao ouvido de muitos [eles] soaram como nada menos do que Sedição e Rebelião.*”¹⁰⁸ Seu intuito original, explicavam, era tão somente promover as palavras de Deus. Todo caso, tentando evitar novos desentendimentos com as autoridades, agora optaram por adotar uma conduta de precaução, fornecendo

*apenas uma clara e pura apresentação das muitas passagens marcantes da Providência sobre as quais [...] nós temos conhecimento. E assim, nós clamamos ao Conhecedor de todos os corações para testemunhar, que nós fomos fiéis e imparciais. E verdadeiramente, podemos apelar para o Deus que tudo sabe, que nosso desejo não é agitar nenhuma Sedição, mas o Arrependimento oportuno; não a Traição contra o homem, mas a Lealdade e a Sujeição a JESUS CRISTO o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. E se a esse respeito, por meio do nosso cuidado e diligência em coletar e publicar essa Coleção, nós pudermos servir ao nosso Mestre e às almas dos homens, nós teremos alcançado nosso objetivo, e Compensação suficiente por todas as dores e o percurso desse Trabalho*¹⁰⁹.

Logicamente, havia outras razões para deixar de fornecer as explicações aos prodígios. Estabelecer analogias e construir figuras dependiam da reflexão teológica de autores que nem sempre estavam disponíveis, como era o caso de Henry Jessey, que ficou sob custódia ao final de 1661. Essas adições também geravam polêmicas quanto a veracidade ou a interpretação dos fenômenos descritos. Mas, sobretudo, esses trechos tornavam o processo produtivo mais complexo e longo. Os textos se tornavam mais extensos, gastando mais material, aumentando os custos da impressão e, por consequência, elevando os preços dos panfletos. E se ficassem muito caras, as duas partes de *Mirabilis Annus Secundus* não circulariam tanto quanto o primeiro volume da série. Nenhuma dessas razões, contudo, era tão nobre quanto a declaração de comprometimento com a verdade de Deus, expressa na citação reproduzida acima. As questões práticas da produção do panfleto não capturavam a benevolência dos leitores de forma tão eficaz quanto a explanação sobre as boas intenções do projeto. Nem ajudavam a legitimar o oposicionismo manifesto nos textos. Os paralelos foram retirados porque pareciam sediciosos, mas, conforme o preâmbulo explicava, jamais poderia haver sedição numa obra destinada a adoração de Cristo, “o Rei dos reis

¹⁰⁸ No original: “*in the ears of many did trumpet out nothing less than Sedition and Rebellion*”. **Mirabilis Annus Secundus**, fl.4.

¹⁰⁹ No original: “*only a plain and naked account of the several remarkable passages of Providence which [...] we have come to the knowledge of. And herein, we call the Searcher of all hearts to witness, that we have been faithful and impartial. And truly, we can appeal to the all-knowing God, that our design is not to stir up any Sedition, but seasonable Repentance; no to Treason against man, but Loyalty and Subjection to JESUS CHRIST the King of kings and Lord of lords. And if in this respect, by our care and diligence in putting together and publishing this Collection, we can be serviceable to our Master, and the souls of men, we have our end, and a sufficient Compensation for all our pains and travel in this Work?*”. *Idem*, fl.4v.

e o Senhor dos senhores”¹¹⁰, isto é, o único soberano ao qual se devia obediência e lealdade. Se a obra transgredia era às leis dos homens, imperfeitas e inferiores quando comparadas aos desígnios divinos.

O mesmo tom foi utilizado no prefácio da segunda parte de *Mirabilis Annus Secundus*. Nele, os Estacionários Confederados começavam justificando a demora na publicação. Eles se desculpavam, explicando que apenas nos últimos meses de 1662 conseguiram superar “com a ajuda da Providência, [...] as muitas interrupções que acometeram a *Prensa*, (embora muito mais tarde do que prometemos, e de fato pretendíamos) por fim Trouxemos ao Mundo uma *Segunda Parte* dos *Prodígios* deste ano.”¹¹¹ Mais uma vez, os publicadores tratavam das intempéries que supostamente dificultaram seu nobre trabalho de cooperação com a vontade de Deus. Ao aludir às dificuldades enfrentadas dentro das oficinas tipográficas, era claro que o preâmbulo se referia ao recrudescimento da censura no que dizia respeito à circulação de textos não-conformistas, como a promulgação dos Atos de Uniformidade e de Regulamentação da Imprensa, que legitimaram a perseguição a autores, impressores e livreiros envolvidos com as edições de *Mirabilis Annus*.

O “olho vigilante que está continuamente sobre a *Imprensa*”¹¹², de fato, atrapalhou as atividades dos Estacionários Confederados. O final de 1662 se mostrou bastante difícil. Francis Smith havia sido solto no início do ano. Giles Calvert voltou para Londres em março, mas a situação pareceu se complicar novamente a partir do final de agosto. No dia 24, cerca de mil ministros religiosos foram expulsos de suas igrejas por se negarem a jurar obediência à Lei de Uniformidade, recusando a ortodoxia anglicana.¹¹³ Ao fim do mês, Henry Jessey e outros sectários foram presos sob acusações de conspirarem contra o governo.¹¹⁴ Em setembro, dois mandados foram emitidos para que os censores e mensageiros do rei realizassem buscas e apreensões em casas de impressores e livreiros.¹¹⁵ Ao fim de outubro, uma nova ordem determinou que oficinas e livrarias fossem examinadas.¹¹⁶ Livewell Chapman parece ter se refugiado no exterior e Thomas

¹¹⁰ “the King of kings and Lord of lords”. *Idem, ibidem*.

¹¹¹ No original: “through the assistance of Providence, [...] the many interruptions which have attended the *Press*, we have (though much later than we promised, and indeed intended) at last Mid-wifed into the World a *Second Part* of this years *Prodigies*”. **Mirabilis Annus Secundus: or, The Second Part of the Second Year Prodigies**, fl.2.

¹¹² No original: “watchful eye that is continually upon the *Pres*”. *Idem*, s. n.p. (p.53v).

¹¹³ Promulgado em 29 de julho de 1662, a Lei de Uniformidade determinava que todos os líderes religiosos teriam até o dia de São Bartolomeu, 24 de agosto, para se comprometerem com a doutrina anglicana. Ansiosas, as autoridades mobilizaram os exércitos na véspera do prazo com o intuito de evitar rebeliões. Rumores de complôs presbiterianos e de correntes independentes circularam amplamente, ancorados, sobretudo, na simbologia do dia de São Bartolomeu e na memória da sangrenta perseguição aos protestantes na França no século XVI. Vários pastores não-conformistas foram presos e perseguidos. A data ficou conhecida na Inglaterra como “Black Bartholomew’s Day”. Sobre isso, ver: APPLEBY, David J. **Black Bartholomew’s Day: Preaching, Polemic and Restoration Nonconformity**. Manchester: Manchester University Press, 2013.

¹¹⁴ PRO SP29/65/166.

¹¹⁵ PRO SP44/8/23; SP29/60/12.

¹¹⁶ PRO SP44/9/51; SP29/61/201.

Brewster também não era fácil de ser encontrado.¹¹⁷ Roger L'Estrange mencionou o retorno de Brewster à Londres em junho de 1662, mas não há novos sinais do livreiro até fevereiro de 1663, quando foi encontrado em um esconderijo em Bristol.¹¹⁸ Giles Calvert foi preso novamente em algum momento do segundo semestre do ano, sendo solto apenas em 27 de novembro. Menos de vinte dias depois, ele foi encarcerado mais uma vez. Apesar de incomum, Elizabeth Calvert também foi levada sob custódia na mesma altura.¹¹⁹ Como uma mulher casada, seu marido seria responsabilizado pelas suas transgressões. Não obstante, a livreira se mostrava uma peça fundamental na produção e comercialização de títulos ilegais, por isso, sua liberdade configurava um risco para as autoridades. Junto com os Calverts, a criada Elizabeth Evans e um outro casal também foram detidos. John Batty, um comerciante, e sua esposa Constance, foram presos por venderem livros ilícitos. John Batty também atuava como um pastor itinerante e ocupava um lugar de destaque entre a comunidade batista liderada por William Kiffin. Provavelmente, o casal colaborava com as redes de distribuição dos Confederados, auxiliando no escoamento de seus textos entre outros sectários.¹²⁰

Apesar da forte repressão, as duas partes de *Mirabilis Annus Secundus* foram concluídas e lançadas ao público, extrapolando, inclusive, os limites da cidade de Londres, pois exemplares do texto foram encontrados em Bristol, na livraria de Richard Moone. Embora os nomes dos agentes que asseguraram a empreitada em um contexto tão complicado não constem nos documentos oficiais dos censores, é muito provável que – diante do longo período em que Francis Smith esteve preso, dos constantes encarceramentos do casal Calvert e das fugas de Thomas Brewster e Livewell Chapman –, Anna Brewster, Hannah Chapman, Eleanor Smith, e Simon e Joan Dover tivessem coordenado as produções.

Ainda que fossem invisibilizadas pela organização patriarcal do mercado livreiro, as mulheres poderiam, entre outras coisas, “transmitir recados para os negócios, e provavelmente servir comida e bebida. Também é frequentemente assumido que as mulheres fossem responsáveis pela costura inicial dos cadernos antes de sua encadernação”¹²¹, ou mesmo pelo comércio das obras. Era claro, sobretudo pelo caso de Elizabeth Calvert, cujo destaque levou a vários mandados por

¹¹⁷ BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; LIMA, "Impresso para ser vendido"; BELL, "Chapman, Livewell".

¹¹⁸ L'ESTRANGE, Roger. **Truth and loyalty vindicated, from the reproches and clamours of Mr. Edward Bagshaw. Together with a further discovery of the libeller himself, and his seditious confederates.** Londres: Henry Brome, Anna Seile, 1662; PRO SP29/67/325; SP29/68/9; SP44/10/39.

¹¹⁹ PRO SP44/9/77, 191; SP29/63/157; SP29/67/2.

¹²⁰ PRO SP44/9/191, 198, 258; SP29/65/6, 51, 173; SP29/89/88; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'".

¹²¹ No original: “run errands for the business, clean, and probably provide food and drink. It is also often assumed that the women would be responsible for the initial sewing of gatherings prior to their binding”. COKER, "Gendered spheres", p. 4.

sua captura, que as mulheres eram agentes imprescindíveis em todas as fases da produção e disseminação dos textos impressos.

Um indício da prevalência da participação feminina na continuação da série sobre os prodígios é a curiosa expressão utilizada no prefácio da segunda parte de *Mirabilis Annus Secundus* para se referir às dificuldades enfrentadas para trazer o panfleto ao mundo. O preâmbulo mencionava a ação de parir ou dar à luz (no original, “mid-wifed”). Certamente, é preciso observar que esse termo não era incomum no mercado livreiro da Época Moderna. Comparações entre a reprodução humana e textual eram muito frequentes. Diversas metáforas eram empregadas para descrever a impressão dos livros como o nascimento de crianças, cuja paternidade era reclamada nos *imprints*. Da mesma maneira, a prensa era caracterizada como uma máquina capaz de dar à luz à informação. Sendo assim, as referências ao ato de parir estavam inscritas tanto nas esferas masculinas como femininas, não se restringindo aos papéis normalmente atribuídos aos gêneros. Estacionários de ambos os sexos faziam uso desses termos.¹²²

Não é possível afirmar que as “Mulheres Confederadas” estivessem deliberadamente aludindo ao seu gênero no prefácio do texto. Ainda assim, é interessante observar que a referência à função de parteira, comumente considerada uma atividade feminina, tenha sido mobilizada justamente em um panfleto que, certamente, dependeu do trabalho dessas mulheres. Mas, independentemente dos gêneros dos publicadores da segunda parte de *Mirabilis Annus Secundus*, a metáfora também era igualmente significativa porque, mais uma vez, retratava os impressores e livreiros como facilitadores e não criadores dos conteúdos ali expressos. Eles (ou elas) agiam como agentes cuja principal função era auxiliar a trazer ao mundo o texto de outros, sugerindo, portanto, que não poderiam interferir em qualquer parte da obra.¹²³ Ao mesmo tempo, a expressão reforçava a importância dos estacionários, pois sem sua ação, o “parto” dos prodígios poderia não ter ocorrido, o que, por sua vez, impediria que as importantes mensagens de Deus tivessem o mesmo alcance na esfera pública.

Novamente, reforçava-se a relevância da publicação de toda a série dos *Mirabilis Annus* que, independentemente dos percalços, conseguia espalhar e amplificar os desígnios de Deus. Ao final da última parte de *Mirabilis Annus Secundus*, os Estacionários Confederados lembravam aos seus leitores de que aquela “contínua Vigília” dos sinais divinos era imprescindível e recompensava os esforços daqueles que, como eles, estavam à espera da concretização das profecias milenaristas e

¹²² MACLEAN, Gerald. "Literacy, Class, and Gender in Restoration England". *Text*, v. 7, p. 307–335, 1994; SMITH, Helen. "Print[ing] Your Royal Father Off: Early Modern Female Stationers and the Gendering of the British Book Trades". *Text*, v. 15, p. 163–186, 2003; BROOKS, Douglas A. (org.), **Printing and Parenting in Early Modern England**. Londres: Routledge, 2017.

¹²³ DE GRAZIA, Margreta. "Imprints: Shakespeare, Gutenberg, and Descartes". In: BROOKS (org.), **Printing and Parenting**.

apocalípticas. As publicações eram o alerta para a manutenção do constante zelo puritano e para a atenção aos fenômenos cotidianos, fossem visíveis ou não, “*pois nós não sabemos a hora em que o Senhor virá*”.¹²⁴

3.2. A profetizada destruição da monarquia

Era esse tom providencialista e fatalista que incomodava às autoridades no contexto da Restauração. Panfletos como *Mirabilis Annus* insistiam na iminente destruição dos governos mundanos, procurando deslegitimar qualquer instituição política em desacordo com o que interpretavam a partir das profecias bíblicas e dos supostos fenômenos miraculosos. Não foi à toa que mesmo antes de Carlos II chegar a Londres, potenciais opositores entre as comunidades independentes foram presos “preventivamente”. Ao longo de 1660, centenas de ministros separatistas e presbiterianos foram removidos de suas paróquias e substituídos por clérigos favoráveis ao modelo episcopal de organização da Igreja. Depois da coroação do rei e dos seus esforços para restituir o poder da Igreja Anglicana, os sectários sofreram ainda maiores constrangimentos. A rebelião de Thomas Venner também levou à adoção de rigorosas medidas contra dissidentes religiosos, milhares de batistas e quakers acabaram atrás das grades como consequência. Em 1662, antes mesmo da promulgação da Lei de Uniformidade, um novo decreto já havia colocado os quakers na ilegalidade. Ao todo, entre 1660 e 1662, mais de 2.000 clérigos e por volta de 200 professores universitários foram afastados de seus cargos em todas as partes dos Três Reinos.¹²⁵

As congregações de Henry Jessey e George Cockayne, rotineiramente ligadas ao radicalismo milenarista e à oposição ao monarquismo, foram alvos frequente das autoridades. Além de Jessey ter sido preso em 1661 por suas relações com *Mirabilis Annus* e, novamente, em 1662 por uma suposta conspiração oposicionista, outros pastores de All Hallows the Great foram detidos. O pentamonarquista John Simpson foi encarcerado em 1661 porque “discursos sediciosos & perigosos [eram] usados por ele para perturbar a paz Pública”¹²⁶. Sermões de homens como John Knowles, Henry Jessey, Hanserd Knollys, John Simpson, George Cockayne e William Kiffin atacavam as figuras do rei e de seus bispos. E os conteúdos das falas, feitas em seus conventículos,

¹²⁴ No original: “continual Watchfulness”; “*for we know not in what hour our Lord will come*”. **Mirabilis Annus Secundus: or, The Second Part of the Second Year Prodigies**, s. n.p. (p.53v).

¹²⁵ GREAVES, **John Bunyan and English nonconformity**; APPLEBY, **Black Bartholomew's Day**; COFFEY, John. **Persecution and Toleration in Protestant England, 1558-1689**. Londres: Routledge, 2014.

¹²⁶ No original: “seditious & dangerous speeches used by him to *the* disturbance of *the* Publick peace”. PRO SP44/5/59.

sempre poderiam se espalhar para além dos muros das congregações sectárias, pois agentes do mercado livreiro eram rotineiramente vistos entrando e saindo de reuniões suspeitas¹²⁷.

A profícua relação entre as comunidades sectárias e os agentes do mercado livreiro era fortemente combatida por Roger L'Estrange. Suas publicações alertavam que estacionários sediciosos combinavam “a Prensa e o Púlpito para fazer ofensas” contra o rei, desde seu retorno à Inglaterra¹²⁸. O autor-censor salientava que “a *Prensa* Não é nem menos ativa, ou menos *perigosa* que o *Púlpito*”.¹²⁹ E, unidas, essas duas forças confabulavam para desesperadamente imprimir textos “estampados sobre o [que era] Vulgar crédulo e supersticioso”¹³⁰, propagando ideias controversas e inspirando a traição. Suas denúncias e investidas, contudo, não foram capazes de impedir que os Estacionários Confederados emitissem ainda outra obra não-conformista.

Além das duas partes de *Mirabilis Annus Secundus*, eles lançaram *The Panther-Prophesy* no final de 1662. Impresso em um estilo bastante curioso, o panfleto merece um exame detalhado. *The Panther-Prophesy* foi o único fólio lançado pelos Confederados na primeira metade dos anos 1660. Feito com apenas três folhas de papel dobradas na metade, o texto tem 12 páginas. A folha de rosto não menciona nenhum nome de autor, impressor ou livreiro, ou mesmo o local de produção. Nela, há apenas um floral como adorno, feito com um bloco de madeira, utilizado para ocupar o espaço em branco que sobriaria na composição da forma. Na página lê-se uma síntese do conteúdo da obra, com destaques para algumas das palavras de maior apelo (ver *Figura 33*):

A PROFECIA-DA-PANTERA, OU, Uma Premonição para todos os Povos, SOBRE Tristes CALAMIDADES e MISÉRIAS que acontecerão nestas Ilhas. Ao que se acrescenta, Um DISCURSO Astrológico sobre Aquela ESTRANHA APARIÇÃO de um EXÉRCITO de CAVALOS visto em *Gales*, perto de MOUNTGOMERY, [em] 20 de Dezembro. 1661.¹³¹

Mesmo que não citasse *Mirabilis Annus Secundus* nominalmente, *The Panther-Prophesy* se referia à coletânea de prodígios recém-lançada pelos Confederados ao indicar a estranha aparição equestre na folha de rosto, e comentá-la no prefácio do fólio. No episódio em questão, “Várias pessoas de

¹²⁷ Ver, por exemplo: PRO SP18/220/101, 108, 110; SP29/40/139, 145, 146; SP29/41/109; SP29/45/49; SP29/99/15; **Reports and Appendices of the Historical Manuscripts Commission**, IX (2), 70bl; CSPD Chas II, v. 275, n.155.

¹²⁸ No original: “the Presse and Pulpit to do mischief”. L'ESTRANGE, **A modest plea**, p.7.

¹²⁹ No original: “Nor is the *Press* less active, or less *dangerous* then the *Pulpit*”. *Idem*, p.10.

¹³⁰ No original: “stamp'd upon the credulous and superstitious *Vulgar*”. *Idem*, p.15.

¹³¹ No original: “THE PANTHER-PROPHECY, OR, A Premonition to all People, OF Sad CALAMITIES and MISERIES like to befall these *Islands*. To which is added, An Astrological DISCOURSE Concerning That strange APPARITION of an ARMY of HORSE seen in *Wales*, near MOUNTGOMERY, *December* the 20th. 1661.” **The Panther-Prophecy, Or, A Premonition to all People, of Sad Calamities and Miseries like to befall these Islands**. [Londres:] s. n., 1662.

boa reputação” diziam ter presenciado a marcha de uma tropa fantasmagórica que, montada em cavalos de diferentes cores, não deixou rastros no solo, pois nunca se aproximou de lugar algum, apesar de parecer rumar à prisão de Montgomery para libertar “um Exército de *Roundheads* ou *Fanáticos*” que era mantido sob custódia.¹³²

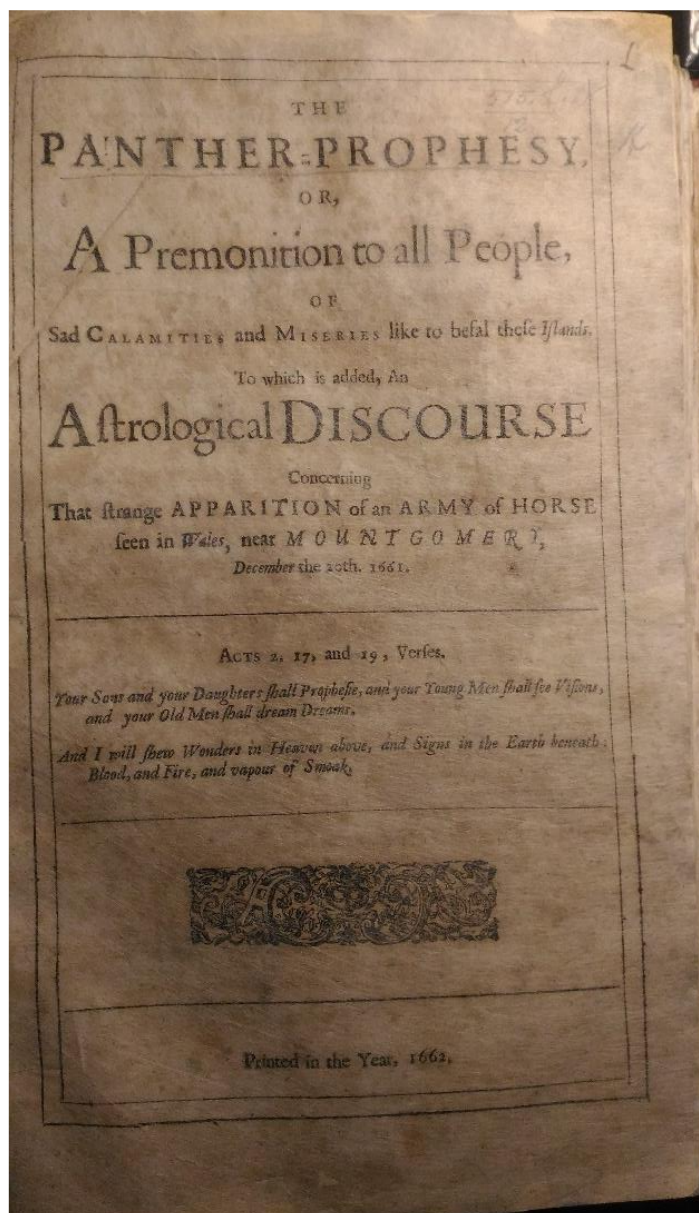


Figura 33: Folha de rosto de *The Panther-Prophecy*.¹³³

¹³² No original: “Several persons of good credit”; “an Army of *Roundheads* or *Phanaticke*.” *Mirabilis Annus Secundus*, p.48.

¹³³ British Library, 515.l.18.(12).

Confirmando a validade da profecia que seria apresentada no panfleto, bem como do episódio sobrenatural avistado em Gales, a folha de rosto estampava duas citações oriundas do Livro de Atos dos Apóstolos, nas quais dois versos informavam que:

*Vossos Filhos e vossas Filhas profetizarão, e vossos Homens Jovens terão Visões, e vossos Homens Velhos terão Sonhos.
E eu mostrarei Maravilhas no Céu acima, e Sinais abaixo na Terra: Sangue, e Fogo, e vapor de Fumaça.*¹³⁴

Panther-Prophesy se apresentava, assim, como uma projeção da mensagem de Deus sobre a Sua divina Providência.

A ideia era confirmada e reforçada no preâmbulo do panfleto. Nele, especulava-se a respeito da origem da profecia ali descrita. A identificação dos seus primórdios era incerta. Conforme o prefácio relatava, algumas pessoas achavam que aquele era um prognóstico germânico, descoberto por um viajante que buscava obras relativas às Ilhas da Bretanha. Outras, afirmavam que sua origem estava no próprio solo britânico, fazendo parte das tradições dos povos da antiguidade anglo-saxã. Ou, ainda, diziam que tudo era “*uma Visão, ou uma Sugestão, ou um Sonho*” experienciado por “*Uma Pessoa de Honestidade e Integridade*” no dia 28 de dezembro de 1653.¹³⁵ Apesar das dúvidas sobre a autoria, o conteúdo da profecia não era questionado, mas considerado fundamental para todos os cristãos naquele presente momento. O preâmbulo justificava que a decisão pela impressão do prognóstico se devia ao fato de que os publicadores de *The Panther-Prophesy* tiveram acesso àquela mensagem na mesma altura em que a cavalaria sobrenatural foi avistada pelos habitantes de Montgomery (no momento da produção de *Mirabilis Annus*, que narra o episódio). A ocorrência auspiciosa sinalizava a importância de torná-la pública o mais prontamente possível.

A matéria do texto se baseava nos capítulos 18 e 19 do Apocalipse de João. *The Panther-Prophesy* narrava uma visão na qual quatro sujeitos – um soldado, um advogado, um cidadão e um ministro religioso – teriam recebido um convite para um jantar de casamento, mas se negaram a comparecer. Em vez de celebrar a feliz ocasião, preferiram adorar a uma figura monstruosa que emergiu de uma floresta, uma pantera. O animal bestial rapidamente os devorou (embora tenha tido dificuldades para engolir o clérigo). Enquanto isso, os demais habitantes da cidade fugiram em

¹³⁴ No original: “*Your Sons and your Daughters shall Prophesie, and your Young Men shall see Visions, and your Old Men shall dream Dreams. / And I will shew Wonders in Heaven above, and Signs in the Earth beneath: Blood, and Fire, and vapour of Smoak.*” **The Panther-Prophesy**, fl.1; Atos 2:17, 19.

¹³⁵ No original: “*a Vision, or a Suggestion, or a Dream*”; “*A Person of Honesty and Integrity*”. **The Panther-Prophesy**, p.7 (A2).

busca de proteção contra a fera. Depois de digerir os quatro homens, a pantera os excretou sob novas formas, respectivamente, um duque, um conde, um barão e um bispo.¹³⁶ Agindo sob o comando da pantera, os quatro homens ajudaram a perseguir o povo, que precisou se esconder em meio à floresta. Quando o monstro conseguiu pegar um “Homem de Deus”¹³⁷ pelo pescoço, Cristo surgiu de uma nuvem, disparando flechas contra a fera e seus lacaios. Triunfando sobre seu inimigo, Jesus afugentou os adoradores da besta. Em seguida, o povo, seguro para sair de seu esconderijo, conclamou o início de uma era de maravilhas: “*O Senhor Reina, deixe que a Terra se regozije.*”¹³⁸

Como observado por Warren Johnston, alegórica e simbolicamente, a profecia aludia ao “abandono dos princípios divinos por parte dos magistrados, do clero e dos cidadãos que se tornaram apoiadores do governo da Restauração”¹³⁹. Se, como se supunha, a visão original tivesse acontecido no ano de 1653, ela parecia responder ao Protetorado cromwelliano, identificando, portanto, o período de domínio da Besta anticristã com a duração do regime do Lorde Protetor. Não obstante, a publicação em 1662 recontextualizava a interpretação acerca daquela profecia, tornando-a mais atual. A fera que atacava ao povo, reconduzindo a sociedade à corrupção das hierarquias nobiliárquicas e eclesiásticas, era, na verdade, a monarquia de Carlos II.¹⁴⁰

Embora não houvesse qualquer menção ao autor ao longo de *The Panther-Prophecy*, quem teria visto a profecia seria o pentamonarquista galês Owen Lloyd. Discípulo de Morgan Llwyd, um pregador itinerante do Comitê para a Propagação do Evangelho em Gales, Lloyd reportou a sua visão a John Rogers pouco depois da dissolução do “Parlamento dos Santos”, presumindo que a pantera, de fato, simbolizava Oliver Cromwell.¹⁴¹ Talvez John Rogers tenha sido um dos responsáveis pela subsequente preparação do texto para publicação, dada sua proximidade de alguns dos Estacionários Confederados.

Quando o panfleto finalmente veio à prensa, sua composição revelava interessantes usos dos instrumentos tipográficos (ver *Figura 34*):

¹³⁶ *Idem*, JOHNSTON, **Revelation restored**; JOHNSTON, Warren. "Prophecy on the Margins: a case study of the Apocalypse in later seventeenth-century England". In: HARVEY, Sarah; NEWCOMBE, Suzanne (orgs.). **Prophecy in the new millennium: when prophecies persist**. Farnham: Ashgate, 2013; JOHNSTON, Warren. "Eschatology and Radicalism after the Restoration: the English context". In: CROME, Andrew (org.). **Prophecy and eschatology in the transatlantic world, 1550-1800**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

¹³⁷ No original: “Godly Man”. **The Panther-Prophecy**, p.5.

¹³⁸ No original: “*The Lord Reigns, let the Earth rejoice.*” *Idem*, p.6.

¹³⁹ JOHNSTON, Warren. "Eschatology and Radicalism after the Restoration", p. 195.

¹⁴⁰ *Idem*, LEIGHTON, Cadoc. "Apocalyptic and History among the Later Covenanters". **Archivium Hibernicum**, v. 68, p. 312–332, 2015.

¹⁴¹ LELOYD, Owen. **Het Gezigt van den Panther**. In zes Hoofdstukken verdeeld, Zo als op den 28. van Windternaand des Jaars 1653. in den Morgenstond op bet aanbreeken van dag, vertoond wicydt ann Owen Leoyd, Die in den Jaare 1643 in Virginia woonde, em aldaar zyn bezit em middelenverloor. S. l: s. n., 1688. GREAVES, **Deliver us from evil**; CAPP, **The Fifth Monarchy Men**; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**.

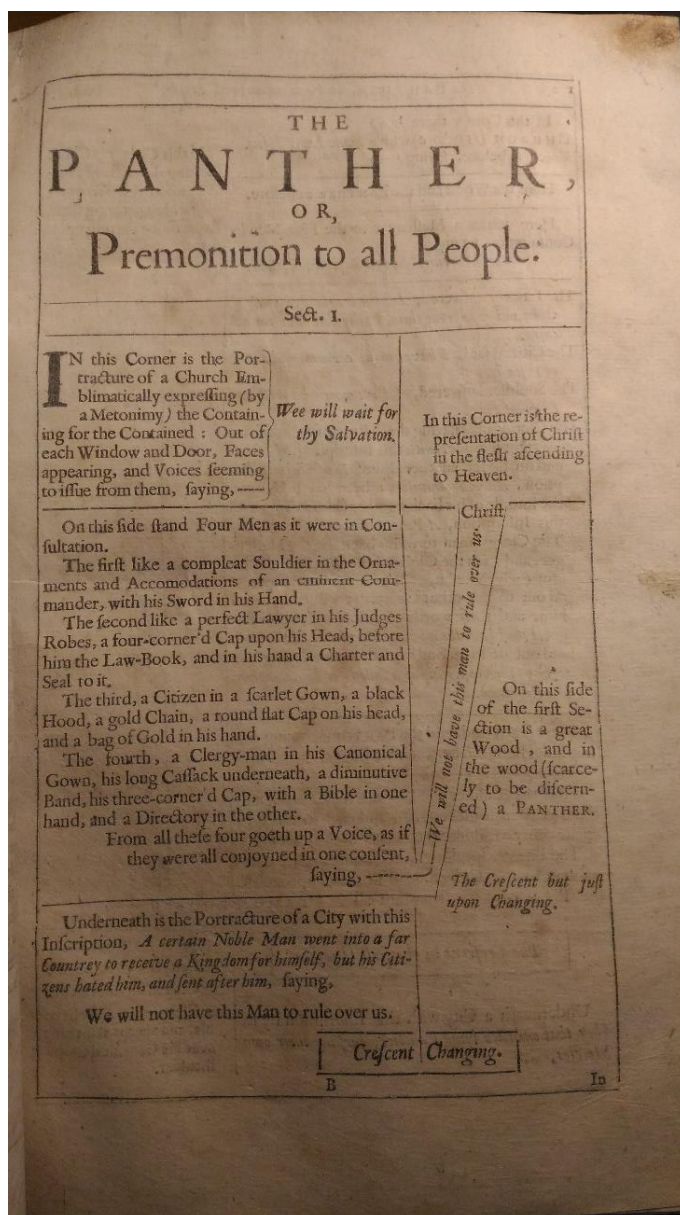


Figura 34: Página 1 de *The Panther-Prophesy*.¹⁴²

Mesmo sem fazer uso de imagens ou gravuras, o panfleto tinha profundo apelo visual. As seções da narrativa foram organizadas em blocos que pareciam esquematizar uma cena a ser imaginada pelos leitores. A obra, assim se abria com uma divisão entre seis fragmentos (ver *Figura 34*). “Neste Canto [esquerdo superior] está o Retrato de uma Igreja Emblematicamente expressando (por meio de uma metonímia) o Conteúdo por meio do Contido”.¹⁴³ Da Igreja, saía a declaração “*Esperaremos pela tua Salvação*”.¹⁴⁴ “Neste Canto [direto superior] está a representação de Cristo em carne

¹⁴² British Library, 515.l.18.(12).

¹⁴³ No original: “In this Corner is the Portraiture of a Church Emblematically expressing (by a Metonymy) the Containing for the Contained”. *The Panther-Prophesy*, p.1.

¹⁴⁴ No original: “*Wee will wait for thy Salvation.*” *Idem, ibidem.*

ascendendo ao Céu”.¹⁴⁵ Abaixo da Igreja estavam reunidos o soldado, o advogado, o cidadão e o clérigo, que diziam na direção de Cristo: “*Nós não teremos esse homem para nos governar*”.¹⁴⁶ A fala dos quatro homens saía do retângulo que continha a descrição sobre eles, formando um caminho que subia até onde o divino estava representado. Logo abaixo dos quatro homens havia uma cidade que se negava a receber “*Um certo Nobre*” para reinar sobre ela.¹⁴⁷ Do lado direito, abaixo de Cristo, uma pantera se escondia entre a floresta. Abaixo de todas as cenas sinalizava-se uma mudança no “*Crescente*”.¹⁴⁸

Nas páginas subsequentes, encontramos as mesmas estratégias visuais. Como pode ser visto nos exemplos da *Figura 35*, os vários retângulos que dividem as páginas representavam cada uma das personagens da visão, isto é, a Igreja; os quatro homens, que posteriormente se tornam adoradores da pantera; a cidade e seu povo; a floresta na qual habitava a Besta; Cristo nas nuvens; e os astros celestes em contínua movimentação. Conforme interagiam entre si, suas falas ultrapassavam os limites estabelecidos pelas linhas marginais, ascendendo aos céus para alcançar ao Senhor; ou vindo Dele para a Terra. Poderosas, as palavras de Cristo chegavam, inclusive, a entrecortar sentenças e palavras. Na terceira página do panfleto, reproduzida na *Figura 35*, a profecia descrevia Cristo em seu trono avisando aos adoradores da Besta, já metamorfoseados em servos da pantera, que Deus lhes destruiria: “*Ele os quebrará em pedaços como a um Vaso de Oleiro*”.¹⁴⁹ Fragmentadas, as frases referentes às movimentações dos quatro homens e da Pantera são atravessadas pela altiva ameaça de Cristo. Material e textualmente, demonstrava-se a força do poder divino, capaz de despedaçar aqueles que atentavam contra a Providência e os verdadeiros cristãos. A ameaça contra o reinado de Carlos II, representado na figura animalesca da profecia, era reforçada tanto pela potente mensagem sobre a destruição dos governos anticristãos, quanto pela engenhosa tipografia utilizada no fólio.

É impossível precisar quem foi o responsável pela edição de um projeto tão inventivo. Um suposto manuscrito original não foi localizado para ser cotejado junto às cópias impressas. Dessa forma, não sabemos se Owen Lloyd ou John Rogers haviam pensado em expor a visão por meio de recursos visuais e textuais; ou se essa foi uma decisão tomada exclusivamente na preparação dos Estacionários Confederados. O que se sabe é que a publicação foi orquestrada entre a livraria do casal Brewster e a oficina tipográfica do casal Dover. Entre novembro de 1662 e janeiro de 1663, informantes denunciaram Thomas Brewster às autoridades. Possivelmente um de seus aprendizes,

¹⁴⁵ No original: “In this Corner is the representation of Christ in the flesh ascending to Heaven.”. *Idem, ibidem.*

¹⁴⁶ No original: “*Wee will not have this man to rule over us.*” *Idem, ibidem.*

¹⁴⁷ No original: “*A certain Noble Man*”. *Idem, ibidem.*

¹⁴⁸ No original: “*Crescent.*” *Idem, ibidem.*

¹⁴⁹ No original: “*He shall break them to pieces like a Potters Vessel.*” *Idem, p.3.*

Peter Bodvell, informou que o livreiro havia trabalhado na publicação. Brewster, contudo, ainda estava escondido nessa altura, de forma que sua esposa Anna era a publicadora mais provável da obra.¹⁵⁰ Thomas Brewster foi capturado em fevereiro de 1663, em uma casa comercial sob o signo do Golfinho em Bristol “com duas caixas de livros”.¹⁵¹ Ao fim do ano, o já nomeado Inspetor da Imprensa afirmava ter encontrado a decoração da folha de rosto de *The Panther-Prophesy* na casa de Simon Dover.¹⁵² Mas, apesar de Brewster e Dover terem sido capturados em 1663, *The Panther-Prophesy* continuou a circular, gerando desconforto para as autoridades.¹⁵³

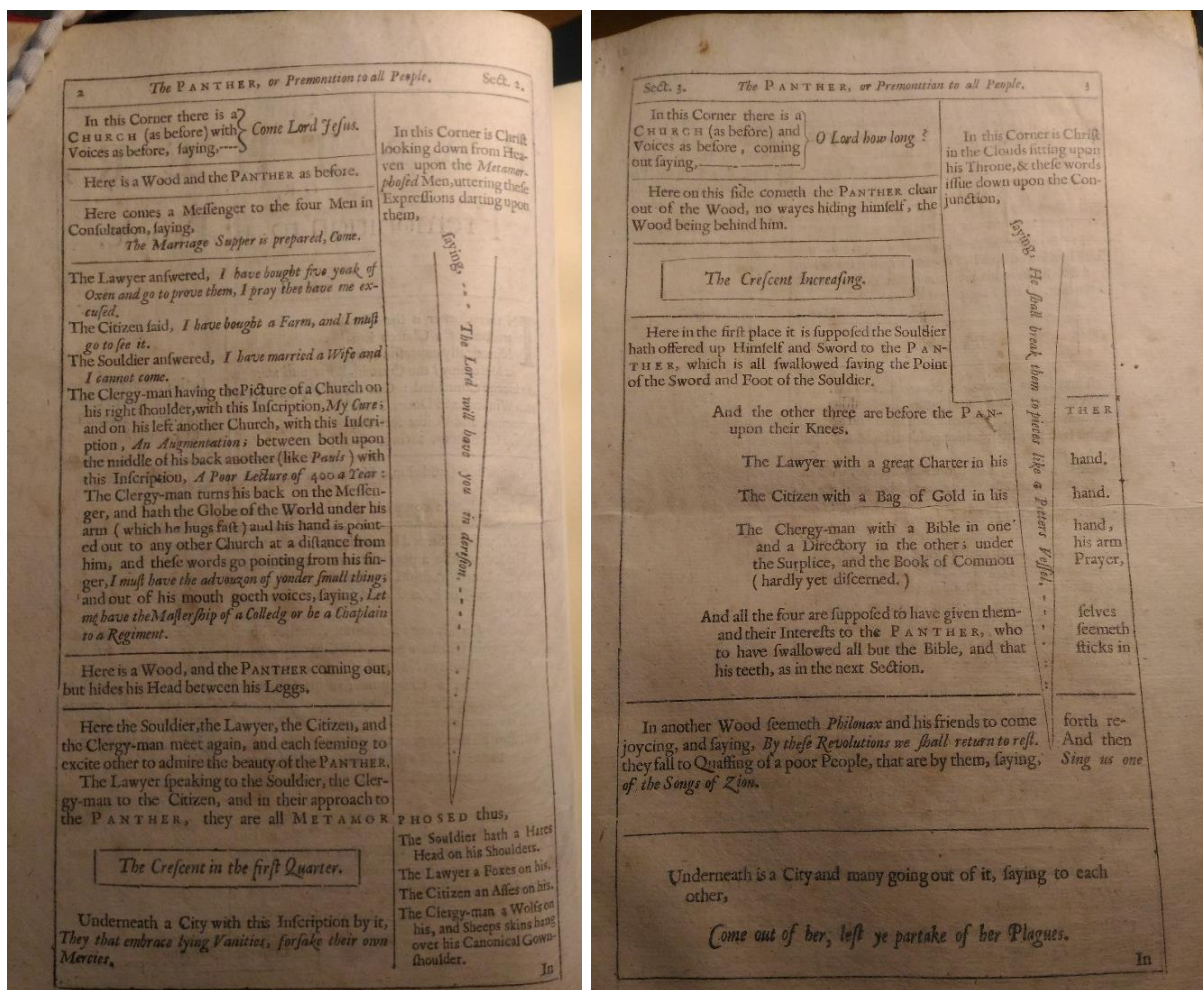


Figura 35: Páginas 2 e 3 de *The Panther-Prophesy*.¹⁵⁴

Além do seu conteúdo e formato inusitados, *The Panther-Prophesy* unia o conhecimento teológico, as visões oníricas e as reflexões astrológicas. A última página do panfleto, impressa sem

¹⁵⁰ PRO SP29/62/58; SP29/58/9; SP29/67;325.

¹⁵¹ No original: “with two boxes of books”. PRO SP29/68/9; SP44/10/39; SP29/67;325.

¹⁵² An exact narrative.

¹⁵³ PRO SP29/75/17.

¹⁵⁴ British Library, 515.l.18.(12).

nenhum dos recursos visuais utilizados ao longo da narrativa sobre a besta, falava sobre “Estranhas Notícias dos Céus; ou um Discurso despercebido ocorrendo entre os *Planetas*, sobre uma estranha brincadeira de *Martê*”. Na passagem, aludia-se mais uma vez ao prodígio observado em Gales em dezembro de 1661. Segundo panfleto, foi Marte quem enviou à Terra o “Exército Incorpóreo” montado a cavalo. A notícia sobre o episódio teria, então, corrido entre os astros, chegando ao conhecimento do poderoso Sol, que pediu a um mensageiro de Mercúrio que averiguasse a situação, investigando sua veracidade e seus possíveis desdobramentos. O mensageiro voltou com péssimas notícias e, apesar de temeroso, viu-se obrigado a relatar ao Sol o que descobrira. A aparição, conforme contou, prognosticava a queda do astro-rei “e de todas as Estrelas que naturalmente participavam se deu Brilho”¹⁵⁵ nos próximos dois anos. Diante da notícia, os astros celestes se reuniram no primeiro dia de dezembro de 1662 para decidir o que fazer. Conectando o relato de Owen Lloyd ao fenômeno evidenciado em *Mirabilis Annus Secundus*, a breve discussão astrológica ordenava os acontecimentos no tempo. O sinal do Fim dos Tempos foi alardeado em dezembro de 1661, quando Marte enviou sua tropa fantasmagórica. Agora, faltava pouco para que os demais desígnios expressos em *The Panther-Prophesy* se realizassem. Em 1663, prognosticava, Cristo triunfaria sobre a pantera e, portanto, sobre Carlos II.¹⁵⁶

Embora a monarquia não tenha, de fato, sido esfacelada por forças sobrenaturais, não houve razões para abandonar a crença na profecia. Uma reedição do título apareceu em 1688, mas, dessa vez, nos Países Baixos. *The Panther-Prophesy* foi traduzido para o holandês e publicado em uma versão bastante diferente da inglesa. Ao invés do fólio impresso com grande apelo visual, a tradução, intitulada *Het Geziigt van den Panther*, foi composta em um quarto de 18 páginas. Não nos cabe aqui discutir as semelhanças e diferenças entre os textos inglês e holandês, ou discutir o quanto a tradução foi “fiel” ao original. Todavia, faz-se necessário ressaltar algumas questões levantadas a partir da reedição. Em *Het Geziigt van den Panther*, o nome de Owen Lloyd aparece com ênfase já na folha de rosto. As diferentes hipóteses sobre a origem da visão da pantera, assim, deixavam de ter importância. A autoridade da visão tida por um homem pio como Owen Lloyd era o que garantia a justificação para a publicação. O subtítulo explicava que a profecia havia sido relatada pelo galês em 1653 e impressa na Inglaterra em 1662. A tradução para o holandês era acompanhada de uma carta enviada por Lloyd a John Rogers em 1654, na qual a profecia era narrada e interpretada de acordo com contexto que vivenciava, isto é, o do Protetorado cromwelliano (ver *Figura 36*).

¹⁵⁵ No original: “and all those Stars which naturally partook of his Lustre”. **The Panther-Prophesy**, p.7.

¹⁵⁶ LEIGHTON, "Apocalyptic and History".

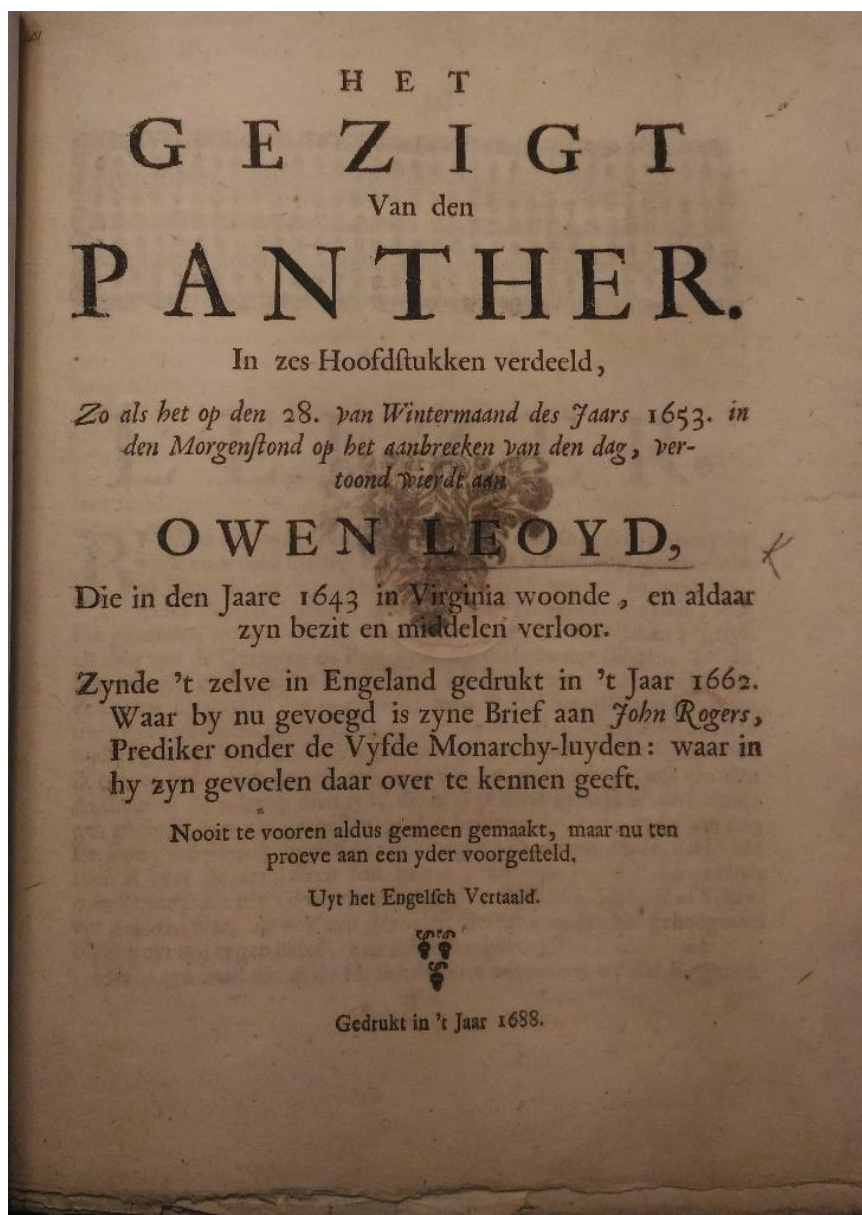


Figura 36: Folha de rosto da tradução holandesa de *The Panther-Prophecy*.

Na correspondência, Lloyd fazia claras referências a Oliver Cromwell. Para o profeta, a completa destruição da pantera ocorreria nos próximos seis anos, isto é, em 1659. Mas o prefácio anônimo de *Het Gezicht van den Panther*, datado de 1672, pontuava que Lloyd havia cometido um equívoco, uma vez que “Oliver Cromwell não apenas controlou o Governo até 1657, mas seu filho Richard também lá permaneceu até Janeiro de 1659”¹⁵⁷. O erro na interpretação não invalidava a profecia, mas mobilizava o prefaciador a se perguntar “Quando ela começa?”¹⁵⁸. Quando o anônimo redator do preâmbulo fez suas considerações, a Inglaterra acabava de entrar em um

¹⁵⁷ No original: “want Olivier Cromwel bezat de Regeering niet alleen tot in't Jaar 1657, maar zun zoon Richard bleef er ook nog in tot het Jar 1659”. LLOYD, *Het Gezicht van den Panther*, p.4.

¹⁵⁸ No original “Wanneer het zyn begin moet neemen?”. *Idem, ibidem*.

terceiro conflito contra a República da Holanda (1672-1674). Como veremos em maior detalhe no Capítulo 6, a III Guerra Anglo-Holandesa gerou apreensões quanto às alianças políticas, religiosas e diplomáticas da família Stuart, pois era com o apoio francês (e, portanto, católico) que as tropas inglesas atacavam uma região protestante. No momento da escrita do prefácio da tradução de *Het Gezigt van den Panther*, pensava-se que a profecia finalmente havia iniciado. Não obstante, a impressão da edição holandesa apenas se deu mais de uma década depois da redação do preâmbulo. Não encontramos documentos que nos ajudem a elucidar a diferença entre as datas. É possível que o ano de 1672 tenha sido mencionado no preâmbulo justamente para evocar o contexto da disputa militar. Outra possibilidade é que o texto tenha se perdido, ou que nenhum impressor tenha julgado conveniente confeccioná-lo no início da década de 1670.

Quando foi efetivamente impressa e publicada em 1688, a tradução holandesa de *The Panther-Prophesy* parecia acomodar ainda uma outra interpretação. A opressão da pantera parecia se desdobrar sobre os governos dos dois herdeiros de Carlos I: Carlos II e seu irmão, o Duque de York e futuro Jaime II. A derrota daquela besta, assim, ocorria naquele exato momento em que Guilherme de Orange organizava suas tropas e partia dos Países Baixos para invadir as Ilhas Britânicas. *Het Gezigt van den Panther* convertia *The Panther-Prophesy* a uma profecia, sobretudo, anticatólica. Se, primeiro, o texto manuscrito se colocava contra o Protetorado de Oliver Cromwell, e, depois, a impressão o atualizava contra a monarquia de Carlos II, agora, a fera descrita por Lloyd se referia ao papismo de Jaime II, pernicioso não apenas à Inglaterra, mas às comunidades protestantes de toda a Europa. Sua queda era indício do triunfo da luta contra o Anticristo, aqui simbolizado pela Igreja Romana.¹⁵⁹

Como veremos no capítulo a seguir, as redes de disseminação dos Estacionários Confederados se expandiam para além do espaço britânico e é bastante provável que alguns de seus textos tenham circulado entre os grupos protestantes na Europa Continental. Entretanto, há poucos registros disponíveis para refazer as rotas de distribuição que permitiram que títulos como *The Panther-Prophesy* se espalhassem dessa maneira. É pouco provável que os Confederados tivessem relação direta com a tradução holandesa de *The Panther-Prophesy*, já que a maioria dos impressores e livreiros do grupo já estava morta na década de 1680. Apenas Francis e Eleanor Smith, e John e Joan Darby ainda estavam ativos nesse contexto. De fato, Francis Smith esteve nos Países Baixos no início dos anos 1680, refugiando-se no exterior depois que Stephen College foi executado por traição pela redação de *A Ra-Ree-Show*, um panfleto satírico contra Carlos II.¹⁶⁰ Ainda assim, não

¹⁵⁹ STREETE, Adrian. *Apocalypse and anti-Catholicism in seventeenth-century English drama*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

¹⁶⁰ CRIST, *Francis Smith and the Opposition Press*; BELL, "Her Usual Practices"; LYNCH, "Smith, Francis".

há qualquer evidência que possa sustentar que ele tenha participado ativamente da produção e da difusão de *Het Gezigt van den Panther*.

De qualquer maneira, a existência da edição holandesa de *The Panther-Prophesy* é importante para a compreensão das atividades dos Estacionários Confederados. Ela é um indício da considerável circulação de suas obras, que não se encerrou na Inglaterra dos anos 1660, mas adentrou outros espaços, idiomas e épocas. *Het Gezigt van den Panther* demonstra a mobilidade dos textos na Época Moderna¹⁶¹, sobretudo daqueles de cariz profético-político, cuja natureza mística e alegórica era afeita a constantes atualizações, que podiam autorizar ou deslegitimar as mais variadas opiniões e ações políticas e religiosas.

¹⁶¹ Sobre a mobilidade e a tradução de manuscritos e impressos na Época Moderna, ver, entre outros: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (org.). **Cultural translation in early modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; BELLE, Marie-Alice. **Thresholds of translation: paratexts, print, and cultural exchange in early modern Britain (1473-1660)**. Nova York: Springer, 2018; CHARTIER, Roger, **Éditer et Traduire: Mobilité et matérialité des textes**. Paris: Gallimard, 2021.

Capítulo 4

Mártires da “boa e velha causa”

O trabalho para o qual eu sou neste momento chamado a este lugar (como em um Teatro público) é Morrer, e receber uma dispensa de uma vez por todas, fora da prisão, para fazer o que deve ser feito apenas uma vez; e fazê-lo *bem* assim como se tornar um *Cristão* depende muito da vida que Deus nos ensinou a levar antes de chegarmos a isso: aqueles que vivem na fé, também morrem nela; A fé está tão longe de deixá-los nesta hora, que a obra dela irrompe então em seu maior poder, como se até então não estivesse em liberdade o suficiente para fazer o seu ofício, isto é, olhar para as coisas que não são vistas com mais firmeza, certeza, e deleite, que é a maior doçura da morte, e a remoção de seu ferrão.

The Substance of What Sir Henry Vane Intended to Have Spoken...,

1662.¹

Não apenas as profecias milenaristas foram ressignificadas no contexto da Restauração, mas todos os eventos transcorridos no passado e todas as narrativas acerca dos principais personagens envolvidos nas disputas políticas e religiosas. Esta, é claro, não era uma estratégia exclusiva de sujeitos radicais como os Estacionários Confederados. A própria instituição monárquica lançou mão desses artifícios. Na verdade, uma das ações mais importantes para fundamentar a retomada de poder por parte de Carlos II tenha sido a promoção de relatos regalistas que enxergavam as Guerras Cívicas e as mudanças de governo das décadas de 1640 e 1650 como atos criminosos e ilegítimos. Os responsáveis pela morte de seu pai e antecessor, Carlos I, os chamados (de forma pejorativa) de regicidas, foram descritos como traidores vis. Enquanto isso, a nova monarquia se solidificou sobre a perseguição desses sujeitos. De fato, a condenação e o extermínio de lideranças do contexto revolucionário foi um elemento imprescindível para um governo que tentava apagar as memórias do passado turbulento. Assim que inaugurado, o novo regime

¹ No original: “The work which I am at this time called unto in this place (as upon a publick Theater) is to Die, and receive a discharge once for all, out of prison, to doe that which is but once to be done; and the doing or not doing of which *well* and as becomes a *Christian* does much depend upon the life we have been taught of God to lead before we come to this: they that live in the faith, do also die in it; Faith is so farre from leaving them in this houre, that the work of it breaks forth then into its greatest power, as if till then it were not enough at freedome to doe its office, that is, to look into the things that are unseen with most stedfastness, certainty, and delight, which is the great sweetner of death, and remover of its sting.” **The Substance of what Sir Henry Vane intended to have spoken upon the Scaffold on Tower-Hill, at the time of his Execution, being the 14th of June 1662.** Londres: s. n., 1662, fl.3.

“ordenou que as pessoas não se lembrassem publicamente das guerras civis”.² Para isso, o regime tentou suprimir a insistente propagação de ideias antimonarquistas, ancoradas tanto em princípios republicanos, quanto em crenças puritanas. Fazia-se necessário reforçar que os anos que precederam a Restauração foram sangrentos e terríveis, e que os principais vilões desse assombroso período eram fanáticos religiosos e traidores da ordem e da estabilidade do reino, tais como Oliver Cromwell, os regicidas e todos os demais detratores dos Stuarts. Seus exemplos deveriam ser evitados. Paralelamente, a narrativa oficial da monarquia enaltecia a imagem de Carlos I, identificando-o como o grande mártir daquela época. Embora tal caracterização já fosse comum entre regalistas desde a execução do rei, sobretudo depois da publicação de seu *Eikon Basilike*, o martírio do monarca foi explorado com maior força após a Restauração.³

Nesse cenário de intensa disputa acerca das memórias dos eventos transcorridos entre 1640 e 1660, os regalistas observavam o passado com assombro e, por isso, recebiam Carlos II como o herói que lhes trouxera de volta a paz e a felicidade. Já os grupos político-religiosos de tendência antimonarquista apelavam para a “boa e velha causa” das liberdades civis e de consciência outrora almejadas, descrevendo o Longo Parlamento reunido em 1640 como o maior defensor do bem público, cujos membros dedicaram suas vidas à república. Por essa devoção, esses sujeitos poderiam inspirar exemplos de resistência à Restauração.⁴ Neste capítulo, exploraremos a retórica martirológica de alguns dos panfletos publicados pelos Estacionários Confederados, demonstrando como procuraram explorar as trajetórias, os discursos e as ações de personagens proeminentes entre a oposição a Carlos II, tais como Thomas Harrison e Henry Vane, como modelos a serem seguidos. Por meio de suas obras, os Confederados tentaram reabilitar as narrativas sobre os personagens que, naquela mesma altura, eram condenados pelo rei como traidores, elevando-os à condição de verdadeiros servos de Deus e do povo, que se sacrificaram pelas nobres causas nas quais acreditavam.

4.1. Entre mártires e traidores: Carlos I e os regicidas

A deslegitimação da instituição monárquica, ocorrida entre os anos de 1640 e 1660, era incômoda e danosa para a manutenção da soberania de Carlos II. A consolidação de seu poder

² No original: “commanded people not to remember publicly the civil wars.” NEUFELD, *The Civil Wars After 1660*, p. 17.

³ *Idem*; LACEY, *The cult of King Charles the martyr*; LEGON, *Revolution remembered*; KOSCAK, *Monarchy, Print Culture, and Reverence*.

⁴ GREAVES, *Deliver us from evil*; GREAVES, *Enemies under his feet*; COFFEY, “The martyrdom of Sir Henry Vane”; LEGON, *Revolution remembered*.

dependia, assim, de um grande esforço para reabilitar a figura régia. Tal processo, como vimos em capítulos anteriores, implicou violenta repressão aos inimigos do regime, principalmente àqueles que desempenharam papéis decisivos no processo que levou ao regicídio de Carlos I. Em decorrência da política de reparação, os MPs que assinaram a condenação do monarca, bem como as testemunhas e os juízes que atuaram no julgamento, começaram a ser procurados e detidos.⁵ Alguns, como Edmund Ludlow, Algernon Sidney, Henry Neville, Edward Whalley e William Goofe, conseguiram fugir, mas vinte e nove regicidas acabaram presos.⁶

Entre 9 e 19 de outubro de 1660, eles foram julgados no tribunal de Old Bailey. Embora os acusados tenham tentado justificar suas ações, argumentado que haviam apenas obedecido à autoridade das decisões do Parlamento, a corte deliberou que os réus haviam transgredido as normas vigentes na Inglaterra desde o medievo. A peça de acusação se baseou, sobretudo, na Lei de Traição de Eduardo III, decretada em 1351, segundo a qual era crime “planejar ou imaginar a Morte de nosso Senhor o Rei, ou [...] mobilizar Guerra contra nosso Senhor Rei no seu Reino”⁷. Devido à gravidade da infração, dez dos principais responsáveis pela execução de Carlos I foram sentenciados com a morte, enquanto os demais tiveram o veredicto de prisão perpétua ou degredo.⁸

A pena de alta traição – imputada aos signatários da sentença de morte de Carlos I, Thomas Harrison, John Jones, Adrian Scrope, John Carew, Thomas Scott e Gregory Clement, ao pastor Hugh Peter, aos oficiais Francis Hacker e Daniel Axtell, e ao procurador-geral John Cook – determinou que todos fossem enforcados, arrastados e esquartejados, isto é, que sofressem mortes lentas, dolorosas e, sobretudo, públicas. O aspecto teatral da punição era fundamental. O crime de traição era o mais hediondo de todos. Era um ataque feroz ao reino, e, por isso, precisava ser

⁵ Há controvérsias sobre quais sujeitos devem ser considerados, de fato, regicidas. Alguns historiadores utilizam a alcunha para denominar não apenas os membros do parlamento (MPs) que assinaram a condenação de Carlos I, mas também testemunhas do julgamento, juízes e outros agentes que participaram, de alguma maneira, do processo. Outros, excluem da contagem os parlamentares que, mesmo tendo assinado o documento, manifestaram discordância com relação à execução. Por essa razão, o número de regicidas varia de acordo com a análise desenvolvida. Em nosso trabalho, optamos, por utilizar o termo amplamente, pois mesmo homens que não assinaram a sentença do rei foram tratados e executados como traidores, como foi o caso de Daniel Axtell, John Cook, Francis Hacker e Hugh Peter. Sobre essa discussão, ver: PEACEY (org.), **The regicides**; NENNER, Howard. "Regicides (act. 1649)". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-70599>>, acessado em 17/09/2020; JENKINSON, Matthew, **Culture and politics**; HOBSON, James, **Charles I's Executioners: Civil War, Regicide & the Republic**. Filadélfia: Pen & Sword History, 2020.

⁶ Sobre a trajetória dos regicidas exilados na Europa e na América Inglesa, ver, entre outros: MAHLBERG, Gaby. "*Les Juges Jugez, se Justifians* (1663) and Edmund Ludlow's protestant network in seventeenth-century Switzerland". **The Historical Journal**, v. 57, n. 2, p. 369–396, 2014; MAHLBERG, "Charles Stuart as Office-Holder"; MAHLBERG, Gaby. "The English Republican Exiles in Europe". **Philosophical Enquiries: revue des philosophies anglophones**, n. 8, p. 35–59, 2017; MAHLBERG, **The English Republican Exiles**; JENKINSON, **Charles I's Killers in America**; HOBSON, **Charles I's Executioners**.

⁷ No original: “compass or imagine the Death of our Lord the King, or (...) levy War against our Lord the King in his Realm”. Edward III. “Treason Act 1351” (regnal 25, statute 5, section II). Disponível online em **Legislation**: <<https://www.legislation.gov.uk/aep/Edw3Stat5/25/2/section/II>>, acessado em 17/09/2020.

⁸ JENKINSON, **Culture and Politics**.

penalizado exemplarmente. A pena capital deveria ser vista por todo súdito, de modo a prevenir novas sublevações e infrações. Conseqüentemente, os regicidas que ousaram profanar o corpo régio tiveram, em retribuição, teriam seus corpos completamente dilacerados durante um longo espetáculo, assistido por homens e mulheres na cidade de Londres. Depois de serem arrastados por um cavalo até o cadafalso, foram enforcados. Antes que pudessem perder a consciência na forca, foram obrigados a assistir enquanto o carrasco lhes castrava, estripava, e queimava suas entranhas. Por fim, já sem vida, foram esquartejados. Seus membros, então, foram expostos em pontos estratégicos em todo o reino, como lembrança e advertência.⁹ Nem mesmo os mortos foram poupados. Oliver Cromwell, Henry Ireton, John Bradshaw e Thomas Pride, que já haviam falecido anos antes da Restauração, foram exumados e supliciados com o mesmo processo em 30 de janeiro de 1661, data que marcou o 12º aniversário da morte de Carlos I.¹⁰

O interesse público na punição dos regicidas foi mobilizado desde cedo. Antes mesmo de a Lei de Indenização e Anistia listar os sujeitos excluídos da política de anistia, catálogos contendo os nomes de todos, que participaram do julgamento, da condenação e da execução de Carlos I em 1649, já circulavam amplamente.¹¹ Em maio de 1660, textos como *A Hue and Cry After the High Court of Injustice* e *England's Black Tribunall* recuperavam o processo contra o rei, denunciando as injustiças cometidas contra a sua pessoa, bem como a traição daqueles que determinaram seu assassinato.¹² Jornais, baladas, panfletos e folhas volantes descreviam as terríveis punições terrenas e divinas das quais os regicidas deveriam padecer. Pelas ruas de Londres, baladas como *The High Court of Justice at Westminster* eram entoadas para dizer que¹³:

Nenhum poder além do Supremo Tribunal de Justiça Celestial poderia dizer

⁹ Sobre crimes e punições públicas na Época Moderna, ver, entre outros: BRIGGS (org.), **Crime and punishment in England**; BEATTIE, J. M. **Policing and punishment in London 1660-1750: urban crime and the limits of terror**. Oxford: Oxford University Press, 2001; LANDAU, Norma (org.), **Law, crime, and English society, 1660-1830**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002; FOUCAULT, **Vigiar e punir**; GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

¹⁰ HARRIS, **Restoration**; JENKINSON, **Culture and politics**; FARR, **Major-General Thomas Harrison**; KAPTUR, Pawel. "Oblivion and vengeance: Charles II Stuart's policy towards the republicans at the Restoration of 1660". **Crossroads. A Journal of English Studies**, n. 14(3), p. 37-45, 2016.

¹¹ George Thomason datou sua cópia do panfleto de 13 de março. **A catalogue of the names of so many of those commissioners as sate and sentenced the late King Charles to death, Saturday the 27. of January, Anno 1648. in tendency to the executing the said sentence, which was accordingly done on the 30. of the said Ian. 1648**. [Londres: s. n., 1660].

¹² Ambos os panfletos foram datados do mês de maio por Thomason. **A hue and cry after the high court of injustice. Or, the arraignment and sentence of those blood-thirsty and unparallel'd traitors, who contrary to all law and justice, judged and condemned the late Kings Majesty, Charles the First, of glorious memory to death**. Londres: John Andrews, 1660; **England's black tribunall. Set forth in the triall of K. Charles, I. at the pretended court of justice at Westminster Hall, Jan. 22. Together with his Majesties speech, immediately before he was muredred on a scaffold erected at Whitehall-Gate, Tuesday, Jan. 30. 1648**. Londres: John Playford, 1660.

¹³ Uma gravação da balada, cantada ao ritmo de *Packington's Pound*, pode ser ouvida por meio da base de dados **English Broadside Ballad Archive**: <<https://ebba.english.ucsb.edu/ballad/31847/recording>>, acessado em 17/07/2022.

Que destino aquele Supremo Tribunal de Justiça Infernal¹⁴ deveria sofrer,
Hugh Peers, Jack Hewson, Cook, Carew e Scot,
Tom Harrison, Hacker, e Jones haviam esquecido
(Como agora parece
Nestes últimos anos)
O Supremo Tribunal de Justiça de Deus superou o deles,
Apesar da Rebelião, das Conspirações, da Pilhagem e da Guerra,
Seu Supremo Tribunal de Justiça é levado à julgamento.¹⁵

O mercado de impressos parecia se encher rapidamente de textos que contavam aos súditos, ávidos por notícias, as últimas novidades a respeito de cada prisão, pronunciamento, trecho de julgamento, sentença e execução. O livreiro George Thomason datou de 11 de outubro sua cópia de um relato parcial dos processos, *The Tryal of the Pretended Judges, That signed the Warrant, for the Murther of King Charles the I.* O panfleto retratava os acontecimentos do dia anterior.¹⁶ Ainda que a anotação no exemplar de Thomason possa não coincidir exatamente com o dia em que ele o adquiriu, visto que pesquisadores como John Shawcross já demonstraram inconsistências ou mesmo falhas no método de datação do livreiro, ainda assim é possível se ter em vista a rapidez com a qual a imprensa procurou disponibilizar as mais variados relatos sobre o caso.¹⁷ Uma transcrição completa do julgamento parece ter sido publicada ainda naquele mesmo mês de outubro.¹⁸

Sendo a exposição pública um aspecto central da aplicação da pena pelo crime de alta traição, é preciso ter em vista que a imprensa também explorava os episódios, fazendo as descrições dos suplícios chegarem às mais distantes áreas do reino, reproduzindo mais uma vez o teatro macabro dos suplícios. Como as próprias condenações, os textos visavam moralizar o público, mostrando tanto os erros, quanto os castigos atribuídos como consequência. Após as execuções,

¹⁴ Foi o Supremo Tribunal de Justiça reunido em Westminster que condenou Carlos I à morte em 1649. A balada apresenta essa corte como uma instituição infernal que, por suas ações vis, seria agora, com a Restauração, julgada por um tribunal divino.

¹⁵ No original: "No power but the High Court of Heaven could tell / What fate should befall to that High Court of Hell, / Hugh Peers, Jack Hewson, Cook, Carew and Scot, / Tom Harrison, Hacker, and Jones had forgot, / (As now it appears / In these latter years) / Gods High Court of Justice hath overcome theirs, / In spite of Rebellion, Plots, Plunder and War, / Their High Court of Justice is brought to the Bar". **The High Court of Justice at Westminster, arraigned at the Bar in the Old Bayley at the Sessions-House; Where Those that adjudged and murdered the Royal Person, and Sacred Majesty of King CHARLS the First, are for that horrid Fact brought to their Legal Tryal, according to the known Laws of the Land.** Londres: Francis Grove, 1660, s. n.p.

¹⁶ **The tryal of the pretended judges, that signed the warrant, for the murther of King Charles the I. Of ever blessed memory, at the sessions-house in the Old-Baily October 10. 1660.** Londres: s. n., 1660.

¹⁷ SHAWCROSS, John T. "Using the Thomason Tracts and Their Significance for Milton Studies". **SEL Studies in English Literature 1500-1900**, v. 49, n. 1, p. 145-172, 2008.

¹⁸ O exemplar de George Thomason foi datado de 31 de outubro. **An exact and most impartial accompt of the indictment, arraignment, trial, and judgment (according to law) of nine and twenty regicides, the murtherers of His late sacred Majesty of most glorious memory.** Londres: Andrew Crooke; 1660.

também era comum a circulação de textos com as últimas palavras dos condenados, nas quais eles pediam perdão por suas infrações. O gênero reforçava a validade da punição decretada pelas autoridades, usando as próprias palavras do penitente para retratar sua expiação com a sociedade e com Deus.¹⁹ A oportunidade de reconciliação com o divino na hora da morte era bastante valorizada na sociedade seiscentista. Proveniente da longa tradição dos livros de *ars moriendi*, os discursos e as orações fúnebres também ensinavam pelo exemplo, descrevendo as melhores práticas para o bem morrer.²⁰

No caso das publicações últimas preces e palavras de condenados por crimes capitais, como observado por Foucault, havia uma ambiguidade com relação às potencialidades de seus discursos. Por um lado, esses textos, que continuavam os espetáculos das execuções públicas, podiam ter um efeito de dominação ideológica, no qual a autoridade do soberano é sempre restaurada depois de ter sido atacada pelo criminoso. Por outro, havia espaço para perspectivas desviantes, nas quais o suplício era ressignificado para contrapor as autoridades. O condenado que enfrentava o carrasco com altivez expunha sua coragem e podia colocar em dúvida da justiça do veredicto que o condenara. O sofrimento do executado, neste sentido, “pode do mesmo modo significar a verdade do crime ou o erro dos juízes, a bondade ou a maldade do criminoso, a coincidência ou a divergência entre o julgamento dos homens e o de Deus.”²¹

A glorificação dos condenados, com exaltação da coragem e fé na hora da morte, era a principal característica dos discursos fúnebres impressos em *The Speeches and Prayers of Some of the Late King's Judges*. Evidência clara disso aparece já em seu título, no qual os executados sequer foram nomeados pela alcunha de “regicidas”. Ao contrário, eles foram descritos como juízes do antigo rei. Composta por discursos, orações e cartas de Harrison, Jones, Scrope, Carew, Scott, Axtell, Clement, Peter, Hacker e Cook, o panfleto descrevia os momentos finais desses sujeitos, demarcando como esses servos de Deus e do bem público foram cruelmente executados.

Lançado pelos Estacionários Confederados entre novembro e dezembro de 1660, logo após o espetáculo das execuções, *The Speeches and Prayers* teve grande repercussão tanto no passado, quanto nos dias de hoje. Embora apenas um estudo tenha se dedicado detidamente ao texto, diversas pesquisas utilizaram-no como fonte para recuperar os momentos finais dos regicidas, ou para discutir as diferentes perspectivas acerca dos suplícios.²² J. B. Williams, com o pseudônimo de

¹⁹ FOUCAULT, *Vigiar e punir*.

²⁰ ARIÈS, Philippe, *El hombre ante la muerte*. Madri: Taurus, 1984; SHARPE, J. A. "Last dying speeches: religion, ideology and public execution in seventeenth-century England". *Past and Present*, v. 107, n. 1, p. 144–167, 1985; WUNDERLI, Richard; BROCE, Gerald. "The Final Moment before Death in Early Modern England". *Sixteenth Century Journal*, v. 20, n. 2, p. 259, 1989.

²¹ FOUCAULT, *Vigiar e punir*, p. 40.

²² Ver, por exemplo: KEEBLE, *The Literary Culture of Nonconformity*; KNOPPERS, Laura Lunger. "This So Horrid Spectacle": Samson Agonistes and the Execution of the Regicides". *English Literary Renaissance*, v. 20, n. 3,

J. G. Muddiman, examinou *The Speeches and Prayers* apenas para emitir um veredicto acerca de sua veracidade. O autor declarou, em 1913, que o texto não passava de uma falsificação. Para ele, o escrutínio sobre o panfleto convencia “a qualquer um de que se está lendo um amontoado de mentiras horrivelmente blasfemas”.²³ Já Christopher Hill, em *The Experience of Defeat* (1984), considerou exatamente o oposto. Para o historiador marxista,

Nossa melhor evidência da imagem pública dos regicidas vem dos discursos que eles fizeram em seu julgamento e execução; mas esses devem ser usados com cuidado. Eles foram publicados por simpatizantes, naturalmente, mas não há razão para supor que o texto foi adulterado.²⁴

Diferentemente dos dois autores, acreditamos que mais produtivo do que avaliar a veracidade ou a qualidade da narrativa de *The Speeches and Prayers* é entender sua produção e circulação no contexto da Restauração. No item que se segue, pretendemos analisar sua textualidade e materialidade, o contexto do mercado livreiro no qual foi o panfleto publicado, bem como discutir algumas questões acerca de sua circulação e recepção dentro e fora da Inglaterra.

4.2. “E estando morto, por meio da fé ainda fala”²⁵

Estampada na folha de rosto de *The Speeches and Prayers*, uma referência bíblica ao Livro de Hebreus enunciava como o panfleto deveria ser lido: “E estando morto, por meio da fé ainda fala”²⁶. O capítulo 11, do qual o versículo foi extraído, explicava que a “fé é a substância das coisas que esperamos, e a evidência das coisas que não vemos.”²⁷ Os trechos subsequentes listavam exemplos de homens e mulheres, que, através de sua crença, perseveraram e realizaram as obras de Deus. Pela fé, triunfaram e receberam as graças divinas.

A citação da Escritura na folha de rosto também evocava o episódio do assassinato de Abel por Caim. Analogicamente aproximando a execução dos regicidas à trágica morte de Abel, *The*

p. 487–504, 1990; KEEBLE, **The Restoration**; JENKINSON, **Culture and politics**; FARR, **Major-General Thomas Harrison**; HILL, **The experience of defeat**; LEGON, **Revolution remembered**.

²³ No original: “any one that he is reading a mass of horribly blasphemous lies”. WILLIAM, J. B. Williams [MUDDIMAN, J. G.]. “The Forged ‘Speeches and Prayers’ of the Regicides”. **Notes & Queries**, 11, vol. VIII, April, 1913, p.302.

²⁴ No original: “Our best evidence for the public image of the regicides comes from the speeches they made at their trial and execution; but these must be used with caution. They were published by sympathizers, naturally, but there is no reason to suppose the text has been tampered with.” HILL, **The experience of defeat**. p.70.

²⁵ Hebreus 11:4.

²⁶ *Idem, ibidem*.

²⁷ Hebreus 11:1.

Speeches and Prayers elevava os dez condenados à categoria de homens sacrificados em nome do Senhor.²⁸ Em seus momentos finais, era possível evidenciar a manifestação da fé. Sua devoção verdadeira lhes salvara. Assim, o relato sobre o suplício adquiria a característica de um testemunho martirológico e, como tal, merecia ser tornada tão pública quanto possível. Com o intuito de fazer justiça àquele pio acontecimento, o prefácio de *The Speeches and Prayers* explicava que o panfleto havia sido impresso:

primeiro, para prevenir que o mal seja feito contra os falecidos, e mais especialmente contra o Nome de Deus, por meio de cópias falsas e imperfeitas. Em segundo lugar, para satisfazer aquelas muitas [pessoas] na Cidade e no País, que muito o tem desejado. Em terceiro lugar, para permitir que todos vejam as riquezas da graça engrandecidas naqueles servos de Cristo. Em quarto lugar, para que os homens possam ver o que é ter um interesse em Cristo, em um momento de morte, e ser fiel à sua causa. E finalmente, que todos os homens possam considerar e saber, que todo julgamento de todo homem deve ser do Senhor, Prov. 29.26.²⁹

Juntas, a folha de rosto e as páginas preambulares de *The Speeches and Prayers* preparavam os leitores para interpretar as palavras dos condenados, lembrando ao público que, embora aqueles fossem relatos dos momentos finais de dez homens executados pelo crime de traição, o único juízo perfeito e infalível era o de Deus. A referência ao Livro dos Provérbios reforçava que o verdadeiro exercício da justiça era desempenhado pelo Senhor, que examinava a todos, oferecendo a salvação aos seus servos fiéis, e o castigo aos ímpios. Descritos como homens de Deus, que defenderam a Sua causa até a morte, os falecidos retratados no panfleto não eram transgressores, mas vítimas de Carlos II. Eles eram mártires cujos discursos finais eram exemplos do sincero comprometimento com o Senhor. Dessa maneira, os responsáveis pela confecção de *The Speeches and Prayers* invertiam a balança da justiça, alterando o que deveria ser considerado certo e errado, virtude e vício, obediência e perturbação.

A linguagem do martírio foi mobilizada ao longo de todo o panfleto. O violento suplício, suportado com coragem pelos condenados era indício de sua confiança na benevolência de Deus.

²⁸ Hebreus 11:4.

²⁹ No original: “as first, to prevent that wrong which might be done to the deceased, and the more especially to the Name of God, by false and imperfect copies. Secondly, to satisfie those many in City and Countrey, who have much desired it. Thirdly, to let all see the riches of grace magnified in those servants of Christ. Fourthly, that men may see what it is to have an interest in Christ, in a dying houre, and to be faithful to his cause. And lastly, that all men may consider and know, that every mans judgement shall be from the Lord, Prov. 29.26.” **The speeches and prayers of Major-general Harison, Octob. 13. Mr. John Carew, Octob. 15. Mr. Justice Cooke, Mr. Hugh Peters, Octob. 16. Mr. Tho. Scott, Mr. Gregory Clement, Col. Adrian Scroop, Col. John Jones, Octob. 17. Col. Daniel Axtell, & Col. Fran. Hacker, Oct. 19 the times of their death.** [Londres:] s. n., 1660, fl.2v.

Como ressaltado por Foucault, o rito da punição pública era uma antecipação do destino do supliciado no além. Como um teatro infernal, o sofrimento, a agitação e os berros do executado eram sinais de sua provável danação. Mas, se suportava o dilaceramento ao qual era submetido com resignação, poderia ser agraciado pela piedade celestial.³⁰ Em *The Speeches and Prayers*, nenhum dos regicidas parecia demonstrar arrependimento ou implorar perdão. Nenhum deles dava sinais de temor. Ao contrário, eram altivos e bravos. Se tremiam ao subirem no patíbulo, não o faziam por desespero. Como explicado por Thomas Harrison, o primeiro regicida levado ao cadafalso:

Julgo que alguns pensam que eu estou com medo de morrer pelo tremor que tenho nas minhas mãos, e nos meus joelhos, eu digo que não; mas isso é por causa da quantidade de sangue que eu perdi nas Guerras, e das muitas feridas que recebi no meu corpo, as quais causaram este tremor e a fraqueza nos meus Nervos; Tenho isso há doze anos, Eu falo isso pelo louvor e pela glória de Deus; ele me elevou para além do medo da morte: e eu não valorizo a minha vida, porque eu vou para o meu Pai, e estou certo de que a retomarei.³¹

Não era por receio que tremia, mas porque possuía sequelas das inúmeras provações que cumprira, ao se empenhar pela “boa e velha causa” durante as Guerras Civis. Harrison aparecia, assim, como um servo de Deus, cujo corpo castigado era prova de seu contínuo compromisso com o Senhor. Não se abalava, pois tinha fé em seu renascimento nos Céus. O mesmo fora expresso por John Carrew que, ao ouvir sua sentença, declarou: “deixe-os Esquartejarem meu corpo como nunca, Deus vai juntar todas as partes de novo”.³² Pelo sacrifício ao qual se submetia, o corpo supliciado seria restaurado e santificado. Não havia o que temer. Até quando Hugh Peter foi chamado para ver seu companheiro John Cook mutilado instantes antes de sua própria execução, ele não se abalou. Mas disse ao carrasco em tom desafiador: “Eu não estou (graças a Deus) aterrorizado com isso, você pode fazer o que há de pior.”³³

Mesmo frente às ameaças, os regicidas sustentavam sua fé na causa de Deus. Não duvidavam dela, nem a rejeitavam perante a morte, mas a abraçavam com devoção. Em seu discurso, Daniel Axtell afirmou que “estava completamente convencido em minha consciência da justiça da Guerra, e por isso me empenhei na obra do Parlamento, que (como eu acreditava e acredito) era a causa do Senhor. Eu arrisquei a minha vida livremente por ela, e agora morro por

³⁰ FOUCAULT, *Vigiar e punir*, p.40.

³¹ No original: “I judge that some do think I am afraid to die by the shaking I have in my hands, and knees, I tell you no; but it is by reason of much blood I have lost in the Wars, and many wound I have received in my body, which caused this shaking and weaknesse in my Nerves; I have had it this twelve years, I speak this to the praise and glory of God; he hath carried me above the fear of death: and I value not my life, because I go to my Father, and am assured I shall take it up again.” *The speeches and prayers*, p.8.

³² No original: “let them Quarter my body never so much, God will bring all those peeces together again.” *Idem*, p.13.

³³ No original: “I am not (I thank God) terrified at it, you may do your worst.” *Idem*, p.62.

ela.”³⁴ Mesmo com a Restauração da monarquia, os princípios que defendiam eram reafirmados com declarações como as de John Cook, que apontava: “se eu tivesse uma escolha agora, eu não desejaria a Vida; pois eu não poderia viver onde eu não posso gozar da Liberdade da minha Consciência: e quando eu não posso fazer nada por Deus, pelo que eu deveria viver?”³⁵ A “boa e velha causa” pela qual devotaram suas vidas e mortes orientava os discursos fúnebres dos regicidas, nos quais os compromissos com o bem público, com a república e, por extensão, com os desígnios de Deus era evocado com frequência. Para eles, não havia derrota. Cristo ainda lhes conduziria à vitória. Assim, mesmo diante do fim, *The Speeches and Prayers* narrava que Harrison teria alegado que a “boa e velha causa” ainda residia em seu peito: “*Aqui está, e eu vou selá-la com o meu sangue.*”³⁶ De bom grado, Daniel Axtell também oferecia a si mesmo como sacrifício “por aquela *Boa e Velha Causa* na qual nós nos engajamos, sob o Parlamento, Eu agora serei seu mártir.”³⁷

4.2.1. Discursos fúnebres na oficina de impressão

Decerto, as implicações dos discursos presentes em *The Speeches and Prayers* eram avessas aos interesses da monarquia recém-restaurada. Se Carlos II pretendia reforçar sua autoridade com a punição dos assassinos de seu pai, o panfleto tentava desautorizá-lo perante os olhos de Deus. Por essa razão, o governo logo tentou suprimi-lo. Não obstante, era difícil proceder contra o texto. Ainda que *The Speeches and Prayers* possa ter inventado ou exagerado as falas e os eventos que noticiava, a execução pública foi acompanhada por inúmeras pessoas. Não havia como evitar que os súditos comentassem e escrevessem sobre o caso, fosse positiva ou negativamente. Além disso, o Estado também não forneceu uma narrativa oficial dos acontecimentos que pudesse contrariar com a posição advogada em *The Speeches and Prayers*, preferindo evitar dar continuidade aos debates sobre o assunto.³⁸

Muitos panfletos sobre as execuções foram lançados entre o final de 1660 e o início de 1661, mas *The Speeches and Prayers* parece ter sido uma das primeiras compilações dos discursos dos penitentes. Por isso, mesmo os regalistas se apropriaram de longos trechos de *The Speeches and Prayers* para publicar suas próprias versões dos ocorrido e (re)vilificar os regicidas. *Rebels no Saints*,

³⁴ No original: “I was fully convinced in my own conscience of the justness of the War, and there upon engaged in the Parliament service, which (as I did and do believe) was the cause of the Lord. I ventured my life freely for it, and now die for it.” *Idem*, p.89.

³⁵ No original: “if I might have my choice now, I would not desire Life; for I could not live where I might not enjoy the Liberty of my Conscience: and when I can do nothing for God, what should I live for?” *Idem*, p.81.

³⁶ No original: “Here it is, and I am going to seale it with my bloud.” *Idem*, p.6-7.

³⁷ No original: “for that *Good Old Cause* which we were engaged in, under the Parliament, I am now going to be their Martyr.” *Idem*, p.84.

³⁸ JENKINSON, *Culture and politics*.

or *A Collection of the Speeches, Private Passages, Letters and Prayers of those Persons Lately Executed*, atribuído ao cortesão William Sanderson por Matthew Jenkins, reeditava grande parte de *The Speeches and Prayers* para, diferentemente do primeiro, descrever os dez condenados como rebeldes em vez de santos. Em uma segunda edição, lançada sob o título de *A Compleat Collection of the Lives, Speeches, Private Passages, Letters and Prayers of Those Persons Lately Executed*, Sanderson manteve a estratégia, mas juntou à sua obra algumas passagens de *The Lives, Actions, and Execution of the Prime Actors, and Principall Contrivers of that Horrid Murder of our Late Pious and Sacred Sovereigne, King Charles the First* de George Bate.³⁹

The Speeches and Prayers foi encomendado por Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman a Thomas Creak e Simon Dover pouco antes do Natal de 1660.⁴⁰ Talvez já estivesse no mercado livreiro em algum momento de novembro, visto que o exemplar de George Thomason foi anotado no primeiro dia de dezembro. Na verdade, é possível que os Estacionários Confederados tenham começado a trabalhar numa versão elogiosa da trajetória dos regicidas pelo menos desde as primeiras execuções, visto que Giles Calvert e Thomas Brewster já haviam publicado uma das seções de *The Speeches and Prayers* – uma passagem de Hugh Peters à sua filha, intitulada *A Dying Father's Last Legacy to an Onely Child* – logo após a morte do autor em 16 de outubro.⁴¹ A agilidade na produção certamente visava corresponder à elevada demanda do mercado livreiro por notícias sobre os suplícios.

Para emitir o panfleto o com celeridade, os três livreiros precisaram empregar uma considerável força de trabalho. Essa pode ter sido uma das razões pelas quais o projeto contou, desde o início, com a atuação de dois impressores. Ao ser inquirido, Thomas Creak relatou que não havia impresso o texto em sua totalidade. Ele dizia ter composto as formas somente até a página de número 36. Examinando um exemplar dado a ele durante os julgamentos de 1664, o impressor apontava para as folhas de papel enquanto dizia: “essa é minha Letra, e aqui eu terminei”.⁴² Ele também afirmava que, pelo que se lembrava, o “Sr. *Dover* na época da Impressão, me encontrou, e conversou comigo sobre isso”.⁴³ Creak também contava que cooperou com duas

³⁹ S., W. **Rebels no saints: or, A collection of the speeches, private passages, letters, and prayers of those persons lately executed.** Londres: s. n., 1661; S., W. **A compleat collection of the lives, speeches, private passages, letters and prayers of those persons lately executed.** Londres: s. n., 1661; BATE, George. **The lives, actions, and executions of the prime actors, and principall contrivers of that horrid murder of our late pious and sacred sovereigne King Charles the First, of ever blessed memory.** Londres: Thomas Vere, 1661; JENKINSON, **Culture and politics.**

⁴⁰ **An exact narrative.**

⁴¹ PETERS, Hugh. **A Dying Father's last Legacy to an onely child: or, Mr Hugh Peter's advice to his daughter; written by his own hand during his late imprisonment in the Tower of London; and given to her a little before his Death.** Londres: Giles Calvert; Thomas Brewster, 1660.

⁴² No original: “this is my Letter, and here I ended”. **An exact narrative**, p.37.

⁴³ No original: “Mr. *Dover* in the time of Printing of it, did meet me, and converse with me about it”. *Idem*, p.38.

tiragens, a primeira com cerca de três mil cópias, uma quantia consideravelmente elevada para época. As impressões normalmente não ultrapassavam os números de mil a dois mil itens devido às determinações protecionistas da Companhia dos Estacionários e aos elevados custos de produção.⁴⁴ Uma quantia tão alta como três mil exemplares sugere que os Confederados apostavam no sucesso editorial da obra, pois não teriam razões para assumir tantos riscos financeiros se não acreditassem na possibilidade de boas vendas.

Para além da necessidade de conseguir fabricar grandes quantidades de texto em pouco tempo, é provável que, como demonstrado em outros exemplos examinados ao longo da tese, Calvert, Brewster e Chapman também tenham recorrido a mais de um impressor para proteger o projeto de possíveis constrangimentos das autoridades. Assim como vários dos panfletos lançados pelos Confederados naquele contexto, *The Speeches and Prayers* não foi disseminado “tão Publicamente quanto outros Livros”.⁴⁵ Havia um grau de discrição envolvido na produção e na dispersão de uma obra tão explicitamente antimonarquista como aquela.

A conturbada e apressada confecção dos panfletos resultou em exemplares bastante variados entre si. Já tratamos em outros capítulos sobre algumas das táticas adotadas pelos Estacionários Confederados para a produção clandestina de textos oposicionistas, mas *The Speeches and Prayers* é um dos casos mais singulares para a compreensão da complexidade de suas atividades clandestinas. Por conta disso, cabe reconstruir aqui o processo de sua publicação. Feito em quartos, o panfleto é encontrado em impressões de 92 a 106 páginas, compostas, em média, com 12 a 14 folhas de papel dobradas quatro vezes. A pequena diferença na extensão das cópias existentes não se deve a qualquer acréscimo ou decréscimo no conteúdo dos exemplares. Todas as versões de *The Speeches and Prayers* contam exatamente com o mesmo texto. Apenas a composição tipográfica muda.

No terceiro volume do *Short Title Catalogue* (STC), publicado em 1951, o bibliógrafo Donald Wing identificou duas edições de *The Speeches and Prayers*, as quais denominou como: S4874A e S4875.⁴⁶ O catálogo frisa apenas as diferenças entre os títulos delas. Como pode ser visto nas reproduções da *Figura 37*, a cópia S4874A aparece apenas como *The Speeches and Prayers*, já a S4875 possui um nome ligeiramente mais longo: *The Speeches and Prayers of Some of the Late King's Judges*. Na comparação entre as folhas de rosto das duas edições, é possível evidenciar ainda outras divergências, como na grafia do nome dos regicidas, particularmente no de Thomas Scott, grafado

⁴⁴ RAYMOND, **Pamphlets and pamphleteering**.

⁴⁵ No original: “so Publick as other Books”. **An exact narrative**, p.41.

⁴⁶ WING, Donald Goddard. **Short-title catalogue of books printed in England, Scotland, Ireland, Wales, and British America and of English books printed in other countries, 1641-1700**. Nova York: Index Society by Columbia University Press, 1951.

apenas com um “t” final na S4875. Além disso, a folha de rosto da S4875 indica o ano das execuções pouco depois da listagem de todos os regicidas supliciados, enquanto essa informação está ausente página de título da edição S4874A.

Numa revisão do STC, feita em 1988, Carolyn Nelson, John Morrison e Matthew Seccombe identificaram duas outras variações de *The Speeches and Prayers*, às quais catalogaram sob as referências S4874B e S4875A.⁴⁷ Os exemplares classificados como S4874B não fazem parte de uma terceira edição, mas de uma tiragem variada da edição S4874A. Quando comparadas, notamos que essas duas versões do panfleto são quase idênticas. As suas folhas de rosto, por exemplo, apenas divergem quanto à citação de Hebreus 11:4, presente em S4874A, mas ausente na S4874B (ver *Figura 37* *Figura 38*). A fim de simplificar as análises bibliográficas, optaremos por referenciar essas duas versões apenas como S4874. Por sua vez, as cópias identificadas como S4875A possuem maiores distinções. Seus exemplares não coincidem com os demais. A observação de detalhes materiais, como as serifas, os tamanhos, os ornamentos e espaçamentos empregados indica que S4875A não foi feita com a mesma forma ou a mesma prensa utilizada nas outras versões. Além disso, a grafia também é diversa, como se pode perceber no caso do nome do general Thomas Harrison, grafado com duplo “r” apenas nas folhas de rosto das cópias S4875A.

⁴⁷ WING, Donald Goddard. **Short-title catalogue of books printed in England, Scotland, Ireland, Wales, and British America, and of English books printed in other countries, 1641-1700.** Nova York: The Modern Language Association of America, 1988.

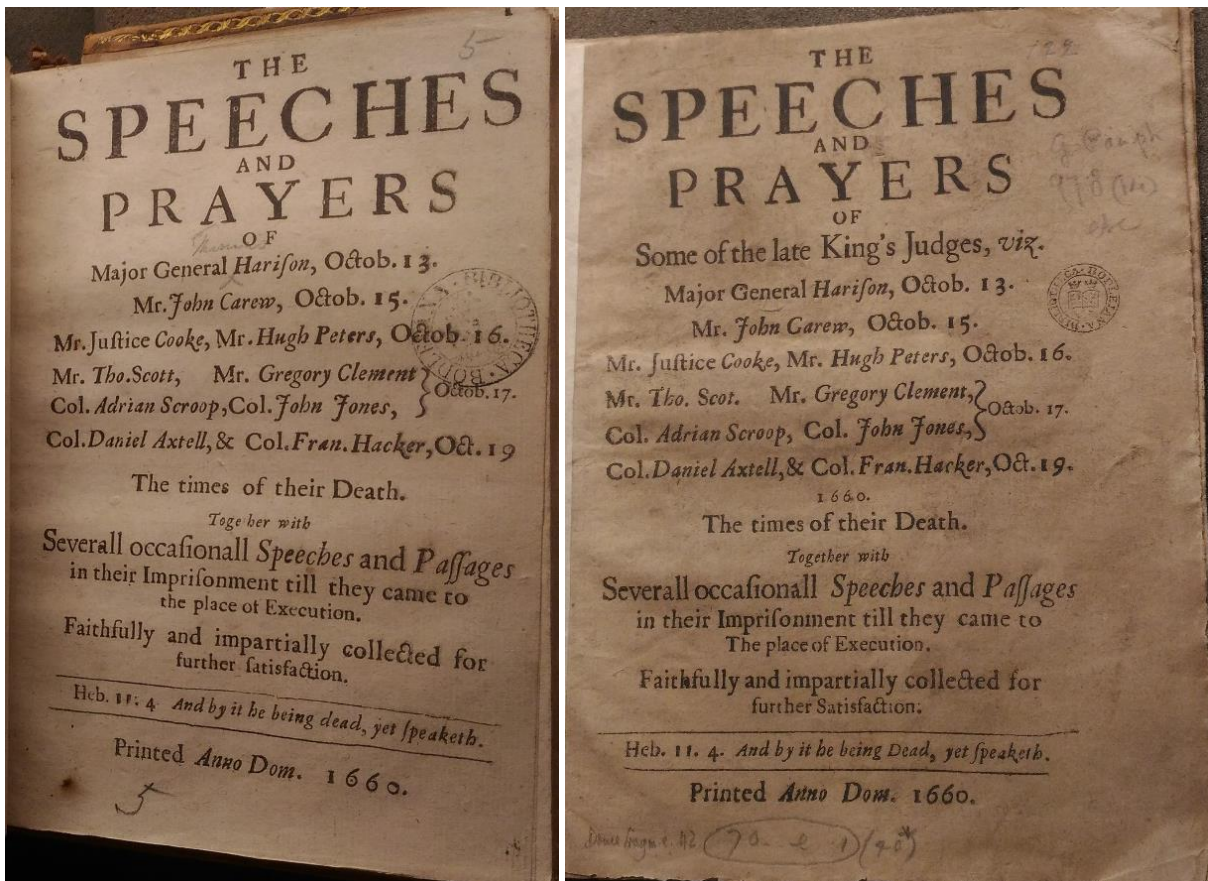


Figura 37: Folhas de rosto de duas edições de *The Speeches and Prayer*: S4874A (à esquerda) e S4975 (à direita).⁴⁸

⁴⁸ Bodleian Library, Mal.654(5); Bodleian Library, Douce Fragm.e.42(40*).

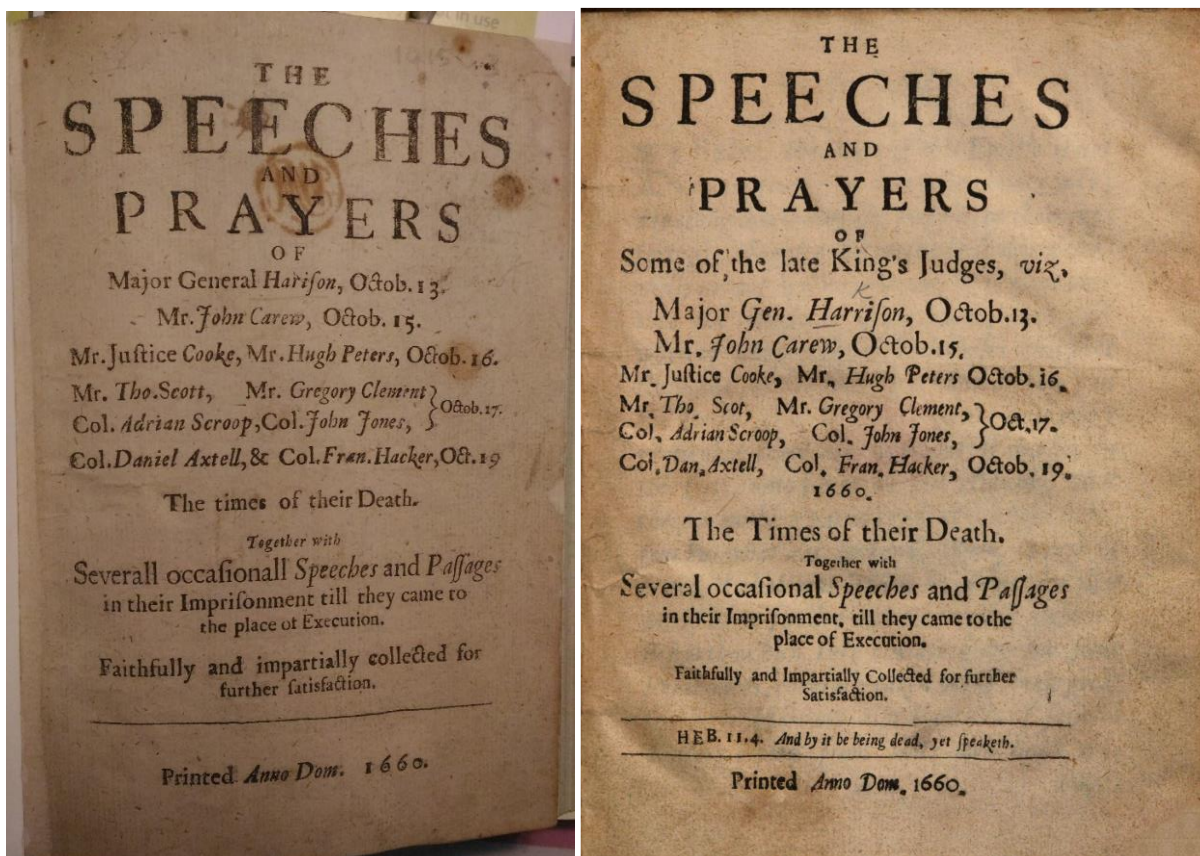


Figura 38: Folhas de rosto de duas outras versões de *The Speeches and Prayer*: S4874B (à esquerda), S4875A (à direita).⁴⁹

Ao avançar para além das folhas de rosto, notam-se ainda outras diferenças entre as versões de *The Speeches and Prayers*. S4874 possui 104 páginas, dispostas em cadernos bastante desordenados. Sua fórmula colacional⁵⁰ e sua paginação são descontínuas, indicando a possibilidade de uma produção cheia de interrupções, modificações e erros. No final dos exemplares de S4874, erratas sinalizavam os trechos a serem corrigidos pelos leitores. Por sua vez, S4875 e S4875A são mais curtas e não possuem erratas anexas, totalizando apenas 94 páginas. Apesar disso, elas não coincidem. Os cadernos de S4875 são sequenciais⁵¹, enquanto os de S4875A são desordenados.⁵² Nos dois, a paginação aparece de forma bastante descoordenada.

Os prefácios de S4874 e S4875 são idênticos. Ambas as edições têm os preâmbulos adornados com uma linha de flores de impressão no cabeçalho e o texto composto em tipos itálicos. A coincidência geral entre os tipos e a organização nos leva a inferir que ao menos essas primeiras folhas tenham sido impressas por Thomas Creake a pedido de Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman. A aparência de S4875A, contudo, sugere a participação de um outro

⁴⁹ British Library, 1415.i.3; British Library, 8122.b.96.

⁵⁰ Fórmula colacional: [A²], B-H⁴, (H)⁴, H-I⁴, K², L-M⁴, x¹. Paginação: [4], 1-25, 25, 27-64, 57-76, 81-96, [2].

⁵¹ Fórmula colacional: [A]-M⁴. Paginação: [4], 1-60, 66, 68-84, 35, 86-92, 91, 94-96.

⁵² Fórmula colacional: A-G⁴, B1, H⁴(-H1) I-M⁴. Paginação: [4], 1-36, 39-62, 65-71, 62, 73-75, 78-94, 35, 96

impressor. Seu prefácio, por exemplo, não possui qualquer ornamento. Se observarmos atentamente as serifas, as pernas e as ligaduras dos tipos, percebemos que não se tratam dos mesmos itálicos usados nas outras versões do panfleto. Além disso, a mancha da página de S4875A possui uma linha a mais, isto é, 19 ao invés das 18 dispostas nos demais exemplares (*Figura 39*). A seguir, depois do prefácio, notamos que as capitulares, o uso de maiúsculas e minúsculas, o emprego de itálicos, a grafia de algumas palavras e as assinaturas de impressão não coincidem em nenhuma das outras versões de *The Speeches and Prayers* (*Figura 40*). Tais detalhes nos permitem concluir que há, então, ao menos três edições do texto.

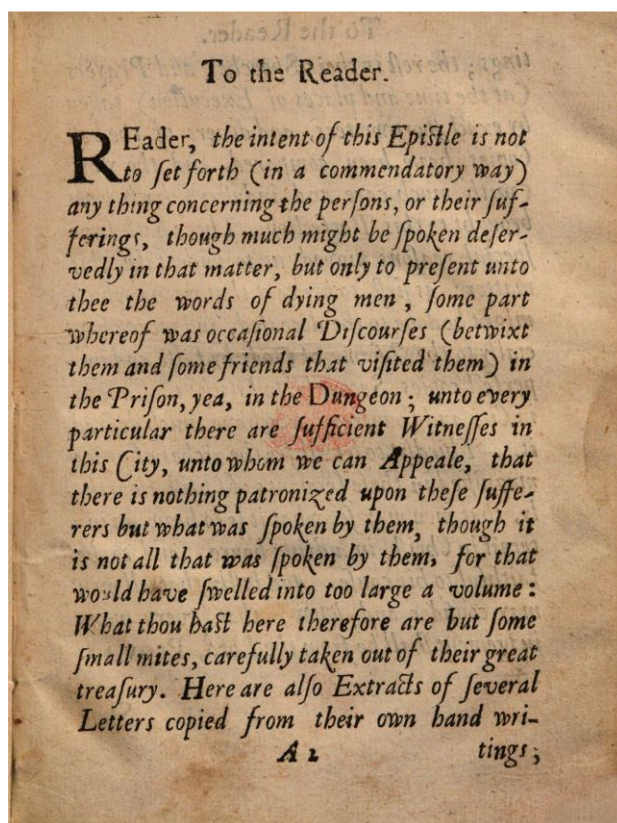
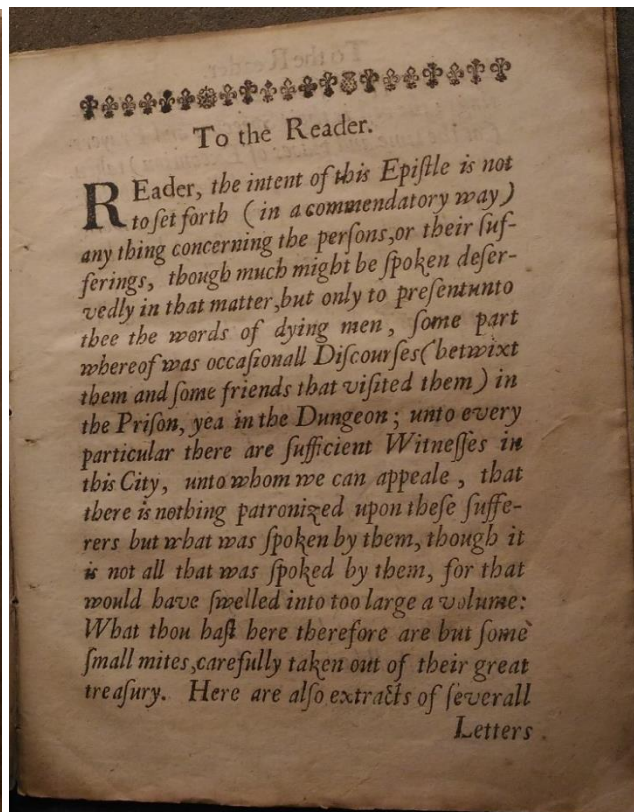
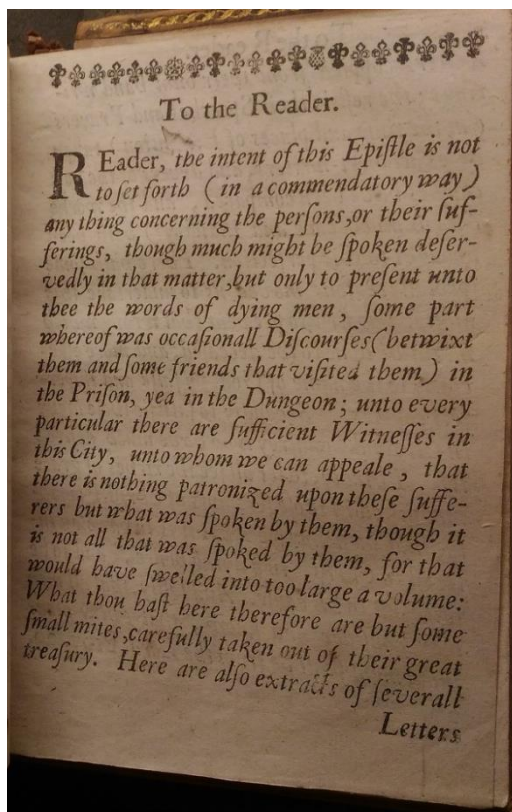


Figura 39: Prefácios de *The Speeches and Prayers*, S4874 (à esquerda, acima), S4975 (à direita, acima) e S4975A (abaixo).⁵³

⁵³ Bodleian Library, Mal.654(5); Bodleian Library, Douce Fragm.e.42(40*); British Library, 1415.i.3; British Library, 8122.b.96.

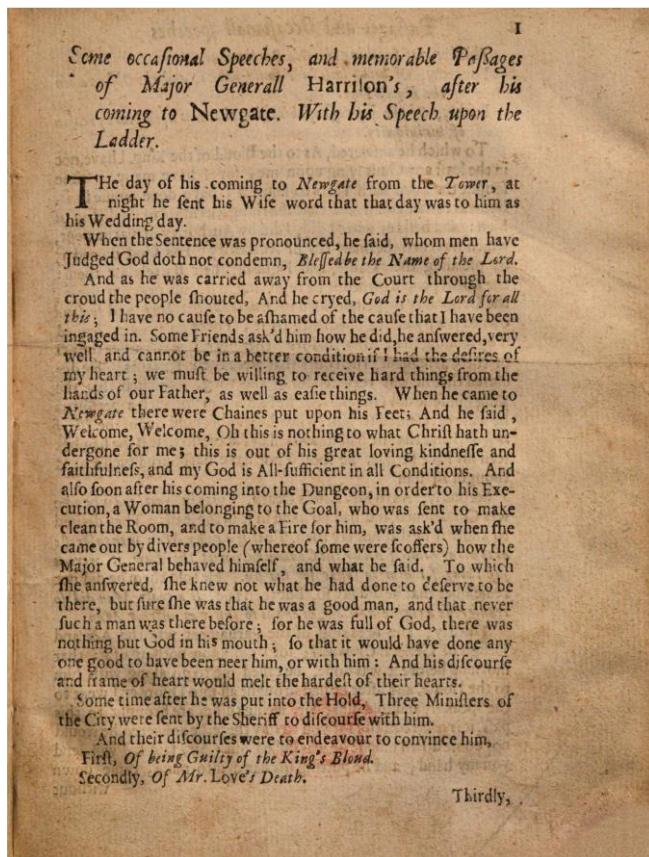
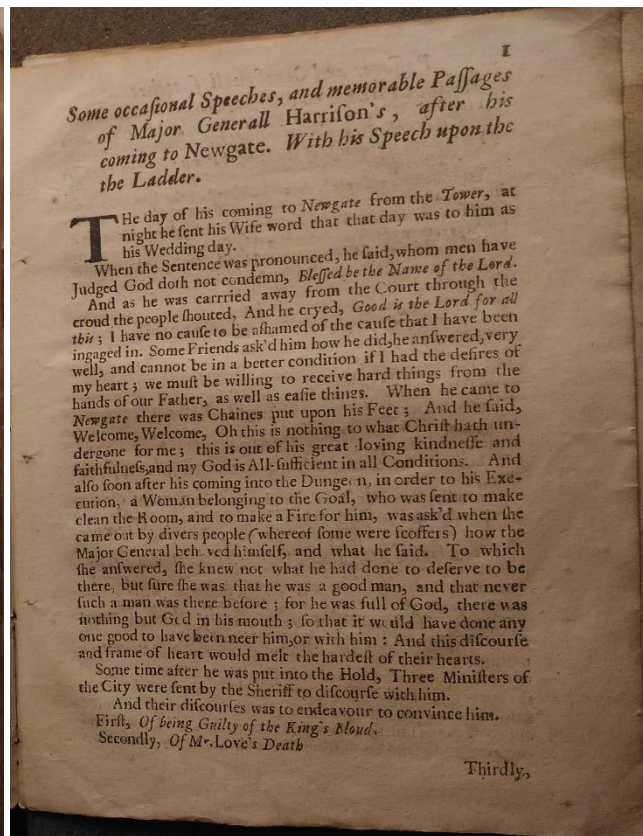
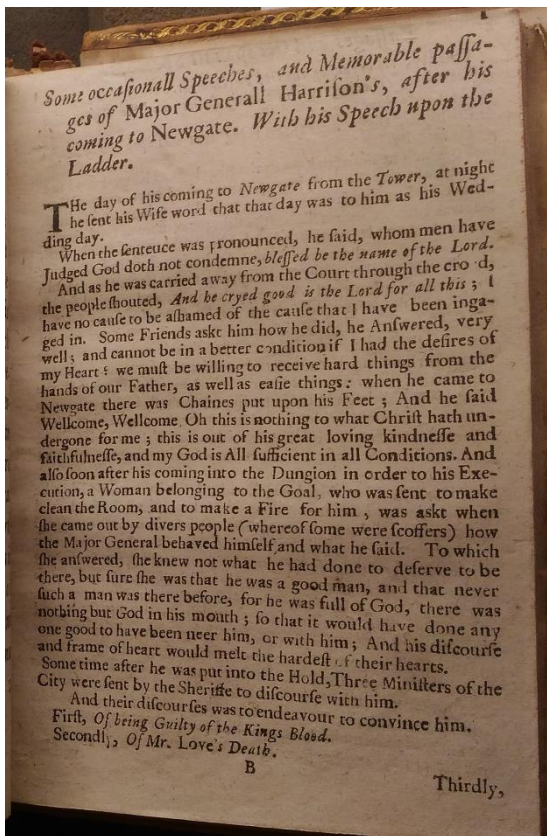


Figura 40: Página 1 de *The Speeches and Prayers*, S4874 (à esquerda, acima), S4975 (à direita, acima) e S4975A (abaixo).⁵⁴

As variações identificadas sugerem constantes alterações nas formas tipográficas, provavelmente decorrente de interrupções na operação da prensa, fosse para realizar correções, fosse para executar o trabalho em momentos específicos do dia (ou da noite). Mas, além das diferenças encontradas nas três edições do panfleto, há de se considerar ainda outros elementos distintivos de sua materialidade. Durante a pesquisa realizada em bibliotecas e arquivos britânicos, pudemos cotejar e comparar vinte exemplares de *The Speeches and Prayers*. Por meio desse exame, foi possível notar detalhes ignorados pelas catalogações anteriores. Não cabe aqui esgotar as descrições e análises bibliográficas, mas sinalizar algumas questões que, quando pensadas em conjunto com a documentação sobre a censura do texto, nos permitem tecer algumas hipóteses sobre as formas pelas quais o panfleto foi produzido e distribuído. A título de exemplo, reproduzimos algumas páginas de um exemplar de S4874B, salvaguardado na Bodleian Library, na *Figura 41*. Se atentarmos para o *mise-en-page*, percebemos uma evidente mudança de estilo de composição. Além de os tipos parecerem diferentes, há uma alternância na maneira de demarcar a paginação (ora nas margens superiores, ora centralizada entre parênteses) e no uso dos itálicos. É muito provável que o caderno H tenha sido confeccionado por um impressor diferente daquele que trabalhou nas folhas imediatamente anteriores e posteriores. Somado aos relatos dos impressores, livreiros e encadernadores envolvidos na polêmica dos Estacionários Confederados, parece provável que tais discrepâncias não sejam resultado exclusivo da divisão da encomenda do impresso entre as oficinas de Thomas Creak e Simon Dover. Em outras palavras, se Creak, realmente imprimiu apenas duas tiragens das primeiras 36 páginas de *The Speeches and Prayers* e Dover continuou parte do trabalho, as demais diferenças só podem ter sido ocasionadas pela participação de ainda outro(s) impressor(es).⁵⁵

⁵⁴ Bodleian Library, Mal.654(5); Bodleian Library, Douce Fragm.e.42(40*); British Library, 1415.i.3; British Library, 8122.b.96.

⁵⁵ **An exact narrative.**

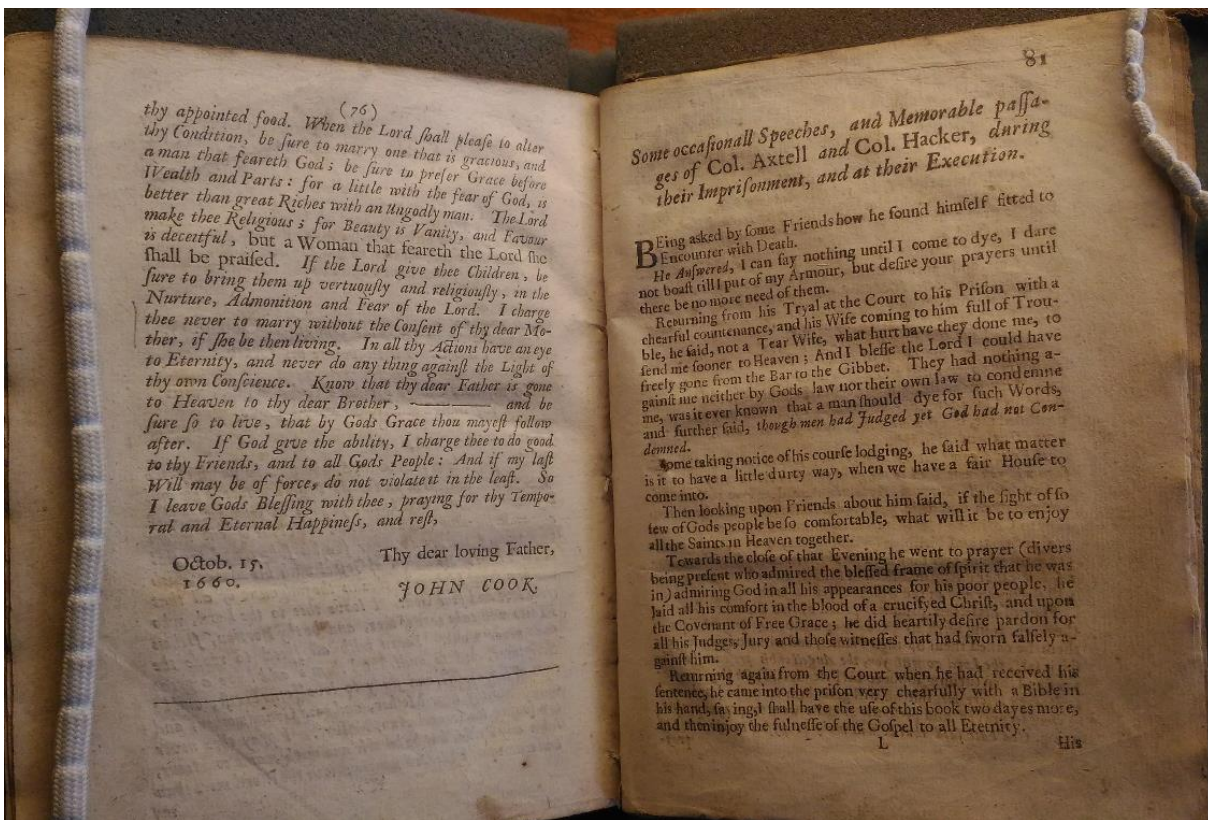
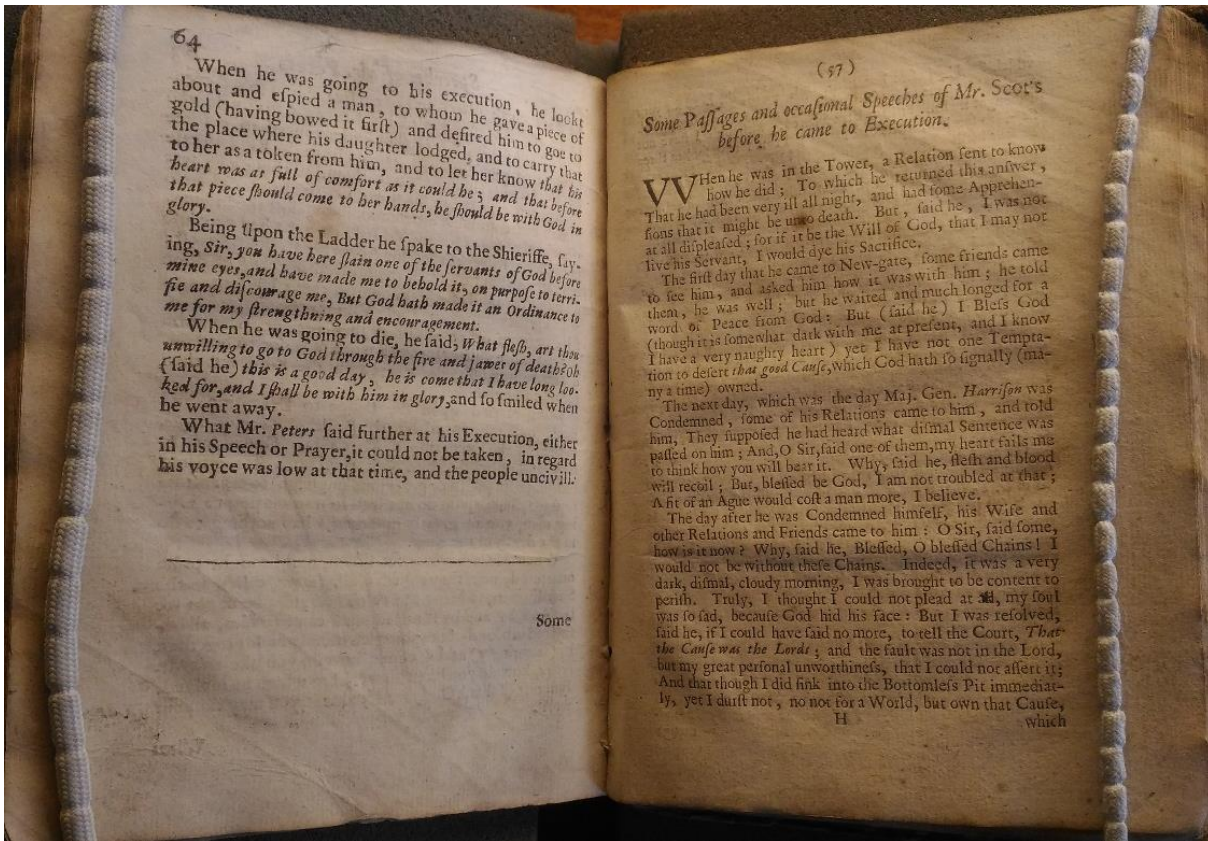


Figura 41: Folhas de *The Speeches and Prayers*.⁵⁶

⁵⁶ Bodleian Library, Vet.A3 e.2169.

Soma-se à nossa hipótese o fato de que alguns exemplares de *The Speeches and Prayer* não parecem ser facilmente enquadrados nas classificações do STC ou do ESTC. Isso se deve não apenas à fragmentada impressão do panfleto, mas também à forma como as folhas foram posteriormente reunidas e costuradas por encadernadores e livreiros. Há exemplos interessantes que ajudam a ilustrar esse processo, entre eles, uma cópia da biblioteca da Universidade de Toronto, consultada via EEBO. Seus cadernos parecem congregar páginas de duas tiragens diversas, provenientes das edições S4875 e S4875A. De forma alternada e irregular, a organização dos cadernos desse exemplar resulta em uma composição bastante diferente. Para melhor explicar essa questão, a *Figura 42* exhibe como exemplo as páginas 62 e 65 do item da biblioteca canadense. Nas imagens, vemos que o erro no sequenciamento da paginação coincide com a transição do caderno G para o I. Embora tenha sido identificada na EEBO como um exemplar de S4875A, um exame rigoroso do exemplar sugere que seu caderno I não é idêntico ao encontrado em outras cópias catalogadas sob o mesmo código identificador. A composição do caderno coincide, contudo, com as impressões comumente catalogadas como S4875 (ver *Figura 44*). Tanto esse é o caso que outros exemplares de S4875A não contêm o mesmo erro de paginação evidenciado na cópia de Toronto. Depois da página 65, ou seja, do caderno I, o texto apresenta uma paginação desordenada, os seguintes números se sucedem: 60, 66, 68-94, enquanto as demais cópias de S4875A vão da página 65 a 71 sem interrupções ou falhas. Esse detalhe aponta a possibilidade de que os encadernadores tivessem acesso simultâneo a folhas de tiragens e edições variadas no momento em que executavam suas costuras. Algo que, de fato, aparece em diferentes fontes do mesmo contexto de publicação de *The Speeches and Prayers*, tal como nos depoimentos de George Thresher e Thomas Loft. Ambos os encadernadores diziam ter recebido parcelas do panfleto vindas de Thomas Creak, Simon Dover e Thomas Brewster.⁵⁷ É provável que esse material se misturasse no meio de suas oficinas, proporcionando a confecção de exemplares tão particulares quanto o da Universidade de Toronto.

⁵⁷ An exact narrative.

62 *Passages and occasional Speeches of Mr. Peters,*
more able to speak a word in season to him under their great Tryals,
wherewith the Lord was then pleased to exercise him.

Being carryed upon the Sled to Execution, and made to sit therein, within the Railes at *Charing-Cross*, to behold the Execution of Mr. Cook: One comes to him, and upbraided him with the Death of the King, bidding him (with opprobrious language) to repent: he replied, Friend, you do not well to trample upon a dying man, you are greatly mistaken, I had nothing to do in the death of the King.

When Mr. Cook was cut down, and brought to be quartered, one they called Col. *Turner*, called to the Sheriff's men, to bring Mr. *Peters* near, that he might see it; and by and by the Hangman came to him, all belmeared in blood, and rubbing his bloody hands together, he (tauntingly) asked, Come, how do you like this Mr. *Peters*, how do you like this work? To whom he replied, I am not (I thank God) terrified at it, you may do your worst.

When he was going to his Execution, he lookt about and espied a man, to whom he gave a piece of Gold (having bowed it first) and desired him to go to the place where his Daughter lodged, and to carry that to her as a token from him, and to let her know, that his heart was as full of comfort as it could be; and that before that Piece should come to her hands, he should be with God in Glory.

Being upon the Ladder he spake to the Sheriff, saying, Sir, you have here slain one of the Servants of God before mine eyes, and have made me to behold it, on purpose to terrifie and discourage me; but God hath made it an Ordinance to me for my strengthening and encouragement.

When he was going to die, he said, What fesse, art thou unwilling to go to God through the fire and James of death? Oh (said he) this is a good day, He is come that I have long looked for, and I shall be with him in glory; and smiled when he went away.

What Mr. *Peters* said further at his Execution, either in his Speech or Prayer, it could not be taken, in regard his voice was low at that time, and the people uncivil.

Some

*Some Passages and occasional Speeches of Mr. Scot's
before he came to Execution.*

When he was in the Tower, a Relation sent to know how he did: To which he returned this Answer; That he had been very ill all night, and had some Apprehensions that it might be unto death: But, said he, I was not at all displeas'd; for it is the Will of God, that I may not live his Servant, I would die his Sacrifice.

The first day that he came to *Newgate*, some Friends came to see him, and asked him how it was with him? He told them, he was well; but he waited, and much longed for a word of Penance from God: But (said he) I bless God (though it is somewhat dark with me at present, and I know I have a very naughty heart) yet I have not one Temptation to desert That GOOD CAUSE, which God hath so signally (many a time) owned.

The next day, which was the day Maj. Gen. *Harrison* was Condemned, some of his Relations came to him, and told him, They supposed he had heard what diuinal Sentence had pass'd on him; And, O Sir, said one of them, my heart fails me to think how you will bear it. Why, said he, flesh and blood will recoil; But, blessed be God, I am not troubled at that; A fit of an Ague would cost a man more, I believe.

The day after he was Condemned himself, his Wife, and other Relations and Friends came to him: Oh Sir, said some, how is it now? Why, said he, Blessed, O blessed Chains! I would not be without these Chains. Indeed, it was a very dark, diuinal, cloudy morning, I was brought to be content to perish. Truly, I thought I could not plead at all, my soul was so sad, because God hid his face: But I was resolv'd (said he) if I could have said no more, to tell the Court, *That the Cause was the Lords*; and the fault was not in the Lord, but my great personal unworthincis, that I could not assert it; And that though I did sink into the bottomlets pit immediately, yet I durst not, no not for a World, but own that Cause, which God had often honor'd. But (said he) the Lord for your sakes did help me to say some-

Figura 42: Exemplar da Universidade de Toronto, disponibilizado via EEBO.

62 *Passages and occasional Speeches of Mr. Peters,*
 more able to speak a word in season to him under these great Tryals,
 wherewith the Lord was then pleased to exercise him.
 Being carried upon the Sled to Execution, and made to sit there-
 in, within the Railes at *Charing-Cross*, to behold the Execution of
 Mr. Cook: O he comes to him, and upbraided him with the Death of
 the King, bidding him (with opprobrious language) to repent: he re-
 plied, Friend, you do not well to trample upon a dying man, you are
 greatly mistaken, I had nothing to do in the death of the King.
 When Mr. Cook was cut down, and brought to be quartered, one
 they called Col. *Turner*, called to the Sheriffs men, to bring Mr. *Peters*
 near, that he might see it; and by and by the Hangman came to him,
 all besmeared in blood, and rubbing his bloody hands together, he
 (tauntingly) asked, Come, how do you like this Mr. *Peters*, how do
 you like this work? To whom he replied, I am not (I thank God)
 terrified at it, you may do your worst.
 When he was going to his Execution, he lookt about and espied a
 man, to whom he gave a piece of Gold (having bowed it first) and
 desired him to go to the place where his Daughter lodged, and to
 carry that to her as a token from him, and to let her know, that his
 heart was as full of comfort as it could be; and that before that Piece
 should come to her hands, he should be with God in Glory.
 Being upon the Ladder he spake to the Sheriff, saying, Sir, you
 have here slain one of the Servants of God before mine eyes, and
 have made me to behold it, on purpose to terrifie and discourage me;
 but God hath made it an Ordinance to me for my strengthening and en-
 couragement.
 When he was going to die, he said, What flesh, art thou unwill-
 ling to go to God through the fire and jaws of death? Oh (said he)
 this is a good day, He is come that I have long looked for, and I
 shall be with him in glory; and smiled when he went away.
 What Mr. *Peters* said further at his Execution, either in his
 Speech or Prayer, it could not be taken, in regard his voice was low
 at that time, and the people uncivil.

65
*Some Passages and occasional Speeches of Mr. Scot's before
 he came to Execution.*
 W Hen he was in the Tower, a Relation sent to know how he
 did: To which he returned this Answer; That he had
 been very ill all night, and had some Apprehensions that it
 might be unto death: But, said he, I was not at all displeas'd;
 for if it be the will of God, that I may not live his Servant, I
 would die his Sacrifice.
 The first day that he came to *Newgate*, some Friends came
 to see him, and asked him how it was with him? He told them,
 he was well; but he waited, and much longed for a word of
 Peace from God: But (said he) I blest God (though it is some-
 what dark with me at present, I know I have a very naughty
 heart (yet I have not one Temptation to desert That GOOD
 CAUSE, which God hath so signally (many a time) owned.
 The next day, which was the day Maj. Gen. *Harrison* was
 Condemned, some of his Relations came to him, and told him,
 They supposed he had heard what dismal Sentence had pass'd on
 him; And, O Sir, said one of them, my heart fails me to think
 how you will rear it. Why said he, flesh and blood will recoil;
 But, blest be God, I am not troubled at that; A fit of an Ague
 would cost a man more, I believe.
 The day after he was Condemned, himself, his Wife, and
 other Relations and Friends came to him: Oh Sir, said some,
 how is it now? Why, said he, Blessed, O blessed Chains! I
 would not be without these Chains. Indeed, it was a very dark,
 dismal, cloudy morning, I was brought to be content to perish.
 Truly, I thought I could not plead at all, my soul was so sad,
 because God hid his face: But I was resolv'd (said he) if I could
 have said no more, to tell the Court, That the Cause was the
 Lords; and the fault was not in the Lord, but my great personal
 unworthiness, that I could not assert it; And that though I did
 sink into the bottomless pit immediately, yet I durst not, no not
 for a World, but owe that Cause, which God had often honou-
 red. But (said he) the Lord for your sakes did help me to say
 some

Figura 43: Exemplar de S4875A.⁵⁸

⁵⁸ British Library, 8122.b.96.

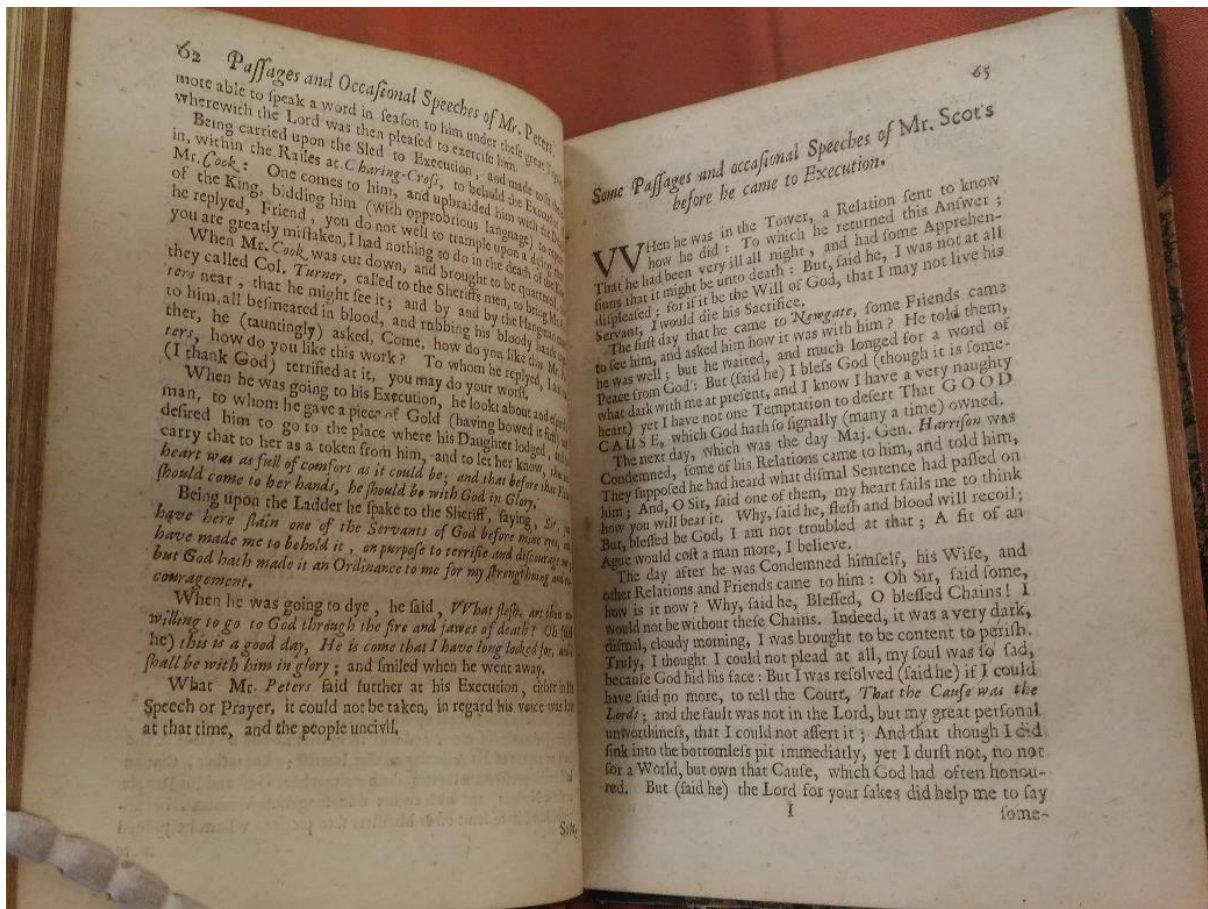


Figura 44: Exemplar de S4875.⁵⁹

Variações como essas são indícios da multiplicidade de versões de *The Speeches and Prayers*, o que, por sua vez, demonstra o quão intrincados foram os seus processos de produção e disseminação. Tê-los em vista nos permite pensar nas atividades de sujeitos muitas vezes negligenciados pela historiografia acerca da Inglaterra nos anos da Restauração. Sem atentar para as maneiras por meio das quais os textos vêm a adquirir forma, Christopher Hill, por exemplo, equivocou-se em seu exame de *The Speeches and Prayers*. O historiador examinou o panfleto como uma das fontes disponíveis para se discutir o que chamou de “experiência da derrota”, vivenciada a partir do fim do experimento revolucionário das décadas de 1640 e 1650. A condenação dos regicidas demarcava, em sua leitura, o fracasso do radicalismo. Quando consultou *The Speeches and Prayers*, Hill o tomou como um relato fidedigno dos discursos fúnebres dos executados, mas que era elogioso às memórias dos supliciados porque havia sido “publicado por simpatizantes”⁶⁰. A cópia que consultou era dele e, posteriormente, doou-a para a Universidade de Oxford (da qual reproduzimos algumas páginas na Figura 41). Seu exemplar não tinha uma folha de rosto e Hill o

⁵⁹ Cambridge University Library, R.11.89.

⁶⁰ No original: “published by sympathizers”. HILL, *The experience of defeat*, p. 70.

identificou incorretamente como uma cópia de *A Compleat Collection* de William Sanderson. Esse equívoco fez com que o historiador não tivesse em vista o trabalho coletivo, disruptivo e clandestino desenvolvido pelos Estacionários Confederados. Ao contrário, Hill acabou por associar o panfleto aos seus detratores, isto é, aos cortesãos e regalistas.⁶¹ A confusão do historiador em sua identificação e da fonte não é um mero detalhe. Ela é sintomática de uma marginalização dos sujeitos que, de fato, operaram prensas e desenvolveram estratégias editoriais para garantir a circulação de discursos oposicionistas e radicais num contexto no qual o governo restaurado tentou refrear as vozes dissonantes. Sem enxergar para além do conteúdo textual panfleto que tinha em mãos e nem se preocupar com a produção do impresso que analisava, Hill ignorou o radicalismo daqueles que se recusaram a “reconhecer o colapso do sistema de ideias que anteriormente sustentou a ação”⁶² e que, por isso mesmo, empreenderam atividades clandestinas a fim de fazer frente à volta da monarquia. Por meio dessa abordagem, o historiador não notou que o radicalismo estava presente também nas próprias formas pelas quais *The Speeches and Prayers* veio a tomar corpo.

4.2.2. “Todos estes morreram na fé”⁶³

Rumores sobre a localização dos regicidas refugiados circulavam com frequência, associando-os aos mais variados eventos transcorridos na Inglaterra e alhures. Em suas memórias, Edmund Ludlow comentou como em muitas ocasiões, espiões de Carlos II relataram tê-lo avistado em diferentes condados, participando de reuniões suspeitas junto a líderes não-conformistas, quando ele sequer estava nas Ilhas Britânicas. Explorando o medo de novas e sangrentas sublevações sociais, o governo continuou a criticar a experiência revolucionária de outrora.⁶⁴ Em meio às muitas informações falsas e ao clima de instabilidade, as autoridades conseguiram efetivamente localizar o paradeiro de três regicidas que haviam escapado dos suplícios de outubro de 1660. Três dos regicidas exilados, John Barkstead, John Okey e Miles Corbet, haviam buscado refúgio junto ao matemático e político neerlandês Johan de Witt e, por conta disso, sua extradição representava um sério problema diplomático entre a monarquia inglesa e a república holandesa. Downing havia tentado conseguir a aprovação de diversos mandados para a prisão dos três

⁶¹ É possível confirmar o equívoco de Hill comparando as páginas citadas nas notas de rodapé do capítulo 3 de *The experience of defeat* com o exemplar de *The Speeches and Prayers* doado pelo historiador a Bodleian Library.

⁶² No original: “recognizing the collapse of the system of ideas which had previously sustained action.” HILL, **The experience of defeat**, p. 17.

⁶³ Hebreus 11:13.

⁶⁴ GREAVES, **Deliver us from evil**; KEEBLE, **The Literary Culture of Nonconformity**; KEEBLE, **The Restoration**; NEUFELD, **The Civil Wars After 1660**; LEGON, **Revolution remembered**; MAHLBERG, **The English Republican Exiles**.

traidores já em meados de 1661, mas diante de consecutivas negativas de Witt, apenas teve permissão para proceder contra eles em março de 1662. No mês seguinte, Barkstead, Okey e Corbet enfrentaram o tribunal em Londres sob a acusação de alta traição.⁶⁵

Mais uma vez, as notícias sobre os novos julgamentos e as subsequentes execuções rapidamente se espalharam pela imprensa. E o embate entorno do caráter dos três outros regicidas também foi objeto de disputa entre as narrativas. Duas publicações parecem ter ocorrido quase simultaneamente. Apesar de terem títulos e folhas de rosto bastante semelhantes, elas advogavam perspectivas bastante diversas, disputando a opinião pública a respeito dos condenados. Não é possível precisar qual delas foi lançada antes, mas certamente estabeleciam um diálogo entre si. Um dos textos era *The Speeches and Prayers of John Barkstead, John Okey, and Miles Corbet*, impresso para Nathaniel Brook e Edward Thomas.⁶⁶ Embora a folha de rosto da *Figura 45* não indique nenhuma autoria, outra impressão aponta que a compilação foi realizada por alguém cujas iniciais eram J. H. A identificação do autor, contudo, não parece ser de grande importância na folha de título, já que o assunto de maior interesse era a transcrição das últimas palavras dos falecidos. Não obstante, tais palavras não poderiam ser publicadas imprudentemente, seu conteúdo precisava ser discutido com atenção. Apesar de seu título evocar *The Speeches and Prayers* de 1660, colocando-se como uma continuação da primeira compilação dos discursos fúnebres dos regicidas, a obra tinha um objetivo contrário àquele das publicações dos Confederados. A semelhança entre os títulos, contudo, pode relevar o sucesso de *The Speeches and Prayers* no mercado livreiro. Mas para evitar problemas com as autoridades, o panfleto de Brook e Thomas era acrescido de “CRÍTICAS Sobre os ditos DISCURSOS.”⁶⁷ Seu prefácio também assegurava aos leitores que as falas ali impressas “não carregam nelas quaisquer reflexos perigosos ou traidores sobre o Governo, que possam prejudicar sua publicação”.⁶⁸ Constavam no texto “as únicas memórias desses homens” que mereciam ser conservadas, isto é, as das confissões de seus crimes e das justas penas às quais foram submetidos.⁶⁹

⁶⁵ GREAVES, **Deliver us from evil**; MAHLBERG, "The English Republican Exiles".

⁶⁶ Vale mencionar aqui que Nathaniel Brook não é Nathan Brooks, livreiro e encadernador ligado à polêmica dos Confederados. O primeiro atuava como livreiro na região de Cornhill e não parece ter se envolvido em qualquer problema com as autoridades no contexto da Restauração. Edward Thomas também trabalhava como livreiro, mas não encontramos mais detalhes sobre sua atuação no mercado livreiro. PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**.

⁶⁷ No original: “ANIMADVERSIONS On the said SPEECHES.” **The speeches and prayers of Iohn Barkstead, John Okey, and Miles Corbet. Together with several passages at the time of their execution at Tyburn, the nineteenth of April, 1662. With some due and sober animadversions of the said speeches.** Londres: Nathaniel Brook; Edward Thomas, 1662, fl.1.

⁶⁸ No original: “they do not carry in them any dangerous or treasonable reflects upon the Government, that might prejudice them publishing”. *Idem*, fl.2.

⁶⁹ No original: “the only memories of these men”. *Idem*, fl.2v.

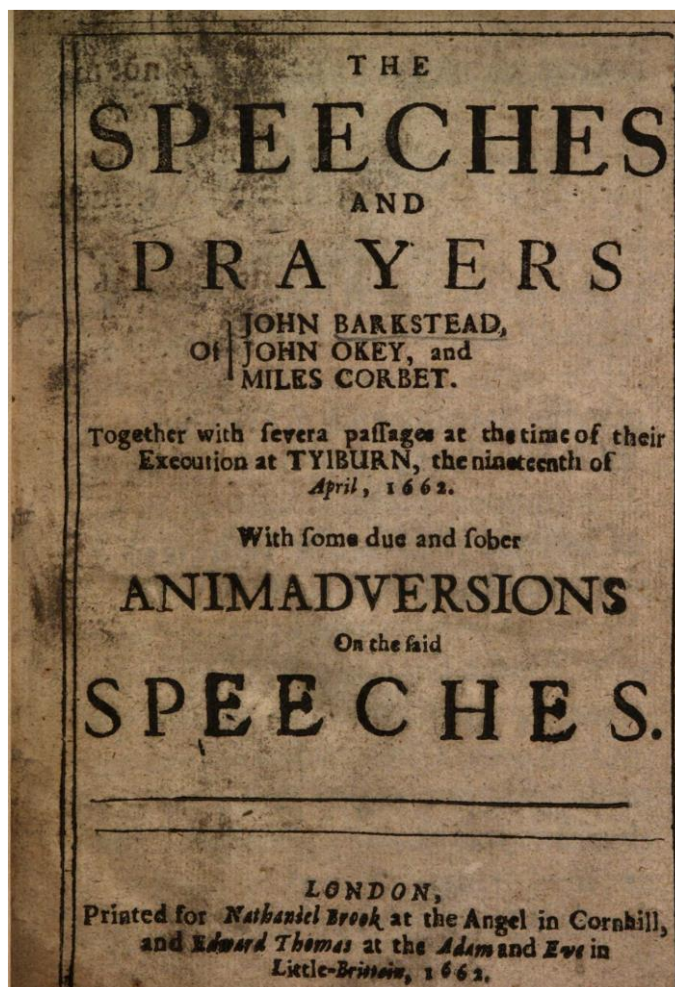


Figura 45: Folha de rosto de *The Speeches and Prayers of John Barkstead, John Okey, and Miles Corbet*.⁷⁰

A segunda versão a respeito das execuções de 1662 foi lançada sob um título ligeiramente diferente, que estabelecia conexão com *The Speeches and Prayers*, mas distinguia-se da obra de Brook e Thomas. *The Speeches, Discourses, and Prayers of Col. John Barkstead, Col. John Okey, and Mr. Miles Corbet* se propunha a mostrar a força de três homens de fé que, diante “da pior das Mortes”⁷¹, mantiveram-se impassíveis. “Pois se os Crentes são capazes de alguma honra neste mundo, é que eles são considerados dignos para sofrer *pelo* Nome e *pela* Causa do seu Senhor e Mestre JESUS CRISTO.”⁷² O prefácio declarava que os exemplos de comportamento de Barkstead, Okey e Corbet durante suas execuções eram os mais pios a serem seguidos. Eles demonstravam o quanto os penitentes estavam felizes e dispostos

⁷⁰ British Library, 1416.c.29.

⁷¹ No original: “*of the worst of Deaths*”. *The Speeches, Discourses, and Prayers, of Col. John Barkstead, Col. John Okey, and Mr. Miles Corbet; upon the 19th of April, being the day of their suffering at Tyburn. Together with an account of the occasion and manner of their taking in Holland: as also of their several occasional speeches, discourses, and letters, both before, and in the time of their imprisonment. Faithfully and impartially collected, for a general satisfaction.* [Londres:] s. n., 1662, fl.2.

⁷² No original: “*For if Believers are capable of any honour in this world, it is that they are accounted worthy to suffer for the Name and Cause of their Lord and Master JESUS CHRIST.*” *Idem*, fl.2v.

a padecer por sua fé. “DEUS os havia afastado de todas as coisas abaixo Dele”, libertando-os para ascender aos céus.⁷³

Desde a sua folha de rosto, a narrativa piedosa de *The Speeches, Discourses, and Prayers* demarcava suas diferenças com a publicação de Nathaniel Brook e Edward Thomas. Além de incluir um termo extra no título “Discourses”, o texto também evitava termos pejorativos para se referir aos três homens executados. Na verdade, a obra optava por utilizar os títulos militares de Barkstead e Okey, coronéis, e por chamar Corbet de “senhor” (“mister”). Assim, já de partida, o texto atribuía aos condenados uma distinta posição social. Além disso, a página de título tentava orientar a leitura dos discursos fúnebres por meio do recurso a citações bíblicas. Extraído do Livro de Provérbios, uma primeira passagem, impressa acima do *imprint*, lembrava ao público que “O Julgamento de Todo Homem vem do Senhor.”⁷⁴ Em seguida, uma sentença de Hebreus declarava decididamente que “Todos estes morreram na Fé” (ver Figura 46).⁷⁵

⁷³ No original: “GOD had thoroughly weaned them from all things below Himself”. *Idem*, fl.3.

⁷⁴ No original: “Every Man’s Judgement cometh from the Lord”. *Idem*, fl.1; Provérbios 29:26.

⁷⁵ No original: “These all dyed in Faith.” *Idem, ibidem*; Hebreus 11:13.

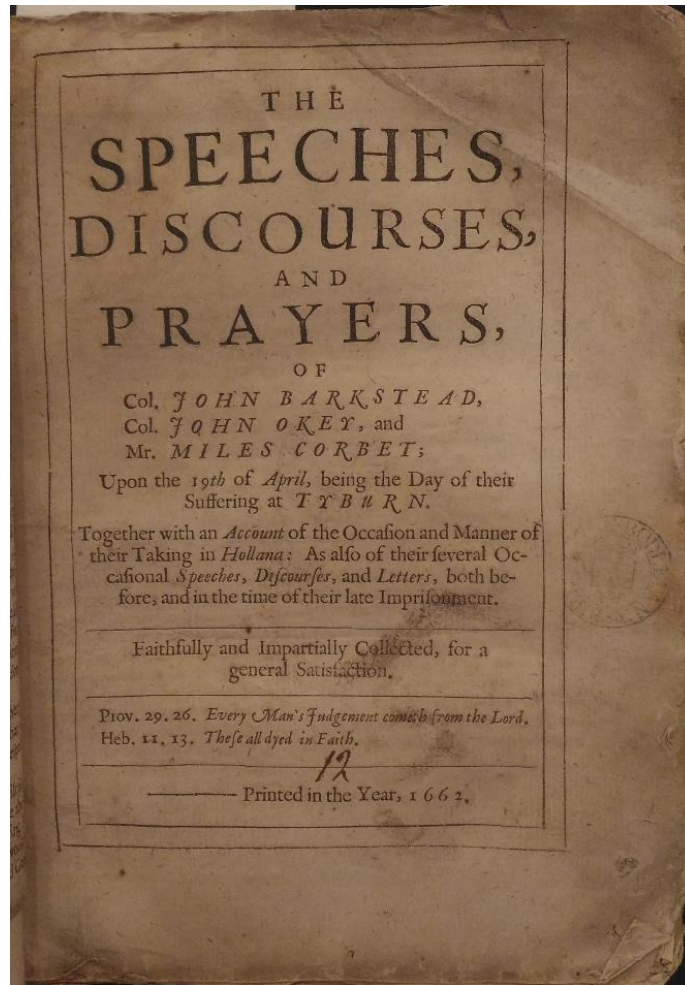


Figura 46: Folha de rosto de *The Speeches, Discourses, and Prayers*.⁷⁶

Há ao menos duas edições de *The Speeches, Discourses and Prayers* catalogadas no STC, identificadas sob as referências B817 e B817Aa.⁷⁷ Suas fórmulas colacionais e paginações diferem. A B817 provavelmente foi a primeira a ser publicada. Feitas de forma apressada, suas cópias foram entrecortadas por adições e alterações em ao menos três de seus cadernos.⁷⁸ A última página do prefácio informava aos leitores que “*Algumas outras Passagens materiais a respeito de todos, ou ao menos de alguns destes homens, permanecem ainda não publicadas, mas estão fielmente reservadas para uma Oportunidade mais adequada. Enquanto isso nós remetemos ao Leitor o que está aqui coletado, e sobre o que estamos em Oração.*”⁷⁹ A reedição corrigida, B817Aa, foi lançada logo em seguida. Nela, as assinaturas de impressão e os números de página são sequenciais.⁸⁰ Ela também não contém a nota que avisava

⁷⁶ Bodleian Library, Pamph.1119 (12).

⁷⁷ WING, *Short-title catalogue*, 1945; WING, *Short-title catalogue*, 1994.

⁷⁸ Fórmula colacional: [A]⁴(-[A]1?) B-C⁴ a-c⁴ D-K⁴. Paginações: [6], 1-8, [1], 10-24, [24], 25-71, [1].

⁷⁹ No original: “*Some other material Passages concerning all, or at least some of these men, remain yet unpublished, but are faithfully reserved for a fitter Opportunity. In the meantime we remit the Reader to what is here collected, and are at prayer for a Blessing upon it.*” **The Speeches, Discourses, and Prayers**, fl.2v.

⁸⁰ Fórmula colacional: [A]⁴(-[A]1?) B-N⁴. Paginações: [6], 1-95, [1].

sobre trechos inéditos a serem incorporados, uma vez que já havia sido atualizada. Quando comparadas aos exemplares da edição anterior, notam-se variações na grafia, nos ornamentos e nas capitulares das cópias da B817Aa (ver *Figura 47*). É provável que ambas as versões do panfleto tenham sido produzidas pelo mesmo impressor. Não obstante, o aproveitamento das formas compostas na altura da primeira edição foi pequeno. Grande parte do trabalho foi refeito, sobretudo a partir do segundo caderno (com assinatura B), para reposicionar os tipos, corrigir todos os equívocos, mexer no espaçamento entre as palavras, adicionar recuo a novos parágrafos, substituir capitulares e modificar os cabeçalhos e as assinaturas de impressão.

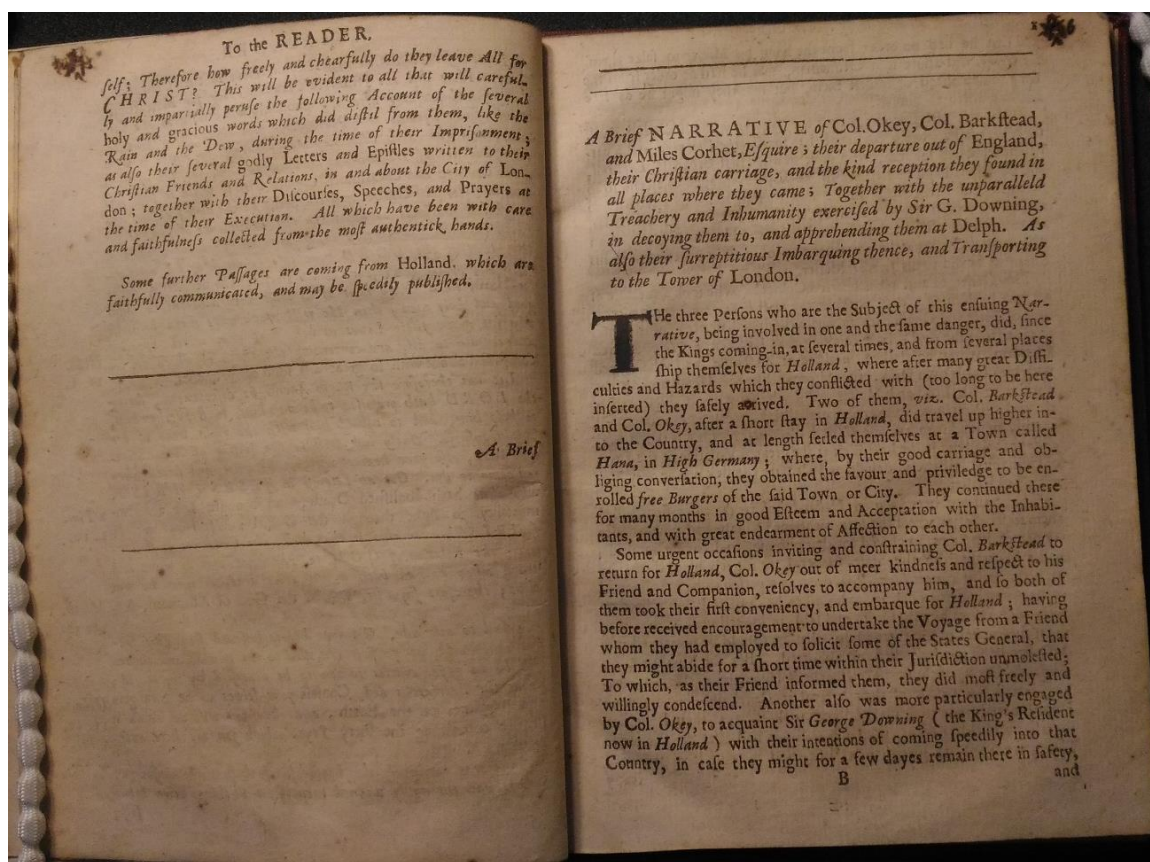
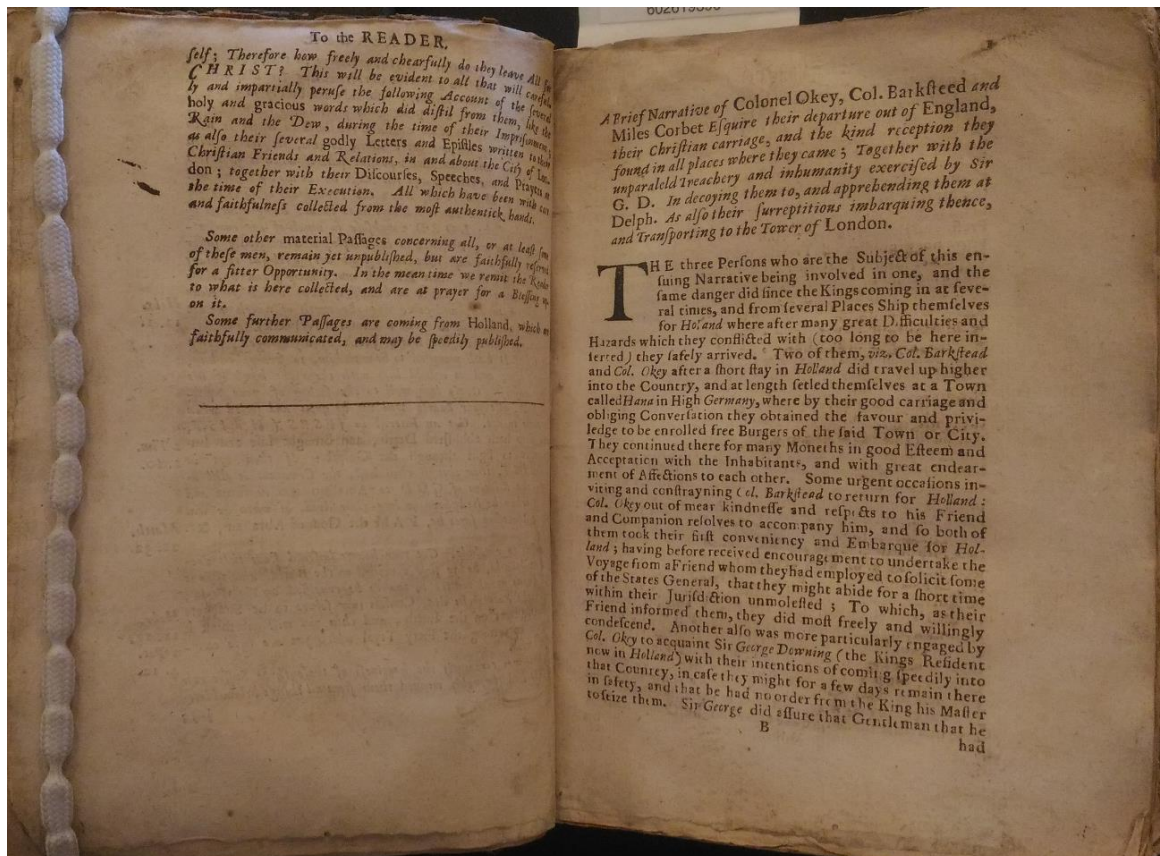


Figura 47: Comparação das primeiras páginas de duas edições de *The Speeches, Discourses, and Prayers*, B817 (acima) e B817Aa (abaixo).⁸¹

Além dessas duas edições, identificamos uma outra variação. Entre as onze cópias compulsadas em nossa pesquisa, entramos três exemplares com folhas de rosto compostas a partir de tipos ligeiramente diversos dos que foram empregados nas cópias B817 e B817Aa (ver *Figura 48*).⁸² Neles, os estão ordenados de forma sequencial, tal como na segunda edição, mas há vários erros de paginação, como os encontrados na primeira.⁸³ Ao examinar as reproduções dispostas nas *Figura 47* *Figura 49*, também é possível evidenciar algumas mudanças tipográficas. Note-se, por exemplo, o tamanho e o formato das capitulares “T”. Essas pequenas variações correspondem a tiragens intermediárias entre as duas edições, as quais apontam marcas de correções e intervenções feitas na oficina de impressão durante o processo de confecção do texto.⁸⁴

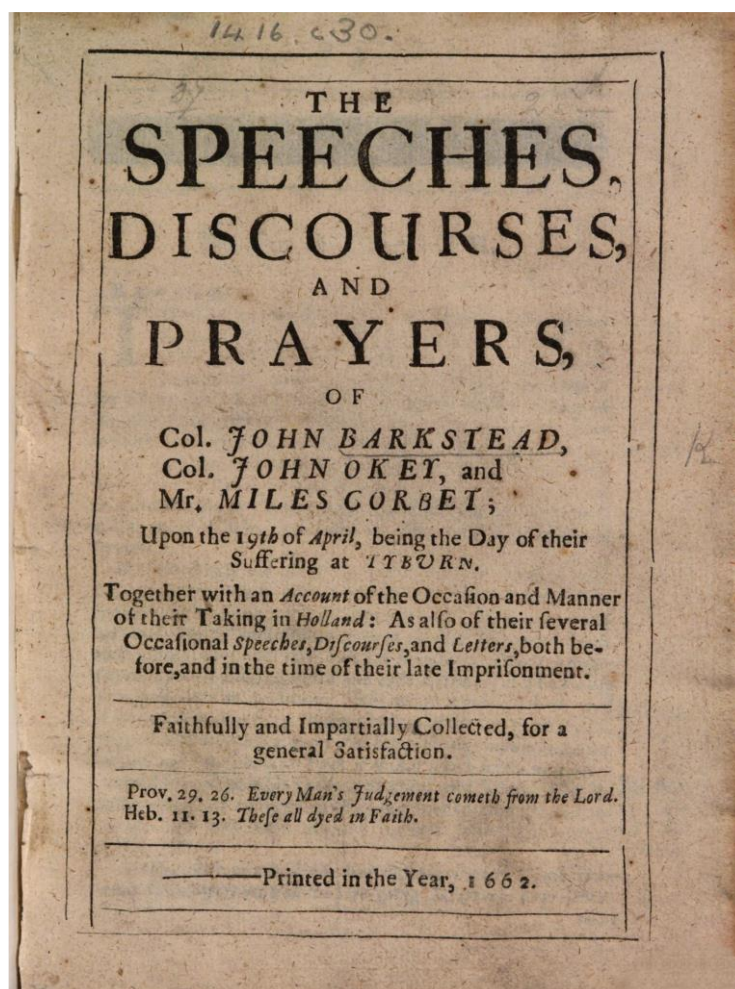


Figura 48: Folha de rosto de exemplar variante de *The Speeches, Discourses, and Prayers*.⁸⁵

⁸¹ Bodleian Library, G. Pamph.1119 (12); British Library, 100.g.54.

⁸² Tratam-se dos seguintes itens: British Library, 1416.c.30; Cambridge University Library R.11.89 (2); John Rylands Library, R147930.2.

⁸³ Fórmula colacional: [A]⁴(-[A]1?) B-N⁴. Paginação: [6], 1-48, 25-71, [1].

⁸⁴ JOHNS, *The nature of the book*; GRAFTON, *La Cultura de la Corección*; WERNER, *Studying Early Printed Books*.

⁸⁵ British Library, 1416.c.30.

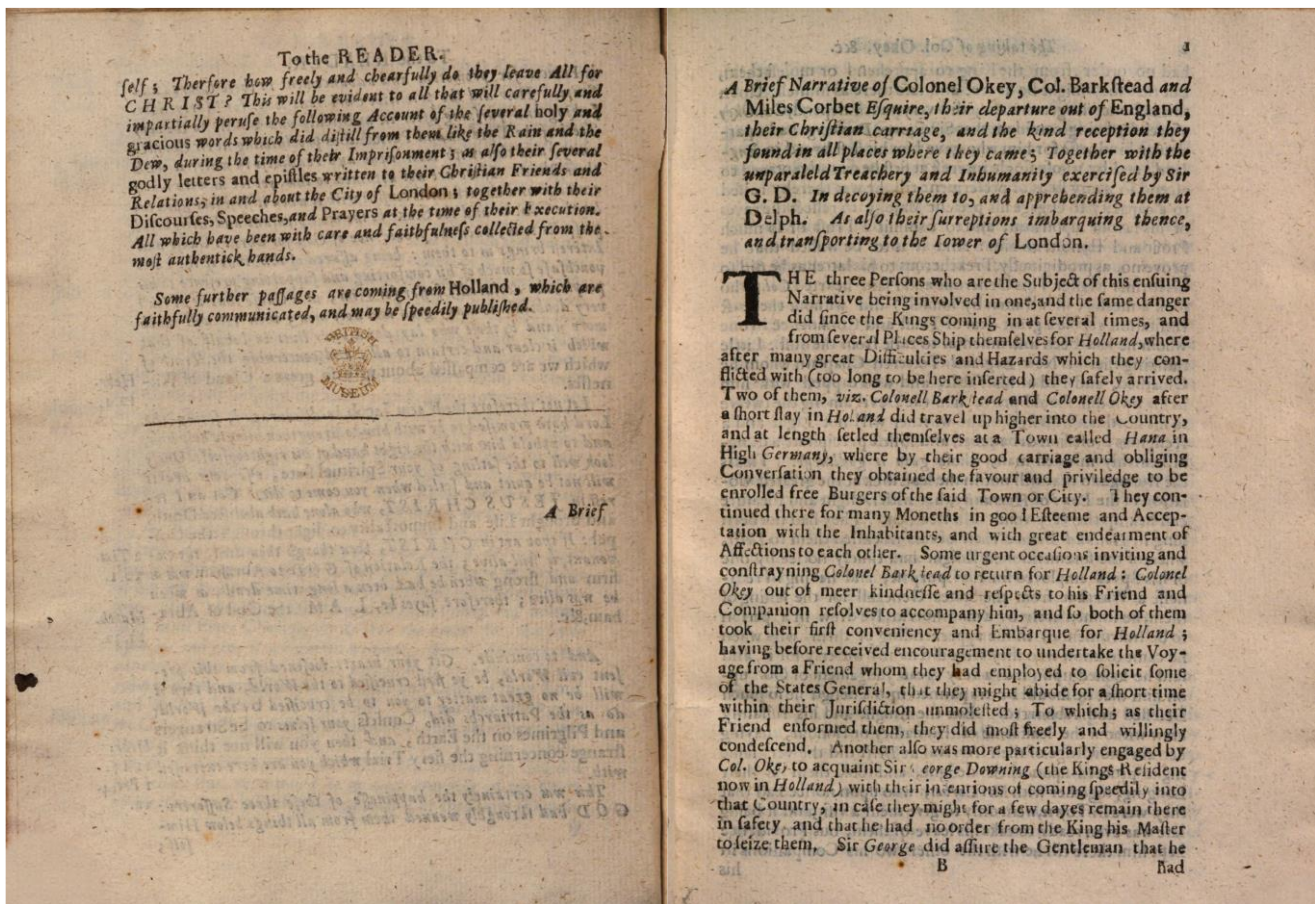


Figura 49: Primeiras páginas de exemplar variante de *The Speeches, Discourses, and Prayers*.⁸⁶

Cotejadas junto à documentação arquivística, sobretudo a jurídica e processual, as variações tipográficas exemplificadas até aqui sugerem que *The Speeches, Discourses, and Prayers* também tenha sido uma empreitada dos Estacionários Confederados. Seu estilo textual e material, bem como seu conteúdo favorável à imagem dos regicidas, parecem continuar a disputa pela narrativa acerca do contexto revolucionário, iniciada com a publicação de *The Speeches and Prayers* de 1660.⁸⁷ A publicação de 1662, assim, visava adicionar John Barkstead, John Okey e Miles Corbet ao panteão de mártires da “boa e velha causa”. O texto também se destinava a apontar e combater os perigos do “Rei dos Terrors”. Embora o prefácio do panfleto inicialmente definisse que “*A Morte é de fato um Rei dos Terrors*”⁸⁸, ao longo das páginas subsequentes havia alusões à expressão que causavam certa ambiguidade quanto à sua identificação. Em uma de suas passagens, a obra indicava que a morte “*não é nem Rei nem terrível para aquele cujo coração é governado e reinado pela Paz de Deus*”.⁸⁹ Se os três penitentes eram exemplos de expressão da fé verdadeira, concluía-se que a morte jamais

⁸⁶ British Library, 1416.c.30.

⁸⁷ LEGON, *Revolution remembered*.

⁸⁸ No original: “*Death is indeed a King of Terrors*”. *The Speeches, Discourses, and Prayers*, fl.1.

⁸⁹ No original: “*it is neither King nor terrible to him in whose heart the Peace of God rules and reigns*”. *Idem, ibidem*.

poderia lhes aterrorizar ou tyrannizar. Para eles, não havia outra autoridade que não a de Deus. Era, então, o domínio ilegítimo sobre as vidas dos fiéis que definia a figura do “Rei dos Terrores”. Não havia, portanto, outro a identificar senão Carlos II, cuja sanguinária vingança vilipendiava aos servos de Deus, mortos e profanados no cadafalso em 1662.⁹⁰

Como as demais publicações dos Estacionários Confederados, *The Speeches, Discourses, and Prayers* tentava, assim, abalar a autoridade de Carlos II, enfrentando suas políticas de repressão. O intento sedicioso do panfleto demandava discrição. E é provável que os Estacionários Confederados tenham conseguido manter a empreitada em segurança por vários meses, visto que foi apenas entre o final de 1662 e o início de 1663 que prisões diretamente relacionadas à *The Speeches, Discourses, and Prayers* começaram a acontecer. Uma nota sem data, mas possivelmente de meados de 1662, sugere que Livewell Chapman poderia ter relação com a publicação do panfleto.⁹¹ Mas como o livreiro havia passado grande parte do ano escondido, a informação não desembocou em qualquer procedimento contra ele.⁹²

A publicação de *The Speeches, Discourses, and Prayers* certamente não se deveu apenas a Chapman, mas ao trabalho coletivo dos Confederados. As investigações conduzidas entre 1662 e 1663 parecem confirmar essa hipótese. Em 3 de novembro, um jovem livreiro (provavelmente o aprendiz de Thomas e Anna Brewster, Peter Bodvell), confidenciara aos informantes Peter Crabb e Simon Wilcox parte do que sabia sobre diversos textos sediciosos lançados naquele momento. A partir de seu depoimento, as autoridades conseguiram avançar em sua caçada contra a literatura clandestina e, na mesma altura, apreenderam cópias dos “Speeches and Prayers dos Traidores”.⁹³ Entre dezembro, o casal Calvert, bem como sua criada Elizabeth Evans, e John e Constance Batty foram presos. Evans foi solta poucos dias depois por bom comportamento.⁹⁴ Pouco depois, em 6 de janeiro de 1663, uma carta de John Birkenhead para o Secretário Joseph Williamson mencionava que um impressor havia sido encontrado com cópias dos discursos fúnebres de 1660 e 1662, mas que havia se negado a confessar qualquer coisa a respeito. Mandados dos dias seguintes revelam que, provavelmente, o impressor capturado era Thomas Leach, um importante parceiro comercial da livraria de Giles e Elizabeth Calvert.⁹⁵ No dia 7 de janeiro, foi expedida uma nova ordem de prisão para Elizabeth Evans. Detida por práticas sediciosas, é provável que a criada da *Black Spread Eagle* estivesse envolvida com a distribuição do panfleto a mando de seus senhores. Alguns dias

⁹⁰ KNOPPERS, “This So Horrid Spectacle”.

⁹¹ PRO SP29/446/115.

⁹² CRIST, **Francis Smith and the Opposition Press**; GREAVES, **Deliver us from evil**; BELL, “Elizabeth Calvert and the ‘Confederates’”; BELL, “Her Usual Practices”; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**.

⁹³ No original: “Traitors Speeches and Prayers”. PRO SP29/62/58, 60.

⁹⁴ PRO SP44/9/191, 198; SP29/65/6, 51, 173.

⁹⁵ PRO SP29/49/36; BELL, “Elizabeth Calvert and the ‘Confederates’”.

depois, Thomas Leach foi inquerido pelas autoridades. Em seu depoimento, contava que as cópias de *The Speeches, Discourses, and Prayers* foram adquiridas por sua esposa. Alguém havia lhe vendido os papéis na porta de sua oficina em Shoe Lane, próxima à Fleet Street.⁹⁶ No dia 14 de janeiro, foi ordenada (ou formalizada) a prisão de Leach. Junto com ele, um alfaiate, William Salmon, e um copista, John Inch (ou Hinch) também foram colocados sob custódia.⁹⁷ Não encontramos detalhes sobre os dois últimos, mas Inch já estivera em problemas com as autoridades em novembro do ano anterior por atividades sediciosas. Ele, inclusive, foi mencionado nos depoimentos de Bodvell.⁹⁸ Inch só foi solto depois de jurar fidelidade a Carlos II. Apesar de não serem estacionários, é provável que como Clemence Batty, o alfaiate e o copista auxiliassem na rede de distribuição clandestina dos Confederados, sugerindo que a extensão de seus negócios poderia ser maior do que conseguimos rastrear até aqui.⁹⁹

Outro indício disso também aparece no depoimento prestado por Thomas Leach no princípio de 1663. Segundo o impressor, ele preparava cópias de “uma Narrativa da Acusação dos últimos Traidores” a pedido de “seu melhor cliente”, cuja identidade se recusava a revelar às autoridades.¹⁰⁰ Provavelmente, o impressor se referia ao anônimo *A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation and Execution of John James*, que tratava do caso do pentamonarquista John James, preso por supostamente tramar um complô contra a Carlos II em outubro de 1661. Seu julgamento e sua subsequente execução pública ocorreram em novembro do mesmo ano.¹⁰¹ Lançado em 1662, o texto também se dedicava a reabilitar a imagem de James, descrevendo-o como mais um mártir da “boa e velha causa”. Sua folha de rosto (ver *Figura 50*) contava com a mesma citação do Livro de Hebreus utilizada em *The Speeches and Prayers*: “E estando Morto ainda Fala.”¹⁰² O último testemunho, impresso postumamente, exprimia as verdades da fé mesmo após o violento suplício perpetrado pela monarquia recém-restaurada.

⁹⁶ PRO SP29/67/69.

⁹⁷ PRO SP44/9/224, 236; SP29/67/169.

⁹⁸ PRO SP29/62/58, 217, 218.

⁹⁹ PRO SP29/89/88; SP29/67/163; SP44/9/258.

¹⁰⁰ No original: “a Narrative of y^e Arraignmente of y^e late Traytors”; “his best customer”. PRO SP29/67/69.

¹⁰¹ GREAVES, **Deliver us from evil**.

¹⁰² No original: “By it he being Dead yet Speaketh.” **A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation, and Execution of John James Who Suffered at Tiburne, Novem. the 26th. 1661**. Londres: s. n., 1662, fl.1.

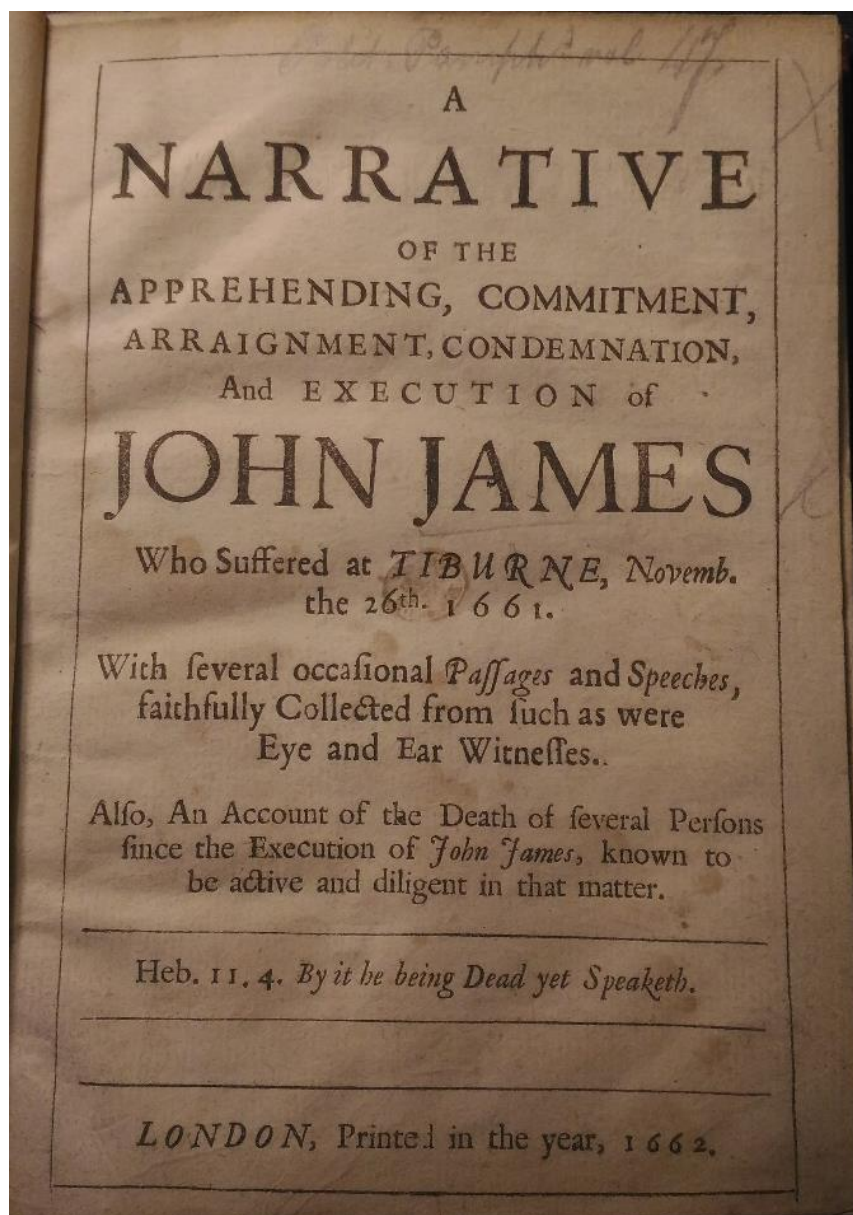


Figura 50: Folha de rosto de *A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation, and Execution of John James*.¹⁰³

Como especulado por Maureen Bell, talvez Giles e Elizabeth Calvert fossem os seus parceiros comerciais mais estimados por Thomas Leach, ou ao menos algum dos Estacionários Confederados, pois mesmo tentando preservar a sua identidade, o impressor acabou levando os censores ao grupo. Um dos criados de Leach, preso pelo mensageiro Northrop, conduziu as autoridades a um depósito onde centenas de panfletos sediciosos estavam guardados. Juntando as pontas soltas, os censores ligaram Thomas Leach a Thomas Brewster, Hannah Chapman e John Twyn. Outros sujeitos, como John e Clemence Batty, os livreiros Joseph Cranford e William

¹⁰³ British Library, 104.a.54.

Gilbertson, e o impressor Thomas Johnson também foram mencionados nessa fase da investigação sobre a disseminação de diversos textos ilegais, que enalteciam os homens recentemente condenados por Carlos II, como *A Narrative, The Speeches and Prayers, The Speeches, Discourses and Prayers* e, em especial, os panfletos em homenagem a Henry Vane, sobre os quais trataremos no tópico que se segue.¹⁰⁴

4.3. A vida e a morte de Sir Henry Vane

A maioria dos títulos mencionados nas notas da investigação de janeiro de 1663 se referiam à recente condenação e execução de Sir Henry Vane. Mas mesmo antes da Restauração, em janeiro de 1660, ele já havia sido convocado pelo Parlamento para responder a acusações de crimes contra o Estado. Conforme a Inglaterra se encaminhava uma vez mais para o sistema monárquico, as animosidades das autoridades para com a figura de Vane cresciam. E, quando Carlos II retornou a Inglaterra, optou por não incluir Vane entre os anistiados pelos crimes cometidos durante as Guerras Civis. Apesar de não ter sido um regicida, Vane foi considerado perigoso para a estabilidade do novo regime devido ao seu papel no governo republicano e às suas ideias político-religiosas.¹⁰⁵ Em julho de 1660, foi preso e jamais recobrou sua liberdade.¹⁰⁶ Quase dois anos depois, em 11 de junho de 1662, foi condenado por alta traição devido à sua participação nos governos da república e do Protetorado. Em três dias, Vane foi levado para sua execução pública em Tower Hill.¹⁰⁷

Enquanto esteve no cárcere, Henry Vane redigiu diversas meditações, notas e cartas, as quais serviram de base para muitas das publicações feitas pelos Estacionários Confederados em 1662. Logo após a sua morte, os Confederados lançaram ao menos cinco panfletos em sua memória, eram eles: *An Epistle General, to the Mystical Body of Christ on Earth; Two Treatises; The Tryal of Sir Henry Vane; The Substance of What Sir Henry Vane Intended to Have Spoken Upon the Scaffold;* e *The Life and Death of Sir Henry Vane* de George Sikes. Somando-se às obras dedicadas aos demais mártires da “boa e velha causa”, a imagem do de Henry Vane foi profusamente evocada pelos opositores da Restauração de Carlos II. O fato de Vane não ter efetivamente colaborado com os atos que levaram ao regicídio colaboraram para a interpretação de que sua execução tivesse sido um indício da injusta e cruel violência perpetrada por Carlos II. Ou, ainda, é possível que, por ser um homem profundamente religioso, seu caso tenha sido especialmente acolhido entre as comunidades não-

¹⁰⁴ PRO SP29/67/325.

¹⁰⁵ MAYERS, "Vane, Sir Henry, the younger".

¹⁰⁶ COFFEY, "The martyrdom of Sir Henry Vane"; MAYERS, "Vane, Sir Henry, the younger".

¹⁰⁷ PRO SP44/7/97, 99; SP44/21/159.

conformistas em um contexto de diminuição da tolerância religiosa. O martírio de Vane foi, assim, vinculado a uma intensa propaganda contrária à monarquia e à igreja oficial. Propaganda da qual os Estacionários Confederados foram ativos contribuintes.¹⁰⁸

O primeiro desses textos, *An Epistle General*, era uma meditação escrita por Vane ainda no cárcere. Nele, o autor reforçava suas expectativas apocalípticas, sugerindo ao leitor formas de compreender as ações visíveis e invisíveis de Deus em direção à concretização de suas promessas. A publicação foi seguida por *Two Treatises*, que incluía *An Epistle General* e ainda outra reflexão redigida por Vane na cadeia, *The Face of Times*. Neste último, Vane tratava mais detidamente sobre a cronologia profética, visando fornecer indícios da emergência do Milênio e do Fim dos Tempos. Interessante observar que *Two Treatises* reaproveitava cópias remanescentes de *An Epistle General*. Talvez o primeiro panfleto não tivesse feito grande sucesso comercial na altura de seu lançamento, por isso, seus publicadores o incluíram em uma nova obra, constituindo uma coletânea de meditações apocalípticas. Como consequência dessa estratégia editorial, *Two Treatises* possui três folhas de rosto: a primeira exhibe o título da coletânea; a segunda, incluída imediatamente subsequente, tem o nome de *An Epistle General*; e a terceira, elaborada ao mesmo estilo das anteriores, marca o início de *The Face of the Times*. Foram encontradas algumas cópias avulsas de *An Epistle General*, catalogadas por Wing sob a referência V67, mas nenhuma edição de *The Face of the Times* parece ter circulado de forma individual.¹⁰⁹ Sua paginação, inclusive, segue a sequência iniciada pelo primeiro texto (ver *Figura 51* *Figura 52*).

¹⁰⁸ LIMA, “Impresso para ser vendido”

¹⁰⁹ Ver ESTC.

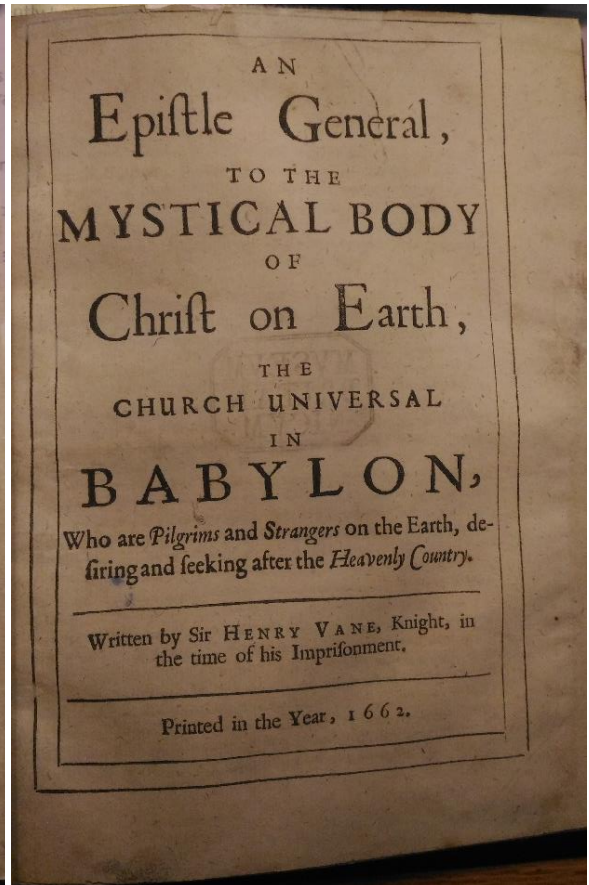
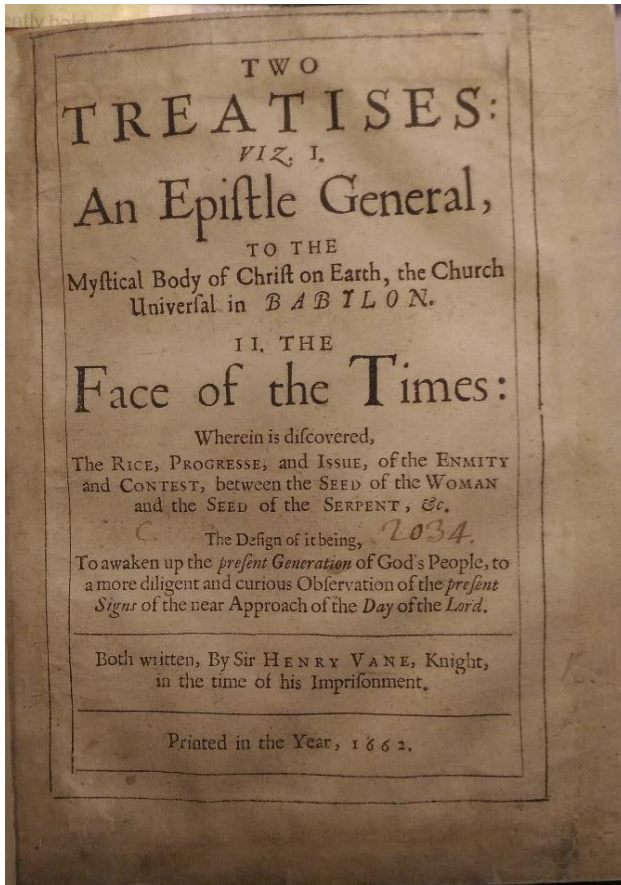


Figura 51: Folhas de rosto incluídas em *Two Treatises*.¹¹⁰

¹¹⁰ British Library, 701.g.51.

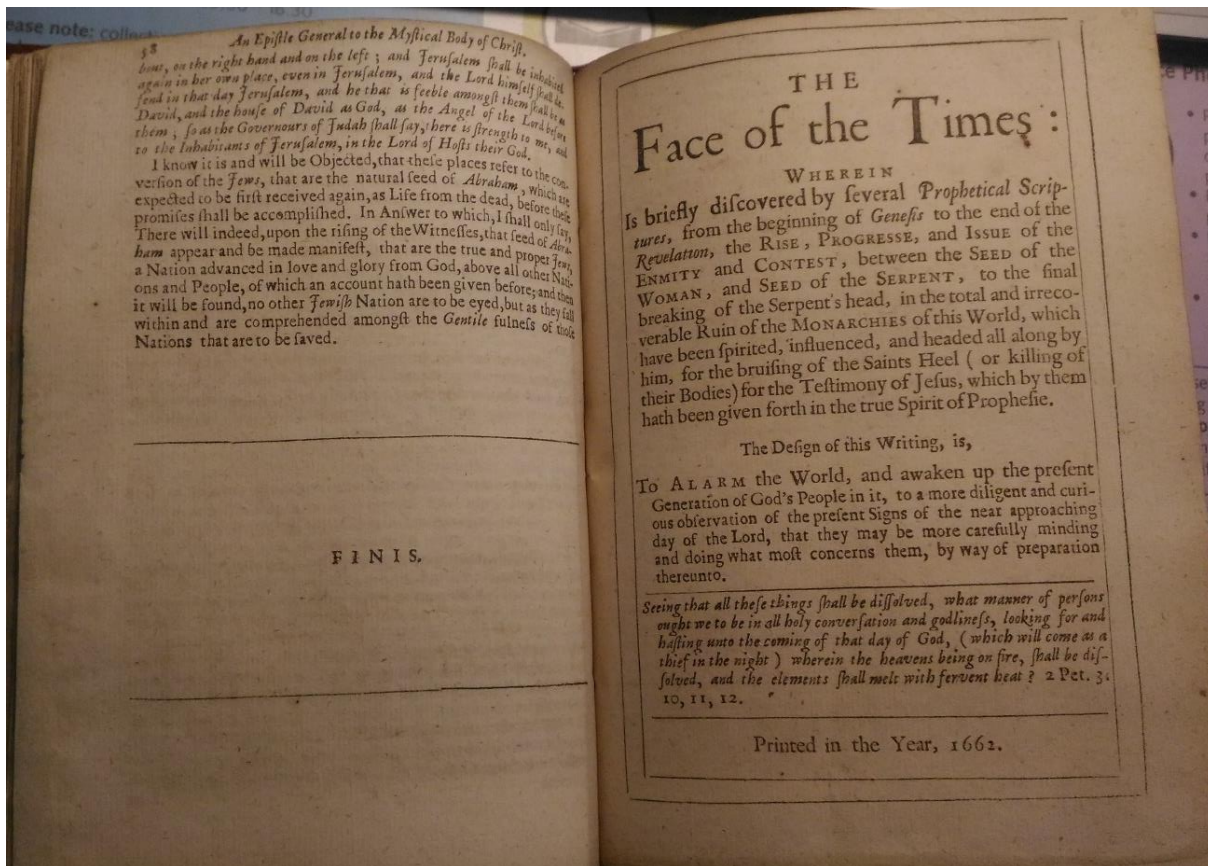


Figura 52: Terceira folha de rosto de *Two Treatises*.¹¹¹

Juntas, as duas partes de *Two Treatises* articulavam as últimas reflexões teológicas de Henry Vane. Nelas, é possível evidenciar, como Ruth Mayers e John Coffey, a guinada apocalíptica do autor. *The Retired Man's Meditations* e *A Healing Question* já indicavam uma profunda associação entre seu pensamento republicano e suas expectativas proféticas, mas seus últimos anos, passados no cárcere, parecem ter sido marcados por uma renovada esperança na concretização do “Dia do Senhor.”¹¹² Por isso, em *Two Treatises*, Vane demonstrava grande empenho na sincronização e datação dos eventos descritos na Bíblia, visando estruturar seu prognóstico acerca da iminência da Segunda Vinda de Cristo. Suas previsões se basearam, sobretudo, nos estudos de Joseph Mede para distinguir três períodos históricos: o primeiro compreendia o momento da Criação até o Dilúvio; o segundo, do Dilúvio até a Encarnação de Cristo; e o último se estendia até a Parúsia que, em sua perspectiva, realizar-se-ia no futuro próximo. Segundo Vane, os 1260 anos durante os quais as duas testemunhas do Livro de Apocalipse professariam estavam perto de findar e as sete trombetas logo

¹¹¹ British Library, 701.g.51.

¹¹² No original: “Day of the Lord.” VANE, Henry. *Two Treatises: Viz. I. An Epistle General, to the Mystical Body of Christ on Earth, the Church Universal in Babylon. II. The Face of the Times: Wherein is Discovered, the Rice, Progresse, and Issue, of the Enmity and Contest, Between the Seed of the Woman and the Seed of the Serpent, &c.* [Londres:] s. n., 1662, fl.1.

soariam para dar início ao reino e mil anos de felicidade na Terra. A atual perseguição aos “santos” e à verdadeira fé cristã, inaugurada com a Restauração, marcava os últimos movimentos das forças anticristãs, antes de sua definitiva aniquilação. Igualmente, para Vane, a disseminação do Evangelho por todas as partes do mundo, com as migrações para a América, indicava o cumprimento da Providência.¹¹³

A fé de Vane na iminência da Segunda Vinda levava o anônimo prefaciador de *Two Treatises* a descrever o autor como um cordeiro que oferecia a si mesmo em sacrifício ao Senhor. Seu martírio, portanto, seria honrado e recompensado. O tom elogioso e piedoso se repetia nas demais publicações dos Estacionários Confederados. *The Tryal* e *The Life and Death* se dedicavam a demonstrar a devoção de Vane à causa de Deus, inabalável mesmo quando ele havia sido submetido às mais duras provações. Seu comportamento sempre impassível indicava que, aos olhos de Deus, não havia culpa ou crime a ser expiado. Vane era, na verdade, vítima de uma justiça falha, a dos homens, que condenou um verdadeiro cristão simplesmente por defender seu povo e sua religião contra os perigos tirânicos e anticristãos.

Seguindo essa linha, o preâmbulo de *The Tryal* justificava a sua própria publicação. Como Vane fora frequentemente interrompido durante o julgamento, sendo privado do pleno exercício de seu direito de defesa, o texto fazia justiça ao falecido, concedendo-lhe espaço para a defesa de suas ações e seus posicionamentos. Além disso, *The Tryal* se apresentava como um relato mais fiel do que havia transcorrido durante o julgamento, contrariando outras versões do evento também disponíveis no mercado livreiro, às quais eram acusadas pelo prefaciador anônimo de deliberadamente omitirem passagens das transcrições, distorcendo as falas de Vane. Assim, a impressão de *The Tryal* dava voz ao falecido, incluindo ali as notas que Vane supostamente havia preparado para apresentar em sua peça de defesa. Nelas, o réu justificava suas ações no contexto revolucionário com base na excepcionalidade do momento. Ele dizia que não poderia ter incorrido em traição quando o Parlamento e o rei estavam em disputa. Ao invés da omissão, preferira defender “a preservação das boas Pessoas, em sua fidelidade e dever para com Deus e sua Lei, [...] dos iminentes perigos e da destruição que os ameaçavam”.¹¹⁴ Certo da retidão de suas ações, Vane não se deixou afligir pelo injusto veredicto que recebeu ao final do processo. Ao contrário,

¹¹³ *Idem*, COFFEY, "The martyrdom of Sir Henry Vane".

¹¹⁴ No original: “for the preservation of the good People thereof, in their allegiance and duty to God and his Law, [...] from the imminent dangers and destruction threatned them”. **The Tryal of Sir Henry Vane, Kt. at the Kings Bench, Westminster, June the 2d. and 6th, 1662 together with what he intended to have spoken the day of his sentence (June 11) for arrest of judgment (had he not been interrupted and over-ruled by the court) and his bill of exceptions: with other occasional speeches, &c.: also his speech and prayer, &c. on the scaffold.** [Londres:] s. n., 1662, p.12.

ele veio alegre e amavelmente do Tribunal, como se pensasse ser considerado digno de sofrer pelo Nome de Cristo; e estava tão nutrido e cheio de alegria naquela noite, no local de seu confinamento na *Torre*, que ele era uma maravilha para todos que estavam ao seu redor. Esse regozijo espiritual em Jesus Cristo, e sua elevação celestial de espírito, aumentaram cada vez mais, até o momento de sua morte [...].¹¹⁵

Em *The Life and Death of Sir Henry Vane*, as características do homem martirizado excediam a “compreensão humana.”¹¹⁶ Redigido por seu antigo discípulo, George Sikes, o livro santificava a figura de Vane. Seu exemplo em vida e na hora da morte eram tão pios que só tinham paralelo com o caso de Jesus “Cristo, em toda a História, humana ou divina.”¹¹⁷ Para Sikes, a trajetória de Vane demonstrava que ele era um dedicado servo de Deus e verdadeiro profeta dos desígnios da Providência. E mais do que isso, mesmo a sua execução estava incluída no devir da história sagrada. Sikes interpretava a morte de Henry Vane como sinal da perseguição às testemunhas vislumbradas por João no Apocalipse. Por essa razão, sua morte era imbuída de uma expectativa profética, ela prenunciava a iminência da ascensão de Cristo e de Seu reino na Terra.¹¹⁸

Como reforço à nobreza de seus atos, grande parte das cópias de *The Tryal* e de *The Life and Death* foram acrescidas de retratos de seu busto, gravado por William Faithorne.¹¹⁹ Na imagem, seu rosto parecia sério. O brasão e o título de cavaleiro do Castelo de Raby, em Durham, lembravam sua origem e sua família. O mote latino “nec temere, nec timide” também adornava a composição fazendo referência à coragem, justa medida entre o ímpeto (temere) e a covardia (timide),¹²⁰ característica imprescindível ao homem virtuoso, como discutido na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles (ver *Figura 53*).¹²¹

¹¹⁵ No original: “he came chearfully and pleasantly from the Bar, as thought worthy to suffer for the Name of Christ; and was so raised and full of rejoycing that evening, at the place of his confinement in the *Tower*, that he was a wonder to any that were about him. This spiritual rejoycing in Christ Jesus, and his heavenly raisedness of spirit, increased more and more, to the very moment of his death [...]” *Idem*, p.36.

¹¹⁶ No original: “humane understanding.” SIKES, George. **The life and death of Sir Henry Vane, Kt., or, A short narrative of the main passages of his earthly pilgrimage together with a true account of his purely Christian, peaceable, spiritual, gospel-principles, doctrine, life and way of worshipping God, for which he suffered contradiction and reproach from all sorts of sinners, and at last, a violent death, June 14. Anno, 1662: to which is added, his last exhortation to his children, the day before his death.** [Londres:] s. n., 1662, p.1.

¹¹⁷ No original: “Christ, in all History, humane or divine.” *Idem*, p.113.

¹¹⁸ *Idem*, COFFEY, “The martyrdom of Sir Henry Vane”.

¹¹⁹ Sobre a trajetória e os trabalhos de William Faithorne, ver: HACHISU, Michelle Mayumi. **As gravuras de William Faithorne: o lugar do gravador no mundo impresso inglês do século XVII.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2022.

¹²⁰ Agradeço a André Sekkel Cerqueira pela observação.

¹²¹ Ver: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** São Paulo: Forense, 2017.

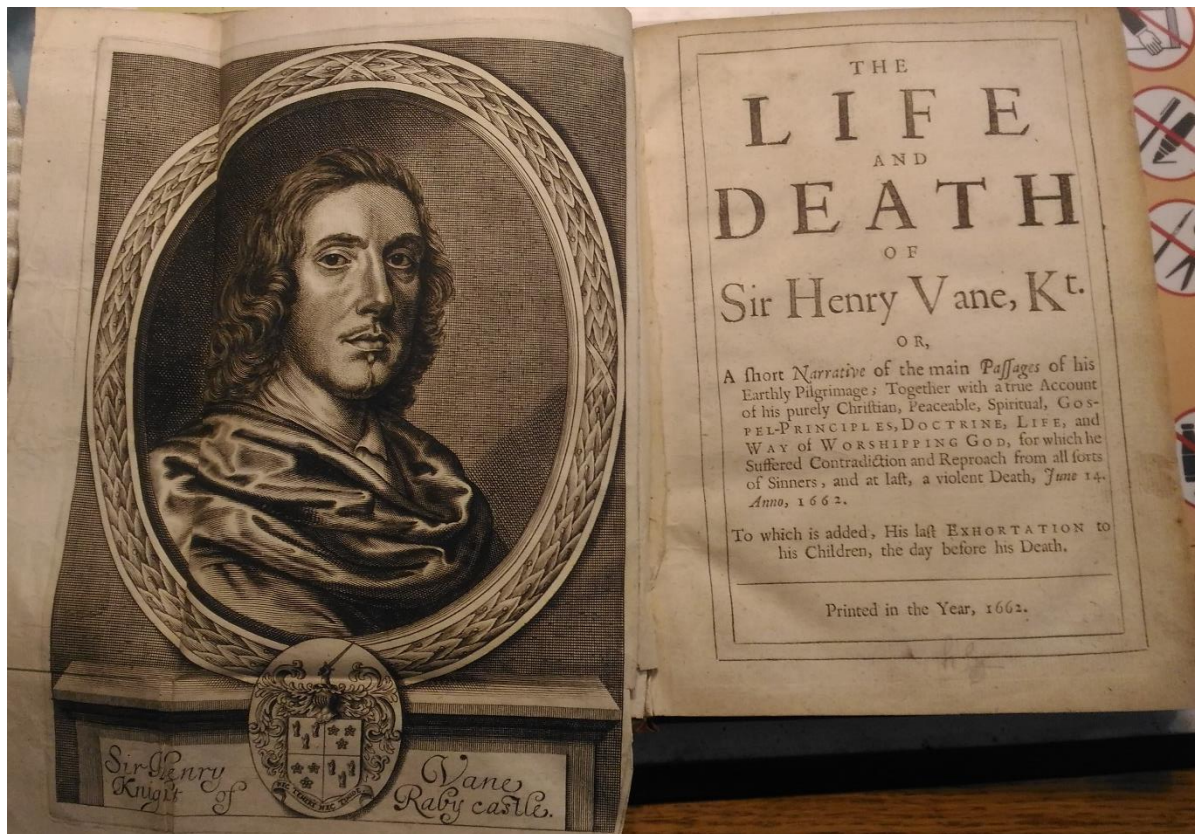
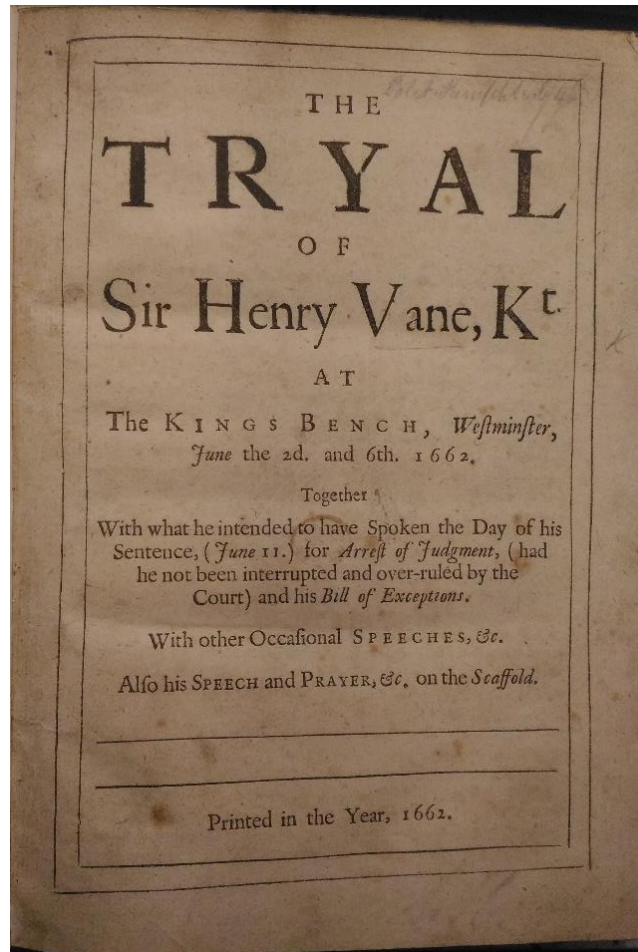


Figura 53: Folhas de rosto de *The Tryal of Sir Henry Vane* e *The Life and Death of Sir Henry Vane*.¹²²

É interessante notar que a publicação dos cinco panfletos relacionados a Vane colaborava para a articulação e promoção de sua imagem enquanto mártir, perpassando sua vida, sua morte, seu exemplo e seu legado. Tomadas em conjunto, as obras, que foram lançadas em um mesmo momento, expressavam a intenção dos Confederados de se apropriarem de discursos elogiosos a respeito desse “campeão” da “boa e velha causa”. Tal objetivo é evidenciado, inclusive, na composição tipográfica dos textos. Como pode ser notado no exame das folhas de rosto de *An Epistle General*, *Two Treatises*, *The Tryal* e *The Life and Death*, reproduzidas entre as *Figura 51* e *Figura 53*, havia uma profunda conexão entre as obras. Todas as páginas de título em questão eram bastante sóbrias, não possuíam flores de impressão ou ornamentos para além de linhas duplas e finas, que decoravam as suas margens. O uso de tipos romanos prevalecia em todos os casos. Os títulos tinham grande destaque, ocupando, em geral, quase metade da página, e eram sucedidos por longas explicações, ou longos subtítulos e detalhes sobre o conteúdo das obras. Curioso observar que, enquanto autor, o nome de Henry Vane foi grafado em tipos pequenos, tal como nas folhas de rosto que compõem *Two Treatises*. Já enquanto objeto de reflexão, isto é, assunto das obras, contudo, seu nome aparecia com grande relevo, como pode ser percebido em *The Tryal* e *The Life and Death*. Isso pode ser indicativo do renovado interesse na trágica e honrosa trajetória de Vane na ocasião de seu suplício e morte.

Para além das similaridades nas composições das folhas de rosto dos panfletos, vale ressaltar que o estilo de *mise-en-page* e os caracteres tipográficos parecem coincidir. Todos esses textos foram publicados em um mesmo formato: quartos variando entre 112 e 168 páginas (com exceção da versão avulsa de *An Epistle General*, lançada com apenas 66 páginas). A contiguidade entre os argumentos e as composições tipográficas compreendia uma estratégia editorial em clara promoção do elogio à figura de Vane enquanto exemplo de perspectiva teológica, pensamento político e devoção à “boa e velha causa”. Quando colocados lado a lado, os textos parecem apontar para um mesmo projeto editorial, que acreditamos ter sido conduzido pelos Estacionários Confederados. As investigações dos censores sugerem que John Twyn imprimiu *An Epistle General*. Se esse foi o caso, a semelhança deste com os outros títulos mencionados aqui nos leva a inferir que Twyn também tenha confeccionado *The Tryal* e *The Life and Death*. As autoridades também desconfiavam que Thomas Brewster (ou, mais provavelmente a sua esposa Anna) e Hannah Chapman comissionaram e organizaram as publicações.¹²³

Outro impressor que pode ter participado da empreitada era Thomas Leach. Como vimos, quando foi interrogado em janeiro de 1663, o impressor afirmou que estava imprimindo “uma

¹²³ PRO SP29/62/58; SP29/67/69, 325.

Narrativa da Acusação dos últimos Traidores”¹²⁴ para um dos seus clientes mais estimados, provavelmente o panfleto a respeito de John James. E, se de fato, Leach tiver produzido *A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation and Execution of John James*, há de se notar a semelhança da composição do texto com *Two Treatises, The Tryal* e *The Life and Death* (comparar Figura 50 Figura 53). Uma identificação mais precisa dos impressores dependeria de análises bibliográficas mais detalhadas, com um mapeamento de tipo com falhas, ornamentos e estilos de *mise-en-page* de John Twyn e Thomas Leach. No entanto, as evidências aqui levantadas sugerem uma provável participação de Twyn e/ou Leach na confecção de panfletos da série martirológica dos Estacionários Confederados.

É possível que Leach e/ou Twyn também tenham produzido duas edições de *The Substance of what Sir Henry Vane intended to have spoken upon the Scaffold on Tower-Hill*. Diferentemente dos demais textos examinados no presente tópico, o panfleto era significativamente mais curto. Tratava-se de um quarto de apenas oito páginas no qual se documentava o que Henry Vane pretendia ter declarado em seu discurso fúnebre, caso não tivesse sido interrompido pelos xerifes que presidiam a execução pública. O conteúdo já havia sido reproduzido nas últimas páginas de *The Tryal*, mas agora era lançado em uma edição mais breve, feita para circular agilmente. Com essa publicação, os Estacionários Confederados miravam ampliar o alcance da obra, fornecendo cópias baratas e mais fáceis de transportar acerca do que Henry Vane representava para a “boa e velha causa”. A versão mais curta, como expresso nas folhas de rosto de ambas as edições de *The Substance*, poderia prevenir que fossem divulgadas falsidades acerca do louvável caráter do falecido (Figura 54). Ademais, com a publicação, as profecias feitas por Vane no cadafalso também poderiam ser seladas. Isso porque reforçava-se que “a presente tempestade sob a qual estamos agora”¹²⁵ logo findaria, pois, em suas palavras:

a vinda de Cristo nestas Nuvens a fim de um rápido e imediato renascimento de sua Causa e da dispersão de seu Reino sobre a face de toda a Terra está mais clara aos olhos da minha Fé, nesta Fé em que eu Morro, pela qual o Reino deste Mundo se tornará o Reino do nosso Senhor e de seu Cristo, Amém. Justamente assim vem o Senhor Jesus¹²⁶.

¹²⁴ No original: “a Narrative of y^e Arraignmente of y^e late Traytors”. PRO SP29/67/69.

¹²⁵ No original: “the present storme we now lie under”. **The Substance**, p.5.

¹²⁶ No original: “So the coming of Christ in these Clouds in order to a speedy and sudden revivall of his Cause, and spreading his Kingdome over the face of the whole Earth is most clear to the eye of my Faith, in that Faith in which I Dye, whereby the Kingdome of this world shall become the Kingdome of our Lord and of his Christ, Amen. Even so come Lord Jesus.” *Idem*, p.5-6.

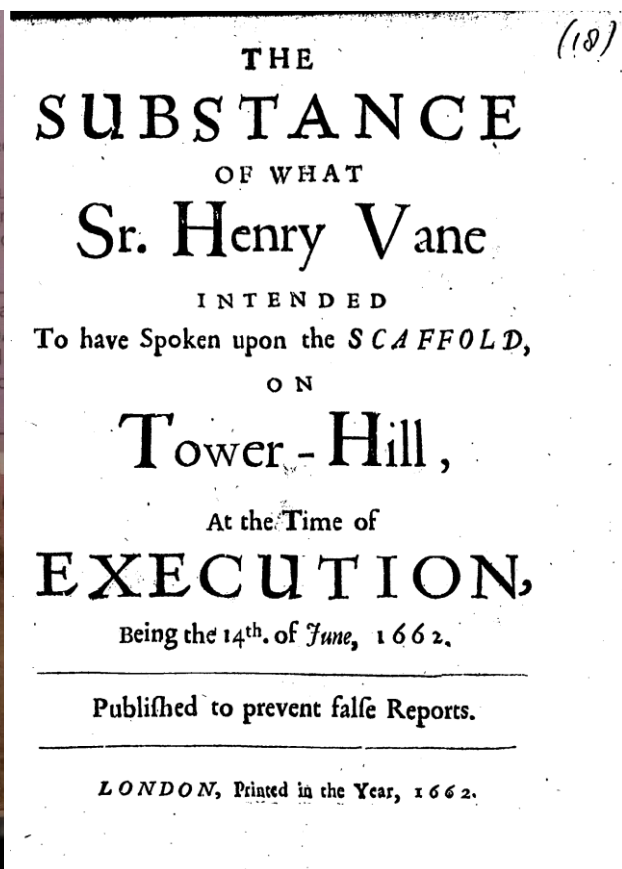
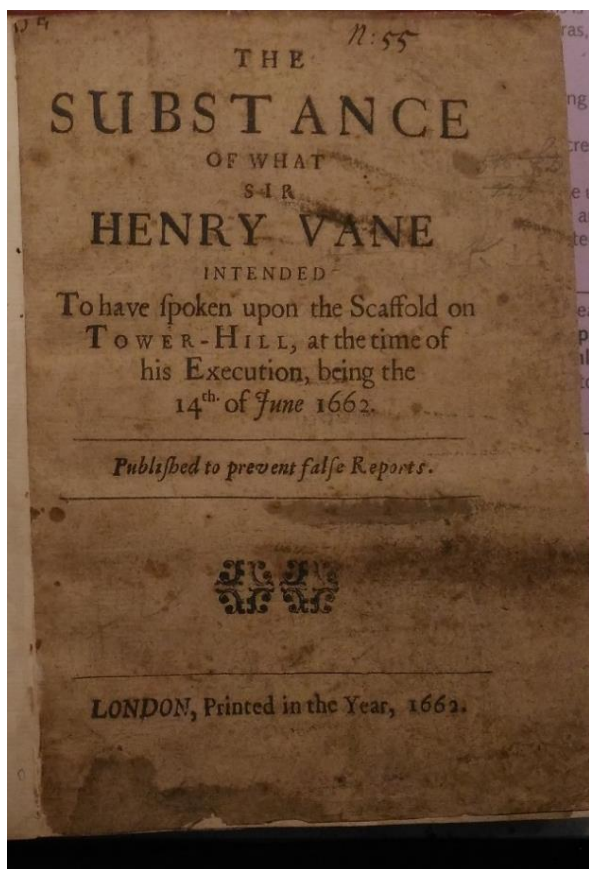


Figura 54: Folhas de rosto das duas edições de *The Substance*.¹²⁷

Combinados, os escritos martirológicos de Sir Henry Vane, publicados pelos Estacionários Confederados ao longo de 1662, mobilizavam um poderoso modelo do caráter e do comportamento do bom cristão. Embora a “boa e velha causa” parecesse agora eclipsada pela retomada da monarquia, os textos enfatizavam que era preciso manter vivas as esperanças pela efetivação das promessas de Deus. Se Vane, de fato, profetizou sobre a Segunda Vinda em seus momentos finais, não podemos saber, mas era evidente que sua execução fornecia fundamentos para a manutenção das perspectivas antimonarquistas e não-conformistas. Seu exemplo não era o de punição, mas de resiliência. Como Vane, era preciso resistir às forças anticristãs que causaram a Restauração, visto que aquela era apenas uma nova provação. Cristo e seu Reino ainda prevaleceriam. Aquela não passava de uma “temporária experiência de derrota”, cujo cumprimento

¹²⁷ British Library, 518.b.47; Union Theological Library via EEBO.

“que também garantia o triunfo final”¹²⁸. O martírio de Vane assinalava, assim, que a nova monarquia era apenas transitória, pois a Providência ainda se cumpriria.¹²⁹

4.4. “Atos Trágicos que aconteceram na Inglaterra”¹³⁰

A disseminação dos exemplos de mártires da “boa e velha causa” foi ampla. Quando descoberto escondido em Bristol, Thomas Brewster tinha consigo duas caixas de livros.¹³¹ Cartas confiscadas na cidade também demonstravam os frequentes contatos entre Giles Calvert e Elizabeth, Thomas Brewster e Richard Moone.¹³² Nathan Brooks distribuía obras sediciosas por Leicester.¹³³ E sujeitos que sequer faziam parte da Companhia dos Estacionários, como John Inch, William Salmon, e John e Clemence Batty, comumente atuavam nas rotas de distribuição dos textos clandestinos. Sabe-se que várias rotas de distribuição eram mantidas e mobilizadas para escoar as publicações para além do centro londrino, mas é difícil precisar a extensão das conexões dos impressores, livreiros, encadernadores e vendedores ambulantes envolvidos com a dispersão das publicações antimonarquistas dos Confederados. No entanto, indícios acerca da circulação de algumas das suas obras martirológicas fora das Ilhas Britânicas ajudam a pensar a questão. Ainda que brevemente, neste tópico, examinamos a transmissão e recepção transregional de panfletos dos Estacionários Confederados à luz dos relatos e das atividades de Edmund Ludlow.

Ludlow foi um dos regicidas que conseguiram escapar da vingança de Carlos II, exilando-se pouco depois da Restauração. Assim que deixou Londres em 1660, instalou-se em Genebra, mas ao saber sobre a captura de John Barkstead, John Okey e Miles Corbet nos anos seguintes, optou por se mudar novamente. Conseguindo a proteção do governador de Berna, estabeleceu-se na cidade de Vevey no outono de 1662.¹³⁴ Em suas memórias, intituladas *A Voyce from the Watch Tower*, Ludlow documentou sua trajetória e exprimiu suas opiniões sobre a situação política inglesa na segunda metade dos seiscentos. Mesmo à distância, recebia informações de sua terra natal com regularidade através de cartas e visitas de viajantes. Foi assim que, nos Cantões Suíços, recebeu

¹²⁸ No original: “Temporary experience of defeat”; “also guaranteed ultimate triumph”. MAYERS, “Vane, Sir Henry, the younger”.

¹²⁹ COFFEY, “The martyrdom of Sir Henry Vane”.

¹³⁰ No original: “Actes Tragiques qui ont esté faits en Angleterre”. **Les Juges Jugez, se Justifiants: ou recit de ce qui s'est passé en la condamnation & execution de quelques uns des juges du dernier défunct Roy d'Angleterre...** [Yverdon: Dominique Chabrey], 1663. p.159.

¹³¹ PRO SP29/68/9.

¹³² PRO SP29/81/133, 135, 137, 139, 141.

¹³³ PRO SP29/43/12, 13, 14.

¹³⁴ WORDEN, Blair. “Ludlow [Ludlowe], Edmund (1616/17–1692), army officer and regicide” In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2006. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-17161>>, acessado em 07/09/2020; MAHLBERG, “*Les Juges Jugez*”.

notícias sobre os “nossos primeiros dez Mártires”¹³⁵, isto é, sobre a execução dos dez regicidas publicadas em *The Speeches and Prayers* pelos Estacionários Confederados.

Visando “a convicção, a conversão, a Edificação & o fortalecimento de outros” protestantes e republicanos na Europa por meio do exemplo dos homens que deram sua vida pela “boa e velha causa”, Ludlow decidiu tornar o “espírito [manifesto] em suas preces” tão público quanto pudesse.¹³⁶ Assim, dedicou-se a traduzir *The Speeches and Prayers* para o francês. Quanto terminou, levou seu manuscrito a um “Impressor que [também] praticava Medicina em Yverden”¹³⁷ e conseguiu realizar a publicação em 1663.¹³⁸

Como o panfleto original, a tradução também circulou anonimamente. Foi lançada sob um novo título: *Les Juges Jugez, se Justifians: Ou Recit de ce qui s'est passé en la Condamnation & Execution de quelques uns des Juges du dernier défunct Roy d'Angleterre, & autres Seigneurs du Parti du Parlement* (ou, em português, “Os Juízes Julgam, Justificando-se: ou narrativa do que aconteceu na condenação & execução de alguns dos juízes do falecido último Rei da Inglaterra, & outros Senhores do Partido do Parlamento”). A mudança do título é apenas um dos indícios das transformações geradas pela edição da tradução. Sua folha de rosto (*Figura 55*) não emulava a de *The Speeches and Prayers* de 1660. Não havia nela a menção aos nomes dos homens executados, cuja identidade provavelmente era desconhecida para a público francófono ao qual se endereçava. Mais importante do que isso era explicar o conteúdo da obra, que se dedicava a narrar o momento das execuções e propagar os discursos, as preces e os escritos dos penitentes. Apenas a citação do versículo 4 do 11º capítulo do Livro de Hebreus foi mantida na nova folha de rosto, mais uma vez reforçando o poder da fala de homens pios, mesmo após a morte. Sem indicar o nome do impressor ou mesmo o local de publicação, a folha de rosto resumia-se a dizer que tudo ali contido estava ali fora “fielmente relatado, & sem nenhuma parcialidade, para maior satisfação” dos leitores.¹³⁹ Tratava-se, como indicado ao pé da página, de uma tradução “Igual à Cópia impressa em Londres.”¹⁴⁰

Apesar de tentar se apresentar como um trabalho de tradução feito de maneira idêntica à *The Speeches and Prayers*, *Les Juges Jugez* era uma edição inteiramente nova das narrativas martirológicas. Tal fato foi observado por Edmund Ludlow na altura da publicação. Em suas memórias, ele reclamava das alterações feitas ao seu manuscrito, explicando que estas não foram, de maneira alguma, decisões dele. Ele sequer havia gostado do título francês, que, em sua

¹³⁵ No original: “our first ten Martyrs”. LUDLOW, Edmund. **A voyce from the watch tower**, fl.948.

¹³⁶ No original: “the conviction, conversion, Edification & strenghtning of others”; “the spirit in their prayers”. *Idem, ibidem*.

¹³⁷ No original: “Printer who practiced Physique at Yverden”. *Idem*, fl.949

¹³⁸ *Idem*; MAHLBERG, “*Les Juges Jugez*”; MAHLBERG, **The English Republican Exiles**.

¹³⁹ No original: “Le tout fidèlement rapporté, & sans aucune partialité, pour plus grande satisfaction.” **Les Juges Jugez**, fl.1.

¹⁴⁰ No original: “Iouxté la Copie imprimée à Londres.” *Idem, ibidem*.

perspectiva, fora modificado apenas para tentar promover “a melhor Vendagem do Livro”¹⁴¹. Como um homem da nobreza, da política e do exército, Edmund Ludlow não estava habituado às práticas editoriais e lamentava a perda de sua autoridade enquanto autor-tradutor violada pelo impressor e suas ferramentas tipográficas.¹⁴²

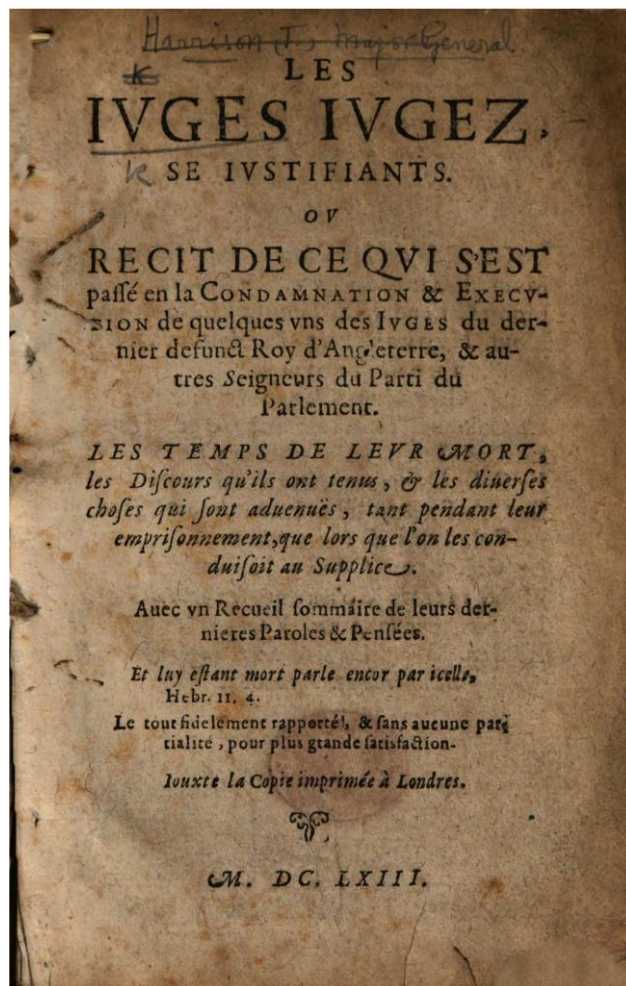


Figura 55: Folha de rosto de *Les Juges Jugez se Justifians*.¹⁴³

As decisões concernentes à produção de *Les Juges Jugez se Justifians* provavelmente foram tomadas por Dominique Chabrey (ou Chabrée) que, por muito tempo, foi único sujeito a possuir uma prensa de tipos móveis na região de Yverdon. Nascido em 1610 na cidade francesa de Saint-Etienne, Chabrey passou grande parte de sua vida em Genebra, onde estudou medicina e botânica. Quando se mudou para Yverdon em 1648, comprou os materiais de impressão de Pyrame de Candolle –

¹⁴¹ No original: “for *the* better Sale of the Booke”. LUDLOW, *A voyce from the watch tower*, p.949.

¹⁴² Sobre autoria, impressão, tradução e a mobilidade dos textos, ver, entre outros: CHARTIER, *A mão do autor*; CHARTIER, Roger. “Mobilidade dos textos e diversidade das línguas. Traduzir nos séculos XVI e XVII”. *Varia História*, v. 35, n. 68, p. 413–441, 2019; CHARTIER, *Éditer et Traduire*.

¹⁴³ British Library, 8122.aa.14.

um dos primeiros impressores da cidade e membro fundador da Societé Helvétiale Caldoresque, a corporação de estacionários dos Cantões Suíços. Sua oficina era utilizada, majoritariamente, para confeccionar tratados de ciências. Chabrey foi responsável pela emissão de livros como *Historia Plantarum Universalis* (1650) e *Stirpium Icones et Sciagraphia* (1666), muitas vezes trabalhando simultaneamente como autor, ilustrador e impressor.¹⁴⁴

Chabrey também lançava textos teológicos, como *La Sainte Chronologie de la Vie du S. Iesus* (1661). E, provavelmente, quis imprimir o manuscrito da tradução de Edmund Ludlow por imaginar que haveria um considerável público protestante interessado nas lições e nos exemplos de mártires da fé do outro lado do Canal da Mancha. Não obstante, para ter sucesso comercial, precisava repensar a matriz fornecida por Ludlow. Primeiro, destaca-se que publicou a obra em um formato menor do que a edição original de *The Speeches and Prayers*. Apesar de ter sido catalogado pela British Library como um 16º de 235 páginas, o panfleto, na verdade, parece ser um quarto em oitavos, isto é, um quarto produzido apenas folhas de papel pela metade, pois os cadernos foram montados com oito páginas (quatro folhas) e as assinaturas de impressão vão de 1 a 4. Philip Gaskell indicou em seu manual de bibliografia que há mais de 150 imposições catalogadas. Muitas delas dependem das práticas locais dos impressores, bem como dos tamanhos de papel comercializados em cada região. Os formatos, portanto, nem sempre coincidem quando comparamos produções feitas em diferentes países. Tendo isso em vista, uma descrição bibliográfica mais precisa de *Les Juges Jugez* dependeria de uma pesquisa mais detalhada sobre o mercado livreiro suíço, o que não compreende o escopo da atual pesquisa.¹⁴⁵

O formato menor também significar que Chabrey tinha a intenção de transportar o texto para outras localidades, uma vez que seu tamanho interferiria diretamente na sua portabilidade, sobretudo, por vias clandestinas. Como demonstrado por Robert Darnton, Yverdon e outras cidades suíças proporcionaram um lucrativo e sólido mercado de textos ilícitos com a França.¹⁴⁶ Se visava expandir o texto pela comunidade protestante francófona, chegando aos huguenotes exilados em várias regiões da Europa, as pequenas proporções de *Les Juges Jugez* seriam bastante vantajosas.¹⁴⁷ Esse parece ter sido o caso, pois, como os recentes estudos de Gaby Mahlberg vêm

¹⁴⁴ PERRET, Jean-Pierre. **Les imprimeries d'Yverdon au XVIIe et au XVIIIe siècle**. Genebra: Slatkine, 1981; LEFÈVRE, Wolfgang; RENN, Jürgen; SCHOEPLIN, Urs (orgs.). **The power of images in early modern science**. Basileia: Birkhäuser, 2003; MAHLBERG, "Les Juges Jugez".

¹⁴⁵ GASKELL, **A new introduction to bibliography**.

¹⁴⁶ DARNTON, Robert. **The business of enlightenment: a publishing history of the Encyclopédie, 1775-1800**. Cambridge: Belknap Press, 1979; DARNTON, **Boemia literária e revolução**; DARNTON, **Edição e sedição**.

¹⁴⁷ JARDINE, Lisa; MAJOR, Philip (orgs.). **Literatures of Exile in the English Revolution and Its Aftermath, 1640-1690**. Farnham: Taylor & Francis Group, 2010; TRIM, David J. B. **The Huguenots: History and Memory in Transnational Context. Essays in Honour and Memory of Walter C. Utt**. Leiden: Brill, 2011; LARMINIE, Vivienne (org.), **Huguenot Networks, 1560-1780: The Interactions and Impact of a Protestant Minority in Europe**. Londres: Routledge, 2017.

demonstrando, vários textos antimonarquistas ingleses circularam pela Europa, disseminando alguns de seus ideais republicanos.¹⁴⁸ Em seu mapeamento, a pesquisadora encontrou, para além de *Les Juges Jugez*, ainda outra tradução da narrativa martirológica dos regicidas: uma publicação alemã, impressa em Frankfurt em 1663 e 1664 sob o título de *Der hingerichteten Richter Rechtfertigung*. Interessante enfatizar que, de acordo com Mahlberg, a versão germânica tomou como base a publicação de Ludlow e Chabrey, e não o original inglês.¹⁴⁹ Isso dá indícios da extensão da circulação das histórias sobre a execução dos regicidas, as quais foram incorporadas a propagandas protestantes e republicanas em outras partes da Europa.

Com objetivos e públicos diversos para os quais *The Speeches and Prayers* foi originalmente composto, *Les Juges Jugez* não poderia simplesmente ser idêntico ao panfleto dos Estacionários Confederados. Embora Edmund Ludlow tenha se preocupado em fazer uma tradução precisa daquele texto que lhe provocara tanta comoção durante a leitura, Chabrey teve de adaptá-lo à nova audiência. O impressor reorganizou o texto, optando por construí-lo de forma mais linear e homogênea do que a dos Confederados na publicação de 1660. A disposição das 16 partes de *The Speeches and Prayers* foi um resultado do conturbado contexto de sua publicação. Em suas páginas, os discursos, as preces, as cartas e as notas dos dez regicidas se entrecruzavam, como se demonstrassem a própria ordem na qual as informações chegaram aos impressores e livreiros. Já a versão de Chabrey era mais coesa. Como pode ser visto na *Tabela 1*, que compara o arranjo interno das duas publicações, Chabrey fez diversas alterações. Ele preferiu distribuir as “Passagens adicionais de Scrope, Jones e Cook”, apresentadas ao fim de *The Speeches and Prayers*, nos subtópicos relativos a cada um dos três regicidas. Também colocou de modo consecutivo algumas cartas que apareciam espalhadas em *The Speeches and Prayers*. Ainda mais interessante, Chabrey adicionou itens que não faziam parte do texto original. Como foi publicado apenas em 1663, naquela altura já se sabia sobre as punições aplicadas a outros defensores da “boa e velha causa”. Assim, *Les Juges Jugez* continha relatos sobre as execuções de John Barkstead, John Okey, e Miles Corbet; a condenação de John Lambert (capturado em abril de 1662) à prisão perpétua; e a sentença e execução de Sir Henry Vane.

¹⁴⁸ MAHLBERG, "Les Juges Jugez"; MAHLBERG, Gaby. "Citizenship and Exile: English Republicanism in a Transnational Context". *Revue française de civilisation britannique*, v. 21, n. 1, 2016; MAHLBERG, "The English Republican Exiles"; MAHLBERG, **The English Republican Exiles**.

¹⁴⁹ Notas da pesquisa de Gaby Mahlberg vêm sendo publicadas em seus websites, ver: MAHLBERG, Gaby. "Defending the English Revolution in the German Lands". Disponível online em **The History Woman's Blog**: <<https://thehistorywoman.com/2021/03/29/defending-the-english-revolution-in-the-german-lands>>, acessado em 22/07/2022; MAHLBERG, Gaby. **English Republican Ideas and Translation Networks in Early Modern Germany, c1640-1848**. Newcastle University Research Software Engineering, 2020. Disponível em: <<https://republican-translations.ncldata.dev>>, acessado em 22/07/2022.

*The Speeches and Prayers (1660)**Les Juges Jugez (1663)*

Prefácio ao leitor	Prefácio ao leitor
Discurso e prece de Thomas Harrison	Discurso e prece de Thomas Harrison
Discurso e prece de John Carew	Discurso e prece de John Carew
Discurso e prece de John Cook	Discurso e prece de John Cook, <u>com passagens adicionais</u>
Carta de Cook a um amigo cristão	Carta de Cook à sua filha
Carta de Cook à sua esposa	Discurso de Hugh Peters
Outra carta de Cook a um amigo	Discurso e prece de Thomas Scot
Algumas notas tomadas de um sermão pregado por Hugh Petes	Discurso e prece de Adrian Scrope, <u>com passagens adicionais</u>
Discurso de Peters	Carta de John Jones a um familiar
Discurso e prece de Thomas Scot	Discurso e prece de Jones, <u>com passagens adicionais</u>
Discurso e prece de Adrian Scrope	Passagens de Gregory Clement
Carta de John Jones a um familiar	Discursos e preces de Daniel Axtell e Francis Hackers
Discurso e prece de Jones	Discursos e preces de John Barkstead, John Okey, e Miles Corbet
Passagens de Gregory Clement	Condenação de Henry Vane e John Lambert
Passagens adicionais de Scrope, Jones e Cook, com uma carta de Cook à sua filha	Carta de Cook a um amigo cristão
Discursos e preces de Daniel Axtell e Francis Hackers	Carta de Cook à sua esposa
	Outra carta de Cook a um amigo
	Carta de um cavalheiro inglês a um amigo na França
	Extrato de alguns manuscritos sobre Vane, com a substância do que Sir Henry Vane pretendia ter dito no Cadafalso
	Sumário

Tabela 1: Comparação entre texto original e a tradução para o francês.

Em suas memórias, Edmund Ludlow expressou incômodo com a atualização dos relatos das execuções, julgando que o trabalho editorial realizado por Dominique Chabrey prejudicava o sentido das nobres palavras dos falecidos. Para o regicida exilado, o impressor havia corrompido a

obra, tornando-a “mais carnalmente político”.¹⁵⁰ De acordo com o Ludlow, as adições provenientes de notícias veiculadas na *Gazette de France* e de “um manuscrito público” vindo de Londres não contribuíam para a elevar o caráter dos supliciados tal como uma martirologia, mas se resumiam a descrever os tristes destinos dos supliciados.¹⁵¹ No entanto, ainda que Ludlow discordasse das alterações feitas por Chabrey, foram essas intervenções que possibilitaram a sobrevivência e a circulação das histórias sobre a morte dos regicidas. Também há de se considerar que, apesar das reclamações do tradutor, parte dos acréscimos do impressor vieram de publicações com o mesmo teor elogioso de *The Speeches and Prayers*. Mais do que isso, vieram dos mesmos publicadores, os Estacionários Confederados. *Les Juges Jugez* inclui trechos dos já discutidos *The Speeches, Discourses, and Prayers* e *The Substance*. Não havia, portanto, qualquer contradição ou discrepância nas ideias difundidas no panfleto impresso por Chabrey.

Ainda que as fontes não nos permitam ir além desse ponto em nossas tentativas de traçar as redes de comunicação que permitiram a distribuição de *The Speeches and Prayers*, *The Speeches, Discourses, and Prayers* e *The Substance* para além das Ilhas Britânicas, a publicação de *Les Juges Jugez* nos possibilita especular a respeito da amplitude da circulação de seus panfletos antimonarquistas. Além disso, podemos considerar que, embora o governo restaurado tenha se esforçado para apagar os traços da experiência revolucionária das décadas anteriores, em alguns circuitos ainda prevalecia uma concepção diferente.

4.5. Um tribunal de leitores, um tribunal de Deus

Mesmo mirando audiências diferentes, as publicações martiroológicas dos Estacionários Confederados e a tradução intitulada *Les Juges Jugez* mobilizavam os mesmos artifícios discursivos para subverter opiniões negativas a respeito dos supliciados. As últimas palavras dos condenados foram apresentadas como modelos inspiradores (ou como *exempla* do gênero epidítico, que deveriam ser imitados). Ao serem descritos como mártires da república e da verdadeira fé cristã, os treze regicidas e Sir Henry Vane eram despidos da narrativa do governo de Carlos II. Não eram traidores, mas homens pios, que suportaram as piores adversidades, em nome da “boa e velha causa”. A convicção que demonstravam instantes antes de enfrentarem a morte apareciam como evidências de sua coragem, retidão e fé.

Ao defender a santidade de seus atos em vida e na hora da morte, os panfletos negavam a validade dos veredictos decretados pelas autoridades mundanas. Nenhuma deliberação feita pelos

¹⁵⁰ No original: “more carnally politique”. LUDLOW, *A voice from the watch tower*, fl.949.

¹⁵¹ No original: “a publique manuscript”. *Idem*, fl.951.

juristas poderia ser tão perfeita quanto a de Deus. Por isso, a introdução de *The Speeches and Prayers* alertava “que todo julgamento de todo homem deve ser do Senhor”¹⁵². As palavras de reis, juízes e advogados terrenos eram nulas frente às de Deus. Não havia prova mais convincente em uma corte do que a verdade dos corações dos homens, algo que só poderia ser acessado pelo próprio Criador. E, para os Confederados, havia provas suficientes de que o Senhor não atribuía culpa aos falecidos por crime algum. Na mesma linha, ao aproximar os casos de John Barkstead, John Okey e Miles Corbert dos mártires da Igreja primitiva, o prefácio de *The Speeches, Discourses, and Prayers*, salientava que, diante da perseguição dos tiranos, esses homens foram salvos pelas graças de Deus, que fica “ao lado daqueles que abandonam suas Vidas em nome do que é claro e certo para todos, e que concerne à verdade”¹⁵³.

Disso decorria que somente forças anticristãs poderiam condenar as boas ações de homens como aqueles. Quando as autoridades interpretavam sua “inquietação em fazer o bem” como atos de traição, perpetravam uma terrível injustiça.¹⁵⁴ E, por consequência, Deus reagiria às violências cometidas contra seus fiéis. A publicação de *A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation, and Execution of John James* tentava demonstrar esse ponto. Em seu prefácio, lia-se que os crimes atribuídos ao pentamonarquista não eram verdadeiros, “sua Defesa e Inocência foi declarada desde o início ao fim” do julgamento.¹⁵⁵ O texto avisava que a cruel condenação de John James seria reparada, pois “o Senhor em seu devido tempo se manifestará”.¹⁵⁶ O texto preambular apontava que, logo após ouvir seu veredicto, James respondeu à corte citando o capítulo 26 do Livro de Jeremias: “Quanto a mim, eis que eu estou em vossa mão [...]. Porém, sabeis com certeza que, se me matardes, trareis certamente sangue inocente sobre vós, e sobre esta cidade, e sobre os seus habitantes”.¹⁵⁷ John James chamava seus próprios juízes a prestarem contas a Deus. E, para os Estacionários Confederados, a retaliação estava em curso, “a mão especial do Senhor já chegou a alguns, em uma visível execução de Julgamento sobre” os responsáveis pelo assassinato de James.¹⁵⁸ De acordo com o panfleto, quatro mortes súbitas se seguiram após a execução do pentamonarquista, acometendo algumas das autoridades que o haviam capturado e levado à prisão.¹⁵⁹

¹⁵² No original: “every mans judgement shall be from the Lord”. *The Speeches and Prayers*, fl.2v.

¹⁵³ No original: “stand by those who lay down their Lives in behalf of that which is clear and certain to all and concerning the truth”. *The Speeches, Discourses, and Prayers*, fl.3.

¹⁵⁴ No original: “unweariedness in doing well”. SIKES, *The Life and Death of Sir Henry Vane*, p.5.

¹⁵⁵ No original: “his Defense and avowed Innocency from first to last”. *A Narrative of the Apprehending, Commitment*, fl.2.

¹⁵⁶ No original: “the Lord in his due time will manifest”. *Idem*, fl.2v.

¹⁵⁷ *Idem*, fl.2-2v; Jeremias 26:14-15.

¹⁵⁸ No original: “the special hand of the Lord hath already reached some, in a visible execution of Judgement upon”. *Idem*, fl.2v.

¹⁵⁹ *Idem*, p.47.

Sabendo desse estranho acontecimento, o “*Leitor perspicaz e imparcial*” pudesse julgar sobre o caráter de James. Vemos aqui o recurso à *captatio benevolentiae* na qual o leitor era colocado num lugar emulado de juiz, isto é, num espaço privilegiado na cena que se montava no preâmbulo do texto judicial. Contudo, não cabia a ele qualquer poder decisório. Por um lado, isso acontecia devido ao próprio gênero retórico dos panfletos em questão. Enquanto textos epidícticos, não permitiam espaço para deliberação, mas forneciam bons exemplos, diante dos quais, só restava ao leitor seguir. Por outro, a operação deixava claro que o único capaz de, de fato, culpar ou inocentar os homens e as mulheres era Deus. O leitor, assim, adentrava o tribunal do Senhor sem poderes decisórios, mas como uma testemunha que validaria o veredicto já enunciado por Deus quando Ele aceitou o sacrifício de sujeitos como os regicidas, Henry Vane e John James. Da mesma maneira, quando prometeu punir os assassinos dos mártires da “boa e velha causa”. O alerta dos Confederados se tornava mais claro quando seus panfletos eram colocados juntos. Ao derramar o sangue de inocentes, Carlos II e seu governo logo seriam julgados e punidos pelo Juiz dos juízes.

Enquanto esperavam pela reunião do tribunal divino, fosse no plano terreno ou celestial, os próprios Confederados se tornaram alvo da justiça dos homens. Suas publicações escandalosas foram rastreadas e investigadas com atenção. Em 1664, o caso desembocou em um importante processo judicial, o qual examinaremos em detalhe no capítulo que se segue.

Capítulo 5

Censurar e punir

[...] das *Quatro Vidas* confiscadas pela *Lei*, a incomparável Clemência do Rei levaria apenas *Uma*: pois (como o Senhor Chefe de Justiça *Hide*, frequente, e excelentemente observou), foi apenas pela *Misericórdia* de sua Majestade para com as outras *três*, que chamou de *Contravenção*, aquilo que as *Leis* chamam de *Traição*.

An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tynyn

(1664)¹

Como discutido no capítulo anterior, os primeiros anos da década de 1660 foram marcados por execuções públicas de inimigos da monarquia. Regicidas, conspiradores e traidores foram executados em espetáculos sangrentos, realizados nos principais locais do reino para representar e fortalecer a autoridade de Carlos II. Por sua vez, as cenas de violência também poderiam parecer excessivas aos súditos, transparecendo sinais de crueldade do regime. Sendo assim, se o rei desejava a sujeição do povo, cabia a ele demonstrar que, da mesma maneira, poderia ser justo e misericordioso. Por isso, procurava aplicar os castigos mais graves apenas aos criminosos mais perigosos. A punição exemplar se mostrava mais eficaz quando, além de pública, parecia ser proporcional ao crime cometido.²

Na Inglaterra da Época Moderna, a traição era uma das mais hediondas infrações. Em vigor desde a Idade Média, a Lei de Traição definia que era crime “planejar ou imaginar a Morte de nosso Senhor o Rei”³. Ao longo dos anos, a norma foi continuamente renovada e atualizada, expandindo o conjunto de atividades criminosas. Assim, com o advento da prensa de tipo móvel, ações como a escrita, a impressão, a publicação e a distribuição de textos contrários à pessoa e ao governo do rei também começaram a ser classificadas como atos de traição. Mas como a letra da lei é sempre passível de interpretação, as compreensões e as definições acerca das traições às vezes não eram tão claras. Competia aos juristas distinguir e arbitrar acerca dos mais variados casos.

¹ No original: “[...] of *Four Lives* forfeited to the *Law*, the Kings incomparable Clemency would take but *One*: for (as the Lord Chief Justice *Hide*, often, and excellently observed) It was only his Majesties *Mery* toward the *other thre*, to call that a *Misdemeanour*, which the *Law* calls *Treason*.” **An exact narrative**, fl.2r.

² FOUCAULT, **Vigiar e punir**; SMITH, Philip. "Executing executions: Aesthetics, identity, and the problematic narratives of capital punishment ritual". **Theory and Society**, v. 25, n. 2, p. 235–261, 1996; KEEBLE, **The Restoration**; JENKINSON, **Culture and politics**.

³ No original: “compass or imagine the Death of our Lord the King”. Edward III, “Treason Act 1351”.

Num contexto como o da Restauração de Carlos II, a tarefa era árdua, uma vez que os instrumentos jurídicos e legislativos sofreram mudanças significativas. Logo que retomou o trono, o monarca invalidou as leis promulgadas durante a república e o Protetorado, tentando reconstituir os sistemas político, administrativo e jurídico da Inglaterra ao estado em que se encontravam antes da deposição de Carlos I. Não obstante, o governo não tinha condições de anular todas as transformações que haviam ocorrido ao longo dos vinte anos de Revolução. Assim, não fez ressurgir, por exemplo, as cortes de prerrogativa régia, como a Star Chamber e a High Commission, extintas em 1642.⁴ Por essa razão, para fortalecer as estruturas da nova monarquia, Carlos II também precisou recorrer a novos dispositivos legais.

Ao longo dos demais capítulos da tese, mencionamos algumas das medidas adotadas nesse processo, mas vale aqui retomá-las a fim de melhor caracterizar os instrumentos mobilizados para assegurar a estabilidade e a obediência, bem como para refrear as importunações de republicanos e sectários religiosos nos anos iniciais da Restauração. A primeira lei implementada foi a Lei de Indenização e Anistia de 1660, que, ao mesmo tempo em que conferia anistia aos crimes cometidos no contexto revolucionário, também pontuava exceções imperdoáveis, como o regicídio e a traição. Em 1661, a Lei de Sedição enfatizou a necessidade de reforçar “todo zelo e responsabilidade possível no cuidado e na preservação da Pessoa da Vossa Majestade”⁵, tentando prevenir o ressurgimento de tumultos e sublevações sociais. O decreto também dava salutar importância ao controle do mercado livreiro, imputando à imprensa parcela da culpa pelos “últimos problemas & desordens”.⁶ A “multidão de Sermões Panfletos e Discursos sediciosos diariamente pregados impressos e publicados com ousadia” entre as décadas de 1640 e 1660 havia difamado “a Pessoa e o Governo de sua Majestade e seu Pai Real”, desencadeando a desordem e a rebelião de outrora.⁷ Os riscos oferecidos pela ampla produção e circulação de impressos foram salientados também em 1662, com a promulgação da Lei de Regulamentação da Imprensa. Embora seu texto base não fosse muito diferente das ordenações que vigoravam na Inglaterra desde meados do século XVI, a lei foi fundamental para reforçar os instrumentos de censura. Entre outras coisas, ela limitava o número de mestres impressores a vinte; obrigava as oficinas tipográficas a não terem mais do que duas prensas e três aprendizes; restringia o monopólio da imprensa às cidades de Londres, Oxford

⁴ HUTTON, *The Restoration*; KEEBLE, *The Restoration*; NEUFELD, *The Civil Wars After 1660*; LEGON, *Revolution remembered*.

⁵ No original: “all possible zeal and duty in the care and preservation of Your Majesties Person”. “Charles II, 1661: An Act for Safety and Preservation of His Majesties Person and Government against Treasonable and Seditious practices and attempts”. In: RAITHBY, (ed.). *Statutes of the Realm*: Vol. 5, p.304-306. Disponível em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp304-306>>, acessado em 20/02/2021.

⁶ No original: “late troubles & disorders”. *Idem, ibidem*.

⁷ No original: “multitude of seditious Sermons Pamphlets and Speeches dayly preached printed and published”; “the Perfon and Government of your Majestie and your Royall Father”. *Idem, ibidem*.

e Cambridge; continuava a exigir o licenciamento prévio dos títulos; demandava o registro dos textos no *Entry Book* da Companhia dos Estacionários; e reiterava a necessidade de incluir os nomes dos autores, impressores e livreiros responsáveis pelas publicações nas folhas de rosto de todos os impressos.⁸

Tomados em conjunto, os Atos de Indenização e Anistia, de Sedição e de Regulamentação da Imprensa delineavam atitudes restritivas do governo com relação ao funcionamento do mercado livreiro e à movimentação da esfera pública. De fato, depois da Revolução, a supervisão da imprensa parecia ter se tornado um fator (ainda mais) importante para o controle das opiniões. Antes mesmo da chegada de Carlos II à cidade de Londres, o *Cavalier Parliament* já expressava preocupação com a circulação de textos sediciosos. Em uma nota em seu diário, de 2 de maio de 1660, Samuel Pepys apontava que a assembleia decidira que “todos os livros quaisquer que sejam contra, o Governo do Rei, dos Lordes e dos Comuns devem ser trazidos à Câmara e queimados.”⁹ No ano seguinte, Pepys reportava novos desdobramentos dos debates parlamentares acerca da censura. Enquanto se debruçavam sobre o texto da futura Lei de Regulamentação da Imprensa, as duas Câmaras discordavam. Ao passo que os Comuns defendiam a realização de buscas e apreensões em todos os estabelecimentos e todas as moradias dentro dos domínios do rei, os Lordes demonstravam resistência às medidas mais rigorosas, considerando que as vistorias atacavam seus privilégios e liberdades particulares. Pepys parecia aflito com a possibilidade de vir a ser incriminado por conta da posse de algum escrito controverso. Por essa razão, como apontado por Randy Robertson, Pepys assumiu uma postura de autovigilância, escrevendo de forma dúbia, ou mesmo cifrada, e fechando à chave papéis que pudessem ser potencialmente perigosos.¹⁰

A atitude ansiosa e cautelosa de Pepys, em alguma medida, refletia o contexto de vigilância que se inaugurava. Temendo reprimendas, leitores acessavam conteúdos proibidos às escondidas, enquanto autores e estacionários recorriam ao anonimato e às práticas clandestinas, buscando mascarar sua responsabilidade quanto à publicação de opiniões controversas.¹¹ A precaução desses sujeitos não era desmedida, evidenciando a crescente apreensão com os riscos envolvidos na leitura,

⁸ "Charles II, 1662: An Act for preventing the frequent Abuses in printing seditious treasonable and unlicensed Bookes and Pamphlets and for regulating of Printing and Printing Presses". In: RAITHBY, John (ed.). **Statutes of the Realm: 1628-80**. Vol. 5. S. l.: Great Britain Record Commission, 1819. pp.428-435. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp428-435>>, acessado em 09/03/2021.

⁹ No original: “that all books whatever that are out against the Government of King, Lords, and Commons, should be brought into the House and burned.” PEPYS, **Diary**. Wednesday 2 May 1660. Disponível online em **The Diary of Samuel Pepys**: <<https://www.pepysdiary.com/diary/1660/05/02/>>, acessado em 26/07/2022.

¹⁰ PEPYS, **Diary**, Tuesday 30 July 1661; ROBERTSON, Randy. "Censors of the Mind: Samuel Pepys and the Restoration Licensers". **The Dalhousie Review**, v. 85, n. 2, p. 181–194, 2005.

¹¹ PATTERSON, **Censorship and Interpretation**.

escrita, impressão, distribuição e comercialização de textos controversos. E, de fato, os constrangimentos infligidos ao mercado livreiro pareciam mais acentuados desde o retorno do rei.

Além da promulgação dos Atos já mencionados, entre os anos de 1660 e 1680, houve ao menos dezenove processos formais contra estacionários, e um deles resultou em uma execução por traição.¹² Embora em si mesmo esses dados não forneçam informações conclusivas a respeito do alcance e da eficácia dos instrumentos de censura da Inglaterra na Época da Restauração, eles ajudam a evidenciar alguns aspectos dos sistemas de controle do período. Isso porque era bastante incomum que cortes cíveis e criminais interferissem em assuntos do mercado livreiro. Por contar com uma lógica jurisdicional de uma sociedade organizada corporativamente, as disputas jurídicas com relação à transgressão de direitos de propriedade ocorriam na Companhia dos Estacionários. Raramente, casos concernentes a patentes, licenças e registros se desdobraram para além da Corte de Assistentes da corporação. Textos ofensivos, ocasionalmente, eram examinados em tribunais eclesiásticos ou cíveis-criminais, nos quais notava-se grande interesse em identificar os autores das obras. Mas mais comum era que os infratores fossem encarcerados sem que nenhum processo legal fosse movido contra eles. Bastava que uma ordem de prisão fosse emitida pelos Secretários de Estado para manter sob custódia uma pessoa suspeita de ter empreendido alguma atividade ilegal. Eventualmente, os acusados eram soltos depois de pagarem uma fiança ou multa, mas esse processo não demandava a mobilização de todo um aparato jurídico, como ocorria em litígios formais.¹³

Diante da excepcionalidade de processos na justiça civil contra estacionários, é ainda mais interessante notar que entre os dezenove processos citados acima, quatro deles tiveram como réus os sujeitos envolvidos com a polêmica dos Estacionários Confederados. Além disso, o único impressor condenado à morte por traição durante o reinado de Carlos II também foi alvo de um desses quatro processos. Em fevereiro de 1664, uma corte reunida no tribunal de Old Bailey julgou Simon Dover, Nathan Brooks, Thomas Brewster e John Twyn. Dover, Brooks e Brewster foram condenados por sedição por terem participado da produção e da distribuição de *The Speeches and Prayers*. Brewster foi, ainda, culpado pela publicação de *A Phenix*. Já Twyn foi responsabilizado pela confecção de *A Treatise of the Execution of Justice*. Como pretendemos demonstrar no presente capítulo seus processos foram fundamentais para o desdobramento das políticas e práticas de censura na Inglaterra da segunda metade do século XVII. Dado que o sistema jurídico inglês era baseado na jurisprudência, o caso impactou significativamente nas políticas de controle da imprensa dos anos subsequentes. Os chamados *State Trials* (Julgamentos de Estado) tinham

¹² SIEBERT, *Freedom of the Press in England*, p. 269–270.

¹³ *Idem*, CLEGG, *Press Censorship in Caroline England*.

consequências constitucionais, pois as interpretações das leis, a avaliação dos crimes e a atribuição de penas criavam precedentes para o desenvolvimento de processos futuros.¹⁴ Por essa razão, os casos movidos contra Dover, Brooks, Brewster e Twyn repercutiram nas atitudes com relação à regulamentação da imprensa. Os processos de Dover, Brooks e Brewster serviram de base para reforçar a aplicação da lei de *seditions libel* ao longo do século XVII.¹⁵ Já o de Twyn teve destaque ainda maior, pois, em toda a Época Moderna, apenas outros dois impressores foram executados por suas atividades no mercado livreiro, William Carter em 1584 e William Aderton em 1693.¹⁶

Com frequência, os seus julgamentos foram citados por estudiosos interessados na literatura sediciosa, na história do direito, nos instrumentos de censura, no conceito de autoria e nas leis de propriedade intelectual no mundo anglo-saxão. Não obstante, a extensiva documentação disponível sobre os casos possibilita que diversas outras reflexões ainda sejam feitas. Neste capítulo, dedicamo-nos a examinar em detalhe os processos que levaram à realização dos julgamentos, bem como alguns de seus desdobramentos. Nas páginas que se seguem, primeiro esboçamos um breve panorama das dinâmicas do controle da imprensa inglesa na Época Moderna para, depois, nos concentrarmos nas mudanças significativas do período da Restauração. Na segunda parte do capítulo, examinamos a relação conflituosa estabelecida entre as transgressões dos Estacionários Confederados e as restrições impostas ao mercado livreiro, encabeçadas, sobretudo, pelas iniciativas de Roger L'Estrange. A análise das punições dos quatro Estacionários Confederados permite acessar o complexo debate político e jurídico sobre a censura que atravessou a Inglaterra entre os séculos XVI e XVII, esclarecendo as estruturas, dinâmicas e implicações de diferentes teorias e práticas de controle da imprensa experimentadas num contexto de profundas transformações.

5.1. O controle da imprensa

5.1.1. Licenças, privilégios e monopólios

¹⁴ Vale ressaltar que o termo "*State Trial*" parece ter sido cunhado por Thomas Salmon em sua transcrição e edição de julgamentos célebres, publicada pela primeira vez em 1791. Para o autor, a expressão categorizava casos que, de alguma maneira, impactaram os procedimentos legislativos e jurídicos britânicos. Sua compilação foi atualizada e revisada por diversos outros juristas ao longo dos séculos XVIII e XIX. O julgamento dos quatro Estacionários Confederados foi incorporado à coleção a partir de 1730, com a edição organizada por Sollomon Emlyn. COWAN, Brian; SOWERBY, Scott (orgs.). **The State Trials and the Politics of Justice in Later Stuart England**. Woodbridge: Boydell Press, 2021.

¹⁵ HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel".

¹⁶ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**, p. 265.

Na Inglaterra Moderna, a imprensa era considerada uma prerrogativa régia, isto é, sua regulação dependia, sobretudo, de decretos emitidos pelos próprios monarcas e seus conselheiros. Vemos essa tendência desde a introdução da prensa de tipo móvel em 1476 com William Caxton. Pouco depois do estabelecimento de sua oficina tipográfica no coração de Westminster, houve importante incentivo da coroa para a recepção de mestres impressores estrangeiros. Implementada por Ricardo III, a medida visava desenvolver o nascente mercado interno. E conforme a quantidade de tipografias se ampliava, os governantes sentiram a necessidade de supervisionar as atividades do mercado livreiro. Foi sobretudo no reinado de Henrique VIII que se estabeleceram as normas e práticas que orientariam algumas das características gerais dos sistemas de controle dos séculos XVI e XVII. Em grande medida, o rei passou a regulamentar os negócios por meio da concessão de patentes e licenças. Tais privilégios restringiam os ofícios ligados à produção e à disseminação de impressos a um número reduzido de agentes. Em 1504, Henrique VIII nomeou o primeiro impressor oficial da realeza, William Facques, que, a partir daquele momento se tornou o único impressor autorizado a confeccionar lucrativos comunicados oficiais do governo.¹⁷ Na década seguinte, em 1518, o monarca implementou uma nova medida, exigindo a autorização prévia para a impressão de qualquer livro. Dessa maneira, apenas as obras licenciadas, isto é, “*cum privilegio regis*”, poderiam ser produzidas e comercializadas. A necessidade da obtenção de licenças e patentes implicava na submissão dos livros ao escrutínio de autoridades, quer fossem bispos, membros dos conselhos régios, ou doutos das universidades de Oxford e Cambridge.¹⁸

É claro que tais obrigações eram frequentemente desrespeitadas. A pirataria, a contrafação e o comércio ilegal desafiavam os monopólios de impressão e as determinações régias. Para além das consequências financeiras do desenvolvimento de mercados paralelos para a venda de impressos, as rotas clandestinas de distribuição de textos não licenciados ameaçavam a moralidade, a religião e a política. Por essa razão, desde o final da década de 1520, o governo tentou reforçar a fiscalização do conteúdo dos impressos em circulação, emitindo uma lista de títulos proibidos. Embora a iniciativa de Henrique VIII tivesse precedido a expedição do primeiro *Index Librorum Prohibitorum* romano (instituído em 1559), seu conteúdo se baseava em normativas católicas, como a Bula de Leão X, que condenava a disseminação das ideias luteranas. Foi somente a partir da declaração da Lei de Supremacia de 1534 que as obras católicas também passaram a ser alvo de censura na Inglaterra. A ruptura do rei com a Igreja de Roma, no entanto, não extinguiu práticas e

¹⁷ SIEBERT, *Freedom of the Press in England*; PORTELA, *O comércio da literatura*; RAVEN, *The business of books*.

¹⁸ SIEBERT, *Freedom of the Press in England*; PATTERSON, *Censorship and Interpretation*; CLEGG, *Press Censorship in Caroline England*; VEERAPEN, Steven. *Slander and Sedition in Elizabethan Law, Speech, and Writing*. Oxford: Peter Lang Ltd, 2019.

estruturas comuns à censura religiosa exercida em reinos católicos, como a supressão de blasfêmias, heresias e heterodoxias em cortes eclesiásticas.¹⁹

Curiosamente, foi durante o breve reinado católico de Maria I, sucessora de Henrique VIII, que ocorreu um episódio de especial relevância para a história dos sistemas de controle da imprensa na Inglaterra. Em 1557, a rainha promulgou a *Stationers' Company Charter*, transformando a Guilda dos Estacionários de Londres em uma corporação de ofícios. Como tal, a Companhia passou a deter o monopólio da impressão e o poder de fiscalização sobre todas as atividades relacionadas à produção, publicação e comercialização de textos impressos. Fundamentalmente, a Companhia visava proteger seus interesses comerciais. Por essa razão, incumbia-se de proceder contra quaisquer sujeitos que exercessem os ofícios de impressor e livreiro ilegalmente. Também arbitrava em bem como de arbitrar sobre disputas pelo direito de cópia (o *right in copy*) de obras formalmente licenciadas e registradas em seu *Entry Book*. Decerto, sua prática censora auxiliava a coroa e a Igreja a restringirem a circulação de obras sediciosas, mas seu controle não era da mesma natureza do que aquele exercido pelas demais autoridades. Muitas vezes, a corporação ignorava infrações cometidas pelos seus membros, priorizando o desenvolvimento de seus negócios em detrimento da observância das leis.²⁰ Ademais, a força política da Companhia dos Estacionários parece ter favorecido o próprio desenvolvimento do mercado livreiro na Inglaterra. Diferentemente do que aconteceu em Portugal, no Império Germânico ou na França – onde os privilégios foram concedidos diretamente aos impressores e livreiros –, na Inglaterra, a corporação conseguiu exercer maior pressão sobre o governo, continuamente barganhando condições favoráveis ao seu ofício, o que, por vezes, foi percebido pela historiografia como um sinal de maior liberdade de atuação.²¹

Talvez tenha sido por conta da importância da Companhia que o governo jamais tenha promulgado (ou tentando promulgar) medidas que visassem um controle visceral das atividades tipográficas ou do mercado livreiro, tal como poderia ser, por exemplo, a limitação da importação de papel. Para Sheila Lambert, uma restrição que incidisse sobre a principal matéria-prima da

¹⁹ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; CLEGG, "Censorship and the Courts of Star Chamber"; CLEGG, **Press Censorship in Caroline England**.

²⁰ BLAGDEN, **The Stationers' Company**; SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; BELL, Maureen, "Entrance in the Stationers' Register". **The Library**, v. s6-16, n. 1, p. 50–54, 1994; PORTELA, **O comércio da literatura**; MCELLIGOTT, "A Couple of Hundred Squabbling Small Tradesmen?"; CLEGG, "Censorship and the Courts of Star Chamber"; CLEGG, **Press Censorship in Caroline England**.

²¹ MYERS, Robin; HARRIS, Michael. **Censorship & the Control of Print**: In England and France 1600-1910, [s.l.]: Newcastle: St Paul's Bibliographies, 1992; MEGIANI, Ana Paula Torres. "Imprimir, regular, negociar: elementos para o estudo da relação entre Coroa, Santo Ofício e impressores no mundo Português (1500-1640)". In: SOUZA, Laura de Mello; FURTADO, Junia Ferreira; BICALHO, Maria Fernanda (orgs.). **O Governo dos Povos**. São Paulo: Alameda, 2009; CHARTIER, Roger. "História intelectual do autor e da autoria". In: FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (orgs.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012; DARNTON, **Censores em ação**; CREASMAN, Allyson F. **Censorship and Civic Order in Reformation Germany, 1517-1648**: "Printed Poison & Evil Talk". Londres: Routledge, 2016; CHIARI, Sophie (org.), **Freedom and Censorship in Early Modern English Literature**. Londres: Routledge, 2018; LIMA, "A questão da autoria".

imprensa daria à coroa maiores poderes de censura do que as leis de licenciamento prévio, cuja observância era frequentemente ignorada pelos estacionários. A ausência desse tipo de ação levou Lambert a relativizar estudos que descreveram os instrumentos de controle da Inglaterra pré-revolucionária de forma draconiana. Ao contrário, a autora defendia que a “a censura não era generalizada”, e nem pretendia ser.²² Não obstante, consideramos que evidenciar a inexistência de artifícios para um controle absoluto da imprensa não deve levar à conclusão apressada e equivocada de que os ingleses gozavam de qualquer tipo de liberdade de discurso *avant la lettre*. Pois, para além de suas consequências práticas, as leis, os dispositivos regulatórios e as práticas censoras da coroa, da Igreja e da Companhia dos Estacionários tinham também efeitos simbólicos de amplo alcance. Assim, como colocado por Jason McElligott, há de se ter em vista que: “A execução de um impressor, a mutilação de um autor ou a prisão e a falência de um livreiro podem ser mais significativos que uma aderência ritualística à letra da lei que insiste que todos os livros e panfletos não licenciados devem ser perseguidos em toda a extensão da lei.”²³

5.1.2. O problema da sedição

Processar toda a e qualquer falta de licença ou registro nunca esteve entre os objetivos das políticas régias, eclesiásticas ou comerciais das autoridades. Isso porque, devemos lembrar, a estrutura censória era extremamente onerosa a todos os agentes envolvidos. Para que a Companhia dos Estacionários investigasse a existência de prensas clandestinas em Londres e conferisse se todas as obras, de fato, continham licenças e registros, ela precisava incumbir uma série de assistentes a realizar buscas e investigações, o que nem sempre era possível devido à limitação dos recursos financeiros disponíveis.²⁴ Além disso, as autoridades sabiam que agir “com muita severidade”, como expresso por Francis Bacon, nem sempre era a melhor alternativa para conter a difusão de

²² No original: “the censorship was not all-pervasive.” LAMBERT, Sheila. “State Control and the Press in Theory and Practice: the Role of the Stationers’ Company Before 1640”. In: MYERS; HARRIS, **Censorship & the Control of Print**, p. 3.

²³ No original: “The execution of one printer, the mutilation of one author or the imprisonment and bankruptcy of one bookseller can be much more significant than a ritualistic adherence to the letter of the law which insists that all unlicensed books and pamphlets must be pursued to the full extent of the law.” MCELLIGOTT, **Royalism, print and censorship**, p. 193.

²⁴ HETET, **A literary underground**.

material ilegal.²⁵ De modo que, em algumas ocasiões, o desprezo era mais eficaz porque evitava a continuidade da circulação dos murmúrios e das conversas em torno da obra que gerara comoção.²⁶

A supressão de obras sediciosas – fossem pornográficas, imorais, heréticas, caluniosas ou escandalosas – poderia ocorrer de forma discreta, por meio da prisão dos agentes envolvidos em sua produção e circulação. Em casos graves, nos quais havia evidente desrespeito às convenções políticas, religiosas, sociais e/ou culturais, o Estado poderia adotar posturas mais rigorosas, lançado mão de processos judiciais e, sobretudo, de punições exemplares.²⁷ Como vimos, espetáculos de tortura corporal e execuções públicas eram comuns na Época Moderna. Assassinos, hereges e traidores eram supliciados em grandes eventos que enfatizavam a autoridade do Estado e da Igreja e, por conseguinte, desincentivavam que os súditos cometerem os mesmos crimes. No caso da censura à imprensa, os eventos poderiam ter como alvos os autores, os impressores, os livreiros ou mesmo as obras que eles haviam produzido e difundido. Como medida pós-publicação, as queimas públicas visavam destruir o maior número de exemplares possível e promover uma condenação oficial ao conteúdo que veiculavam. Como acontecia no caso da violência espetacular contra os corpos dos acusados, a destruição física de livros e panfletos demonstrava a desaprovação das autoridades à escrita, impressão, disseminação e leitura de textos semelhantes pelo reino.²⁸

Exemplo dessa conduta violenta do Estado pode ser evidenciado nos dois processos movidos contra o advogado e polemista William Prynne nos anos 1630. Embora sejam recorrentemente lembrados pela historiografia pela excessiva severidade com que foi tratado, casos como os de Prynne não eram recorrentes. Mas, ainda assim, eram fundamentais pelos seus efeitos simbólicos.²⁹

Na primeira vez em que se envolveu em problemas com as autoridades, em 1633, Prynne foi considerado culpado de sedição devido à publicação de *Histriomastix*. Com forte tom puritano, seu texto recriminava as celebrações, as festas e as peças de teatro como hábitos imorais e

²⁵ No original: “with too much severity”. BACON, Francis. **The History of the Reign of King Henry VII**, Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p.230. Nossa tradução se baseou também na edição: BACON, Francis, **Os ensaios ou conselhos civis e morais**, São Paulo: Ícone, 2011, p.59. Sobre Bacon e a censura aos rumores e às famas, ver: DZELZAINIS, Martin “The Feminine part of every Rebellion!: Francis Bacon on Sedition and Libel, and the Beginning of Ideology”. **Huntington Library Quarterly**, v. 69, n. 1, p. 139–152, 2006.

²⁶ DARNTON, **Edição e sedição**.

²⁷ PATTERSON, **Censorship and Interpretation**; DARNTON, **Edição e sedição**; CRESSY, David. “Book Burning in Tudor and Stuart England”. **The Sixteenth Century Journal**, v. 36, n. 2, p. 359–374, 2005; SHUGER, Debora. **Censorship and Cultural Sensibility: The Regulation of Language in Tudor-Stuart England**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013; ROBERTSON, Randy. “Debating censorship: liberty and press control in the 1640s”. In: D’ADDARIO, Christopher; AUGUSTINE, Matthew C. (orgs.). **Texts and readers in the Age of Marvell**. Manchester: Manchester University Press, 2018.

²⁸ FOUCAULT, **Vigiar e punir**; CRESSY, “Book Burning”; HESSAYON, “Incendiary texts”.

²⁹ CLEGG, **Press Censorship in Caroline England**. A crítica à perspectiva “revisonista” de Clegg pode ser vista em artigos como o de Joad Raymond. Ver: RAYMOND, Joad. “Censorship in Law and Practice in Seventeenth-Century England: Milton’s”. In: HUTSON, Lorna (org.). **The Oxford Handbook of English Law and Literature, 1500-1700**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

pecaminosos. Enfaticamente crítico ao comportamento feminino em tais eventos, Prynne sugeriu que quando as mulheres exerciam a atividade dramática, atuando como atrizes em peças e máscaras, agiam com volúpia, tal como as meretrizes. Sua posição foi vista como um ataque direto à rainha Henriqueta Maria, que, na altura, participava de um espetáculo cortesão. Levado à julgamento na Star Chamber, Prynne baseou sua defesa no fato de que a redação de *Histriomastix* ocorrera muito antes de Henriqueta Maria vir a compor o elenco da peça. O que importava ao tribunal, contudo, era o momento e o teor do que fora efetivamente *publicado*, e não quando ou como Prynne *escrevera* numa situação privada. Consequentemente, o autor foi sentenciado a ter suas orelhas parcialmente cortadas em praça pública, ao pagamento de uma multa de £5.000³⁰ (valor exorbitante mesmo para os padrões atuais) e à prisão perpétua. Já sua obra, *Histriomastix*, foi queimada publicamente.³¹

O segundo processo de Prynne aconteceu quatro anos depois, em 1637. Do cárcere, o autor conseguiu publicar *A Breviate of the Prelates Intollerable Usurpations*, panfleto no qual denunciava o arcebispo da Cantuária, William Laud, como um traidor dos valores da reforma elisabetana. Para Prynne, o modelo presbiteriano de governo da Igreja, instalado pelo antecessor de Laud, o arcebispo John Whitgift, era superior às tendências papistas da atual estrutura episcopal. Sua crítica ao clérigo resultou em uma nova condenação pela Star Chamber. Como havia ocorrido com *Histriomastix*, *A Breviate* foi queimado em praça pública. E, também em um evento público, Prynne teve o seu nariz e o restante de suas orelhas removidos pelo carrasco. Além disso, as iniciais “S. L.” (“Seditious Libeller”, ou “Difamador Sedicioso”) foram marcadas com ferro em brasa em sua testa. Embora ostentasse com orgulho as letras estampadas em seu rosto, declarando que seu real significado era “Estigma de Laud” (“Stigma of Laud”), as iniciais serviam para distinguir-lhe enquanto criminoso.³² As cicatrizes permanentemente marcadas em sua carne lembravam a todos que o vissem da gravidade de suas transgressões às leis do reino, permanecendo como uma lição exemplar acerca das condutas a serem evitadas.

A grave punição de Prynne não se devia somente à crueldade de Carlos I e seus tribunais, mas sim aos longos e complexos debates jurídicos a respeito do tratamento devido à sedição.

³⁰ Mais de £822.000,00 na moeda de hoje.

³¹ PRYNNE, William. **Histrio-mastix. The Players Scourge, or, Actors Tragaedie**. Londres: E. A.; W. I.; Michael Sparke, 1633; HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel"; GREENE, **The Trouble with Ownership**; CRESSY, "Book Burning"; CLEGG, **Press Censorship in Caroline England**; LAMONT, William, "Prynne, William (1600–1669), pamphleteer and lawyer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2011. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-22854>>, acessado em 27/02/2022.

³² PRYNNE, William. **A Breviate of the Prelates Intollerable Usurpations, Both Upon the Kings Prerogative Royall, and the Subjects Liberties**. Amsterdã: J. F. Stam, 1637; HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel"; GREENE, **The Trouble with Ownership**; CLEGG, **Press Censorship in Caroline England**; LAMONT, "Prynne, William".

Ambas as sentenças aplicadas ao autor se fundamentaram nas leis contra os *seditionis libels* (libelos sediciosos). Já no século XIII, as cortes régias, parlamentares e eclesiásticas consideravam criminoso o ato de difamar pessoas ilustres. O estatuto do *Scandalum Magnatum* dava amparo a processos para punir quem atentasse contra a honra de membros da nobreza. As leis para prevenção da calúnia, contudo, não se restringiam apenas aos setores mais elevados da sociedade, de modo que comerciantes, artesãos e os demais súditos ingleses também poderiam denunciar difamações orais (chamadas de “*slanders*”) ou escritas (“*libels*”). Mas foi no século XVII que uma decisão jurídica desdobrou as concepções sobre os *seditionis libels*, sustentando sentenças como as de Prynne e, posteriormente, as dos Estacionários Confederados.³³

O precedente foi aberto pela peça de acusação montada pelo jurista Edward Coke em 1605. Na ocasião, Coke elaborou um cuidadoso argumento para justificar a penalização do cortesão Lewis Pickering por redigir e distribuir um manuscrito satírico contra o recém-falecido arcebispo John Whitgift, intitulado *The Lamentation of Dickie for the Death of Jockie*. Com base no direito romano, Coke apontou que Pickering havia incorrido na infração caracterizada como “*libellis famosus*”. O jurista explicava que, diferentemente das calúnias praticadas contra pessoas privadas ou mesmo ilustres, aquelas contra pessoas públicas eram ainda mais graves e perigosas porque resvalavam sobre as instituições às quais os alvos da difamação representavam. O ataque contra Whitgift era, portanto, um crime contra a honra do arcebispo da Cantuária – que, depois do rei, era a autoridade mais importante da Igreja Anglicana – e, no limite, contra toda a instituição eclesiástica. Como o alvo da sátira já havia falecido, podia-se argumentar, em defesa de Pickering, que Whitgift não poderia se sentir lesado pelo conteúdo de *The Lamentation of Dickie*. Mas era precisamente por isso que a interpretação de Coke era inovadora: ao declarar que Pickering havia ofendido mais do que a figura de John Whitgift, atingindo uma autoridade oficial do Estado, o crime não poderia ser ignorado. Em suma, mais do que desrespeitar o estatuto do *Scandalum Magnatum*, o manuscrito de Pickering atingia ao governo e às suas instituições e, portanto, à Igreja e ao monarca. Por ser mais danoso ao Estado do que a mera difamação, Coke sugeria que o tribunal atribuisse uma pena rigorosa, na tentativa de prevenir novas ocorrências do mesmo crime. Como resultado, Pickering foi multado em £1.000³⁴, sentenciado a cumprir um ano de prisão e a ter suas orelhas cortadas pelo carrasco no pelourinho.³⁵

³³ MANNING, Roger B. "The Origins of the Doctrine of Sedition". *Albion*, v. 12, n. 2, p. 99–121, 1980; HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel"; SHEEN, Erica; HUTSON, Lorna (orgs.), **Literature, politics, and law in Renaissance England**. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2005; SHUGER, **Censorship and Cultural Sensibility**.

³⁴ Cerca de £180.400 atualmente.

³⁵ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; MANNING, "The Origins of the Doctrine of Sedition"; HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel"; IBBETSON, David. "Edward Coke, Roman Law, and the Law of Libel". In: SHEEN; HUTSON (orgs.), **Literature, politics, and law**.

Embora o caso contra Pickering se devesse a uma publicação manuscrita, a argumentação de Coke foi rapidamente incorporada aos processos envolvendo textos impressos, desdobrando-se em uma jurisprudência fundamental para lidar com os abusos da imprensa. Na interpretação de Philip Hamburger, essa peça acusatória possibilitou que a questão do *sedition libel* oferecesse alternativas jurídicas menos permissivas do que as leis de licenciamento e registro prévios, que pouco interferiam na censura pós-publicação; e menos rigorosas do que as ações tomadas contra traições e felonias³⁶, cujas penas capitais pareciam demasiadamente cruéis para tratar autores e estacionários de textos meramente escandalosos ou controversos.³⁷

5.1.3. Instabilidade

Apesar de sua importância, parte desse aparato jurídico foi suspenso durante o contexto revolucionário. Com a eclosão dos conflitos civis, a Star Chamber e a High Commission foram extintas, diversos decretos régios foram invalidados e a estrutura da Igreja foi modificada. O Parlamento, por conseguinte, passou a promulgar diversas determinações a fim de regulamentar o mercado livreiro. As leis contra os *sedition libels*, contudo, não parecem ter sido mobilizadas entre as décadas de 1640 e 1660. Mas isso não quer dizer que a república e o Protetorado foram necessariamente mais permissivos do que a monarquia Stuart. Desde 1643, os parlamentares continuamente expediram leis de licenciamento prévio, de prevenção à blasfêmia e de condenação à traição. No entanto, notando que essas normas não refreavam completamente a circulação de opiniões escandalosas, as autoridades buscaram alternativas. A Assembleia dos Teólogos de Westminster, por exemplo, foi fundada em 1643 para impedir o avanço de práticas heterodoxas e, por isso, também auxiliava na fiscalização da imprensa, examinando livros e panfletos com conteúdo religioso. Além disso, no período republicano, o Parlamento estabeleceu um comitê na Câmara dos Comuns para avaliar textos controversos. Com o Protetorado, medidas restritivas foram reforçadas, sobretudo, graças à atuação do general John Thurloe. Sendo assim, mesmo com a falência das instituições monárquicas, autores e estacionários continuaram a ser supervisionados no período revolucionário. De fato, não foram raras as ocasiões nas quais agentes do mercado livreiro foram punidos por publicações consideradas ofensivas. Comumente, os acusados eram presos, tinham seus instrumentos apreendidos e/ou pagavam multas; enquanto seus textos sediciosos eram queimados publicamente. Apenas casos que levantavam maior preocupação entre as autoridades, como aqueles movidos contra John Lilburne no início da Revolução,

³⁶ As *felonies* eram crimes graves, como o assassinato, alguns tipos de roubo e infrações sexuais.

³⁷ HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel".

desembocaram em julgamentos com ampla divulgação e rigorosas punições, como exílios e longos períodos de encarceramento.³⁸

Embora a eclosão das Guerras Cívicas, de fato, tenha promovido um afrouxamento dos sistemas de censura, há de se ressaltar que nenhuma política de liberdade de imprensa foi promovida no período. O que se observa, na verdade, é a rápida mudança das definições do que era sedição e, portanto, de quais eram os alvos da censura. Enquanto uma questão relacional, a sedição era conceituada por aqueles que detinham o poder e decretavam as normas. Num momento de profunda transformação social e política como as décadas de 1640 a 1660, tais determinações não se mantiveram estáveis. Assim, depois da destituição da monarquia, os parlamentares consideraram que qualquer defesa do rei incorria em sedição ou, mais gravemente, em traição. Ao passo que, quando Cromwell centralizou o poder, defensores da soberania do Parlamento e sectários religiosos também se tornavam objeto de preocupação. E, como percebido por Jason McElligott, mesmo que não tenham consolidado um controle total sobre a imprensa, os instrumentos mobilizados pela república e pelo Protetorado foram hábeis na supressão de diversas obras de cunho oposicionista, reduzindo consideravelmente o alcance da propaganda régia a partir dos anos 1650.³⁹

Posteriormente, quando o regime cromwelliano faliu e deu lugar à Restauração de Carlos II, não houve apenas uma nova reestruturação dos instrumentos utilizados no exercício da censura, mas uma redefinição do que, de fato, viria a constituir uma sedição contra o governo monárquico. Foi nesse momento que, mais uma vez, as leis contra os *seditionis libels* voltaram a desempenhar salutar importância no manejo da imprensa. Como observado por Philip Hamburger, quando proclamado, a Lei de Regulamentação da Imprensa de 1662, essencialmente recuperava a obrigatoriedade dos licenciamentos prévios e das restrições impostas às capacidades produtivas das oficinas tipográfica, mas não oferecia ao Estado dispositivos para lidar com o problema da sedição. Sendo assim, os precedentes dos casos contra Pickering e Prynne ofereceram ferramentas para que as autoridades pudessem lidar com as ofensas que escapavam à letra do Ato, sem recorrer a leis demasiadamente severas, como era o caso da traição⁴⁰

³⁸ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel"; PEACEY, "Cromwellian England"; SHARP, Andrew. "Lilburne, John (1615?–1657), Leveller". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2006. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-16654>>, acessado em 08/06/2022.

³⁹ MCELLIGOTT, **Royalism, print and censorship**.

⁴⁰ HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel".

5.1.4. A eficácia da censura

Como esse breve panorama tentou descrever, o aparato e o exercício da censura inglesa variavam amplamente. Diversos dispositivos jurídicos, políticos, legislativos, eclesiásticos e comerciais poderiam ser mobilizados de acordo com o contexto, a natureza e a gravidade da infração (e mesmo com a concepção do que viria a ser uma infração), e a interpretação das autoridades acerca dos crimes. Ter isso em vista significa que não podemos esperar encontrar atitudes sempre constantes com relação ao controle da imprensa na Época Moderna. Desdobrando-se como um “processo dinâmico”, a regulamentação sobre o mercado livreiro se flexionava de acordo com os sujeitos e as instituições em atividade.⁴¹ Por essa razão, o tumultuado século XVII parece tão difícil de apreender.

Suas complexidades levaram pesquisadores da História, da Literatura e do Direito a debaterem incansavelmente acerca dos “avanços” e dos “retrocessos” com relação ao desenvolvimento da liberdade de discurso na Inglaterra seiscentista. De um lado, tanto a historiografia marxista quanto a *whiggista*-liberal dos anos 1960 a 1980 tenderam a superestimar os mecanismos de opressão vigentes antes da Revolução Inglesa, tomando, sobretudo, os casos contra Prynne como exemplos significativos da truculência do Estado. Em ambas as perspectivas, a agitação da década de 1640 teria tido impacto fundamental para o declínio do controle governamental sobre a imprensa. A diferença entre as duas matrizes interpretativas, no entanto, estava no fato de marxistas, em especial Christopher Hill, ressaltarem que a liberdade do contexto revolucionário foi perdida a partir da Restauração de Carlos II, obrigando autores como John Milton a se autocensurarem ou escrever de forma indireta e figurativa.⁴² Enquanto isso, para *whigs* como Frederick Siebert, a fiscalização sobre o mercado livreiro jamais voltou a ser tão severa quanto durante o reinado dos Tudors e dos primeiros Stuarts, abrindo caminho para o desenvolvimento de noções iluministas sobre a liberdade de imprensa e a instituição de um fórum público de debate.⁴³

A partir dos anos 1990, algumas leituras “revisionistas” se esforçaram para desconstruir a imagem de que no período imediatamente anterior à Revolução Inglesa prevalecia um tipo controle governamental absoluto sobre a imprensa. Ancoradas tanto em dados quantitativos quanto qualitativos, as pesquisas desenvolvidas por Kevin Sharpe, Sheila Lambert e Cyndia Clegg

⁴¹ No original: “dynamic process”. MCELLIGOTT, Jason. "Introduction". In: MCELLIGOTT, Jason; KEMP, Geoff (eds.). **Censorship and the Press, 1580-1720**. Vol. 2. Londres: Pickering & Chatto, 2009, p. XX.

⁴² HILL, "Censorship and English Literature"; HILL, Christopher. **Milton and the English revolution**. Londres: Verso, 2020.

⁴³ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**.

descreveram os sistemas de censura dos séculos XVI e XVII como dispositivos ineficazes, sobre os quais o Estado demonstrava pouco interesse em fortalecer. Ao mesmo tempo em que negavam o rigor do aparato censor dos Tudors e dos primeiros Stuarts, Sharpe, Lambert e Clegg também acabavam por sugerir que o contexto revolucionário não havia dado origem a uma grande transformação nas relações do governo com a imprensa. Em outras palavras, se as estruturas eram ineficazes, seu abalo a partir dos anos 1640 não poderia ter resultado na libertação do mercado livreiro de seus supostos constrangimentos.⁴⁴

Alguns estudos recentes, preocupados com os desdobramentos do contexto revolucionário, reforçaram a hipótese lançada pelos revisionistas. Austen Saunders e Tom Boardman, por exemplo, defendem que a eclosão das Guerras Civas e a extinção das cortes de prerrogativa régia não resultaram em uma “explosão” da imprensa. Embora as estimativas anuais de publicação na Inglaterra seiscentista apontem um sensível aumento no número de títulos emitidos a partir dos anos 1640, esse crescimento não é observado na contabilização de páginas efetivamente impressas. Isso quer dizer que as capacidades produtivas e o volume de impressos em circulação não sofreram alteração sensível com a Revolução Inglesa.⁴⁵

Ainda assim, cabe observar que as atitudes das pessoas com relação a imprensa mudaram drasticamente com o avançar do contexto revolucionário. Mais comuns, ágeis, baratos e acessíveis, os impressos adquiriram um papel fundamental nos debates públicos, na vida cotidiana, nas decisões políticas e diplomáticas, no consumo, no lazer e na religiosidade.⁴⁶ Não nos parece por acaso que todos os governos que se sucederam ao longo das décadas de 1640 e 1660 tenham, à sua maneira, tentado implementar medidas de controle. Tanto a república, quanto o Protetorado e a monarquia promulgaram leis para restringir o funcionamento do mercado livreiro e punir o que consideravam ser obras sediciosas. E tanto a república, quanto o Protetorado e a monarquia examinaram, prenderam e condenaram autores e estacionários por publicarem obras que escapavam às convenções morais, políticas e religiosas de seus contextos.

Discutir a eficácia ou o sucesso das iniciativas do Estado em conter os excessos da imprensa não parece, portanto, dar conta dos múltiplos problemas que podem ser levantados a respeito do exercício da censura na turbulenta Inglaterra seiscentista. Mesmo quando falhavam, as frequentes tentativas de controlar o mercado livreiro desde a eclosão das Guerras Civas demonstram que,

⁴⁴ SHARPE, *The Personal Rule of Charles I*; MYERS; HARRIS, *Censorship & the Control of Print*; CLEGG, Cyndia Susan. *Press Censorship in Elizabethan England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997; CLEGG, Cyndia Susan. *Press censorship in Jacobean England*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001; CLEGG, *Press Censorship in Caroline England*.

⁴⁵ SAUNDERS; BOARDMAN, "Was there an explosion of print?"

⁴⁶ PEACEY, Jason. "Print and Public Politics".

depois da Revolução Inglesa, a imprensa adquiriu maior relevância entre as preocupações do Estado.

5.2. Censura e Restauração

A proliferação de discursos em defesa da ampliação das restrições à imprensa parece ter desempenhado papel fundamental no estabelecimento da monarquia de Carlos II. Já em 1660, líderes políticos e religiosos, e mesmo agentes do mercado livreiro, demandavam que o novo governo levasse em conta a necessidade de rever a regulamentação das atividades tipográficas. Em setembro de 1660, por exemplo, estacionários anônimos publicaram uma petição intitulada *The London Printer Lamentation, or, the Press Opprest, and Overprest*. O pequeno panfleto solicitava que o novo monarca: restabelecesse limitações quanto ao número de oficinas tipográficas ativas – que, naquela altura, somavam mais de 50 estabelecimentos, ultrapassando em muito os antigos decretos régios que fixavam o número em 20 –; protegesse o mercado interno – constringendo as atividades de estrangeiros –; fiscalizasse os contratos de aprendizes; e, sobretudo, reduzisse o poder dos livreiros. Segundo os peticionários, os livreiros controlavam a demanda de trabalho, forçando impressores cada vez mais empobrecidos a produzirem obras com conteúdo ofensivo. Enquanto os livreiros tivessem vantagens financeiras sobre os impressores, argumentavam os peticionários, seria impossível evitar a confecção e disseminação de obras sediciosas, ou mesmo, traiçoeiras.⁴⁷

Como observado por John Hetet, os peticionários anônimos ainda usaram *The Printers Lamentation* para questionar a lealdade de alguns estacionários. Os impressores John Field, Thomas Newcomb e, principalmente, Henry Hills foram alvo de críticas por terem participado ativamente da imprensa oficial dos regimes republicano e cromwelliano. Para os peticionários, era surpreendente que, apesar de os três impressores terem publicado inúmeros livros e panfletos antimonarquistas, eles ainda conseguissem obter valiosos privilégios. Figura enigmática, cujas alianças políticas e comerciais rapidamente se adaptavam às demandas do contexto, Hills havia acabado de conseguir para si a patente da impressão de Bíblias em Oxford.⁴⁸ Aparentemente, seu posto de impressor oficial do Conselho do Estado e, posteriormente, do Lorde Protetor não havia gerado grandes incômodos a Carlos II. Field, por sua vez, manteve-se à frente da tipografia da Universidade de Cambridge, já que conquistara durante o Protetorado, em 1655, até a sua morte.⁴⁹

⁴⁷ **The London printers lamentation, or, the press opprest, and overprest.** [Londres: s. n., 1660]. A cópia de George Thomason data de 3 de setembro de 1660.

⁴⁸ *Idem*; HETET, **A literary underground.**

⁴⁹ MCKITTERICK, David. "John Field in 1668: the affairs of a university printer". **Transactions of the Cambridge Bibliographical Society**, v. 9, n. 5, p. 497–516, 1990.

Enquanto Newcomb, antigo aliado de Marchamont Nedham na produção dos jornais republicanos *The Weekly Intelligencer* e *Mercurius Politicus*, agora garantia o privilégio para continuar a imprimir notícias, redirecionando o tom de *Mercurius Publicus* para a causa monarquista junto ao impressor John Macock.⁵⁰

O debate sobre a fiscalização das atividades livreiras foi impulsionado, ainda neste mesmo contexto, pelas atividades de Roger L'Estrange. E, como já comentamos ao longo da tese, sua intensa articulação pública teve consequências significativas sobre a organização das práticas e políticas de controle da imprensa ao longo da Restauração, bem como sobre a própria cultura impressa da época. Ao fazer essa afirmação, não pretendemos hipertrofiar a importância de um único sujeito para o desenvolvimento de um processo tão complexo quanto o da censura na Inglaterra da segunda metade do século XVII, mas é preciso reconhecer o papel de destaque desempenhado por L'Estrange. Há de se considerar que a censura não era uma entidade amorfa, onisciente e onipresente. Ao contrário, ela dependia diretamente das ações e das perspectivas dos agentes que integravam as instituições e estruturas de poder. Nesse sentido, não é exagero argumentar que as investidas de L'Estrange para a supressão de textos antimonarquistas e não-conformistas foram influentes na construção do novo cenário do funcionamento do mercado livreiro e do controle da imprensa a partir da década de 1660.⁵¹

5.2.1. Os “deveres” de Roger L'Estrange

Como já discutido em outras passagens da presente tese, cabe ressaltar que a aproximação de L'Estrange dos assuntos a respeito do mercado livreiro não foi desinteressada. Desde o final de 1659, ele estava motivado a conquistar a simpatia de Carlos II, desvencilhando-se de acusações de ser um vira-casacas. Para isso, o aspirante a censor, com frequência, utilizou a imprensa para prosperar em seu intento, esforçando-se para consolidar a imagem de que era (e sempre havia sido) um fiel apoiador da monarquia. Uma de suas principais ações nessa direção foi a publicação de *L'Estrange his Apology* em junho de 1660. No texto, o autor buscava comprovar seu histórico de lealdade à monarquia, por isso descrevia em detalhe o seu empenho para combater as sublevações iniciadas na década de 1640. Ele rememorava sua experiência militar, comentando que fizera parte do exército realista, lutando contra os parlamentares no cerco à cidade portuária de King's Lynn em 1643. Foi com a intenção de auxiliar a causa do rei Carlos I, argumentava, que L'Estrange

⁵⁰ SUTHERLAND, James Runcieman. **The Restoration newspaper and its development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

⁵¹ KITCHIN, George. **Sir Roger L'Estrange: a contribution to the history of the press in the seventeenth century**. Londres: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd., 1913; DUNAN-PAGE; LYNCH (orgs.), **Roger L'Estrange**.

acabou preso pela primeira vez. Depois de assistir à captura de King's Lynn, ele tentou subornar as tropas do Parlamento para que desocupassem a cidade. Sua arriscada artimanha foi descoberta e, em 1644, foi condenado à forca. Mas, recorrendo a amigos aristocratas, conseguiu converter sua pena capital em uma sentença de prisão perpétua.

Na *Apology*, o autor ainda exaltava sua coragem, contando como conseguira escapar da cadeia poucos anos depois, a fim de se juntar novamente às tropas monarquistas. L'Estrange rumou para o condado de Kent que, em 1647, rebelava-se contra a ocupação parlamentar, reagindo, sobretudo, aos constrangimentos morais (de tendência puritana) impostos à população, tais como a proibição das festas de Natal. Como observa Darrick Taylor, L'Estrange não parece ter efetivamente participado dos conflitos armados, mas isso não o impediu de reivindicar as honras e nem de ser preso novamente. Do cárcere, buscou auxílio, escrevendo para o futuro Conde de Clarendon, Sir Edward Hyde. Com a intervenção de Hyde, L'Estrange conseguiu partir para o exílio em 1649, juntando-se à corte expatriada de Carlos II em Haia.⁵²

Em outubro de 1653, L'Estrange teve permissão para regressar à Inglaterra. Embora negasse ter sido conivente com o regime cromwelliano ao longo da *Apology*, as circunstâncias de sua volta pareciam suspeitas aos olhos dos *cavaliers*. Como ocorreu com outros apoiadores de Carlos I na década de 1650, L'Estrange recebeu perdão e proteção de Oliver Cromwell porque o Protetorado havia conduzido uma política de acomodação, visando apaziguar conflitos com antigos regalistas e negociar a anulação de sentenças criminais decretadas no contexto das Guerras Civis.⁵³ Mas, aparentemente, Oliver Cromwell interveio pessoalmente em favor de sua absolvição. Como consequência, "Roger le Strange foi dispensado de acompanhamento adicional, sob a garantia de 2,000l.⁵⁴ para comparecer quando for solicitado, e não fazer nada prejudicial à república."⁵⁵ E, de fato, L'Estrange jamais publicou nada contrário ao Protetorado enquanto Oliver Cromwell esteve vivo. Na verdade, os *cavaliers* desconfiavam que ele tivesse mantido uma relação cordial com o Lorde Protetor, chegando, inclusive, a tocar viola de gamba para o governante durante uma visita ao Palácio de Whitehall.⁵⁶ Na época da Restauração, o episódio lhe rendeu os

⁵² L'ESTRANGE, **L'Estrange his apology**; KITCHIN, **Sir Roger L'Estrange**; LOVE, "L'Estrange, Sir Roger"; DUNAN-PAGE; LYNCH (org.), **Roger L'Estrange**; TAYLOR, **L'Estrange his life**.

⁵³ L'ESTRANGE, **L'Estrange his apology**; LOVE, "L'Estrange, Sir Roger"; LYNCH, Beth. "Rhetoricating and Identity in L'Estrange's Early Career, 1659-1662". In: DUNAN-PAGE; LYNCH (orgs.), **Roger L'Estrange**; TAYLOR, **L'Estrange his life**.

⁵⁴ Mais de £278.500,000.

⁵⁵ No original: "Roger le Strange dismissed from further attendance, on security in 2,000l. to appear when called for, and to do nothing prejudicial to the commonwealth." "Volume 41: October 1653". In: GREEN, Mary Anne Everett (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Interregnum, 1653-4**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1879, p.225. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1653-4/pp179-228>>, acessado em 02/08/2022.

⁵⁶ De acordo com Andrew Ashbee, a família de L'Estrange tinha uma longa tradição no patronato das artes, sobretudo da música e da literatura. Tanto Roger L'Estrange, quanto seus irmãos Nicholas e Hamon eram músicos habilidosos.

apelidos de “Oliver’s Fiddler” e “Old Noll’s Fiddler” (“Rabequeiro⁵⁷ de Oliver” e “Rabequeiro do Velho Cabeça”⁵⁸), atribuídos pelo presbiteriano Edward Bagshaw, que acusava L’Estrange de “ter usado a execução musical como disfarce para conversas secretas com Cromwell.”⁵⁹

A *Apology* pretendia dissipar as dúvidas sobre o caráter de seu autor, tentando afastar a imagem de simpatizante do Protetorado. Para isso, grande parte da publicação consistia na reivindicação da autoria de uma série de panfletos favoráveis à Restauração, lançados anonimamente entre o final de 1659 e o início de 1660. Pouco mais de uma dúzia de panfletos foi inteiramente reproduzida ao longo das páginas da *Apology*, com o intuito de demonstrar os feitos de L’Estrange em seus embates contra inimigos de Carlos II.⁶⁰ Entre os títulos, constava, por exemplo, *Treason Arraigned*, no qual o autor havia denunciado Marchamont Nedham, John Milton e Livewell Chapman pela publicação de *Plain English*. Como já discutido no Capítulo 2, num pequeno preâmbulo à reimpressão de *Treason Arraigned* no corpo da *Apology*, L’Estrange reconhecia que as investigações não haviam confirmado a culpa de Nedham e Milton, mas revelavam que o responsável pela escrita do panfleto antimonarquista era, na verdade, “um Pároco Renegado”, a quem L’Estrange sequer nomeou.⁶¹ Sem retirar suas acusações infundadas contra Nedham e Milton, o autor, com efeito, as relançou como prova de suas iniciativas de purificar a imprensa, apontando e perseguindo os sujeitos que considerava perigosos para a manutenção da ordem.

Sem dúvidas, a estratégia se provou eficaz para a autopromoção de L’Estrange. Com suas habilidades de prolífico panfletista, ele sustentou que conspiradores se organizavam para, a qualquer momento, orquestrar novas e sangrentas rebeliões contra o rei recém-nomeado. Insistindo que havia ainda muitos riscos à estabilidade de Carlos II, o autor “teve sucesso na constituição de uma atmosfera geral de apreensão e medo”.⁶² E diante dos perigos apresentados pelos dissidentes políticos e religiosos, L’Estrange se mostrou como o único sujeito capaz de

ASHBEE, Andrew. “My Fiddle is a Bass Viol: Music in the Life of Roger L’Estrange”. In: DUNAN-PAGE; LYNCH (org.), **Roger L’Estrange**.

⁵⁷ Sobre o termo, ver: “viol, n.1”. **Oxford English Dictionary Online**. Oxford: Oxford University Press. Disponível online em: <<https://www.oed.com/view/Entry/223613?isAdvanced=false&result=1&rskey=xwv9CC&>>, acessado em 19/03/2023.

⁵⁸ Pejorativamente, os regalistas chamavam Oliver Cromwell de “Old Noll”, que pode ser traduzido como “Velho Cabeça”. Derivado do saxão “hnoł”, “noll” era uma palavra usada para se referir ao topo da cabeça. Sendo o exército parlamentar conhecido como *roundhead* (cabeça redonda), é provável que o termo tenha sido adotado para caçar da aparência da armadura do Lorde Protetor. Ver **Lexicons of Early Modern English (LEME)**: <<https://leme.library.utoronto.ca/>>, acessado em 02/08/2022; BREWER, Ebenezer Cobham. **Dictionary of Phrase and Fable**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 633.

⁵⁹ No original: “had used music-making as a cover for secret talks with Cromwell.” DUNAN-PAGE; LYNCH (org.), **Roger L’Estrange**, p. 152.

⁶⁰ L’ESTRANGE, **L’Estrange his apology**; DUNAN-PAGE; LYNCH (org.), **Roger L’Estrange**; TAYLOR, **L’Estrange his life**.

⁶¹ No original: “a Renegado Parson”. L’ESTRANGE, **L’Estrange his apology**, p.113.

⁶² No original: “succeeded in generating a general atmosphere of apprehension and fear”. KEEBLE, **The Literary Culture of Nonconformity**, p.155

suprimir as vozes antagônicas. Como seus panfletos vigorosamente demonstravam, o aspirante à censor era um ávido investigador, que compreendia os pormenores dos processos de impressão e publicação, e, por isso, conseguia rastrear empreitadas clandestinas e identificar os criminosos responsáveis pelas infrações.⁶³

Como já havia justificado na primeira redação de *Treason Arraigned*, L'Estrange considerava que era seu “*Dever desmascarar o Plano; para prevenir que mais prejuízos possam Surgir, do Erro, seja do Escopo, seja dos Raciócinios*” provenientes de panfletos criminosos como *Plain English*.⁶⁴ Em sua análise da persona e das estratégias retóricas de Roger L'Estrange, Darrick Taylor evidenciou que o aspirante a censor costumava recorrer à ideia de que precisava (e deveria) desempenhar um *dever* à monarquia recém-restaurada.⁶⁵ Sua perspectiva parecia se fundamentar em um longo debate da antiguidade clássica e do humanismo cívico em torno das virtudes envolvidas no exercício do *otium* e do *negotium*.⁶⁶ Embora não citasse Cícero diretamente, L'Estrange nitidamente se ancorava nos ensinamentos expressos em *De Officiis* (*Dos Deveres*), livro que, mais tarde, ele viria a traduzir para o inglês.⁶⁷ Para Cícero, os cidadãos colaboravam para o sucesso da *res publica* quando desempenhavam seus deveres (fossem militares, jurídicos, administrativos, políticos ou de quaisquer outras naturezas) com virtude. Ao fazê-los, os cidadãos também se tornavam merecedores das mais diversas honras, como a fama, a riqueza e o poder.⁶⁸ Ao empenhar suas habilidades para cumprir um dever que imbuía a si mesmo, o de censor, L'Estrange esperava conquistar o reconhecimento de Carlos II. Reconhecimento esse que viria através da nomeação para um cargo público.

Não era, então, por acaso que L'Estrange regularmente abordava seus trunfos contra autores e estacionários sediciosos por meio da publicação de dezenas de panfletos. Tão importante quanto as suas descobertas “dos *Inimigos do Rei*” sob a “aparência de uma *Confederação*”⁶⁹, como viria a anunciar em *A Modest Plea* em meados de 1661, era a publicização dos seus feitos. L'Estrange reivindicava o ofício de censor por meio da sua ágil e da frequente propaganda sobre suas realizações. Constantemente, o autor demonstrava ao rei, às instituições do governo, aos seus amigos e inimigos e, sobretudo, ao *público* que as suas investigações e denúncias eram valorosas ao

⁶³ *Idem*; KEEBLE, **The Restoration**; DUNAN-PAGE; LYNCH (org.), **Roger L'Estrange**; TAYLOR, **L'Estrange his life**; LIMA, "Edição & Censura".

⁶⁴ No original: “*Duty to unmasque the Designe; to prevent further mischiefs; which might Arise, from the mistake, either of the Scope, or Reasonings*”. [L'ESTRANGE,] **Treason arraigned**, fl.2 (A2).

⁶⁵ TAYLOR, **L'Estrange his life**.

⁶⁶ SKINNER, Quentin. **Visions of politics**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; CONDREN, Conal. **Argument and Authority in Early Modern England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁶⁷ Roger L'Estrange traduziu *De Officiis* para o inglês em 1680. CICERO, Marco Túlio. **Tully's offices. In three books. Turned out of Latin into English. By Ro. L'Estrange**. Londres: Henry Brome, 1680.

⁶⁸ CICERO, Marco Túlio. **Dos deveres**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁶⁹ No original: “of the *Kings Enemies*”; “appearance of a *Confederacy*”. L'ESTRANGE, **A modest plea** p.3.

Estado. Exemplo disso pode ser visto em *A Modest Plea* de 1661. Embora o panfleto se apresentasse enquanto uma resposta às acusações de James Howell, antiquário e rival de L'Estrange nas disputas por cargos na administração de Carlos II, seu principal objetivo era, na verdade, pleitear a mercê do monarca. No texto, L'Estrange descrevia em detalhe sua minuciosa busca pelos agentes responsáveis pela produção e dispersão de *A Phenix*, narrando os percalços que possibilitaram a identificação de Thomas Creak, George Thresher, Giles Calvert, Thomas Brewster, Livewell Chapman, Francis Tyton e outros estacionários envolvidos com o comércio clandestino de panfletos antimonarquistas e não-conformistas. Tal descoberta, ele parecia sugerir, era apenas mais uma das várias contribuições que dera à família Stuart. Servo fiel da monarquia, ele insistia que jamais esperara qualquer retribuição pelos serviços que prestara a Carlos I e, agora, a Carlos II. Era claro, contudo, que ansiava por uma recompensa.

Como sua solicitação foi ignorada, Roger L'Estrange decidiu apelar, mais uma vez, à intercessão de Edward Hyde. No final de 1661, publicou *To the Right Honorable Edward Earl of Clarendon, Lord High Chancellor of England, the Humble Apology of Roger L'Estrange*, no qual retomou a sua breve carreira militar, defendeu-se das acusações de complacência com o regime cromwelliano e reiterou seu contínuo compromisso com os Stuarts. Novamente tentando comprovar sua fidelidade ao governo e afastar de si a pecha de vira-casacas, ele acrescentou ao fim do texto que já havia “gasto *Vinte anos* agora a *Serviço de vossa Majestade* de acordo com o meu *Dever*; e depois de tudo, eu apenas peço para não ser tido como um *Patife*.”⁷⁰

A súplica ao Conde de Clarendon foi bem-sucedida. Em 24 de fevereiro, Roger L'Estrange conseguiu uma primeira gratificação, sendo designado para o cargo de Inspetor de Impressão. O posto, contudo, tinha uma limitação financeira: não pagava vencimentos. Mas ainda assim, a nomeação lhe garantia alguma autoridade para “de tempos em tempos fazer busca por, apreender, & capturar todos os Autores, Idealizadores, Impressores, publicadores & dispersores de Livros & Libelos traidores e sediciosos”.⁷¹ A partir de então, uma sucessão de mandados de busca incumbiu L'Estrange de, acompanhado por guardas e mensageiros, fazer vistorias em oficinas tipográficas e livrarias; questionar quaisquer pessoas suspeitas; e confiscar livros e panfletos que lhe parecessem controversos. Somente no dia 24 de fevereiro de 1662, o censor apreendeu mais de 380 textos, entre eles, cópias de *The Speeches and Prayers, Mirabilis Annus* e *A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation and Execution of John James*.⁷²

⁷⁰ No original: “*Twenty yeers* now in his *Majesties Service* according to my *Duty*; and after all, I only beg not to be thought a *Vilain*.” L'ESTRANGE, Roger. **To the right honorable Edward Earl of Clarendon, Lord High Chancellor of England, the humble apology of Roger L'Estrange**. Londres: Henry Brome, 1661.

⁷¹ No original: “from time to time make search for, apprehend, & seize all Authors, Contrivers, Printers, publishers & dispersers of treasonable & seditious Books and Libells”. PRO SP29/51/13.

⁷² PRO SP44/5/177; SP29/51, 13, 14, 16, 17, 18.

Logo em seguida, Roger L'Estrange publicou *Truth and Loyalty Vindicated* para atualizar o público leitor sobre o cumprimento de seus deveres. No panfleto, o autor-censor dizia que, embora gozasse de maiores poderes depois de sua nomeação, não fazia “mais em *Descobri-los* [os estacionários infratores e sediciosos], do que havia *jurado* fazer antes” de ascender ao posto.⁷³ Mas, ainda assim, prestava contas das suas atividades, relatando, por exemplo, que havia apreendido 120 cópias de *A Phenix* desde sua primeira denúncia a respeito dos Estacionários Confederados em junho de 1661. Além disso, L'Estrange afirmava que dois dos responsáveis pela publicação, Thomas Creake e Giles Calvert, haviam sido colocados sob custódia. Um terceiro agente, George Thresher, “foi deixado em Liberdade” por ser extremamente pobre e ter cooperado significativamente com as investigações para deter estacionários que “Constante, e Maliciosamente perseguiram a Destruição da Família Real.”⁷⁴ L'Estrange também aproveitava o espaço de *Truth and Loyalty Vindicated* para reforçar a importância de suas atividades, debruçando-se sobre análises de trechos das obras suprimidas. No caso de *A Phenix*, por exemplo, o autor-censor argumentava que o panfleto era danoso à paz e à prosperidade da Inglaterra porque pretendia estimular o povo a pegar em armas a fim de resistir ao soberano.

Para potencializar suas críticas, Roger L'Estrange fazia particular uso dos dispositivos tipográficos. Tendo estabelecido seu escritório num cômodo do andar superior da livraria de seu principal publicador, Henry Brome, o autor-censor parecia ter condições para exercer grande controle sobre a confecção de suas publicações.⁷⁵ Como viria a confirmar décadas depois, L'Estrange nutriu uma relação de grande proximidade com as atividades desenvolvidas na casa livreira de Brome, considerando-o um excelente estacionário porque lhe garantia oportunidades de alterar e corrigir seu trabalho.⁷⁶ Tendo isso em vista, pode-se inferir que L'Estrange participava das decisões concernentes à confecção material de seus panfletos, intencionalmente utilizando sinais gráficos e outros recursos tipográficos para conferir mais força às suas exposições. Assim, quando confrontou o conteúdo de *A Phenix* em *Truth and Loyalty Vindicated*, o autor-censor optou por reproduzir integralmente um parágrafo do panfleto sedicioso. Para distinguir a sua voz das de seus oponentes, optara por marcar suas palavras em itálico. Logo a seguir, em tipos romanos, L'Estrange explicava ao leitor que a passagem em questão “pode servir para justificar os procedimentos deste Reino contra o falecido Rei, que de forma Hostil se propôs a derrubar a Religião, os Paramentos,

⁷³ No original: “able to make it out”; “more in *Discovering* them, then I have *sworn* to do.” L'ESTRANGE, **Truth and Loyalty**, p.26.

⁷⁴ No original: “left at Liberty”; “Constantly, and Malitiously prosecuted the Destruction of the Royal Family.” *Idem*, p.57.

⁷⁵ Examinamos essa questão mais detidamente em: LIMA, “Edição & Censura”.

⁷⁶ L'ESTRANGE, Roger. **The Observer**, n. 340. Londres: Joanna Brome, 1683, fl.1.

as Leis e as Liberdades.”⁷⁷ Na margem direita, grafou a referência à página na qual era possível encontrar a perigosa citação de *A Phenix* e, abaixo, uma manícula, ou índice, amplificava o destaque à crítica de L’Estrange ao texto sedicioso (ver detalhes na *Figura 56*).

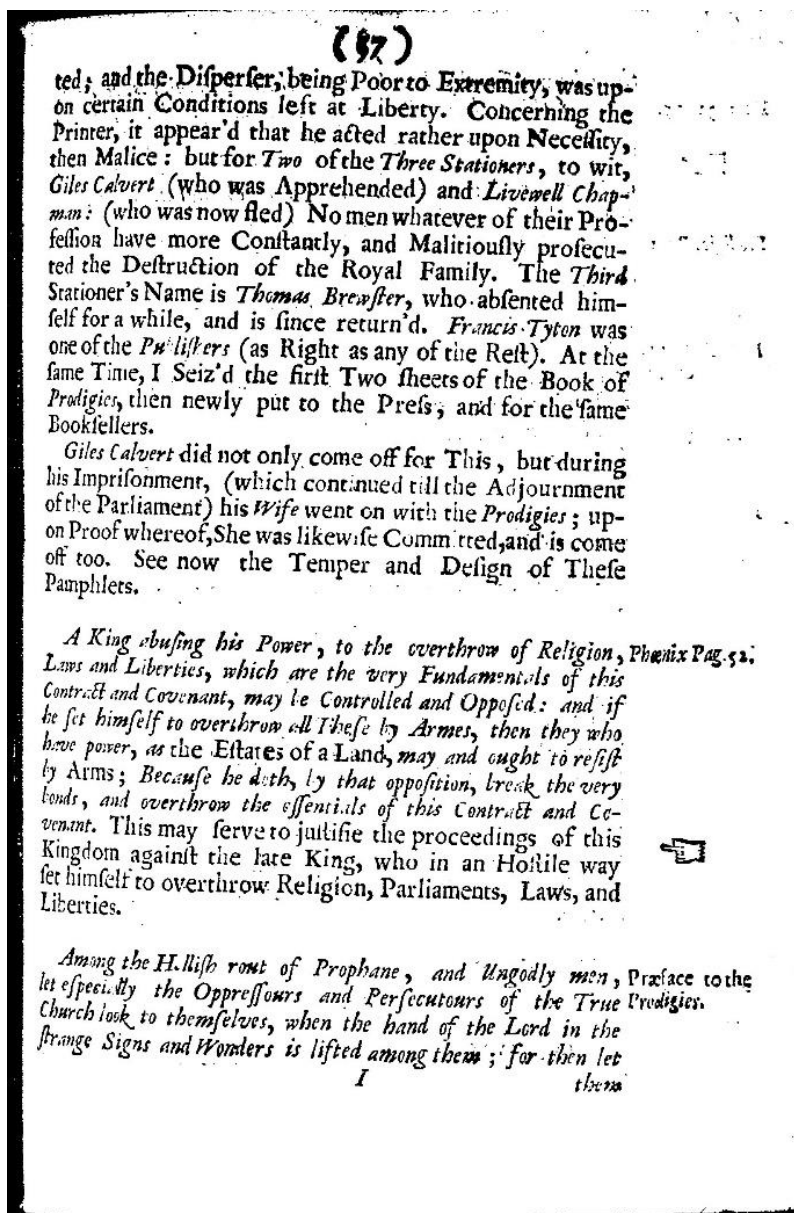


Figura 56: Página de *Truth and Loyalty Vindicated*.⁷⁸

A mobilização desses variados recursos gráficos não era ocasional. Junto a Henry Brome, Roger L’Estrange explorava as potencialidades das prensas para melhor desempenhar seu dever de Inspetor da Impressão. Com as frequentes publicações paralelas às suas próprias atividades

⁷⁷ No original: “may serve to justify the proceedings of this Kingdom against the late King, who in an Hostile way set himself to overthrow Religion, Parliaments, Laws, and Liberties”. *Idem, ibidem*.

⁷⁸ Cambridge University Library via EEBO.

investigativas, o autor-censor construía um robusto aparato para o controle da imprensa. Seus textos se dedicavam a conduzir exames públicos dos abusos cometidos por autores e estacionários. Destrinchando trechos dos panfletos que auxiliava a suprimir, L'Estrange parecia atuar como um carrasco que despedaçava o corpo de vis criminosos. Para além de sua ágil pena, os tipos lhe garantiam as ferramentas para representar o vilipêndio dos textos sediciosos. Tipos itálicos, romanos e góticos se entrecortavam, encenando batalhas nas quais só havia um vencedor possível: o potente polemista e, ao mesmo tempo, rigoroso censor, Roger L'Estrange. As aspas, as manículas, a pontuação e os asteriscos ajudavam a conferir ênfases, marcavam traços de oralidade e, sobretudo, orientavam (ou tentavam orientar) o leitor, demonstrando a todo momento os perigos que espreitavam a paz do reino por meio da agitação da imprensa. L'Estrange reforçava, assim, a sua salutar responsabilidade e efetividade na condução de iniciativas para suprimir a sedição e evitar possível irrupções futuras.

5.2.1. Tumultos e famas

No posicionamento de Roger L'Estrange, a prevenção das sedições e dos tumultos aparecia como um elemento central de seu dever. Em grande medida, ele apoiava essa caracterização da atividade censora no pensamento de Francis Bacon, a quem referenciou com frequência a partir de 1662. Em *A Memento, Directed to All Those That Truly Reverence the Memory of King Charles the Martyr*, publicado em abril daquele ano, por exemplo, o Inspetor citava longamente as reflexões de Bacon acerca “Das Sedições e Desordens”, numa tentativa de explicar as razões pelas quais a monarquia havia sido destituída no contexto revolucionário. Com isso, L'Estrange esperava poder oferecer a Carlos II alguns conselhos para evitar os infortúnios enfrentados por seu pai há duas décadas.

Alguns dos ensinamentos d'*Os Ensaios ou Conselhos Cívicos e Morais* de Bacon pareciam essenciais para alcançar esse intento, por isso, eram mobilizados já nas primeiras páginas de *A Memento*. O primeiro capítulo do texto iniciava apontando que “*A Matéria das Sedições (de acordo com Sir Francis Bacon, cujas palavras e Autoridade eu devo fazer uso frequente nesse pequeno Tratado) é de dois tipos; Muita Pobreza, e muito Descontentamento*”.⁷⁹ Uma variedade de problemas poderia suscitar tanto o empobrecimento, quanto o descontentamento do povo, entre os quais, L'Estrange enumerou as querelas religiosas, os aumentos de impostos e o desrespeito às leis, aos

⁷⁹ No original: “*The Matter of Seditions (according to Sir Francis Bacon, whose words and Authority I shall often make use of in this little Treatise) is of two kinds; Much Poverty, and much Discontentment.*” L'ESTRANGE, Roger. **A Memento, Directed to All Those That Truly Reverence the Memory of King Charles the Martyr and as passionately wish the honour, safety, and happiness of his royall successour, our most gracious sovereign Charles the II: the first part.** Londres: Henry Brome, 1662. p.1.

costumes e aos privilégios do reino. Diante desses transtornos, o povo, por vezes, expressava sua insatisfação por meio de rumores, críticas públicas, atos de desobediência, conspirações e motins. Quando agravadas, essas situações poderiam, inclusive, desembocar em violentos conflitos civis. E nesse ponto, L'Estrange indicava que não era preciso recuperar memórias muito distantes para concordar com Bacon, visto que o recente contexto revolucionário era um exemplo bastante elucidativo.

Avançando, nas passagens seguintes de *A Memento*, L'Estrange ocupava-se de examinar as razões pelas quais as Guerras Civis eclodiram. Em sua opinião, era claro “que os Libelos não são apenas os *Precursores*, mas em um Grau maior, as *Causas* de nossos últimos *Problemas*”.⁸⁰ A afirmação também se ancorava em Bacon. Discussões sobre as relações entre escritos sediciosos e perturbações sociais não eram recentes. Na verdade, L'Estrange e Bacon ecoavam aqui questões já pensadas por Virgílio no século I a.C. O poeta romano havia tratado sobre o assunto, especialmente, entre os versos 173 e 197 do Livro IV da *Eneida*, nos quais relatava como a Fama, aquele “*Monstrum horrendum, ingens*” [“Monstro horrendo ingente”], havia difundido as notícias sobre o ilícito enlace amoroso de Dido e Enéias.⁸¹ Embora não tivesse a força de seus irmãos, os gigantes Céu e Encélado, ágil, a Fama conseguira contagiar as cidades mais rápido do que qualquer doença, informando a todos sobre o episódio tão logo ele se sucedeu. Disso, concluía-se, como observado por Martin Dzelzainis, que os “‘relatos sediciosos’ são sempre subsequentes à ‘ação rebelde’”.⁸²

Em seus primeiros escritos, Bacon havia seguido a lógica de Virgílio, caracterizando a fama, ou a sedição, como uma decorrência do evento desestabilizador da ordem. Não obstante, seus escritos tardios demonstram uma inversão dessa perspectiva. Quando publicou “Das Sedições e Desordens” em 1625, o filósofo afirmou que as famas não eram meras “reliquias de sedições passadas; mas, de fato, são nada mais do que prelúdios de sedições futuras”.⁸³ Com isso, Bacon realocava a ação da fama no tempo e alterava sua própria natureza: de consequência, ela passava a precursora.⁸⁴ Era precisamente por essa razão que, em seus *Ensaio*s, o autor reforçava a necessidade de o príncipe estar sempre atento aos rumores. Nenhum governo deveria se sentir seguro ao constatar descontentamentos frequentes ou aparentemente inexpressivos, pois assim como “nem

⁸⁰ No original: “that Libells were not only the *Forerunners*, but in a high Degree, the *Causes* of our late *Troubles*”. *Idem*, p.5-6.

⁸¹ VIRGÍLIO. *Eneida brasileira, ou, tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro*. Campinas: Unicamp, 2008, p. 149.

⁸² No original: “‘seditious reports’ are always subsequent to ‘rebellious actions.’” DZELZAINIS, “The Feminine part of every Rebellion”, p. 141.

⁸³ No original: “relics of the past; but they are no less indeed the preludes of seditions to come.” BACON, *The History of the Reign*, p. 229; BACON, *Os ensaios*, p. 59.

⁸⁴ DZELZAINIS, “The Feminine part of every Rebellion”.

todo vapor ou fumaça se transforma em uma tempestade; também é verdade que as tempestades, embora possam se dissipar várias vezes, podem finalmente desabar”.⁸⁵

Quando fez tais considerações, Francis Bacon parecia ter em vista os trágicos acontecimentos das guerras de religião na França. Entre 1576 e 1579, o filósofo foi membro da missão diplomática inglesa, acompanhando o embaixador Amias Paulet e observou de perto como a Casa de Guise articulou uma forte propaganda antiprotestante por meio dos púlpitos e das prensas, frustrando os projetos conciliatórios dos *politiques* entre a assembleia dos Estados Gerais. As disputas entre católicos e huguenotes acabaram por arrasar a população e desgastar a monarquia regida pela Casa dos Valois.⁸⁶ Como sugerido por Martin Dzetzainis, “Bacon nunca se esqueceu da forma pela qual os Guise, sem nenhuma das vantagens políticas convencionais, conseguiram, no entanto, desestabilizar a monarquia Valois apenas com seu repertório de ‘práticas aspirantes’.”⁸⁷ A queda de Henrique III, que levou à ascensão da dinastia borbônica, era, assim, uma lição sobre os riscos dos rumores sediciosos.

Partindo das constatações de Francis Bacon, Roger L’Estrange também considerava que a circulação de notícias, panfletos e rumores controversos estava intimamente ligada à irrupção *futura* de rebeliões e desentendimentos. Disso decorria que, se a imprensa se encontrava em estado de agitação no início da década de 1660, era preciso agir com urgência para evitar que os tumultos da década de 1640 se repetissem. Foi exatamente com esse propósito que o autor-censor publicou seu conjunto de propostas para fortalecer os sistemas de fiscalização em junho de 1663. Em *Considerations and Proposals*, ele declarou que a prevenção de uma nova desordem dependia da contenção da agitação do mercado livreiro porque a “*primeira* parte do *Trabalho dos Conspiradores*, é *indispor* o *Povo* com relação à *Pessoa* e ao *Governo* da Sua Majestade”. E os conspiradores, alertava L’Estrange, utilizavam os impressos como os principais veículos para “*Encorajar*, e *Levar* aquelas *Inclinações Sediciosas à Ação*.”⁸⁸

⁸⁵ No original: “every vapour or fume doth not turn into a storm; so it is nevertheless true that storms, though they blow over divers times, yet may fall at last”. BACON, *The History of the Reign*, p. 232; BACON, *Os ensaios*, p. 61–62.

⁸⁶ DZELZAINIS, “The Feminine part of every Rebellion”; PELTONEN, Markku. “Bacon, Francis, Viscount St Alban (1561–1626), lord chancellor, politician, and philosopher”. In: *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-990>>, acessado em 05/08/2022; LINDBERG, *História da Reforma*; MIRANDA, Marcella. *Razão de Estado na Monarquia Hispânica*: os debates dos agentes políticos durante a guerra civil-religiosa francesa (1580-1598). Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

⁸⁷ No original: “Bacon never forgot the way in which the Guise, lacking any of the conventional political advantages, had nevertheless managed to destabilize the Valois monarchy merely with their repertoire of “aspiring practices.” DZELZAINIS, “The Feminine part of every Rebellion”, p. 152.

⁸⁸ No original: “*first* part of the *Conspirators Work*, is to *disaffect* the *People* toward Your Majesties *Person* and *Government*; and their *next Business* is to *Encourage*, and *Carry on* those *Seditious Inclinations* into *Action*.” *Idem, ibidem*.

Na dedicatória que fizera a Carlos II em *Considerations and Proposals*, o autor-censor insistia que o “*Espírito da Hipocrisia, do Escândalo, da Malícia, do Erro, e da Ilusão, que Incitou a Última Rebelião*” ainda estava em voga, agindo “não apenas pelos *mesmos Meios*, mas em muitas das *mesmas Pessoas*, e para os *mesmos Fins*; Isto é, Há um *Acordo*, e um *Plano* contra a Sua *Sagrada Vida, e Dignidade*, que é mantido pelos *mesmos Argumentos, Pretensões, Formas, e Instrumentos*, que *Arruinaram Seu Real, e Abençoado Pai*.”⁸⁹ Embora não citasse Bacon aqui, L’Estrange voltava a alegar que as famas sediciosas preconizavam os tumultos. Elas haviam atentado contra Carlos I, resultando em sua deposição e execução e, agora, como advertia o autor-censor, colocavam a vida e o governo de Carlos II sob aquele mesmo perigo. Interessante notar também as ênfases de L’Estrange ao demarcar em itálicos que os inimigos do reino eram os *mesmos* e agiam da *mesma* maneira de outrora. Estabelecendo uma linha de continuidade entre os conflitos desencadeados na década de 1640 e os atuais desafios da Restauração nos anos 1660, o autor-censor acabava por justificar que o governo também agisse retroativamente. Assim, *Considerations and Proposals* sugeria não apenas a supressão de textos controversos do presente, mas o combate a obras que, no passado, haviam causado danos. L’Estrange alegava, assim, a necessidade de penalizar estacionários que colaboraram para a emissão de tais obras agora e outrora.

O *index* de impressos perigosos incluído em *Considerations and Proposals* ressalta a preocupação de L’Estrange tanto com as sedições passadas e presentes, quanto com suas possíveis consequências futuras. A lista incluía os recentes panfletos dos Estacionários Confederados, como *A Phenix* e *Mirabilis Annus*, mas também se debruçava sobre *The Tenure of Kings and Magistrates* de John Milton, publicado pela primeira vez em 1649. O que seu inventário demonstrava era que as leis e os dispositivos até então implementados para fiscalizar o mercado livreiro não tinham sido capazes de conter uma ameaça que se fazia contínua. E, na opinião de Roger L’Estrange, a culpa era da Companhia dos Estacionários. Em *Considerations and Proposals*, o autor-censor fortalecia a alegação que fizera em diversos de seus panfletos: a corporação de ofícios não tinha qualquer compromisso com a manutenção da ordem e da estabilidade do reino. A preocupação dos estacionários era com o seu negócio e, portanto, tinha caráter pecuniário e não moral. Sempre que possível, interpretava L’Estrange, a Companhia protegeria seus membros, ignorando quando falhavam em adquirir licenças e registros, ou, mais grave, quando produziam e dispersavam material sedicioso. Assim, para além de defender a adoção de rigorosas penas para transgressões cometidas por autores, impressores, livreiros, vendedores ambulantes e mesmo leitores de textos

⁸⁹ No original: “*Spirit of Hypocrisie, Scandal, Malice, Errour, and Illusion, that Actuated the Late Rebellion*”; “not only by the *same Means*, but in vary many of the *same Persons*, and to the *same Ends*; That is, There is a *Combination*, and *Design* against Your *Sacred Life, and Dignity*, which is carryed on by the *same Arguments, Pretenses, Wayes, and Instruments*, that *Ruin’d Your Royal, and Blessed Father*. L’ESTRANGE, **Considerations and Proposals**, fl.2v.

controversos, L'Estrange avidamente sustentava a necessidade de estabelecer um cargo autônomo e com amplos poderes para inspecionar as atividades dos estacionários. Visto que considerava a si mesmo como detentor de “um *Dever* para com *Deus*, e meu *Soberano*”, L'Estrange voluntariava-se para assumir o trabalho de conter as sedições e, assim, evitar os tumultos.⁹⁰ Sua posição, esperava, resultaria na prosperidade do reino.

Roger L'Estrange fora convincente não apenas por sua retórica incisiva, mas pela sua bem-sucedida campanha de investigação e identificação de circuitos clandestinos para a produção e a disseminação de obras ilegais. Tomando grandes proporções, o caso contra os Estacionários Confederados, sem dúvidas, lhe conferiu notoriedade como hábil censor. Não é de se estranhar, portanto, que logo depois de sua nomeação para ocupar o recém-criado cargo de Inspetor da Imprensa em agosto de 1663, L'Estrange tenha coroado sua ascensão com um processo judiciário contra os Confederados.⁹¹

5.3. O caso exemplar

Como vimos discutindo ao longo da tese, a perseguição mais sistemática às atividades dos Estacionários Confederados teve início em junho de 1661, quando Roger L'Estrange chegou à oficina tipográfica de Thomas Creak e começou a colher informações sobre a publicação de *A Phenix* e *Mirabilis Annus*. No entanto, foi somente a partir do final de 1663, que as autoridades começaram a encaminhar o caso para um julgamento formal. Até então, uma série de inspeções, prisões e apreensões haviam ocorrido, mas nenhum estacionário tinha sido levado ao tribunal desde o retorno do rei. Na segunda quinzena de setembro de 1663, uma carta do censor ao Secretário de Estado, mostrava sua inclinação a tomar diferentes providências para lidar com infratores como Thomas Brewster, que, apesar das constantes detenções, ainda continuavam a exercer importantes papéis no mercado clandestino de textos sediciosos. Na correspondência, L'Estrange pedia que Williamson lhe ajudasse a, de fato, colocar “um fim na presente Importunação” à imprensa.⁹²

A documentação é fragmentada e, infelizmente, não é possível recuperar todos os passos tomados a seguir, mas há indícios de que Roger L'Estrange e os Secretários de Estado, sobretudo Williamson, conduziram intrincadas redes de espionagem por todo o reino. Provavelmente foram as informações obtidas por meio de seus vários informantes que levaram L'Estrange à porta da oficina de encadernação de Nathan Brooks no início de outubro de 1663. O encadernador tentou

⁹⁰ No original: “a *Duty* which I owe both to *God*, and to my *Sovereign*.” *Idem*, fl.3.

⁹¹ PRO SP29/78/182.

⁹² No original: put um end to *the present* Importunity”. PRO SP29/80/132.

evitar a entrada do censor, mas não conseguiu. L'Estrange, então, passou a vistoriar o estabelecimento, onde encontrou cópias de *The Speeches and Prayers* e “outros Tratados Cismáticos”. Diante da descoberta, o Inspetor decidiu que também poderia ser útil examinar o restante da vizinhança, já que Brooks detinha outras propriedades na região de Moorfields. Ao adentrar o segundo andar de uma casa próxima, alugada pelo encadernador ao ferreiro Thomazin Mercer, L'Estrange se deparou com uma fogueira na qual centenas de panfletos sediciosos estavam sendo incinerados. Entre os papéis, havia exemplares de *The Speeches and Prayers*; gravuras do busto de Henry Vane; bem como recibos manuscritos acerca dos trabalhos prestados por Nathan Brooks. Rapidamente, os oficiais inquiriram Mercer e sua esposa acerca do material comprometedor. O casal respondeu que as folhas impressas haviam sido lá depositadas para que Brooks as costurasse depois.⁹³

Embora não tenhamos encontrado relatórios sobre possíveis depoimentos prestados por Brooks na ocasião, é provável que ele tenha fornecido alguma informação às autoridades, pois, cerca de uma semana após sua prisão, L'Estrange solicitou a companhia de dois mensageiros do rei, John Wickham e do Sr. Dickeson, e de uma testemunha, o impressor Thomas Mabb para visitar a casa de John Twyn. A equipe chegou à oficina tipográfica em Cloth Fair, no norte da cidade de Londres, ainda de madrugada. Denúncias sugeriam que Twyn vinha trabalhando em horários atípicos com frequência, operando suas prensas durante a noite e a madrugada. Tentando pegar o impressor em flagrante, o Inspetor compareceu à sua casa às 5 horas da manhã. Antes de bater à porta, ouviu o som das prensas operando vigorosamente. Mas assim que chamou por Twyn, houve silêncio. As luzes, que estavam acesas quando a comitiva chegou, se apagaram antes que a porta fosse aberta.⁹⁴

John Twyn e seus dois aprendizes, Symon Walton e Joseph Walker, tentaram se desvencilhar da situação comprometedor na qual se encontravam. Assim que ouviram alguém à porta, esconderam os papéis e desmontaram as formas. Walton fugiu pela porta dos fundos, provavelmente correndo para avisar Elizabeth Calvert sobre a inesperada visita de Roger L'Estrange. Talvez o aprendiz tenha conseguido escapar com o manuscrito do texto que estavam imprimindo naquela madrugada, pois, em duas horas de inspeção, L'Estrange não conseguiu encontrá-lo. Não obstante, os censores ainda tinham muitas provas a recolher. No desespero do momento, as formas não foram completamente desfeitas, assim, foi possível compará-las com trechos das folhas ainda molhadas pela tinta. O Inspetor logo viu que os papéis eram bastante perigosos. Exibindo o título *A Treatise of the Execution of Justice*, o panfleto incompleto argumentava

⁹³ **An exact narrative.**

⁹⁴ *Idem.*

sobre o direito de o povo se rebelar contra Carlos II, acusado de tirania. Quando inquirido sobre a origem do texto, inicialmente, Twyn evitou responder, mas finalmente acabou cedendo às pressões das autoridades. Informou que recebera o manuscrito das mãos da criada de Elizabeth Calvert, Elizabeth Evans, portanto, nunca havia tido contato com o autor daquela “coisa audaciosa”, mas julgava que, pelas palavras, devia se tratar de “um homem impetuoso.”⁹⁵

Vendo algumas folhas corrigidas à mão, Roger L’Estrange perguntou a John Twyn sobre quem havia feito a composição das formas e a revisão das provas. O impressor lhe respondeu que não trabalhava com mais ninguém além de seus aprendizes. O censor, então, tratou Twyn como o principal responsável pela obra. O impressor foi levado à casa de um guarda em Smithfield, onde continuou a ser examinado pelo censor. Twyn passou a noite sob custódia e, no dia seguinte, um mandado para a sua prisão em Gatehouse foi emitido. Com base em seu primeiro depoimento, as autoridades também fizeram buscas na casa de Elizabeth Calvert, mas não encontraram a livreira, nem sua criada. Levaram presos seu filho mais velho, Nathaniel Calvert, e o aprendiz Mathias Stevenson.⁹⁶

No dia 9 de outubro, Twyn foi examinado uma segunda vez. Na ocasião, declarou que havia impresso duas das três folhas que recebera como encomenda. Mil cópias já confeccionadas foram entregues a Elizabeth Evans num armazém sob o signo da Rosa (Rose) em Smithfield. No mesmo dia, as autoridades emitiram um mandado de prisão para quem quer que administrasse o armazém. Nenhum nome foi indicado, mas documentos subsequentes sugerem que se tratava da viúva Elizabeth Ward. Em uma petição por liberdade, a mulher pedia para que não fosse punida pelos crimes de sua filha, Sarah Keat, que havia sido seduzida pelos quakers para guardar cópias de um texto sedicioso em seu armazém. O local foi vasculhado por L’Estrange e pelos mensageiros do rei. Diversos papéis foram apreendidos e Elizabeth Ward foi mantida na cadeia mesmo depois de ter pagado onerosas multas.⁹⁷

No dia seguinte, Roger L’Estrange visitou John Twyn na prisão. É impossível recuperar o conteúdo da conversa que tiveram, mas é provável que o censor tenha confrontado o impressor a fim de obter mais informações sobre o circuito de produção clandestina de *A Treatise*. É provável que algo tenha sido obtido desse encontro, já que, até o final de outubro, diversos dos Estacionários Confederados foram perseguidos. No dia 12, uma carta do prefeito de Bristol, John Knigh, informava sobre uma inspeção na casa de Richard Moone, ocasião na qual confiscou cópias das duas partes de *Mirabilis Annus Secundus* e cartas trocadas com Thomas Brewster. Embora a

⁹⁵ No original: “mettlesome stuff”; “a hot fiery man”. *Idem*, p.20.

⁹⁶ *Idem*, PRO SP29/81/81; SP44/15/200.

⁹⁷ PRO SP29/81/81; SP44/15/202, 274; SP29/84/83.

correspondência estivesse parcialmente cifrada, as autoridades conseguiram identificar que Elizabeth Calvert e Thomas Brewster recorrentemente enviavam panfletos controversos para Moone.⁹⁸ Localizado numa cidade portuária estratégica, Moone possivelmente ajudava a infiltrar os textos nas mais variadas partes do reino, sobretudo, nas regiões de Gales e da Irlanda.⁹⁹

Novos mandados para a captura de Elizabeth Calvert foram ordenados na mesma data, mas a livreira não foi encontrada. Também foi decretada a detenção de uma série de agentes do mercado livreiro, entre eles um servo e um aprendiz de Simon Dover, respectivamente, John Gaines e Thomas Adlington.¹⁰⁰ Provavelmente, essas prisões marcaram os novos sucessos de L'Estrange. Sabe-se que foi no meio de outubro que o censor rastreou algumas das atividades de Simon Dover. O impressor já havia sido citado nas investigações sobre *A Phenix* e *Mirabilis Annus* em 1661, mas nenhum procedimento parece ter sido tomado contra ele até o final de 1663, quando Roger L'Estrange inspecionou a sua oficina. Na ocasião, o censor encontrou na casa de Dover cópias de *The Panther-Prophecy* e, no bolso do impressor, “o Libelo que foi lançado para cima e para baixo pela Cidade, chamado *Murder will out*, já impresso.”¹⁰¹

As autoridades já haviam confiscado um exemplar de *Murder Will Out* em meados de agosto por seu conteúdo controverso.¹⁰² O texto acusava a família Stuart de traição contra a Inglaterra. Segundo o panfleto, diversos documentos comprovavam que Carlos I e Henriqueta Maria haviam estabelecido alianças corruptas com o segundo marquês de Antrim, Randal McDonnell, para conter os distúrbios sociais que eclodiam na Escócia nos anos 1630. O tom alarmante de *Murder Will Out* não era novo, pois Carlos I já havia causado escândalo ao planejar um ataque contra seus súditos protestantes na Escócia, com o auxílio de um católico irlandês como McDonnell. Os rumores sobre um complô papista ganharam força na década seguinte, com a eclosão da insurreição na Irlanda, pois Antrim ficou em Dublin, inicialmente, servindo como um intermediário nas negociações entre os rebeldes e a coroa. Mas, com o decorrer das Guerras Cívicas, o marquês acabou mudando de posição, contrariando os regalistas e se aproximando, sobretudo, das forças de Oliver Cromwell. Apesar de ter sido preso no início da Restauração, McDonnell conseguiu ser inocentado graças às suas boas relações com membros da corte Stuart. Seu perdão também se deveu às pressões exercidas pelos seus credores, que ansiavam por receber seus pagamentos tão logo o endividado marquês recobrasse suas posses. A absolvição de Antrim reacendeu os rumores sobre um complô papista, sugerindo o envolvimento de toda a família real em um projeto para submeter os

⁹⁸ PRO SP44/15/202; SP29/81/133, 135, 137, 139, 141.

⁹⁹ HÉTET, **A literary underground**.

¹⁰⁰ PRO SP44/15/204, 206.

¹⁰¹ No original: “the Libel that was thrown up and down the Town, called, *Murder will out*, ready printed.” **An exact narrative**, p.61.

¹⁰² PRO SP 63/345/276.

protestantes ao controle Roma.¹⁰³ Impresso clandestinamente *Murder Will Out* denunciava já em sua folha de rosto que Carlos II havia justificado as ações do marquês, “declarando que tudo o que ele fez na *Rebelião Irlandesa*, foi por orientação de seu *Pai* e sua *Mãe Reais*, e para o Serviço da Coroa.¹⁰⁴

As investigações não indicam se Simon Dover era suspeito de ter confeccionado *Murder Will Out*. Não obstante, o fato de ter uma cópia consigo já sinalizava suas simpatias por ideias sediciosas. Justificava-se, portanto, a execução de uma diligente investigação em sua oficina tipográfica. Ao prosseguir seu exame, Roger L’Estrange aproveitou para comparar as fontes impressas nas folhas de *The Panther-Prophesy*, com os tipos disponíveis no estabelecimento. O censor concluiu que um ornamento floreado, usado na folha de rosto do panfleto, bem como algumas das letras dispostas nas caixas alta e baixa provinham dos materiais tipográficos de Dover.¹⁰⁵

Munido de provas materiais coletadas nas casas de Twyn e Dover, L’Estrange pareceu confiante para avançar em sua caçada aos Estacionários Confederados. Nos próximos dias de outubro, o censor conseguiu que o Secretário de Estado lhe fornecesse mandados para a busca de uma série de sujeitos relacionados ao mercado livreiro: um estacionário de nome Francis Diester; o aprendiz de Francis Smith, Joseph Doe (e possivelmente seu mestre também)¹⁰⁶; Elizabeth Calvert e sua criada Elizabeth Evans; o encadernador Hugh Perry e seu aprendiz Thomas Loft; William Fullwood, cuja ocupação não foi identificada; George Thresher; o Leveller Richard Overton, que há muito operava prensas clandestinas; e uma certa pessoa de sobrenome Mimpres.¹⁰⁷ Empenhado em desfazer “Aquele Nó”¹⁰⁸ que unia a sediciosa confederação de estacionários, L’Estrange tentava fechar o cerco, detendo qualquer um que estivesse envolvido com as publicações ilícitas ou que tivesse informações sobre sua produção e distribuição. Não há como recuperar o que cada um desses personagens informou ou não às autoridades, mas, decerto, essa onda de prisões e exames forneceu aos censores elementos consideravelmente sólidos para moverem um processo jurídico exemplar contra os Estacionários Confederados.

¹⁰³ OHLMEYER, Jane. "MacDonnell, Randal, marquess of Antrim (1609–1683), politician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-17462>>, acessado 18/08/2022.

¹⁰⁴ No original: “declaring that what he did in the *Irish Rebellion*, was by direction from his *Royal Father* and *Mother*, and for the Service of the Crown.” **Murder will out, or the king’s letter, justifying the Marquess of Antrim**. [Londres:] s. n., 1663, fl.1.

¹⁰⁵ **An exact narrative**.

¹⁰⁶ Há dois mandados para captura de um certo “Smith” em 14 de outubro. Como o sobrenome é bastante comum, não podemos assegurar que se referia, de fato, a Francis Smith. Contudo, o mandado para seu aprendiz poucos dias depois, em 22 de outubro, pode sugerir que o livreiro estivesse em problemas com as autoridades também. PRO SP44/15/204, 206; SP44/15/220.

¹⁰⁷ PRO SP44/15/220, 224.

¹⁰⁸ No original: “That Knot”. L’ESTRANGE, **Considerations and proposals**, p.6.

5.3.1. Julgamentos e sentenças

Durante os meses seguintes, as autoridades montaram as peças de acusação contra John Twyn, Simon Dover, Thomas Brewster e Nathan Brooks para, em fevereiro de 1664, levarem-lhes a julgamento no tribunal de Old Bailey. Embora não seja possível recuperar esse processo como um todo, a transcrição dos dias das audiências, os jornais de Roger L'Estrange e os documentos dos *State Papers* fornecem possibilidades de acompanhar e entender alguns dos movimentos realizados pelos censores e juristas na construção do caso contra os Estacionários Confederados.

A natureza coletiva das atividades do mercado livreiro certamente era um fator de complicação para as autoridades. E, como visto até aqui, a impressão e a dispersão dos diversos panfletos suprimidos pelo regime de Carlos II ocorreram graças à amplitude das conexões entre os estacionários. Como L'Estrange observava em seus textos acusatórios, mesmo impressores e livreiros que exerciam posições de prestígio junto ao governo ou à Companhia dos Estacionários haviam tido alguma participação nas atividades ilícitas. A lista de nomes delatados por Thomas Creake e George Thresher na altura de suas prisões em junho de 1661 mencionava o interesse de sujeitos como Francis Tyton, impressor da Câmara dos Lordes, em adquirir as publicações sediciosas para comercializar em seus estabelecimentos, afinal, o mercado clandestino era bastante lucrativo.¹⁰⁹ A extensão das redes de produção e distribuição era vasta demais para que todos os seus agentes fossem processados e punidos. Por conseguinte, era preciso eleger réus exemplares, cujos casos servissem como alerta à toda comunidade envolvida na circulação de textos impressos.

Entre o final de 1663 e o início de 1664, grande parte dos Estacionários Confederados já estava sob custódia. As prisões, multas, queimas de textos e apreensões de materiais realizadas pelas autoridades, contudo, não solucionavam de forma satisfatória as novas pretensões do Estado com relação ao controle da imprensa. Um julgamento, com sua natureza pública, oferecia uma oportunidade de demonstração do poder da monarquia de Carlos II, bem como de sua declaração oficial contra a emissão e dispersão de livros e panfletos que atacavam a autoridade de seu governo e de sua igreja.¹¹⁰ Não obstante, essa “publicidade” precisava ser bem estruturada para não fornecer à oposição argumentos que permitissem acusar as autoridades de arbitrariedade e crueldade. Num período de reforço das perseguições aos dissidentes religiosos depois da promulgação da Lei de Uniformidade e de frequentes execuções públicas, com a punição dos regicidas e de Sir Henry Vane, Carlos II precisava evitar a caracterização de soberano vingativo e intolerante. Para isso, as

¹⁰⁹ PRO SP29/38/121a; HETET, *A literary underground*; DARNTON, *Edição e sedição*.

¹¹⁰ COWAN; SOWERBY (orgs.), *The State Trials*.

autoridades escolheram levar à corte de Old Bailey apenas os Confederados contra quem parecia haver provas contundentes, que justificavam a adoção de procedimentos rigorosos. Mais do que sustentar sua participação na impressão, publicação e distribuição de panfletos oposicionistas, a peça acusatória precisava comprovar que os réus haviam agido com malícia, isto é, que deliberadamente atentaram contra o governo. Ainda que fosse mais fácil rastrear atividades ilícitas de estacionários do que de autores, pois os primeiros deixavam evidências materiais de suas ações; era mais difícil provar que tiveram a intenção de publicar uma obra contra o governo. Ao passo que a culpa de um autor poderia ser atribuída ao identificá-lo como a origem de um discurso controverso; a responsabilidade de impressores, livreiros e encadernadores sobre os conteúdos das obras poderia ser menos evidente.¹¹¹

Diferentemente dos escritores, os estacionários sempre podiam alegar algum grau de ignorância acerca do teor dos panfletos e livros com os quais trabalhavam. Com frequência, Thomas Brewster, John Twyn, Simon Dover e Nathan Brooks explicaram à corte de Old Bailey que não costumavam ler “o que colocamos para Imprimir ou Vender”.¹¹² Numa tentativa de esvaziar suas funções de um sentido discursivo, os réus descreviam suas atividades de forma mecânica e comercial. Em outras palavras, eles sugeriam que operavam prensas, costuravam folhas, vendiam textos, mas não se responsabilizavam por nenhuma palavra ofensiva expressa nas páginas de suas obras. As autoridades necessitavam, assim, de múltiplos indícios para justificar a tomada de ação contra os Confederados. Foi nesse ponto que a seleção dos réus parece ter se fundamentado. Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman foram recorrentemente nomeados como os principais responsáveis pelas publicações ilícitas do contexto da Restauração e, certamente, eram alguns dos alvos de Roger L’Estrange. Calvert, contudo, havia falecido em agosto de 1663, enquanto Chapman parecia estar com a saúde muito debilitada. Em janeiro de 1664, Hannah Chapman peticionara para o Secretário de Estado a fim de conseguir autorização para ter livre acesso ao seu marido, visando auxiliar em sua melhora. Ela o viu em Gatehouse junto com Christopher Chapman, cujo parentesco com Livewell não foi esclarecido. Talvez o livreiro estivesse abatido demais para ser levado ao banco dos réus, por isso tenha sido poupado da situação. Permaneceu na cadeia, contudo, onde também foi visitado por L’Estrange, em uma provável tentativa de obter mais informações sobre a confederação sediciosa.¹¹³ Embora tenha sido escusado do julgamento, a pena de Chapman parece ter sido agravada depois de fevereiro de 1664.

¹¹¹ Ver., entre outros: FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2009; LOEWENSTEIN, Joseph F. "Legal Proofs and Corrected Readings: Press-Agency and the New Bibliography". In: MILLER, David; O'DAIR, Sharon; WEBER, Harold (orgs.). **The Production of English Renaissance Culture**, Ithaca: Cornell University Library, 1994; GREENE, **The Trouble with Ownership**.

¹¹² No original: “what we put to Print or Sell”. **An exact narrative**, p.44.

¹¹³ PRO SP29/90/25; SP44/16/1, 61.

Detido desde dezembro de 1663 em Gatehouse, o livreiro foi transferido para a distante e isolada prisão de Scarborough Castle, para evitar qualquer possibilidade de fuga.¹¹⁴ Restavam, então, Thomas Brewster, John Twyn, Simon Dover e Nathan Brooks para serem indiciados. Nas buscas conduzidas por Roger L'Estrange, haviam sido apreendidas provas materiais contra os quatro homens, as quais poderiam (e seriam) apresentadas durante o julgamento, garantindo bases relativamente sólidas para o desenvolvimento de um caso exemplar e amplamente publicizado pelas autoridades.

Os procedimentos jurídicos tiveram início no dia 20 de fevereiro com a convocação de John Twyn para se sentar no banco dos réus. A transcrição dos julgamentos transparece a inaptidão do impressor para lidar com a situação. Quando perguntado sobre como se declarava, Twyn tentou apelar para a misericórdia da audiência, dizendo-se um homem pobre, encarcerado já há muito tempo. Impacientes, as autoridades presentes o constrangeram a responder o que lhe foi perguntado. O impressor disse ser inocente dos crimes dos quais era acusado, mas expressava seu desconhecimento sobre o caso como um todo. Ele não havia recebido aconselhamento jurídico, pois enfrentava uma acusação de traição, e o processo estava em latim, o que lhe impedia de compreender a natureza do problema que enfrentava. Frente a um júri composto por 12 homens, quase metade deles de membros da Companhia dos Estacionários, Twyn tentou se esquivar das acusações. O caso contra ele, contudo, se mostrava cuidadosamente arquitetado. O impressor havia incorrido em traição ao imprimir *A Treatise*, que sugeria a deposição e execução de Carlos II. De acordo com as autoridades, o texto havia sido confeccionado no início do outubro para ser distribuído entre rebeldes no norte da Inglaterra. De acordo com o promotor William Morton, a publicação do panfleto era grave porque:

Esse livro, Senhores, contém uma grande quantidade de Escândalos acerca do Governo do Rei, dispersando Rumores Falsos e Baixos, para prejudicá-lo. Há uma decisão em meu Lord *Cooke*, que a dispersão de Rumores falsos e malignos contra o Rei e o Governo; e que Calúnias sobre a Justiça do Reino; são precursores da Rebelião.¹¹⁵

Embora se ancorasse nos preceitos de Edward Coke para tratar dos *libellis famosis* no início do século XVII, Morton repetia em seu argumento uma formulação muito próxima daquela redigida por Francis Bacon em suas reflexões acerca “Das Sedições e Desordens” e recuperada

¹¹⁴ PRO SP29/95/100; SP44/16, 87.

¹¹⁵ No original: “This Book, Gentlemen, doth contain a great deal of Scandal upon the Kings Government, dispersing False and Base Rumours, to the prejudice of it. It is a rule in my Lord *Cooke*, that the dispersing of false and evil Rumours against the King and Government; and Libels upon Justices of the Kingdom; they are the forerunners of Rebellion.” **An exact narrative**, p.12.

pelos recentes panfletos de Roger L'Estrange. *A Treatise* devia ser tratado como um sinal de uma revolta futura, da qual John Twyn era uma peça fundamental. Ele ajudava na dispersão dos rumores sediciosos, numa tentativa de instigar o povo contra o governo. Mas Twyn negava essa responsabilidade. O impressor argumentava jamais ter lido uma linha sequer do panfleto. Sua resposta foi ignorada pela corte, afinal, seria impossível para Twyn compor as folhas do texto sem ter lido as palavras do manuscrito que recebeu. Twyn também afirmava desconhecer o autor daquelas palavras, mas havia declarado em depoimentos anteriores que a encomenda da impressão fora feita por Elizabeth Calvert.¹¹⁶

A viúva, que já estava presa na época do julgamento, não foi levada ao tribunal.¹¹⁷ Provavelmente, as autoridades consideravam que sua presença seria irrelevante ou mesmo prejudicial ao desenvolvimento do caso contra Twyn. Conforme explicado por Barbara Hanawalt, “as cortes tratavam as mulheres de forma mais branda. Menos mulheres do que homens são presas e, mesmo quando elas são levadas aos tribunais, elas são mais propensas a serem absolvidas.”¹¹⁸ Os nomes de Elizabeth Calvert, bem como o de sua criada Elizabeth Evans, apenas foram mencionados no julgamento de Twyn enquanto provas do crime cometido pelo impressor. Havia evidências de que Evans entrara em contato com Twyn a mando de Calvert, entregando-lhe o manuscrito que serviria como matriz, recebendo parte do trabalho já confeccionado pelo impressor e pagando-lhe por seus serviços. Não obstante, Elizabeth Calvert não foi julgada por nenhuma dessas atividades. Permanecendo em silêncio durante os exames aos quais foi submetida pelas autoridades, a livreira escapou (conscientemente ou não) devido à sua condição de gênero. Tratada como uma “outsider”¹¹⁹ no espaço público pelas exclusões sociais, econômicas e legais perpetradas pela estrutura patriarcal, Elizabeth Calvert também acabou evitando constrangimentos mais graves e, sobretudo, mais públicos. Sem passar por qualquer julgamento, permaneceu na cadeia até abril de 1664.¹²⁰

Sem a *couverture* de seu falecido marido, Elizabeth Calvert não se tornou um agente plenamente imputável do crime de traição. Suas atividades, contudo, serviam de base para confirmar a culpa de outro homem, John Twyn. Independentemente de o impressor ter

¹¹⁶ **An exact narrative.**

¹¹⁷ PRO SP29/95/100.

¹¹⁸ No original: “the courts treated women more leniently. Fewer women than men are arrested and, even when they are brought into courts, they are more likely to be acquitted.” HANAWALT, Barbara A. “The Female Felon in Fourteenth- Century England”. In: STUARD, Susan Mosher (org.). **Women in Medieval Society**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1976, p. 128.

¹¹⁹ Apoiamos-nos aqui na definição dada por Barbara Todd ao tratamento dispensado a mulheres inglesas na Inglaterra seiscentista. TODD, Barbara J. “Property and a Woman’s Place in Restoration London”. **Women’s History Review**, v. 19, n. 2, p. 181–200, 2010, p. 182.

¹²⁰ PRO SP44/16/95; BELL, “Elizabeth Calvert and the ‘Confederates’”.

desempenhado a tarefa a pedido da livreira, que comissionou a publicação de *A Treatise*, a corte reunida em Old Bailey considerou Twyn como o principal autor do panfleto. A decisão seguia a recomendação das leis promulgadas no início do governo de Carlos II e das propostas de Roger L'Estrange para fortalecer o sistema de controle. Mas, mais do que isso, o veredicto se sustentava na descoberta de evidências materiais contra o impressor: as folhas corrigidas que foram apreendidas por L'Estrange em outubro de 1663. Na ausência de um autor, as páginas anotadas à mão pelo impressor constituíam o maior registro de sua aquiescência com o conteúdo de *A Treatise*. Elas comprovavam que mais do que ter lido o manuscrito fornecido por Elizabeth Calvert, Twyn entendeu o seu sentido o suficiente para emendá-lo e apresentá-lo de forma mais adequada ao público. No seu fazer cotidiano, Twyn deveria, como mais tarde seria explicado por Joseph Moxon em seu manual das artes tipográficas, “tornar o sentido de seu *Autor* inteligível ao *Leitor*”.¹²¹ Mas aos olhos dos censores, sua operação o transformava no principal agente que subsidiou a existência concreta das ideias que sustentavam o direito de resistência à tirania e da legitimidade do tiranicídio. Ao encontrar uma maneira de “melhor acomodar o Gênio do *Autor*, e também a capacidade do *Leitor*”¹²², Twyn tornava-se ele mesmo um autor.¹²³

Por sua ofensa e responsabilidade, Twyn recebeu a mais violenta punição possível. Foi sentenciado à execução por alta traição. A pena, contudo, seria aplicada dali a quatro dias.¹²⁴ Nesse ínterim, a corte não se dissolveu, mas voltou a atenção para os demais Estacionários Confederados. Os mesmos advogados, juiz e júri se reuniram no dia 22 de fevereiro para prosseguir com os casos contra Simon Dover, Thomas Brewster e Nathan Brooks. Sendo assim, ainda que os processos tivessem bases distintas – sendo Twyn culpado de traição, enquanto os três outros réus enfrentaram acusações de *seditionous libel* –, os casos estiveram intimamente relacionados. Diante de um violento suplício público agendado para os próximos dias, todos os agentes presentes em Old Bailey tinham um motivo para preocupação. Dover, Brewster e Brooks certamente temiam ter o mesmo fim de seu colega impressor; enquanto as autoridades precisavam ponderar sobre a justa medida das punições seguintes. Essa questão seria expressa, posteriormente, no prefácio anônimo (mas provavelmente redigido por Roger L'Estrange) anexado à publicação da transcrição dos

¹²¹ No original: “to make the meaning of his *Author* intelligent to the *Reader*”. MOXON, Joseph. **Mechanick Exercises: or the doctrine of handy works. Applied to the art of printing. The second volume.** Londres: Joseph Moxon, 1683, p.220.

¹²² No original: “the better sympathize with the *Authors* Genius, and also with the capacity of the *Reader*. *Idem, ibidem*.”

¹²³ **An exact narrative**; LOEWENSTEIN, “Legal Proofs and Corrected Readings”; GREENE, **The Trouble with Ownership**; EGAN, Grace; JOHNSTON, Colin. “Serving the turn’: collaboration and proof in illegal hand-press period books”. **Ilha do Desterro**, v. 71, n. 2, p. 129–152, 2018.

¹²⁴ L'ESTRANGE, Roger. **The Newes, Published for Satisfaction and Information of the People. With Privilege**, n.34. Londres: Richard Hodgkinson, 1663 [1664].

juízos: “das *Quatro Vidas* confiscadas pela *Lei*, a incomparável Clemência do Rei levaria apenas *Uma*”.¹²⁵

Era claro que as autoridades precisavam evitar serem responsabilizadas por um injusto banho de sangue, mas para garantirem uma punição exemplar, precisaram recorrer a artifícios diversos. Apesar de os Estacionários Confederados terem se envolvido com múltiplas publicações ilícitas ao longo dos anos 1660, o processo judicial se restringiu apenas às publicações de *The Speeches and Prayers* (1660) e *A Phenix* (1661). Ambas datavam de antes da promulgação do Ato para Regulamentação da Imprensa (1662) e, portanto, poderiam ser enquadradas como felonias, traições ou libelos sediciosos. A última opção foi adotada porque não tinha como retribuição nenhum tipo de pena capital, mas oferecia a possibilidade de organização de um espetáculo público no pelourinho. Os demais panfletos pelos quais eram responsáveis, os quais também foram citados ao longo do julgamento, como *The Panther-Prophesy* (1663), eram ofensas enquadradas no Ato para a Regulamentação da Imprensa, mas não previam penas exemplares. Bastavam as prisões, as multas e as apreensões de materiais; ações essas que não desempenhavam a função simbólica do vilipêndio dos corpos dos estacionários em praça pública.

Como no julgamento de John Twyn, as peças de acusação se basearam nas tentativas de comprovar as intenções maliciosas de Simon Dover, Thomas Brewster e Nathan Brooks. Por essa razão, as autoridades se concentraram nos indícios de que os três estacionários sabiam dos conteúdos controversos dos panfletos e deliberadamente adotaram estratégias clandestinas para assegurar sua impressão e disseminação pela Inglaterra. O primeiro réu chamado ao banco foi Thomas Brewster. Thomas Creak testemunhou contra o livreiro, lembrando a ocasião em que recebeu as encomendas de *The Speeches and Prayers* e *A Phenix* de Brewster, Calvert e Chapman. A promotoria aproveitou o depoimento do impressor para ressaltar que os pedidos foram feitos com discrição. Creak, sendo um pobre impressor, vira-se forçado a aceitar o trabalho, mesmo que suspeitasse de seu perigo. E, frente às autoridades, dispunha-se a incriminar seu antigo parceiro comercial. O impressor também dava detalhes sobre a participação de Simon Dover na confecção de partes de *The Speeches and Prayers* e sobre os pagamentos que recebera de Calvert e Brewster. Outra testemunha fundamental, George Thresher, reforçou as conexões entre Brewster, Dover e Brooks, descrevendo seu papel de encadernador como o de um mediador entre os demais agentes da confederação. Thresher havia recebido folhas impressas de Brewster, Creak e Dover, costurado os panfletos e, por fim, entregado o produto a Brewster e Brooks para que o comercializassem.¹²⁶

¹²⁵ No original: “of *Four Lives* forfeited to the *Law*, the Kings incomparable Clemency would take but *One*”. **An exact narrative**, fl.2.

¹²⁶ *Idem*.

O ex-aprendiz de Thomas Brewster, Peter Bodvell, também foi uma testemunha-chave, fornecendo à corte detalhes significativos sobre as supostas intenções controversas de seu antigo mestre. Bodvell relatava ter realizado o transporte de resmas de folhas entre a oficina tipográfica da Thomas Creake e as livrarias que comercializariam as obras. Ele também afirmava ter visto Thomas e Anna Brewster venderem *The Speeches and Prayers* e *A Phenix* com certa privacidade em seu estabelecimento sob o signo das Três Bíblias. Brewster objetou às acusações, declarando que, de fato, havia publicado e comercializado os panfletos em questão, mas que nenhuma dessas atividades havia sido desempenhada “Maliciosa, e Seditiosa, e [...] Conscientemente”.¹²⁷ Ainda que admitisse seu envolvimento com a produção das obras, explicava que isso fazia parte de seu ofício. Defendeu-se, declarando: “não costumamos ler o que colocamos para Imprimir ou Vender; Digo meu Senhor, a venda de Livros é o nosso Negócio”.¹²⁸ Além de não ter percebido qualquer problema no exercício de sua atividade, Brewster lembrou à corte que na época das publicações em questão “não havia Licenciadores, ou regras apontadas; de modo que não somos responsáveis pelo que já foi feito”.¹²⁹ Em suas respostas, Brewster ainda frisou que *The Speeches and Prayers* “são ditos de moribundos, comumente impressos sem oposição”¹³⁰, e que o conteúdo de *A Phenix* “já havia sido Impresso anteriormente, nós tomamos como certo que poderia ser Reimpresso”¹³¹, sendo assim, não compreendia as razões para ser incriminado pelas publicações.

O segundo réu, Simon Dover, também tentou dissuadir a corte de condená-lo por crimes relativos à natureza de seu ofício no mercado livreiro. Depois de ser delatado por Thomas Creake, Dover admitiu ter folhas de *The Speeches and Prayers* em sua oficina, mas indicava que “Impressores e Livreiros comumente têm livros que eles mesmos não imprimiram”¹³², já que compartilhavam cópias e comercializavam toda sorte de textos em seus estabelecimentos. Mas Roger L’Estrange usou os tipos e papéis confiscados na casa de Dover, bem como uma carta interceptada pelas autoridades em 1664 (na qual o impressor tentara enviar algumas orientações para que sua esposa dessa continuidade aos negócios clandestinos da oficina tipográfica), para colocar em questão a integridade das atividades de Simon Dover. Se o impressor era capaz de atuar em publicações virulentas como *The Panther-Prophesy*, para L’Estrange, era provável que Dover também houvesse agido de má-fé ao imprimir as partes de *The Speeches and Prayers*.

¹²⁷ No original: “Maliciously, and Seditiously, and [...] Knowingly”. *Idem*, p.44.

¹²⁸ No original: “we do not use to read what we put to Print or Sell; I say my Lord, selling of Books is our Trade”. *Idem, ibidem*.

¹²⁹ No original: “when there were no Licensers, or appointed rules; so that what ever was done we are not accountable for”. *Idem*, p.45.

¹³⁰ No original: “are the sayings of dying men, commonly printed without opposition”. *Idem, ibidem*.

¹³¹ No original: “we took it for granted it might be Reprinted”. *Idem*, p.54.

¹³² No original: “Printers and Booksellers usually have books they did not print themselves” *Idem*, p.60.

Ao ser convocado a sentar no banco dos réus, Nathan Brooks também insistiu nas mesmas estratégias de defesa de seus parceiros. Como encadernador, explicava que mal conhecia o conteúdo das obras, muitas vezes atendo-se somente aos seus títulos. Brooks tentava se defender, dizendo à corte que: “sendo apenas um trabalhador, como *eu* poderia ser culpado de coisas Sediciosas ou Escandalosas? *Eu* nunca imprimi nada, *Eu* sou apenas um *Encadernador*”.¹³³ Mas o juiz Robert Hyde legitimava a necessidade de atribuir uma punição a Brooks, afirmando que ele havia auxiliado na publicação de *The Speeches and Prayers* e era precisamente esse ato que configurava sua infração. Nas palavras do juiz: “Apenas a Impressão não é o suficiente, pois se um homem imprime um livro para fazer uma fogueira, não há ofensa, é a *publicação* dele que é o Crime”.¹³⁴

A ação de promover as ideias sediciosas, mais do que as imprimindo, sobretudo, difundindo-as por um amplo público, adquiria centralidade na definição das transgressões cometidas pelos Estacionários Confederados. A corte de Old Bailey reproduzia a noção de uma transformação “relacionada à publicização”.¹³⁵ Como evidenciado por Luís Filipe Silvério Lima em uma reflexão a respeito da censura e da autoria na Época Moderna, “com o impacto da divulgação, [...] o vício e a perniciosidade estavam [...] na formulação da palavra enunciada pelo herege”¹³⁶ e, podemos extrapolar, pelos radicais, que se negavam a aceitar as determinações político-religiosas de uma dada conformação social. Essa perspectiva transpareceu durante todos os processos contra os Confederados e foi sumarizada, sobretudo, nos argumentos do promotor William Morton. Em sua exposição acerca da ofensa de Thomas Brewster na participação da publicação de *The Speeches and Prayers*, o jurista pontuou eloquentemente as principais considerações acerca do problema da impressão e da difusão de obras controversas. Cabe citar um trecho de seu longo discurso:

Senhores, a dispersão de Livros Sediciosos é de grande perigo para o Reino; Rumores falsos são os principais incentivos que incitam as pessoas à Sedição e à Rebelião, que levantam descontentamentos entre as pessoas, e então logo elas pegam em Armas. A Dispersão de Livros sediciosos está muito próxima da criação de Tumultos, elas são como Irmão e Irmã; Levantar Tumultos é o mais Masculino, e Imprimir e Dispersar

¹³³ No original: “being only a workman, how can I be guilty of Sedition and Scandalous things? I never printed any thing, I am only a *Book-binder*.” *Idem*, p.70.

¹³⁴ No original: “Printing alone is not enough, for if a man print a book to make a fire on, that's no offence, it is the *publishing* of it which is the Crime”. *Idem*, *ibidem*.

¹³⁵ LIMA, “A questão da autoria”, p. 42.

¹³⁶ A questão levantada por Silvério Lima parte da tese de doutorado de Rui Rodrigues que propôs “uma mudança no entendimento de heresia durante aquilo que chama de época confessional. [...] A heresia seria a ‘conversaço que corrompe’, segundo uma definição possível do termo.” Na Idade Média, optava-se por isolar o herege a fim de evitar que pudesse deturpar a palavra. Com a publicização, contudo, era preciso lançar mão de outras estratégias que tivessem o poder de “conter a palavra do herege”. *Idem*. Ver também o trabalho de Rui Rodrigues: RODRIGUES, Rui Luis, **Entre o dito e o maldito: humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530-1685**. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

livros Sediciosos, é a parte Feminina de toda Rebelião. [...] Nós vamos provar que este *Tho. Brewster fez com que* este livro fosse *Impresso*, [e] que quando foi *Impresso*, ele *recebeu* trezentos; que ele fez com que estes [exemplares] fossem *costurados*; que ele os *soltou*, e os *vendeu*, parte em sua própria Loja, e parte em outro lugar. Sendo esta uma ofensa de grande e perigosa consequência, que tende a perturbar a Paz do Reino [...].¹³⁷

Em sua declaração, Morton mencionava questões centrais do debate sobre o controle da imprensa na Inglaterra seiscentista. Sua fala recuperava a inversão que Francis Bacon fizera da premissa de Virgílio sobre as famas e os tumultos. Como o filósofo, Morton também via os rumores com preocupação, pois eles eram sinais da erupção de rebeliões. Como proposto por Martin Dzelzainis, é provável que um jurista como Morton tivesse lido tanto a clássica *Eneida*, quanto os trabalhos de Bacon. Ainda em 1657, vários dos escritos do filósofo foram editados e publicados em um volume intitulado *Resuscitatio, or Bringin into Publick Light Severall Pieces of the Works, Civil Historical, Philosophical, & Theological, Hitherto Sleeping, of the Right Honourable Francis Bacon* e, no ano seguinte, circulou uma reedição de *The Wisdome of the Ancients*.¹³⁸ A carreira jurídica e política de Morton decerto demandava a leitura e o estudo dessas autoridades. E sua particular interpretação sobre o contexto revolucionário das décadas de 1640 e 1650 o aproximava da concepção baconiana acerca dos perigos dos rumores escandalosos. William Morton havia feito parte das forças regalistas. Por um lado, seu empenho lhe rendeu o título de cavalheiro em 1643. Por outro, atraiu a atenção dos inimigos parlamentaristas, que se esforçaram para detê-lo na Torre de Londres no ano seguinte. A data de sua soltura é desconhecida, mas em 1648, foi preso novamente. Morton apenas recuperou seu poder e status no final de 1659, com a falência do Protetorado. Com a Restauração, foi recompensado pelos serviços prestados em favor da monarquia, ascendendo rapidamente a postos de destaque no sistema legal inglês, chegando, inclusive, a ocupar a cadeira de juiz no principal tribunal régio, a corte de King's Bench a partir de 1665.¹³⁹

¹³⁷ No original: "Gentlemen, the dispersing of Seditious Books is of great danger to the Kingdom; false Rumours they are the main incentives that stir up the people to Sedition and Rebellion, that raise discontentments among the people, and then presently they are up in Arms. Dispersing seditious Books is very near a kin to raising of Tumults, they are as like as Brother and Sister; Raising of Tumults is the more Masculine, and Printing and Dispersing Seditious books, is the Feminine part of every Rebellion. [...] We shall prove that this *Tho. Brewster caused* this book to be *Printed*, that when it was *Printed*, he did *receive* three hundred; that these he caused to be *stiched up*; that he *uttered*, and *sold* them, part in his own Shop, and part elsewhere. It being an offence of that great and dangerous consequence, which tends to the disturbance of the Peace of the Kingdom [...]." **An exact narrative**, p.50.

¹³⁸ DZELZAINIS, "The Feminine part of every Rebellion".

¹³⁹ MAGNOTTA, Mary S. Redd. "Morton, Sir William (bap. 1605, d. 1672), judge and politician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-19377>>, acessado em 24/08/2022.

Além disso, a declaração de Morton se relacionava diretamente com as perspectivas e práticas defendidas por Roger L'Estrange no exercício da censura à imprensa. O recém-nomeado Inspetor havia, como já discutimos neste capítulo, feito grande alusão a “Das Sedições e Desordens” de Francis Bacon em suas publicações de 1662 e 1663, declarando a urgência na supressão de textos controversos. Como peça-chave no desdobramento das investigações e dos julgamentos contra os Confederados, é certo que L'Estrange circulou entre os juristas que conduziram os processos em Old Bailey. Nesse sentido, a fala de Morton não expressava apenas perspectivas teóricas sobre a censura à sedição, mas reverenciava as tendências práticas admitidas ao longo da Restauração. À medida em que o julgamento avançava, ficava claro que as autoridades pretendiam evitar “a formulação da palavra”¹⁴⁰ sediciosa, buscando evitar que ela alcançasse o espaço público. Para isso, era preciso deter autores, mas também impressores, encadernadores, livreiros e toda sorte de agentes que pudessem viabilizar a circulação da palavra perigosa. Era imperativo regular os limites da produção e da disseminação da informação com maior vigor.

Como medida preventiva de novos tumultos, o governo (assessorado por Roger L'Estrange) definia os Estacionários Confederados como inimigos da ordem e da paz, e os levava ao patíbulo e ao pelourinho para servirem como exemplos aos demais agentes do mercado livreiro. John Twyn foi executado em 24 de fevereiro de 1664 porque, mesmo tendo compreendido o conteúdo subversivo de *A Treatise*, operou suas prensas para tornar público o clamor por um novo regicídio. Thomas Brewster era culpado de sedição por ter publicado *The Speeches and Prayers* e *A Phoenix*, desafiando a autoridade de Carlos II e defendendo a “boa e velha causa” de Deus e do Parlamento. O livreiro foi condenado ao pagamento de 100 marcos.¹⁴¹ Simon Dover e Nathan Brooks receberam multas menores, de 40 marcos¹⁴², porque foram considerados responsáveis apenas pela emissão e difusão de *The Speeches and Prayers*. Não obstante, publicamente, o delito dos três homens era equivalente o suficiente para que fossem igualmente sentenciados a “ficar sobre o Pelourinho, das Onze à Uma Hora em um lugar em Exchange, e outro [dia] (no mesmo espaço de tempo) em Smithfield”, com um papel afixado acima de suas cabeças, “declarando sua Ofensa, Por Imprimir, [e] Publicar Livros Escandalosos, Traioeiros, e Facciosos contra o Rei e o Estado.”¹⁴³ Depois disso, eles permaneceriam na cadeia enquanto fosse da vontade do rei.

¹⁴⁰ LIMA, “A questão da autoria”, p. 42.

¹⁴¹ O marco não era uma moeda na Inglaterra da Época Moderna, mas uma unidade de medida. 1 marco equivalia a 160 *pence* (ou 13 *shillings* e 4 *pence*). Sendo assim, 100 marcos valiam cerca de £66,67. Nos dias de hoje, poderíamos estimar a multa de Brewster em mais de £9.300,00.

¹⁴² 40 marcos valiam cerca de £26,67. Atualmente, o montante equivale a quase £3.700,00.

¹⁴³ No original: “stand upon the Pillory, from Eleven to One of the Clock in one place at the Exchange, and another (the same space of time) in Smithfield”; “declaring your Offence, For Printing, Publishing, Scandalous, Treasonable, and Factious Books against the King and State.” **An exact narrative**, p.72-73.

5.3.2. Consequências

O espetáculo das punições de Thomas Brewster, Simon Dover e Nathan Brooks no pelourinho foi noticiado nos periódicos oficiais do governo, *The Intelligencer* e *The Neves*, ambos inaugurados por Roger L'Estrange logo que assumiu o cargo de Inspetor da Imprensa. Os jornais eram editados por Henry Brome e enviados para a prensa de Richard Hodgkinson em Thames Street – há poucos minutos da livraria de Brome, sob o signo do Canhão (Gun) em Ivy Lane – ao menos duas vezes por semana, *The Intelligencer* às segundas e *The Neves* às terças. L'Estrange utilizou ambos os periódicos como uma extensão de sua atividade censora e, não foi diferente ao noticiar o caso dos Confederados.

As atualizações sobre os julgamentos e as punições foram frequentes. Elas transmitiam ao público, quase de forma imediata, os últimos acontecimentos das contendas de L'Estrange contra seus inimigos. Lançado no dia seguinte à execução de John Twyn, o 16º número de *The Neves* noticiava as condenações dos quatro estacionários, relatando as penas atribuídas a cada um dos homens, e adiantando-se quanto a possíveis críticas geradas pelas punições duras e exemplares. Quanto ao suplício de Twyn, L'Estrange afirmava que não havia nada mais a ser dito. O censor considerava que a violência e a publicidade da execução já haviam expressado a repulsa do governo pelo “*Detestável Panfleto*” impresso por Twyn. Não obstante, o autor-censor explorou em detalhe as sentenças de Brewster, Dover e Brooks. Temendo futuras críticas acerca da severidade do tratamento dispendido pelas autoridades para com os estacionários infratores, ele informava aos leitores

que foi apenas pela Transcendente Misericórdia do Rei, que os Três Ofensores acima mencionados não foram Indiciados por Traição, (como foi frequente, e honrosamente observado pelo Senhor Chefe de Justiça Hyde, e pelo Resto dos Doutos no Tribunal) tendo sido tão claramente provado contra eles, que eles haviam Imprimido, Publicado, e Lançado Livros Justificando o Assassinato do Falecido Rei, e sustentando a Legalidade de os Súditos pegarem em Armas contra seu Soberano; quando a parte mais forte de sua Defesa foi, que Imprimir, Publicar, e Lançar Livros, eram seus Negócios: tão infeliz o recurso, que pelo mesmo Argumento, um Canhoneiro pode disparar um Canhão sobre a Pessoa da sua Sagrada Majestade, porque Atirar é seu Negócio. Em suma, o Assunto foi desdobrado com Sabedoria; os Prisioneiros foram ouvidos, e tratados favoravelmente: (tendo sido permitido tempo de Sábado até Segunda para a Deliberação e o Aconselhamento sobre seus Indiciamentos) e Finalmente eles foram condenados por um Júri no qual Uma Metade era de Estacionários; que tanto entendiam do Assunto em Questão, e sem dúvidas

*desejavam o melhor para as Pessoas; mas maior era seu Amor pela Justiça, e Lealdade, quanto apareceu em Seu Veredito.*¹⁴⁴

L'Estrange utilizou expressões mobilizadas nas defesas dos réus para reforçar a vilania dos crimes. Embora Brewster, Dover e Brooks tivessem justificado suas publicações sediciosas como meros exercícios de seus ofícios no mercado livreiro, o censor apontava que a natureza de suas atividades não lhes eximia de responsabilidade. Tal como um canhoneiro que disparasse uma arma contra o rei, eles lançaram suas “balas de papel”¹⁴⁵ contra a autoridade do monarca, e nenhum desses atos poderia ser ignorado. Apesar da clara traição expressa nas palavras publicadas pelos três estacionários, L'Estrange lembrava ao seu público que Carlos II lhes poupava de um destino ainda pior do que a cadeia, optando pelo pelourinho e pelas altas multas. Não lhes tirara a vida porque era um soberano misericordioso, mas a corte (assim como os jurados estacionários) acharam por bem aplicar uma pena grave o suficiente para servir como um exemplo e um aviso aos demais agentes do mundo dos impressos: seus ofícios eram dotados de significados na esfera pública, portanto, se quisessem evitar os mesmos constrangimentos, deveriam deixar de se envolver com a transmissão de conteúdos controversos.

Logo depois da publicação de seus comentários sobre as sentenças aplicadas aos três Confederados, Roger L'Estrange voltou a falar sobre os estacionários no 20º número do *Intelligencer*, publicado em 7 de março de 1664. Em uma nota datada do dia 5, o censor relatava que, ainda há pouco, nos dias 1 e 2, Brewster e Brooks haviam sido colocados nos pelourinhos de Royal Exchange e Smithfield. Dover, por sua vez, enfrentou a mesma punição em 3 e 4 de março. Na mesma nota, o Inspetor também aproveitou a ocasião para avisar que

Na próxima *Segunda* ou *Terça*, será publicada uma *Narrativa Exata* [*An Exact Narrative*] de seus Respetivos Julgamentos, onde é Amplamente Manifestada a grande Necessidade de Inspeccionar a *Imprensa*; e em alguma Medida o Mistério daquela *Correspondência*; todo o Truque dela, sendo Manejada entre o *Livreiro*, o *Impressor*, e o *Encadernador*. Seja dito com respeito a muitos Súditos Leais na Companhia dos

¹⁴⁴ No original: “that it was only the Kings Transcendent Mercy, that the Three Offenders last above-mentioned were not Indicted of Treason, (as it was frequently, and honourably observed by the Lord Chief Justice Hyde, and the Rest of the Learned upon the Bench) it being so clearly proved against them, that they had Printed, Publish’d, and Utter’d Books in Justification of the Murder of the Late King, and mainteyning the Lawfulness of Subjects taking up Armes against their Sovereign; that the best part of their Plea was, that Printing, Publishing, and Uttering of Books, was their Trade: so miserable a shift, that by the same Argument, a Canonier might fire a Gun upon the Person of his Sacred Majesty, because Shooting is his Trade. In fine, the Matter was Learnedly opened; the Prisoners favourably hear, and dealt with: (being allowed time from Saturday till Monday for Deliberation and Advice upon their Indictments) and Lastly they were condemned by a Jurv whereof the One Half were Stationers; who both understood the Matter in Question, and undoubtedly wish’d well to the Persons; but greater was their Love of Justice, and Loyalty, as appear’d by Their Veredit.” L’ESTRANGE, *The Newes*, n.16.

¹⁴⁵ WEBER, *Paper bullets*.

Estacionários, [que] entre eles há ainda alguns de Outro Tipo, o suficiente para desordenar o Melhor Governo estabelecido no Mundo, sob a Liberdade Dessa Confederação.¹⁴⁶

Ou seja, L'Estrange estimava que entre os dias 7 e 8 de março (cerca de 15 a 16 dias desde a conclusão dos processos conduzidos na corte de Old Bailey), o relato dos julgamentos já estaria disponível aos leitores. A celeridade na emissão do texto revelava o desenvolvimento das técnicas de transcrição, edição e impressão de processos jurídicos, gênero que se popularizara, sobretudo, durante o contexto revolucionário. A publicação integral dos autos dos julgamentos do primeiro Conde de Strafford, do arcebispo William Laud e do rei Carlos I tentava suprir os acalorados debates sobre a legalidade dos três processos. Com o passar dos anos, o gênero não servia apenas a juristas interessados em pensar os casos levados às várias cortes criminais, mas também serviam para serem mobilizados por diferentes agentes políticos que visavam legitimar suas perspectivas. A publicação de trechos ou de versões integrais dos processos sofridos por John Lilburne, por exemplo, foi utilizada pelos Levellers como modelo de seu comportamento impassível frente às autoridades. Já os quakers faziam circular os relatos das perseguições que sofriam no âmbito jurídico como forma de atestar suas provações terrenas e, conseqüentemente, suas futuras recompensas celestiais.¹⁴⁷ Mesmo os Estacionários Confederados publicaram uma quantidade considerável de autos de processos, como *The Speeches and Prayers, The Trial of Sir Henry Vane* e *A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation, and Execution of John James*. Reclamando para si a autoridade de rapidamente publicar o relato dos julgamentos dos quatro agentes do mercado livreiro, o governo buscava evitar a circulação de perspectivas dissonantes, que poderiam transformar os réus em mártires.

L'Estrange certamente teve papel central na produção de *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder, for Printing, Publishing, and Uttering of Seditious, Scandalous, and Malitious Pamphlets*. Além de ter fornecido uma transcrição dos eventos passados em Old Bailey, ele aproveitou a publicação para exprimir os fundamentos e as práticas de seu exercício da censura. Na nota lançada no periódico em 5 de março, ele já adiantava esse

¹⁴⁶ No original: "Upon *Monday* or *Tuesday* next, will be Publish'd an *Exact Narrative* of their Respective Tryals; wherein is Largely Manifested the high Necessity of Inspecting the *Press*; and in some Measure the Mystery of that *Correspondence*; the whole Knack of it, being Menaged betwixt the *Bookseller*, the *Printer*, and the *Book-binder*. Be it spoken with respect to very many Loyal Subjects in the Company of *Stationers*, there are vet among them of Another Sort, enow to disorder the Best settled Government in the World, under the Freedom of This Confederacy." L'ESTRANGE, Roger. **The Intelligencer, Published For Satisfaction and Information of the People. With Privilege**, n. 20. Londres: Richard Hodgkinson, 1663 [1664], p.160.

¹⁴⁷ COWAN; SOWERBY (orgs.), **The State Trials**.

interesse, explicando que o texto demonstraria a todos o quão danosa para o governo era uma imprensa livre, na qual impressores, livreiros e encadernadores se uniam para produzir e disseminar as ideias mais controversas e sediciosas. Pouco depois, no *The Newes* de 10 de março, o censor anunciava que *An Exact Narrative* já poderia ser adquirido na loja de Henry Brome. No número da semana seguinte, o censor incluiu uma breve consideração abaixo da propaganda sobre da publicação, dizendo que: “*Aquele que se familiarizaria com o mais alto grau de Malícia e Ingratidão, não precisa mais procurar além dos Libelos, pelos quais os Infratores acima mencionados foram Julgados.*”¹⁴⁸ Com isso, L’Estrange sugeria que se o público estivesse curioso a respeito do conteúdo das obras que levaram John Twyn, Thomas Brewster, Simon Dover e Nathan Brooks a receberem tão graves punições, poderia se satisfazer com as citações mencionadas na transcrição dos processos jurídicos, não necessitando, portanto, entrar em contato direto com as edições publicadas pelos Confederados.

An Exact Narrative aparecia, assim, como um instrumento de mediação entre as autoridades do contexto da Restauração e o espaço público. A publicação das transcrições permitia a continuidade do julgamento dos quatro Estacionários Confederados. Os procedimentos legais ocorreram em fevereiro, mas seu discurso adquiria amplitude no espaço e no tempo. O texto circularia pelos domínios de Carlos II e poderia ser consultado em diversos momentos, demarcando precedentes para agir contra abusos cometidos no mercado livreiro. O caso das tentativas de supressão das atividades sediciosas dos Confederados ultrapassava, assim, os limites das investigações e das decisões tomadas na corte de Old Bailey, servindo como uma determinação oficial para regulamentação da imprensa, complementar à promulgação da Lei de 1662, à criação do posto de Inspetor da Imprensa e à nomeação de Roger L’Estrange para ocupá-lo.

Provavelmente redigido por Roger L’Estrange, dada a particular composição textual e tipográfica, o prefácio de *An Exact Narrative* expressava a importância da publicação das transcrições dos procedimentos jurídicos contra os quatro estacionários para a conformação de um aparato de censura mais efetivo. Para além de o texto estar inserido numa tradição frequente e contínua da impressão de transcrições de julgamentos por traição e sedição, o censor apontava duas outras razões fundamentais para a circulação da obra:

Uma Segunda é, Manifestar as Liberdades Insuportáveis da Imprensa, e a Necessidade de colocá-la em melhor ordem.

Em Terceiro e Último Lugar, É Publicada como Precaução para que todas e quaisquer Pessoas, possam ver o Perigo da Dispersão de Livros, assim como da

¹⁴⁸ No original: “*He that would acquaint himself with the highest degree of Malice and Ingratitude, needs look no further then the Libels, whereupon the Offenders above-mentioned were Tried.*” L’ESTRANGE, *The Newes*, n. 22, p.180.

*Impressão deles, e para que ninguém se atreva a se vangloriar com a Expectativa de escapar, em Casos de Traição e Sedição, por meio da Alegação de Comércio, ou Ignorância. Sua Majestade está Justamente Decidida sobre a Estrita, e Necessária Severidade para com todos os Infratores desse Tipo no Futuro.*¹⁴⁹

Em certo sentido, a publicação de *An Exact Narrative* servia para continuar o projeto de censura postulado por Roger L'Estrange em seu *Considerations and Proposals*, pois fornecia um substrato concreto para fundamentar as práticas que o censor havia sugerido. Não parece por acaso que, como escritor do preâmbulo de *An Exact Narrative*, o autor-censor fizesse referência ao seu trabalho anterior. Ele salientava que os julgamentos mencionavam apenas

*Três dos mais de Trezentos Tipos de Livros, Libelos, e Papéis Traiçoeiros, Sediciosos e Cismáticos, Impressos desde o Retorno de Sua Majestade; que já estão Reunidos em um Catálogo [...]. (Além Daqueles Vários que Escaparam à Observação do Coletor) Se houver algum Homem que ainda pretenda duvidar de uma Conspiração Estabelecida, [e] Formal contra Sua Sagrada Majestade, e o Governo Estabelecido [...].*¹⁵⁰

Atrelando a leitura da transcrição dos julgamentos ao índice de livros proibidos, que anexou em seu *Considerations and Proposals*, L'Estrange mobilizava o caso dos Estacionários Confederados de forma mais ampla. Ainda que o processo jurídico tivesse dado atenção apenas à produção e disseminação de *A Treatise, The Speeches and Prayers* e *A Phenix*, o Inspetor lembrava que os impressores, livreiros e encadernadores em questão haviam cometido ainda diversas outras tantas infrações. Alargando os limites dos procedimentos da corte reunida em Old Bailey em 1664, L'Estrange assertava que tinha provas das atividades da perigosa confederação de estacionários e que as condenações de John Twyn, Thomas Brewster, Simon Dover e Nathan Brooks eram um passo na direção do “desatar Daquele Nó”¹⁵¹ que vinha afetando a ordem e a paz do reino.

Assim, ao ser publicada, *An Exact Narrative* não apenas fornecia um relato de um julgamento de interesse público, mas servia para fomentar a estruturação de novas práticas de censura. Somando-se à criação do posto de Inspetor da Imprensa em 1663, conferido a Roger

¹⁴⁹ No original: “*A Second is, To manifest the Insufferable Liberties of the Presse, and the Necessity of bringing it into better Order. / Thirdly and Lastly, It is Published for a Caution to all Persons whatsoever, that they may see the Hazzard of Dispersing of Books, as well as Printing of them, and to the end that none presume to flatter themselves with an Expectation of coming off, in Cases of Treason and Sedition, upon the Plea of Trade, or Ignorance. His Majesty being Justly Resolved upon a Strict, and Necessary Severity toward all Offenders in that Kind for the Future.*” **An exact narrative**, fl.4-4v.

¹⁵⁰ No original: “*Three of above Three Hundred several Sorts of Treasonous, Seditious, Schismatical, and Scandalous Books, Libels, and Papers, Printed since His Majesties Return; which are alrea-dy Gathered into a Catalogue [...]. (Beside Those Numbers that have Escaped the Observation of the Collector) If there be any Man that will yet pretend to doubt of a Settled, Formal Plot against His Sacred Maje-sty, and the Establish'd Government [...].*” *Idem*, fl.3v.

¹⁵¹ No original: “*breaking of That Knot*”. L'ESTRANGE, **Considerations and proposals**, p.6.

L'Estrange, o caso dos Confederados demonstrava como o sistema de licenciamentos e registros prévios não era suficiente para conter a sedição. E, depois das lições de Francis Bacon e dos tumultos das décadas de 1640 e 1650, o governo parecia determinado a reduzir a circulação de material controverso antes que isso pudesse causar maiores prejuízos à estabilidade da ainda frágil monarquia de Carlos II.

Ademais, a impressão dos julgamentos fortalecia as tentativas de reconduzir o controle da imprensa à prerrogativa régia e diminuir a autonomia da Companhia dos Estacionários. Como apontado por John Hetet, entre os *cavaliers* desejosos de cargos e privilégios junto ao novo monarca, homens como Roger L'Estrange conquistaram seus postos por meio da demonstração das fragilidades de um sistema de censura baseado na vigilância da corporação.¹⁵² Descreditando as competências da Companhia para controlar os abusos cometidos por seus membros, L'Estrange havia comprovado, na teoria e na prática, que existiam alternativas mais eficazes para controlar o mercado livreiro. Da mesma maneira, Richard Atkyns também as limitações da Companhia e louvava iniciativas como as de L'Estrange. O autor, que atuava como juiz de paz em Gloucestershire, havia publicado um *broadside* anônimo em 1660, intitulado *The Original and Growth of Printing*, em defesa da prerrogativa exclusiva da coroa sobre a imprensa.¹⁵³ Dois meses depois do julgamento dos Confederados, em abril de 1664, Atkyns lançou uma versão estendida do texto num panfleto em quarto impresso por John Streater. Nele, o autor ressaltava

Que nenhuma Pessoa foi Multada, e apenas uma foi processada, pela Companhia dos **Estacionários**, desde o último ATO [para Regulamentação da Imprensa], apesar de muita **Traição** e **Sedição** ter sido *Impressa* e dispersa desde aquela época; mas ele mesmo [Roger L'Estrange] (sendo um Cavalheiro Ativo e Súdito Leal) Descobriu mais dentro desses dois anos, do que a Companhia dos **Estacionários** fez desde que eles ganharam uma **Carta** [Régia].¹⁵⁴

Como L'Estrange, Atkyns também tinha um interesse particular na desqualificação da Companhia. O autor havia recebido patentes de livros de Direito, mas vinha encontrando

¹⁵² HETET, **A literary underground**.

¹⁵³ STOKER, David. "Atkyns, Richard (1615–1677), army officer and writer on printing". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-865>>, acessado em 30/08/2022.

¹⁵⁴ No original: "That not one Person hath been Fin'd, and but one prosecuted, by the Company of Stationers, since the late ACT, notwithstanding so much Treason and Sediton *Printed* and disperst since that time; but he himself (being an Active Gentleman and Loyall Subject) hath Discovered more within this two years, than the Company of Stationers have done ever since they had a Charter." ATKYNS, Richard. **The Original and Growth of Printing**. Londres: John Streater, 1664, p.18-19.

dificuldades em exercer o seu privilégio, visto que a Companhia dos Estacionários contestava seu monopólio junto à Court of Chancery (Corte de Chancelaria). Tentando fazer valer seu direito sobre a impressão e a publicação das obras, o autor questionava o papel da corporação de ofícios não apenas por meio de sua negligência no que dizia respeito à efetiva regulação das atividades do mercado livreiro, mas também por uma suposta tradição da coroa no exercício da autoridade sobre a imprensa. Atkyns argumentava que a prensa de tipo móvel havia chegado à Inglaterra em 1468 graças aos investimentos e empreitadas de Henrique VI, contrariando, assim, a afirmação de que a primeira prensa estabelecida na Grã-Bretanha fora trazida por William Caxton em 1476, sem qualquer intervenção régia. Atkyns fundamentava sua posição na descoberta enganosa de um livro impresso em Oxford em 1468¹⁵⁵ (encontrado na biblioteca da Universidade de Cambridge), bem como na leitura de um manuscrito falso (salvaguardado em Lambeth Palace), que supostamente relatava a instalação de uma prensa em Oxford a pedido do rei. Ainda que equivocados, tais dados serviam a Atkyns em sua tentativa de reforçar a ideia de que a coroa tinha autoridade exclusiva sobre a regulamentação da impressão na Inglaterra, fundamentando o pedido de manutenção de sua patente, em detrimento do monopólio da Companhia dos Estacionários.¹⁵⁶

A reedição ampliada de *The Original and Growth of Printing* não poderia ter sido publicada em momento mais oportuno do que abril de 1664. O texto aproveitava a publicidade negativa lançada contra a Companhia depois da execução de Twyn por traição e das punições exemplares de Brewster, Dover e Brooks no pelourinho por sedição. Atkyns, de fato, conseguiu sobrepujar a corporação no que dizia respeito à sua propriedade e, ao mesmo tempo, chamou a atenção do Secretário de Estado, Sir Edward Nicholas, para a preparação de uma revisão dos privilégios da Companhia. Ainda que Atkyns defendesse uma perspectiva ligeiramente diversa da de L'Estrange, ambos os autores exerceram impacto no que dizia respeito à organização do mercado livreiro. Atkyns pensava que o sistema de patentes era eficaz porque limitava a posse das obras a uma camada de cortesãos privilegiados e abastados, cujas profícuas relações firmadas com a coroa favoreceriam a censura dos conteúdos. Já L'Estrange, estabelecia um conjunto de ações para exercer controle prévio e posterior às publicações, com a diminuição do número de prensas e o rigor na vigilância das atividades de impressores, encadernadores e livreiros. Mas mesmo que apontassem para soluções diferentes, tanto Atkyns, quanto L'Estrange demarcavam a ineficiência

¹⁵⁵ O livro em questão, *Expositio sancti Jeronimo* de Rufino de Aquileia, continha um erro de impressão, que só foi descoberto em 1735. O texto, na verdade, havia sido confeccionado em 1478. A narrativa de Atkyns foi incorporada por outras obras do século XVII, como *History and Antiquities of the University of Oxford* (1674) de Anthony Wood e *Mechanick Exercises on the Whole Art of Printing* (1683) de Joseph Moxon. A perspectiva foi refutada 75 anos após a publicação de Atkyns, pelo Dr. Conyers Middleton em *Dissertation Concerning the Origin of Printing in London*. SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; STOKER, "Atkyns, Richard (1615–1677)".

¹⁵⁶ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; HETET, **A literary underground**; WEBER, **Paper bullets**.

da Companhia dos Estacionários como um elemento de preocupação. Ambos reforçavam que, antes de mais nada, a imprensa era uma prerrogativa régia e cabia ao monarca estabelecer as formas pelas quais os agentes poderiam desenvolver seus negócios.¹⁵⁷ A Companhia não poderia ser, como Atkyns criticava, um “Pequeno-Estado, [...] inconsistente com a **Monarquia**.”¹⁵⁸ Em outras palavras, a autonomia da corporação afetava diretamente a soberania do monarca. Era preciso constrangê-la.

Mais do que a instituição do Ato para Regulamentação da Imprensa, o descrédito da Companhia dos Estacionários gerou novas atitudes com relação à censura. E o caso do Estacionários Confederados, como demonstramos ao longo deste capítulo, teve um papel central nesse processo, servindo de exemplo prático sobre os males da sedição e sobre as formas para suprimi-la. Não parece ser por acaso que entre os anos 1660 e 1680, isto é, pouco depois dos julgamentos de John Twyn, Thomas Brewster, Simon Dover e Thomas Creake, outros quatorze estacionários tenham sido processados por infrações contra a lei de libelos sediciosos em tribunais régios.¹⁵⁹ Carlos II e sua corte assumiram posturas mais rigorosas, exercendo poderes *de jure* e *de facto* sobre a imprensa.¹⁶⁰ O caso contra os Confederados forneceu um precedente fundamental para cercear as atividades do mercado livreiro, sendo mobilizado por juristas em processos subsequentes e lembrado como um exemplo a ser evitado por outros agentes da produção e da comercialização de impressos.¹⁶¹

De modo algum a censura pós-Restauração foi capaz de conduzir uma supressão completa da circulação de textos oposicionistas, mas certamente resultou em um novo regime de controle da imprensa. Se por um lado as ações do Estado administrado por Carlos II visaram impedir a dissidência, por outro, como indicado por Thomas Keymer, elas representaram “um poderoso estímulo para a criatividade literária e a complexidade retórica – e, pode ser adicionado, à inovação do mercado livreiro ao longo do período.”¹⁶²

¹⁵⁷ HETET, **A literary underground**; JOHNS, **The nature of the book**; GREENE, **The Trouble with Ownership**.

¹⁵⁸ No original: “Petit-State, [...] inconsistent with Monarchy.”

¹⁵⁹ Siebert listou os seguintes casos: Richard Royston (1668), Benjamin Harris (1679), Nathaniel Thompson (1679 e 1688), William Badcock (1679), Francis Smith (1680), Henry Carr (1680), James Ostwood (1680), Nathaniel Crouch (1680), Jane Curtis (1680 e 1682), Joanne Browne (1681), Richard Janeway (1681), John Farwell (1682), Thomas Snowden (1682), William Paine (1682). Ver SIEBERT, **Freedom of the Press in England**, p. 269.

¹⁶⁰ *Idem*.

¹⁶¹ HAMBURGER, “The Development of the Law of Seditious Libel”.

¹⁶² No original: “a powerful stimulus to literary creativity and rhetorical complexity – and, it might be added, to book-trade innovation throughout the period.” KEYMER, **Poetics of the Pillory**, p. 22.

Capítulo 6

“O desatar Daquele Nó”: as atividades dos Confederados depois de 1664¹

Se não puder assegurar a destruição completa destes infratores, acho que será melhor deixá-los em paz, até uma oportunidade de contê-los; pela qual estou confiante de que não terá de esperar muito.

Roger L'Estrange (1668)²

Como vimos no capítulo anterior, o inverno de 1664 foi, de fato, um ponto de viragem para a fortificação e transformação da censura na Inglaterra. Depois dos julgamentos e das condenações de John Twyn, Thomas Brewster, Simon Dover e Nathan Brooks, a autoridade do Inspetor da Imprensa e a prerrogativa de Carlos II sobre a imprensa se assentaram. Não obstante, nenhuma lei ou prática censora implementada naquele contexto conseguiu conter por completo a produção e a circulação de textos sediciosos. Ao passo que as autoridades reforçaram as medidas de fiscalização, os agentes do mercado livreiro também encontraram formas de superar os constrangimentos a fim de ampliar seus lucros e/ou disseminar ideias controversas.

Assim, ao mesmo tempo em que a censura poderia ser “brutalmente efetiva em casos particulares”³ – como na execução exemplar de Twyn e nas humilhações de Brewster, Dover e Brooks no pelourinho –, ela não tinha alcance para exercer um domínio total.⁴ A impossibilidade de suprimir todo e qualquer desvio, devemos frisar, não implicava de maneira alguma na consideração da censura pós-Restauração como uma instituição impotente, já que os dispositivos utilizados pelo Estado foram efetivamente violentos e repressores. Mas, em vez disso, essa característica nos leva a evidenciar o mercado livreiro como um palco de constantes disputas, no qual os agentes (sejam eles autores, tradutores, revisores, impressores, encadernadores, livreiros-editores e vendedores ambulantes; sejam eles licenciadores, fiscais e censores) competiam por espaço para atuação.

¹ No original: “The breaking of That Knot”. L'ESTRANGE, **Considerations and proposals**, p.6.

² No original: “If you cannot make sure of destroying these offenders utterly, I think it will be better let alone, till an opportunity of making them sure; which I am confident you need not long wayt for.” PRO SP29/238/231.

³ No original: “brutally effective in particular cases.” KEYMER, **Poetics of the Pillory**, p. 13.

⁴ Sobre essa questão, ver: HETET, **A literary underground**, especialmente, o capítulo 4: “Reluctant Censors: The Stationers’ Company”.

Na Inglaterra, o século XVII foi permeado pela alternância de governos e pela disruptividade social, política e religiosa. Tamanha volatilidade demanda que as pesquisas sobre a censura e o mercado livreiro distingam entre diferentes teorias e práticas acerca do controle da imprensa. Nossa tese tentou retratar algumas dessas questões nos capítulos anteriores, passando pela caótica década de 1650 e reconstituindo os instáveis momentos de recomposição da monarquia Stuart no início dos anos 1660. Nesta seção, pretendemos voltar nossa atenção para o período subsequente a fevereiro de 1664 e anterior à Revolução Gloriosa de 1688. O fazemos numa tentativa de, como proposto por Mihoko Suzuki, reconduzir a Restauração ao século XVII. De acordo com a pesquisadora, grande parte dos estudos literários e historiográficos tendeu a estabelecer uma forte cisão entre o antes e o depois de 1660. A Restauração, muitas vezes, é examinada como um evento descolado das turbulências dos seiscentos, sendo representada como um prenúncio da Ilustração. Por essa razão, o governo de Carlos II é comumente incorporado às análises sobre um “longo século XVIII”, em vez de ser colocado em relação à Revolução que o precedeu.⁵

O esforço para apagar a memória sobre a oposição ao retorno da monarquia foi, como vimos em outros capítulos, intencional. Carlos II também investiu na promoção de seu governo como um momento de paz, festividades e alegrias, em contraste com as turbulências das Guerras Cívicas e a austeridade do Protetorado.⁶ Mas diferentemente dessa narrativa oficial, o novo reinado foi atravessado por problemas, críticas e tensões. Nessa perspectiva, autores como Gary de Krey e Jonathan Scott sugeriram que a futura crise dinástica dos anos 1680 tinha causas mais profundas do que o impasse a respeito da ascensão de um rei católico. Para eles, em especial Scott, evidenciava-se, na verdade, uma “Crise da Restauração”.⁷

É nesse sentido que uma análise sobre a persistência das publicações sediciosas dos Estacionários Confederados no pós-1664 oferece a possibilidade de perceber a Restauração de forma mais complexa. Seus textos anônimos, clandestinos e disruptivos continuaram a incomodar as autoridades, ainda que, para isso, precisassem recorrer a novas estratégias. As fontes que nos permitem recuperar suas atividades no submundo do mercado livreiro evidenciam o período subsequente à coroação de Carlos II não como um momento de conciliação e quietismo, mas como uma época de contradições e incertezas. Ainda que o projeto revolucionário das décadas anteriores

⁵ SUZUKI, Mihoko. “Did the English Seventeenth Century Really End at 1660?” In: POOLE, Kristen; WILLIAMS, Owen (orgs.). **Early Modern Histories of Time: The Periodizations of Sixteenth- and Seventeenth-Century England**, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2019.

⁶ NEUFELD, **The Civil Wars After 1660**; LEGON, **Revolution remembered**.

⁷ DE KREY, “The First Restoration Crisis”; DE KREY, “Rethinking the Restoration”; DE KREY, **London and the Restoration**; SCOTT, Jonathan. **Algernon Sidney and the Restoration crisis, 1677-1683**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991; SCOTT, **England’s Troubles**.

tenha sido derrotado com a volta dos Stuarts, a administração do novo monarca enfrentou frequentes perturbações. E, assegurar a permanência das estruturas políticas e religiosas não foi, como veremos nas próximas páginas, uma tarefa simples.⁸

6.1. As mulheres “mais astutas & obstinadas do mercado”⁹

Ao se ter em conta o trágico destino de alguns dos Estacionários Confederados na primeira metade dos anos 1660, pode-se pensar que Roger L'Estrange triunfou sobre seus inimigos do mercado livreiro. Embora John Twyn tenha sido o único sujeito executado exemplarmente pelas publicações transgressoras, seus companheiros Confederados também sucumbiram às penosas condições das cadeias.¹⁰ Giles Calvert morrera em de agosto de 1663, depois de ter passado por diversos períodos de encarceramento.¹¹ Além dos castigos corporais aos quais foram submetidos, Thomas Brewster, Simon Dover e Nathan Brooks também ficaram longos meses sob custódia.¹² Por volta de abril de 1664, Brewster e Dover faleceram na cadeia. O acontecimento foi noticiado por L'Estrange. Em um dos jornais oficiais do governo, constava a informação da morte de

um *Livreiro*, e um *Impressor*, Duas das Três Pessoas, que foram Condenadas em *Fevereiro* Passado, (nas *Sessões* do *Old Bailey*) por Imprimir e Publicar diversos Libelos Sediciosos. Diz-se que Um deles, foi Visitado em seu Túmulo no *local de Sepultamento dos Fanáticos* em *Bedlam*, por ao menos 3000 Pessoas da mesma estirpe.¹³

Para evitar a continuidade da comoção entre as comunidades não-conformistas, o autor-censor não indicou os nomes dos falecidos, mas sabemos que tanto Anna Brewster, quanto Joan Dover se tornaram viúvas no início de 1664.

Com a saúde e as finanças deterioradas, o casal Chapman também faleceu na mesma época. A última prisão de Livewell Chapman durou cerca de seis meses, período que parece ter

⁸ HETET, **A literary underground**; GREAVES, **Enemies under his feet**; GREAVES, **Secrets of the Kingdom**; BARDLE, **The Literary Underground**.

⁹ No original: “ye craftyest & most obstinate of ye trade”. PRO SP 29/239/8.

¹⁰ **An exact narrative**.

¹¹ Giles Calvert redigiu seu testamento em 11 de agosto de 1663. No dia 28 do mesmo mês, Elizabeth Calvert o executou. PROB 11/312/124.

¹²A superpopulação carcerária, a má alimentação e a higiene precária geravam situações propícias ao desenvolvimento de diversas doenças. Sobre isso, ver: SHARPE, **Crime in early modern England**; BEATTIE, **Policing and punishment in London**; LANDAU (org.), **Law, crime, and English society**.

¹³ No original: “a Bookseller, and a Printer, Two of the Three Persons, that we Convict in February Last, (at the Sessions in the Old Baily) of Printing and Publishing several Seditious Libels. The One of them is said, to have been Attended to his Grave in the Phanatiques Burying place in Bedlam, by at least 3000 People of the same stamp.” L'ESTRANGE, Roger. **The Newes**, n.34, p.273

enfraquecido o livreiro.¹⁴ Ele foi solto em maio de 1664, após a assinatura de uma fiança no valor de £300 e do comprometimento de que nem ele, nem sua esposa publicariam qualquer obra contrária às leis vigentes.¹⁵ Arruinado, Chapman foi pouco atuante no mercado livreiro a partir de então. Sua livraria lançou gêneros pouco usuais entre seu “catálogo”, como tratados de medicina e astronomia, indicando a possível urgência em satisfazer necessidades financeiras. Em condições difíceis, a família Chapman logo sucumbiu. Entre setembro e outubro de 1665, Hannah e três de suas filhas, Grace, Patience e Hannah, morreram. Embora o registro funerário de Livewell Chapman não tenha sido encontrado, é provável que o livreiro também tenha perecido ao longo do ano. Certamente todos foram vitimados pela epidemia de peste bubônica que assolou a cidade de Londres naquela altura.¹⁶

A penúria e a peste também assolaram Francis Smith, levando-o a fugir de Londres com a sua família. Sem recursos financeiros depois das sucessivas e longas prisões, Smith não viu forma de evitar as tragédias que acometiam seus companheiros comerciais senão partindo para outro local. Em 1665, o livreiro se estabeleceu em um vilarejo em Surrey, no sudoeste da Inglaterra, onde abandonou o ofício de estacionário e passou a trabalhar nas tropas do condado. Mas não conseguiu escapar da perseguição religiosa. Por ser um batista e, portanto, um não-conformista, foi detido no Castelo de Windsor sob a acusação de fanatismo. Solto graças à intervenção de Sir Thomas Foster, Smith retornou à Londres pouco depois, onde voltou a ser assediado pelo Inspetor da Imprensa.¹⁷ De acordo com o livreiro, L'Estrange e as autoridades interferiam excessivamente nas atividades dos estacionários, levando-os a uma situação de tamanha pobreza que sequer tinham recursos para prover às suas famílias em vida ou mesmo na hora da morte, muitas vezes ficando sem dinheiro para custear despesas funerárias. Segundo Smith, muitos impressores, encadernadores e livreiros foram “Multados para além de suas capacidades [...]; Outros por meio das Prisões, também foram arruinados, por Pessoas Investidas com o Poder de Vigiar o Mercado *Estacionário*, abusando do mesmo à vontade”.¹⁸

¹⁴ Em uma petição de janeiro de 1664, Hannah Chapman justificou seu pedido para visitar o marido em Gatehouse explicando que a saúde do livreiro já estava bastante debilitada. PRO SP 29/90/25.

¹⁵ PRO SP29/89/101.

¹⁶ LMA. “St Stephen Coleman Street, Composite register: baptisms and marriages 1636-1717, burials 1636-1689”. In: **Church of England Parish Registers, 1538-1812**, fl.153, 154v, 155. Disponível online em <<http://ancestry.com>>, último acesso em 07/10/2021; LIMA, “Impresso para ser vendido”. Sobre a epidemia de 1665, ver: CUMMINS, Neil; KELLY, Morgan; Ó GRÁDA, Cormac. “Living standards and plague in London, 1560-1665”. **The Economic History Review**, v. 69, n. 1, p. 3–34, 2016; MILLER, Kathleen. **The literary culture of plague in early modern England**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

¹⁷ SMITH, Francis. **Symptomes of Growth and Decay in Godliness: in Eighty Signs of a Living and Dying Christian, with the Causes of Decay and Remedies for Recovery**. Londres: Francis Smith, 1672; SMITH, Francis. **An Account of the Injurious Proceedings of Sir George Jeffreys Knt. Late recorder of London, against Francis Smith, Bookseller**. Londres: Francis Smith, 1681; CRIST, **Francis Smith and the Opposition Press**.

¹⁸ No original: “Fined above their ability [...]; Others by like Imprisonments, also were ruined, by Persons Invested with Power of Surveying the *Stationary* Trade, abusing the same at pleasure”. SMITH, **An Account**, p.19.

Os danos financeiros, de fato, parecem ter sido elevados para todos. Mas Francis Smith forneceu um retrato mais claro das complicadas situações que enfrentou. Em um relato publicado nos anos 1680, ele lembrava que, após seu longo encarceramento em Gatehouse na condição de “close prisoner” – experiência que descreveu como semelhante a ser “enterrado vivo”¹⁹ –, ele teve que fechar sua livraria por cerca de dois anos. Ele estimava que, na época, os prejuízos passaram de £300.²⁰ Embora o relato de Smith possa ser exagerado, visto que o livreiro pretendia denunciar os abusos de L’Estrange e seus aliados, outras fontes parecem corroborar sua versão sobre a contínua perseguição às famílias envolvidas com a polêmica dos Estacionários Confederados. Em 18 de janeiro de 1664, Nathaniel Calvert, filho dos livreiros da Black Spread Eagle, solicitou um empréstimo da Companhia dos Estacionários no valor de £50.²¹ No início de fevereiro, pediu mais £100²², as quais foram negadas. A corporação aprovou apenas a concessão das £50 iniciais. No entanto, Nathaniel Calvert jamais receberia esse dinheiro. Depois de uma estada na cadeia no final de 1663, o jovem adoeceu.²³ Com a progressão da enfermidade, a Companhia dos Estacionários optou por fazer o empréstimo para seu tio, George Calvert.²⁴ Elizabeth Calvert, presa desde fevereiro, peticionou por liberdade a fim de cuidar de seu filho. Anexo ao seu pedido, enviou uma nota assinada pelo médico Thomas Lenthal, que atestava a gravidade do estado de saúde de Nathaniel. Em abril, uma nova petição da livreira explicava, agora, que precisava ser solta para enterrar o filho recentemente falecido.²⁵

Além dos Calverts, Anna Brewster também relatou à Companhia dos Estacionários que passava por problemas financeiros. Em junho de 1665, a viúva informou não ter recursos para quitar as dívidas deixadas por seu marido, as quais somavam mais de £240.²⁶ Ela informava ter sofrido grandes perdas com a prisão de Thomas Brewster e que, desde então, vinha tendo dificuldades para sustentar seus filhos em meio à pobreza na qual se encontrava. A livreira solicitava que os credores da corporação aceitassem saldar os débitos do marido com o pagamento de apenas oito *shillings* (menos de meia libra).²⁷

Reclamações sobre perdas financeiras, bem como sobre as dificuldades encontradas para desempenhar os ofícios do mercado livreiro apareceram com frequência nas reuniões da Corte dos

¹⁹ No original: “buried alive”. *Idem*, p.9.

²⁰ Aproximadamente £46.200,00.

²¹ Cerca de £7.000,00.

²² Cerca de £14.000,00.

²³ PRO SP 44/15/200, 240; SP 29/83/120

²⁴ STATIONERS’ COMPANY. **Court Book D**. Londres, 1654-1679. fl.86v, 88-88v.

²⁵ PRO SP 44/16/23; SP 29/92/15; SP 29/95/144; SP 29/96/86, 95.

²⁶ Quase £34.000,00.

²⁷ Montante equivalente a pouco mais de £56 nos dias de hoje. STATIONERS’ COMPANY. **Court Book D**, fl.109v-110.

Assistentes da Companhia dos Estacionários. Relatos diversos denunciavam a truculência e a arbitrariedade das práticas de censura, em especial aquelas realizadas por Roger L'Estrange. A conduta controversa de L'Estrange foi mencionada nas memórias do livreiro John Dunton, publicadas pela primeira vez em 1705. *The Life and Errors of John Dunton* apontava que o censor frequentemente abusava de seu poder, mas que costumava estar disposto a relevar a publicação de "Livros Sem Licença se a Esposa do Impressor sorrisse para ele".²⁸ Em outra passagem, Dunton sugeria que L'Estrange havia, inclusive, tentado seduzir a viúva de Dover quando ela já estava casada novamente, agora com o impressor John Darby. A mulher, contudo, havia repellido todas as investidas do censor. Conforme Dunton, Joan Darby era casta e dedicada a seu segundo marido. "O Sr. Roger, de joelhos, não conseguiu conquistar mais do que um olhar desafiador."²⁹

A pobreza e o assédio não parecem ter desestimulado a atuação feminina nas atividades do mercado livreiro. Apesar de muitas vezes terem descrito a si mesmas como mulheres frágeis e inaptas a trabalhar nas oficinas tipográficas e casas livreiras de seus maridos, Elizabeth Calvert, Anna Brewster, Joan Dover (posteriormente, Darby), Eleanor Smith e Susannah Moone eram hábeis estacionárias. Em diversas ocasiões, quando peticionaram às autoridades para a libertação de seus cônjuges, elas frequentemente justificavam que necessitavam deles para conduzir os negócios e prover sustento às suas famílias.³⁰ Mas as petições, que visavam conquistar a misericórdia das autoridades, não refletiam as suas capacidades de desempenhar uma série de funções no mercado livreiro. Na verdade, essas mulheres conseguiram persistir na impressão, publicação e dispersão de panfletos em oposição à monarquia Stuart e à Igreja Anglicana, demonstrando grande desenvoltura nas suas estratégias editoriais e comerciais.

A presença feminina nas livrarias, oficinas tipográficas e casas de encadernação é conhecida pela historiografia, mas ainda há muito para ser explorado sobre a questão.³¹ No que diz respeito às "Mulheres Confederadas", apenas os artigos seminais de Maureen Bell abordaram o assunto.³² Outros trabalhos mencionaram somente de forma marginal as contribuições de Elizabeth Calvert e Joan Dover/Darby nos negócios de seus maridos, de modo que muitos aspectos de suas trajetórias seguem negligenciados.³³ Neste capítulo, pretendemos oferecer uma contribuição mais

²⁸ No original: "unlicensed Books if the Printer's Wife would but smile on him". DUNTON, John; NICHOLS, John Bowyer (ed.). **The Life and Errors of John Dunton**. Vol. 1. Londres: J. Nichols, son, and Bentley, 1818. p.266.

²⁹ No original: "Sir Roger, on his bended knees, could not prevail for so much as a wanton look". *Idem*, p.247.

³⁰ PRO SP29/43/76; SP29/83/16; SP44/15/236; SP29/85/62; SP29/90/25; SP44/16/1.

³¹ Ver, sobretudo, os trabalhos de: MCDOWELL, **The Women of Grub Street**; SMITH, "**Grossly material things**"; COKER, "Gendered spheres"; COKER, Cait, "Pressed and Stitched: Empirical Bibliography and the Gendering of Books and Book History". **Huntington Library Quarterly**, v. 84, n. 1, p. 167–175, 2021.

³² BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; BELL, "Her Usual Practices".

³³ GREAVES, **Deliver us from evil**; GREAVES, **Enemies under his feet**; HETET, **A literary underground**; CARICCHIO, **Religione, politica e commercio**; ZOOK, **Protestantism, Politics, and Women**; HONE, "John Darby".

ampla sobre as atividades das viúvas e esposas dos estacionários envolvidos com a polêmica dos Confederados, ou melhor, das “Mulheres Confederadas”. Constatar sua atuação permite evidenciar não apenas a permanência da circulação de textos sediciosos sob o rigoroso regime de L’Estrange e Carlos II, mas também as estratégias adotadas por mulheres dissidentes para expressar seus posicionamentos político-religiosos na arena pública. Examinando suas publicações podemos assegurar que, ao contrário do que foi pontuado por Christopher Hill, há muita “evidência adequada”³⁴ das perspectivas femininas no contexto da Restauração.

6.1.1. A viúva Dover, ou a senhora Darby

Sem dúvida, a maior expressão do antagonismo das Mulheres Confederadas ao governo de Carlos II se deu por meio da publicação clandestina de obras não-conformistas. Tais textos exprimiam, em primeiro lugar, as bases de suas conexões com comunidades religiosas locais. Como os trabalhos de Phillys Mack e Rachel Adcock demonstraram, as mulheres encontraram maior espaço de atuação entre as congregações independentes, por vezes assumindo papéis de destaque como profetisas, autorizadas a se expressarem publicamente porque (supostamente) estavam inspiradas por Deus.³⁵ Para além disso, viúvas como Elizabeth Calvert, Anna Brewster, Susannah Moone e Joan Dover poderiam encontrar conforto entre os grupos religiosos que, muitas vezes, ofereciam assistência a mulheres necessitadas.³⁶ Ao mesmo tempo em que demonstravam seus alinhamentos político-religiosos, as publicações não-conformistas das Confederadas apontavam para elementos de seus relacionamentos sociais. Também indicavam sua capacidade em perceber quais assuntos poderiam gerar interesse entre o público. Quando se arriscavam a lançar obras controversas, essas mulheres também tinham em vista a circulação comercial de seus títulos, conjecturando quais temas chamariam atenção dos leitores, empenhando-se, assim, em fornecer textos que dialogavam com preocupações do momento.³⁷

É provável que tanto o comprometimento religioso quanto os interesses financeiros tenham orientado as decisões editoriais de Joan Dover na sua breve “carreira solo”. Em 1664, ela imprimiu ao menos cinco títulos conhecidos, mas apenas dois deles foram feitos de forma regular (isto é, com licenças e registros): *Arithmetick* de James Hodder e *Physical Nosonomy* de William Drage. O tratado científico e o estudo demonológico, respectivamente, em muito divergiam das obras

³⁴ No original: “adequate evidence”. HILL, **The experience of defeat**, p. 21.

³⁵ MACK, **Visionary Women**; ADCOCK, Rachel. **Baptist Women’s Writings in Revolutionary Culture, 1640-1680**. Londres: Routledge, 2016.

³⁶ CAVALLO, Sandra; WARNER, Lyndan (orgs.). **Widowhood in Medieval and Early Modern Europe**. Londres: Routledge, 2014.

³⁷ HETET, **A literary underground**; DARNTON, **Edição e sedição**; BELL, “Her Usual Practices”.

usualmente lançadas por Simon Dover nos anos anteriores. Sendo assim, elas provavelmente eram sintomáticas das necessidades de ganho financeiro da viúva. O seu empobrecimento também a levou a mudar de endereço no mesmo período. De Christopher Alley, a mulher foi para uma casa próxima, alojando-se em Bartholomew Close.

Apesar das dificuldades financeiras, ou justamente por conta delas, Joan Dover também continuou a produzir textos não-conformistas de forma anônima e clandestina. Em 1664, sua oficina tipográfica esteve relacionada à produção de ao menos três panfletos que as autoridades tentaram censurar, eram eles: *The Jury-Man Charged: or a Letter to a Citizen of London; England's Warning;* e *This is for all or any (by what name or title soever they be distinguished) that resist the Spirit, and despise the Grace that brings Salvation.*³⁸ Cabe examiná-los um pouco mais detidamente a fim de compreender algumas das conexões mobilizadas por Joan Dover em meio às congregações independentes.

Os três panfletos em questão foram lançados no contexto da promulgação das leis do Código de Clarendon e parecem reagir, sobretudo, à implementação do Ato contra Conventículos de julho de 1664. A lei proibia reuniões de comunidades independentes, intensificando a perseguição aos dissidentes religiosos. Na altura, havia especial atenção aos quakers porque sua doutrina rejeitava os sacramentos e a autoridade da Igreja Anglicana recém-estabelecida. Concebendo a graça de Cristo como uma matéria individual e interna à cada fiel, os quakers recusavam a comunhão, o batismo e as práticas comuns às paróquias oficiais. Com esse posicionamento, desafiavam não apenas a hierarquia episcopal, mas também os ritos diários das comunidades locais. Além disso, sua espiritualidade implicava uma renúncia às autoridades e questões mundanas. Diferentemente da postura aparentemente quietista e pacifista adotada pelos quakers na passagem do século XVII para o XVIII, nesse período, eles exerciam sua oposição ativamente, interrompendo atos litúrgicos e pregando nas ruas. Estima-se que, somente na cidade de Londres, mais de dois mil quakers, ou sujeitos assim identificados pelas autoridades, tenham sido presos no primeiro ano de execução do Ato contra Conventículos. Outros milhares de dissidentes foram condenados ao degredo.³⁹

Diante desse contexto persecutório, *The Jury-Man Charged* tentava oferecer uma resposta teológica e jurídica à intolerância religiosa praticada pela monarquia restaurada. O desafio às autoridades foi veiculado logo na folha de rosto. O título, apesar de ter sido impresso em tipos de tamanhos grandes, se destacando na página, ocupava pouco espaço. A maior parte da folha foi usada para sumarizar as declarações que seriam destrinchadas ao longo do panfleto (ver *Figura 57*).

³⁸ No original: “common printer for all scandalous pamphlets.” PRO SP29/109/159.

³⁹ CAPP, *England's Culture Wars*; ANGELL, Stephen Ward; DANDELION, Pink (orgs.). *Early quakers and their theological thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015; HORLE, *The Quakers and the English Legal System*.

Assim, já de início a obra indicava que pretendia denunciar “o verdadeiro significado do Estatuto”⁴⁰ recentemente colocado em voga pelo Parlamento. Segundo o texto, a lei era perniciosamente utilizada para prender sectários religiosos, sobretudo os quakers, sem que eles houvessem cometido qualquer crime evidente. Como alertava a obra, ao punir não-conformistas de forma arbitrária, os juristas e jurados envolvidos nos casos, incorriam em perjúrio, ficando, portanto, sujeitos “à Vingança de Deus sobre a sua Família e o seu Negócio, seu Corpo e sua Alma, neste mundo e no próximo.”⁴¹

⁴⁰ No original: “the true meaning of the Statute”. **The Jury-Man Charged; or a Letter to a Citizen of London.** Londres: s. n., 1664, fl.1.

⁴¹ No original: “Juryman that finds any other person guilty, is himself guilty of Perjury, and liable to the Vengeance of God upon his Family and Trade, Body and Soul, in this world and that to come.” *Idem, ibidem.* Agradeço ao Prof. Luís Filipe Silvério Lima pelas fotografias do panfleto em questão.

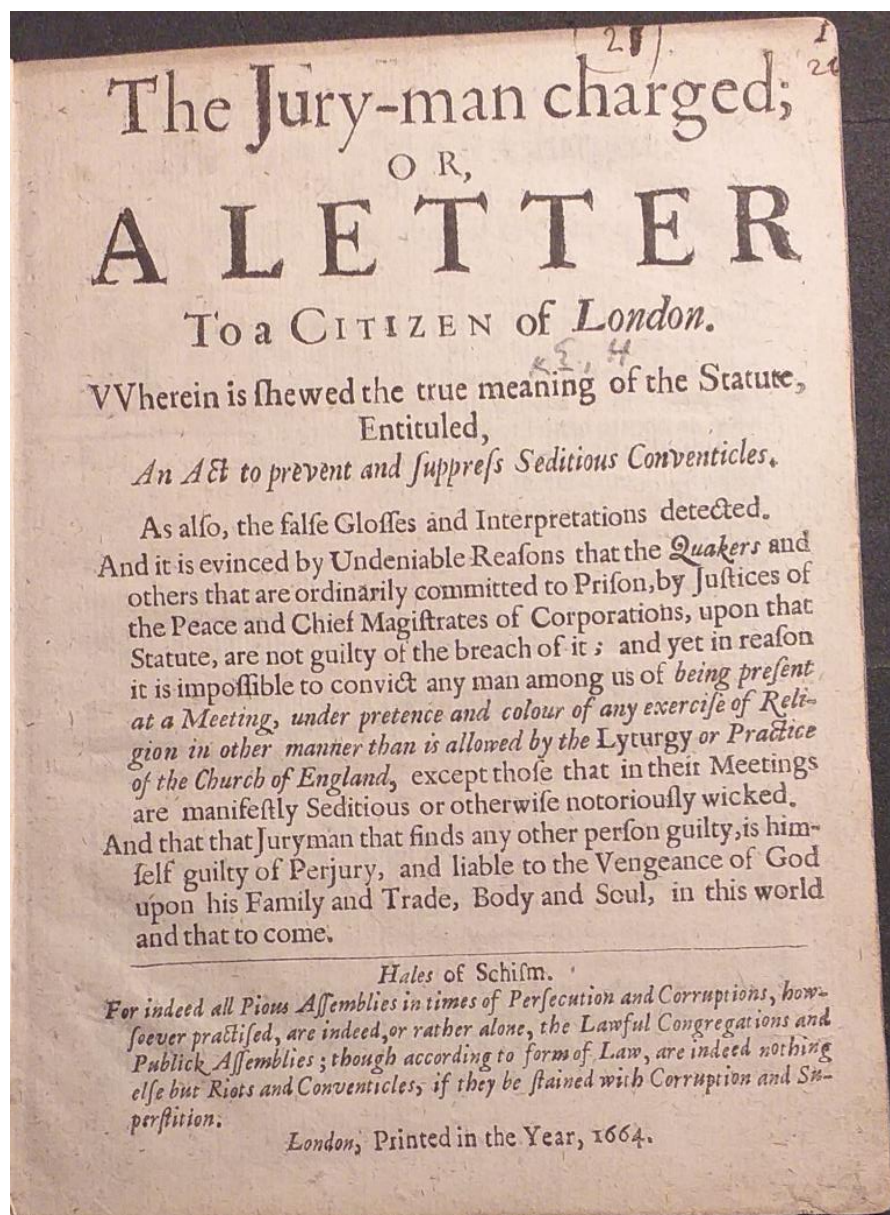


Figura 57: Folha de rosto de *The Jury-Man Charged*.⁴²

Para invalidar o teor do Ato contra Conventículos, a folha de rosto do panfleto também estampava a citação de uma autoridade jurídica, John Hales (1584-1656), doutor do Eaton College de Oxford. Em seu tratado sobre heresias e cismas, publicado sem sua autorização em 1642, Hales responsabilizava a própria Igreja Anglicana pelo desenvolvimento dos desvios religiosos.⁴³ Na passagem citada logo no início de *The Jury-Man Charged*, Hales afirmava que, em contextos de

⁴² British Library, 4152.bb.118.

⁴³ GREENSLADE, Basil. "Hales, John (1584–1656), scholar". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2009. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-11914>>, acessado em 04/09/2022.

“Corrupções e perseguições”⁴⁴, as reuniões particulares não eram apenas lícitas como desejáveis, pois se não fosse pelos conventículos, a verdadeira religião teria sucumbido à apostasia católica de monarcas como a rainha Maria I. De forma análoga, *The Jury-Man Charged* acusava o governo de Carlos II de perverter as doutrinas cristãs. Por consequência, justificava que os sectários religiosos não agiam ilícitamente, nem ameaçavam a fé. Ao contrário, eles a preservavam em um momento de disseminação de doutrinas enganosas, que pervertiam a Igreja.

Nas páginas seguintes do panfleto, o autor anônimo se apresentava como um homem rústico e “totalmente ignorante”⁴⁵ no estudo das leis inglesas. Não obstante, o breve tratado exibia grande eloquência no exame do conteúdo do Ato contra Conventículos, sugerindo que, ao contrário do que evocava em sua persona autoral, o escritor fosse versado em Direito. Supostamente redigido por “um homem da quinta monarquia, um Richard Creaven”⁴⁶, sobre quem não encontramos mais informações, *The Jury-Man Charged* argumentava que a lei em questão era completamente nula porque atentava contra os princípios de Deus e da Magna Carta à inalienável liberdade de consciência dos homens livres. Além disso, o panfleto também explicava que a norma contradizia o direito consuetudinário, permitindo que juízes de paz e magistrados agissem simultaneamente como testemunhas e agentes executores da lei. Essa duplicidade de sua atuação impedia que os casos fossem julgados de forma justa e correta.

Ainda mais interessante é o fato de *The Jury-Man Charged* lançar luz sobre a questão da dúvida jurídica razoável. Citando trechos do Ato, o panfleto sublinhava que eram proibidas as reuniões, entre cinco ou mais pessoas, “*sob o tom ou a aparência de qualquer exercício de Religião de outra maneira além da que é permitida pela Liturgia ou Prática da Igreja da Inglaterra*”.⁴⁷ A essa afirmação, o texto questionava: como, porém, seria possível comprovar as intenções das pessoas que se reuniam? Dirigindo-se aos seus leitores, o autor anônimo perguntava se eles achavam que tinham condições de afirmar, com toda a certeza, que as reuniões não-conformistas possuíam quaisquer “Intenções e Artifícios sediciosos sob o pretexto da Religião?”⁴⁸ Havia alguma forma de atestar

⁴⁴ No original: “Corruptions and persecutions”. HALES, John. **A tract concerning schisme and schismatiques. Wherein, is briefly discovered the originall causes of all schisme. Written by a learned and judicious divine. Together with certain animadversions upon some passages thereof.** Londres: Leonard Lichfield; Edward Forrest, 1642, p.30.

⁴⁵ No original: “well-skilled in the Laws of *England*, rather than of me that am wholly ignorant in that study”. **The Jury-Man Charged**, p.4.

⁴⁶ No original: “a fyfth monarch man, one Richard Creaven”. PRO SP29/109/159.

⁴⁷ No original: “*under colour or pretence of any exercise of Religion in other manner than is allowed by the Liturgy or Practice of the Church of England*”. *Idem, ibidem*. “Charles II, 1664: An Act to prevent and suppress seditious Conventicles”. In: RAITHBY, John (ed.). **Statutes of the Realm**. Vol. 5: 1628-80. London: Great Britain Record Commission, 1819, pp. 516-520. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp516-520>>, acessado em 05/09/2022.

⁴⁸ No original: “have seditious Intentions and Contrivances under the pretence of Religion?” **The Jury-Man Charged**, p.14.

que qualquer erro possivelmente cometido por sectários em sua confissão ocorria “maliciosamente?”⁴⁹ Evocando a longa tradição dos debates teológicos acerca da dúvida e da consciência,⁵⁰ o autor de *The Jury-Man Charged* perguntava se seus leitores estariam dispostos a arriscar a própria “Salvação Eterna”, correndo o risco de cair em perjúrio, para afirmar em um tribunal “que o exercício da Religião é um pecado que merece ser punido com sete anos de Banimento?”⁵¹

Críticas semelhantes às expressas em *The Jury-man Charged* também poderiam ser encontradas em *England's Warning*. Igualmente anônimo, o panfleto impresso por Joan Dover surgia como advertência aos governantes intolerantes em assuntos de religião. Com um estilo tipográfico semelhante ao do breve tratado teológico-jurídico, a folha de rosto de *England's Warning* também era preenchida por descrições de seu conteúdo, demarcando seu posicionamento político-religioso já em suas primeiras linhas (ver *Figura 58*). O panfleto se destinava a alertar que, ao perseguir não-conformistas, impedindo-os de servirem ao Senhor, as autoridades “provocam o Juízo do Altíssimo, e incutem a sua Ira sobre si mesmos até não haver mais Remédio”.⁵² O prenúncio da retribuição divina pela “Execução dos seus últimos Éditos cruéis” era reforçado, ainda, por uma longa citação do Livro de Isaías, que descrevia as punições de Deus contra “*aqueles que promulgam Injustos Decretos*” para o sofrimento do povo.⁵³

⁴⁹ No original: “maliciously?” *Idem, ibidem*.

⁵⁰ Sobre isso, ver, entre outros: WHITMAN, James Q. **The origins of reasonable doubt: theological roots of the criminal trial**. New Haven: Yale University Press, 2008.

⁵¹ No original: “Eternal Salvation”; “that their exercise of Religion is a sin that deserves to be punished with seven years Banishment?” **The Jury-Man Charged**, p.14.

⁵² No original: “provoke the Most High to Judgement, and to pour out his Wrath upon them until there be no Remedy”. [SWINTON, John]. **England's warning, or, A friendly admonition to the rulers thereof, to beware of persecuting the righteous for yeelding obedience to the law of God**. Londres: s. n., 1664, fl.1.

⁵³ No original: “Execution of their late cruel Edicts”; “*those that decree Unrighteous Decrees*”. *Idem, ibidem*.

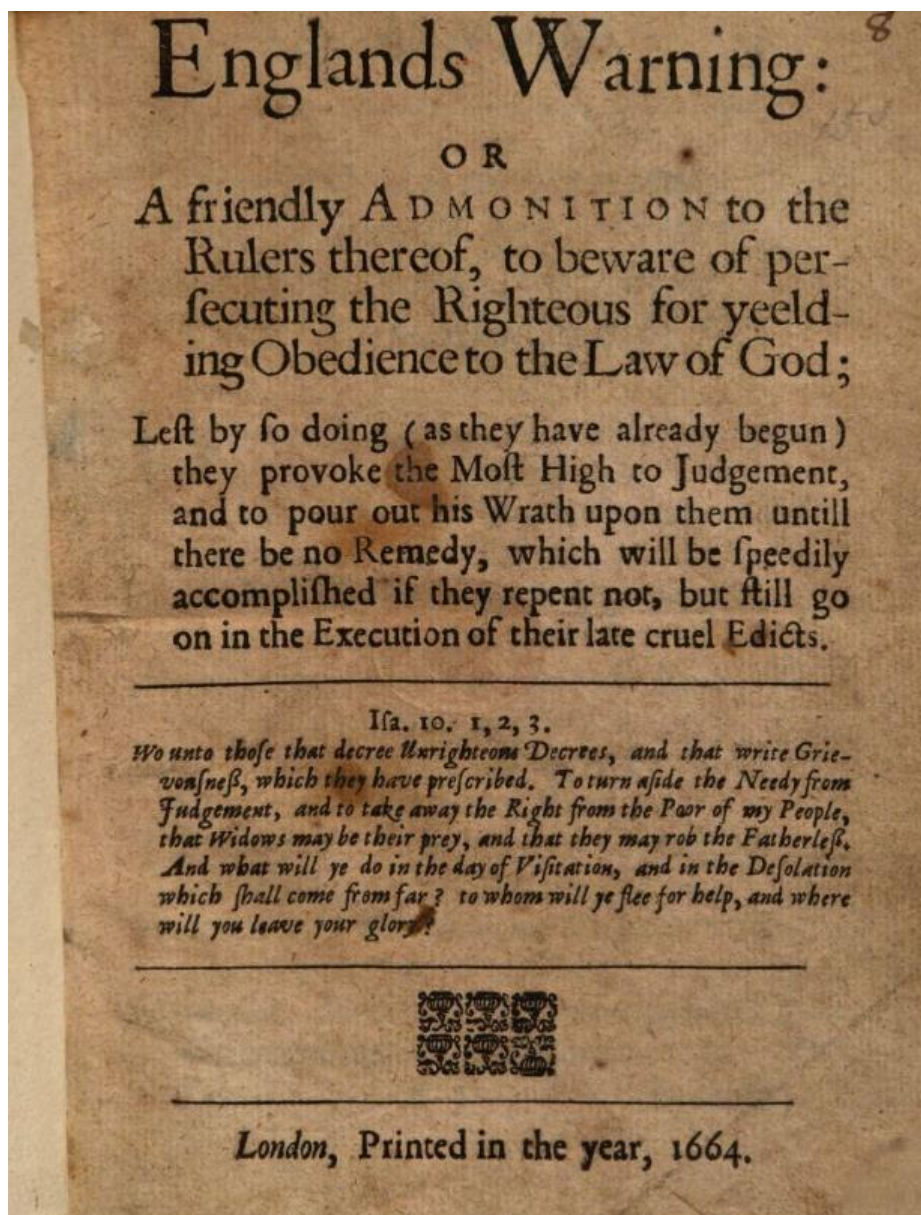


Figura 58: Folha de rosto de *England's Warning*.⁵⁴

Diferentemente de *The Jury-Man Charged*, contudo, *England's Warning* era um poema. Escritos por J. S., provavelmente o quaker John Swinton – que havia participado do Parlamento escocês nas décadas de 1640 e 1650 –, os versos criticavam a severidade e a brutalidade das leis que baniam “aqueles que são Justos / de sua Terra Natal.”⁵⁵ A injustiça, alertava, não prevaleceria porque Deus em breve intercederia em nome de seus verdadeiros fiéis, destruindo a Inglaterra assim como fizera com Sodoma. Swinton era mais alarmista que o autor de *The Jury-Man Charged*, sugerindo que não eram apenas os juízes que estariam destinados à danação por condenarem

⁵⁴ British Library, 11626.bb.46.

⁵⁵ No original: “those that Righteous are out of their Native Land”. [SWINTON,] *England's warning*, p.5.

peças inocentes, mas toda a comunidade acabaria perecendo em decorrência da maldade das autoridades. A peste, a fome e a guerra se alastrariam, castigando a todos.

A condenação divina “daqueles que resistem ao Espírito, e desprezam a Graça que traz a Salvação”, por meio da condenação do “Justo”, também foi tema central do terceiro panfleto controverso publicado por Joan Dover em meados de 1664: *This is for all or any*.⁵⁶ Embora a assinatura “R. T.” pudesse ter sido empregada em uma tentativa de dificultar a identificação da autoria do texto, as iniciais eram facilmente relacionadas à profetisa quaker Rebecca Travers, cujos títulos comumente utilizavam a mesma fórmula dedicatória e bastante direta: “Isto é para todos ou qualquer um que...”. Em 1663, a autora havia lançado – provavelmente com a oficina tipográfica dos Dovers – *A Testimony Concerning the Light and Life of Jesus*, no qual o preâmbulo se iniciava com “Isto é para todos os meus Queridos Irmãos e Irmãs, que...”. No final de 1659, redigiu um *broadside*, confeccionado pela impressora quaker Mary Westwood, com o título *This is for any of that generation that are looking for the Kingdom of God*; e um panfleto em quarto, *For those that meet to worship at the Steeplehouse*, que publicou com Giles Calvert. Além de suas palavras serem reconhecíveis pela sua frequente presença na imprensa londrina, Travers também era vigorosamente ativa em pregações públicas, razão pela qual foi detida diversas vezes.⁵⁷

Em 1664, ela reagiu ao reforço dos constrangimentos com relação à liberdade de culto por meio da publicação de *This is for all or any*. No panfleto impresso por Joan Dover, a autora tentava fundamentar a resistência dos quakers às novas imposições. Ao questionar “*Se é melhor obedecermos a Deus ou ao homem?*”⁵⁸ Considerando que os “*Quakers são da Religião de Paulo*”⁵⁹, Travers concluía que não havia outra resposta senão a obediência ao divino. Dessa concepção, a autora afirmava que não havia pecado em resistir e desobedecer a governantes que tentavam deliberar sobre assuntos que concerniam apenas à esfera da consciência e, portanto, a Deus. Era melhor, assim, sofrer os martírios em nome da verdadeira fé do que perverter os ensinamentos divinos para agradar aos reinos mundanos. Travers acrescentava, ainda, que o sofrimento dos não-conformistas seria recompensando, enquanto as ações das ímpias autoridades inglesas sofreriam consequências. A política persecutória do reinado de Carlos II desencadearia poderosos castigos aos quais não

⁵⁶ No original: “of those [...] that resist the Spirit, and despise the Grace that brings Salvation”; “Righteous”. T[RAVERS], R[ebecca]. **This is for all or any of those (by what name or title soever they be distinguished) that resist the Spirit, and despise the Grace that brings Salvation**. Londres: s. n., 1664, fl.1.

⁵⁷ MULLIGAN, Lotte. “Travers, Rebecca (c. 1609–1688), Quaker preacher and writer”. In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-27672>>, acessado em 04/04/2022.

⁵⁸ No original: “*Whether it be better that we obey God or Man?*” T[RAVERS], **This is for all or any of those**, p.3.

⁵⁹ No original: “*Quakers are of Pauls Religion*”. *Idem, ibidem*.

haveria escapatória. Como o exemplo de Sodoma, também evocado na poesia de Swinton, Travers afirmava que a Inglaterra estaria condenada, caso não voltasse a respeitar as leis de Deus.

Tomadas em conjunto, as publicações de Travers, Swinton e Creaven apontam algumas tendências das operações da oficina tipográfica sob a administração de Joan Dover. Primeiramente, há de se ressaltar seu engajamento com a questão da defesa da tolerância religiosa. Suas impressões anônimas sugerem que o radicalismo religioso não era apenas uma postura de Simon Dover, mas orientava também das escolhas editoriais da viúva. Como não-conformista, que percebia o agravamento das dificuldades para o exercício da sua fé, Joan Dover participava de uma intensa contenda em favor da tolerância para confissões protestantes. Não é à toa que uma nota sem data, mas provavelmente de meados de 1664, indicava que a estacionária estava sob constante vigilância, pois as autoridades desconfiavam que a viúva fosse a “impressora comum de todos os panfletos escandalosos” daquele contexto.⁶⁰ Em segundo lugar, é de destaque a sua proximidade dos quakers. Não podemos confirmar se Joan Dover, de fato, fazia parte da seita, mas ela certamente nutriu profícuos laços com essa comunidade. Salutares para a manutenção do quakerismo, sobretudo depois das perseguições pós-Restauração, a sociabilidade e as atividades femininas eram evidentes. É possível, então, que Joan Dover tenha encontrado suporte financeiro, bem como formas de firmar suas atividades políticas, sociais, religiosas e editoriais entre profetisas e pregadoras quakers como Rebecca Travers e Margareth Fell, ou estacionárias como Mary Westwood e mesmo Elizabeth Calvert, que desde cedo estava próxima do gupo. Tais laços podem ter sido fundamentais para viabilizar seus negócios depois dos endividamentos, das frequentes importunações da censura e da recente perda de seu marido.⁶¹

Cabe reforçar que, após o falecimento de Simon Dover, a oficina tipográfica não deixou de ser supervisionada pelas autoridades. Já em maio de 1664, as publicações controversas da viúva chamaram atenção, levando sua casa a ser objeto de escrutínio. Curioso notar, contudo, que o mandado de busca em sua oficina não foi expedido no nome de Joan Dover, mas sim nos de John Darby e John Gaines.⁶² Ambos provavelmente passaram a atuar como *journeymen* desde a prisão de Simon Dover, já que os três homens eram conhecidos desde o início de suas atividades no mercado livreiro, ainda na condição de aprendizes. Em 1647, Darby havia começado a trabalhar para o encadernador John Hide, ficando sob seus serviços até 1654. Pouco depois, passou a colaborar com a tipografia de Peter Cole. Nenhum contrato de aprendizagem formalmente atrelou Cole e

⁶⁰ No original: “common printer for all scandalous pamphlets.” PRO SP29/109/159.

⁶¹ BELL, Maureen. “Mary Westwood, Quaker Publisher”. **Publishing History**, n. 23, p. 5–66, 1988; BELL, “Her Usual Practices”; GILL, Catie. **Women in the Seventeenth-Century Quaker Community: A Literary Study of Political Identities, 1650–1700**. Londres: Routledge, 2017.

⁶² PRO SP44/16/115.

Darby, não obstante, o compartilhamento de aprendizes era uma prática comum entre membros da Companhia dos Estacionários. Na verdade, como ressaltado por John Hetet, as sólidas conexões entre John Hide, Peter Cole e Gertrude Dawson fizeram com que os estacionários não apenas dividissem direitos de cópia e publicações, mas também os seus empregados. Nathaniel Howell, outro aprendiz de Hide, por exemplo, também havia colaborado com Cole e Dawson. Howell, inclusive, foi dispensado do período de aprendizado por Cole e Dawson em 1658, ocasião que lhe garantiu o direito de atuar como membro da Companhia. Gaines havia sido empregado por Felix Kingston e Gertrude Dawson e, por isso, certamente acabou trabalhando junto com Simon Dover. Embora Dover houvesse sido oficialmente vinculado à oficina de Cole, de quem era aprendiz, seus registros na Companhia dos Estacionários sugerem que Dawson tenha sido uma figura presente no início de seu trabalho no mercado livreiro. Tanto Gertrude Dawson quanto Peter Cole assinaram sua dispensa, emancipando-o das tarefas de aprendiz. De forma similar, Darby foi liberado para atuar como membro da Companhia não por Hide, mas por Cole.⁶³

Além de enunciar as conexões entre Joan Dover, John Darby e John Gaines, o mandado de maio de 1664 também apontava para o fim da viuvez da impressora. No documento, as autoridades determinavam que L'Estrange fizesse a prisão de Darby “& sua esposa”.⁶⁴ A data do casamento de Joan e John Darby não pode ser recuperada, pois, enquanto não-conformistas, eles jamais formalizaram a união em uma paróquia anglicana.⁶⁵ Não obstante, é bastante provável que os dois já estivessem juntos naquela altura. Cabe ressaltar que isso não era, de forma alguma, incomum. Além de os casamentos entre famílias de estacionários serem usuais – porque reforçavam os laços comerciais e geravam oportunidades de ampliar ganhos financeiros e posses –, viúvas de agentes do mercado livreiro rapidamente contraíam matrimônio com ex-aprendizes ou outros homens do ofício. A companhia de um novo marido, que conhecia as atividades tipográficas e editoriais, costumava ser vista como uma garantia de manutenção dos estabelecimentos herdados.⁶⁶

⁶³ Ver registros de aprendizagem em **Records of London's Livery Companies Online (ROLLCO)**: <<https://www.londonroll.org/>>, acessado em 27/12/2022. Ver também: HETET, **A literary underground**; PLOMER, **A Dictionary of the Booksellers and Printers**; MCKENZIE, **Stationers' Company apprentices**; LYNCH, Beth, "Darby, John (d. 1704), printer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-67087>>, acessado em 31/03/2022.

⁶⁴ No original: “& his wife”. PRO SP44/16/115.

⁶⁵ TODD, Barbara J. “The remarrying widow: a stereotype reconsidered”. In: PRIOR, Mary (org.). **Women in English society, 1500-1800**. Londres: Routledge, 1985.

⁶⁶ A trajetória de Hannah Chapman apresenta um bom exemplo desta conduta. Antes do matrimônio com Livewell Chapman, seu antigo aprendiz, a mulher havia sido casada com o livreiro Benjamin Allen. Ela herdou os negócios em 1645, após o falecimento do marido. Por mais que tenha demonstrado grande habilidade no manejo das atividades do mercado de impressos, em 1651, a livreira optou por se casar novamente no início dos anos 1650 com outro estacionário, com quem poderia compartilhar os negócios. BELL, “Hannah Allen and the Development of a Puritan

A união matrimonial não pressupunha, entretanto, que as atividades editoriais de Joan (agora) Darby cessassem. É certo que ela continuou atuante no cotidiano da oficina tipográfica. E, mais ainda, o nome “Joan Dover” permaneceu sendo impresso nas folhas de rosto e registros da Companhia dos Estacionários até 1666. Isto sugeria, por um lado, a força do sobrenome “Dover”, já consideravelmente conhecido no mercado livreiro e, possivelmente útil à manutenção de suas atividades. Por outro, apontava que, mesmo se a viúva já houvesse se casado em meados de 1664, ela seguiu atuando de forma relativamente autônoma nos negócios do livro, gerindo o estabelecimento por quase dois anos antes de John Darby, efetivamente, assumi-lo.⁶⁷

Interessante notar, ainda, que, quando associado à oficina tipográfica antes de 1666, o nome de Darby aparece somente nos registros das investigações e dos procedimentos repressivos dos censores. Depois do pedido de prisão de maio de 1664, o impressor voltou a ser mencionado no mês seguinte, em meio a uma série de mandados expedidos pelo Secretário de Estado Henry Bennet para que Roger L’Estrange buscasse obras ilegais e sediciosas em casas, oficinas e depósitos de diversos estacionários londrinos. Enquanto isso, era o nome de Joan Dover que estampava os *imprints* de obras como os tratados médicos de Everard Maynwaringe, as demonologias de William Drage, o almanaque de Thomas Nunnes e, sobretudo, o grande “compêndio da escrita puritana”⁶⁸, *The Holy City* de John Bunyan.⁶⁹ Tais títulos, vale ressaltar, eram potencialmente lucrativos e relevantes para as discussões do período. As edições de *An Almanack of Ephemerides* de 1665 e 1666, por exemplo, renderam à viúva mais de £11 de pagamento da Companhia dos Estacionários.⁷⁰ Os almanaques tinham grande circulação na Época Moderna porque proporcionavam aos leitores informações sobre os ciclos astronômicos que organizavam toda a vida cotidiana, ajudando a planejar atividades agrícolas, ou mesmo a guiar decisões políticas.⁷¹ Por sua vez, o trabalho de

Publishing”; BELL, **Women publishers of puritan literature**; SMITH, **“Grossly material things”**; LIMA, **“Impresso para ser vendido”**.

⁶⁷ LYNCH, "Darby, John".

⁶⁸ No original: “textbook Puritan writing”. SMITH, Nigel. “John Bunyan and Restoration Literature”. In: DUNAN-PAGE, Anne (org.), **The Cambridge companion to Bunyan**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 31.

⁶⁹ Ver, entre outros: MAYNWARINGE, Everard. **Morbus polyrhizos et polymorphæus. A treatise of the scurvy**. Londres: J[Joan]. D[over].; George Sawbridge, 1666; MAYNWARINGE, Everard. **Nova medendi ratio, a short and easie method of curing. Exemplified by a ternary of radical medicines, universal in their respective classes. Viz. purgation, transpiration, roboration**. Londres: J[Joan]. Dover; M. Speed, 1666; DRAGE, William. **Daimonomegeia. A small treatise of sicknesses and diseases from witchcraft, and supernatural causes. Never before, at least in this comprised order, and general manner, was the like published**. Londres: J[Joan]. Dover, 1665; NUNNES, Thomas. **An almanack, or, Ephemeris for the year of our Lord, 1665 being the first after bissextile, or leap-year, and from the creation of the world, 5614**. Londres: J[Joan]. Dover; Company of Stationers, 1665; BUNYAN, John. **The Holy City: or, The new Jerusalem: wherein its goodly light, walls, gates, angels, and the manner of their standing, are expounded: also, her length and breadth, together with the golden-measuring-reed, explained: and the glory of all unfolded**. Londres: J[Joan]. Dover, [1665].

⁷⁰ O valor equivale a mais de £1.200,00 atualmente. STATIONERS’ COMPANY. **Journal Book of Money Disbursed**. Reference number: TSC/1/E/D/14, fl.41r.

⁷¹ CAPP, **Astrology and the Popular Press**.

Bunyan reverberaria amplamente nas expectativas escatológicas das comunidades radicais não-conformistas. Amparado no Livro do Apocalipse de João, *The Holy City* discutia a iminência do Milênio e do Fim dos Dias. Ainda que Bunyan não houvesse fornecido uma data para a realização dos seus prognósticos, seu livro declarava que o sofrimento dos dissidentes estava para acabar. Cristo voltaria para livrar-lhes dos poderes anticristãos, que insistiam ao assolar a Inglaterra.⁷²

O que poderia explicar a disparidade das ocasiões nas quais os nomes de John Darby e Joan Dover foram mencionados na documentação da época? Pode ser que a viúva tenha optado por manter o nome do falecido marido pelo maior tempo possível, a fim de dar prosseguimento a acordos comerciais e projetos editoriais já em curso. O *Almanack* de Nunnes, por exemplo, já vinha sendo composto por Simon Dover desde 1664 e, nos anos anteriores, fora sua antiga mestra, Gertrude Dawson, que o publicara para a Companhia dos Estacionários.⁷³ No entanto, depois de ter desposado John Darby, Joan perdeu o status de *femme sole*, voltando a ficar sob a cobertura de um marido. Sendo assim, as infrações cometidas dentro da oficina tipográfica, mesmo se levassem o nome da mulher, eram, sobretudo, de responsabilidade de John Darby. Se por um lado, o casamento submetia Joan Dover a John Darby, por outro, a impressora, paradoxalmente, ficava menos constrangida pelas autoridades. O matrimônio significava uma transferência de suas posses para o novo marido, mas também de sua responsabilidade legal. Isso não quer dizer, vale ressaltar, que Joan fosse uma mulher livre e desimpedida, já que vivia em uma sociedade patriarcal, que restringia as atividades femininas. Mas, como veremos no item a seguir, Joan Dover e outras das Mulheres Confederadas encontraram formas para tencionar seu espaço de atuação, expressar suas perspectivas político-religiosas por meio da imprensa, e evitar constrangimentos demasiadamente rigorosos por parte dos censores.⁷⁴

6.1.2. Imprensa inflamada: as Mulheres Confederadas e o incêndio de Londres

Por diversas vezes, Roger L'Estrange demonstrou seu incômodo com a atuação de mulheres como Joan Dover/Darby. Elas representavam uma constante ameaça ao seu projeto de controle da imprensa, pois, do ponto de vista jurídico e criminal, era difícil contê-las. Mesmo

⁷² BUNYAN, *The Holy City*.

⁷³ NUNNES, Thomas. *An almanack, or, Ephemeris for the year of our Lord, 1662 being the second from bissextile or leap-year, and from the creation of the world, 5611*. Londres: Gartrude Dawson; Company of Stationers, 1662. NUNNES, Thomas. *An almanack or, Ephemerides, for the year of our Lord 1664. being bissextile, or leap-year; and from the creation of the world 5613*. Londres: S[imon]. D[over]; Company of Stationers, 1664.

⁷⁴ HANAWALT, "The Female Felon"; HANAWALT, Barbara. *The wealth of wives women, law, and economy in late medieval London*. Oxford: Oxford University Press, 2007; TODD, "Property and a Woman's Place"; BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; BELL, "Her Usual Practices"; KREPS, "The Paradox of Women".

quando cometiam crimes graves, poucas eram levadas aos tribunais e, quando isso ocorria, comumente eram absolvidas. Como já falamos no capítulo anterior, as cortes costumavam ser menos rigorosas com as mulheres. De modo geral, isso decorria de concepções acerca da natureza feminina, presentes nas culturas medieval e moderna. Sustentando que Eva fora feita a partir de uma costela curvada de Adão e, portanto, imperfeita, obras como o *Malleus Maleficarum* de 1487 comumente descreviam as mulheres como seres fracos e incapazes física, moral e intelectualmente. Dessa perspectiva, surgiam diversas conclusões a respeito do caráter feminino. Muitas vezes, elas eram entendidas como vis e traiçoeiras, já que eram vítimas mais facilmente corruptíveis pelos enganos do Demônio. Ao mesmo tempo, eram compreendidas como inaptas a exercer inúmeras atividades, mesmo as criminosas. Quando envolvidas em casos violentos, as mulheres costumavam ser identificadas pelos tribunais apenas como auxiliares na execução de agressões e assassinatos, mas não como as principais responsáveis. Apelando para uma suposta inaptidão ou mesmo ignorância, muitas mulheres escapavam de suas penas, ganhando a compaixão das cortes.⁷⁵

É importante ter em vista que essa aparente leniência com a qual os tribunais tratavam as mulheres não implicava na ausência de restrições e opressões. Há de se lembrar que a violência brutal foi característica das perseguições por práticas heréticas e de bruxaria, que transcorreram ao longo das Idades Média e Moderna. Não obstante, é interessante observar que as exclusões sistemáticas e estruturais das mulheres na sociedade, por vezes, propiciavam-lhes formas de se esquivar dos constrangimentos e explorar formas para agir às margens. O caso das “Mulheres Confederadas” é importante porque, como observado por Maureen Bell, possibilitou a contínua promoção de propaganda não-conformista em um contexto de recrudescimento dos sistemas de censura. Ainda que algumas delas, como Anna Brewster e Elizabeth Calvert, tenham sido presas em diferentes ocasiões, elas não enfrentaram os mesmos constrangimentos que seus companheiros do sexo masculino, viabilizando, assim, a manutenção das redes de produção e disseminação de literatura ilegal.⁷⁶

A atuação feminina fica mais evidente quando nos concentramos em suas publicações anônimas e clandestinas da segunda metade dos anos 1660. A epidemia de peste de 1665 e a destruição causada pelo incêndio de 1666 afetaram o funcionamento do mercado livreiro. O já elevado número de mortos, vitimados pela doença, multiplicou-se com as chamas que arrasaram a

⁷⁵ Sobre isso, ver, entre outros: HANAWALT, "The Female Felon"; DOWD, Michelle M.; ECKERLE, Julia A. (orgs.). **Genre and Women's Life Writing in Early Modern England**. Aldershot: Ashgate, 2007; EALES, Jacqueline. **Women in early modern England, 1500-1700**. Londres: UCL Press, 2005; PRIOR (org.), **Women in English Society**; SUKUZU, Mihoko. **Subordinate subjects: gender, the political nation, and literary form in England, 1588-1688**. Londres: Routledge, 2007; WALKER, Garthine. **Crime, Gender and Social Order in Early Modern England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

⁷⁶ BELL, "Her Usual Practices".

região central de Londres por dias. Diante das fatalidades, da catástrofe e da devastação massiva de casas, lojas e igrejas, diversas pessoas deixaram a cidade. Conseqüentemente, a agitação da imprensa recuou drasticamente. Seja pela diminuição da atividade tipográfica e livreira, seja pela grande perda material, é difícil rastrear as ações das Confederadas nesse período. Provavelmente, se sustentaram, como Elizabeth Calvert, a partir da venda de textos antigos, alocados em depósitos que escaparam da ação das chamas. A partir do final de 1666, contudo, suas produções legais e ilegais voltam a ocupar o mercado livreiro.⁷⁷

O incêndio foi objeto de reflexão e debate assim que as primeiras chamas apareceram pelo centro de Londres. Panfletos, jornais e livros que tentavam explicar o episódio passaram a inundar o mercado livreiro na virada de 1666 para 1667. Mesmo entre aqueles que acreditavam que a tragédia não fora causada por nada mais do que um triste acidente numa padaria em Pudding Lane prevaleciam interpretações místicas sobre os significados do incêndio. Recorrentemente citado na Bíblia, o fogo era símbolo dos castigos divinos, ao mesmo tempo em que representava a purificação dos pecados de uma cidade e seus habitantes.⁷⁸ Não havia, contudo, unanimidade acerca de quais pecados teriam provocado a ira de Deus. Para anglicanos regalistas como o poeta John Dryden, as chamas eram sintomáticas da degradação moral dos ingleses após a eclosão das Guerras Civis contra Carlos I. A resposta do governo de Carlos II à calamidade, por sua vez, era mostra de seu heroísmo e boa vontade para apaziguar o sofrimento do povo.⁷⁹ Para não-conformistas de diferentes correntes, o problema era a falta do zelo religioso. A corte, a Igreja e a sociedade como um todo haviam se desvirtuado desde a Restauração. A reabertura dos teatros, a ampliação da permissão para a realização de diversas festas e práticas desportivas, e a reincorporação de suntuosos ritos à Igreja oficial (identificados como práticas papistas) perturbavam aqueles que desejavam purificar a cristandade.⁸⁰

Obras clandestinas, emitidas e distribuídas pelas Mulheres Confederadas trataram sobre o assunto. Exemplo disso é *A Trumpet Blow in Sion*. Lançado anonimamente ao final de abril de 1667, o texto foi redigido pelo pastor Batista Benjamin Keach. Na folha de rosto, o autor se apresentava como “um pobre Verme, que através da Graça do Senhor, encontrou grandes Bençãos entre o

⁷⁷ A casa de Elizabeth Calvert foi destruída pelo incêndio, razão pela qual foi para Duck Lane até 1669, quando retornou à região da St. Paul's Cathedral. *Idem*; BELL, Maureen. "Calvert, Elizabeth (d. 1675?), bookseller". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39670>>, acessado em 28/12/2022.

⁷⁸ WALSHAM, **Providence in early modern England**.

⁷⁹ DRYDEN, John. **Annus mirabilis: the year of wonders, 1666. An historical poem: containing the progress and various successes of our naval war with Holland, under the conduct of His Highness Prince Rupert, and His Grace the Duke of Albemarl. And describing the fire of London**. Londres: Henry Herringman, 1667.

⁸⁰ FIELD, Jacob F. **London, Londoners and the Great Fire of 1666: Disaster and Recovery**. Londres: Routledge, 2017.

Ministério Presbiteriano [...]; e também [...] entre o Ministério das Congregações Independente e Batista”⁸¹. Em grande destaque, o título da obra se baseava, sobretudo, na citação do Livro de Isaías (também incluída na folha de rosto), segunda a qual uma trombeta (ou uma voz ressoando tão alto quanto uma), mostraria ao povo todas as suas transgressões, para que pudesse se arrepender e voltar ao caminho do Senhor (ver *Figura 59*).

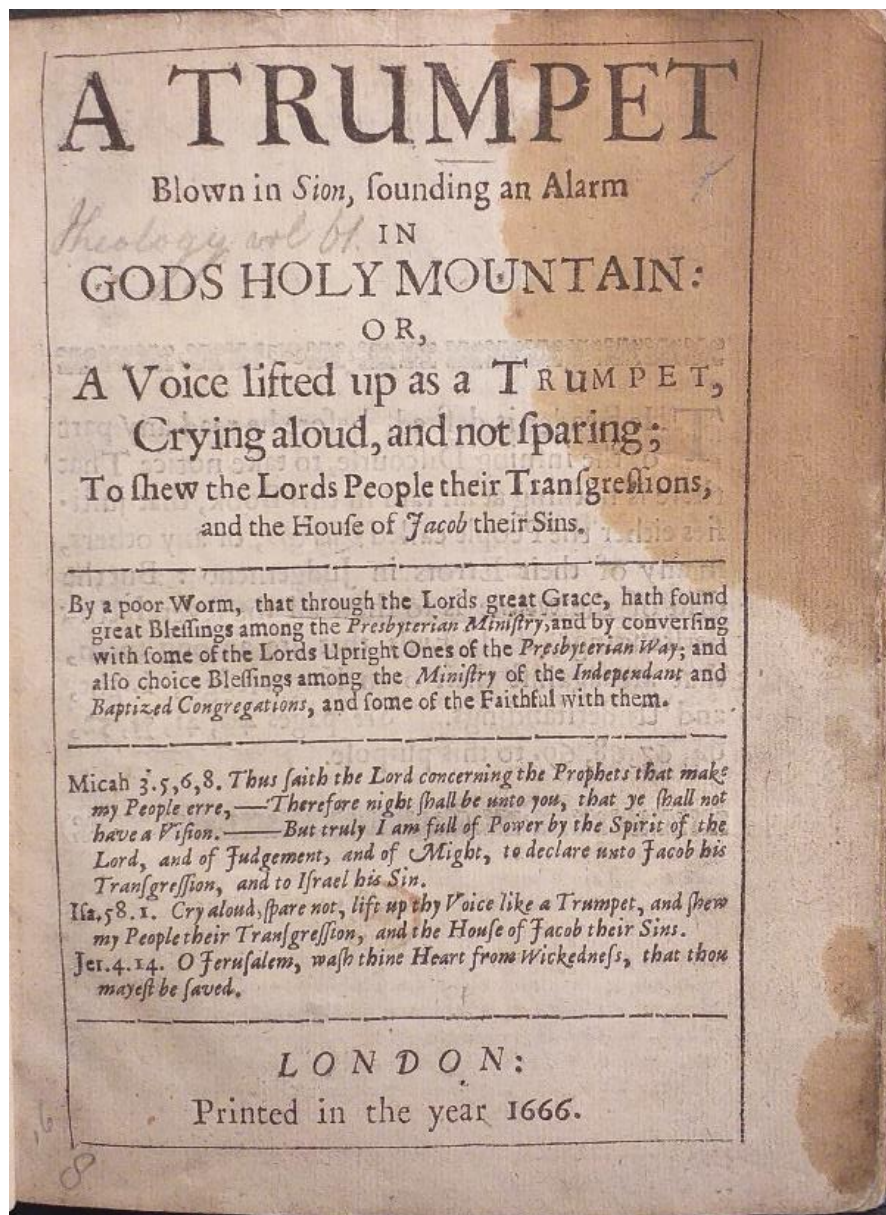


Figura 59: Folha de rosto de *A Trumpet Blown in Zion*.⁸²

⁸¹ No original: “a poor Worm, that through the Lords great Grace, hath found great Blessings among the *Presbyterian Ministry* [...]; and also [...] among the Ministry of the Independant and Baptized Congregations”. **A trumpet blown in Zion, sounding an alarm in Gods holy mountain: or A Voice lifted up as a Trumpet, Crying aloud, and not sparing, to shew the Lords People their Transgressions, and the House of Jacob their Sins.** Londres: s. n., 1666 [1667], fl.1. Agradeço ao Prof. Luís Filipe Silvério Lima pelas fotografias do panfleto em questão.

⁸² British Library, 113.g.7.

Embora ao longo de suas páginas, oriundas de sermões proferidos por Keach durante suas pregações itinerantes, o autor recomendasse que seus leitores (ou ouvintes) fizessem um exame de consciência para se darem conta de seus erros, suas críticas não eram endereçadas apenas ao comportamento individuais dos fiéis, mas, especialmente, às circunstâncias nas quais os Três Reinos se encontravam. Em sua perspectiva, os frequentes atos de blasfêmia, bebedeira, cobiça, orgulho, ira, depravação, adoração de falsos ídolos e não observância aos Sábados eram resultantes da condução das políticas religiosas do contexto em que vivia. A recuperação da Igreja Anglicana havia preterido a sobriedade e o zelo puritanos, privilegiando a altivez dos ritos papistas. Por meio de diversas alegorias, os sermões e panfletos de Keach durante a Restauração tratavam, como evidenciado por Warren Johnston, de suas “preocupações contemporâneas”, sobretudo, com a “ameaça à Inglaterra [vinda] da França e do Catolicismo internacional”.⁸³ Assim, quando falava sobre as recentes catástrofes causadas pela peste e pelo incêndio, Keach se referia a elas como sonoros alertas da reprovação de Deus.

A posição de *A Trumpet* era confirmada pela inserção de duas cartas recebidas por Keach de colegas em Amsterdã. Datadas de agosto de 1661, as correspondências anexas ao panfleto narravam uma visão de um ancião de Friesland. Nelas, relatava-se que o idoso havia sido visado por um anjo em uma noite. Nessa ocasião, fora-lhe revelado que, caso os ministros religiosos não purificassem as Igrejas Reformadas “*da Profanidade, e dos excessos pecaminosos que abundavam em seus cursos*”, Deus levaria a guerra, a praga, a fome e a morte ao seu povo.⁸⁴ O aviso divino deveria ser repassado a todos, inclusive aos ingleses, razão pela qual Keach havia recebido as cartas. Agora, decidira publicá-las para demonstrar como a Inglaterra se encontrava em um estado de profunda poluição espiritual. Com isso, esperava estimular o arrependimento, a humilhação e a retidão entre a população.

A mensagem de *A Trumpet* parece ter circulado amplamente, tocando, em especial, a um leitor londrino: o ourives John Bromley. Depois de ter contato com a publicação na segunda quinzena de julho de 1667, Bromley procurou o impressor James Astwood, a quem solicitou que fizesse uma nota para recomendar a leitura. Nela, informava que a obra poderia ser encontrada na livraria sob o signo da Águia Negra de Asas Abertas em Barbican pelo custo de 10 *pence*. Tanto Bromley quanto Astwood foram presos no início de agosto. Em seus depoimentos, explicavam

⁸³ No original: “contemporary concerns”; “threat to England from France and international Catholicism”. JOHNSTON, Warren. “Radical Revelation? Apocalyptic Ideas in Late Seventeenth-Century England”. In: HESSAYON; FINNEGAN (orgs.), **Varieties of seventeenth- and early eighteenth-century English radicalism**, p. 196.

⁸⁴ No original: “*from the Prophaneness, and sinful excesses which abounded in their courses*”. **A Trumpet**, p.65-66.

que desconheciam o autor do texto. Bromley se declarava um súdito leal da monarquia, que apenas quisera propagandar a obra porque julgava que seus ensinamentos poderiam ser benéficos, depois das recentes tragédias.⁸⁵ Já Astwood explicava que sequer conhecia o conteúdo do livro, tendo feito a nota somente por conta do pedido do ourives. O impressor, contudo, conseguiu fornecer mais detalhes acerca da confecção do título não-conformista. Declarou que o texto havia sido composto na oficina tipográfica de Robert White, que, com frequência, vinha colaborando com a livraria dos Calverts. Também disse às autoridades que havia visto algumas folhas de *A Trumpet* na casa de John e Joan Darby, juntamente com um manuscrito parcial do texto e algumas provas já impressas e corrigidas.⁸⁶

Bromley e Astwood foram soltos pouco depois de prestarem suas declarações às autoridades. Embora George Kitchin tenha afirmado, em seu estudo sobre Roger L'Estrange, que Robert White, John Darby e Elizabeth Calvert foram presos ainda em agosto de 1667, ficando sob custódia até um julgamento supostamente realizado no ano seguinte, segundo Maureen Bell, não há fontes que comprovem esses acontecimentos. Não obstante, parece evidente que os estacionários em questão estavam sob vigilância naquele contexto. Elizabeth Calvert, já vinha sendo citada em investigações sobre a circulação de panfletos clandestinos pelo menos desde julho de 1667.⁸⁷

Mais precisamente no dia 13 julho, Sir Thomas Langton, o prefeito de Bristol, enviou uma carta ao Secretário Bennet para lhe informar que Elizabeth Calvert havia enviado à cidade portuária cerca de 50 cópias de um texto pernicioso a respeito do incêndio de Londres.⁸⁸ Langton se referia a *London's Flames*. Ainda mais enfático do que *A Trumpet* no sentimento anticatólico, *London's Flames* alegava que os papistas não haviam apenas atraído o castigo divino por meio de seu culto corrupto, mas os acusava de terem ateado fogo em toda a cidade. Tal interpretação foi bastante repetida pelos não-conformistas. Mesmo entre aqueles que identificavam as chamas como uma manifestação divina, havia uma séria suspeita de que a catástrofe havia sido começada por meio da agência humana. Como observado por Jacob Field, para muitos não havia contradição em simultaneamente defender as duas posições, pois a associação entre o catolicismo e o fogo era bastante comuns entre os protestantes ingleses.⁸⁹ Desde as fogueiras instituídas por Maria I à Conspiração da Pólvora de 1605, havia inúmeros exemplos aos quais se voltar para sugerir que os papistas eram responsáveis pelas chamas.⁹⁰

⁸⁵ PRO SP29/212/18, 20; SP29/213/161.

⁸⁶ PRO SP29/213/162

⁸⁷ KITCHIN, **Sir Roger L'Estrange**; BELL, "Her Usual Practices".

⁸⁸ PRO SP29/209/85.

⁸⁹ FIELD, **London, Londoners and the Great Fire**.

⁹⁰ KENYON, **The Popish plot**.

A culpabilização dos católicos não seria um incômodo para as autoridades se, no contexto da Restauração, a questão religiosa não estivesse provocando tantas ansiedades entre a população inglesa. Havia um teor potencialmente subversivo em tais alegações por conta do entranhamento de católicos entre a corte e os funcionários do Estado. Nas mais altas camadas da sociedade inglesa, o catolicismo prosperava mais do que no passado recente. A rainha consorte, Catarina de Bragança, havia trazido sua corte católica para a Inglaterra. Além dela, o Duque de York, irmão do rei, também parecia perigosamente envolvido com a religião. Ainda que a conversão de Jaime Stuart só tenha sido oficialmente anunciada em 1673, diversos rumores acerca de sua verdadeira fé circulavam desde o princípio dos anos 1660, levando a boatos de que, secretamente, o Duque planejava a morte de Carlos II. A suposta conspiração visava usurpar o trono para instaurar um regime à moda dos franceses e sob a fé dos romanos.⁹¹

O pânico católico ganhava força com a disseminação de publicações como *London's Flames*. Lançado anonimamente em meados de 1667, o texto alegava conter detalhes das investigações sobre a causa do incêndio. Supostamente baseado no relatório redigido por Sir Robert Brooke, o presidente do comitê parlamentar reunido para tal averiguação, o panfleto reproduzia relatos de diversas testemunhas. Muitas diziam ter presenciado uma grande e anômala circulação de católicos pela cidade de Londres pouco antes da ocorrência, dando a entender que havia algo de suspeito nisso. Em particular, as páginas de *London's Flames*, expressavam uma profunda desconfiança de que o incêndio havia sido planejado por um complô internacional, liderado pelo Duque de York, e apoiado pelos franceses. As chamadas, assim, prenunciavam uma invasão estrangeira que instalaria o papismo na Igreja e a tirania no governo.⁹²

Os questionamentos sobre a natureza da catástrofe, por conseguinte, geravam desconfianças acerca do caráter da realeza Stuart. Se o alastramento do papismo já era um tema de preocupação desde a ascensão de Carlos II e da recomposição da Igreja Anglicana, as recentes notícias sobre o suposto complô incendiário, do qual o próprio irmão do rei poderia ser um partícipe, representavam graves riscos. As autoridades temiam que novas rebeliões desencadeassem pelo reino. Não é por acaso que a rápida e ampla disseminação de *London's Flames* incomodou aos censores. Os Secretários de Estado receberam diversos relatos de que cópias do panfleto circulavam pelos condados de Bedford e Cumberland, além de terem se alastrado pela região portuária de Bristol.⁹³

⁹¹ DE KREY, *London and the Restoration*; FIELD, *London, Londoners and the Great Fire*.

⁹² *Londons flames discovered by informations taken before the Committee Appointed to Enquire after the Burning of the City of London and after the insolency of the papists, &c.* Londres: s. n., 1667; FIELD, *London, Londoners and the Great Fire*.

⁹³ PRO SP29/209/85; SP29/441/58; SP29/214/27; FIELD, *London, Londoners and the Great Fire*.

O relato de Langton a Bennet dava algumas informações a respeito de como o pernicioso panfleto teria sido clandestinamente distribuído pela Inglaterra. Na correspondência, o prefeito de Bristol afirmava que a disseminação de *London's Flames* fora orquestrada por Elizabeth Calvert e Susannah Moone, a viúva do ex-aprendiz de Giles Calvert, Richard Moone. As alegações de Langton se basearam na apreensão de uma carta de Elizabeth à sua “Amada amiga”.⁹⁴ Datada de 4 de julho, a carta registrava que a livreira da *Black Spread Eagle* havia encaminhado cópias do texto para serem comercializadas por pouco mais de 8 *pence*.⁹⁵ Depoimentos colhidos em Bristol sugeriam que, pouco mais de uma semana depois, Susannah Moone já havia vendido todos os exemplares que recebera. O exame de um livreiro, Michael Thomas, dava indício do ávido interesse do público leitor, especialmente daquele distante do centro da catástrofe, em receber notícias sobre o incêndio e entender as suas causas. Thomas declarava ter vendido sua única cópia de *London's Flames* apenas trinta minutos depois de tê-la conseguido.⁹⁶

A correspondência interceptada pelas autoridades constatava não apenas os assuntos de amplo interesse público, mas também as habilidades comerciais das duas livreiras Confederadas. Apesar de os registros não nos possibilitarem entender como Calvert e Moone, de fato, mobilizaram as rotas de distribuição, parece-nos claro que tiveram agilidade na confecção e no escoamento da publicação clandestina, já que o texto só começou a ser suprimido depois de já ter atingido diversas regiões. E, apesar de muitos exemplares terem sido apreendidos, presumivelmente, as mulheres não sofreram grandes constrangimentos, pois, na mesma época deram prosseguimento a ainda outras publicações controversas.

6.2. Um “Nó” de publicações clandestinas

6.2.1. Sátiras contra o Estado

Também em 1667, os nomes das Confederadas foram associados à satírica série de versos intitulada *Advices to the Painter*. Já circulando como manuscritos desde meados de 1666, os poemas ganharam versões impressas no ano seguinte.⁹⁷ Os *Advices* respondiam às declarações do cortesão Edmund Waller em seu recente panegírico *Instructions to a Painter*. Publicado em um *broadside* em 1665 e expandido para uma versão em fôlio em 1666, o poema de Waller celebrava algumas das

⁹⁴ No original: “Loving friend”. PRO SP29/209/85.

⁹⁵ Pouco mais de £4,00 nos dias de hoje.

⁹⁶ PRO SP29/209/85.

⁹⁷ LOVEMAN, Kate. **Samuel Pepys and his books: reading, newsgathering, and sociability, 1660-1703**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

vitórias navais da II Guerra Anglo-Holandesa, nas quais o Duque de York havia tido especial relevância como comandante.⁹⁸ Partindo da tradição horaciana do *ut pictura poesis*,⁹⁹ segundo a qual a pena imita o pincel e vice-versa, Waller escrevera sobre como as imagens das “forças navais da Sua Majestade” deveriam ser desenhadas, de modo a fazer a melhor representação de seu heroísmo e triunfo.¹⁰⁰

A fortuna inglesa, contudo, mudaria rapidamente. A campanha militar se provaria um fracasso dispendioso ao longo dos anos seguintes. As derrotas provocaram reações na imprensa. Foi nesse contexto que a primeira resposta a Waller foi lançada sob o título de *Second Advice to the Painter*. Anônimo, o panfleto emulava o estilo de Waller para sugerir uma continuidade entre os dois textos. No entanto, o *Second Advice* propunha aos pintores estratégias e técnicas para ocultar a vergonhosa conduta dos comandantes militares. Por muito tempo, pesquisadores da literatura têm discutido a respeito da autoria das sátiras e estimam que Andrew Marvell tenha sido seu artífice, ou ao menos um dos maiores contribuintes para os cinco *Advices* impressos em 1667. A atribuição comumente é justificada pelo estilo textual, bem como pelo conteúdo, muito semelhante a obras contemporâneas do autor.¹⁰¹

O conjunto dos *Advices* se dirigia às várias polêmicas da segunda metade dos anos 1660. Seu tom era, sobretudo, de crítica à administração do Conde de Clarendon e ecoava a nostalgia pela “boa e velha causa” do Parlamento. Se no poema de Waller, o Duque de York era retratado com heroísmo, no *Second Advice*, ele era um anti-herói. A contraposição das perspectivas sobre o Duque salientava o incômodo com as decisões militares de Carlos II. O rei demonstrava inabilidade na condução das tropas e, por isso, era comparado a Oliver Cromwell, cujos sucessos durante a I Guerra Anglo-Holandesa poderiam sugerir a superioridade e a competência do Protetorado em relação à monarquia. Ficava latente, assim, a preferência de Marvell por um comando militar baseado nos méritos e nas habilidades dos soldados, e não na origem social dos comandantes. Para

⁹⁸ WALLER, Edmund. *Instructions to a painter for the drawing of a picture of the state and posture of the English forces at sea*. Londres: s. n., 1665; WALLER, Edmund. *Instructions to a painter, for the drawing of the posture & progress of His Maties forces at sea, under the command of His Highness Royal*. Londres: Henry Herringman, 1666; PATTERSON, Annabel. "The Second and Third Advices-to-the-Painter". *The Papers of the Bibliographical Society of America*, v. 71, n. 4, p. 473–486, 1977; SMITH, Nigel. *Andrew Marvell: the chameleon*. New Haven: Yale University Press, 2010; BARDLE, *The Literary Underground*.

⁹⁹ Sobre a máxima horaciana, ver, entre outros: HANSEN, João Adolfo. “*Ut Pictura Poesis* e a Verossimilhança na Doutrina do Conceito no Século XVII Colonial”. In: HANSEN, *Agudezas seiscentistas*.

¹⁰⁰ No original: “His Maties Forces at Sea”. WALLER, *Instructions to a painter*, 1666, fl.1.

¹⁰¹ [MARVELL, Andrew]. *The second advice to a painter, for drawing the history of our navall business*. [Londres:] s. n., 1667; [MARVELL, Andrew]. *The second and third advice to a painter, for drawing the history of our navall actions, the two last years, 1665 and 1666*. Breda [Londres]: s. n., 1667. LOVE, Harold. *English clandestine satire, 1660-1702*. Oxford: Oxford University Press, 2004; BURROWS, John. "Andrew Marvell and the 'Painter Satires': A Computational Approach to Their Authorship". *The Modern Language Review*, v. 100, n. 2, p. 281–297, 2005; CHAMBERS, A. B. *Andrew Marvell and Edmund Waller: Seventeenth-Century Praise and Restoration Satire*. Filadélfia: Penn State Press, 2010; SMITH, *Andrew Marvell*; BARDLE, *The Literary Underground*.

o autor, quando o oficialato era composto pela nobreza, os interesses do reino eram negligenciados em prol de suas ambições pessoais, que ignoravam a prosperidade do bem público. Tal perspectiva foi acentuada na publicação do *Third Advice*. Nele, sugeria-se que os pintores optassem por retratar as disputas navais em telas pequenas ou mesmo em miniaturas, já que os ultrajantes resultados das campanhas bélicas inglesas não se mostravam propícios aos arroubos épicos, retratados em telas de grandes dimensões.¹⁰²

Pouco depois, a corrupção moral, sexual, religiosa, financeira e política da administração carolina foi o tema central de *The Last Instructions*, que acompanhou a queda do Conde de Clarendon e de algumas de suas políticas.¹⁰³ Segundo Stephen Barde, o título presumia que depois dos fracassos militares, da peste, do incêndio e das disputas religiosas, o *impeachment* do Conde levasse a uma série de reformas no governo monárquico, dispensando, portanto, a necessidade da redação e publicação de novos *Advices*.¹⁰⁴ Ao longo dos anos que passou como chanceler, Clarendon cultivou desafetos na corte, no Parlamento e na população. Sua postura conservadora e intolerante, mas, sobretudo, suas alianças com o Duque de York desagradavam a muitos súditos. Paralelamente, a relação do Conde com o rei vinha se desgastando com as tentativas do chanceler de refrear o poder de Carlos II. Ao final de 1667, Clarendon acabou se tornando o bode expiatório do fiasco naval contra a Holanda. Como consequência, foi acusado de alta traição e, posteriormente, exilou-se na França.¹⁰⁵

Ainda que o chanceler tenha sido removido e que parte do Código de Clarendon tenha expirado naquele mesmo contexto, como aconteceu com o Ato contra Conventículos, as mudanças esperadas por Marvell não foram concretizadas. Assim, em novembro de 1667, uma reedição dos poemas foi publicada com algumas alterações. Sob o título de *Directions to a Painter*, o panfleto reunia revisões dos dois primeiros *Advices* e incluía duas novas seções, os *Advices* de número quatro e cinco, que atualizavam as críticas a Carlos II e expressavam um profundo sentimento anticatólico. Pouco depois, uma nova versão da coletânea também entrou em circulação. Embora não tenha sido possível acessar nenhum exemplar da segunda edição para cotejá-la com a anterior, podemos nos apoiar no minucioso exame de Martin Dzelzainis para fazer algumas constatações. Em

¹⁰² LOVE, **English clandestine satire**; BARDLE, **The Literary Underground**.

¹⁰³ [MARVELL, Andrew]. **The last instructions to a painter**. [Londres: s. n., 1667]; FITZHENRY, William. "Materiality and Satire in Marvell's 'The Last Instructions to a Painter'". **Marvell Studies**, v. 5, n. 1, 2020.

¹⁰⁴ BARDLE, **The Literary Underground**.

¹⁰⁵ ROBERTS, Clayton. "The Impeachment of the Earl of Clarendon". **The Cambridge Historical Journal**, v. 13, n. 1, p. 1–18, 1957; SEAWARD, Paul. "Hyde, Edward, first earl of Clarendon (1609–1674), politician and historian". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-14328>>, acessado em 02/01/2023; MAJOR, Philip (org.). **Clarendon reconsidered: law, loyalty, literature, 1640-1674**. Londres: Routledge; Taylor & Francis Group, 2018.

primeiro lugar, o pesquisador afirma que as duas versões de *Directions to a Painter* de 1667 são diferentes. Elas não provêm “de uma única prensa secreta”. Ao contrário, a análise da textualidade e da materialidade dos exemplares sugere que havia diversos projetos concorrentes e simultâneos para a publicação da coletânea de versos satíricos.¹⁰⁶ Para Dzelzainis, isso era consequência da considerável circulação dos poemas em manuscrito. As transcrições e cópias dos textos, corriqueiramente modificados, geravam uma vasta gama de matrizes disponíveis para a impressão. Marvell, ou qualquer outro escritor que tenha participado da composição dos textos, não tinha, portanto, possibilidade de exercer algum tipo de controle autoral sobre o que seria publicado.

Segundo a avaliação de Dzelzainis, a primeira edição da coletânea dos poemas ao pintor revelava “uma produção muito mais ambiciosa e complexa”, enquanto a segunda parecia ter sido vastamente censurada, suprimindo trechos que poderiam ser considerados demasiadamente controversos.¹⁰⁷ Dessa constatação, o pesquisador conclui que a obra clandestina estava sendo alvo de pirataria. Para ele:

Alguém, possivelmente um radical como Francis Smith, mas mais provavelmente um dos grandes nomes da Companhia dos Estacionários, estava evidentemente lucrando com a notoriedade de *Directions to a Painter* enquanto, ao mesmo tempo, tentava minimizar o risco removendo as passagens mais ofensivas e provocativas.¹⁰⁸

A hipótese levantada por Dzelzainis é interessante porque extrapola as especulações que se resumem aos detalhes da poética e da materialidade das versões manuscritas e impressas, tanto dos *Advices* quanto dos *Directions*, apenas para chegar à identidade do autor (ou dos autores) e/ou a uma versão ideal dos textos.¹⁰⁹ Embora não avance muito na questão, o pesquisador aponta para a importância dos intrincados circuitos de produção e disseminação de impressos para a circulação dos *Advices* e *Directions* na Inglaterra ao final dos anos 1660. Nos interessa aqui, partir das constatações de Dzelzainis para examinar em maior detalhe como o “Nó” dos Estacionários

¹⁰⁶ No original: “from a single underground press”. DZELZAINIS, Martin. “Andrew Marvell and the Restoration Literary Underground: Printing the Painter Poems”. *The Seventeenth Century*, v. 22, n. 2, p. 395–410, 2007, p. 397.

¹⁰⁷ No original: “a much more ambitious and complex production”. *Idem*, p. 398.

¹⁰⁸ No original: “Someone, possibly a radical like Francis Smith but more likely one of the grandees of the Stationers' Company, was evidently cashing in on the notoriety of *Directions to a Painter* while at the same time attempting to minimize the risk by removing the most offensive and provocative passages.” *Idem*, p. 401.

¹⁰⁹ Sobre o debate, ver, entre outros: LORD, George de F. *Poems on Affairs of State: Augustan Satirical Verse, 1660-1714*. New Haven: Yale University Press, 1963; PATTERSON, “The Second and Third *Advices*”; PATTERSON, Annabel M. *Marvell: The Writer in Public Life*. Londres: Routledge, 2014; LOVE, *English clandestine satire*; BURROWS, “Andrew Marvell and the ‘Painter Satires’”; DZELZAINIS, “Andrew Marvell and the Restoration”; DZELZAINIS, Martin; HOLBERTON, Edward (orgs.). *The Oxford Handbook of Andrew Marvell*. Oxford: Oxford University Press, 2019; SMITH, *Andrew Marvell*; CHAMBERS, *Andrew Marvell and Edmund Waller*; BARDLE, *The Literary Underground*; D’ADDARIO; AUGUSTINE (orgs.), *Texts and readers*; FITZHENRY, “Materiality and Satire in Marvell”.

Confederados continuou bem amarrado, disseminando obras clandestinas e potencialmente sediciosas mesmo depois do reestabelecimento da censura.



O nome de Francis Smith não foi aventado por Dzelzainis por acaso. Já na segunda quinzena de julho de 1667, uma testemunha, William Burden, teria relatado que Smith o havia perguntado se um impressor de sobrenome Johnston,¹¹⁰ que vivia na residência do depoente, poderia imprimir algumas folhas dos versos do *Second* e do *Third Advices*. Burden se recusara a repassar a encomenda sob o pretexto de que ela parecia tratar sobre o governo, ao mencionar autoridades como o Conde de Clarendon e a Duquesa de Albemarle. Diante das negativas, Smith buscou outros impressores que pudessem preparar as cópias. Enquanto isso, Burden denunciou o livreiro aos diretores da Companhia dos Estacionários.¹¹¹

A confecção das diferentes edições dos *Advices* e *Directions* é de difícil identificação. Sem o acesso aos exemplares, não pudemos cotejar as cópias e levantar uma hipótese com base nas evidências materiais e tipográficas, mas entre a documentação arquivística, pudemos encontrar algumas informações que apontam caminhos de investigação. Ainda em 1667, John Darby também foi examinado pelos censores por uma possível relação com a impressão das cópias. Além disso, na ocasião, Darby foi questionado sobre *London's Flames*. O episódio evidenciava sua constante relação com as atividades clandestinas desenvolvidas por Elizabeth Calvert.¹¹² Em janeiro de 1668, as autoridades expediram três mandados de busca e apreensão contra John Darby, seu criado John Gaines e Elizabeth Calvert. O documento, contudo, não dá pistas a respeito de qual publicação havia motivado a perseguição.¹¹³

Uma petição de Joan Darby pela soltura de seu marido sugere que, provavelmente, a oficina tipográfica estava envolvida em variadas empreitadas controversas. Ela não mencionava nenhum dos *Advices* ou das *Directions*, mas dizia que seu esposo fora ludibriado, imprimindo palavras ofensivas sem que se desse conta disso porque havia recebido a cópia manuscrita em partes. Também, revelava ela, “o próprio Autor, William Penn, algumas vezes ditava ao compositor

¹¹⁰ Embora o impressor não tenha sido identificado, já que o sobrenome era bastante comum entre membros ativos da Companhia dos Estacionários, é possível que Burden se referisse a Thomas Johnson que, em 15 de agosto de 1667 deu £200 de garantia de que não publicaria nada contrário à Lei de Regulamentação da Imprensa de 1662. PRO SP44/28/2.

¹¹¹ PRO SP19/211/14.

¹¹² PRO SP29/187/2/83.

¹¹³ PRO SP44/28/12.

enquanto ele colocava as letras, de forma que ele não soubesse do veneno nelas contido.”¹¹⁴ S. M. Carruthers sugeriu, em 1953, que essa evidência apontava para Penn como autor de *A Trumpet Blown in Zion* e Darby como seu impressor.¹¹⁵ A hipótese, contudo, não se sustenta, uma vez que edições posteriores de *A Trumpet* foram publicadas com o nome de Benjamin Keach na folha de rosto.¹¹⁶ As visitas de Penn à oficina tipográfica dos Darby provavelmente concernia a outra publicação em curso, a qual John Hetet e David Fraser suspeitam ser a de *Sandy Foundation Shaken*, pela qual o impressor viria a ser preso em 7 de dezembro daquele mesmo ano.¹¹⁷ Sem que tenhamos mais detalhes, Darby, Gaines e Calvert parecem ter sido soltos ainda no início de 1668.

Poucos meses depois, seus nomes voltariam a constar nos papéis dos censores. Em março, informantes relatavam às autoridades que havia uma prensa clandestina instalada “em uma das 5 casas em Blue Anchor Alley”.¹¹⁸ Provavelmente, os denunciante se referiam às casas que sediaram cinco reuniões de não-conformistas no início de março. Nas ocasiões, independentes, presbiterianos, quakers e pentamonalistas haviam se encontrado para reforçar a campanha pela tolerância religiosa. Embora toda a localidade tivesse sido vasculhada, a prensa privada ainda não havia sido encontrada porque, segundo os informantes, existiam “muitas portas aos fundos, becos, e passagens” que dificultavam as buscas. Mas era certo que a prensa estava nas imediações, porque homens de John Darby haviam sido avistados por lá.¹¹⁹

Em 20 de abril, o Secretário Bennet autorizou uma série de inspeções em residências, livrarias, oficinas e depósitos na região de Southwark, onde ficava Blue Anchor Alley.¹²⁰ A casa da profetisa batista Elizabeth Poole foi vistoriada e lá as autoridades encontraram uma prensa clandestina e diversos impressos ilegais. O mandado para a prisão de Poole apenas foi emitido em seguida e seus bens foram confiscados. Peticionando por sua liberdade, Poole disse desconhecer o material, argumentando que a disposição dos cômodos em sua propriedade fazia com que tivesse

¹¹⁴ No original: “the Author himself, William Penn, did sometimes dictate to the compositor as he was setting the letters, so that he knew not of the poyson therein contained.” PRO SP29/233/239.

¹¹⁵ CARRUTHERS, S. W. “William Penn and 'A Trumpet Blown in Zion'”. *Notes and Queries*, v. CXCVIII, p. 282, 1953.

¹¹⁶ KEACH, Benjamin. *A trumpet blown in Zion, or An allarm in God's holy mountain: containing an exposition of that metaphorical Scripture, Matth. III, 12. Lately delivered in two sermons, and now published to awaken the drowsie and formal professors of this age. Wherein the nature of God's wrath both internal and eternal is discovered, as seizing upon the chaff, and burning of it up with unquenchable fire*. Londres: s. n., 1694.

¹¹⁷ HETET, *A literary underground*; FRASER, David. “William Penn And The Underground Press”. In: BRONNER, Edwin B.; FRASER, David (eds.). *The Papers of William Penn*. Vol. 5. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2016, p. 47–86; BELL, Maureen; MCKENZIE, D. F. (orgs.), *A Chronology and Calendar of Documents Relating to the London Book Trade, 1641-1700*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 603.

¹¹⁸ No original: “in one of 5 houses in Blue Anchor Alley”. PRO SP29/236/309.

¹¹⁹ No original: “so many back doors, bye-holes, and passages”. PRO SP29/237/165.

¹²⁰ “Charles II: April 1668”. In: GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1667-8*. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1893, p.350. Disponível online em **British History Online**: <http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/chas2/1667-8/pp320-369>, acessado em 03/01/2023.

pouca ciência da movimentação dos estacionários que por lá circulavam.¹²¹ Poole não mencionou nomes, mas Elizabeth Calvert foi uma das pessoas flagradas na casa, razão pela qual foi presa logo em seguida, permanecendo como *close prisoner* até meados daquele ano.¹²² O impressor responsável pela operação da prensa nunca foi identificado ou detido. Todavia, Dzelzainis suspeita da participação de George Larkin, ex-aprendiz do impressor James Cottrell, cujas colaborações com a livraria dos Calverts vinham de longa data. Quase uma década depois das buscas e apreensões, o impressor Roger Norton afirmava ter participado da inspeção à Southwark conduzida pela Companhia dos Estacionários em 1668. De acordo com Norton, ele encontrou diversas cópias de panfletos ilícitos na casa de Larkin, entre eles, dos *Advices*. O impressor, contudo, havia fugido pelos fundos assim que os censores adentraram.¹²³

Se Norton falava a verdade, é possível que Larkin tenha sido um elo dos Estacionários Confederados e, ao mesmo tempo, um informante das autoridades. A ambivalência de sua atuação pode ser evidenciada no fato de Larkin ter colaborado com a publicação dos *Advices*, bem como com outra poesia satírica lançada em 1668, intitulada *Room for the Cobbler of Gloucester and his Wife*. Publicado anonimamente, mas redigido pelo puritano de Gloucestershire, Ralph Wallis, o panfleto assumia um tom radical para defender a liberdade de consciência. Em vez de tratar da necessidade de reformas, como Marvell fizera em seus *Advices*, Wallis sugeria a superação do regime carolino e a implantação de um “governo dos santos”. Como outros de seus textos, *Room for the Cobbler* foi estruturado na forma de um diálogo entre marido e mulher. Na conversa, o homem explicava a sua esposa que “*Temos apenas um Legislador* (e apenas um) *Jesus Cristo*: Assim se Jesus Cristo é o único Legislador, então meu Rei não tem poder para fazer Leis para a Consciência, [nem] para vincular os homens a qualquer forma de culto que os Bispos desejarem.”¹²⁴

Para Roger L'Estrange, a virulência do panfleto de Wallis fazia com que *Room for the Cobbler* fosse “a coisa mais maldita já publicada”.¹²⁵ Em uma carta endereçada ao Secretário Williamson, o Inspetor recomendava sua supressão. No entanto, ele salientava, como expresso na epígrafe do presente capítulo, que caso não houvesse maneiras de assegurar a completa aniquilação das empreitadas clandestinas em curso, detendo de uma vez por todos os estacionários que delas

¹²¹ PRO SP29/239/121.

¹²² "Charles II: April 1668". In: GREEN (ed.). **CSPD: 1667-8**, p.363. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/chas2/1667-8/pp320-369>>, acessado em 03/01/2023; STATTONERS' COMPANY. **Court Book D**, fl.139v.

¹²³ BELL, Maureen; MCKENZIE, D. F. (Orgs.), **A Chronology and Calendar of Documents Relating to the London Book Trade, 1641-1700**, Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 142.

¹²⁴ No original: “*We have but one Law-giver* (and but one) *Christ Jesus*: So that if Christ Jesus be that one Law-giver, then my King has no Power to make Laws for the Conscience, to bind men to what form of Whorship the Bishops please.” [WALLIS, Ralph]. **Room for the cobbler of Gloucester and his wife**. [Londres:] Impresso para o autor, 1668, p.35.

¹²⁵ No original: “*the damndest thing has come out yet*”. PRO SP29/238/231.

participavam, o melhor era esperar uma ocasião mais oportuna para exercer a censura. Ecoando os conselhos de Francis Bacon, L'Estrange parecia reconhecer que a repressão excessiva, por vezes, tornava as sedições mais longevas, chamando a atenção do público para as ideias que se buscava constringer. Agindo estrategicamente, pode ser que o censor calculasse que conseguiria montar um processo definitivo contra os Estacionários Confederados que restavam, que persistiam em suas publicações ilícitas, por meio da articulação de uma rede de testemunhas e informantes, entre eles o impressor George Larkin. Como sublinhado por Dzelzainis, em outubro de 1670, L'Estrange intermediou as negociações que conferiram imunidade a Larkin. O Secretário Bennet garantiu que nem o impressor, nem sua esposa sofreriam quaisquer represálias se colaborassem com as investigações para suprimir a circulação de panfletos sediciosos.¹²⁶

É possível que Larkin já estivesse fornecendo informações a L'Estrange em abril de 1668, visto que pouco depois da apreensão na casa de Elizabeth Poole, as autoridades finalmente rastrearam a prensa clandestina de Blue Anchor Alley, que procuravam desde março. Como suspeitavam, John Darby estava à frente da tipografia ilegal. As investigações se desdobraram para ainda outras sátiras controversas do período. Além dos *Advices* e de *Room for a Cobbler*, os Condederados publicaram um *broadside* intitulado *The Poor-Whores' Petition*.¹²⁷ Lançado em algum momento do mês de março, o texto sucedeu os motins ocorridos na Páscoa de 1668, conhecidos como "Bawdy House Riots" (Revoltas das Casas de Tolerância). A rebelião eclodiu porque dissidentes protestantes reivindicavam liberdade de consciência. Como indicado por Tim Harris, costumeiramente, as datas festivas eram marcadas por arruaças em prostíbulos, perpetradas, sobretudo, por aprendizes das corporações de ofício. Apesar do costume popular, os incidentes de março de 1668 tiveram características diversas. Harris argumenta que, naquela ocasião, as críticas às condutas políticas e religiosas de Carlos II foram explícitas. Enquanto a validade do Ato contra Conventículos seguia suspensa desde 1667 (sendo renovada somente em 1670), os não-conformistas pressionavam o governo para a promulgação de uma lei de indulgência. No entanto, seus pedidos eram respondidos com o acirramento da perseguição. Incomodados, os revoltosos de 1668, reclamavam que a monarquia ignorava a existência ilegal de casas de prostituição, enquanto se preocupava em dissipar reuniões de sectários religiosos. O atípico teor oposicionista das "Bawdy House Riots" gerou, por sua vez, uma reação também pouco usual do governo no trato dessas manifestações populares, culminando no julgamento de quinze pessoas por traição, e na subsequente execução de quatro delas.¹²⁸

¹²⁶ DZELZAINIS, "Andrew Marvell and the Restoration".

¹²⁷ PRO SP29/237/62; SP29/239/8, 10.

¹²⁸ HARRIS, "The Bawdy House Riots".

The Poor-Whores' Petition respondia a esse contexto de ebulição social. Falsamente assinado por duas famosas donas de bordéis londrinos, Madame Cresswell e Damaris Page, o texto clamava pela proteção da Condessa de Castlemaine, Barbara Palmer. Apesar de ser casada com Roger Palmer, diplomata da corte carolina, desde 1659, a Condessa era uma das principais amantes de Carlos II. O caso amoroso era de conhecimento público e frequentemente gerava escândalos. Em 1661, Barbara Palmer deu à luz à sua primeira filha com o rei. E, logo no ano seguinte, teve um segundo filho ilegítimo, a quem o Conde de Castlemaine, recentemente convertido ao catolicismo, optou por batizar na Igreja Católica, escandalizando a anglicanos e puritanos. O episódio parece ter marcado uma crise irreconciliável no casamento de Roger e Barbara Palmer. Embora tenham permanecido oficialmente casados, passaram a viver separadamente desde então. Apesar do incômodo inicial com a religião do marido, curiosamente, a Condessa também veio a se converter ao catolicismo em 1663.¹²⁹ Agora católica, Barbara Palmer era ainda mais malquista pelos protestantes, sendo identificada não apenas como símbolo da libertinagem de Carlos II, mas também como uma influência papista que agia sobre o monarca. O zelo moral dos protestantes costumemente os levava a associar atos de licenciosidade a seus suntuosos inimigos católicos. A figura da Condessa papista lhes servia nesse momento como um exemplo da degradação do governo de Carlos II. Não era à toa, portanto, que a petição satírica se dirigia justamente à Barbara Palmer.

As peticionárias do *broadside* apelavam à “grande Experiência” da Condessa no seu “Negócio” para solicitar ajuda num período de perturbação.¹³⁰ A recente atividade das “Bawdy House Riots” destruíra seus estabelecimentos, prejudicando seu ofício. Por conta disso, a intervenção de Barbara Palmer, argumentavam, poderia ser essencial para “prevenir Nossa Completa Ruína” e para “restaurar-nos à nossa antiga prática com Honra, Liberdade e Segurança”.¹³¹ *The Poor-Whores' Petition* prosseguia, associando a libertinagem da Condessa à proliferação do catolicismo entre a nobreza. Uma vez que no ambiente cortesão vigoravam “os prazeres Venéreos” de “Roma & Veneza”, era à Condessa que as falsas peticionárias viam como salvação para seus infortúnios.¹³² A sátira, assim, não fazia somente uma crítica ao comportamento

¹²⁹ WYNNE, S. M. "Palmer [née Villiers], Barbara, countess of Castlemaine and suo jure duchess of Cleveland (bap. 1640, d. 1709), royal mistress". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2019. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-28285>>, acessado em 03/01/2023.

¹³⁰ No original: “great Experience”; “Trade”. **The Poor-Whores Petition**. [Londres: s. n., 1668], fl.1.

¹³¹ No original: “to prevent Our Utter Ruine”; “restore us to our former practice with Honour, Freedom and Safety”. *Idem, ibidem*.

¹³² No original: “Venerial pleasures”; “Rome & Venice”. *Idem, ibidem*.

de Barbara Palmer, mas se voltava à toda corte de Carlos II e, no limite, ao próprio rei, apontando a corrupção moral, religiosa e política de seu regime.¹³³

Nas tentativas de suprimir o panfleto pernicioso, as autoridades se depararam com o circuito clandestino instalado em Blue Anchor Alley. Talvez por meio de Larkin ou outro informante do mercado livreiro, Roger L'Estrange tenha tido conhecimento sobre a comercialização de cópias de *The Poor-Whore's Petition* na região. O Inspetor relatou alguns detalhes de sua investigação ao Secretário Williamson. Em uma carta de 26 de abril de 1668, ele reportou que alguns vendedores ambulantes haviam sido inquiridos a respeito da origem dos exemplares do texto. Eles responderam que adquiriram os *broadsides* com um carpinteiro em Blue Anchor Alley. Por sua vez, o carpinteiro relatou aos mensageiros do rei que havia recebido os papéis da viúva de Thomas Brewster, Anna. Quando procurada, Anna Brewster negou seu envolvimento. Seu filho e um de seus empregados, contudo, confessaram que a livraria de Brewster havia participado da publicação. Em seus depoimentos, afirmaram terem recebido *The Poor-Whore's Petition* das mãos de Joan Darby. Na carta ao Secretário de Estado, L'Estrange informava que Joan Darby ainda não fora examinada, mas que seu marido foi encontrado e detido. Não obstante, o censor expressava sua insatisfação e frustração com o caso, pois nada havia sido encontrado para justificar um caso contra John Darby. Nada comprometedor estava em sua posse e as testemunhas não ligavam a produção do *broadside* satírico diretamente ao impressor. Sua culpa só poderia ser comprovada por meio da confissão das duas mulheres que intermediaram a empreitada, Anna Brewster e Joan Darby, mas L'Estrange acreditava que elas não o fariam, pois elas eram “algumas das [estacionárias] mais astutas & obstinadas do mercado” livreiro.¹³⁴

Como observado por Maureen Bell, a longa linha de transmissão do *broadside* sinalizava o complexo “sistema de distribuição piramidal” organizado pelos Confederados.¹³⁵ Por meio da intrincada rede, elas garantiam maior proteção à sua empreitada, visto que os agentes de dispersão, isto é, os vendedores ambulantes, o carpinteiro e outros comerciantes, não tiveram contato direto com os responsáveis pela confecção dos panfletos. Em outras palavras, a estrutura fazia que as autoridades apenas conseguissem coletar informações circunstanciais a respeito de Anna Brewster, bem como de John e Joan Darby. Nenhuma testemunha efetivamente flagrada com cópias de *The Poor-Whores' Petition* fornecia provas suficientes para que as autoridades pudessem formalizar uma

¹³³ HARRIS, *London crowds*; GREAVES, *Enemies under his feet*; ALEXANDER; MACLEOD (orgs.), *Politics, transgression, and representation*.

¹³⁴ No original: “a couple of *the* craftiest & most obstinate of *the* trade”. PRO SP29/239/8. Outros detalhes da investigação também constam em nota adicional nos State Papers, ver: PRO SP29/239/10.

¹³⁵ No original: “system of pyramidal distribution”. BELL, Maureen. “Seditious Sisterhood: Women Publishers of Opposition Literature at the Restoration”. In: CHEDGZOY, Kate; HANSEN, Melanie; TRILL, Suzanne (orgs.), *Voicing women: gender and sexuality in early modern writing*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1998, p. 190.

acusação judicial contra os estacionários. John Darby e Anna Brewster foram presos, mas a detenção teve curta duração. Em maio, já haviam sido liberados da custódia sob o pagamento de fiança.¹³⁶ Já Joan Darby, relativamente protegida das autoridades pela *coverture* do marido, sequer foi encarcerada, permanecendo livre para dar prosseguimento às atividades legais e ilegais da oficina tipográfica.



Não há como verificar se as Confederadas deliberadamente tentavam tirar vantagens das situações nas quais seu gênero ou seu estado civil se tornavam fatores de exclusão. Ainda assim, como observado por Maureen Bell, em diversos momentos, a prosperidade das atividades clandestinas, sobretudo da propaganda não-conformista, dependeu da capacidade feminina de evadir dos sistemas de censura da época.¹³⁷ Talvez fosse justamente pelo fato de que dificilmente seriam julgadas e consideradas culpadas por ofensas mais graves, que mulheres como Anna Brewster, Joan Dover e Elizabeth Calvert assumiram papéis de agentes intermediárias da produção e da distribuição de panfletos ilícitos no contexto da Restauração.

Ainda que de modo incompleto, a recuperação das atividades que elas desempenharam na publicação de sátiras contra o Estado demonstra o grande conhecimento que essas mulheres tinham das práticas do mercado livreiro, bem como as suas habilidades em conduzir e organizar estratégias clandestinas de impressão e comercialização de panfletos opositoristas. Em grande medida, seus procedimentos apontavam para certa continuidade com aqueles realizados nos anos anteriores ao julgamento de 1664. Por exemplo, a fragmentação das atividades entre diversos agentes, diluindo a responsabilidade e o contato dos principais articuladores das publicações entre diferentes nós de uma intrincada rede de produção, distribuição e comercialização. O que Maureen Bell identificou como um esquema piramidal já era mobilizado pelos Confederados como forma de proteção e mesmo de diminuição dos riscos envolvidos com as publicações ilegais há anos.¹³⁸

Depois das transformações dos sistemas de controle da imprensa, tais estratégias se tornavam imprescindíveis para a efetiva publicização de ideias que desafiavam as autoridades instituídas. Interessante perceber, contudo, que depois de confirmada a Restauração, as obras dos Confederados e das Confederadas passaram mais a mobilizar ideias mais reformistas do que revolucionárias. Nesse sentido, depois de 1664, foi mais frequente a emissão de textos em favor do

¹³⁶ PRO SP29/239/10, 209; SP44/28/2, 13.

¹³⁷ BELL, "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'"; BELL, "Her Usual Practices".

¹³⁸ BELL, "Seditious Sisterhood."

alargamento dos direitos, como a questão da tolerância religiosa do que obras de cunho declaradamente antimonarquista. Gary de Krey observa essa tendência, de forma mais geral, entre os anos de 1667 e 1673. Para o autor, o momento de ponderação a respeito da reimplementação do Ato contra Conventículos teria provocado grande reação entre as comunidades dissidentes, colocando o debate sobre a religião e a consciência em destaque. Nesse momento, quando questionavam as autoridades, os não-conformistas não buscavam invalidar por completo as estruturas do sistema monárquico. Ao contrário, havia reconhecimento do poder político do rei. O que se colocava em questão era a autoridade do governante no que dizia respeito às decisões sobre a fé. Em outras palavras, para de Krey, as “ideias e ações [desse contexto] não eram radicais porque elas buscavam minar o estado monárquico da Restauração. Em vez disso, elas eram radicais porque buscavam minar o estado de perseguição da Restauração.”¹³⁹

Ao enfatizar os embates pela consciência, a interpretação de Gary de Krey visava distinguir entre as vozes republicanas e não-conformistas. Segundo autor, embora suas bandeiras muitas vezes estivessem conectadas, elas não eram as mesmas porque a linguagem pela qual os dissidentes religiosos se opunham à arbitrariedade de governo e às políticas coercitivas pautava-se, sobretudo, na concepção de uma “liberdade Cristã” e não nos princípios republicanos.¹⁴⁰ Não obstante, era justamente por meio dessas formulações que os não-conformistas pavimentaram debates sobre a incompatibilidade entre o modelo monárquico vigente e a liberdade de consciência. Esse impasse viria a desestabilizar as estruturas do governo Stuart na década de 1680. Nesse sentido, de Krey concorda com, e se baseia em, Jonathan Scott para afirmar que mais do que uma Crise de Exclusão, restrita aos anos 1670 e 1680, a Inglaterra passou por uma “Crise da Restauração”, muito mais ampla e arraigada do que a questão da sucessão de Jaime II viria a representar.¹⁴¹

6.2.2. Restauração em crise

De modo geral, Jonathan Scott afirmou que houve na Inglaterra pós-revolucionária a implantação de um modelo de governo que, desde o início, não dava conta dos problemas em curso. Muitas vezes, a historiografia negligenciou as dificuldades e as questões do período, aceitando a narrativa que a própria monarquia restaurada procurou elaborar sobre si mesma. “É por essa razão”, nas palavras de Scott, “que o período da Restauração continua a ser estudado

¹³⁹ No original: “ideas and actions were not radical because they sought to undermine the monarchical state of the Restoration. Rather, they were radical because they sought to undermine the persecuting state of the Restoration.” DE KREY, “The First Restoration Crisis”, p. 566–567.

¹⁴⁰ No original: “Christian liberty”. *Idem*, p. 574.

¹⁴¹ *Idem*, DE KREY, “Rethinking the Restoration”; SCOTT, **Algernon Sidney and the Restoration**; SCOTT, **England’s Troubles**.

como o local de nascimento de uma nova era, a do longo século XVIII, em vez de pelo aquilo o que foi: a segunda metade do século XVII, e, particularmente uma segunda metade peculiarmente agarrada à primeira.”¹⁴² Para o historiador, contudo, a coroação de Carlos II teria inaugurado um período de artificialidades tanto nos olhares para o passado, quanto nas expectativas para o futuro. Por um lado, acreditava-se ter enterrado por completo as agitações que levaram à Revolução de 1640, por outro, esperava-se concretizar um destino triunfante frente às demais potências europeias.

Apesar dessas perspectivas, observamos que não apenas os conflitos da primeira metade do século persistiram, como se tornaram um entrave para a efetiva manutenção do modelo monárquico em vigor. Para Scott e de Krey, os maiores agentes corrosivos dessa estrutura foram a ampliação do medo do papismo e as apreensões a respeito da tirania política. Os panfletos do Confederados parecem ecoar essas preocupações e, por isso, eram tão reprimidos pelas autoridades. Por essa razão, logo depois das polêmicas em torno das sátiras contra o Estado, Elizabeth Calvert, Joan e John Darby, Anna Brewster e Francis Smith continuaram a ser monitorados pelos censores.

Em outubro de 1668, as autoridades obtiveram informações sobre um texto anônimo e perigoso, intitulado *Nehushtan*. Diferentemente das sátiras lançadas pelos Confederados nos últimos meses, *Nehushtan* era um tratado teológico. Seu objeto de preocupação, não obstante, não era outro senão o desafio às autoridades religiosas e políticas estabelecidas. Como descrito em seu longo subtítulo, a obra oferecia

Um Discurso sóbrio e pacífico, relativo à Abolição de coisas exploradas para a Superstição e a Idolatria; Que pode servir como um *Argumento* completo, e suficiente, para demonstrar que a *LITURGLIA*, as *CERIMÓNIAS*, e as outras coisas usadas hoje na Igreja da *Inglaterra*, não devem ser impostas, nem retidas, mas totalmente extirpadas e deixadas de lado: e para justificar os *NÃO-CONFORMISTAS* em sua recusa em concordar com eles.¹⁴³

¹⁴² No original: “It is for this reason that the Restoration period has continued to be studied as the birthplace of a new era, of the long eighteenth century, rather than as what it was: the second half of the seventeenth century, and a second half peculiarly in the grip of the first.” SCOTT, **Algernon Sidney and the Restoration**, p. 5.

¹⁴³ No original: “A sober and peaceable Discourse, concerning the Abolishing of things abused to Superstition and Idolatry; Which may serve as one intire, and sufficient *Argument*, to evince that the *LITURGY*, *CEREMONIES*, and other things used at this day in the Church of *England*, ought neither to be imposed, nor retained, but utterly extirpated and laid aside: and to vindicate the *NON-CONFORMISTS* in their refusal to close with them.” **Nehushtan, or, A sober and peaceable discourse, concerning the abolishing of things abused to superstition and idolatry.** Londres: s. n., 1668, fl.1.

Fica evidente que o principal alvo do ataque de *Nebushthan* era a estrutura anglicana. O panfleto condenava seus ritos, práticas e dogmas como elementos prejudiciais para a manutenção da “*verdadeira* Religião” cristã entre os ingleses.¹⁴⁴

Provavelmente redigido por John Wilson, ministro puritano expulso da Igreja Anglicana depois da implantação da Lei de Uniformidade, o texto se ancorava no episódio da imagem da “Serpente de Bronze”, mencionado nos Livros de Números e Reis.¹⁴⁵ De acordo com a narrativa bíblica, enquanto caminhavam pelo deserto, sem comida ou água, os israelitas fizeram críticas aos comandos de Deus e de Moisés. Como punição, o Senhor teria enviado serpentes terríveis, cujas mordidas venenosas matavam rapidamente. Arrependido, o povo de Israel clamou por perdão, enquanto Moisés orou pela salvação de todos. Deus, então, teria ordenado ao profeta que fizesse uma serpente de bronze e a colocasse em uma haste. Ao olhar para o objeto fabricado por Moisés, os israelitas sobreviveriam mesmo quando atacados pelas serpentes.¹⁴⁶ Apesar de ter sido um importante presente divino, com o tempo, a imagem de bronze se tornou um símbolo de adoração, para o qual o povo acendia incensos e fazia oferendas. Assim que foi coroado rei em Judá, Ezequias percebeu que a Serpente de Moisés prejudicava o exercício da verdadeira fé em Deus por estimular idolatrias. Por conseguinte, a desprezou, chamando-a de “coisa de metal” (no hebraico, “*nebushtan*”) e optando por destruí-la assim como o fez com todas as outras imagens encontradas em seu reino. Demonstrando total confiança em Deus, as ações de Ezequias fizeram com que Judá prosperasse como nunca.¹⁴⁷

De forma analógica, o tratado de Wilson denunciava a *nebushtan* de seu tempo, isto é, as idolatrias que atrapalhavam a expressão da fé. Ao longo de 14 sessões, o texto denunciava o problema gerado pelas imagens religiosas, pela suntuosidade litúrgica, pelos ritos papistas, pela hierarquia episcopal e por outros abusos que, na perspectiva do autor, deveriam ser removidos da Igreja. A obra, assim, conclamava a necessidade da realização de uma profunda reforma, nos moldes adotados por Ezequias. Nesse ponto, o soberano de Judá aparecia como o melhor exemplo de um príncipe cristão porque havia empreendido “com todo zelo e diligência” a purificação necessária ao seu reino tão logo ascendeu ao trono.¹⁴⁸ Implicitamente, a observação levava à uma comparação crítica com a conduta de Carlos II, que reforçava, em vez de remover, os ritos e preceitos papistas em vigor na Igreja Anglicana. Como observado por Maureen Bell e Gary de Krey, a associação entre uma defesa do não-conformismo, uma propaganda anticatólica e uma

¹⁴⁴ No original: “*true Religion*”. *Idem*, fl.2.

¹⁴⁵ WALKER, J. “The Censorship of the Press During the Reign of Charles II”. *History*, v. 35, n. 125, p. 219–238, 1950; BELL, “Her Usual Practices”.

¹⁴⁶ Números 21:4-9.

¹⁴⁷ 2 Reis 18:1-7.

¹⁴⁸ No original: “with all zeal and diligence”. *Nehushtan*, p.2.

crítica velada à instituição monárquica fez com que *Nebushtan* representasse um grave ataque à administração de Carlos II. Por essa razão, os censores tentaram suprimir a obra rapidamente.¹⁴⁹

John Wilson logo foi identificado. O impressor Thomas Leach confessou a Samuel Mearne, um dos colaboradores da Companhia dos Estacionários na fiscalização do mercado livreiro, que Wilson havia redigido e corrigido a obra. Segundo Leach, o autor revisara cada uma das folhas durante o processo de impressão. Como consequência, foi decretada a sua prisão. O próprio Carlos II ordenou que o mensageiro John Dawson fosse o responsável pela captura do autor. A operação contou com Dawson porque ele já conhecia Wilson, bem como as pessoas que costumeiramente trabalhavam com Elizabeth Calvert, a principal suspeita de ter conduzido a publicação.¹⁵⁰ A livreira provavelmente foi presa na mesma altura, conforme sugere sua petição por liberdade. Nela, Calvert admitia ter publicado *Nebushtan*, tendo solicitado a impressão a Thomas Leach. Todavia, ela negava ter conhecimento de qualquer indício de traição ou sedição na obra.¹⁵¹

Elizabeth Calvert foi solta e, nos anos seguintes, seu nome, assim como os dos demais Confederados, continuaria a aparecer entre as investigações das autoridades, sobretudo, de Roger L'Estrange. Em julho de 1669, a Companhia dos Estacionários confiscou duas prensas ilegais na casa de John Darby.¹⁵² No mesmo mês, Thomas Leach foi inquirido mais uma vez a respeito de *Nebushtan*.¹⁵³ No ano seguinte, informantes relataram que Francis Smith andava participando de reuniões não-conformistas.¹⁵⁴ Entre maio e setembro de 1670, Smith e Calvert foram flagrados com centenas de textos sediciosos.¹⁵⁵ Em outubro, outra prensa clandestina foi encontrada na oficina de John Darby. Ele e um antigo aliado dos Confederados, o livreiro e encadernador Nathan Brooks, foram presos por supostamente estarem envolvidos com a publicação de *The Englishman e Some Seasonable and Serious Queries upon the Late Act Against Conventicles*.¹⁵⁶ Lançados logo após a proclamação do Segundo Ato contra Conventículos, ambos os panfletos denunciavam a arbitrariedade da lei e acusavam o governo de atentar contra os direitos naturais dos ingleses.¹⁵⁷

¹⁴⁹ BELL, "Her Usual Practices"; DE KREY, "The First Restoration Crisis".

¹⁵⁰ PRO SP29/248/52, 71; SP44/30/86.

¹⁵¹ PRO SP29/113/178.

¹⁵² STATIONERS' COMPANY. **Court Book D**, fl.157, 161.

¹⁵³ "Charles II: July 1669". IN: GREEN, Mary Anne Everett (eds.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1668-9**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1894, pp.409, 411. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/chas2/1668-9/pp392-436>>, acessado em 05/01/2023.

¹⁵⁴ PRO SP29/275/141.

¹⁵⁵ PRO SP29/275/208; PRO SP44/34/48; **Reports and Appendices of the Historical Manuscripts Commission (HMC)**, vol. VIII. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1879, p.517.

¹⁵⁶ STATIONERS' COMPANY. **Court Book D**, fl.176; PRO SP29/280/180.

¹⁵⁷ **The Englishman, or A letter from a universal friend, perswading all sober Protestants to hearty and sincere love of one another; and a unanimous claim of their antient and undoubted rights, according to the law of the land, as the best means of their safety**. [Londres:] s. n., 1670; [LOCKYER, Nicholas]. **Some Seasonable and Serious Queries upon the Late Act Against Conventicles**. [Londres:] s. n., 1670; HETET, **A literary underground**.

Tentando promover uma ação mais severa na tentativa de finalmente desatar aquele nó dos Confederados, as autoridades iniciaram um novo processo jurídico pautado na lei do *seditions libel*. E, dessa vez, Elizabeth Calvert foi incluída no caso. Presa em março em Newgate, ela foi julgada pelas publicações de *Directions to a Painter* e *Nebushtan*. Um parceiro comercial, o livreiro Thomas Palmer, também recebeu as mesmas acusações. Na documentação dos dois processos criminais, vários trechos de *Directions to a Painter* foram transcritos para explicitar a sedição contida na publicação de Palmer e Calvert.¹⁵⁸ Neles, demonstrava-se que os versos atribuíam a culpa pelo incêndio e pelo fracasso da guerra contra a Holanda a Carlos II e ao Duque de York. Além disso, os excertos também apontavam que *Directions to a Painter* acusava os governantes de corrupção, sugerindo que “Tudo que foi dado para a defesa do Estado, eles julgam ser pouco para sua própria despesa”.¹⁵⁹ Quando julgado, Palmer recebeu uma multa de 20 marcos¹⁶⁰ e foi sentenciado a ficar no pelourinho, com um papel afixado em seu rosto, explicando a sua ofensa. Apesar de ter cometido o mesmo crime, a condenação de Elizabeth Calvert foi diferente. Mesmo tendo incorrido em tamanha ofensa, Elizabeth Calvert, aquela “Mulher perniciososa e sediciosa”, não foi mandada ao pelourinho como Palmer. Sua sentença se resumiu ao pagamento de uma multa e à prisão.¹⁶¹ Às autoridades, a pena exemplar não parecia adequada a uma mulher.

Embora sua pena tenha sido mais branda do que a de Palmer, a livreira parece ter padecido com as consequências legais dos seus atos. Como observado por Maureen Bell, a quantidade de publicações subsequentes de Elizabeth Calvert declinou vertiginosamente. Registros da Companhia dos Estacionários sugerem que Elizabeth Calvert vinha enfrentando problemas financeiros. Ela acumulou dívidas com a corporação até sua morte em 1675. O falecimento de uma livreira antes tão ativa no mercado livreiro clandestino impactou nas atividades dos Confederados, que perderam um “nó” valioso. As articulações do grupo foram, então, mantidas, sobretudo devido à ação das famílias Smith, Darby e Brewster.

6.3. O mercado livreiro ao final do reinado de Carlos II

¹⁵⁸ Dzelzainis aponta que os versos expostos no processo são os mesmos que faltam em uma das edições de *Directions to a Painter*. Dessa constatação, ele sugere a autocensura de uma versão pirateada da sátira. No entanto, o pesquisador também considera a possibilidade de que a segunda edição tenha sido lançada em 1671 e não 1667. A ausência dos trechos poderia, assim, refletir a punição de Calvert. Uma reedição da obra não cometeria o mesmo erro da livreira, suprimindo os trechos. DZELZAINIS, "Andrew Marvell and the Restoration".

¹⁵⁹ No original: “All that was giuen for the States defence, they think to little for their owne expence”. CLA 047/LJ/01/0205.

¹⁶⁰ Por volta de £2.040,00 nos dias atuais.

¹⁶¹ No original: “Femina pernītiosa et seditiosa”. CLA 047/LJ/01/0205.

Francis e Eleanor Smith, Anna Brewster, e John e Joan Darby foram particularmente ativos no contexto das discussões sobre um novo complô papista e o problema da sucessão ao trono. Suas publicações foram tão profícuas entre as décadas de 1670 e 1680 que um exame detalhado delas excederia em muito os objetivos da presente tese de doutorado. Por um lado, isso foi decorrente, sobretudo, da intensificação das disputas políticas. Por outro, também teve relação com o fim da validade da Lei de Regulamentação da Imprensa de 1662. A lei havia sido renovada em 1672, mas o governo falhou em repetir o feito em 1679. As Câmaras dos Comuns e dos Lordes não concordavam a respeito dos termos e, conseqüentemente, houve um lapso na manutenção do sistema de licenciamentos prévios entre 1679 e 1685. Durante esse intervalo, a imprensa não ficou livre de constrangimentos, no entanto, ficou mais dependente da promulgação de decretos régios e da mobilização das leis contra *seditionous libels*.¹⁶²

Tendo isso em vista, no restante das páginas do presente capítulo, procuramos apresentar algumas das polêmicas nas quais os Confederados se envolveram na segunda metade do século XVII. Os casos discutidos demonstram como as práticas editoriais e comerciais antes empregadas para promover o radicalismo religioso desses estacionários, agora foram mobilizadas no desenvolvimento do que viria a ser identificado pela historiografia como uma imprensa *whig*. Como salientado por Joseph Hone, a conformação do “cânone *whig*”, que celebrava autores como John Milton, Algernon Sidney e James Harrington eram celebrados, dependeu de um conjunto de impressores e livreiros, dentre os quais, as famílias Darby, Smith e Brewster tiveram grande destaque.¹⁶³

6.3.1. Marvell e a liberdade de consciência

A importância desses agentes do mercado livreiro era essencial porque agregava habilidades de produção e distribuição de impressos sem as quais a propaganda *whig* não teria condições de se difundir. Como John Darby e Francis Smith eram alguns dos mais jovens Estacionários Confederados, eles foram alguns dos sujeitos mais ativos na publicação das obras desse contexto. Quando Smith começou a contribuir com Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman no início dos anos 1660, ele havia acabado de encerrar seu período de aprendizado. Darby já fazia parte do círculo de colaboradores de Simon e Joan Dover, mas foi somente a partir de meados da década de 1660 que seu nome passou a estar consistentemente envolvido nas atividades ilícitas do

¹⁶² SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; HAMBURGER, "The Development of the Law of Seditious Libel"; KNIGHTS, Mark. **Politics and opinion in crisis, 1678-81**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994; ZOOK, **Radical Whigs and Conspiratorial Politics**.

¹⁶³ HONE, "John Darby".

grupo. Desde então, Francis Smith e John Darby parecem ter se familiarizado com as estratégias clandestinas dos seus parceiros comerciais mais experientes. Fato esse notado pelos censores. Em uma correspondência de 1683, por exemplo, Roger L'Estrange declarou ao Secretário de Estado Leoline Jenkins que acreditava que fora Darby quem completara o trabalho iniciado por John Twyn na confecção de *Mene Tekel*, imprimindo algumas de suas folhas depois da captura e execução do impressor de Cloth Fair.¹⁶⁴

Entre os anos 1670 e 1680, Darby e Smith parecem ter sido alguns dos principais focos de preocupação das autoridades. Seu contínuo envolvimento com uma profusão de panfletos, petições e jornais controversos fez com que suas casas sempre fossem incluídas em mandados de busca. E, quando passavam por vistorias, as suspeitas costumavam se confirmar. Os materiais de impressão e as cópias de textos ilícitos eram apreendidas enquanto Darby e Smith eram questionados, presos e multados por suas atividades. Quando temos em vista as publicações e os episódios que os levaram a ser incriminados ao longo de toda a Restauração (estudados nos capítulos anteriores) percebemos que as apreensões a respeito da sucessão ao trono vinham de longa data. Embora a historiografia tenha consagrado os anos de 1678 a 1681, como o período da “Crise de Exclusão”, as discussões acerca da linha sucessória e da religião oficial surgiram quase imediatamente depois da coroação de Carlos II. No entanto, o incômodo aumentava conforme o rei envelhecia sem conseguir gerar herdeiros legítimos do sexo masculino. A cada dia que passava, os súditos tinham mais certeza de que quando Carlos II deixasse seu posto vacante, seu irmão, o Duque de York, o ocuparia. Os receios sobre a conformação de uma dinastia papista ganhavam concretude. Com isso, as duas Câmaras debatiam amplamente a respeito da possibilidade de proibir a coroação de reis católicos, impedindo, assim, Jaime Stuart de assumir o governo depois do falecimento de seu irmão.¹⁶⁵ Não obstante, como visto em tópicos anteriores desse mesmo capítulo, o risco do papismo e da tirania já eram amplamente debatidos na imprensa.

Em grande medida, alguns dos polêmicos textos redigidos por Andrew Marvell, e publicados por John Darby e Francis Smith na década de 1670, sumarizavam essa crescente inquietação da esfera pública. Três obras foram de particular relevância: *The Rehearsal Transpros'd* (1672 e 1673), *Mr. Smirke* (1676) e *An Account of the Growth of Popery and Arbitrary Government* (1677). Lançados por John Darby, Francis Smith e outro livreiro não-conformista, Nathaniel Ponder, todos os textos em questão teciam duras críticas ao governo dos Stuarts. Mas mais do que isso, as publicações se dedicavam a demonstrar a proximidade entre práticas políticas absolutistas (na visão

¹⁶⁴ PRO SP29/425/156.

¹⁶⁵ KNIGHTS, *Politics and opinion in crisis*; SCOTT, *England's Troubles*; DE KREY, *London and the Restoration*; ZOOK, *Radical Whigs and Conspiratorial Politics*.

de Marvell, tirânicas) e a religião católica. A ampla reverberação dessas obras aponta a necessidade de nos determos em suas particularidades.¹⁶⁶

The Rehearsal Transpros'd foi publicado em duas partes. A primeira foi lançada logo depois de Carlos II promulgar uma Declaração de Indulgência em março de 1672. Ele nunca o fizera numa tentativa de suspender as chamadas “leis penais” (*penal laws*), instituídas contra aqueles que falhavam em observar as determinações oficiais da Igreja da Inglaterra, recusando-se, por exemplo, a reconhecer a doutrina da transubstanciação e a validade da comunhão anglicana.¹⁶⁷ No panfleto, Marvell reagia a isso, voltando-se, sobretudo, às recentes publicações do teólogo e licenciador da imprensa, Samuel Parker. Anglicano, Parker vinha tecendo fortes críticas aos não-conformistas, ao passo em que defendia o poder absoluto do monarca para arbitrar tanto sobre os assuntos civis, quanto os religiosos.¹⁶⁸

Marvell elaborou uma vigorosa resposta às posturas defendidas por Parker. Anônimo, *The Rehearsal Transpros'd* parodiava uma farsa recentemente composta pelo Duque de Buckingham, intitulada *The Rehearsal*. Em seu texto, Buckingham satirizava seu rival dos campos político e literário, o poeta John Dryden. Sob a figura de um dramaturgo “plagiador”, a quem chamou de Bayes, Buckingham ridicularizou o intrincado estilo poético de Dryden. Entre outras coisas, *The Rehearsal* sugeria que parte do método criativo de Dryden consistia em transformar uma prosa já existente em verso (*transverse*) e vice-versa (*transprose*). Versado em imitações, Marvell “transpôs” o trabalho poético de Buckingham, fabricando sua primeira publicação em prosa. Em *The Rehearsal Transpros'd*, até a figura de Bayes foi tomada de empréstimo para satirizar Samuel Parker. Impresso por John Darby e publicado por Nathaniel Ponder, o panfleto empregou artifícios tipográficos comuns às polêmicas impressas para sinalizar quais trechos haviam sido extraídos das obras de Parker, ou emulavam suas considerações, distinguindo-os, assim, das posições advogadas por Marvell.¹⁶⁹ Em itálicos, a personagem que representava o teólogo anglicano defendia que a liberdade de consciência concernia exclusivamente à “*Prerrogativa da Mente do Homem*”, não se estendendo para qualquer prática pública.¹⁷⁰ Nessa perspectiva, os não-conformistas falhavam

¹⁶⁶ HONE, "John Darby"; LYNCH, "Mr. Smirke and 'Mr. Filth'".

¹⁶⁷ KENYON, **The Popish plot**; DE KREY, "The First Restoration Crisis"; DE KREY, "Rethinking the Restoration".

¹⁶⁸ HETET, **A literary underground**; KELLIHER, W. H. "Marvell, Andrew (1621–1678), poet and politician." In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-18242>>, acessado em 06/01/2023.

¹⁶⁹ MCKEON, Michael. "Marvell discovers the publish sphere". In: D'ADDARIO; AUGUSTINE (orgs.). **Texts and readers**; SMITH, **Andrew Marvell**.

¹⁷⁰ No original: "*Prerogative of the Mind of Man*". [MARVELL, Andrew]. **The Rehearsal Transpros'd: Or, Animadversions Upon a late Book, Intituled, A Preface Shewing What Ground there are of Fears and Jealousies of Popery**. Londres: s. n., 1672, p.99.

porque expressavam sua fé para além do âmbito privado e limitado de suas consciências. Marvell, por sua vez, argumentava que os dissidentes louvam a Deus, seguindo os Seus ensinamentos, e não os sacramentos instituídos por autoridades mundanas.¹⁷¹

De acordo com Nigel Smith, a recepção do panfleto foi bastante positiva, sendo elogiada mesmo por católicos, devido à sagacidade da construção satírica de Marvell. O sucesso foi tanto que uma segunda impressão rapidamente foi preparada. A publicação, contudo, foi interrompida por Roger L'Estrange que, em 2 de dezembro, levou John Darby à prisão. Nathaniel Ponder buscou auxílio junto ao Conde de Anglesey para recorrer à ação repressiva. Com a intercessão do proeminente cortesão, Ponder, Darby e Marvell conseguiram apoio para prosseguir com a confecção de *The Rehearsal Transpos'd*. Para o infortúnio do Inspetor, tanto o Conde quanto o próprio Carlos II apreciavam o estilo discursivo de Marvell e aprovavam a publicação. O Inspetor foi pressionado a licenciar o texto, mas recomendou uma profunda revisão da obra a fim de suprimir passagens demasiadamente ofensivas.¹⁷² Apesar da autorização oficial, em 16 de dezembro de 1672, a Companhia dos Estacionários se negou a registrar *The Rehearsal Transpos'd*, temendo represálias futuras.¹⁷³

Ridicularizando a conflituosa situação, a segunda versão do panfleto incorporou novos elementos à sua configuração gráfica. No lugar do *imprint* anônimo, havia agora uma indicação de que *The Rehearsal Transpos'd* havia sido impresso por J. D. (John Darby) “pela Ordem de João Calvino e Theodore de Beza, sob o sinal da *Indulgência do Rei*, [...] e vendido por N. Ponder” (ver *Figura 60*).¹⁷⁴ O *imprint* configurava uma afronta direta aos censores que tentaram restringir a obra. Ele colocava a obra sob a proteção dos dois grandes reformadores protestantes, Calvino e Beza, bem como da própria autoridade monárquica para legitimar sua existência.

¹⁷¹ MCKEON, Michael. “Marvell discovers the publish sphere”. In: D’ADDARIO; AUGUSTINE (orgs.), **Texts and readers**.

¹⁷² SMITH, Andrew **Marvell**, p. 334 [e-book].

¹⁷³ STATIONERS’ COMPANY. **Court Book D**, fl.208v; HMC, vol. VII, p.517-518; KEEBLE, **The Literary Culture of Nonconformity**.

¹⁷⁴ No original: “for the Assigns of *John Calvin* and *Theodore Beza*, at the sign of the *King’s Indulgence*, [...] and sold by N. Ponder”. [MARVELL, Andrew]. **The Rehearsal Transpos’d: Or, Animadversions Upon a late Book, Intituled, A Preface Shewing What Ground there are of Fears and Jealousies of Popery. The second Impression, with Additions and Amendments**. Londres: J[ohn]. D[arby]; N.[athaniel] Ponder, 1672, fl.1.

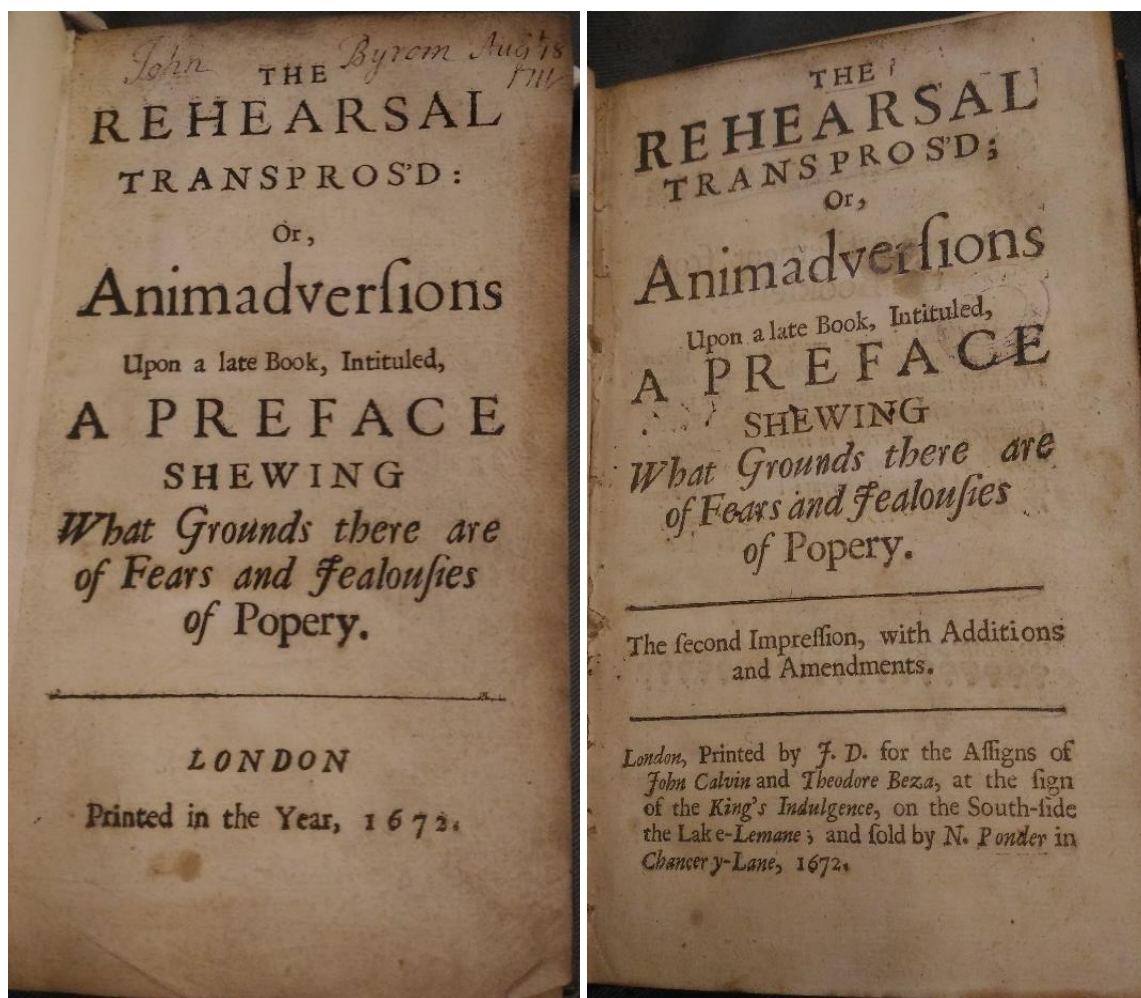


Figura 60: Folhas de rosto de *The Rehearsal Transpros'd*.¹⁷⁵

No verso da folha de rosto da segunda impressão, uma nota da Ponder alertava aos leitores que a publicação havia passado por “*muítas dificuldades*”. Além da conhecida polêmica para sua supressão, o livreiro informava que *The Rehearsal Transpros'd* também havia sido alvo de pirataria. Cópias fraudulentas e corruptas estavam circulando no mercado numa versão em duodécimo (diferente dos oitavos feitos por John Darby). A nota parece ter uma dupla função. Por um lado, ela ressaltava o ávido interesse do público pelo texto. O sucesso do panfleto era grande o suficiente para atrair a atenção de falsificadores. Essa indicação visava conquistar novos leitores. Por outro lado, a nota servia para proteger Marvell, Darby e Ponder contra novos avanços da censura. Ela sugeria que se houvesse cópias disponíveis no mercado, estas não eram provenientes de seu trabalho. De fato, Roger L’Estrange logo observou que versões não censuradas de *The Rehearsal Transpros’d* continuavam a circular.¹⁷⁶

¹⁷⁵ Chetham’s Library, Byrom 2.K.2.33 e Byrom H.3.72.

¹⁷⁶ HMC, vol. VIII, 1881, p.517-518.

Consequentemente, em janeiro de 1673, John Darby e Nathaniel Ponder foram questionados pelas autoridades. Em um depoimento, Darby confessou ter recebido a encomenda de cerca de 1500 cópias do panfleto de Marvell. Na ocasião, Joan Darby também foi ouvida. Ela confirmou as informações fornecidas pelo marido, relatando que ele e Ponder realmente haviam participado da empreitada. Na mesma altura, Ponder foi multado.¹⁷⁷ A Companhia dos Estacionários também decidiu proceder contra o impressor e o livreiro. Segundo a Corte de Assistentes da corporação, John Darby foi encontrado com mais prensas do que o permitido pela Lei de Regulamentação da Imprensa. Ele foi, então, obrigado a se desfazer do excedente o mais rápido possível. Nathaniel Ponder, por sua vez, seria processado pela corporação por ter agido de forma ilícita.¹⁷⁸

Apesar dos problemas com as autoridades, as provocações por parte de Andrew Marvell, John Darby e Nathaniel Ponder não cessaram. Em maio de 1673, uma segunda parte de *The Rehearsal Transpros'd* foi publicada para fazer uma tréplica às respostas de Samuel Parker à primeira parte do texto. Além disso, a continuação do texto se endereçava ao novo contexto político-religioso, por isso, reforçava a defesa da liberdade de consciência. Essa postura era admitida por Marvell em um momento em que o Parlamento e o monarca discordavam fortemente. Enquanto Carlos II tentava promulgar uma Declaração de Indulgência, a assembleia o refreava. Particularmente entre os membros da Câmara dos Comuns pairava a desconfiança de que o monarca, na verdade, tentava favorecer os católicos com a promoção da liberdade religiosa. Embora a intenção do rei apenas tenha sido tornada pública depois de sua morte, de fato, Carlos II havia prometido a Luís XIV da França que reconduziria a Inglaterra ao catolicismo. O compromisso secreto, firmado com o Tratado de Dover de 1670, era condição fundamental para que os franceses fornecessem recursos financeiros que permitissem a Carlos II maior independência das deliberações com o Parlamento. Mesmo desconhecendo as cláusulas ocultas do Tratado, os parlamentares frustraram as ambições de Carlos II, anulando sua Declaração e pressionando-o a aceitar os *Test Acts* em fevereiro de 1673. Por meio do novo conjunto de leis, a perseguição a católicos e não-conformistas foi reforçada, exigindo, agora, que todos os funcionários do governo aceitassem as doutrinas e os dogmas da Igreja Anglicana. A medida causava especial constrangimento ao Duque de York que, recentemente, tornara pública a sua conversão ao catolicismo.¹⁷⁹

¹⁷⁷ HMC, vol. IV, 1874, p.234.

¹⁷⁸ STATIONERS' COMPANY. *Court Book D*, fl.210v-211.

¹⁷⁹ HUTTON, R. "The Making of the Secret Treaty of Dover, 1668–1670". *The Historical Journal*, v. 29, n. 2, p. 297–318, 1986; DE KREY, "The First Restoration Crisis"; DE KREY, "Rethinking the Restoration"; JAMES, Anne. *Poets, Players, and Preachers: Remembering the Gunpowder Plot in Seventeenth-Century England*. Toronto: University of Toronto Press, 2016; KENYON, *The Popish plot*.

Quando publicada, a segunda parte de *The Rehearsal Transpos'd* também incluía uma instigante nota anexada à folha de rosto. Nela (ver *Figura 61*), lia-se o seguinte aviso: “Se tiver algo contra isso, faça seu pior. Você sabe que a Imprensa está de portas abertas.”¹⁸⁰ Embora pudesse se dirigir especificamente à *A Reproof to the Rehearsal Transposed* de Parker, a nota era provocativa o suficiente para incomodar ainda a outros inimigos de Marvell, fossem seus adversários no campo literário ou político, fossem as autoridades da Companhia dos Estacionários ou das instituições de censura. A nota também implicava uma sugestão de que o debate a respeito da liberdade de consciência deveria ser *público*, tendo a imprensa como seu palco central. E a imprensa, vale ressaltar, estava “aberta”. Para o autor e os produtores materiais de *The Rehearsal Transpos'd*, o mercado livreiro não parecia realmente limitado, já que eles vinham consistentemente desafiando os constrangimentos que tentavam lhes impor. A nota parecia, assim, clamar que cabia à opinião pública, instituída por um fórum de leitores, o arbítrio sobre as questões levantadas, e não a uma autoridade censora.

¹⁸⁰ No original: “If you have any thing to object against it, do your worst. You know the Press is open.” MARVELL, Andrew. **The Rehearsall Transpos'd: The Second Part**. Londres: Nathaniel Ponder, 1673, fl.1v.

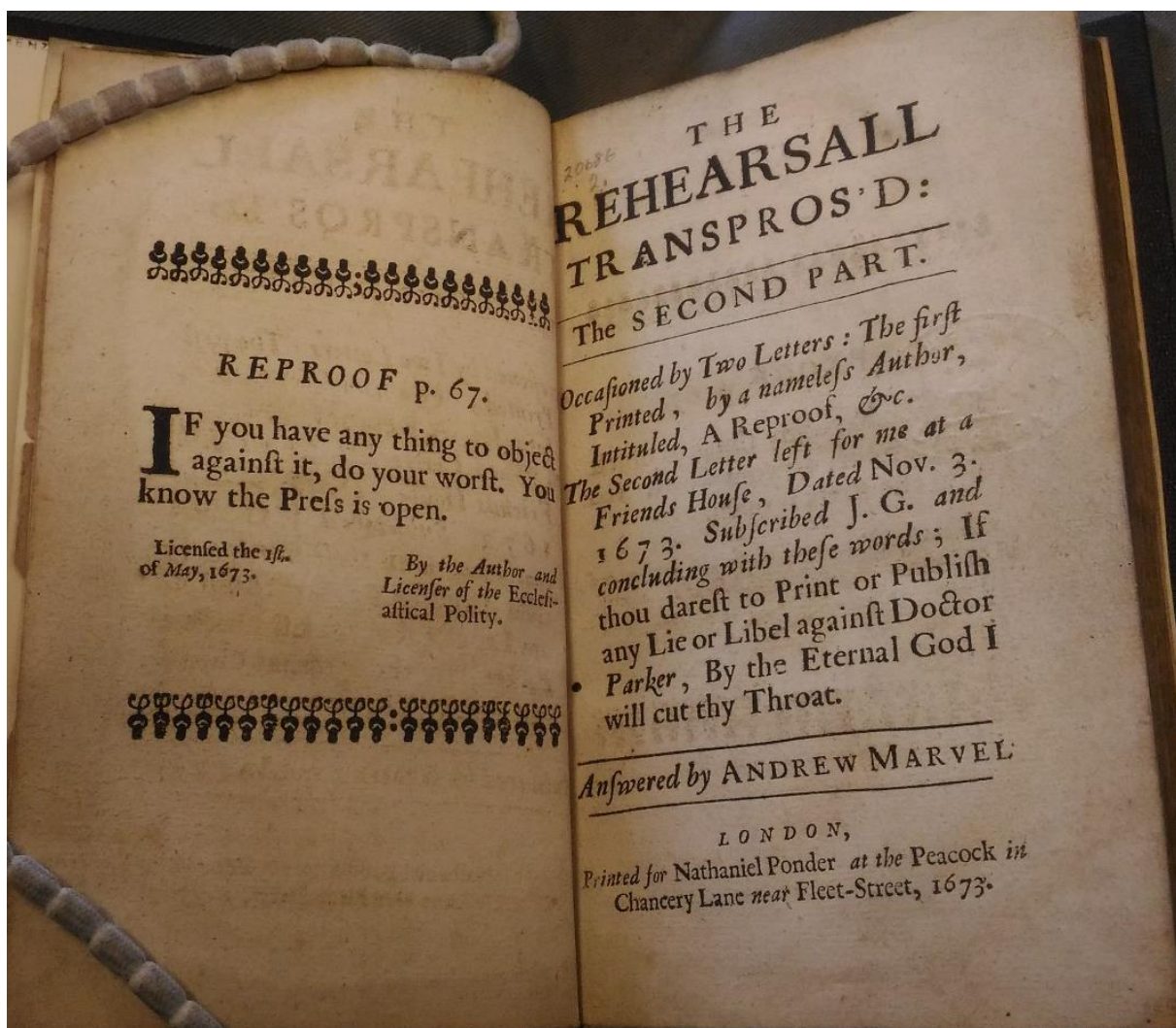


Figura 61: Folhas iniciais da segunda parte de *The Rehearsal Transpros'd*.¹⁸¹



Com o passar dos anos 1670, parecia que a agitação pública em torno das questões da liberdade de consciência e da autoridade política crescia.¹⁸² E os Confederados recorrentemente eram chamados para prestar contas de suas atividades em torno da profícua propaganda em favor dos não-conformistas. No início de 1674, foi emitido um mandado para a prisão de Elizabeth Calvert.¹⁸³ Além dela, Francis Smith e John Darby foram questionados por diversas publicações sem registro.¹⁸⁴ Em 1675, Smith entrou em conflito com as autoridades por participar da distribuição clandestina de *The Naked Truth*, de autoria do bispo de Hereford, Herbert Croft. O

¹⁸¹ Chetham's Library, BYROM 2.I.2.1.

¹⁸² KNIGHTS, *Politics and opinion in crisis*; ZOOK, *Radical Whigs and Conspiratorial Politics*.

¹⁸³ PRO SP44/28/105.

¹⁸⁴ PRO SP29/360/277; 278, 279; CRIST, *Francis Smith and the Opposition Press*.

texto havia sido composto para circular apenas entre os parlamentares, mas foi amplamente difundido sem o consentimento do clérigo. A obra era polêmica porque demonstrava os argumentos de um anglicano em favor de maior tolerância para não-conformistas, visando, assim, a união da cristandade.¹⁸⁵

O escândalo foi agravado quando, em 1676, *Mr. Smirke, or, The Divine in Mode* foi lançado em defesa dos estacionários que decidiram publicar *The Naked Truth* ilegalmente. Logo em suas primeiras páginas, o texto argumentava que os agentes do mercado livreiro haviam agido de acordo com sua obrigação para com o público. A autorização do autor e a licença prévia eram desprezíveis frente a tão nobre comprometimento com a mais pura verdade. A importância a verdade era, ainda, ressaltada pela escolha do pseudônimo usado por Marvell em *Mr. Smirke*, Andreas Rivetus Junior. Simultaneamente, o nome se conectava ao protestante francês André Rivet e ao próprio texto de Croft, cujo título era aludido por meio de um anagrama formado pelo pseudônimo, “*res nuda veritas*” ou “a verdade é matéria nua”. Abertamente anticlerical, *Mr. Smirke* afirmava que os conflitos religiosos apenas existiam por conta da atuação dos bispos.¹⁸⁶

Percebendo os riscos envolvidos em fazer tal tipo de afirmação, *Mr. Smirke* foi publicado de forma fragmentada. Beth Lynch realizou uma dedicada análise de cópias do panfleto, identificando que diferentes oficinas tipográficas foram mobilizadas para a composição das páginas do panfleto. Em sua perspectiva, as mudanças abruptas no estilo do *mise-en-page*, da pontuação, da grafia e dos tipos indicavam não apenas um reflexo das práticas regulares do mercado livreiro. As variações, na verdade, são “eloquentemente sintomáticas das condições sob as quais foi produzido e lançado ao domínio público”.¹⁸⁷ Para fortalecer sua afirmação, Lynch citou como exemplo análogo algumas das publicações ilícitas dos Estacionários Confederados do início dos anos 1660. Mais do que estabelecer uma comparação entre casos distintos, cabe apontar que *Mr. Smirke* foi também um produto das estratégias clandestinas dos Confederados. Como viemos discutindo na presente tese, o conjunto de impressores, livreiros e encadernadores vinha há muitos anos recorrido à fragmentação do processo de produção tipográfica para escapar à censura. A tática clandestina aparece aqui como uma prática compartilhada entre estacionários dissidentes. No caso de *Mr. Smirke*, é importante frisar que um dos impressores responsáveis pela sua produção foi John Darby. Tendo já procedido de forma análoga com a confecção de outros panfletos sediciosos, parece provável que tenha adaptado suas atividades para, agora, colaborar com outros impressores e livreiros que não estavam diretamente envolvidos com os Confederados, como era o caso de

¹⁸⁵ HMC, vol. IX, pt. II, 1884, p.78; KIRBY, Ethyn Williams. "'The Naked Truth': A Plea for Church Unity". **Church History**, v. 7, n. 1, p. 45–61, 1938; LYNCH, "Mr. Smirke and 'Mr. Filth'".

¹⁸⁶ LYNCH, "Mr. Smirke and 'Mr. Filth'"; KELLIHER, "Marvell, Andrew"; SMITH, **Andrew Marvell**.

¹⁸⁷ LYNCH, "Mr. Smirke and 'Mr. Filth'", p. 47.

Thomas Radcliffe, e por Nathaniel Ponder. O uso de tal artifício, como indicado por Lynch, a viria a ser especialmente útil à crescente propaganda *whig* e não-conformista pela liberdade de consciência, colaborando com a ampliação das capacidades de difusão de obras controversas.

Ainda que de forma incompleta, a recuperação de alguns dos detalhes acerca do processo de publicação de *Mr. Smirke* aponta para o desdobramento de outros “Nós” que dificultavam a ação dos censores, por meio da articulação de uma intrincada rede de produção e circulação de panfletos clandestinos no mercado livreiro. Essas conexões continuaram a ser mobilizadas no final dos anos 1670. Entre 1676 e 1677, Anna Brewster, Francis Smith, James Cottrell e John Dover foram recorrentemente citados em investigações sobre textos controversos. Em grande medida, os impressos em questão defendiam a dissolução do presente Parlamento.¹⁸⁸ Exemplos disso eram: *The Long Parliament Dissolved, Some Considerations Upon the Questions, Whether the Parliament is Dissolved* e *The Grand Question, Concerning the Prorogation of this Parliament for a Year and Three Months, Stated and Discussed*, que argumentavam que Carlos II vinha descumprindo o juramento feito durante sua coroação. Na ocasião, ele prometera manter e proteger as leis inglesas, convocando assembleias regulares. Entretanto, o rei incessantemente prorrogava a duração de seu *Cavalier Parliament*, instituído em 1661, impedindo a eleição de novos representantes do povo.¹⁸⁹

As críticas às recentes ações da coroa no trato com os MPs foram reforçadas com a publicação da última prosa de Andrew Marvell, *An Account of the Growth of Popery and Arbitrary Government*, da qual John Darby e Francis Smith também participaram. Com o avançar dos séculos XVII e XVIII, o panfleto consagraria Marvell como um baluarte da causa *whig*, pois suas considerações foram amplamente utilizadas ao longo dos debates parlamentares da Crise de Exclusão. O texto se debruçava sobre os procedimentos do Parlamento e a história política da Inglaterra nos dez anos anteriores para demonstrar como o povo vinha assistindo ao paulatino cerceamento de suas liberdades. O panfleto identificava os católicos como os principais responsáveis por esse processo, já que haviam se entremeadado na corte, sobretudo junto ao Duque de York, assim como na Câmara dos Lordes. Para Marvell, o papismo estava intimamente relacionado à servidão e à injusta perda de direitos civis na Inglaterra. A analogia, que ficava cada vez mais frequente entre os protestantes ingleses, implicava uma associação direta entre o catolicismo e a tirania política, evocada já no título do panfleto: *An Account of the Growth of Popery*

¹⁸⁸ *Journal of the House of Lords*, vol. XIII, pp.42, 54-55, 60-61, 64-65; *HMC*, vol. IX, pt. II, 1884 p.69-79.

¹⁸⁹ Ver *The Long Parliament dissolved*. [Londres: s. n.], 1676; *Some considerations upon the question, whether the Parliament is dissolved by it's prorogation for 15 months*. [Londres: s. n.], 1676; *The Grand Question, Concerning the Prorogation of this Parliament for a Year and Three Months, Stated and Discussed*. [Londres: s. n.], 1676; KNIGHTS, *Politics and opinion in crisis*; PATTERSON, Annabel M. *The Long Parliament of Charles II*. New Haven: Yale University Press, 2008; ZOOK, *Radical Whigs and Conspiratorial Politics*.

and Arbitrary Government (“Uma Narrativa do Crescimento do Papismo e do Governo Arbitrário”).¹⁹⁰

Andrew Marvell argumentava que Carlos II dava indícios de uma conduta corrupta e arbitrária. Exemplo disso era o fato de que, em vez de fazer frente à França, papista e absolutista, aliava-se a ela para franquear uma III Guerra Anglo-Holandesa (1672-1674). Em vez de ampliar a tolerância religiosa, restringia a liberdade dos não-conformistas e abria espaço para os católicos. E ainda pior, o rei permitia que ainda mais inimigos estrangeiros contaminassem a linha sucessória, autorizando o Duque de York a se casar com uma princesa católica e francesa, Maria de Módena. Em vez de se comprometer com convocações regulares do Parlamento, o monarca prorrogava as reuniões com frequência. Na altura da publicação de *An Account*, Carlos II já havia passado muito tempo evitando a participação da assembleia em seu governo.¹⁹¹ Como a própria folha de rosto do panfleto demarcava, o Parlamento havia sido prorrogado entre novembro de 1675 e fevereiro de 1676, e, depois disso, só havia sido convocado novamente em julho de 1677, ou seja, mais de um ano depois da reunião anterior. Por essas razões, Marvell acusava a coroa de promover uma verdadeira conspiração para subverter a ordem política e religiosa. Logo em suas primeiras linhas, o texto declarava que:

Há agora muitos Anos, um projeto vem sendo levado, para transformar o Legítimo Governo da *Inglaterra* em uma Tirania Absoluta, e para converter a Religião Protestante estabelecida em franco Papismo: do que os dois, nada pode ser mais destrutivo ou contrário ao Interesse e à Felicidade, à Constituição e Essência do Rei e do Reino.

Pois se primeiro considerarmos o Estado, os Reis da *Inglaterra* não Governam sob os mesmos termos daqueles das nossas nações Vizinhas, que por meio da força e direção usurparam aquela parcela devida à qual seus Povos tinham no Governo, e [os reis] estão agora há algumas Eras na posse de um Poder Arbitrário.¹⁹²

¹⁹⁰ KEEBLE, *The Literary Culture of Nonconformity*; HETET, *A literary underground*; KENYON, *The Popish plot*; SMITH, *Andrew Marvell*; PATTERSON, *Marvell*; JAMES, *Poets, Players, and Preachers*; HONE, "John Darby".

¹⁹¹ PATTERSON, *The Long Parliament*; PATTERSON, *Marvell*.

¹⁹² No original: “There has now for divers Years, a design been carried on, to change the Lawful Government of *England* into an Absolute Tyranny, and to convert the established Protestant Religion into down-right Popery: than both which, nothing can be more destructive or contrary to the Interest and Happiness, to the Constitution and Being of the King and Kingdom. / For if first we consider the State, the Kings of *England* Rule not upon the same terms with those of our neighbour Nations, who having by force or by address usurped that due share which their People had in the Government [sic], are now for some Ages in possession of an Arbitrary Power.” [MARVELL, Andrew]. *An Account of the Growth of Popery and Arbitrary Government in England*. Amsterdã [Londres]: s. n., 1677, p.3.

Tais alegações não passariam incólumes. As autoridades emitiram mandados para a prisão de John Darby, bem como para o pagamento de recompensas a quem fornecesse informações sobre o seu paradeiro.¹⁹³ O Inspetor rapidamente respondeu à publicação, não apenas lançando mão dos dispositivos de coerção do Estado, mas publicando uma resposta intitulada *An Account of the Growth of Knavery Under the Pretended Fears of Arbitrary Government and Popery*. Apesar do anonimato e do falso *imprint* que indicava Amsterdã como o local de publicação da obra de Marvell, L'Estrange logo a associou ao “Palco de um *Jocoso-Andren*”.¹⁹⁴ Embora o poeta fosse reconhecido pelo próprio censor como “um grande Mestre das Palavras”¹⁹⁵, a réplica de L'Estrange acusava *An Account of the Growth of Popery* de se resumir “apenas [a]o Trabalho de alguma Pena Mercenária”, empregada para causar animosidade e desordem.¹⁹⁶ Como os *Advices to a Painter* e o *Rehearsal Transpros'd*, o censor afirmava que o novo panfleto de Marvell tinha como objetivo a gitação do povo. Os perigosos panfletos tentavam provocar uma irrupção tal como a de 1641.

6.3.2. Papismo e exclusão

Apesar do esforço das autoridades para conter a disseminação de ideias como as que foram expressas nos últimos panfletos de Marvell, as inquietações a respeito dos riscos do crescimento do papismo e da tirania se ampliaram vertiginosamente. O poeta chegou, inclusive, a ser reconhecido postumamente como um “profeta” dos desastres subsequentes. Marvell faleceu em agosto de 1678 sem presenciar os eventos do Complô Papista. Suas denúncias, contudo, continuariam a ser lembradas nos anos seguintes.¹⁹⁷ O medo da eminente eclosão de uma invasão católica aumentou a ponto de ocupar grande parte das conversas em tavernas e cafés, e das publicações em circulação no mercado livreiro.¹⁹⁸

O assunto tomou proporções maiores quando uma suposta conspiração foi denunciada pelo teólogo Titus Oates na segunda metade de 1678. Apesar de ter professado a religião católica no passado, Oates dizia-se um leal protestante, que apenas se aproximara da doutrina romana para se infiltrar em grupos jesuítas e conseguir informações relevantes para a proteção da Inglaterra. Ele afirmava ter descoberto um alarmante plano internacional para: assassinar Carlos II e Jaime Stuart, incendiar a cidade de Londres e reinstaurar o catolicismo nas Ilhas Britânicas. Frente a tais riscos,

¹⁹³ HONE, "John Darby"

¹⁹⁴ No original: “Stage of a *Merry-Andren*”. L'ESTRANGE, Roger. **An Account of the Growth of Knavery Under the Pretended Fears of Arbitrary Government and Popery**. Londres: H. H.; Henry Brome, 1678, p.4.

¹⁹⁵ No original: “a great Master of Words”. *Idem, ibidem*.

¹⁹⁶ No original: “the Work only of some Mercenary Pen”. *Idem*, p.6.

¹⁹⁷ SMITH, **Andrew Marvell**.

¹⁹⁸ KNIGHTS, **Politics and opinion in crisis; ZOOK, Radical Whigs and Conspiratorial Politics**.

Oates decidiu relatar suas suspeitas ao teólogo anglicano, Israel Tonge. Juntos, os dois religiosos denunciaram o caso a Sir Edmund Berry Godfrey, juiz de paz. O episódio teria tido pouca importância, não fosse a estranha e súbito falecimento de Godfrey. Aparentemente, o magistrado havia demonstrado dúvidas sobre as informações de Oates e Tonge, mas quando foi encontrado morto em outubro de 1678, difundiram-se boatos de que Godfrey tinha sido assassinado por papistas que tentavam acobertar os rastros de seus planos para subverter o governo inglês.¹⁹⁹

Um enxame de panfletos passou a tratar sobre o caso, sobretudo, a partir de 1679, quando um novo Parlamento finalmente foi convocado e optou por não renovar a validade da Lei de Regulamentação da Imprensa. Ficando temporariamente sem os constrangimentos das leis de licenciamento, o mercado livreiro entrou em erupção. Alguns dos diversos textos impressos no período sustentavam as acusações de Oates e Tonge, enquanto outros duvidavam de sua veracidade. Como observado por diversos historiadores que se debruçaram sobre o episódio, a confusão foi tamanha que muitos relatos rapidamente passaram a divergir entre si. Se o rei e o Duque de York eram constantemente acusados de serem papistas, como agora passaram também alvos de uma conspiração perpetrada por praticantes de sua própria confissão? Muitos afirmavam que as histórias eram falsas, tendo sido espalhadas apenas para causar confusão e esconder o verdadeiro complô em curso, organizado não por católicos, mas por protestantes. Apesar das muitas incertezas sobre o caso, Carlos II achou melhor reforçar as investigações sobre o suposto complô.²⁰⁰

Depoimentos, exames, prisões e julgamentos por traição relacionados ao caso ocorreram com frequência entre 1679 e 1681. E todos esses episódios eram diariamente noticiados pela imprensa. John Darby, Anna Brewster e, sobretudo, Francis Smith participaram ativamente desse processo, tornando-se prolíficos produtores e disseminadores das informações e interpretações a respeito do Complô Papista. A profusão de panfletos, muitas vezes, incomodava as autoridades porque gerava conteúdo para a propaganda de não-conformistas e *whigs*, que clamava pela exclusão de Jaime Stuart da linha sucessória do trono, considerando imprescindível livrar a Inglaterra do temido risco da tirania papista. Roger L'Estrange foi um ávido combatente dos relatos sobre o complô (o que, posteriormente, lhe gerou acusações de ser um papista).²⁰¹ L'Estrange usou de seu poder para tentar deter Francis Smith, mas como observado por Beth Lynch, o livreiro acabou sendo absolvido seguidas vezes devido às suas boas relações com políticos e juristas *whigs*, como o

¹⁹⁹ KENYON, **The Popish plot**; HINDS, **“The Horrid Popish Plot”**; MCTAGUE, **Things that didn't happen**.

²⁰⁰ HINDS, **“The Horrid Popish Plot”**; MCTAGUE, **Things that didn't happen**.

²⁰¹ "Charles II: October 1680". In: DANIELL, Blackburne, F. H. (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1680-1**. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1921, p.72. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/chas2/1680-1/pp46-74>>, acessado em 09/01/2023; DUNAN-PAGE; LYNCH (org.), **Roger L'Estrange**; HINDS, **“The Horrid Popish Plot”**.

Conde de Shaftesbury. Mas a sorte de Smith mudou rapidamente. Sua publicação do relato do julgamento de um médico católico, George Wakeman, lhe rendeu mais uma estada na prisão.²⁰²

Titus Oates e Israel Tonge haviam acusado George Wakeman de ter recebido dinheiro dos conspiradores para fornecer veneno à rainha. Seria ela quem assassinaria Carlos II. Radicais religiosos e *whigs* pressionaram fortemente para que, apesar de sua boa reputação, Wakeman fosse levado à corte. Esperava-se que, assim, a própria Catarina de Bragança também acabasse sendo julgada. Wakeman, entretanto, foi considerado inocente, já que não havia provas consistentes contra ele.²⁰³ O panfleto de Smith, intitulado *Some Observations Upon the Late Tryals of Sir George Wakeman, Coker and Marshal*, provocara reações porque sugeria que a absolvição do médico se devia à corrupção do juiz responsável pelo caso, Sir William Scroggs.²⁰⁴

Interessante observar que, como muitos outros textos publicados por Smith a partir do final dos anos 1670, *Some Observations* era um breve fólio. Diferente dos costumeiros quartos e oitavos lançados com frequência por Smith e outros Confederados nas décadas anteriores, *Some Observations* parece evidenciar algumas mudanças em suas operações e mesmo nas dinâmicas do mercado livreiro. Na folha de rosto, nota-se já de partida o nome de Anna Brewster como impressora da obra. Embora não existam documentos na Companhia dos Estacionários que expliquem sua nova atividade, não era incomum que livreiros também possuíssem prensas em seus estabelecimentos. É possível que, para saldar as dívidas contraídas ao longo de décadas de atividades ilícitas, a viúva estivesse tentando ampliar seus ganhos financeiros.

Com um *mise-en-page* simples e sem adornos, o que mais chama atenção na folha de rosto do panfleto é seu título. Nele, a palavra “Tryals” (“Julgamentos”) tem particular destaque (ver *Figura 62*). Constituindo o chamariz central para o público interessado no polêmico caso do Complô Papista, a referência aos escandalosos processos jurídicos parecia bastar para atrair os olhares de potenciais leitores. A boa vendagem desse gênero de escritos, inclusive, estimulou a preferência de Smith por fólios nos anos seguintes. Os formatos maiores eram convenientes para a confecção de transcrições impressas de procedimentos jurídicos. Como no caso das publicações de peças teatrais, a descrição das cenas, bem como a representação dos discursos orais de diferentes personagens podiam ser mais bem dispostas em páginas maiores.²⁰⁵

²⁰² LYNCH, "Smith, Francis". Melinda Zook também ressaltou a participação de Smith em redes de whigs radicais. Sobre isso, ver: ZOOK, **Radical Whigs and Conspiratorial Politics**.

²⁰³ SECCOMBE, Thomas; BEVAN, Michael. "Wakeman, Sir George, baronet (b. 1627), physician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-28422>>, acessado em 09/01/2023.

²⁰⁴ LYNCH, "Smith, Francis".

²⁰⁵ Faz-se necessário agradecer à professora Maureen Bell por nos fazer essa importante observação em uma conversa durante o período de desenvolvimento de nosso estágio de pesquisa no exterior.

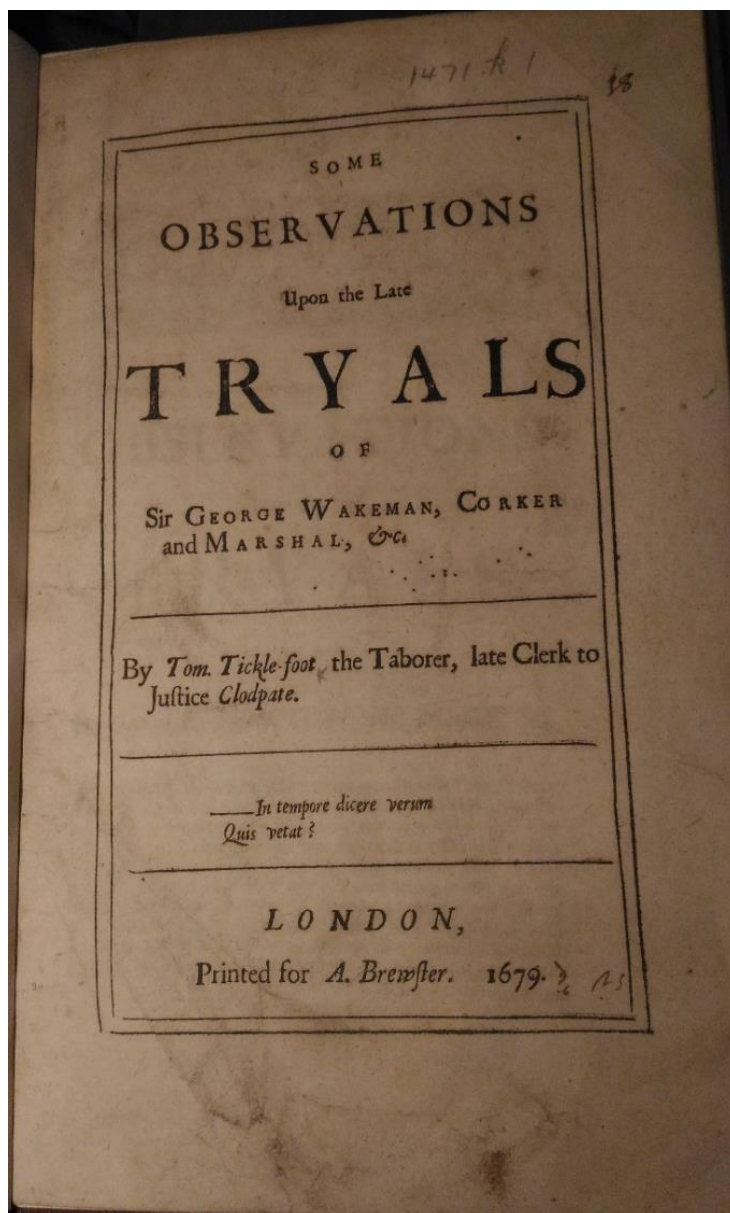


Figura 62: Folha de rosto de *Some Observations*.²⁰⁶

De fato, o gênero dos relatos de julgamentos se tornaria bastante popular na época, visto que diversas pessoas acabaram enfrentando os tribunais sob acusação de conspiração e traição e, ao menos trinta e cinco, foram executadas com base nas denúncias de Oates e Tonge. Posteriormente, no início dos anos 1680, o Complô Papista se provaria inteiramente falso. Mas o frenesi já havia tido início e, por isso, a imprensa continuou agitada com a circulação de textos anticatólicos. Apesar de as mentiras de Oates e Tonge terem sido desmascaradas, os temores envolvendo perniciosos ataques papistas tinham grande credibilidade entre a sociedade, suscitando

²⁰⁶ British Library, 1471.k.1.

boatos e suspeitas. Eventos como a Conspiração da Pólvora de 1605 e o incêndio de Londres de 1666 foram retomados como indícios de tentativas passadas de cooptação do poder por parte dos católicos. A malignidade dos papistas era evidenciada, inclusive, por eventos que nunca ocorreram. Como demonstrado por John McTague, relatos fabricados sobre ataques abortados, ou evitados por ação divina ou humana eram citados como exemplos da contínua ameaça colocada pelos papistas à paz dos ingleses.²⁰⁷

O tema, cabe ressaltar, servia de combustível às campanhas *whigs* pela exclusão do Duque de York da linha sucessória. O terror papista e as ansiedades com relação às questões religiosas fomentaram a difusão de argumentos que fortaleciam as ideias sobre o direito de resistência. A propaganda *whig* declarava que o poder, por excelência, emanava do povo e, por consequência, os súditos poderiam reivindicá-lo caso o soberano que lhes representava atentasse contra suas liberdades e seus direitos naturais. Entre os *whigs* radicais, as alegações chegavam ao ponto de defender a legitimidade de o povo pegar em armas para depor governantes tirânicos.²⁰⁸ Tais alegações mobilizaram, em especial entre os membros do *Green Ribbon Club*²⁰⁹, a constante publicação de panfletos e petições contrárias à futura coroação de Jaime Stuart. Sublevações também foram planejadas, visando assassinar Carlos II e seu irmão para prevenir o triunfo do papismo e da tirania. Exemplos disso foram o fracassado Rye House Plot de 1683 e a Rebelião de Monmouth de 1685. Essa última cogitava, inclusive, coroar um filho ilegítimo de Carlos II em vez de conceder o trono ao Duque de York, preferindo distorcer a organização da linha sucessória a permitir a ascensão de um católico.²¹⁰

John Darby e Francis Smith estavam intimamente conectados às publicações e atividades dos *whigs* radicais. Homens como os dois estacionários eram percebidos pelas autoridades como sujeitos que “fazem um bom tanto de maldade por meio da difusão de mentiras e falsos rumores pela nação, para provocar as pessoas à sedição e rebelião”.²¹¹ Seus nomes apareceram atrelados a

²⁰⁷ MCTAGUE, **Things that didn't happen.**

²⁰⁸ ZOOK, **Radical Whigs and Conspiratorial Politics.**

²⁰⁹ Fundado em 1674, o *Green Ribbon Club* era uma associação política que se reunia numa taverna em Chancery Lane, no centro de Londres, para discutir o futuro político e religioso da Inglaterra. Congregando parlamentares, políticos, juristas e outros sujeitos, o clube opunha-se a expansão do catolicismo na Inglaterra e buscava refrear as arbitrariedades da corte e do governo carolinos. Entre seus membros estavam homens como Stephen College e o Conde de Shaftesbury. HARRIS, Tim. "Green Ribbon Club (act. c. 1674–c. 1683)" In: **Oxford Dictionary of National Biography.** Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB:** <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-92786>>, acessado em 09/01/2023.

²¹⁰ GREAVES, **Secrets of the Kingdom**; ZOOK, **Radical Whigs and Conspiratorial Politics**; MCTAGUE, **Things that didn't happen.**

²¹¹ No original: “do a great deal of mischief by spreading lies and false rumours about the nation, to provoke people to sedition and rebellion”. PRO SP29/416/247.

diversos panfletos controversos no início dos anos 1680.²¹² Smith, em particular, acabou sendo processado, juntamente com a impressora não-conformista Jane Curtis, pela emissão de obras do Conde de Shaftesbury, que questionavam o caráter da dinastia Stuart.²¹³

A situação de Smith com as autoridades ficou mais complicada em 1681, quando o livreiro precisou fugir para a Holanda pela publicação e provável co-autoria de *A Ra-ree Show*. Lançado anonimamente, o panfleto foi atribuído a Stephen College. *A Ra-ree Show* se tratava de uma balada impressa em um *broadside*, que retratava o diálogo fictício entre um Leviatã e um representante da Câmara dos Comuns, chamado Topham. Vendido juntamente com uma calcogravura, o panfleto foi preparado para ser distribuído em março, ocasião na qual Carlos II havia optado por reunir Parlamento não em Londres, mas em Oxford. A mudança para uma cidade reconhecida pelo regalismo visava dificultar a participação dos *whigs* nas deliberações acerca da exclusão de Jaime Stuart.²¹⁴ Na balada, Topham contrapunha-se às ações do Leviatã, demonstrando sua conduta arbitrária. Complementando a crítica do texto, na gravura, viam-se duas cenas consecutivas. Na primeira, parlamentares *whigs* seguiam o soberano. Na segunda, os MPs atiravam-no à lama e forçavam a entrada de bispos no baú que ele, o Leviatã, carregava nas costas (ver *Figura 63*). Com isso, tanto o diálogo quanto a figura de *A Ra-Ree Show* acusavam Carlos II, representado na figura do Leviatã, de ter “convertido o parlamento em uma performance itinerante e vazia, ou um espetáculo ambulante [*ra-ree show*], ao prorrogá-lo repetidamente antes que ele [o Parlamento] possa aprovar a legislação” contra a nomeação de um rei católico.²¹⁵

²¹² *Journal of the House of Commons*, vol. IV, p.697-699; *HMC*, vol VII, pt. IX, p.106-115; *Journal of the House of Lords*, vol. XIII, p.729, 734; PRO SP29/416/247; CRIST, *Francis Smith and the Opposition Press*; HETET, *A literary underground*; ZOOK, *Radical Whigs and Conspiratorial Politics*; HONE, "John Darby".

²¹³ [SMITH, Francis]. *An impartial account of the tryal of Francis Smith, upon an information brought against him for printing and publishing a late book commonly known by the name of Tom Ticklefoot, &c. As also of the tryal of Jane Curtis, upon an information brought against her for publishing and putting to sale a scandalous libel, called A satyr upon iniustice: or Scroggs upon Scroggs*. [Londres:] s. n., 1680.

²¹⁴ *A Ra-Ree Show*. Londres: B. T., 1681; CRIST, *Francis Smith and the Opposition Press*; LYNCH, "Smith, Francis"; WESSEL, Jane. "Performing 'A Ra-ree Show': Political Spectacle and the Treason Trial of Stephen College". *Restoration: Studies in English Literary Culture, 1660-1700*, v. 38, n. 1, p. 3-17, 2014; MCTAGUE, *Things that didn't happen*.

²¹⁵ No original: "has converted parliament into an itinerant and vacuous theatrical performance, or ra-ree show, by repeatedly proroguing it before it can pass legislation." MCTAGUE, *Things that didn't happen*, p. 66.

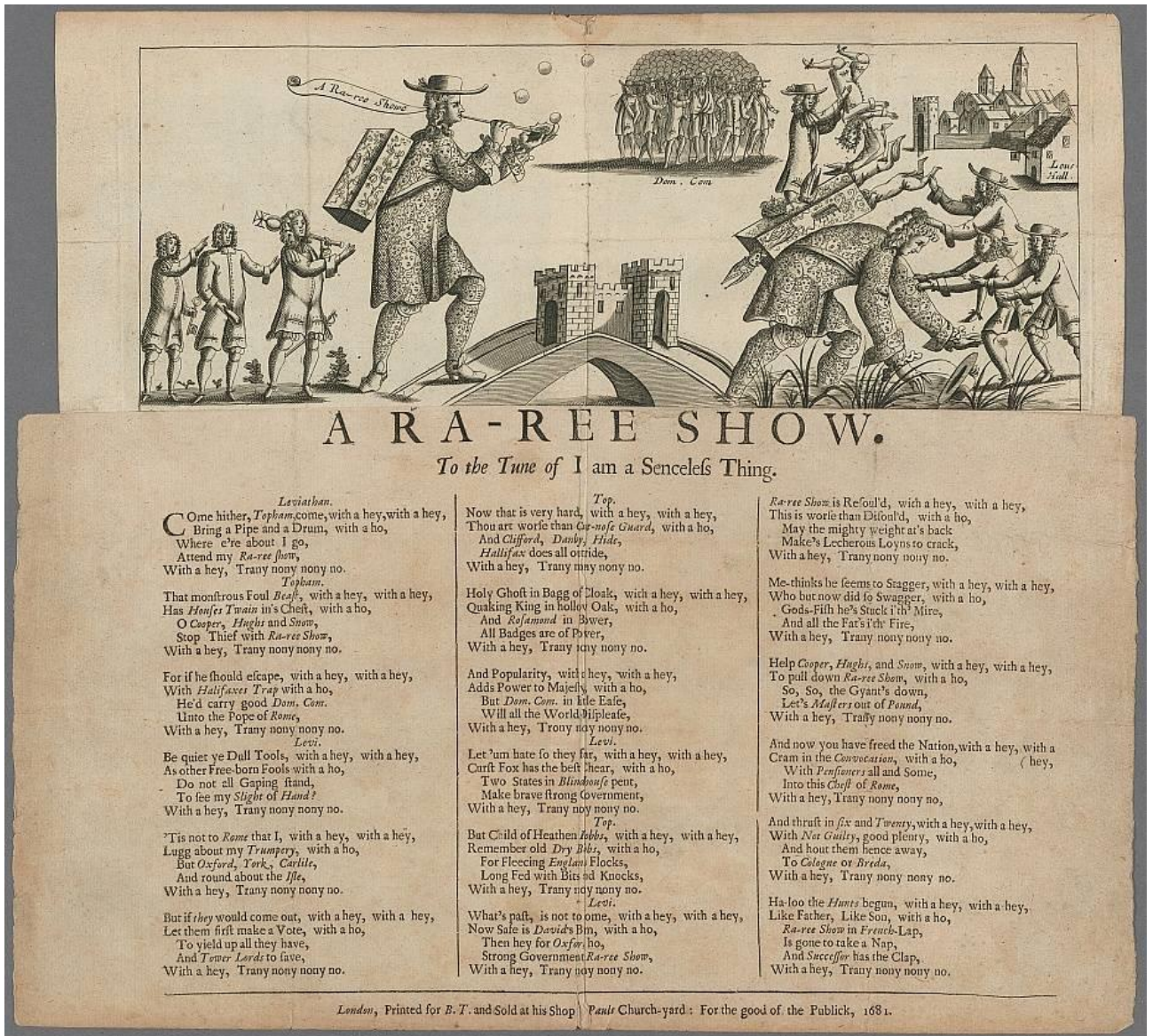


Figura 63: *A Ra-ree Show*.²¹⁶

Considerada uma obra traiçoeira, *A Ra-ree Show* foi suprimida e seu autor, Stephen College, foi julgado e executado publicamente. Francis Smith conseguiu escapar da morte, exilando-se. Mas ao retornar a Londres em 1684, foi sentenciado ao pelourinho e à prisão. Enquanto esteve ausente, contudo, a intrincada rede de dispersão de panfletos pró-exclusão e anti-papistas continuou ativa devido às atividades de John Darby e dos demais familiares de Francis Smith. Eleanor Smith, bem como os dois filhos mais velhos do casal de livreiros, também chamados Francis e Eleanor Smith, foram continuamente examinados e multados pelas autoridades por sua assídua participação da rede de propagação de ideias *whigs* radicais nos anos 1680.²¹⁷

²¹⁶ Houghton Library, EBB65 via English Broadside Ballad Archive, EBBA 35031.

²¹⁷ Ver, entre outros: PRO SP29/416/365; SP29/420/45, 47, 119; SP29/421/228; SP29/421/1/325; SP29/423/198; SP29/424/289; SP29/425/100; SP29/429/143b, 329; SP29/430/49b; SP29/433/11b; SP29/436/87b; SP29/437/9a;

6.3.3. O declínio do “cão de caça do diabo”²¹⁸

Como já mencionamos, além de contar com as inventivas estratégias e as intrincadas redes de produção e distribuição de estacionários radicais, a agitação da imprensa nos primeiros anos da década de 1680 também decorreu da falência dos instrumentos de censura organizados no começo da Restauração. Por mais que Roger L'Estrange tenha tentado retirar poderes da Companhia dos Estacionários e concentrá-los em seu posto de Inspetor da Imprensa, a corporação continuou a desempenhar seu papel na fiscalização do mercado livreiro. Seus diretores e mestres recorrentemente eram imbuídos pelos Secretários de Estado: conduzir vistorias em oficinas e livrarias, confiscar prensas sobressalentes, verificar a quantidade de aprendizes e funcionários trabalhando nos estabelecimentos e garantir que as normas da Lei de Regulamentação da Imprensa fossem cumpridas. Não obstante, como já notado no capítulo anterior, essa estrutura era difícil e onerosa de se manter. Nem sempre havia recursos disponíveis para que a Companhia pudesse proceder contra as atividades ilícitas.²¹⁹

Em outras ocasiões, contudo, sabe-se que alguns dirigentes da corporação deliberadamente infringiram as leis vigentes em benefício próprio. Em 1667, por exemplo, o livreiro Richard Royston, que exercia o cargo de diretor da Companhia, havia sido acusado de vender cópias apreendidas de *London's Flames*.²²⁰ No ano seguinte, descobriu-se que um dos mensageiros do rei, John Wickham, também estava envolvido com a comercialização clandestina de texto recolhidos em vistorias oficiais às casas de John Darby e Elizabeth Calvert. Razão pela qual Wickham foi preso. Em uma petição por liberdade, o mensageiro explicava que cometera o crime à mando de Richard Royston e de um dos investigadores da Companhia, Samuel Mearne.²²¹

A corrupção dos agentes de censura parece ter, em muitas ocasiões, compactuado para que panfletos radicais circulassem mesmo depois da prisão de impressores e livreiros, e/ou da apreensão do material sedicioso. Por essa razão, Roger L'Estrange tentou reformular estratégias de regulamentação da imprensa ao longo do início dos anos 1670. Em uma carta direcionada ao Secretário Williamson, L'Estrange relatava que não tinha poder o suficiente para agir contra

SP29/437/123; STATIONERS' COMPANY. **Court Book E**, fl.158-158v; CRIST, **Francis Smith and the Opposition Press**; HETET, **A literary underground**; LYNCH, "Smith, Francis"; ZOOK, **Radical Whigs and Conspiratorial Politics**; WESSEL, "Performing 'A Ra-ree Show'"; HONE, "John Darby".

²¹⁸ No original: "devil's bloodhound". "Charles II - volume 99: June 1664". In: GREEN, May Anne (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1663-4**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1862, p.616. Disponível em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/chas2/1663-4/pp602-631>>, acessado em 24/12/2022.

²¹⁹ SIEBERT, **Freedom of the Press in England**; HETET, **A literary underground**.

²²⁰ PRO SP29/187/2/83.

²²¹ PRO SP44/28/12; SP29/248/105.

membros da Companhia. Para o censor, era necessário que o próprio rei interviesse, condicionando a renovação de valiosas patentes de impressão da corporação à sua colaboração com o governo. Com o apoio do monarca, L'Estrange passou meses negociando modificações nos estatutos da Companhia, buscando aumentar o rigor de sua atividade censora.²²² Em 1672, diversas ordenações régias requisitaram que a corporação permitisse que L'Estrange investigasse seus membros, colaborasse com o Inspetor, verificasse a existência de prensas clandestinas na cidade de Londres, reforçasse suas estruturas censoras, e formasse um comitê para melhorar o funcionamento dos instrumentos de controle da imprensa.²²³

Ainda assim, é provável que a corrupção continuasse a vigorar. O caso da circulação de cópias não censuradas de *The Rehearsal Transpros'd*, por exemplo, sugeria que panfletos apreendidos nas casas de Nathaniel Ponder e John Darby não pudessem ter sido descartados, mas sim comercializados por mensageiros do rei e/ou dirigentes da Companhia dos Estacionários.²²⁴ Em 1681, quando publicou uma narrativa autobiográfica, Francis Smith também comentou o problema, alegando que sua livraria muitas vezes foi objeto de investidas abusivas para confiscar textos “sem licença, porque outros não devem vendê-los”, mas as autoridades “os vendiam elas mesmas”.²²⁵

O controle sobre a imprensa e as atividades da Companhia dos Estacionários só se provaria mais difícil depois de 1679. A Lei de Regulamentação da Imprensa expirou em junho, fazendo que o governo não mais pudesse limitar o número de oficinas tipográficas ativas ou exigir o licenciamento prévio dos textos. Embora houvesse interesse da coroa em renovar ou implementar uma nova lei para fiscalizar o mercado livreiro, entre os parlamentares e juristas, a discussão seguia outro rumo. Normas como as impostas pelo Ato não possibilitaram, como já se sabia, uma completa supressão da circulação de ideias controversas. Ao mesmo tempo, práticas censoras muito restritivas pareciam apenas estimular a oposição entre os súditos, ou ocasionar punições excessivas dos agentes mais pobres do mercado livreiro, em especial, os impressores.²²⁶

Ainda que tenha pensado em alternativas para retomar o controle sobre a imprensa, sugerindo, inclusive, a criação de uma corporação de ofícios exclusiva para impressores, a fim de

²²² PRO SP29/278/215, 269. STATIONERS' COMPANY. **Court Book D**, fl.175-178, 187-194v.

²²³ PRO SP30/F/244; SP44/31/96; STATIONERS' COMPANY. **Court Book D**, fl.202v, 207-208.

²²⁴ HETET, **A literary underground**; BELL, "Her Usual Practices"; MCELLIGOTT, "A Couple of Hundred Squabbling Small Tradesmen?"; DZELZAINIS, "Andrew Marvell and the Restoration".

²²⁵ No original: “unlicenced, because other shall not sell them”; “sell them themselves”. SMITH, Francis. **An account of the injurious proceedings of Sir George Jeffreys Knt. late recorder of London, against Francis Smith, bookseller, with his arbitrary carriage towards the grand-jury, at Guild-Hall, Sept. 16. 1680... Together with an abstract of very many former losses, and publick sufferings sustained by him both in his person and estate.** Londres: Francis Smith, [1681], p.19.

²²⁶ CRIST, Timothy. "Government Control of the Press after the Expiration of the Printing Act in 1679". **Publishing History**, v. 5, p. 49-77, 1979.

retirar algum poder e recurso da Companhia dos Estacionários, L'Estrange apenas viu seu cargo perder prestígio. Se antes havia demarcado seu dever como protetor da ordem e da moral, agora o Inspetor assistia à crescente onda de críticas à sua conduta. Em uma carta interceptada de Ralph Wallis a sua esposa, o poeta de Gloucester já havia se referido a L'Estrange como “o cão de caça do diabo” em 1664.²²⁷ Mas depois de 1679, a ridicularização da sua figura se tornou frequente e explícita. “Towzer” se tornou um apelido comum ao censor. A palavra era recorrentemente usada para nomear cães de grande porte (tal como “Rex” nos dias de hoje) e, a partir da publicação do *broadside* satírico *Strange's Case, Strangly Altered* em 1680, virou uma incômoda alcunha para L'Estrange.²²⁸

Acompanhado de uma gravura, os versos de *Strange's Case* descreviam o Inspetor da Imprensa como um cão, que fugia da força com uma corda presa ao pescoço, ao mesmo tempo em que era atizado por um demônio. Uma vassoura (“broom” em inglês) aparecia amarrada em seu rabo, em uma provável alusão ao sobrenome de seu principal publicador, Henry Brome. Sobre a cabeça do cão, repousavam uma cruz, um terço e uma pena, que simbolizavam sua suposta orientação papista. O panfleto, assim, reforçava rumores sobre a simpatia de L'Estrange pelo catolicismo, oriunda das fortes críticas do censor ao Complô Papista e às propostas de exclusão do Duque de York (ver *Figura 64*).

²²⁷ No original: “the devil's bloodhound”. “Charles II - volume 99: June 1664”. In: GREEN, Mary Anne Everett (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1663-4**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1862, p.616. Disponível online em **British History Online**: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/chas2/1663-4/pp602-631>>, acessado em 10/01/2023.

²²⁸ PIERCE, Helen. “The Devil's Bloodhound: Roger L'Estrange Caricatured”. In: HUNTER, Michael (org.). **Printed images in early modern Britain: essays in interpretation**. Farnham: Ashgate, 2010.



Figura 64: Strange's Case, Strangely Altered.²²⁹

L'Estrange não recobriria seu poder depois dos ataques à sua reputação. Depois do falecimento de Carlos II em 1685 e da ascensão de Jaime II ao trono, ele voltou a ser nomeado para o posto de Inspetor da Imprensa. Não obstante, sua posição foi novamente perdida com a eclosão, em 1688, da Revolução Gloriosa. A falência do “cão de caça do diabo” não era apenas consequência da mudança política desembocada pela ascensão de Guilherme de Orange, mas de uma reorientação do mercado livreiro. Depois de tantas agitações, suas propostas e estratégias não serviam mais à imprensa inglesa. Ainda que isso não tenha implicado em qualquer caminho linear para a conformação de uma liberdade de discurso, já que práticas de censura continuaram a ser exercidas pelo governo, o contexto, de fato, parecia mudar.²³⁰ Outros modelos seriam colocados em funcionamento agora que o projeto da Restauração e de seu controle da imprensa pareciam fracassar. E a pernicioso confederação que perseguiu parecia também perder lugar frente às novas demandas do mercado livreiro.

²²⁹ British Museum, 164102001. Disponível online em British Museum: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1868-0808-3295>, acessado em 10/01/2023.

²³⁰ KEYMER, *Poetics of the Pillory*.

Conclusão

Apesar das tentativas do governo de reimpor a censura, radicais e reformadores continuaram a publicar suas obras durante todo o período [da Restauração]. Seus escritos ajudaram a manter a ideologia radical viva e muniram o descontentamento do qual os conspiradores se alimentavam. A imprensa era o poder, fato apenas percebido de maneira imperfeita pelo regime da Restauração. Muitas vezes expressa em termos religiosos, a mensagem radical poderia ser transmitida do púlpito ou através de livros e panfletos, e, a partir daí, poderia ser reforçada por meio de uma miríade irreprimível de discussões em tavernas em todo o território.

Richard L. Greaves, 1986.¹

Como vimos ao longo de toda a tese, a circulação de ideias radicalmente contrárias à instituição da Igreja Anglicana e da monarquia Stuart não cessou com a Restauração de Carlos II. O empenho de censores e autoridades, de fato, restringiu, suprimiu e puniu diversas manifestações opostas às políticas do governo, mas nenhuma prática restritiva teve (ou teria) a capacidade de controlar a imprensa de forma absoluta. Isso porque, como já apontado nos trabalhos de Annabel Patterson e Thomas Keymer, a própria censura também serve como estímulo para o desenvolvimento da criatividade e da inventividade das práticas de transgressão, seja por meio da linguagem figurada e ambígua, dos gêneros literários satíricos, ou das estratégias de impressão e difusão do material controverso.²

O caso dos Estacionários Confederados evidencia essa dinâmica conflituosa entre as investidas das forças de repressão e as resistências dos agentes do mercado livreiro entre os contextos da Revolução Inglesa de 1640 e da Restauração de 1660. Ao acompanharmos o desenvolvimento das relações do grupo e de suas publicações desde a década de 1650, observamos também a sua mobilização de variadas táticas editoriais e comerciais para evitar os constrangimentos colocados por diferentes instrumentos de controle. Atravessando diversas alterações no governo – passando por uma república, um protetorado e uma monarquia –, o grupo

¹ No original: “Despite the government’s attempts to reimpose censorship, radicals and reformers continued to publish their works throughout the period. Their writings helped keep radical ideology alive and fanned the discontent upon which conspirators fed. The press was power, a fact only imperfectly perceived by the Restoration regime. Often couched in religious terms, the radical message could be conveyed from the pulpit or through books and pamphlets, and from there it could be reinforced through the myriad irrepressible discussions in taverns throughout the land.” GREAVES, *Deliver us from evil*, p.8.

² PATTERSON, *Censorship and Interpretation*; KEYMER, *Poetics of the Pillory*.

demonstrou sempre sólido comprometimento com as suas perspectivas político-religiosas, negando-se a se submeter às autoridades que desviassem de suas crenças e seus posicionamentos.

Ao examinarmos suas atividades editoriais, percebemos nos Confederados uma atuação radical, isto é, para além das ideias que defendiam e difundiam nos textos que produziam, os próprios processos de publicação aos quais recorriam demonstravam seu radicalismo. Imprimir um texto antimonarquista de forma fragmentada, elaborar folhas de rosto com *imprints* falsos, fazer uso do anonimato eram algumas das maneiras pelas quais eles atuavam de forma radical contra a monarquia e a Igreja Anglicana. Por essa razão, nosso estudo se baseou em análises exaustivas da materialidade de suas obras, tendo como principal enfoque os recursos tipográficos mobilizados pelos agentes em questão. Foi por meio do exame dos aspectos formais de seus textos que pudemos identificar como homens e mulheres do mercado livreiro encontraram estratégias clandestinas para viabilizar a circulação das ideias nas quais acreditavam mesmo em momentos de maiores restrições, por vezes, colocando seus negócios e vidas em risco.

Os exemplos dos panfletos estudados aqui apontam para o fato de que a confecção dos textos polêmicos, sediciosos e ilegais não se dava da mesma maneira que os impressos feitos de forma regular, pois, como já mencionado na tese, as obras clandestinas constituem um *corpus* e um mercado próprios, com características particulares³. As estratégias adotadas para preservar as identidades dos autores e estacionários, bem como para minimizar os riscos financeiros e políticos envolvidos nas empreitadas deixavam marcas nos textos. Mais do que meros detalhes identificados por um preciosismo bibliográfico, quando colocamos essas marcas em perspectiva, podemos entender as conjunturas nas quais as obras foram publicadas e, mais do que isso, podemos evidenciar a atuação de sujeitos cujas trajetórias nem sempre são reconhecidas. A historiografia a respeito dos contextos da Revolução Inglesa e da Restauração em muito se baseou na cultura impressa do período, mas, na grande maioria das vezes, privilegiou o conteúdo dos textos, enfatizando o papel dos escritores. Impressores, livreiros e encadernadores muitas vezes ficaram à margem dessas análises, sendo retratados como meros produtores de suportes para as ideias dos autores e, por conseguinte, sem ser reconhecidos eles também como autores de objetos impressos que foram gestados coletivamente.

As decisões tomadas nas oficinas de impressão, nas casas de encadernação e nas livrarias eram tão fundamentais quanto as palavras redigidas pelos autores. De fato, o cálculo do uso do papel, a elaboração das formas, a edição e a impressão dos textos, o momento da costura das folhas e a escolha das rotas de distribuição também eram dotados de sentido. Eram essas práticas editoriais e comerciais que orientavam as formas pelas quais os Estacionários Confederados atacavam a

³ DARNTON, *Edição e sedição*, p.162.

autoridade da monarquia carolina e da Igreja Anglicana, expressando suas perspectivas político-religiosas no espaço público. Com suas estratégias de produção e difusão de material sedicioso, esses agentes do mercado livreiro exerceram importantes papéis enquanto atores políticos, tentando interferir diretamente nas esferas políticas, sociais e religiosas, e mobilizando opiniões com forte teor antimonarquista, não-conformista e milenarista.

Procuramos demonstrar essas questões ao longo dos seis capítulos da tese. Ao recuarmos para a década de 1650, período anterior às primeiras denúncias de Sir Roger L'Estrange, no primeiro capítulo, pudemos mapear como sujeitos como Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman deram início às suas parcerias editoriais e comerciais. Desde o início, notamos como esses sujeitos privilegiavam a publicação de grupos político-religiosos que contestavam o *status quo*, como levellers, diggers, pentamonarquistas e quakers, mesmo quando isso representava perdas financeiras e problemas com as autoridades.

Nos três capítulos seguintes, nos focamos na análise detalhada de publicações clandestinas dos Estacionários Confederados, lançadas nos primeiros anos da Restauração de Carlos II. Concentramo-nos, no capítulo 2, nos textos que reivindicavam o direito de resistência à tirania e clamavam por ações que respondessem ao detestável regime monárquico. No capítulo 3, ocupamo-nos das obras que expressavam profunda expectativa profética na destruição dos governos terrenos e na subsequente ascensão de um reino de mil anos de felicidade. No capítulo 4, analisamos os panfletos que antagonizavam a narrativa oficial do regime, buscando, assim, reabilitar a imagem de regicidas, líderes republicanos e não-conformistas que vinham sendo punidos exemplarmente por Carlos II. De traidores, esses sujeitos eram elevados ao *status* de mártires da “boa e velha causa”. Em conjunto, as discussões apresentadas nesses três capítulos nos permitem perceber que, diferentemente do que foi observado por Christopher Hill, o radicalismo não foi solapado com a Restauração. Homens e mulheres continuaram a expressar sua oposição mesmo diante da recomposição dos sistemas de censura e das duras penas às quais, por vezes, foram submetidos.

No quinto capítulo, abordamos as respostas dos censores, procurando evidenciar como notaram, caracterizaram e procederam com relação ao problema dos Confederados. Tivemos como foco os escritos de Roger L'Estrange que, baseados nas concepções de sedição de Francis Bacon e nas suas próprias investigações a respeito das infrações dos Estacionários Confederados, teceram as bases dos projetos de controle da imprensa na Inglaterra a partir do início do reinado de Carlos II. Mas apesar das pujantes ofensivas para desarticular a sediciosa confederação, como apresentado em nosso sexto capítulo, o grupo continuou ativo até o início dos anos 1680. Depois das prisões de 1663 e dos julgamentos de 1664, que culminaram nas mortes de John Twyn (executado como traidor), de Giles Calvert, Thomas Brewster e Simon Dover (cujas condições de saúde decaíram

depois dos longos períodos de encarceramento), foram as suas viúvas que administraram as atividades do grupo. Elizabeth Calvert, Anna Brewster, Joan Dover/Darby e Susannah Moone articularam a produção de diversos panfletos clandestinos por décadas. O exame desses textos evidencia que não houve quietismo depois da Restauração, mas profundas transformações nos discursos, nos formatos e nas estratégias editoriais adotadas pelo grupo.

Por meio do caso dos Estacionários Confederados buscamos contribuir com uma forma de repensar a questão do radicalismo e do mercado livreiro, dando visibilidade a questões ainda pouco exploradas pela historiografia a respeito da Revolução Inglesa e da Restauração. Esperamos que nosso trabalho traga contribuições à área, servindo de partida para outros estudos que visem pensar as conexões entre a imprensa e as dissidências políticas e religiosas na Época Moderna.

Apêndice

Verbetes Biográficos

ALLEN

Benjamin Allen (? - 1646)

Livreiro sob o signo da Coroa (*Crown*) em Pope's Head Alley. Nascido em Northampton, Benjamin Allen mudou-se para Londres em 1623, onde foi empregado como aprendiz na livraria de John Bellamy. Obteve o privilégio para trabalhar no mercado livreiro em 1631 e fundou seu próprio negócio no ano seguinte. Também em 1632, casou-se com Hannah Howes, com quem teve dois filhos, Benjamin – nascido em 1635 –, e uma menina, cujos nome e nascimento não são mencionados na documentação. Comercializou diversas cartas noticiosas e textos teológicos. Em 1645, um de seus livros, *Comfort for beleevers* de John Archer, foi queimado publicamente. A obra foi considerada herética por sugerir que Deus seria o autor dos pecados cometidos pelos fiéis. Apesar desse episódio, Benjamin Allen não teve nenhum outro problema com as autoridades até a data da sua morte, em 14 de maio de 1646. Deixou suas posses para sua viúva e seus filhos, incluindo a livraria já bem estabelecida e cerca de £250 a £300.

Fontes primárias: LMA, *St. Katherine by the Tower*, baptisms 1619-1653, marriages 1618/9-1653, burials 1640-1653. Guildhall, SKT/C/01/Ms 9659/2; LMA, *St. Botolph Bishopsgate*, baptisms 1628-1653, marriages 1629-1677, burials 1628/9-1653. P69/BOT4/A/001/MS04515, Item 002; ARCHER, John. *Comfort for beleevers about their sinnes & troubles in a treatise shewing that true beleevers, how weake soever in faith, should not be opprest, or perplex in heart ... : together with divers other comfortable observations, ... given by Christ to his Apostles ... in John chap. 14, verses 1, 2, 3, 4 / by John Archer...* London: Printed for Benjamin Allen, and are to be sold at his shop ..., 1645. "House of Lords Journal Volume 7: 12 July 1645". In: *Journal of the House of Lords: volume 7: 1644 (1767-1830)*, p. 494. PROB 11/196, sig. 57.

Fontes secundárias: BELL, Maureen. "Allen [née Howse; other married name Chapman], Hannah (fl. 1632–1664), bookseller." *Oxford Dictionary of National Biography*. January 03, 2008. Oxford University Press: <[https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-57039](https://www.oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-57039)>, acessado em 11/06/2019. . BELL, Maureen. "Hannah Allen and the Development of a Puritan Publishing Business, 1646-51". *Publishing History*, 26, 1989. pp.5-66. BELL, Maureen. *Women publishers of puritan literature in the mid-seventeenth century: three case studies*. Tese (Doutorado) – Loughborough University of Technology, 1987. LIMA, Verônica Calsoni. "Impresso para ser vendido na Coroa em Pope's Head Alley": Hannah Allen, Livewell Chapman e a disseminação de panfletos radicais religiosos durante a Revolução Inglesa (1646-1665). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, 2016. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the

University of Virginia, 1961. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

Hannah Allen (1619 - 1664)

Livreira sob o signo da Coroa (*Crown*) em Pope's Head Alley. Nascida Howse ou Howes, Hannah era filha de Robert Howes, um estacionário em Londres. Casou-se com Benjamin Allen em 1632, com quem teve dois filhos. Herdou sua livraria e 1646, depois do falecimento do livreiro. Embora tenha ficado à frente dos negócios apenas até 1651, publicou 67 textos, a maioria relacionada a autores e pregadores milenaristas e independentistas radicais. Em 1651, casou-se com seu antigo aprendiz, Livewell Chapman. Embora seu nome deixe de figurar os *imprints* dos títulos emitidos pela livraria, Hannah Chapman certamente se manteve ativa, especialmente durante os períodos em que seu marido esteve preso ou fugido. Faleceu em 1664, junto com suas filhas Patience e Hannah, provavelmente vítimas da peste.

Fontes primárias: LMA, *St. Katherine by the Tower*, baptisms 1619-1653, marriages 1618/9-1653, burials 1640-1653. Guildhall, SKT/C/01/Ms 9659/2; LMA, *St. Botolph Bishopsgate*, baptisms 1628-1653, marriages 1629-1677, burials 1628/9-1653. P69/BOT4/A/001/MS04515, Item 002; PRO SP29/90/25, SP44/16/1, SP29/98/101; PROB 11/196, sig. 57 (testamento de Benjamin Allen).

Fontes secundárias: BELL, Maureen. "Allen [née Howse; other married name Chapman], Hannah (fl. 1632–1664), bookseller." *Oxford Dictionary of National Biography*. January 03, 2008. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-57039>>, acessado em 11/06/2019. BELL, Maureen. "Chapman, Livewell (fl. 1643–1665), bookseller and Fifth Monarchist." *Oxford Dictionary of National Biography*. September 23, 2004. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-67700>>, acessado em 11/06/2019. BELL, Maureen. "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'". *Publishing History*, Jan. 1, 32, 1992. pp.5-49. BELL, Maureen. "Hannah Allen and the Development of a Puritan Publishing Business, 1646-51". *Publishing History*, 26, 1989. pp.5-66. BELL, Maureen. *Women publishers of puritan literature in the mid-seventeenth century: three case studies*. Tese (Doutorado) – Loughborough University of Technology, 1987. BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds). *A Biographical Dictionary of English Women Writers, 1580-1720*. London: Harvester Wheatsheaf, 1990. LIMA, Verônica Calsoni. "Impresso para ser vendido na Crown em Pope's Head Alley": Hannah Allen, Livewell Chapman e a disseminação de panfletos radicais religiosos durante a Revolução Inglesa (1646-1665). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, 2016. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. ROSTENBERG, Leona. "Sectarianism and revolt: Livewell Chapman, publisher to the Fifth Monarchy". In: ROSTENBERG, Leona. *Literary, political, scientific, religious and legal publishing, printing and bookselling in England, 1551–1700: Twelve studies*, Vol. I. New

York: Burt Franklin, 1965. TUBB, Amos. "Independent presses: the politics of print in England during the late 1640s". *The Seventeenth Century*, 27:3, 2012. pp.287-312.

BREWSTER

Thomas Brewster (? - 1664)

Livreiro sob o signo das Três Bíblias (*Three Bibles*) nos arredores da St. Paul's Cathedral. Foi aprendiz de Giles Calvert entre 1640 e 1647. Publicou diversos textos milenaristas, especialmente de pentamonarquistas e outros puritanos. Muitas dessas publicações foram compartilhadas com Livewell Chapman e Giles Calvert. Também lançou obras de cunho republicano, em especial tratados e panfletos escritos por Henry Vane, James Harrington e Marchamont Nedham. Brewster também parece ter tido intensas conexões em Gales, especialmente com ministros religiosos, pois emitiu diversos textos em galês nos anos 1650.

Na década de 1660, esteve envolvido com a polêmica dos Estacionários Confederados e acabou preso em diversas ocasiões. Fugiu de Londres, refugiando-se em Bristol por um curto período, mas acabou sendo encontrado em 1663, e foi levado para a cadeia novamente. Foi julgado, juntamente com Simon Dover e Nathan Brooks pela publicação de *The Speeches and Prayers, A Phenix* e *Mirabilis Annus*. Morreu pouco tempo depois, em 1664. Se Roger L'Estrange se referia a ele quando relatou a morte de dois dos estacionários condenados no julgamento de 1664, pelo menos 3.000 pessoas compareceram ao funeral em Bedlam, num local de sepultamento de "fanáticos".

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); L'ESTRANGE, Roger. *The Intelligencer* (1664); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tynyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); PRO SP18/220/108, SP18/220/110, SP29/28/121, SP29/28/121a, SP29/38/123, SP29/38/124, SP29/41/110, SP29/67/325, SP29/68/9, SP44/10/39, SP29/68/240, SP29/75/199, SP29/81/135, SP29/81/139, SP44/15/226, SP29/82/111, SP29/83/16a, SP29/91/44, SP29/89/82, SP29/97/135, SP44/15/236, SP44/16/17.

Fontes secundárias: GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. GREAVES, Richard L.; ZALLER, Robert (eds.). *Biographical Dictionary of British Radicals in Seventeenth Century*. Vol. I: A-F. Sussex: The Harvester Press, 1982. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

Anna Brewster (? - 1689)

Livreira sob o signo das Três Bíblias (*Three Bibles*) nos arredores da St. Paul's Cathedral. Pouco se sabe sobre sua trajetória além do fato de ter sido esposa de Thomas Brewster e também ter participado de diversas publicações sediciosas. Enquanto seu marido ainda estava vivo, é certo que também colaborou com as publicações dos Confederados. Após a morte do livreiro, seu nome passa a aparecer em *imprints* de textos comumente compartilhados com Francis Smith. Possivelmente, esteve envolvida com a emissão de *The Poor Whores' Petition* em 1688, juntamente com Joan Darby, John Darby e Elizabeth Calvert. O último texto em seu nome parece ter sido publicado em 1689.

Fontes primárias: PRO SP29/67/325, SP29/83/16a, SP44/15/236, SP29/88/102; SMITH, Francis. *An Impartial Account of the Tryal of Francis Smith* (1680).

Fontes secundárias: BELL, Maureen. "Her Usual Practices": the later career of Elizabeth Calvert, 1664–75', *Publishing History*, 35, 1994, pp.5–64. BELL, Maureen. "Elizabeth Calvert and the "confederates"", *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. GREAVES, Richard L.; ZALLER, Robert (eds.). *Biographical Dictionary of British Radicals in Seventeenth Century*. Vol. I: A-F. Sussex: The Harvester Press, 1982. ZOOK, Melinda. *Protestantism, Politics and Women in Britain, 1660-1714*. London: Palgrave, 2013.

BROOKS [ou BROOKES], Nathan (?)

Encadernador e livreiro em Burnhill, perto de Moor Fields. Filho de Edward Brooks de Leicestershire, foi aprendiz de Randall Taylor entre 1650 e 1657. Não encontramos *imprints* em seu nome, o que nos leva a acreditar que talvez não tenha atuado na edição e publicação de títulos, mas exclusivamente na costura, encadernação, distribuição e venda de impressos. Esteve envolvido com a polêmica dos Estacionários Confederados na década de 1660, sendo julgado, condenado e punido por sedição em 1664. A data de sua morte é desconhecida.

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, for Printing and Dispensing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); PRO SP29/43/12, SP29/43/14, SP29/43/53, SP29/43/54, SP29/89/82, SP29/97/135.

Fontes secundárias: GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. HOWE, Ellic. *A List of London Bookbinders, 1648-1815*. London: The Bibliographical Society, 1950. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

CALVERT

Giles Calvert (1615 - 1663)

Livreiro sob o signo da Águia Negra (*Black-Spread Eagle*) nos arredores da St. Paul's Cathedral. Foi aprendiz de William Lutteridge entre 1628 e 1632 e, depois, de Joseph Hunscomb entre 1632 a 1639. Não foram encontrados documentos que justifiquem a troca de aprendizagem. Calvert foi um proeminente livreiro, envolvido com um elevado número de publicações Quakers (200 títulos entre seus 813 *imprints*), e textos sediciosos. Aparentemente fez parte de uma seita chamada “My one flash” em 1649.

Por alguns meses de 1653, Giles Calvert, Thomas Brewster, John Field e Henry Hills foram apontados como os impressores do Conselho de Estado, mas apenas Hills continuou o trabalho durante todo o Protectorado. Foi preso diversas vezes por seus desentendimentos com as autoridades. Em 1661, foi encarcerado pela publicação de *The Speeches and Prayers*, mas fugiu de Londres assim que foi solto. Voltou para a cidade em 1662, quando foi novamente mantido sob custódia. Conseguiu sua liberdade em 1663, mas faleceu no mesmo ano, pois sua saúde havia sido debilitada depois das consecutivas prisões.

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tynyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); PRO SP29/28/121, SP29/38/123, SP29/41/110, SP29/43/32, SP29/45/1, SP29/63/157, SP29/67/242, SP29/68/240, SP29/75/199, SP29/81/67, SP29/81/81, SP44/5/39, SP44/9/77, SP44/9/191; PROB 11/312, sig. 106 (testamento).

Fontes secundárias: BELL, Maureen. “Her Usual Practices”: the later career of Elizabeth Calvert, 1664–75’, *Publishing History*, 35, 1994, pp.5–64. BELL, Maureen. “Calvert, Elizabeth (d. 1675?), bookseller.” *Oxford Dictionary of National Biography*. May 28, 2015. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39670>>, acessado em 11/06/2019. BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the “confederates””, *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. BELL, Maureen. *Women publishers of puritan literature in the mid-seventeenth century: three case studies*. Tese (Doutorado) – Loughborough University of Technology, 1987. BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds). *A Biographical Dictionary of English Women Writers, 1580-1720*. London: Harvester Wheatsheaf, 1990. CARICCHIO, Mario. *Religione, Politica e Commercio di Libri nella Rivoluzione Inglese: gli autori di Giles Calvert, 1645-1653*. Genova: Name, 2003. GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. PETERS, Kate. *Print Culture and the Early Quakers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. HESSAYON, Ariel. “Calvert, Giles (bap. 1615, d. 1663), bookseller.” *Oxford Dictionary of*

National Biography. May 28, 2015. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39669>>, acessado em 11/06/2019. TERRY, A. E. *Giles Calvert, mid-seventeenth-century English bookseller and publisher*. Dissertação (Mestrado) – Columbia University, 1937. TERRY, A. E. “Giles Calvert's publishing career”. *Journal of the Friends' Historical Society*, 35, 1938, pp.45–9. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. THOMAS, E. C. *A purveyor of soul-poisons: an analysis of the career of Giles Calvert, a publisher and bookseller in mid-seventeenth century London*. Tese (Doutorado) – La Trobe University, 1999.

Elizabeth Calvert (? - 1675)

Livreira sob o signo da Águia Negra (*Black-Spread Eagle*) nos arredores da St. Paul's Cathedral. Publicou diversos textos Quakers durante a Revolução Inglesa, e não-conformistas e republicanos durante a Restauração. Teve cinco filhos com Giles Calvert: Elizabeth (1639-1646), John (?-1648), Nathaniel (1643-1664), um bebê falecido poucos dias depois do nascimento (1651-1651) e Giles (1653-c.1674); dos quais dois (Giles e Nathaniel) seguiram os negócios da família.

Durante sua carreira, publicou ao menos 27 títulos sob seu *imprint*, mas podem ser somados a esse número outros textos controversos que circularam anonimamente, como *A Trumpet Blown in Sion* de Benjamin Keach (1666), *A True and Faithfull Account* (1667), *Nebushtan* de John Wilson (1668), and *Directions to a Painter* de Andrew Marvell (1668). Sabe-se que ela tinha uma prensa secreta e clandestina em Southwark, que foi descoberta e destruída pelas autoridades em 1668. Foi presa em diversas ocasiões por suas publicações sediciosas.

No incêndio de 1666, sua livraria foi destruída, forçando-a a se mudar para Duck Lane. Conseguiu retornar para os arredores da St. Paul's em 1669, onde permaneceu trabalhando até sua morte em 1675.

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); PRO SP29/43/32, SP29/44/182, SP29/44/184, SP29/45/1, SP29/45/2, SP29/65/6, SP29/68/240, SP29/76/44, SP29/76/45, SP29/77/86, SP29/81/135, SP29/89/120, SP29/95/144, SP29/95/98, SP 29/96/64, SP29/96/86, SP44/5/39, SP44/5/101, SP44/15/81, SP44/15/204, SP44/15/220, SP44/16/23; PROB 11/347, sig. 12 (testamento); PROB 11/312, sig. 106 (testamento de Giles Calvert).

Fontes secundárias: BELL, Maureen. “Her Usual Practices”: the later career of Elizabeth Calvert, 1664–75”, *Publishing History*, 35, 1994, pp.5–64. BELL, Maureen. “Calvert, Elizabeth (d. 1675?), bookseller.” *Oxford Dictionary of National Biography*. May 28, 2015. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39670>>, acessado em 11/06/2019. BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the “confederates””, *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. BELL, Maureen. *Women publishers of puritan literature in the mid-seventeenth century: three case studies*. Tese (Doutorado) – Loughborough

University of Technology, 1987. BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds). *A Biographical Dictionary of English Women Writers, 1580-1720*. London: Harvester Wheatsheaf, 1990. GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. PETERS, Kate. *Print Culture and the Early Quakers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. HESSAYON, Ariel. "Calvert, Giles (bap. 1615, d. 1663), bookseller." *Oxford Dictionary of National Biography*. May 28, 2015. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-c-39669>>, acessado em 11/06/2019. TERRY, A. E. *Giles Calvert, mid-seventeenth-century English bookseller and publisher*. Dissertação (Mestrado) – Columbia University, 1937. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. THOMAS, E. C. *A purveyor of soul-poysons: an analysis of the career of Giles Calvert, a publisher and bookseller in mid-seventeenth century London*. Tese (Doutorado) – La Trobe University, 1999. ZOOK, Melinda. *Protestantism, Politics and Women in Britain, 1660-1714*. London: Palgrave, 2013.

CHAPMAN

Livewell Chapman (1625 - 1665)

Livreiro sob o signo da Coroa (*Crown*) em Pope's Head Alley. Foi aprendiz de Benjamin Allen entre 1643 e 1646, quando seu mestre morreu. Continuou seu período de aprendizagem com Hannah Allen, a viúva de Benjamin Allen, até 1650. No ano seguinte, casou-se com ela, adquirindo a livraria. Ao longo de sua carreira, Chapman publicou diversos panfletos pentamonarquistas. Entre os 200 títulos lançados por ele, 52 tinham relação com os Homens da Quinta Monarquia.

Foi um grande crítico do Protetorado de Oliver Cromwell e, posteriormente, da monarquia de Carlos II, o que o levou a ser preso várias vezes por atividades sediciosas. Na década de 1660, esteve envolvido com os Estacionários Confederados e, por essa razão, passou a maior parte do tempo preso ou fugido. Quando foi solto em 1664, sob fiança e com a promessa de não publicar mais obras escandalosas, parecia estar em péssimas condições financeiras. Talvez essa tenha sido a razão para mudar seu empreendimento para a Exchange Alley. A data de sua morte é desconhecida, mas seu último título foi emitido em 1665.

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tynyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brevster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); *By the council of state: a proclamation* (28 March 1660); *State trials*, 6.513–63, 7.931–60; CSPD 1657–8; PRO SP18/220/101, SP25/68/81, SP18/220/108, SP18/220/110, SP29/28/121, SP29/38/123, SP29/41/110, SP29/68/240, SP29/72/155, SP29/75/199, SP29/90/25, SP29/98/33, SP29/98/101, SP44/9/296, SP44/9/340, SP44/15/206, SP44/16/1, SP44/16/61, SP44/16/87, SP44/16/121.

Fontes secundárias: BELL, Maureen. “Chapman, Livewell (fl. 1643–1665), bookseller and Fifth Monarchist.” *Oxford Dictionary of National Biography*. September 23, 2004. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001/odnb-9780198614128-e-67700>>, acessado em 11/06/2019. BELL, Maureen. “Hannah Allen and the Development of a Puritan Publishing Business, 1646-51”. *Publishing History*, 26, 1989. pp.5-66. BURRAGE, Champlin. “The Fifth Monarchy Insurrections”. *The English Historical Review*, Vol.25, n.100, 1910. pp.722-747. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men: a study in seventeenth century English millenarianism*. London: Faber Finds, 2008. FEATHER, John. “The publication of James Harrington’s Commonwealth of Oceana”. *The Library*, Vol. 5, 3, 1977. pp.262-268. GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. GREAVES, Richard L.; ZALLER, Robert (eds.). *Biographical Dictionary of British Radicals in Seventeenth Century*. Vol. I: A-F. Sussex: The Harvester Press, 1982. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers’ Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. KEEBLE, N. H. *The Restoration: England in the 1660s*. Cornwall, Blackwell, 2002. LIMA, Verônica Calsoni. “*Impresso para ser vendido na Crown em Pope’s Head Alley*”: Hannah Allen, Livewell Chapman e a disseminação de panfletos radicais religiosos durante a Revolução Inglesa (1646-1665). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, 2016. MACLEAR, J. F. “New England and the Fifth Monarchy: the quest of the Millennium in Early American Puritanism”. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, Vol.32, No.2,1975. pp.223-260. ROSTENBERG, Leona. “Sectarianism and revolt: Livewell Chapman, publisher to the Fifth Monarchy”. In: ROSTENBERG, Leona. *Literary, political, scientific, religious and legal publishing, printing and bookselling in England, 1551–1700: Twelve studies*, Vol. I. New York: Burt Franklin, 1965. SOLT, Leo F. “The Fifth Monarchy Men: Politics and the Millennium”. *Church History*, Vol.30, No.3, 1961. pp.314-324.

Hannah Chapman (1619 - 1664)

Ver Hannah Allen (1619 - 1664).

CLOWES

Jane Clowes (?)

Impressora em Grubb Street. Casou-se em John Clowes na década de 1640, com quem teve um filho, chamado John, em 1645. Depois da morte do marido, passou a operar a prensa da família. Seu nome aparece em folhas de rosto de panfletos publicados entre 1661 e 1662.

Fontes primárias: LMA, *Saint Giles Cripplegate*, P69/GIS/A/002/MS06419/003; LMA, *St. Botolph, Aldersgate*, P69/BOT1/A/001/MS03854/001.

Fontes secundárias: BELL, Maureen. *A Dictionary of Women in the London Book Trade, 1540-1730*. Dissertação (Mestrado) - Loughborough University of Technology, 1983.

John Clowes (1622 - 1662)

Impressor em Grubb Street. Filho de William Clowes, impressor em Londres, John Clowes nasceu em 1622. Em 1645 recebeu o privilégio para atuar no mercado livreiro sem precisar ser empregado como aprendiz, visto que a Companhia dos Estacionários admitia a possibilidade de ingresso graças às posses familiares. Casou-se com Jane, com quem teve ao menos um filho, John, nascido em 1645. Produziu muitos panfletos ao longo do contexto revolucionário. Com Robert Ibbitson, foi responsável pela emissão do jornal *The Perfect Occurrences*, que circulou entre 1647 e 1649. Henry Plomer avalia que a impressão de Clowes era ruim e descuidada. O impressor morreu em 1662.

Fontes primárias: LMA, *Saint Giles Cripplegate*, P69/GIS/A/002/MS06419/002; LMA, *Saint Giles Cripplegate*, P69/GIS/A/002/MS06419/003; LMA, *St. Botolph, Aldersgate*, P69/BOT1/A/001/MS03854/001.

Fontes secundárias: MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices*, 1641-1700. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. RAYMOND, Joad. *News, newspapers, and society in early modern Britain*. London: F. Cass, 1999.

COTTRELL, James (1623 - 1685)

Filho de Nicholas Cotterrell, um *husbandman* de Gloucester. Foi aprendiz do impressor John Raworth entre 1638 e 1645. Devido ao falecimento de seu mestre, continuou seu período de aprendizagem até 1646, com a viúva Ruth Raworth, que nutria constantes negócios com Giles Calvert, por vezes compartilhando publicações com o livreiro da *Black-Spread Eagle*.

Cottrell parece ter começado a imprimir em 1649, no entanto referências à sua oficina aparecem apenas a partir de 1651, quando se estabeleceu em Addle Hill, na região de St Andrew by the Wardrobe. Em algum momento após 166, Cottrell se mudou para Black and White Court, em Old Bailey. O número de títulos impressos por ele é desconhecido, visto que muitas vezes o fazia anonimamente, ou incluindo apenas as suas iniciais (J.C.), facilmente confundidas com as de outro impressor, John Clowes. Sua longa carreira no mercado livreiro contou com diversos aprendizes: Adam Islip, Thomas Smith, George Larkin, Robert Lamborne, Edward Shybrough, Ralph Lett, John Pennington, James Dawson, Thomas Rainer, Vincent Engham, William Walton, William Bradley e William Onely.

Colaborou com Giles Calvert e um de seus aprendizes, Richard Moone, com quem foi examinado pelo Parlamento devido à publicação de *A Twofold Catechism* (1645) de John Biddle. O

texto, considerado blasfemo, foi queimado, e os dois estacionários acabaram presos. Ambos foram soltos em maio de 1655, mas voltaram a se envolver em problemas com as autoridades, especialmente John Thurloe, em agosto, devido à publicação anônima de *A short Discovery of His Highness the Lord Protector's Intentions Touching the Anabaptists in the Army*. Entre as décadas de 1650 e 1660, Cottrell foi perseguido e punido diversas vezes devido à impressão de textos sediciosos e escandalosos, bem como por pirataria. Mesmo com as várias prisões, parece ter se mantido ativo até sua morte, em 6 de outubro de 1685.

Fontes primárias: LMA, Reference Number: P69/MTN1/A/001/MS10212; LMA, Reference Number: P69/SEP/A/001/MS07219/002.

Fontes secundárias: HESSAYON, Ariel. *The Refiner's Fire: the collected works of TheaurauJohn Tany*. London: Breviary Stuff Publications, 2018. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

CREAKE, Thomas (?)

Pouco se sabe sobre Thomas Creake além do fato de que o impressor foi aprendiz de John Norton entre 1627 e 1638. Fundou sua oficina tipográfica por volta de 1642, sediando-a em Little Britain. Há apenas 21 textos que explicitamente mencionam o nome do impressor nos *imprints*. Entre eles, a maioria era de obras baratas e curtas. Os temas variavam bastante, não indicando nenhuma associação específica. Apesar de ter se envolvido com a polêmica dos Estacionários Confederados nos anos 1660, vinha colaborando com a propaganda regalista. Depois de sua prisão, cooperou imensamente com as autoridades, conseguindo atenuar sua pena. A data de sua morte é desconhecida.

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); L'ESTRANGE, Roger. *The Intelligencer* (1664); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tynyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brenster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); PRO SP29/28/121, SP29/28/121a, SP29/39/259, SP29/39/261, SP29/68/240, SP29/75/199.

Fontes secundárias: GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

CRIPPS, Henry (1624-1662)

Henry Cripps (1624 - 1662)

Livreiro em Londres na Pope's Head Alley. Filho do livreiro Henry Cripps e Amy Hodges de Oxford, foi para Londres em 1639, quando foi empregado como aprendiz de Henry Overton. Teve a liberdade para atuar no mercado de impressos em 1647. Casou-se com Susan na década de 1640 ou 1650, com quem teve quatro filhos, Henry – falecido em 1658 –, Mary – falecida em 1661 –, Nathalie – nascida em 1658 –, e John – nascido em 1661. Morreu em 1662.

Fontes primárias: *Oxfordshire, England, Church of England Baptism, Marriages, and Burials, 1538-1812*, PAR209/1/R1/1; *Oxfordshire, England, Church of England Baptism, Marriages, and Burials, 1538-1812*, PAR209/1/R1/1; LMA, *St Mary Woolnoth*, P69/MRY15/A/001/MS07635/002; LMA, *St Mary Woolnoth*, P69/MRY15/A/001/MS07635/002; LMA, *St Mary Woolnoth*, P69/MRY15/A/001/MS07635/002; *Wiltshire Church of England Bishop's Transcripts*; Reference Number: BT/Upav/Bdl. 1; PROB11/280/482

Fontes secundárias: MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

DARBY

John Darby (? - 1704)

Impressor em Bartholomew Close. Foi aprendiz do encadernador John Hide entre 1647 e 1654 e, em seguida, do impressor Peter Cole entre 1654 e 1660. Comumente, publicava textos científicos, mas esteve bastante envolvido com a imprensa sediciosa, especialmente com a proliferação de panfletos não-conformistas e *whigs* entre as décadas de 1670 e 1690. Se casou com Joan Dover em 1664, com quem compartilhou algumas publicações controversas, como o caso de *The Poor Whores' Petition* em 1668. É citado pelo livreiro John Dunton em sua autobiografia como um homem pio, honesto e comprometido. Faleceu em 1704 e seu testamento nos leva a crer que tenha tido sucesso em sua empreitada no mercado livreiro. Seus negócios foram continuados por sua viúva, Joan Darby, até 1709, e pelos seus filhos.

Fontes primárias: DUNTON, John. *The life and errors of John Dunton* (1705); CSPD 1663-4, 1666-9, 1671-2, 1675-7, 1683, 1685, 1689-90; PRO SP29/88/102; PROB 11/496, fols. 352r–352v (testamento).

Fontes secundárias: HETET, J. S. T. *A literary underground in Restoration England: printers and dissenters in the context of constraints, 1660–1689*. Tese (Doutorado) – University of Cambridge, 1987. KEEBLE, N. H. *The literary culture of nonconformity in later seventeenth-century England*. Leicester: Leicester University Press, 1987. LYNCH, Beth. “Darby, John (d. 1704), printer.” *Oxford Dictionary of National Biography*. January 03, 2008. Oxford University Press: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-67087>>, acessado em 12/06/2019. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers’ Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

Joan Darby (? - 1709)

Ver Joan Dover (? - 1709)

DOVER

Simon Dover (? - 1664)

Impressor em Christopher Alley, Aldersgate. Foi aprendiz de Peter Cole entre 1652 e 1660. Produziu diversos títulos com Giles Calvert e Francis Smith. Foi preso na década de 1660 devido ao seu envolvimento com os Estacionários Confederados. Foi julgado e condenado por sedição. Parece ter falecido na prisão. Se Roger L’Estrange se referia a ele quando relatou a morte de dois dos estacionários condenados no julgamento de 1664, pelo menos 3.000 pessoas compareceram ao seu funeral em Bedlam, um local conhecido pelo sepultamento de não-conformistas.

Fontes primárias: L’ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L’ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); L’ESTRANGE, Roger. *The Intelligencer* (1664); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tny, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); PRO SP29/56/266, SP29/68/240, SP44/15/226, SP29/85/62, SP29/89/82, SP29/97/135.

Fontes secundárias: GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. LYNCH, Beth. “Darby, John (d. 1704), printer.” *Oxford Dictionary of National Biography*. January 03, 2008. Oxford University Press: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-67087>>, acessado em 12/06/2019. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers’ Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

Joan Dover (? - 1709)

Nascida Joan Gibbs, casou-se com Simon Dover em 14 de julho de 1659. Atuou como impressora em Christopher Alley, Aldersgate. Esteve envolvida com a polêmica dos Estacionários Confederados na década de 1660. Continuou a atuar como impressora após o falecimento do marido em 1664, publicando diversos títulos controversos na segunda metade do século XVII. Em 1664, mudou sua oficina para Bartholomew Close e se casou com outro impressor, John Darby. O nome “Joan Dover”, contudo, continuou figurando os *imprints* de suas publicações até meados de 1666. Foi investigada pela publicação de *The Poor Whores’ Petition* junto com Anna Brewster, Elizabeth Calvert e John Darby em 1668.

Em sua autobiografia, o livreiro John Dunton citou Joan Darby como uma mulher casta, que fugiu dos avanços de Sir Roger L’Estrange. Alguns biógrafos do censor mencionam o comportamento promíscuo e os possíveis assédios cometidos por ele contra esposas de impressores e livreiros. Talvez Joan Darby tenha sido uma dessas mulheres importunadas por L’Estrange.

Embora seu nome deixe de figurar os *imprints* das obras da oficina de impressão em meados de 1666, sabe-se que Joan Darby continuou ativa até sua morte em 1709. Seu testamento sugere que seu empreendimento fora sido bem sucedido. Os filhos dos dois casamentos, James Dover e John Darby, também atuaram no mercado livreiro e continuaram os negócios dos pais.

Fontes primárias: DUNTON, John. *The life and errors of John Dunton* (1705); PROB 11/507, fols. 62r–62v (testamento); PRO, PROB 11/496, fols. 352r–352v (testamento de John Darby); PRO SP44/15/226, SP29/85/62, SP29/88/102.

Fontes secundárias: BELL, Maureen. “Her Usual Practices”: the later career of Elizabeth Calvert, 1664–75’, *Publishing History*, 35, 1994, pp.5–64. BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the “confederates””, *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. DUNAN-PAGE, Anne; LYNCH, Beth (eds.). *Roger L’Estrange and the Making of Restoration Culture*. London: Routledge, 2008. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. ZOOK, Melinda. *Protestantism, Politics and Women in Britain, 1660-1714*. London: Palgrave, 2013.

FIELD, John (? - 1668)

Impressor nas cidades de Londres, em Addle Hill, St. Andrew’s in the Wardrope, e Fleet Street; e Cambridge, na Silver Street. Aprendiz de Henry Gibbons desde 1627, conseguiu seu privilégio para atuar no mercado livreiro em 1635. Estabeleceu sua primeira oficina em 1644, passando a admitir aprendizes no ano seguinte. Durante o contexto da Revolução Inglesa,

conseguiu ascender a importantes postos. Em 1649, tornou-se impressor oficial do Parlamento, juntamente com Edward Husband. Posteriormente, em 1653 assumiu o cargo de impressor de Oliver Cromwell.

Trabalhando para as autoridades do Protetorado, Field conseguiu dois privilégios bastante vantajosos do ponto de vista financeiro: foi apontado como impressor da Universidade de Cambridge em 1655 e ganhou, com Henry Hills, o monopólio da produção de Bíblias. Por conta disso, foi alvo de ataques de outros estacionários. Suas Bíblias foram criticadas em *Dangerous errors in several late printed Bibles* (1659). Embora, de fato, suas cópias do Livro Sagrado possuíssem diversos erros, o panfleto fora lançado mais como oposição ao monopólio do impressor, do que como forma de zelar pela perfeição da impressão da Escritura.

Field foi alvejado novamente em *The London printers lamentation, or, the press opprest, and overprest*. Lançado em 1660, logo após a Restauração de Carlos II, o panfleto anônimo atacava John Field e Henry Hills, acusando-os de não serem sujeitos confiáveis para lidar com a imprensa régia, devido às suas conexões com a república e o Protetorado.

O impressor conseguiu manter-se à frente da oficina da Universidade de Cambridge até sua morte em 12 de agosto de 1688. Seu nome, contudo, ainda estampou as folhas de rosto dos livros da instituição até meados do ano seguinte.

Fontes primárias: PROB 11/327/523. Volume 36: May 1653". In: GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers Domestic: Interregnum, 1652-3*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1878. Disponível em British History Online: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1652-3/pp302-368>>, acessado em 15/01/2021. KILLBURNE, William. *Dangerous errors in several late printed Bibles to the great scandal, and corruption of sound and true religion*. London, 1659. *The London printers lamentation, or, the press opprest, and overprest*. London, 1660.

Fontes secundárias: MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. JOHNS, Adrian. *The Nature of the Book: print and knowledge in the making*. Chicago: Chicago University Press, 1998. MCKITTERICK, David. "John Field in 1668: the affairs of a university printer". *Transactions of the Cambridge Bibliographical Society*, vol.9, n.5, pp.497-516, 1990.

HILLS, Henry (1625 - 1689)

Impressor atuante em Londres, sob o signo de Sir John Old-Castle em Fleet Yard, e Oxford. Filho de um fabricante de cordas do condado de Kent, foi para Londres em 1642 para

servir como mensageiro de Thomas Harrison, que lutava pelas forças do Parlamento contra Carlos I. Harrison fez de Hills um aprendiz de impressor, considerando a importância da produção e circulação de textos durante o contexto revolucionário. Hills parece ter contado com os impressores Matthew Simmons e Thomas Paine como mestres, no entanto, nunca foi formalmente empregado como aprendiz na Companhia dos Estacionários. Atuou por pouco tempo com os impressores, optando por se juntar ao exército parlamentar, participando da batalha de Edgehill em outubro de 1642. Aproximou-se dos Levellers, em especial de John Lilburne e, em 1647, foi nomeado por Harrison como impressor do *New Model Army*, posto que dividia com John Harris. Hills acompanhava o exército em suas campanhas, transportando sua prensa para produzir os panfletos parlamentaristas. Com a vitória do Parlamento, tornou-se impressor da *commonwealth* em 1649.

Em 1650 foi preso por adultério. Apesar de ser casado e ter filhos, Hills mantinha um romance com a esposa do alfaiate Thomas Ham. Ao ser descoberto, foi levado para a Fleet Prison. No cárcere redigiu *The Prodigal Returned to His Father's House* (1651), uma narrativa espiritual autobiográfica, na qual buscava ser readmitido na comunidade batista de William Kiffin, da qual fazia parte desde 1649. Imprimiu diversos textos batistas e tornou-se ele mesmo um pregador.

Durante o Protetorado, em 1653, conseguiu ascender ao posto de impressor do Conselho do Estado, junto com Giles Calvert, Thomas Brewster e John Field, mas apenas Hills e Field mantiveram o cargo. Nesse contexto, Hills conseguiu privilégios importantes, como o monopólio da Bíblia. Parece ter continuado a apoiar a “good old cause” antiregalista até o início da Restauração. Foi preso em 1660 e, dois anos depois, era considerado suspeito de participar de um complô contra Carlos II.

Nas décadas seguintes, procurou se aproximar da monarquia, pedindo escusas por seu passado e conformando-se à igreja oficial. O impressor também parece ter prestado serviços à coroa, atuado como informante, denunciando estacionários sediciosos. Em 1675, foi nomeado impressor oficial do rei. Manteve seu posto mesmo após a ascensão de Jaime II, convertendo-se ao catolicismo para isso.

Mesmo sem ter sido empregado formalmente como aprendiz, tendo comprado seu direito de atuar como impressor em 1651, Hills conseguiu ascender a postos elevados dentro da Companhia dos Estacionários. Foi diretor (warden) por dois mandatos consecutivos (1682 a 1684), e mestre (master) entre 1687 e 1688. Foi expulso da Companhia com o avanço de Guilherme de Orange. Logo após a Revolução Gloriosa, redigiu seu testamento e fugiu de Londres. Dias depois, sua oficina foi destruída por um grupo anticatólico. Faleceu em 1689, deixando suas posses para sua viúva, Elizabeth, e seus filhos Henry, James, George e Gilham Hills. Henry Hills Junior

continuou atuando no mercado de impressos, tendo uma carreira notória ao longo do final do século XVII e do início do XVIII.

Fontes primárias: PROB 11/398/114; PROB 11/401/3; "Volume 36: May 1653". In: GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers Domestic: Interregnum, 1652-3*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1878. Disponível em British History Online: <<http://www.british-history.ac.uk/cal-state-papers/domestic/interregnum/1652-3/pp302-368>>, acessado em 15/01/2021. *The London printers lamentation, or, the press opprest, and overprest*. London, 1660. *A view of part of the many traitterous, disloyal, and turn-about actions of H. H. Senior, sometimes printer to Cromwel, to the Commonwealth, to the Anabaptist congregation, to Cromwel's army, committee of safety, rump Parliament, &c.* [London]: Printed for the use of all those who do any ways believe the real conversion of H. H., 1684;

Fontes secundárias: DURRANT, Michael. "Henry Hills and the Tailor's Wife: Adultery and Hypocrisy in the Archive". In: NIGRI, Lucia; TSENTOUROU, Naya. *Forms of Hypocrisy in Early Modern England*. London: Routledge, 2018. GADD, I. "Hills, Henry, senior (c. 1625–1688/9), printer." In: *Oxford Dictionary of National Biography*. 23 September 2004. Disponível online em: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-13322>>, acessado em 15/03/2021. GREAVES, Richard L.; ZALLER, Robert (eds.). *Biographical Dictionary of British Radicals in Seventeenth Century*. Vol. II: G-O. Sussex: The Harvester Press, 1983. KREITZER, Larry. "The Baptist Publisher of the King James Bible". *400th Anniversary Celebration of the King James Bible*, Campbellsville University, 22 de setembro de 2011. Disponível online em: < <https://www.campbellsville.edu/blog/prodigal-printer-henry-hills/>>, acessado em 15/03/2021. MUDDIMAN, J. G. "Henry Hills, sen., printer to Cromwell and to James II". *B&Q*, 163, pp.5–7, 1932. JOHNS, Adrian. *The Nature of the Book: print and knowledge in the making*. Chicago: Chicago University Press, 1998

IBBITSON, Robert (?-1667)

Impressor em Smithfield. Em grande medida, suas publicações tinham como foco as políticas sustentadas pelo Parlamento e pelo Exército de Novo Tipo. Lançou junto com John Clowes o jornal parlamentarista, *Perfect Occurences*.

Fontes primárias: PRO SP25/3/183, SP25/69/47 Stationers' Company. *Court Book D*, fl.7, 36, 41-41v, 99.

Fontes secundárias: TUBB, Amos. "Independent presses: the politics of print in England during the late 1640s". *The Seventeenth Century*, 27:3, 2012. pp.287-312.

LEACH

Thomas Leach (? - 1669)

Impressor sob o signo do Falcão (*Falcon*) em Shoe Lane, próxima à Fleet Street no centro de Londres. Filho do também impressor Francis Leach, herdou a oficina e o privilégio de atuar no

mercado livreiro devido ao patrimônio familiar. Esteve envolvido em problemas com as autoridades por diversas vezes na década de 1660, sob a suspeita de ter produzido ou auxiliado na dispersão de textos sediciosos, especialmente aqueles publicados pelos Calverts no contexto da Restauração. Em uma pesquisa feita pelos censores em 1668, foi identificado que tinha apenas uma prensa e um trabalhador ativos em sua oficina.

Fontes primárias: PRO SP29/49/36, SP29/67/69, 169, 325, SP44/9/224, 236, SP44/28/2.

Fontes secundárias: BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the “confederates””, *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. BELL, Maureen. “Her Usual Practices”: the later career of Elizabeth Calvert, 1664–75”, *Publishing History*, 35, 1994, pp.5–64. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers’ Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

MOONE

Richard Moone (? - 1665)

Livreiro sob o signo das Sete Estrelas (*Seven Stars*) nos arredores da St. Paul’s Cathedral. Foi aprendiz de Giles Calvert entre 1645 e 1652. Filho de um ferreiro de Bristol, também chamado Richard Moone, parece ter tido contato com o independentismo desde cedo, visto que seu pai fora um dos fundadores de uma comunidade separatista em Bristol. Trabalhou como livreiro em Londres entre 1653 e 1657, publicando cerca de 74 títulos, em especial, obras de grupos político-religiosos radicais. Esteve em constante associação com outros estacionários envolvidos com literatura sediciosa, como o impressor James Cottrell, e os livreiros Giles Calvert, Thomas Brewster e Livewell Chapman. Foi preso em 1653 e em 1655 por publicações que atacavam o governo.

Em 1657, retornou à Bristol, talvez por conta do falecimento de seu pai. Lá, continuou a trabalhar como livreiro, vendendo diversos títulos impressos em Londres, demonstrando a manutenção de suas associações com Cottrell, Calvert, Brewster e Chapman. Seu antigo endereço em Londres foi ocupado por Daniel White, outro estacionário que, comumente, trabalhava com literatura radical.

Esteve envolvido com a polêmica dos Estacionários Confederados na década de 1660, sendo preso e investigado por sua participação na dispersão de títulos como *The Speeches and Prayers*, *A Phenix*, e *Mirabilis Londres* em Bristol e na Irlanda. Parece ter falecido em decorrência das péssimas condições em que viveu na cadeia. Embora a data de sua morte seja desconhecida, sua esposa, Susannah Moone é mencionada como viúva em 1665.

Fontes primárias: PRO SP25/70/241; SP29/38/122; SP29/81/135; SP29/81/137; SP29/81/139; SP29/81/141; PROB 11/276/355 (testamento do pai de Richard Moone).

Fontes secundárias: BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the “confederates””, *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. HESSAYON, Ariel. *The Refiner’s Fire: the collected works of TheaurauJohn Tany*. London: Breviary Stuff Publications, 2018. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers’ Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

Susannah Moone (?)

Livreira sob o signo das Sete Estrelas (*Seven Stars*) e esposa de Richard Moone. As atividades de Susannah Moone são menos evidentes do que as das outras mulheres mapeadas nessa tese de doutorado. Sabe-se que esteve envolvida com a dispersão de *The Speeches and Prayers, A Phenix, Mirabilis Annus* e outros panfletos controversos junto com seu marido. Após a morte de Richard Moone, ela parece não ter continuado ativa no mercado livreiro. O último registro de suas movimentações na disseminação de panfletos sediciosos é de 1667, quando recebeu cópias de *A True and Faithful Account of the Several Informations*, um panfleto radical anti-católico, de Elizabeth Calvert. Ela foi investigada pelas autoridades de Bristol por conta da venda desse título. A data de sua morte é desconhecida.

Fontes primárias: PRO SP25/70/241; SP29/38/122; SP29/81/135; SP29/81/137; SP29/81/139; SP29/81/141; PROB 11/276/355 (testamento do pai de Richard Moone).

Fontes secundárias: BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the “confederates””, *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. HESSAYON, Ariel. *The Refiner’s Fire: the collected works of TheaurauJohn Tany*. London: Breviary Stuff Publications, 2018. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

MOULE, Gregory (? - d. 1651)

Livreiro sob o signo das Três Bíblias (*Three Bibles*) em Poultry. Natural de Norfolk, Gregory Moule foi para Londres na década 1640. Em 24 de junho de 1642, foi empregado como aprendiz de Joseph Hunscoth, mas manteve o posto apenas por dois anos. Em 22 de maio de 1644, tornou-se aprendiz de Giles Calvert, com quem permaneceu até 1649, quando adquiriu o privilégio para atuar como livreiro. Publicou textos político-religiosos dissidentes de autoria de John Cook, Henry Jessey e John Milton. A maioria de seus trabalhos foi realizada em parceria com Robert White,

Henry Hills, Giles Calvert e Thomas Brewster. Seu nome deixa de aparecer em *imprints* ao final de 1651. A data de sua morte é desconhecida.

Fontes primárias:

Fontes secundárias: CARICCHIO, Mario. *Religione, Política e Commercio di Libri nella Rivoluzione Inglese*: gli autori di Giles Calvert, 1645-1653. Genova: Name, 2003. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. THOMAS, Keith. "Another Digger Broadside." *Past & Present*, 42, p.57-68, 1969.

SMITH

Eleanor Smith (? - 1696)

Livraria sob o signo do Elefante e do Castelo (*Elephant and Castle*) em Temple Bar, Londres, e esposa de Francis Smith. Teve ao menos quatro filhos, dos quais três, Francis, Eleanor e Samuel, também atuaram no mercado livreiro. Participou de diversas publicações sediciosas, inclusive das polêmicas dos Estacionários Confederados na década de 1660. Após o falecimento de seu marido, continuou seus negócios até sua morte em 1696. Posteriormente, a livraria se manteve ativa sob o comando de seus filhos.

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tynyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); SMITH, Francis. *An Impartial Account of the Tryal of Francis Smith* (1680); SMITH, Francis. *An Account of the Injurious Proceedings of Sir George Jeffreys Knt. Late recorder of London, against Francis Smith, Bookseller* (1681); PRO SP29/28/121a, SP29/38/124, SP29/41/110, SP29/41/113, SP29/43/35, SP29/43/76, SP29/45/49, SP29/45/136, SP29/45/137, SP29/49/27PROB 11/408, sig. 15 (testamento).

Fontes secundárias: BELL, Maureen. "Elizabeth Calvert and the "confederates"", *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. CRIST, Timothy. *Francis Smith and the Opposition Press in England, 1660-1688*. Tese (Doutorado) – University of Cambridge, 1977. GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. GREAVES, Richard L.; ZALLER, Robert (eds.). *Biographical Dictionary of British Radicals in Seventeenth Century*. Vol. III: P-Z. Sussex: The Harvester Press, 1984. LYNCH, Beth. "Smith, Francis (d. 1691), bookseller and General Baptist minister". *Oxford Dictionary of National Biography*. January 3, 2008. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39672>>, acessado em 11/06/2019. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

Francis Smith (? - 1691)

Pregador e livreiro. Francis Smith foi aprendiz de Thomas Hazard entre 1647 e 1654. Sua primeira livraria era sob o signo do Cavalo Alado (*Flying Horse*) em Fleet Street, mas se mudou para Temple Bar por volta de 1659, estabelecendo-se sob o signo do Elefante e do Castelo (*Elephant and Castle*) e ganhando a alcunha de “Elephant Smith”. Foi a partir de 1659 que Smith passou a publicar textos radicais e sediciosos com frequência.

Ao longo do período da Restauração esteve envolvido em diversas polêmicas e conspirações. Foi acusado de ter tido relações com a revolta pentamonarquista liderada por Thomas Venner em 1661. Também fez parte da produção e disseminação de *The Speeches and Prayers, A Phenix, Mirabilis Annus* e outros panfletos antiregalistas. Esteve preso diversas vezes por conta de suas atividades. Em 1665, se mudou para Dorking (Surrey), aparentemente fugindo do censores, mas foi preso novamente. Retornou a Londres após a epidemia de peste em 1666. Smith foi um dos maiores responsáveis pela publicação dos trabalhos de John Bunyan. Entre as décadas de 1670 e 1680, lançou uma série de textos sobre o Complô Papista e a Crise de Exclusão. Teve um jornal de orientação *whig*, o *Smith's Protestant Intelligence*. Mais uma vez fugindo dos censores, foi para os Países Baixos, onde permaneceu por dois anos, em meados da década de 1680. Em 1688, se mudou para a Pope's Head Alley, ainda sob o signo do Elefante e do Castelo.

Em 1681, publicou um texto autobiográfico, no qual acusava Roger L'Estrange e os demais censores de terem o assediado durante muitos anos, frequentemente invadindo sua casa e livraria, para acusá-lo de crimes que afirmava não ter cometido. Faleceu 1691, deixando seus negócios para sua esposa e filhos.

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tynyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); SMITH, Francis. *An Impartial Account of the Tryal of Francis Smith* (1680); SMITH, Francis. *An Account of the Injurious Proceedings of Sir George Jeffreys Knt. Late recorder of London, against Francis Smith, Bookseller* (1681); PRO SP29/28/121a, SP29/38/124, SP29/41/110, SP29/41/113, SP29/43/35, SP29/43/76, SP29/45/49, SP29/45/136, SP29/45/137, SP29/49/27PROB 11/408, sig. 15 (testamento).

Fontes secundárias: BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the “confederates””, *Publishing History*, 32, 1992, pp.5–49. CRIST, Timothy. *Francis Smith and the Opposition Press in England, 1660-1688*. Tese (Doutorado) – University of Cambridge, 1977. GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. GREAVES, Richard L.; ZALLER, Robert (eds.). *Biographical Dictionary of British Radicals in Seventeenth Century*. Vol. III: P-Z. Sussex: The Harvester Press, 1984. LYNCH, Beth. “Smith, Francis (d. 1691),

bookseller and General Baptist minister". *Oxford Dictionary of National Biography*. January 3, 2008. Oxford University Press: <<https://www-oxforddnb-com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39672>>, acessado em 11/06/2019. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

THRESHER, George (?)

Pouco se sabe sobre Thresher. Encadernadores deixavam menos registros que impressores e livreiros, pois nem sempre estavam associados à Companhia dos Estacionários. Apenas temos detalhes de sua participação na polêmica dos Estacionários Confederados. Sua diligente cooperação com os investigadores, e a habilidade em comprovar que apenas costurara as folhas de panfletos sediciosos porque precisava do dinheiro, garantiu-lhe um abrandamento das penas. A data de sua morte é desconhecida.

Fontes primárias: L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); L'ESTRANGE, Roger. *The Intelligencer* (1664); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brenster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); PRO SP29/28/121, SP29/38/124, SP29/41/110, SP44/15/220.

Fontes secundárias: GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

TWYN, John (1619 - 1664)

Impressor. Filho de Robert Twyn, um yeoman, e Jane Warren, de Hertfordshire. Foi aprendiz de William Stansby entre 1633 e 1640. Em 1647, foi apontado como impressor da casa de Evan Tyler em Edimburgo. Mudou-se para a Escócia em 1648, onde se casou e teve quatro filhos. Durante sua estada, Twyn apenas imprimiu sob o nome de Tyler, mesmo tendo se tornado um dos impressores oficiais de Carlos II, que refugiava-se na Escócia depois da captura e execução de seu pai.

Foi examinado em 31 de julho de 1650, juntamente com Christopher Higgins, Johne Robins, Daniel Written, William Balfour, Thomas Thomsone, Johne Montieth and Williame Rooks. Todos eram impressores ingleses a serviço do rei na Escócia, tendo Twyn como seu chefe. O episódio não teve relação a qualquer tipo de atividade sediciosa, mas ao pagamento de impostos.

Retornou a Londres em 1658. Embora tenha registrado apenas um título no *Entry Book* da Companhia dos Estacionários, *The Three Books of Hermas* (1661), Twyn participou da impressão de outros textos, como edições da Bíblia, peças teatrais, panfletos político-religiosos, livros escolares e obras teológicas. Teve dois aprendizes, Symon Walton e Joseph Walker. Esse último serviu como testemunha em seu julgamento, confirmando que o mestre havia impresso e corrigido cópias de *A Treatise of the Execution of Justice* (1663).

Em algum momento em 1662, perdeu sua esposa e parece ter tido dificuldades financeiras para cuidar de seus quatro filhos. Nessa mesma época, parece ter participado da publicação de diversos títulos sediciosos. Em 1664, foi identificado, preso, julgado e executado pela impressão de *A Treatise of the Execution of Justice*, panfleto antiregalista encomendado por Elizabeth Calvert.

Fontes primárias: *Church Registers – Old Parish Regiters Banns and Marriages: Edinburgh; Extracts from the Records of the Burgh of Edinburg* (1642-1655; 1655-1665); L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated* (1662); L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* (1663); L'ESTRANGE, Roger. *The Intelligencer* (1664); *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); *A treatise of execution of justice* (1663); State trials, 6.513–39; CSPD 1641–3, 427, 1663–4, 292, 407; PRO SP29/68/240, SP29/88/76, SP29/81/81, SP44/15/200, SP44/15/202.

Fontes secundárias: BLAGDEN, Cyprian. *The Stationers' Company: a history, 1043-1959*. London: Allen & Unwin, 1960. EGAN, Grace; COLIN, Johnston. “‘Serving the turn’: collaboration and proof in illegal hand-press period books”. *Ilha do Desterro*, vol.71, n.2, pp.129-152, 2018. GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. GREAVES, Richard L.; ZALLER, Robert (eds.). *Biographical Dictionary of British Radicals in Seventeenth Century*. Vol. III: P-Z. Sussex: The Harvester Press, 1984. GREENE, Jody. *The Trouble with Ownership: literary property and authorial liability in England, 1660-1730*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. HAMBURGER, Philip. “The Development of the Law of Seditious Libel and the Control of the Press”. *Stanford Law Review*, vol.37, n.3, pp.661-765, 1985. LOEWENSTEIN, Joseph F. “Legal Proofs and Corrected Readings: Press-Agency and the New Bibliography”. In: O'DAIR, Sharon; WEBSTER, Harold; MILLER, David Lee (eds). *The Production of English Renaissance Culture*. Ithaca: Cornell University Press, 1994. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. MUDDIMAN, J. G. *The King's Journalist*. London: John Lane the Bodley Head Limited, 1923. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907. ROBERTSON, Randy. *Censorship and conflict in seventeenth-century England: the subtle art of division*. Philadelphia: Pennsylvania State University Press, 2009. SMITH, Magi. “Clandestine Dissent and Covert Martyr-Making in Restoration Pamphleteering: John Twyn's Tryal Narrative”. *Restoration: Studies in English Literary Culture*, vol.40, n.2, pp.59-74, 2017. SPURLOCK, R. S. “Cromwell's Edinburgh press and the development of print culture in Scotland”. *Scottish Historical Review*, vol.90, n.230, pp.179-203, 2011.

TYTON, Francis (? - 1685)

Livreiro sob o signo das Três Adagas (Three Daggers) em Fleet Street. Filho de Francis Tyton, um *borner*¹ londrino. Foi aprendiz de Henry Hood entre 1638 e 1646. Parece ter estabelecido seu negócio em 1646, quando empregou o aprendiz Richard Taylor.

Publicou, junto com Thomas Underwood, as primeiras obras de Richard Baxter. Em 1651, recebeu £54 e 14s. do governo em pagamento ao fornecimento de folhas de papel, livros e outros itens para comissários irlandeses. Embora tenha sido mencionado nas investigações acerca dos Estacionários Confederados, Tyton parece ter escapado da censura. De fato, foi apontado, com John Macocke, como um dos impressores oficiais da Câmara dos Lordes nos anos 1660. Morreu em 21 de maio de 1685, deixando suas posses para sua viúva Ann, seus três filhos, John, Francis e James, seu irmão Peter Tyton e familiares de sua esposa.

Fontes primárias: London Metropolitan Archives; London, England; Reference Number: P69/DUN2/A/006/MS010348. PROB11/380/267. CSPD 1651, 555. *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Tynyn, for Printing and Dispersing of a Treasonable Book, with the Tryals of Thomas Brewster, Bookseller. Simon Dover, Printer. Nathan Brooks, Bookbinder* (1664); PRO SP29/28/121, SP29/28/121a, SP29/39/259, SP29/39/261, SP29/68/240, SP29/75/199.

Fontes secundárias: MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

WHITE, Robert (? - 1678)

Impressor em Warwick Lane em Londres. Filho de Henry White, um comerciante de tecidos de Oxford, foi aprendiz de Miles Flesher entre 1632 e 1639. Casou-se com Margaret Em 1668, as autoridades evidenciaram que sua oficina tinha três prensas, três aprendizes e sete trabalhadores livres. Possivelmente mudou de endereço em 1670, estabelecendo-se em uma loja sob o signo das Três Adagas (*Three Daggers*) em Fleet Street até a sua morte, em 1678.

Fontes primárias: PROB11/357/194

Fontes secundárias: MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Blades, East & Blades, 1907.

¹ Trabalhador que confecciona artigos feitos de chifres de animais, como colheres, pentes, entre outros.

Referências Documentais e Bibliográficas

Fontes

Manuscritos

British Library. **Add MS 4459: 1638-1755**. Vol. II.

London Metropolitan Archives (LMA). **Church of England Parish Registers, 1538-1812**:
P69/STE1/A/002/MS04449/002; DL/A/E/004/MS10107A;
P69/GRE/A/002/MS10232; P69/NIC2/A/001/MS05685; P69/GRE/A/003/MS10233.

London Metropolitan Archives. **The Civic Courts of the City of London**: CLA 047/LJ/01/0205.
LUDLOW, Edmund. **A voyce from the watch tower**. November, 27 1674. BOD MS. Eng. hist.
c. 487.

Parliamentary Archives. **Death Warrant of King Charles I**, 29 January 1649.
HL/PO/JO/10/1/297A.

Stationers' Company. **Court Books C-E**: TSC/1/B/01/01-03.

Stationers' Company. **Journal Book of Money Disbursed**: TSC/1/E/D/14.

The National Archives. **Public Record Office, State Papers (PRO SP)**: 18/220/101, 108, 110;
18/42/114; 18/66/38; 19/211/14; 25/69/47; 25/77/97; 25/116/1; 25/120/33; 29/28/78;
29/38/121, 121a, 122, 123, 124; 29/63/157; 29/39/259, 283; 29/40/139, 145, 146;
29/41/109; 29/43/12, 13, 14, 35, 53, 54, 76; 29/44/182, 184; 29/45/1, 2, 49, 136, 137;
29/49/27, 36; 29/51/13, 14, 16, 17, 18; 29/56/266; 29/58/9; 29/60/12; SP29/61/201;
29/62/58, 60, 217, 218; 29/63/157; 29/65/166; 29/67/2, 69, 169, 163, 325; 29/68/9, 240;
29/75/17; 29/78/182; 29/80/132, 133, 135, 137, 139, 141; 29/81/81, 133, 135, 137, 139,
141; 29/83/16, 120; 29/84/83; 29/85/62; 29/88/107; 29/89/88, 101; 29/90/25; 29/92/15,
16; 29/95/100, 144; 29/96/15, 86, 95; 29/99/15; 29/239/8; 29/102/42; 29/109/159;
29/113/178; 29/116/14, 16; 29/187/2/83; 29/209/85; 29/212/18, 20; 29/213/161, 162;
29/214/27; 29/233/239; 29/236/309; 29/237/62, 165; 29/238/231; 29/239/8, 10, 121,
209; 29/248/52, 71, 105; 29/275/141, 208; 29/278/215, 269; 29/360/277; 278, 279;
29/416/247, 365; 29/420/45, 47, 119; 29/421/228; 29/421/1/325; 29/422/274;
29/423/198, 219; 29/424/289; 29/425/100; 29/429/143b, 329; 29/430/49b; 29/433/11b;
29/436/87b; 29/437/9a; 29/437/123; 29/425/156; 29/441/58; 29/446/115; 30/F/244;
44/5/39, 59, 101, 177; 44/7/97; 44/8/23; 44/9/51, 77, 191, 198, 224, 236, 258; 44/10/39;
44/15/156, 200, 202, 204, 206, 220, 224, 236 240, 274; 44/16/1, 23, 95, 115, 61, 87;
44/21/159; 44/28/2, 12, 13, 105; 44/30/86; 44/31/96; 44/34/48;

The National Archives. **Records of the Prerogative Court of Canterbury (PROB)**: 11/312, sig.
106; 11/312/124.

Impressos

A catalogue of the names of so many of those commissioners as sate and sentenced the late King Charles to death, Saturday the 27. of Ianuary, Anno 1648. in tendency to the executing the said sentence, which was accordingly done on the 30. of the said Ian. 1648. [Londres: s. n., 1660].

- A door of hope: or, A call and declaration for the gathering together of the first ripe fruits unto the standard of our Lord, King Jesus.** [Londres: s. n., 1661].
- A Dreame or Nevves from Hell. With a Relation of the great God Pluto, suddenly falling sicke by reason of this present Parliament.** Sicilia [Londres]: s. n., 1641.
- A hue and cry after the high court of injustice. Or, the arraignment and sentence of those blood-thirsty and unparallel'd traitors, who contrary to all law and justice, judged and condemned the late Kings Majesty, Charles the First, of glorious memory to death.** Londres: John Andrews, 1660.
- A Narrative of the Apprehending, Commitment, Arraignment, Condemnation, and Execution of John James Who Suffered at Tiburne, Novem. the 26th.** 1661. Londres: s. n., 1662.
- A New king anointed with the manner of the solemnity at his inauguration and the several speeches and addresses.** Londres: Liveill Chapwell, 1659.
- A petition from His Excellency Thomas Lord Fairfax and the General Council of officers of the Army, to the Honorable the Commons of England in Parliament assembled, concerning the draught of an agreement of the people for a secure and present peace, by them framed and prepared.** Londres: John Partridge; Raphael Harford; Giles Calvert; George Whittington, 1649.
- A Phenix, or The Solemn League and Covenant.** Edimburgo [Londres:] s. n., [1661].
- A publick plea, opposed to a private proposal, or, Eight necessary queries presented to the Parliament and Armies consideration, in this morning of freedom, after a short, but a sharp night of tyranny and oppression. By one who hates both treason and traitors.** Londres: Livewell Chapman, 1659.
- A Ra-Ree Show.** Londres: B. T., 1681.
- A reply to that malicious letter, pretended to be sent from Brussels, by a near attendant on his Majesties person, &c.** Londres: D. Maxwell, 1660.
- A Standard Set Up: Whereunto the true Seed and Saints of the most High may be gathered together into one, out of their several Forms: For the Lambe against the Beast, and False Prophet in this food and honourable Cause.** [Londres:] s. n., 1657.
- A Treatise of the Execution of Justice, wherein is clearly proved that the Execution of Judgement and Justice, is as well the Peoples as the Magistrates Duty; And that if Magistrates pervert Judgement, the People are bound by the Law of God to execute Judgement without them, and upon them.** Londres: s. n., 1663.
- A trumpet blown in Sion, sounding an alarm in Gods holy mountain: or A Voice lifted up as a Trumpet, Crying aloud, and not sparing, to shew the Lords People their Transgressions, and the House of Jacob their Sins.** Londres: s. n., 1666 [1667].
- A word for God. Or A testimony on truths behalf; from several churches, and diverse hundreds of Christians in Wales (and some few adjacent) against wickednesse in high-places. With a letter to the Lord Generall Cromwell. Both, first presented to his own hands, and now published for further information.** [Londres: s. n., 1655].
- An agreement of the free people of England. Tendered as a peace-offering to this distressed nation.** [Londres: Giles Calvert, 1649].
- An agreement of the people of England and the places therewith incorporated, for a secure and present peace, upon grounds of common right, freedom and safety.** Londres: John Partridge; Raphael Harford; Giles Calvert; George Whittington, 1649.
- An agreement prepared for the people of England, and the places therewith incorporated, for a secure and present peace, upon grounds of common right freedom and safety.** Londres: John Partridge; Raphael Harford; Giles Calvert; George Whittington, 1649.
- An Alarm to the officers and souldiers of the armies of England, Scotland, and Ireland.** [Londres: s. n., 1660].

- An exact and most impartial accompt of the indictment, arraignment, trial, and judgment (according to law) of nine and twenty regicides, the murtherers of His late sacred Majesty of most glorious memory. Londres: Andrew Crooke; 1660.
- An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn for printing and dispersing of a treasonable book with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder, for printing, publishing, and uttering of seditious, scandalous, and malitious pamphlets. Londres: Thomas Mabb, Henry Brome, 1664.
- ASPINWALL, William. A brief description of the fifth monarchy, or kingdome, that shortly is to come into the world: the monarch, subjects, officers and lawes thereof, and the surpassing glory, amplitude, unity, and peace of that kingdome. Londres: Matthew Simmons; Livewell Chapman, 1653.
- ATKYNS, Richard. **The Original and Growth of Printing.** Londres: John Streater, 1664.
- BATE, George. **The lives, actions, and executions of the prime actors, and principall contrivers of that horrid murder of our late pious and sacred soveraigne King Charles the First, of ever blessed memory.** Londres: Thomas Vere, 1661.
- BISHOP, George. **Mene tekel, or, The council of officers of the Army, against the declarations, &c. of the Army.** Londres: Thomas Brewster, 1659.
- BUNYAN, John. **The Holy City: or, The new Jerusalem: wherein its goodly light, walls, gates, angels, and the manner of their standing, are expounded: also, her length and breadth, together with the golden-measuring-reed, explained: and the glory of all unfolded.** Londres: J[oan]. Dover, [1665].
- BURROUGH, Edward. **Trumpet of the Lord Sounded out of Sion: Which gives a certaine sound to the eares of all Nations, and is a true noyse of a fearfull Earthquake at hand, which shall shake the whole fabrick of the Earth, and the pillars of its standing shall fall, and never more he set up againe.** Londres: Giles Calvert, 1656.
- CALVINO, João. **Commentaires of that diuine Iohn Caluine, vpon the Prophet Daniell, translated into Englishe, especially for the vse of the family of the ryght honorable Earle of Huntingdon.** Londres: Iohn Daye, 1570.
- CANNE, John. **A two-fold shaking of the earth: or, an exposition on Heb. 12.26, 27. Wherein is shewed, the first shaking of the earth, seems to be meant the putting down of the late King and bishops: the later shaking, a change of the present government.** Londres: Livewell Chapman, 1659.
- _____. **The time of finding: shewing, when the Lord will be found, and by whom; and when there will be no time of finding: also the persons are describ'd, who shall not finde the Lord, though they seek him with tears. Likewise, some reasons why the Lord hath suffered his work, and good old cause to be stopt, and how it shall certainly be reviv'd again.** Londres: Livewel Chapman, 1658.
- CARY, Mary. **The resurrection of the witnesses; and Englands fall from (the mystical Babylon) Rome. Clearly demonstrated to be accomplished. Whereby great encouragement is administred to all saints, but especially to the saints in England. In the handling of a part of the eleventh chapter of the Revelation.** Londres: D. M.; Giles Calvert, 1648.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Tully's offices. In three books. Turned out of Latin into English. By Ro. L'Estrange.** Londres: Henry Brome, 1680.
- CLARK, Robert. **The lying-vvonders, or rather the vvonderful-lyes, which was lately published to the world, in a lying-pamphlet, (called Strange and true news from Gloucester) containing a relation of the wonderful power of God, shewed for injustice at Fairford, by frogs and toads; and in the sudden death of the Clarks daughter at Brokington in Gloucestershire.** Londres: s. n., 1660.

- COUNCIL OF STATE. **A proclamation.** The council of state being intrusted, in this interval of Parliament, with preservation of the publick peace; and being well informed, that some persons, from mistaken apprehensions of the temper of the army. [Londres:] Abel Roper, Thomas Collins, 1659 [1660].
- COUNCIL OF STATE. **A Proclamation.** Whereas the Council of State is informed, that Livewel Chapman of London, Stationer, having from a wicked design to engage the nation in blood, and confusion, caused several seditious and treasonable books, to be printed and published, doth now hide and obscure himself, for avoiding the hand of justice. Londres: Abel Roper; Thomas Collins, [1660].
- Die Lunæ 20. Maii 1661. **The Lords in Parliament assembled,** having considered of a paper sent unto them from the House of Commons, for burning of the instrument or writing, called **The Solemn League or Covenant** by the hands of the common hangman. Londres: John Bill; Christopher Barker, 1661.
- DRAGE, William. **Daimonomageia.** A small treatise of sicknesses and diseases from witchcraft, and supernatural causes. Never before, at least in this comprised order, and general manner, was the like published. Londres: J[oa]n. Dover, 1665.
- DRYDEN, John. **Annus mirabilis: the year of wonders, 1666.** An historical poem: containing the progress and various successes of our naval war with Holland, under the conduct of His Highness Prince Rupert, and His Grace the Duke of Albemarl. And describing the fire of London. Londres: Henry Herringman, 1667.
- EDWARDS, Thomas. **The first and second part of Gangræna, or, A catalogue and discovery of many of the errors, heresies, blasphemies and pernicious practices of the sectaries of this time, vented and acted in England in these four last years...** The third Edition, corrected and much Enlarged. Londres: T. R.; E. M.; Ralph Smith, 1646.
- ELIOT, John. **The Christian Commonvealth: or, The civil policy of the rising kingdom of Jesus Christ.** Londres: Livewell Chapman, 1659.
- ENGLAND AND WALES, Parliament. **An order of the Lords and Commons assembled in Parliament. For the regulating of printing, and for suppressing the great late abuses and frequent disorders in printing many false, scandalous, seditious, libellous and unlicensed pamphlets, to the great defamation of religion and government.** Londres: I. Wright, 1643.
- England's black tribunall. **Set forth in the triall of K. Charles, I. at the pretended court of justice at Westminster Hall, Jan. 22. Together with his Majesties speech, immediately before he was murdred on a scaffold erected at Whitehall-Gate, Tuesday, Jan. 30. 1648.** Londres: John Playford, 1660.
- Eniaytos terastios **Mirabilis annus, or, The year of prodigies and wonders,** being a faithful and impartial collection of severall signs that have been seen in the heavens, in the earth, and in the waters; together with many remarkable accidents, and judgements befalling divers persons, according as they have been testified by very credible hands: all which have happened within the space of one year last past, and are now made publick for a seasonable warning to the people of these three kingdoms speedily to repent and turn to the Lord, whose hand is lifted up amongst us. [Londres:] s. n., 1661.
- Eye-salve for the English armie, and their assistants. **Or, a breviat of several particulars seriously to be considered by all those that either are, or have been engaged in the late war against King single person or Lords spirituall and temporall, that are not willing to yield their necks to the rope or block.** Londres: s. n., 1660.
- FEAKE, Christopher. **A beam of light, shining in the midst of much darkness and confusion: being (with the benefit of retrospection) an essay toward the stating (and fixing upon its true and proper basis) the best cause under heaven: viz. the cause of God, of Christ, of his people, of the whole creation, that groans and waits for the manifestation of the sons of God.** Londres: J. C.; Livewell Chapman, 1659.

- _____. **The new non-conformist; who having obtained help of God, doth persist unto this very day; witnessing, both to small and great, some of those glorious things which the Apostles, the prophets, & Moses, did say should come to pass.** Londres: Livewel Chapman, 1654.
- GADBURY, John. **Britains Royal Star: Or, An astrological demonstration of Englands future felicity; deduced from the position of the heavens as they beheld the earth in the meridian of London, at the first proclaiming of his Sacred Majesty King Charles the second, on May 8. 10h. 56m. A.M. 1660.** Londres: Samuel Speed, 1661. [1660].
- GADBURY, John. **Natura prodigiorum or, a discourse touching the nature of prodigies. Together with the kinds, causes and effects, of comets, eclipses, and earthquakes.** Londres: J. C.; Francis Cossinet; Thomas Basset, 1660.
- GRIFFITH, Matthew. **The fear of God and the King. Press'd in a sermon, preach'd at Mercers Chappell, on the 25th. of March, 1660. Together with a brief historical account of the causes of our unhappy distractions, and the onely way to heal them.** Londres: Thomas Johnson, 1660.
- HALES, John. **A tract concerning schisme and schismatiques. Wherein, is briefly discovered the originall causes of all schisme. Written by a learned and judicious divine. Together with certain animadversions upon some passages thereof.** Londres: Leonard Lichfield; Edward Forrest, 1642.
- HARRINGTON, James. **The prerogative of popular government. A politicall discourse in two books. The former containing the first præliminary of Oceana, inlarged, interpreted, and vindicated from all such mistakes or slanders as have been alledged against it under the notion of objections. Th second concerning ordination, against Dr. H. Hamond, Dr. L. Seaman, and the authors they follow.** Londres: Gertrude Dawson; Thomas Brewster, 1658.
- HARTLIB, Samuel. **Clavis apocalyptica: or, A propheticall key: by which the great mysteries in the revelation of St. John and the prophet Daniel are opened; it beeing made apparent that the propheticall numbers com to an end with the year of our Lord, 1655.** Londres: William Dugard; Thomas Matthewes; Giles Calvert, 1651.
- HUNSCOTT, Joseph. **The humble Petition and information of Ioseph Hunscot Stationer, to both the Honourable Houses of Parliament now assembled.** [Londres: s. n., 1646].
- ISRAEL, Menasseh ben. **The hope of Israel written by Menasseh Ben Israel, an Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed at Amsterdam, and dedicated by the author, to the High Court, the Parliament of England, and to the councill of state, the second edition corrected and amended Whereunto is added, in this second edition, some discourses upon the point of the conversion of the Jewes. By Moses Wal[1].** Londres: R. I[bbitson]; Livewell Chapman, 1652.
- _____. **The hope of Israel: written by Menasseh ben Israel, a Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed in Amsterdam, and dedicated by the author to the High Court, the Parliament of England, and to the Councill of State. Translated into English, and published by authority.** Londres: R[obert]. I[bbitson]; Hannah Allen, 1650.
- _____. **The hope of Israel: written by Menasseh Ben Israel, an Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed at Amsterdam, and dedicated by the author, to the High Court the Parliament of England, and to the councill of state. Whereunto are added some discourses upon the point of the conversion of the Jewes: by Moses Wall. The second edition corrected and amended.** Londres: R. I[bbitson]; Livewell Chapman, 1651.
- JESSEY, Henry. **The Lords loud call to England: being a true relation of some late, various, and wonderful judgments, or handy-works of God, by earthquake, lightening, whirlwind, great multitudes of toads and flies; and also the striking of divers**

persons with sudden death, in several places; for what causes let the man of wisdome judge, upon his serious perusal of the book it self. Londres: Livewell Chapman; Francis Smith, 1660.

KEACH, Benjamin. **A trumpet blown in Zion, or An allarm in God's holy mountain: containing an exposition of that metaphorical Scripture, Matth. III, 12. Lately delivered in two sermons, and now published to awaken the drowsie and formal professors of this age. Wherein the nature of God's wrath both internal and eternal is discovered, as seizing upon the chaff, and burning of it up with unquenchable fire.** Londres: s. n., 1694.

King Charls his speech made upon the scaffold at Whitehall-gate, immediately before his execution, on Tuesday the 30 of Ian. 1648. Published by special Authority. Londres: Peter Cole, 1649.

King Charls his tryal: or A perfect narrative of the whole proceedings of the High Court of Iustice in the tryal of the King in Westminster Hall. Begun Saturday January 20. and ended on Saturday Jan. 27. 1648. Londres: Peter Cole; Francis Tyton; John Playford, 1649.

KING. **A proclamation for calling in, and suppressing of two books written by John Milton; the one intituled, Johannis Miltoni Angli pro populo Anglicano defensio, contra Claudii Anonymi aliàs Salmasii, defensionem regiam; and the other in answer to a book intituled, The pourtraicture of His Sacred Majesty in his solitude and sufferings. And also a third book intituled, The obstructors of justice, written by John Goodwin.** Londres: John Bill; Christopher Barker, 1660.

KING. **A proclamation, prohibiting all unlawful and seditious meetings and conventicles under pretence of religious worship.** Londres: John Bill, 1661.

L'ESTRANGE, Roger. **A Memento, Directed to All Those That Truly Reverence the Memory of King Charles the Martyr and as passionately wish the honour, safety, and happinesse of his royall successour, our most gracious sovereign Charles the II: the first part.** Londres: Henry Brome, 1662.

_____. **A modest plea both for the caveat, and the author of it. With some notes upon Mr. James Howell, and his sober inspections.** Londres: Henry Brome, 1661.

_____. **An Account of the Growth of Knavery Under the Pretended Fears of Arbitrary Government and Popery.** Londres: H. H.; Henry Brome, 1678, p.4.

_____. **Considerations and proposals in order to the regulation of the press together with diverse instances of treasonous, and seditious pamphlets, proving the necessity thereof.** Londres: A.C, 1663.

_____. **Double your guards; in answer to a bloody and seditious pamphlet, entitled An alarum to the armies of England, Scotland, and Ireland.** Londres: s. n., 1660.

_____. **L'Estrange his apology with a short view of some late and remarkable transactions leading to the happy settlement of these nations under the government of our lawfull and gracious sovereign Charles the II whom God preserve.** Londres: Henry Brome, 1660.

_____. **L'Estrange his Apology: with a short view, of some late and remarkable transactions, leading to the happy settlement of these nations under the government of our lawfull and gracious sovereign Charls the II.** Londres: Henry Brome, 1660.

_____. **No blinde guides, in answer to a seditious pamphlet of J. Milton's, intituled Brief notes upon a late sermon titl'd, the fear of God and the King; preachd, and since published, by Matthew Griffith, D.D. and chaplain to the late King, &c.** Londres: Henry Brome, 1660.

_____. **Physician cure thy self: or, An answer to a seditious pamphlet, entitled Eye-salve for the English Army, &c. VVritten and publish'd for the information and benefit of the souldjery; and to them directed. April 23. 1660.** Londres: Henry Brome, 1660.

- _____. **The fanatique powder-plot, or the design of the Rumpers and their adherents, to destroy both Parliament and people. VVith a caution against forged intelligence.** Londres: s. n., 1660.
- _____. **The Intelligencer, Published for Satisfaction and Information of the People.** London, April 27. Londres: Richard Hodgkinson, 1664.
- _____. **The Intelligencer, Published For Satisfaction and Information of the People. With Privilege,** n. 20. Londres: Richard Hodgkinson, 1663 [1664], p.160.
- _____. **The Newes, Published for Satisfaction and Information of the People. With Privilege,** n.34. Londres: Richard Hodgkinson, 1663 [1664].
- _____. **The Observator,** n. 340. Londres: Joanna Brome, 1683.
- _____. **The phanatiques creed, or A door of safety; in answer to a bloody pamphlet intituled A door of hope: or, A call and declaration for the gathering together of the first ripe fruits unto the standard of our Lord, King Jesus. Wherein the principles, danger, malice, and designe of the sectaries, are impartially laid open.** Londres: Henry Brome, 1661.
- _____. **To the right honorable Edward Earl of Clarendon, Lord High Chancellor of England, the humble apology of Roger L'Estrange.** Londres: Henry Brome, 1661.
- _____. **Treason arraigned, in answer to Plain English; being a trayterous, and phanatique pamphlet, which was condemned by the Counsel of State, suppressed by authority; and the printer declared against by proclamation. It is directed to the Lord General Monck, and the officers of his army, &c.** Londres: s. n., 1660.
- _____. **Treason Arraigned, In Answer to Plain English; Being A Trayterous, and Phanatique Pamphlet, which was condemned by the Counsel of State, Suppressed by Authority; and the Printer declared against by Proclamation.** Londres: s. n., 1660.
- _____. **Truth and Loyalty Vindicated, from the Reproches and Clamors of Mr. Edward Bagshaw. Together with a further discovery of the libeller himself, and his seditious confederates.** Londres: Henry Brome; Anna Seile, 1662.
- _____. **Truth and Loyalty Vindicated, from the Reproches and Clamors of Mr. Edward Bagshaw. Together with a further discovery of the libeller himself, and his seditious confederates.** Londres: Henry Brome; Anna Seile, 1662.
- _____. **Truth and loyalty vindicated, from the reproches and clamours of Mr. Edward Bagshaw. Together with a further discovery of the libeller himself, and his seditious confederates.** Londres: Henry Brome, Anna Seile, 1662.
- LEOYD, Owen. **Het Gezigt van den Panther. In zes Hoofdstukken verdeeld, Zo als op den 28. van Windternaand des Jaars 1653. in den Morgenstond op bet aanbreeken van dag, vertoond wiewdt ann Owen Leoyd, Die in den Jaare 1643 in Virginia woonde, em aldaar zyn bezit em middelenverloor.** S. l: s. n., 1688. British Library, 515.l18.(12).
- Les Juges Jugez, se Justifiants: ou recit de ce qui s'est passé en la condamnation & execution de quelques uns des juges du dernier défunct Roy d'Angleterre... [Yverdon: Dominique Chabrey], 1663.
- LOCKYER, Nicholas. **Some Seasonable and Serious Queries upon the Late Act Against Conventicles.** [Londres:] s. n., 1670.
- Londons flames discovered by informations taken before the Committee Appointed to Enquire after the Burning of the City of London and after the insolency of the papists, &c.** Londres: s. n., 1667; FIELD, London, Londoners and the Great Fire.
- MARVELL, Andrew. **An Account of the Growth of Popery and Arbitrary Government in England.** Amsterdã [Londres]: s. n., 1677.
- MARVELL, Andrew. **The last instructions to a painter.** [Londres: s. n., 1667].
- MARVELL, Andrew. **The Rehearsal Transpos'd: Or, Animadversions Upon a late Book, Intituled, A Preface Shewing What Ground there are of Fears and Jealousies of Popery.** Londres: s. n., 1672.

- MARVELL, Andrew. **The Rehearsal Transpos'd: Or, Animadversions Upon a late Book, Intituled, A Preface Shewing What Ground there are of Fears and Jealousies of Popery. The second Impression, with Additions and Amendments.** Londres: J[ohn]. D[arby]; N.[athaniel] Ponder, 1672.
- MARVELL, Andrew. **The second advice to a painter, for drawing the history of our navall business.** [Londres:] s. n., 1667.
- MARVELL, Andrew. **The second and third advice to a painter, for drawing the history of our navall actions, the two last years, 1665 and 1666.** Breda [Londres]: s. n., 1667.
- MAYNWARINGE, Everard. **Morbus polyrhizos et polymorphæus. A treatise of the scurvy.** Londres: J[oa]. D[over].; George Sawbridge, 1666.
- MAYNWARINGE, Everard. **Nova medendi ratio, a short and easie method of curing. Exemplified by a ternary of radical medicines, universal in their respective classes. Viz. purgation, transpiration, roboration.** Londres: J[oa]. Dover; M. Speed, 1666.
- Mercurius Politicus**, n. 610. Londres: Thomas Newcomb, 1660.
- Mercurius Publicus**, n. 19. Londres: John Macock; Thomas Newcomb, 1660.
- Mercurius Publicus**, n. 33. Londres: John Macock; Thomas Newcomb, 1660.
- MILTON, John. **Brief notes upon a late sermon, titl'd, The fear of God and the King; preachd, and since publishd, by Matthew Griffith, D.D. and chaplain to the late King.** Londres: s. n., 1660.
- _____. **Eikonoklastēs in answer to a book intitl'd Eikōn basilikē, the portrature of his Sacred Majesty in his solitudes and sufferings.** Londres: Matthew Simmons, 1649.
- MILTON, John. **The readie & easie vway to establish a free Commonwealth, and the excellence therof compar'd with the inconveniences and dangers of readmitting kingship in this nation.** Londres: T[homas]. N[ewcomb]; Livewell Chapman, 1660.
- _____. **The readie and easie vway to establish a free commonwealth and the excellence therof compar'd with the inconveniences and dangers of readmitting kingship in this nation. The second edition revis'd and augmented.** Londres: Impresso para o autor, 1660.
- _____. **The tenure of kings and magistrates: proving, that it is lawfull, and hath been held so through all ages, for any, who have the power, to call to account a tyrant, or wicked king, and after due conviction, to depose, and put him to death; if the ordinary magistrate have neglected, or deny'd to doe it.** Londres: Matthew Simmons, 1649.
- Mirabilis Annus Secundus; Or, The Second Part of the Second Year of Prodigies.** [Londres:] s. n., 1662, fl.2.
- Mirabilis Annus Secundus; or, The Second Year of Prodigies.** [Londres:] s. n., 1662.
- MISOTYRANNUS, Laophilus. **Mene tekel, or, The downfall of tyranny.** [Londres:] s. n., 1663.
- MONCK, George. **A Letter from the Lord General Monck and the Officers here, to the severall and respective Regiments and other Forces in England, Scotland, and Ireland.** Londres: John Macock, 1659.
- MOXON, Joseph. **Mechanick Exercises: or the doctrine of handy works. Applied to the art of printing. The second volumne.** Londres: Joseph Moxon, 1683.
- Murder will out, or the king's letter, justifying the Marquess of Antrim.** [Londres:] s. n., 1663.
- NEDHAM, Marchamont. **The excellencie of a free-state: or, The right constitution of a common-wealth. Wherein all objections are answered, and the best way to secure the peoples liberties, discovered: with some errors of government, and rules of policie. Published by a well-wisher to posterity.** Londres: Thomas Brewster, 1656.
- Nehushtan, or, A sober and peaceable discourse, concerning the abolishing of things abused to superstition and idolatry.** Londres: s. n., 1668.
- Newes from Brussels, in a Letter from a neer attendant on His Majesties Person. To a Person of Honour here. Which casually became thus publique.** [Londres:] s. n., 1660.

- NUNNES, Thomas. **An almanack or, Ephemerides, for the year of our Lord 1664. being bissextile, or leap-year; and from the creation of the world 5613.** Londres: S[imon]. D[over]; Company of Stationers, 1664.
- _____. **An almanack, or, Ephemeris for the year of our Lord, 1665 being the first after bissextile, or leap-year, and from the creation of the world, 5614.** Londres: J[oa]. Dover; Company of Stationers, 1665.
- _____. **An almanack, or, Ephemeris for the year of our Lord, 1662 being the second from bissextile or leap-year, and from the creation of the world, 5611.** Londres: Gartrude Dawson; Company of Stationers, 1662.
- PAREDES, Alonso Victor de. **Institucion, y Origen del Arte de la Imprensa y Reglas Generales para los Compondores.** [Madri: Alonso Victor de Paredes, c. 1680].
- PENINGTON, Isaac. **To the Parliament, the Army, and all the wel-affected in the nation, who have been faithful to the good old cause.** Londres: J. M[acock]; Giles Calvert, 1659.
- PETERS, Hugh. **A Dying Father's last Legacy to an onely child: or, Mr Hugh Peter's advice to his daughter; written by his own hand during his late imprisonment in the Tower of London; and given to her a little before his Death.** Londres: Giles Calvert; Thomas Brewster, 1660.
- Plain English to his Excellencie the Lord General Monck, and the Officers of his Army: or, A Word in season, not onely to them, but to all Impartial Englishmen.** Londres: s. n., 1660.
- PRYNNE, William. **A Breviate of the Prelates Intollerable Usurpations, Both Upon the Kings Prerogative Royall, and the Subjects Liberties.** Amsterdã: J. F. Stam, 1637.
- _____. **Histrio-mastix. The Players Scourge, or, Actors Tragaedie.** Londres: E. A.; W. I.; Michael Sparke, 1633.
- _____. **Mola asinaria: or, The unreasonable and insupportable burthen now press'd upon the shoulders of this groaning nation: by the headless head, and unruly rulers, that usurp upon the liberties and priviledges of the oppressed people.** Londres: s. n., 1659.
- _____. **One sheet, or, If you will a winding sheet for the good old cause in order to a decent funerall, in case of a second death.** London, Printed in the year, 1659;
- _____. **The new cheaters forgeries, detected, disclaimed.** Londres: Edward Thomas, 1659.
- _____. **The re-publicans and others spurious good old cause, briefly and truly anatomized.** [Londres:] s. n., 1659.
- ROGERS, John. **Diapoliteia. A Christian concertation with Mr. Prin, Mr. Baxter, Mr. Harrington, for the true cause of the Commonvvealth. Or, An answer to Mr. Prin's (perditory) anatomy of the Republick, and his true and perfect narrative, &c.** Londres: Livewel Chapman, 1659.
- _____. **Mene, tekel, perez, or, A little appearance of the hand-writing (in a glance of light) against the powers and apostates of the times. By a letter written to, and lamenting over Oliver Lord Cromwell. By John Rogers. In this woful howre of his temptation, and of Sions sore pangs, and solemne appeals; and of the precious saints imprisonments and persecution for this most glorious, betrayed denyed, and crucified cause of Christ Jesus King of Saints and nations.** [Londres : s.n., 1654].
- _____. **Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago. Or, A most dangerous designe, in mistating the good, by mistaking the bad old cause; clearly extricated and offered to the Parliament, the General Council of Officers, the good people's and army's immediate consideration.** Londres: J. C.; Livewell Chapman, 1659.
- _____. **To his excellency the Lord Generall Cromwell. A few proposals, relating to civil government. Humbly offered by John Rogers an unworthy servant of Christ, and preacher of the Gospel now at Tho. Apostles London.** [Londres]: Robert Ibbitson, 1653.
- S., W. **A compleat collection of the lives, speeches, private passages, letters and prayers of those persons lately executed.** Londres: s. n., 1661.

- _____. **Rebels no saints: or, A collection of the speeches, private passages, letters, and prayers of those persons lately executed.** Londres: s. n., 1661.
- SAUNDERS, Thomas; OKEY, John; ALLURED, Matthew. **To his Highness the Lord Protector, &c. and our general. The humble petition sic of several colonels sic of the army.** [Londres: 1654].
- SIKES, George. **The life and death of Sir Henry Vane, Kt., or, A short narrative of the main passages of his earthly pilgrimage together with a true account of his purely Christian, peaceable, spiritual, gospel-principles, doctrine, life and way of worshipping God, for which he suffered contradiction and reproach from all sorts of sinners, and at last, a violent death, June 14. Anno, 1662: to which is added, his last exhortation to his children, the day before his death.** [Londres:] s. n., 1662.
- Sions groans for her distressed, or, Sober endeavours to prevent innocent blood, and to stablish the nation in the best of settlements grounded upon scripture, reason, and authority. Proving it the undoubted right of Christian liberty under different perswasions, in matters spiritual, to have equal protection as to their civil peace. Unto which is added the testimony of fifteen antients. Humbly offered to the Kings Majesty, parliament and people. And left unto their serious view.** Londres: Francis Smith, 1661.
- SMITH, Francis. **An account of the injurious proceedings of Sir George Jeffreys, Knt., late recorder of London, against Francis Smith, bookseller with his arbitrary carriage towards the grand-jury at Guild-Hall, Sept. 16, 1680, upon an indictment then exhibited against the said Francis Smith, for publishing a pretended libel, entitled, An act of Common-Council for retrenching the expences of the Lord Mayor and sheriffs of the city of London, &c.** Londres: Francis Smith, 1681.
- SMITH, Francis. **An impartial account of the tryal of Francis Smith, upon an information brought against him for printing and publishing a late book commonly known by the name of Tom Ticklefoot, &c. As also of the tryal of Jane Curtis, upon an information brought against her for publishing and putting to sale a scandalous libel, called A satyr upon iniustice: or Scroggs upon Scroggs.** [Londres:] s. n., 1680.
- SMITH, Francis. **Symptomes of Growth and Decay in Godliness: in Eighty Signs of a Living and Dying Christian, with the Causes of Decay and Remedies for Recovery.** Londres: Francis Smith, 1672.
- Some considerations upon the question, whether the Parliament is dissolved by it's prorogation for 15 months.** [Londres: s. n.], 1676.
- SPIITLEHOUSE, John. **Certaine queries propounded to the most serious consideration of those persons novv in povver. Or any others whom they doe, or may concerne.** Londres: Livewell Chapman, 1654.
- STUBBE, Henry. **The common-vvealth of Israel, or A brief account of Mr. Prynne's anatomy of the good old cause.** Londres: Thomas Brewster, 1659.
- SWINTON, John. **England's warning, or, A friendly admonition to the rulers thereof, to beware of persecuting the righteous for yeelding obedience to the law of God.** Londres: s. n., 1664.
- TRAVERS, Rebecca. **This is for all or any of those (by what name or title soever they be distinguished) that resist the Spirit, and despise the Grace that brings Salvation.** Londres: s. n., 1664.
- The Army's declaration: being a true alarum in ansvver to a false and fiery one made lately by a member of that destable [sic] Rump and printed for Livewell Chapman. By a member of the Army now in London.** Londres: s. n., 1660.
- The cause of God, and of these nations sought out, and drawn forth from the rubbish of the lusts and interests of men, and lifted up into sight and view for all the upright in heart to follow it.** Londres: s. n., 1659.

- The Englishman, or A letter from a universal friend, perswading all sober Protestants to hearty and sincere love of one another; and a unanimous claim of their antient and undoubted rights, according to the law of the land, as the best means of their safety.** [Londres:] s. n., 1670.
- The Grand Question, Concerning the Prorogation of this Parliament for a Year and Three Months, Stated and Discussed.** [Londres: s. n.], 1676.
- The High Court of Justice at Westminster, arraigned at the Bar in the Old Bayley at the Sessions-House; Where Those that adjudged and murdered the Royal Person, and Sacred Majesty of King CHARLS the First, are for that horrid Fact brought to their Legal Tryal, according to the known Laws of the Land.** Londres: Francis Grove, 1660,
- The humble apology of some commonly called Anabaptists, in behalf of themselves and others of the same judgement with them: with their protestation against the late wicked and most horrid treasonable insurrection and rebellion acted in the city of London. Together with an apology formerly presented to the Kings most Excellent Majesty.** Londres: Henry Hills; Francis Smith, 1660 [1661].
- The humble petition of divers inhabitants of the county of Hertford, who have faithfully adhered to the Good Old Cause. Presented to the Parliament, by Dr. Barber, with many free-holders, and other inhabitants of the said county, May 13. 1659. Together with the Parliament's answer thereunto.** Londres: Thomas Brewster, 1659.
- The humble petition of the committee, gentry, ministry, and other the inhabitants of the county of Lejcester as it was presented to the right honorable the Commons assembled in Parliament; October 2. 1648.** Londres: Giles Calvert, 1648.
- The humble proposals of Mr. Owen, Mr. Tho. Goodwin, Mr. Nye, Mr. Sympson, and other ministers, who presented the petition to the Parliament, and other persons, Febr. 11. under debate by a committee this 31. of March, 1652. for the furtherance and propagation of the Gospe in this nation.** Londres: Robert Ibbitson, 1652.
- The Jury-Man Charged; or a Letter to a Citizen of London.** Londres: s. n., 1664.
- The last speech and prayer with other passages of Thomas Venner, the chief encourager and promoter of the late horrid rebellion immediately before his execution in Coleman-street on Saturday last being the 19th of January, 1660: together with the names of the rest that were condemned for the same fact.** London: [s. n.], 1660.
- The last warning to all the inhabitants of London.** [Londres: s. n., 1646].
- The London printers lamentation, or, the press opprest, and overprest.** [Londres: s. n., 1660].
- The Long Parliament dissolved.** [Londres: s. n.], 1676.
- The Panther-Prophecy, Or, A Premonition to all People, of Sad Calamities and Miseries like to befall these Islands.** [Londres:] s. n., 1662.
- The Poor-Whores Petition.** [Londres: s. n., 1668], fl.1.
- The Proceeds of the Protector (so called) ans his Councill against Sir Henry Vane, Knight.** [Londres: s. n., 1656], fl.1.
- The speeches and prayers of Iohn Barkstead, John Okey, and Miles Corbet. Together with several passages at the time of their execution at Tyburn, the nineteenth of April, 1662. With some due and sober animadversions of the said speeches.** Londres: Nathaniel Brook; Edward Thomas, 1662.
- The speeches and prayers of Major-general Harison, Octob. 13. Mr. John Carew, Octob. 15. Mr. Justice Cooke, Mr. Hugh Peters, Octob. 16. Mr. Tho. Scott, Mr. Gregory Clement, Col. Adrian Scroop, Col. John Jones, Octob. 17. Col. Daniel Axtell, & Col. Fran. Hacker, Oct. 19 the times of their death.** [Londres:] s. n., 1660.
- The Speeches, Discourses, and Prayers, of Col. John Barkstead, Col. John Okey, and Mr. Miles Corbet; upon the 19th of April, being the day of their suffering at Tyburn. Together with an account of the occasion and manner of their taking in Holland: as also of their several occasional speeches, discourses, and letters, both before, and in**

the time of their imprisonment. Faithfully and impartially collected, for a general satisfaction. [Londres:] s. n., 1662.

The Substance of what Sir Henry Vane intended to have spoken upon the Scaffold on Tower-Hill, at the time of his Execution, being the 14th of June 1662. Londres: s. n., 1662.

The Tryal of Sir Henry Vane, Kt. at the Kings Bench, Westminster, June the 2d. and 6th, 1662 together with what he intended to have spoken the day of his sentence (June 11) for arrest of judgment (had he not been interrupted and over-ruled by the court) and his bill of exceptions: with other occasional speeches, &c.: also his speech and prayer, &c. on the scaffold. [Londres:] s. n., 1662.

The tryal of the pretended judges, that signed the warrant, for the murder of King Charles the I. Of ever blessed memory, at the sessions-house in the Old-Baily October 10. 1660. Londres: s. n., 1660.

TILLINGHAST, John. Knowledge of the times, or, The resolution of the question, how long it shall be unto the end of wonders. Londres: R. I.; Livewell Chapman, 1654.

TRAPNEL, Anna. Anna Trapnel's report and plea. Or, A narrative of her journey into Cornwall, the occasion of it, the Lord's encouragements to it, and signal presence with her in it. Proclaiming the rage and strivings of the people against the comings forth of the Lord Jesus to reign; manifested, in the harsh, rough, boisterous, rugged, inhumane, and uncivil usage of Anna Trapnel, by the justices and people in Cornwall at a place called Truro. Londres: Thomas Brewster, 1654.

True and good news from Brussels. Containing a soveraigne antidote against the poysons, and calumnies of the present time. In a letter from a person of great quality there, to this friend in England. Londres: s. n., 1660.

VANE, Henry. A healing question propounded and resolved upon occasion of the late publique and seasonable call to humiliation. Londres: Thomas Brewster, 1660.

_____. **A healing question propounded and resolved, upon occasion of the late publique and seasonable call to humiliation, in order to love and union amongst the honest party, and with desire to apply balsome to the wound before it become incurable.** Londres: Thomas Brewster, 1656.

_____. **The Retired Man's meditations, or, The mysterie and power of godlines shining forth in the living Word to the unmasking the mysterie of iniquity in the most refined and purest forms.** Londres: Robert White, 1655; VANE, Henry. **A Healing Question Propounded and Resolved, Upon occasion of the late publique and seasonable Call to Humiliation.** Londres: Thomas Brewster, 1656.

_____. **Two Treatises: Viz. I. An Epistle General, to the Mystical Body of Christ on Earth, the Church Universal in Babylon. II. The Face of the Times: Wherein is Discovered, the Rice, Progresse, and Issue, of the Enmity and Contest, Between the Seed of the Woman and the Seed of the Serpent, &c.** [Londres:] s. n., 1662.

WALLER, Edmund. Instructions to a painter for the drawing of a picture of the state and posture of the English forces at sea. Londres: s. n., 1665.

_____. **Instructions to a painter, for the drawing of the posture & progress of His Maties forces at sea, under the command of His Highness Royal.** Londres: Henry Herringman, 1666.

WALLIS, Ralph. Room for the cobbler of Gloucester and his wife. [Londres:] Impresso para o autor, 1668.

WILLIAMS, Roger. The bloody tenent yet more bloody: by Mr Cottons endeavour to wash it white in the blood of the lambe; of whose precious blood, spilt in the blood of his servants; and of the blood of millions spilt in former and later wars for conscience sake, that most bloody tenent of persecution for cause of conscience, upon a second

- tryal, is found now more apparently and more notoriously guilty. Londres: Giles Calvert, 1652.
- _____. **The examiner defended, in a fair and sober answer to the two and twenty questions which lately examined the author of Zeal examined, in this answer are (not unseasonably) touched, Christ's interest in this and all nations.** Londres: James Cottrel, 1652.
- _____. **The fourth paper, presented by Maior Butler, to the Honourable Committee of Parliament, for the propagating the gospel of Christ Jesus.** Londres: Giles Calvert, 1652.
- _____. **The hiring ministry none of Christs, or A discourse touching the propagating the Gospel of Christ Jesus. Humbly presented to such pious and honourable hands, whom the present debate thereof concerns.** Londres: s. n., 1652.
- WINSTANLEY, Gerrard. **Fire in the bush. The spirit burning, not consuming, but purging mankinde. Or, The great battell of God Almighty, between Michaell the Seed of Life, and the great red dragon, the curse fought within the spirit of man. With severall other declarations, and testimonies of th power of life.** Londres: Giles Calvert, 1650.
- _____. **The breaking of the day of God. Wherein, four things are manifested. I. That the two witnesses are not in killing: but in rising from death. II. The three daies and half: or 42 months of the saints captivity under the beast, very near expired. III. Christ hath begun to reign in his saints, and to tread their corrupt flesh under his feet. IIII. Christs dominion over the nations of the world, near the approach.** Londres: H.; Giles Calvert, 1648.
- _____. **The mysterie of God, concerning the whole creation, mankinde. To be made known to every man and vvoman, after seaven dispensations and seasons of time are passed over. According to the councill of God, revealed to his servants.** Londres: I. C.; Giles Calvert, 1649.
- Zeal examined: or, A discourse for liberty of conscience in matters of religion. Upon an occasionall question concerning the punishment of idolaters.** Londres: Gertrude Dawson; Giles Calvert, 1652.

Catálogos, transcrições, traduções, coletâneas e edições críticas

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** São Paulo: Forense, 2017.
- ABBOTT, Wilbur Cortez (ed.). **The Writings and Speeches off Oliver Cromwell.** Vol. III. Londres: Humphrey Milford; Oxford University Press, 1945.
- ARBER, Edward. **A Transcript of the Registers of the Worshipful Company of Stationers.** From 1640-1708 A.D. Londres: Privately Printed, 1913.
- BACON, Francis. **Os ensaios ou conselhos civis e morais,** São Paulo: Ícone, 2011.
- BACON, Francis. **The History of the Reign of King Henry VII.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BIRCH, Thomas (ed.). **A Collection of the State Papers of John Thurloe.** Vol. 5: May 1656 – January 1657. Londres: Fletcher Gyles, 1742.
- BELL, Maureen; MCKENZIE, D. F. (ed.). **A Chronology and Calendar of Documents Relating to the London Book Trade, 1641-1700.** Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BIRCH, Thomas (ed.). **A Collection of the State Papers of John Thurloe.** Vol. 6: January 1657– March 1658. Londres: Fletcher Gyles, 1742.
- BLACKBURNE, F. H. (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1680-1.** Londres: His Majesty's Stationery Office, 1921.
- BRONNER, Edwin B.; FRASER, David (eds.). **The Papers of William Penn.** Vol. 5. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2016.

- BURRAGE, Champlin. "The Fifth Monarchy Insurrections". *The English Historical Review*, v. XXV, n. C, p. 722–747, 1910.
- CARLIN, Norah. **Regicide or revolution?** What petitioners wanted, September 1648 - February 1649. Londres: Breviary Stuff Publications, 2020.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Dos deveres**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FIRTH, C. H; RAIT, R. S. (eds.). **Acts and Ordinances of the Interregnum, 1642-1660**. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1911.
- GARDINER, Samuel R. (ed.). **The Constitutional Documents of the Puritan Revolution, 1625-1660**. Oxford: Clarendon Press, 1899.
- GREEN, Mary Anne Everett (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Interregnum, 1653-4**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1879.
- _____ (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Interregnum, 1659-60**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1886.
- _____ (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1660-1**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1860.
- _____ (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1663-4**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1862.
- _____ (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1667-8**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1893.
- _____ (ed.). **Calendar of State Papers Domestic: Charles II, 1668-9**. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1894.
- HESSAYON, Ariel (ed.). **The refiner's fire: the collected works of Theauraujohn Tany**. Londres: Breviary Stuff Publications, 2018.
- HOWELL, Thomas Bayly. **A Complete Collection of State Trials and Proceedings for High Treason and Other Crimes and Misdemeanors from the Earliest Period to the Year 1783**, Vol. VI. Londres: T. C. Hansard; Longman; Hurst; Rees; Orme; and Brown, 1816.
- HUTCHINSON, Thomas (org.). **A collection of original papers relative to the History of the colony of Massachusetts-bay**. Boston: Thomas and John Fleet, 1769.
- Journal of the House of Commons**. Vols. 4-6. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1802.
- Journal of the House of Lords**. Vols. 8-13. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1767-1830.
- LUDLOW, Edmund; WORDEN, Blair (ed.). **A voyce from the watch tower**. Londres: Royal Historical Society, 1978.
- MCELLIGOTT, Jason; KEMP, Geoff (eds.). **Censorship and the Press, 1580-1720**. Vol. 2. Londres: Pickering & Chatto, 2009.
- MCKENZIE, D. F. **Stationers' Company apprentices, 1605-1640**. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961.
- _____. **Stationers' Company apprentices, 1641-1700**. Oxford: Oxford Bibliographical Society, 1974.
- RAITHBY, John (ed.). **Statutes of the Realm**. Vol. 5: 1628-80. London: Great Britain Record Commission, 1819.
- Reports and Appendices of the Historical Manuscripts Commission (HMC)**, vols. IV-IX VIII. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1874-1884.
- ROUTLEDGE, F. J. (ed.). **Calendar of the Clarendon State Papers Preserved in the Bodleian Library**. Vol. IV. Oxford: Clarendon Press, 1932.
- State Papers Collected by Edward, Earl of Clarendon**. Vol. 3. Oxford: Clarendon Printing-House, 1786.
- VIRGÍLIO. **Eneida brasileira, ou, tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro**. Campinas: Unicamp, 2008.
- WING, Donald Goddard. **Short-title catalogue of books printed in England, Scotland, Ireland, Wales, and British America and of English books printed in other countries, 1641-1700**. Vols. 1-3. Nova York: Index Society; Columbia University Press, 1945-1951.

_____. **Short-title catalogue of books printed in England, Scotland, Ireland, Wales, and British America and of English books printed in other countries, 1641-1700.** Vol. 1-3, 2ª edição. Nova York: Index Society by Columbia University Press, 1982-1994.

Sites, bases de dados e recursos digitais

Ancestry: <<https://www.ancestry.com>>, acessado em 14/09/2022.

British History Online: <<https://www.british-history.ac.uk>>, acessado 18/03/2023.

British Museum: <<https://www.britishmuseum.org>>, acessado em 10/01/2023.

British Library: <<https://www.bl.uk>>, acessado em 18/03/2023.

Broadside Ballads Online: <<http://ballads.bodleian.ox.ac.uk>>, acessado em 14/09/2022.

Currency Converter, 1270-2017: <<https://www.nationalarchives.gov.uk/currency-converter/#currency-result>>, acessado em 13/01/2023.

Legislation: <<https://www.legislation.gov.uk>>, acessado em 17/09/2020.

Early English Books Online (EBBO): <<https://www.proquest.com/eebo>>, acessado em 18/03/2023.

English Broadside Ballad Archive (EBBA): <<https://ebba.english.ucsb.edu>>, acessado em 17/07/2022.

English Short Title Catalogue (ESTC): <<http://estc.bl.uk>>, acessado em 18/03/2023.

Google Books: <<https://books.google.com.br>>, acessado em 18/03/2023.

Hathi Trust: <<https://babel.hathitrust.org>>, acessado em 18/03/2023.

Inflation Calculator: <<https://www.bankofengland.co.uk/monetary-policy/inflation/inflation-calculator>>, acessado em 13/01/2023.

Internet Archive: <<https://archive.org>>, acessado em 18/03/2023.

Lexicons of Early Modern English (LEME): <<https://leme.library.utoronto.ca>>, acessado em 02/08/2022.

MAHLBERG, Gaby. **English Republican Ideas and Translation Networks in Early Modern Germany, c1640-1848.** Newcastle University Research Software Engineering, 2020: <<https://republican-translations.ncldata.dev>>, acessado em 22/07/2022.

Oxford English Dictionary Online (OED): <www.oed.com>, acessado em 12/03/2021.

Oxford Dictionary of National Biography (ODNB): <<https://www.oxforddnb.com>>, acessado em 18/03/2023.

Records of London's Livery Companies Online (ROLLCO): <<https://www.londonroll.org>>, acessado em 27/12/2022.

Seventeenth and Eighteenth Century Burney Newspapers Collection: <<https://go.gale.com/ps/start.do?p=BBCN&u=wellcome>>, acessado em 18/03/2023.

Stationers' Register Online: <<https://stationersregister.online>>, acessado em 27/12/2022.

The Agas Map of Early Modern London: <<https://mapoflondon.uvic.ca/agas.htm>>, acessado em 19/06/2022.

The British Book Trade Index (BBTI): <<http://bbti.bodleian.ox.ac.uk>>, acessado em 27/12/2022.

The Diary of Samuel Pepys: <<https://www.pepysdiary.com>>, acessado em 14/06/2022.

The London Brook Trades: <http://lbt.bodleian.ox.ac.uk/mediawiki/index.php/Main_Page>, acessado em 27/12/2022.

The National Archives: <www.nationalarchives.gov.uk>, acessado em 14/09/2022.

The National Portrait Gallery: <<https://www.npg.org.uk>>, acessado em 14/09/2022.

Bibliografia

- ACHINSTEIN, Sharon. **Literature and Dissent in Milton's England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ADAMS, David R. "The Secret Printing and Publishing Career of Richard Overton the Leveller, 1644–46". **The Library**, v. 11, n. 1, p. 3–88, 2010.
- ADCOCK, Rachel. **Baptist Women's Writings in Revolutionary Culture, 1640-1680**. Londres: Routledge, 2016.
- ADLER, Jonathan L. "'Jessey the Educator' and 'Jessey the Jew': Henry Jessey, Hebraism, and Puritan pedagogy in seventeenth-century England". **Jewish Historical Studies**, v. 47, (1) n. 10, pp.105-136, 2015.
- AKKERMAN, Nadine. **Invisible agents: women and espionage in seventeenth-century Britain**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- ANDERSON, Perry. **Linhagens do estado absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ANGELL, Stephen Ward; DANDELION, Pink (orgs.). **Early quakers and their theological thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- APPLEBY, David J. **Black Bartholomew's Day: Preaching, Polemic and Restoration Nonconformity**. Manchester: Manchester University Press, 2013.
- ARIÈS, Philippe, **El hombre ante la muerte**. Madri: Taurus, 1984.
- ARMITAGE, David; HIMY, Armand; SKINNER, Quentin (orgs.). **Milton and republicanism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- AYERS, Robert W. "The Editions of Milton's *Readie & Easie Way to Establish a Free Commonwealth*". **The Review of English Studies**, v. 25, n. 99, p. 280–291, 1974.
- BAKER, Philip. "Radicalism in Civil War and Interregnum England". **History Compass**, v. 8, n. 2, p. 152–165, 2010.
- BAKER, Philip; VERNON, Elliot; **The agreements of the people, the Levellers, and the constitutional crisis of the English Revolution**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.
- BALL, Bryan W. "Feake, Christopher (1611/12–1682/3), Fifth Monarchist leader". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-9235>>, acessado em 31/05/2022.
- _____. "Mede [Mead], Joseph (1586–1638), Hebraist and biblical scholar". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-18465>>, acessado em 05/03/2022.
- BANSCHBACH, John. **The Prose Styles of John Milton's The Readie and Easie Way**. Tese (Doutorado em Inglês) - Indiana University. Bloomington, 1979.
- BARBIER, Frédéric. **A Europa de Gutenberg: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI)**. São Paulo: Edusp, 2018.
- BARDLE, Stephen. **The Literary Underground in the 1660s: Andrew Marvell, George Wither, Ralph Wallis, and the World of Restoration Satire and Pamphleteering**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- BARNARD, John; MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (orgs.). **The Cambridge History of the Book in Britain**. Vol. 4. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BARON, Sabrina Alcorn (org.). **Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2007.

- BAUMANN, G. (org.). **The Written World: Literacy in Transition**. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- BEATTIE, J. M. **Policing and punishment in London 1660-1750: urban crime and the limits of terror**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BELL, Maureen. "Calvert, Elizabeth (d. 1675?), bookseller". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39670>>, acessado em 28/12/2022.
- _____. "Chapman, Livewell (bap. 1625, d. in or after 1665), bookseller and Fifth Monarchist". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2019. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-67700>>, acessado em 26/06/2022.
- _____. "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'". **Publishing History**, n. 32, p. 5–49, 1992.
- _____. "Hannah Allen and the Development of a Puritan Publishing Business, 1646-51". **Publishing History**, n. 26, p. 5–66, 1989.
- _____. "'Her Usual Practices': The later career of Elizabeth Calvert, 1664-75". **Publishing History**, n. 35, p. 5–64, 1994.
- _____. "Mary Westwood, Quaker Publisher". **Publishing History**, n. 23, p. 5–66, 1988.
- _____. "Simmonds [Simmons; née Calvert], Martha (bap. 1624, d. 1665), Quaker and author". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-37959>>, acessado em 19/05/2022.
- _____. **Women publishers of puritan literature in the mid-seventeenth century: three case studies**. Tese (Doutorado) - Loughborough University. Loughborough, 1987.
- _____; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon. **A Biographical Dictionary of English Women Writers, 1580-1720**. Londres: Harvester Wheatsheaf, 1990.
- BELLE, Marie-Alice. **Thresholds of translation: paratexts, print, and cultural exchange in early modern Britain (1473-1660)**. Nova York: Springer, 2018.
- BLAGDEN, Cyprian. **The Stationers' Company: a history, 1403-1959**. Londres: Allen & Unwin, 1960.
- BLAYNEY, Peter W. M. "STC Publication Statistics: Some Caveats". **The Library**, v. 8, n. 4, p. 387–397, 2007.
- BOSWELL, Caroline. **Disaffection and Everyday Life in Interregnum England**. Woodbridge: Boydell and Brewer Limited, 2017.
- BOUZA, Fernando. "Comunicação, Conhecimento e Memória na Espanha dos Séculos XVI e XVII". **Cultura**, n. 14, p. 105–171, 2002.
- BOWERS, Fredson. **Principles of bibliographical description**. Winchester: St. Paul's Bibliographies; Oak Knoll Press, 1994.
- BOZEMAN, Theodore Dwight. "Brightman, Thomas (1562–1607), Church of England clergyman and presbyterian controversialist" In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-3425>>, acessado em 29/02/2022.
- BRADDICK, Michael J. **God's fury, England's fire: a new history of the English civil wars**. Londres: Allen Lane, 2008.
- _____. "Introduction: Christopher Hill's 'The World Turned Upside Down, revisited'". **Prose Studies**, v. 36, n. 3, p. 175–184, 2014.
- BREMER, Francis J.; WEBSTER, Tom (orgs.). **Puritans and Puritanism in Europe and America: a comprehensive encyclopedia**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2006.

- BREWER, Ebenezer Cobham. **Dictionary of Phrase and Fable**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- BRIGGS, John (org.). **Crime and punishment in England: an introductory history**. Londres: UCL Press, 1996.
- BROOKS, Douglas A. (org.). **Printing and Parenting in Early Modern England**. Londres: Routledge, 2017.
- BROWN, Louise Fargo. **The Political Activities of the Baptists and Fifth Monarchy Men**. Washington: American Historical Association, 2005.
- BULL, Malcolm (org.). **La teoría del Apocalipsis y los finis del mundo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- BURGESS, Glenn; FESTENSTEIN, Matthew (orgs.). **English radicalism, 1550-1850**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (org.). **Cultural translation in early modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BURROWS, John. "Andrew Marvell and the 'Painter Satires': A Computational Approach to Their Authorship". **The Modern Language Review**, v. 100, n. 2, p. 281–297, 2005.
- BUSH JUNIOR, Sargent. "'Revising what we have done amisse': John Cotton and John Wheelwright, 1640". **The William and Mary Quarterly**, v. 45, n. 4, p. 733–750, 1988.
- CAPP, Bernard, **The Fifth Monarchy Men: a study in Seventeenth Century English Millenarianism**. Londres: Faber and Faber, 2008 [1971].
- _____. "A Door of Hope Re-opened: The Fifth Monarchy, King Charles and King Jesus". **Journal of Religious History**, v. 32, n. 1, p. 16–30, 2008.
- _____. "Cary, Mary (b. 1620/21), millenarian". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-37266>>, acessado em 05/12/2022.
- _____. **Astrology and the Popular Press: English Almanacs 1500-1800**. Londres: Faber and Faber, 1979.
- _____. **England's Culture Wars: Puritan Reformation and its Enemies in the Interregnum, 1649-1660**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- CARICCHIO, Mario. **Religione, politica e commercio di libri nella rivoluzione inglese: gli autori di Giles Calvert 1645 - 1653**. Genova: Name, 2003.
- CARRUTHERS, S. W. "William Penn and 'A Trumpet Blown in Sion'". **Notes and Queries**, v. CXCVIII, p. 282, 1953.
- CAVALLO, Sandra; WARNER, Lyndan (orgs.). **Widowhood in Medieval and Early Modern Europe**. Londres: Routledge, 2014.
- CHAMBERS, A. B. **Andrew Marvell and Edmund Waller: Seventeenth-Century Praise and Restoration Satire**. Filadélfia: Penn State Press, 2010.
- CHARTIER, Roger, **Éditer et Traduire: Mobilité et matérialité des textes**. Paris: Gallimard, 2021.
- _____. "Mobilidade dos textos e diversidade das línguas. Traduzir nos séculos XVI e XVII". **Varia História**, v. 35, n. 68, p. 413–441, 2019.
- _____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- _____. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014.
- _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UnB, 1999.
- _____. **Formas e sentido, cultura escrita: distinção e apropriação**. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 2003.
- _____. **Inscrever e apagar: Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. São Paulo: Unesp, 2007.
- _____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

- CHEDGZOY, Kate; HANSEN, Melanie; TRILL, Suzanne (orgs.). **Voicing women: gender and sexuality in early modern writing**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1998.
- CHIARI, Sophie (org.). **Freedom and Censorship in Early Modern English Literature**. Londres: Routledge, 2018.
- CLEGG, Cyndia Susan. "Censorship and the Courts of Star Chamber and High Commission in England to 1640". **Journal of Modern European History**, v. 3, n. 1, p. 50–80, 2005.
- _____. **Press Censorship in Caroline England**; Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. **Press Censorship in Elizabethan England**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. **Press censorship in Jacobean England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- COFFEY, John. "The Impact of Apocalypticism during the Puritan Revolutions". **Perichoresis**, v. 4, n. 2, p. 117–147, 2006.
- _____. **Persecution and Toleration in Protestant England, 1558-1689**. Londres: Routledge, 2014.
- COHN, Norman. **Na senda do milénio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- COKER, Cait, "Pressed and Stitched: Empirical Bibliography and the Gendering of Books and Book History". **Huntington Library Quarterly**, v. 84, n. 1, p. 167–175, 2021.
- _____. "Gendered spheres: theorizing space in the English printing house". **The Seventeenth Century**, v. 33, n. 3, p. 323–336, 2017.
- COLE, C, Robert; MOODY, Michael E. (orgs.), **The Dissenting tradition: essays for Leland H. Carlson**. Athens: Ohio University Press, 1975.
- COMO, David R. **Radical parliamentarians and the English Civil War**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- CONDREN, Conal. **Argument and Authority in Early Modern England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CORNS, Thomas N. (org.). **A companion to Milton**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.
- _____. (org.). **A new companion to Milton**. Chichester: John Wiley & Sons Inc, 2016.
- COTTEGNIES, Line; GHEERAERT, Tony; VENET, Gisèle (orgs.). **Les Voix de Dieu: Littérature et prophétie en France et en Angleterre à l'Âge baroque**. Paris: Sorbonne Nouvelle, 2008.
- COWAN, Brian; SOWERBY, Scott (orgs.). **The State Trials and the Politics of Justice in Later Stuart England**. Woodbridge: Boydell Press, 2021.
- CRAWFORD, Patricia. "Charles Stuart, That Man of Blood". **Journal of British Studies**, v. 16, n. 2, p. 41–61, 1977. PANKRATZ, Anette; VIOL, Claus-Ulrich (orgs.). **(Un)Making the Monarchy**. Heidelberg: Winter, 2017.
- CREASMAN, Allyson F. **Censorship and Civic Order in Reformation Germany, 1517-1648: "Printed Poison & Evil Talk"**. Londres: Routledge, 2016.
- CRESSY, David. "Book Burning in Tudor and Stuart England". **The Sixteenth Century Journal**, v. 36, n. 2, p. 359–374, 2005.
- _____. **Dangerous talk: scandalous, seditious, and treasonable speech in pre-modern England**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- CRIST, Timothy. "Government Control of the Press after the Expiration of the Printing Act in 1679". **Publishing History**, v. 5, p. 49–77, 1979.
- _____. **Francis Smith and the Opposition Press in England, 1660-1688**. Tese (Doutorado) - University of Cambridge. Cambridge, 1977.
- CROME, Andrew (org.). **Prophecy and eschatology in the transatlantic world, 1550-1800**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.
- CUMMINS, Neil; KELLY, Morgan; Ó GRÁDA, Cormac. "Living standards and plague in London, 1560-1665". **The Economic History Review**, v. 69, n. 1, p. 3–34, 2016.

- D'ADDARIO, Christopher; AUGUSTINE, Matthew C. (orgs.). **Texts and readers in the Age of Marvell**. Manchester: Manchester University Press, 2018.
- DAILEY, Barbara Ritter. "The Visitation of Sarah Wight: Holy Carnival and the Revolution of the Saints in Civil War London". **Church History**, v. 55, n. 4, p. 438–455, 1986.
- DALY, James. "The Idea of Absolute Monarchy in Seventeenth-Century England". **The Historical Journal**, v. 21, n. 2, p. 227–250, 1978.
- DAMROSCH, Leo. "Naylor, James (1618–1660), Quaker preacher and writer" In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-19814>>, acessado em 19/05/2022.
- DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. **Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. **Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. **Pirating and Publishing: The Book Trade in the Age of Enlightenment**. Oxford: Oxford University Press, 2021.
- _____. **The business of enlightenment: a publishing history of the Encyclopédie, 1775-1800**. Cambridge: Belknap Press, 1979.
- DAVIS, James Colin. **Fear, Myth and History: The Ranters and the Historians**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- DE KREY, Gary. "Rethinking the Restoration: Dissenting cases for conscience, 1667–1672". **The Historical Journal**, v. 38, n. 1, p. 53–83, 1995.
- _____. "The First Restoration Crisis: Conscience and Coercion in London, 1667–73". **Albion**, v. 25, n. 4, p. 565–580, 1993.
- _____. **Following the Levellers: English Political and Religious Radicals from the Commonwealth to the Glorious Revolution, 1649–1688**. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.
- _____. **London and the Restoration, 1659-1683**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. **Restoration and revolution in Britain: a political history of the era of Charles II and the Glorious Revolution**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.
- DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DOWD, Michelle M.; ECKERLE, Julia A. (orgs.). **Genre and Women's Life Writing in Early Modern England**. Aldershot: Ashgate, 2007.
- DREHER, Ute. **A case study of Lawrence Clarkson (1615-1667)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Século XVII) - Durham University. Durham, 2000.
- DUNAN-PAGE, Anne (org.), **The Cambridge companion to Bunyan**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____; LYNCH, Beth (orgs.). **Roger L'Estrange and the Making of Restoration Culture**. Londres: Ashgate, 2008.
- DUNTON, John; NICHOLS, John Bowyer (ed.). **The Life and Errors of John Dunton**. Vol. 1. Londres: J. Nichols, son, and Bentley, 1818.
- DZELZAINIS, Martin. "'The Feminine part of every Rebellion': Francis Bacon on Sedition and Libel, and the Beginning of Ideology". **Huntington Library Quarterly**, v. 69, n. 1, p. 139–152, 2006.

- _____. "Andrew Marvell and the Restoration Literary Underground: Printing the Painter Poems". **The Seventeenth Century**, v. 22, n. 2, p. 395–410, 2007, p. 397.
- _____; HOLBERTON, Edward (orgs.). **The Oxford Handbook of Andrew Marvell**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- EALES, Jacqueline. **Women in early modern England, 1500-1700**. Londres: UCL Press, 2005.
- EGAN, Grace; JOHNSTON, Colin. "Serving the turn!: collaboration and proof in illegal hand-press period books". **Ilha do Desterro**, v. 71, n. 2, p. 129–152, 2018.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. **The printing press as an agent of change: communications and cultural transformations in early-modern Europe**. Vols. I e II. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- ESPEJO, Carmen. "European communication network in the early modern age: a new framework of interpretation for the birth of journalism". **Media History**, v. 17, n. 2, p. 189–202, 2011.
- FABRIZIO, Andrea. **Prophetic Authority and the Rhetoric of Passivity in Seventeenth-Century English Women's Writing**. Tese (Doutorado em Inglês) - The City of New York. Nova York, 2008.
- FARR, David. "Lambert [Lambart], John (bap. 1619, d. 1684), parliamentary soldier and politician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-15939>>, acessado em 13/06/2022.
- _____. **Henry Ireton and the English Revolution**. Woodbridge: Boydell Press, 2006.
- _____. **Major-General Thomas Harrison: millenarianism, fifth monarchism and the English Revolution 1616-1660**. Londres: Routledge, 2016.
- FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (orgs.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- FEHLER, Timothy G.; HARTMAN, Abigail J. (orgs.). **Signs and wonders in Britain's age of revolution: a sourcebook**. Londres: Routledge; Taylor & Francis Group, 2018.
- FIELD, Jacob F. **London, Londoners and the Great Fire of 1666: Disaster and Recovery**. Londres: Routledge, 2017.
- FITZHENRY, William. "Materiality and Satire in Marvell's 'The Last Instructions to a Painter'". **Marvell Studies**, v. 5, n. 1, 2020.
- FONT, Carme. **Women's Prophetic Writings in Seventeenth-Century Britain**. Londres: Routledge, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2009.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FOXLEY, Rachel. **The Levellers: radical political thought in the English Revolution**. Manchester: Manchester University Press, 2013.
- FREEMAN, Thomsa S. (org.). **Martyrs and Martyrdom in England, c. 1400-1700**. Suffolk: Boydell Press, 2007.
- FRITZE, Ronald H.; ROBISON, William B. **Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689**. Londres: Greenwood Publishing Group, 1996.
- GADD, I. "Hills, Henry, senior (c. 1625–1688/9), printer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-13322>>, acessado em 23/02/2022.
- GARDINER, Samuel. **History of the Commonwealth and Protectorate, 1649-1656**. Vol. II. Londres: Longmans, Green, and Co., 1903.
- GASKELL, Philip. **A new introduction to bibliography**. Oxford: Oxford University Press, 1972.

- GELDEREN, Martin van; SKINNER, Quentin (orgs.). **Republicanism: A Shared European Heritage**. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- GENTLES, Ian; MORRILL, John; WORDEN, Blair (orgs.). **Soldiers, writers, and statesmen of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- GESTRICH, Andreas. "The Public Sphere and the Habermas Debate". **German History**, v. 24, n. 3, p. 413–430, 2006.
- GHEERAERT-GRAFFEUILLE, Claire. "Leveller Women Petitioners and the Rhetoric of Power in the English Revolution (1640-1660)". **Caliban**, n. 27, p. 15–26, 2010.
- GILL, Catie. "Burrough, Edward (1633–1663), Quaker activist and writer" In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-4103>>, acessado em 19/05/2022.
- _____. **Women in the Seventeenth-Century Quaker Community: A Literary Study of Political Identities, 1650–1700**. Londres: Routledge, 2017.
- GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GRAFTON, Anthony. **La Cultura de la Corrección de Textos en el Renacimiento Europeo**. Buenos Aires: Ampersand, 2014.
- GREAVES, Richard L. "Rogers, John (b. 1627), Fifth Monarchist writer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-23983>>, acessado em 31/05/2022.
- _____. **Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663**. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- _____. **Enemies under his feet: radicals and nonconformists in Britain, 1664-1677**. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- _____. **John Bunyan and English nonconformity**. Londres: Hambledon Press, 1992.
- _____. **Secrets of the Kingdom: British Radicals from the Popish Plot to the Revolution of 1688-1689**. Stanford: Stanford University Press, 1992.
- GREEN, I. M. **Print and Protestantism in early modern England**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- GREENE, Jody. **The Trouble with Ownership: literary property and authorial liability in England, 1660-1730**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2005.
- GREENSLADE, Basil. "Hales, John (1584–1656), scholar". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2009. Disponível online em **ODNB**: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-11914>>, acessado em 04/09/2022.
- GRIBBEN, Crawford. **Evangelical millennialism in the trans-Atlantic world, 1500-2000**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Unesp, 2014.
- HACHISU, Michelle Mayumi. **As gravuras de William Faithorne: o lugar do gravador no mundo impresso inglês do século XVII**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2022.
- HALASZ, Alexandra. **The marketplace of print: pamphlets and the public sphere in early modern England**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HAMBURGER, Philip. "The Development of the Law of Seditious Libel and the Control of the Press". **Stanford Law Review**, v. 37, n. 3, p. 661–765, 1985.

- HANAWALT, Barbara. **The wealth of wives women, law, and economy in late medieval London**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HANSEN, João Adolfo. "Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra". **ellipsis**, v. 12, p. 91–117, 2014.
- _____. **Agudezas seiscentistas e outros ensaios**. São Paulo: Edusp, 2019.
- HARRIS, Tim. "Green Ribbon Club (act. c. 1674–c. 1683)" In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-92786>>, acessado em 09/01/2023.
- _____. "The Bawdy House Riots of 1668*" **The Historical Journal**, v. 29, n. 3, p. 537–556, 1986.
- _____. **London crowds in the reign of Charles II**: propaganda and politics from the Restoration until the exclusion crisis. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- _____. **Restoration: Charles II and his kingdoms, 1660-1685**. Londres: Penguin, 2006.
- HARTMAN, Marilyn Anne. **"For Christ and the people": the ideology of the Good Old Cause, 1653-1660**. Tese (Doutorado em História) - Indiana University. Indiana, 1977.
- HARVEY, Sarah; NEWCOMBE, Suzanne (orgs.). **Prophecy in the new millennium: when prophecies persist**. Farnham: Ashgate, 2013.
- HESSAYON, Ariel. "Calvert, Giles (bap. 1615, d. 1663), bookseller". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39669>>, acessado em 27/09/2021.
- _____. "Incendiary texts: book burning in England, c.1640 – c.1660". **Cromohs**, n. 12, p. 1–25, 2007.
- _____. "Jews and crypto-Jews in sixteenth and seventeenth century England". **Cromohs**, n. 16, p. 1–26, 2011.
- _____; FINNEGAN, David (orgs.). **Varieties of seventeenth- and early eighteenth-century English radicalism in context**. Burlington: Ashgate, 2011.
- HETET, John Stephen Tawhana. **A literary underground in Restoration England: printers and dissenters in the context of constraints, 1660-1689**. Tese (Doutorado em Literatura Inglesa) - University of Cambridge. Cambridge, 1987.
- _____. "Roger L'Estrange and No Blinde Guides, 1660". **Turnbull Library Record**, v. XVI, n. 1, p. 21, 1983. Disponível online em **Papers Past**: <<https://paperspast.natlib.govt.nz/periodicals/TLR19830501.2.6>>, acessado em 22/06/2022.
- HILL, Alexandra. **Lost books and printing in London, 1557-1640: an analysis of the Stationers' Company register**. Leiden: Brill, 2018.
- HILL, Christopher. **Antichrist in seventeenth-century England**. Londres: Verso, 1990.
- _____. **Milton and the English revolution**. Londres: Verso, 2020.
- _____. **O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. **O século das revoluções, 1603-1714**. São Paulo: Unesp, 2012.
- _____. **Puritanism and revolution: studies in interpretation of the English Revolution of the 17th century**. Nova York: Palgrave MacMillan, 1997, p. 29.
- _____. **The Collected Essays of Christopher Hill: Writing and Revolution in 17th century England**. Vol. 1. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1985.
- _____. **The English Bible and the seventeenth-century revolution**. Londres: Penguin Press, 1993.
- _____. **The experience of defeat: Milton and some contemporaries**. Londres: Verso, 2016.

- HINDS, Peter. "Roger L'Estrange, the Rye House Plot, and the Regulation of Political Discourse in Late-Seventeenth-Century London". *The Library*, v. 3, n. 1, p. 3–31, 2002.
- _____. **"The Horrid Popish Plot": Roger L'Estrange and the Circulation of Political Discourse in Late Seventeenth-Century London**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- HOBBSAWM, E. J. **Rebeldes primitivos: estudios sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales en los siglos XIX y XX**. Barcelona: Editorial Ariel, 1983.
- HOBSON, James, **Charles I's Executioners: Civil War, Regicide & the Republic**. Filadélfia: Pen & Sword History, 2020.
- HOLSTUN, James. **Ehud's dagger: class struggle in the English Revolution**. Londres: Verso, 2002.
- HONE, Joseph. "John Darby and the whig canon". *The Historical Journal*, p. 1–24, 2020.
- HORLE, Craig W. **The Quakers and the English Legal System, 1660-1688**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2016.
- HOTSON, Howard. **Paradise postponed: Johann Heinrich Alsted and the birth of Calvinist millenarianism**. Dordrech: Springer, 2011.
- HUGHES, John H. F. "The commonwealthmen divided: Edmund Ludlowe, Sir Henry Vane and the good old cause, 1653-1659". *The Seventeenth Century*, v. 5, n. 1, p. 55–70, 1990.
- HUTSON, Lorna (org.). **The Oxford Handbook of English Law and Literature, 1500-1700**. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- HUTTON, Ronald. "The Making of the Secret Treaty of Dover, 1668–1670". *The Historical Journal*, v. 29, n. 2, p. 297–318, 1986.
- _____. **The Restoration: a political and religious history of England and Wales, 1658-1667**. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- _____. "Monck [Monk], George, first duke of Albemarle (1608–1670), army officer and naval officer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2021. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-18939>>, acesso em 13/06/2022.
- JAMES, Anne. **Poets, Players, and Preachers: Remembering the Gunpowder Plot in Seventeenth-Century England**. Toronto: University of Toronto Press, 2016.
- JARDINE, Lisa; MAJOR, Philip (orgs.). **Literatures of Exile in the English Revolution and Its Aftermath, 1640-1690**. Farnham: Taylor & Francis Group, 2010.
- JENKINSON, Matthew. **Culture and politics at the court of Charles II, 1660-1685**. Woodbridge: Boydell Press, 2010.
- JOHNS, Adrian. **The nature of the book: print and knowledge in the making**. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- JOHNSTON, Warren. **Revelation restored: the apocalypse in later seventeenth-century England**. Woodbridge: Boydell Press, 2011.
- JONES, James Rees (org.), **Liberty Secured?: Britain Before and After 1688**. Stanford: Stanford University Press, 1992.
- JONES, R. T. "Powel, Vavasor (1617 - 1670), Puritan divine". **Dictionary of Welsh Biography**, 1959. Disponível Online em **Dictionary of Welsh Biography**: <<https://biography.wales/article/s-POWE-VAV-1617>>, acessado em 17/04/2019.
- RICHARDS, T. "Jones, Jenkin (1623 - ?), captain in the Parliamentary army and Puritan preacher". **Dictionary of Welsh Biography**, 1959. Disponível online em **Dictionary of Welsh Biography**: <<https://biography.wales/article/s-JONE-JEN-1623>>, acessado em 17/04/2019.
- JUE, Jeffrey K. **Heaven upon earth**. Dordrecht: Springer, 2006.
- KAPLAN, Yosef; MÉCHOULAN, Henry; POPKIN, Richard H. **Menasseh ben Israel and his World**. Leiden: Brill, 1989.

- KAPTUR, Pawel. "Oblivion and vengeance: Charles II Stuart's policy towards the republicans at the Restoration of 1660". **Crossroads. A Journal of English Studies**, n. 14(3), p. 37–45, 2016.
- KEEBLE, N. H. (org.). **The Cambridge Companion to writing of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. **The Literary Culture of Nonconformity in Later Seventeenth Century England**. Leicester: Leicester University Press, 1987.
- _____. **The Literary Culture of Nonconformity in Later Seventeenth Century England**. Leicester: Leicester University Press, 1987.
- _____. **The Restoration: England in the 1660s**. Malden: Blackwell, 2002.
- KELLIHER, W. H. "Marvell, Andrew (1621–1678), poet and politician." In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-18242>>, acessado em 06/01/2023.
- KEMP, Geoff. "Twyn, John (bap. 1619, d. 1664), printer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-68209>>, acessado em 27/09/2021.
- KENYON, John. **The Popish plot**. Londres: Phoenix Press, 2000.
- _____. "Revisionismo y postrevisionismo en la historiografía sobre los primeros Estuardo". **Pedralbes: Revista d'història moderna**, n. 17, p. 323–346, 1997.
- KEYMER, Thomas. **Poetics of the Pillory: English Literature and Seditious Libel, 1660-1820**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- KIESSLING, Nicolas K. **The library of Anthony Wood**. Oxford: Oxford Bibliographical Society, 2002.
- KIRBY, Ethyn Williams. "'The Naked Truth': A Plea for Church Unity". **Church History**, v. 7, n. 1, p. 45–61, 1938.
- KITCHIN, George. **Sir Roger L'Estrange: a contribution to the history of the press in the seventeenth century**. Londres: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd., 1913.
- KNIGHTS, Mark. **Politics and opinion in crisis, 1678-81**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994; ZOOK, **Radical Whigs and Conspiratorial Politics**.
- KNIGHTON, C. S. "Pepys, Samuel (1633–1703), naval official and diarist." In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-21906>>, acessado em 19/03/2023.
- KNOPPERS, Laura Lunger (org.). **The Oxford handbook of literature and the English Revolution**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- _____. "'Revell like Belshazzar': censorship, biblical allusion, and Milton's 1671 poems". **Milton Studies**, v. 48, p. 113–134, 2008.
- _____. "'This So Horrid Spectacle': Samson Agonistes and the Execution of the Regicides". **English Literary Renaissance**, v. 20, n. 3, p. 487–504, 1990.
- _____; LANDES, Joan B. (orgs.). **Monstrous bodies/political monstrosities in early modern Europe**. Ithaca: Cornell University Press, 2004.
- KOSCAK, Stephanie E. **Monarchy, Print Culture, and Reverence in Early Modern England: Picturing Royal Subjects**. Londres: Routledge, 2020.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.
- KREPS, Barbara. "The Paradox of Women: The Legal Position of Early Modern Wives and Thomas Dekker's 'The Honest Whore'". **ELH**, v. 69, n. 1, p. 83–102, 2002.

- KUHL, Ernest. "The Stationers' Company and Censorship (1599-1601)". **The Library**, v. s4-IX, n. 4, p. 388–394, 1928.
- LACEY, Andrew. **The cult of King Charles the martyr**; Woodbridge: Boydell Press, 2003; MCELLIGOTT, **Royalism, print and censorship**; KOSCAK, **Monarchy, Print Culture, and Reverence**.
- LAKE, Peter; PINCUS, Steve (orgs.). **The politics of the public sphere in early modern England**. Manchester: Manchester University Press, 2012.
- LAMONT, William, "Prynne, William (1600–1669), pamphleteer and lawyer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2011. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-22854>>, acessado em 27/02/2022.
- LANDAU, Norma (org.). **Law, crime, and English society, 1660-1830**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- LANDER, Jesse M. **Inventing polemic: religion, print, and literary culture in early modern England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LARMINIE, Vivienne (org.), **Huguenot Networks, 1560–1780: The Interactions and Impact of a Protestant Minority in Europe**. Londres: Routledge, 2017.
- LAURSEN, John Christian; POPKIN, Richard H. (org.). **Millenarianism and Messianism in Early Modern European Culture**. Vol. IV. Dordrecht: Springer, 2001.
- LEFÈVRE, Wolfgang; RENN, Jürgen; SCHOEPFLIN, Urs (orgs.). **The power of images in early modern science**. Basileia: Birkhäuser, 2003.
- LEGON, Edward. **Revolution remembered: Seditious memories after the British Civil Wars**. Manchester: Manchester University Press, 2019.
- LEIGHTON, Cadoc. "Apocalyptic and History among the Later Covenanters". **Archivium Hibernicum**, v. 68, p. 312–332, 2015.
- LIMA, Luís Filipe Silvério. "Aproximações para uma história do conceito de Esperança nas expectativas milenaristas do século XVII: Esperança de Israel, Esperanças de Portugal e Door of Hope". **O que nos faz pensar**, v. 26, n. 41, 2018.
- _____. "Prophetic hopes, New World experiences and imperial expectations: Menasseh Ben Israel, Antônio Vieira, Fifth-Monarchy Men, and the millenarian connections in the seventeenth-century Atlantic". **AHAM**, v. XVII, pp.359-408, 2016.
- _____. **O Império dos Sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo & messianismo brigantino**. São Paulo: Alameda, 2010.
- LIMA, Luiz Costa. **O Fingidor e o Censor no Ancien Régime, no Iluminismo e Hoje**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- LIMA, Verônica Calsoni. "Edição & Censura: a materialidade dos panfletos de Sir Roger L'Estrange no início dos anos 1660". **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 28, p. 1–50, 2020.
- _____. **"Impresso para ser vendido na Crown em Pope's Head Alley": Hannah Allen, Livewell Chapman e a disseminação de panfletos radicais religiosos durante a Revolução Inglesa (1646-1665)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2016.
- _____. "“Resist not evil”: profecia, república e regicídio na Inglaterra entre os anos 1650 e 1660”. In: **Anais do 31º Simpósio Nacional de História**. Rio de Janeiro: UFRJ/UVA, 2021. Disponível online em: <https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628535242_ARQUIVO_a5d76ffd04afa3de9156043b65f2fbc.pdf>, acessado em 03/06/2022.
- LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LIU, Tai. "The Calling of the Barebones Parliament Reconsidered". **The Journal of Ecclesiastical History**, v. 22, n. 3, p. 223–236, 1971.

- LORD, George de F. **Poems on Affairs of State: Augustan Satirical Verse, 1660-1714**. New Haven: Yale University Press, 1963.
- LOVE, Harold. "L'Estrange, Sir Roger (1616–1704), author and press censor". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-16514>>, acessado em 17/04/2022.
- _____. **English clandestine satire, 1660-1702**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- LOVEMAN, Kate. **Samuel Pepys and his books: reading, newsgathering, and sociability, 1660-1703**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- LYNCH, Beth. "Darby, John (d. 1704), printer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-67087>>, acessado em 31/03/2022.
- LYNCH, Beth. "Mr. Smirke and 'Mr. Filth': A Bibliographic Case Study in Nonconformity Printing". **The Library**, v. 1, n. 1, p. 46–71, 2000.
- _____. "Smith, Francis (d. 1691), bookseller and General Baptist minister". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-39672>>, acessado em 11/07/2022.
- MACK, Phyllis. **Visionary Women: Ecstatic Prophecy in Seventeenth-Century England**. California: University of California Press, 1992.
- MACKENZIE, Kirsteen M. **The solemn league and covenant of the three kingdoms and the Cromwellian union, 1643-1663**. Londres: Routledge; Taylor & Francis Group, 2018.
- MACLEAN, Gerald. "Literacy, Class, and Gender in Restoration England". **Text**, v. 7, p. 307–335, 1994.
- MAGNOTTA, Mary S. Redd. "Morton, Sir William (bap. 1605, d. 1672), judge and politician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-19377>>, acessado em 24/08/2022.
- MAHLBERG, Gaby. "Citizenship and Exile: English Republicanism in a Transnational Context". **Revue française de civilisation britannique**, v. 21, n. 1, 2016.
- _____. "Les Juges Jugez, se Justifians (1663) and Edmund Ludlow's protestant network in seventeenth-century Switzerland". **The Historical Journal**, v. 57, n. 2, p. 369–396, 2014.
- _____. "The English Republican Exiles in Europe". **Philosophical Enquiries: revue des philosophies anglophones**, n. 8, p. 35–59, 2017.
- _____. "Defending the English Revolution in the German Lands". Disponível online em **The History Woman's Blog**: <<https://thehistorywoman.com/2021/03/29/defending-the-english-revolution-in-the-german-lands>>, acessado em 22/07/2022.
- _____. **The English Republican Exiles in Europe during the Restoration**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- MAJOR, Philip (org.). **Clarendon reconsidered: law, loyalty, literature, 1640-1674**. Londres: Routledge; Taylor & Francis Group, 2018.
- MANNING, Roger B. "The Origins of the Doctrine of Sedition". **Albion**, v. 12, n. 2, p. 99–121, 1980.
- MARSHALL, Alan, **Intelligence and espionage in the reign of Charles II, 1660-1685**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MARVELL, Andrew. **The Rehearsall Transpos'd: The Second Part**. Londres: Nathaniel Ponder, 1673, fl.1v.

- MAYERS, Ruth E. "Real and Practicable, Not Imaginary and Notional: Sir Henry Vane, "A Healing Question," and the Problems of the Protectorate" **Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies**, v. 28, n. 1, p. 37–72, 1996.
- _____. "Vane, Sir Henry, the younger (1613–1662), politician and author". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**:
<<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-28086>>, acessado em 24/05/2022.
- _____. **1659: The crisis of the commonwealth**. Woodbridge: Royal Historical Society; Boydell & Brewer, 2004.
- MCELLIGOTT, Jason, **Royalism, print and censorship in revolutionary England**. Woodbridge: Boydell Press, 2007.
- _____. "'A Couple of Hundred Squabbling Small Tradesmen'? Censorship, the Stationers' Company, and the state in early modern England". **Media History**, v. 11, n. 1–2, p. 87–104, 2005.
- MCKENZIE, D. F. **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**. São Paulo: Edusp, 2018.
- _____. **Making Meaning: "Printers of the Mind" and Other Essays**. Boston: University of Massachusetts Press, 2002.
- MCKITTERICK, David. **Print, manuscript and the search for order, 1450-1830**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- _____. "John Field in 1668: the affairs of a university printer". **Transactions of the Cambridge Bibliographical Society**, v. 9, n. 5, p. 497–516, 1990.
- MCNEIL, Lorraine. **Mystical experience and the Fifth Monarchy Women**: Anna Trapnel, Sarah Wight, Elizabeth Avery, and Mary Cary. Tese (Doutorado em Literatura Inglesa e Estudos Linguísticos) - University of Newcastle upon Tyne. Newcastle, 2001.
- MCTAGUE, John. **Things that didn't happen: writing, politics and the counterhistorical, 1678-1743**. Woodbridge: The Boydell Press, 2019.
- MEGANI, Ana Paula Torres. "Imprimir, regular, negociar: elementos para o estudo da relação entre Coroa, Santo Ofício e impressores no mundo Português (1500-1640)". In:
- MEGANI, Ana Paula. "Escritos breves para circular: Relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (sécs. XV-XVII)". **Varia Historia**, v. 35, n. 68, p. 535–563, 2019.
- _____; LIMA, Luís Filipe Silvério (orgs.). **Visions, Prophecies and Divinations**. Leiden: Brill, 2016.
- _____; MIRANDA, Marcella (orgs.). **Cultura Política e Artes de Governar na Época Moderna**. Porto: Editora Cravo (no prelo).
- MENDES, Caroline Garcia. **Nos prelos da Restauração Portuguesa: "Dar ao mundo verdadeira notícia"**. Porto: Editora Cravo, 2021.
- MILLER, David; O'DAIR, Sharon; WEBER, Harold (orgs.). **The Production of English Renaissance Culture**. Ithaca: Cornell University Library, 1994.
- MILLER, Kathleen. **The literary culture of plague in early modern England**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.
- MILTON, Anthony. **England's Second Reformation: The Battle for the Church of England 1625–1662**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- MIRANDA, Marcella. **Razão de Estado na Monarquia Hispânica: os debates dos agentes políticos durante a guerra civil-religiosa francesa (1580-1598)**. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.
- MIXON, Harold. "'A City Upon a Hill': John Cotton's Apocalyptic Rhetoric and the Fifth Monarchy Movement in Puritan New England". **The Journal of Communication and Religion**, v. 12, n. 1, p. 1–6, 1989.
- MOHAMED, Feisal G. "Milton, Sir Henry Vane, and the Brief but Significant Life of Godly Republicanism". **Huntington Library Quarterly**, v. 76, n. 1, p. 83–104, 2013.

- MONTEIRO, Rodrigo Bentes (org.). **Modernos em curso: escritos e imagens no tempo**. Rio de Janeiro; Niterói: Ouro sobre Azul; Eduff, 2022.
- MORRILL, John. "Christopher Hill's Revolution". **History**, v. 74, n. 241, p. 243–252, 1989.
- _____. (org.). **The Impact of the English Civil War**. Londres: Collins & Brown, 1991.
- _____. "Revisionism's Wounded Legacies". **Huntington Library Quarterly**, v. 78, n. 4, p. 577–594, 2015.
- MULLIGAN, Lotte. "Travers, Rebecca (c. 1609–1688), Quaker preacher and writer". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-27672>>, acessado em 04/04/2022.
- MYERS, Robin; HARRIS, Michael. **Censorship & the Control of Print: In England and France 1600-1910.** Newcastle: St Paul's Bibliographies, 1992.
- NENNER, Howard. "Regicides (act. 1649)". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-70599>>, acessado em 17/09/2020.
- NEUFELD, Matthew. **The Civil Wars After 1660: Public Remembering in Late Stuart England**. Woodbridge: Boydell Press, 2013.
- NOGUEIRA, Érico. "Tradução da Primeira Sátira de Juvenal em Hexâmetros Portugueses". **Classica**, v. 32, n. 1, p. 299–305, 2019.
- NOGUEIRA, Patrícia Moreira. **"Um Catálogo de Erros agora em voga": ortodoxia presbiteriana, intertextualidade e confessionalização na obra 'Gangraena' (1646) de Thomas Edwards**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2017.
- NORTH, Marcy L. **The Anonymous Renaissance: Cultures of Discretion in Tudor-Stuart England**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- OHLMEYER, Jane. "MacDonnell, Randal, marquess of Antrim (1609–1683), politician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-17462>>, acessado 18/08/2022.
- OSTRENSKY, Eunice. **As revoluções do poder**. São Paulo: Alameda, 2005.
- _____. "Teóricos políticos e propostas constitucionais na Inglaterra (1645-1669)". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 98, pp.1-17, 2018.
- PARNHAM, David. "Politics spun out of theology and prophecy: Sir Henry Vane on the spiritual environment of public power". **History of Political Thought**, v. 22, n. 1, p. 53–83, 2001.
- PARRY, Graham. "Wood, Anthony [Anthony à Wood] (1632–1695), antiquary". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-29864>>, acessado em 20/06/2022.
- PATRIDES, C. A.; WITTEICH, Joseph Anthony. **The Apocalypse in English Renaissance Thought and Literature: Patterns, Antecedents, and Repercussions**. Manchester: Manchester University Press, 1984.
- PATTERSON, Annabel M. **Censorship and Interpretation: The Conditions of Writing and Reading in Early Modern England**. Madison: University of Wisconsin Press, 1984.
- _____. **Marvell: The Writer in Public Life**. Londres: Routledge, 2014.
- _____. **The Long Parliament of Charles II**. New Haven: Yale University Press, 2008.
- _____. "The Second and Third Advices-to-the-Painter". **The Papers of the Bibliographical Society of America**, v. 71, n. 4, p. 473–486, 1977.

- _____. **The Long Parliament of Charles II.** New Haven: Yale University Press, 2008.
- PEACEY, Jason (org.). **The regicides and the execution of Charles I.** Nova York: Palgrave, 2001.
- _____. **Politicians and Pamphleteers: Propaganda During the English Civil Wars and Interregnum.** Londres: Routledge, 2017.
- _____. "Print and Public Politics in Seventeenth-Century England". **History Compass**, v. 5, n. 1, p. 85–111, 2007.
- _____. "Print Culture and Political Lobbying during the English Civil Wars". **Parliamentary History**, v. 26, n. 1, p. 30–48, 2007.
- _____. "The Print Culture of Parliament, 1600-1800". **Parliamentary History**, v. 26, n. 1, p. 1–16, 2007.
- _____. **Print and public politics in the English Revolution.** Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- PELTONEN, Markku. "Bacon, Francis, Viscount St Alban (1561–1626), lord chancellor, politician, and philosopher". In: **Oxford Dictionary of National Biography.** Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível online em **ODNB:** <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-990>>, acessado em 05/08/2022.
- PERRET, Jean-Pierre. **Les imprimeries d'Yverdon au XVIIe et au XVIIIe siècle.** Genebra: Slatkine, 1981.
- PESTANA, Carla Gadina. "English Character and the Fiasco of the Western Design". **Early American Studies**, v. 3, n. 1, p. 1–31, 2005.
- _____. **The English conquest of Jamaica: Oliver Cromwell's bid for empire.** Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2017.
- PETERS, Kate. **Print culture and the early Quakers.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- PETTEGREE, Andrew (org.). **Broadsheets: single-sheet publishing in the first age of print.** Leiden: Brill, 2017.
- _____. **The invention of news: how the world came to know about itself.** New Haven: Yale University Press, 2014.
- PIERCE, Helen. "The Devil's Bloodhound: Roger L'Estrange Caricatured". In: HUNTER, Michael (org.). **Printed images in early modern Britain: essays in interpretation.** Farnham: Ashgate, 2010.
- PINCUS, Steven. **Protestantism and patriotism: ideologies and the making of English foreign policy, 1650-1668.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- PLOMER, Henry Robert. **A Dictionary of the Booksellers and Printers Who Were at Work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667.** Londres: Bibliographical Society; Blades, East & Blades, 1907.
- POCOCK, J. G. A. "James Harrington and the Good Old Cause: a study of the ideological context of his writings" **The Journal of British Studies**, v. 10, n. 1, p. 30–48, 1970.
- _____. (org.). **The Political Works of James Harrington.** Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político.** São Paulo: Edusp, 2003.
- POLIZZOTTO, Carolyn. "The Campaign against The Humble Proposals of 1632". **The Journal of Ecclesiastical History**, v. 38, n. 4, p. 569–581, 1987.
- POOLE, Kristen; WILLIAMS, Owen (orgs.). **Early Modern Histories of Time: The Periodizations of Sixteenth- and Seventeenth-Century England,** Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2019.
- PORTELA, Manuel. **O comércio da literatura: mercado & representação.** Lisboa: Edições Antígona, 2003.
- PRIOR, Mary (org.). **Women in English society, 1500-1800.** Londres: Routledge, 1985.

- PUJOL, Francisco Xavier Gil. "Crónica y cuestiones de veinticinco años de debate". **Pedralbes: Revista d'història moderna**, n. 17, p. 241–288, 1997.
- QUEHEN, A. H. de. "An Account of Works Attributed to Samuel Butler". **The Review of English Studies**, v. 33, n. 131, p. 262–277, 1982.
- RACHUM, Ilan. "The Meaning of 'Revolution' in the English Revolution (1648-1660)". **Journal of the History of Ideas**, v. 56, n. 2, p. 195–215, 1995.
- RAVEN, James. **The business of books: booksellers and the English book trade, 1450-1850**. New Haven: Yale University Press, 2007.
- RAYMOND, Joad (org.). **News, newspapers, and society in early modern Britain**. Londres: F. Cass, 1999.
- _____. (org.). **The Oxford History of Popular Print Culture: Cheap Print in Britain and Ireland to 1660**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- _____. "The cracking of the republican spokes". **Prose Studies**, v. 19, n. 3, p. 255–274, 1996.
- _____. **Pamphlets and pamphleteering in early modern Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- RECIO MORALES, Óscar. **Las revoluciones inglesas del siglo XVII y la transformación de las islas británicas**. Madrid: Síntesis, 2015.
- REES, John. **The Leveller Revolution: Radical Political Organisation in England, 1640-1650**. Londres: Verso, 2016.
- RICHARDSON, R. C. **The debate on the English Revolution**. Manchester: Manchester University Press, 1998.
- ROBERTS, Clayton. "The Impeachment of the Earl of Clarendon". **The Cambridge Historical Journal**, v. 13, n. 1, p. 1–18, 1957.
- ROBERTS, Stephen K. "Disbrowe [Desborough], John (bap. 1608, d. 1680), parliamentarian army officer and politician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-7542>>, acessado em 19/05/2022.
- _____. "Powell, Vavasor (1617–1670), Independent minister". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-22662>>, acessado em 10/07/2022.
- ROBERTSON, Geoffrey. **The Putney debates: the Levellers**. Londres: Verso, 2018.
- ROBERTSON, Randy. "Censors of the Mind: Samuel Pepys and the Restoration Licensers". **The Dalhousie Review**, v. 85, n. 2, p. 181–194, 2005.
- _____. "Habermas and the English Public Sphere Reconsidered". **Journal of Interdisciplinary History of Ideas**, n. 17, p. 1–53, 2020.
- _____. **Censorship and conflict in seventeenth-century England: the subtle art of division**. Filadélfia: Pennsylvania State University Press, 2009.
- RODRIGUES, Rui Luis, **Entre o dito e o maldito: humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530-1685**. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- ROSSATTO, Noeli Dutra; MARTINI, Marcus de. "Milénarismo em Joaquim de Fiore e Antônio Vieira". **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**, n. 14, p. 264–285, 2012.
- ROSTENBERG, Leona. **Literary, Political, Scientific, Religious and Legal Publishing, Printing and Bookselling in England, 1551-1700: Twelve Studies**. Nova York: Burt Franklin, 1965.
- SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. "Do tempo das revoluções às revoluções do tempo". **Revista de Teoria da História**, v. 21, n. 1, p. 99–121, 2019.

- _____. "John Rogers, William Prynne e a Good Old Cause: um debate em torno de um conceito político durante a Revolução Inglesa". **Hydra**, v. 1, n. 1, p. 98–117, 2016.
- _____. **John Rogers e a disputa pela commonwealth**: debates e polêmicas com William Prynne, Richard Baxter e James Harrington durante a segunda república inglesa. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2014.
- SAUER, Elizabeth. **"Paper-contestations" and textual communities in England, 1640-1675**. Toronto: University of Toronto Press, 2005.
- SAUNDERS, Austen; BOARDMAN, Tom. "Was there an explosion of print in the 1640s?". **The Seventeenth Century**, v. 37, n. 2, p. 1–23, 2021.
- SCHNEIDER, Gary. **Print letters in seventeenth-century England**: politics, religion, and news culture. Londres: Routledge; Taylor & Francis Group, 2018.
- SCOTT, Jonathan. **Algernon Sidney and the Restoration crisis, 1677-1683**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- _____. **Commonwealth principles**: republican writing of the English revolution. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. **England's Troubles**: Seventeenth-Century English Political Instability in European Context. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- SEAWARD, Paul. "Hyde, Edward, first earl of Clarendon (1609–1674), politician and historian". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-14328>>, acessado em 02/01/2023.
- _____. **The Restoration**. Houndmills: Macmillan, 1991.
- SECCOMBE, Thomas; BEVAN, Michael. "Wakeman, Sir George, baronet (b. 1627), physician". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-28422>>, acessado em 09/01/2023.
- SHARP, Andrew. "Lilburne, John (1615?–1657), Leveller". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2006. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-16654>>, acessado em 08/06/2022.
- SHARPE, J. A. "'Last dying speeches': religion, ideology and public execution in seventeenth-century England". **Past and Present**, v. 107, n. 1, p. 144–167, 1985.
- _____. **Crime in early modern England, 1550-1750**. Londres: Longman, 1999.
- SHARPE, Kevin. **The Personal Rule of Charles I**. New Haven: Yale University Press, 1996.
- SHAWCROSS, John T. "Using the Thomason Tracts and Their Significance for Milton Studies". **SEL Studies in English Literature 1500-1900**, v. 49, n. 1, p. 145–172, 2008.
- SHEEN, Erica; HUTSON, Lorna (orgs.), **Literature, politics, and law in Renaissance England**. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2005.
- SHUGER, Debora. **Censorship and Cultural Sensibility**: The Regulation of Language in Tudor-Stuart England. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013.
- SIEBERT, Frederick Seaton. **Freedom of the Press in England, 1476-1776**. Urbana: University of Illinois Press, 1965.
- SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SKINNER, Quentin. **Visions of politics**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SMITH, Helen. "'Print[ing] Your Royal Father Off: Early Modern Female Stationers and the Gendering of the British Book Trades". **Text**, v. 15, p. 163–186, 2003.
- SMITH, Nigel. **Andrew Marvell: the chameleon**. New Haven: Yale University Press, 2010.

- _____. **Literature and revolution in England, 1640-1660**. New Haven: Yale University Press, 1997.
- SMITH, Philip. "Executing executions: Aesthetics, identity, and the problematic narratives of capital punishment ritual". **Theory and Society**, v. 25, n. 2, p. 235–261, 1996.
- SOMMERVILLE, Johann P. "English and European Political Ideas in the Early Seventeenth Century: Revisionism and the Case of Absolutism". **Journal of British Studies**, v. 35, n. 2, p. 168–194, 1996.
- SOUTHCOTTE, George; TAPSELL, Grant. **Restoration politics, religion, and culture: Britain and Ireland, 1660 - 1714**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.
- SOUZA, Laura de Mello; FURTADO, Junia Ferreira; BICALHO, Maria Fernanda (orgs.). **O Governo dos Povos**. São Paulo: Alameda, 2009.
- SPURLOCK, R. S. "Cromwell's Edinburgh press and the development of print culture in Scotland". **Scottish Historical Review**, v. 90, n. 230, p. 179–203, 2011.
- STODDARD, Roger E. **A Library-Keeper's Business: essays by Roger E. Stoddard**. New Castle: Oak Knoll Press, 2002.
- STOKER, David. "Atkyns, Richard (1615–1677), army officer and writer on printing". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-865>>, acessado em 30/08/2022.
- STONE, Lawrence. **Causas da Revolução Inglesa, 1529-1642**. Bauru: Edusc, 2000.
- STRAZNICKY, Marta (org.). **The Book of the Play: Playwrights, Stationers, and Readers in Early Modern England**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2006.
- STREETE, Adrian. **Apocalypse and anti-Catholicism in seventeenth-century English drama**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- STUART, Susan Mosher (org.). **Women in Medieval Society**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1976.
- SUTHERLAND, James Runcieman. **The Restoration newspaper and its development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SUKUZI, Mihoko. **Subordinate subjects: gender, the political nation, and literary form in England, 1588-1688**. Londres: Routledge, 2007.
- TAYLOR, Darrick N. **L'Estrange his life: public and persona in the life and career of Sir Roger L'Estrange, 1616-1704**. Tese (Doutorado em História) - University of Kansas. Kansas, 2011.
- TERRY, A. E. **Giles Calvert, mid-seventeenth-century English bookseller and publisher**. Dissertação (Mestrado) – Columbia University. Nova York, 1937.
- THOMAS, E. C. **A purveyor of soul-poisons: an analysis of the career of Giles Calvert, a publisher and bookseller in mid-seventeenth century London**. Tese (Doutorado) – La Trobe University.
- TODD, Barbara J. "Property and a Woman's Place in Restoration London". **Women's History Review**, v. 19, n. 2, p. 181–200, 2010.
- TRIM, David J. B. **The Huguenots: History and Memory in Transnational Context**. Essays in Honour and Memory of Walter C. Utt. Leiden: Brill, 2011.
- TUBB, Amos. "Independent Presses: The Politics of Print in England During the Late 1640s". **The Seventeenth Century**, v. 27, n. 3, p. 287–312, 2012.
- UNDERDOWN, David; **Pride's Purge: Politics in the Puritan Revolution**. Oxford: Clarendon Press, 1971.
- VEERAPEN, Steven. **Slander and Sedition in Elizabethan Law, Speech, and Writing**. Oxford: Peter Lang Ltd, 2019.
- VERNON, Elliot; BAKER, Philip. "What was the first 'Agreement of the People'?" **The Historical Journal**, v. 53, n. 1, p. 39–59, 2010.

- WALKER, Garthine. **Crime, Gender and Social Order in Early Modern England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- WALKER, J. "The Censorship of the Press During the Reign of Charles II". **History**, v. 35, n. 125, p. 219–238, 1950.
- WALSHAM, Alexandra. **Providence in early modern England**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- WATSON, Elise; FARRELL-JOBST, Jessica (orgs). **Gender and the Book Trades**. Leiden: Brill (no prelo).
- WATT, Tessa. **Cheap Print and Popular Piety, 1550-1640**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- WEBER, Harold. **Paper bullets: print and kingship under Charles II**. Lexington: University Press of Kentucky, 1996.
- WERNER, Sarah. **Studying Early Printed Books, 1450-1800**. A Practical Guide. West Sussex: Wiley Blackwell, 2019.
- WESSEL, Jane. "Performing 'A Ra-ree Show': Political Spectacle and the Treason Trial of Stephen Colledge". **Restoration: Studies in English Literary Culture, 1660-1700**, v. 38, n. 1, p. 3–17, 2014.
- WHITMAN, James Q. **The origins of reasonable doubt: theological roots of the criminal trial**. New Haven: Yale University Press, 2008.
- WILLIAM, J. B. Williams [MUDDIMAN, J. G.]. "The Forged 'Speeches and Prayers' of the Regicides". **Notes & Queries**, 11, vol. VIII, April, 1913.
- WOODFORD, Benjamin. "Developments and Debates in English Censorship during the Interregnum". **Early Modern Literary Studies**, v. 17, n. 2, p. 1–21, 2014.
- _____. **Perceptions of a monarchy without a king: reactions to Oliver Cromwell's power**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2013.
- WOOLRYCH, Austin. "III. The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate". **Cambridge Historical Journal**, v. 13, n. 2, p. 133–161, 1957.
- _____. "The Calling of Barebone's Parliament". **The English Historical Review**, v. LXXX, n. CCCXVI, p. 492–513, 1965.
- _____. **Britain in revolution, 1625-1660**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- WORDEN, Blair. "Ludlow [Ludlowe], Edmund (1616/17–1692), army officer and regicide" In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2006. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-17161>>, acessado em 07/09/2020.
- _____. **Literature and politics in Cromwellian England: John Milton, Andrew Marvell, Marchamont Nedham**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- _____. **The English Civil Wars, 1640-1660**. Londres: Phoenix, 2009.
- _____. **The Rump Parliament, 1648-1653**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- WRIGHT, Stephen. "Jessey [Jacie], Henry (1601–1663), nonconformist minister". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2010. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-14804>>, acessado em 10/07/2022.
- WUNDERLI, Richard; BROCE, Gerald. "The Final Moment before Death in Early Modern England". **Sixteenth Century Journal**, v. 20, n. 2, p. 259, 1989.
- WYNNE, S. M. "Palmer [née Villiers], Barbara, countess of Castlemaine and suo jure duchess of Cleveland (bap. 1640, d. 1709), royal mistress". In: **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press, 2019. Disponível online em **ODNB**: <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-28285>>, acessado em 03/01/2023.

- ZAGORIN, Perez. **A history of political thought in the English Revolution**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1965.
- ZARET, David. "Petitions and the 'Invention' of Public Opinion in the English Revolution". **American Journal of Sociology**, v. 101, n. 6, p. 1497–1555, 1996.
- _____. **Origins of democratic culture: printing, petitions, and the public sphere in Early-Modern England**. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- ZOOK, Melinda. **Protestantism, Politics, and Women in Britain, 1660–1714**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2013.
- _____. **Radical Whigs and Conspiratorial Politics in Late Stuart England**. Filadélfia: Penn State Press, MARSHALL, Alan. **The Strange Death of Edmund Godfrey: Plots and Politics in Restoration London**. Stroud: The History Press, 2013.